

A man with a beard, wearing a black tuxedo with a white shirt and a dark bow tie, is shown in profile, embracing a nude woman. His hands are gently holding her back and waist. The woman's back is to the camera, and her arms are raised. The background is a dark, moody image of a city skyline at night, with various skyscrapers visible. The overall tone is romantic and intimate.

ELIZABETH BEZERRA

Por você
EU FAÇO
tudo

SÉRIE NEW YORK

3



Por você

Eu faço

Tudo

Por você

Eu faço

Tudo

Elizabeth Bezerra

Copyright © Por você eu faço tudo 2014 por Editora Bezz

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, lugares, personagens e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, empresas, organizações, eventos ou lugares é mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL

POR VOCÊ EU FAÇO TUDO

CAPA

Marina Avila

Diagramação

Equipe Bezz

Revisão

Adriana Melo

[2014]

Todos os direitos dessa edição reservados à

Editora Bezz LTDA.

www.editorabezz.com

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor e editora.

Agradecimentos

À Adriana Melo que foi fundamental no processo de criação nesse livro, obrigada por todas as dicas e conselhos.

À Edlaine Melo e Jully Lance pelo suporte no facebook e amizade sincera.

E todas as leitoras do grupo, obrigada por viajarem nesse sonho literário comigo.

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[**P**ROTEGIDA POR MIM](#)

Pensilvânia dois anos antes...

Odeio despedidas!

Passei a vida inteira me despedindo das pessoas que amo. Aos sete anos, senti pela primeira vez a dor da separação, quando minha mãe me deixou aos berros num orfanato aqui mesmo no estado da Pensilvânia, onde cresci e vivo até os dias de hoje. Com quatorze anos, vi minha melhor amiga Savana ser adotada por um casal sem filhos e logo depois se mudar para Carolina do Norte. Aos dezoito, fui obrigada a deixar o orfanato e dar adeus às boas pessoas que havia conhecido ali e, única família que tive.

Hoje terei que dizer adeus novamente. Dessa vez para meu querido e rabugento chefe Harry. Ainda me lembro do primeiro dia que o conheci. Uma semana após sair do orfanato ainda sem rumo ou direção, sem saber o que fazer da vida e com o que restava dos dólares de auxílio fornecido pelo governo para que me mantivesse nos primeiros meses.

Naquele dia, já havia andado por toda cidade procurando um pensionato que estivesse dentro do meu pequeno orçamento. Dormir para sempre em um mísero quarto de motel, estava fora de cogitação. Encontrar um emprego também não estava sendo nada fácil, sem experiência e nada, é quase impossível. Vivemos dias muito difíceis. Mas, para minha sorte, naquele fim de tarde eu vi a placa em que Harry oferecia um emprego de garçom e por uma quantidade aceitável, hospedagem em um quatinho em cima da lanchonete.

E foi aqui que passei os meus últimos quatro anos, antes da lanchonete falir e ser tomada pelo banco. Hoje é o último dia de trabalho da equipe que consistia no dono, o rabugento Harry, o cozinheiro e eu.

Ninguém quis admitir que estivesse realmente triste. Embora Harry fosse um rabugento que reclama da vida vinte e quatro horas por dia, também é a pessoa com coração mais doce que já conheci. Na verdade, desconfio que seu jeito rabugento seja uma forma de camuflar seu coração de manteiga. Assim como meu jeito explosivo. Ah, tenho péssimo hábito de falar o que penso, sem medir consequências, mas isso você notará mais à frente.

— Paige! — o grito ecoa do pequeno escritório atrás da cozinha — Anda logo garota, eu não tenho o dia todo.

Dou risada, tiro o avental pela última vez e me encaminho para o escritório. Tenho ouvido essa frase nos últimos quatro anos.

— O que você quer? — respondo tentando conter o riso, nosso tratamento parece agressivo para outras pessoas, mas para nós é como se fosse um jogo. Após muitas e muitas brigas, nós dois aprendemos a nos dar bem. Confesso que foi difícil dosar seu jeito ranzinza com minha boca impertinente. Eu sou daquelas que não leva desaforo para casa. Não mesmo!

— Pegue esse maldito envelope em cima da mesa — ele aponta para o papel pardo em cima da sua desorganizada mesa, enquanto finge olhar algumas correspondências — Vai ficar parada aí o dia

todo?

— O que é isso? — estou surpresa com as notas que vejo lá dentro.

— Depois de ganhar tantas gorjetas nos últimos anos, pensei que soubesse o que é dinheiro? — ele resmunga.

Na verdade, ele está sendo irônico. As poucas pessoas que passam por ali são pão duros demais para deixar alguma gorjeta. Aliás, estamos surpresos pela lanchonete não ter falido antes. Harry é péssimo com números e eu também não pude ajudar muito. O que eu gostava era decoração. Foi daí que surgira meu sonho em ser arquiteta. John acha que sonho demais e que devo me contentar apenas em ter um teto. Às vezes acho que ele tem razão, mas o que é a vida sem sonhar?

— Mas você me pagou ontem — afasto esse último pensamento e devolvo o envelope a ele.

— Considere isso como um bônus — Harry sacode as mãos como se me dispensasse — Agora saia.

— Tem certeza? — pergunto, emocionada — Não vai fazer falta?

— Eu não abri vaga para contadora, garota — ele pigarra, limpando a garganta — Agora saia!

Balanço a cabeça e me viro para porta. Nós combinamos sem lágrimas e sem despedidas. Mas a verdade é que estou arrasada. Outra vez alguém que eu amo está indo embora. Sem me importar com o que me dirá, corro até ele abraçando-o.

— Vou sentir sua falta, Harry.

— Por que você não vem comigo criança? Dakota do Norte é bom lugar para se viver.

— E me amontar na casa da sua filha com marido e os dois filhos? — pergunto, enrugando a testa — não acho que sua filha ficaria feliz com a situação. Além disso, tenho o John.

— Não sei o que viu nesse sem vergonha? E se já não bastasse isso, há àquela garota.

O sem vergonha, é meu namorado John, conheci-o aqui mesmo na lanchonete, pouco mais de um ano. Loiro, musculoso, olhos azuis e jeito de bad boy. Aquela garota, é Mary Ane, uma antiga colega de quarto do orfanato que eu havia reencontrado. Apareceu há um pouco mais de um mês. Harry não gosta da jovem loira voluptuosa, com suas roupas curtas e insinuantes. Desempregada e sem ter para onde ir, havia me procurado. Não pude recusar ajudá-la. Sei muito bem como é ser sozinha no mundo.

— Não entendo por que não gosta dele e por que têm tanta implicância com Mary Ane?

— Esse rapaz não serve para você, criança. E essa garota... Hum, não gosto nada dela.

— John só precisa de uma chance na vida e Mary Ane de uma mão. Eu me lembro de que se não tivesse me ajudado, no início, nem sei o que eu teria feito.

— Você é uma boa moça Paige, é diferente — Harry alisa meu cabelo — Eu espero que não se decepcione. Se precisar de mim, você sabe onde me encontrar.

— Obrigada Harry — sinto as lágrimas voltarem ao meu rosto.

— Agora vá. Preciso fechar tudo.

Saio dessa vez sem olhar para trás. Sei que um dia voltaremos a nos ver. Talvez, no próximo verão. Sim, até lá já terei um novo emprego. Irei guardar esse dinheiro para viagem, se John souber desse dinheiro irá querer gastá-lo com besteiras, conheço bem suas futilidades e falta de juízo. Pergunto-me quando ele irá crescer.

Deixei parte do pagamento que Harry havia feito no dia anterior, com John, para que ele pagasse hoje o aluguel desse mês. O restante eu guardei na gaveta da cômoda, depositarei no banco no dia seguinte. Agora seremos três desempregados naquele apartamento. Isso me preocupa. Teríamos que

viver modestamente até que um de nós arrumássemos um emprego. E apesar do Harry ter sido generoso, o dinheiro que havia me dado não duraria para sempre.

Subo os dois lances da escada com desânimo e tentando não sentir pena de mim mesma. Abro a porta, fico surpresa em encontrar a casa em silêncio. Aparentemente não há ninguém em casa. Talvez tenham ido procurar emprego.

Acendo a luz e fico totalmente abismada com o que vejo.

Vazio!

O apartamento está completamente vazio. Corro para o quarto e tenho a mesma surpresa. Não há nada, absolutamente nada. Minha cabeça dá voltas e mais voltas. Sento-me no chão e tento controlar a vertigem que me domina.

O que está acontecendo? Onde estão John, Mary Ane e todas as coisas? Não que houvesse muito, quando vim para cá havia apenas uma cama e uma TV, eu trouxe todos os outros móveis. Todos os que comprei nos últimos quatro anos.

Corro até o apartamento do síndico no andar superior. Com certeza ele sabe de alguma coisa. Bato na porta com força, minhas pernas estão trêmulas e minha respiração irregular.

— Ah, tomou vergonha na cara e apareceu? — Craig perguntou, assim que abriu a porta.

— Minha casa está vazia — respondi, ainda tremendo — Onde está o John e o que você fez com nossas coisas?

— Eu? — ele abre a boca parecendo abismado — Não fiz nada. Seu namorado e a loira saíram em um caminhão há meia hora e levaram tudo. Aliás, espero que tenha vindo pagar o aluguel como eles disseram que você faria.

Eles haviam partido? Levaram minhas coisas? O dinheiro do aluguel?

Todas essas informações giram em minha cabeça. A náusea volta a tomar conta de mim com força total e antes que eu possa me conter, tudo que estava em meu estômago sai pela minha boca. Em poucos segundos, tudo vai parar nos sapatos de Craig.

— Que droga! — ele grita com cara de nojo.

— Foram embora? — pergunto, ainda incrédula — Juntos?

— Foi o que eu vi — ele dá de ombros — Agora, pague o aluguel!

Limpo os lábios com as costas da mão, enquanto lágrimas inundam meus olhos. Isso não está acontecendo. Não poderiam fazer isso comigo.

O dinheiro? Além de todas as minhas coisas, levaram o dinheiro do aluguel e pouco que havia sobrado. *Levaram tudo.*

Ira e dor tomam conta de mim. As pessoas sempre iam embora, mas nunca de forma tão leviana e cruel. Minha mãe havia desistido de mim quando eu era pequena, mas pelas poucas lembranças que eu tenho do passado, foi para meu bem. Savana havia partido, porém foi para o bem dela. Harry também vai embora, mas ele não teve outra escolha.

John e Mary Ane me enganaram da pior e mais cruel forma possível. Não haviam levado apenas o dinheiro. Haviam roubado toda minha fé no amor e nas pessoas.

— Então vai me pagar ou não? — Craig encarava-me com raiva — Acho bom fazer isso ou chamarei a polícia.

— Desculpe Craig — murmuro, consternada.

Aperto minha bolsa com força. Não tenho nada, apenas os dois mil dólares de bônus. Daria para pagar o aluguel, mas o que faria depois? Sem casa, sem emprego.

Faço a única coisa que me vem à cabeça. Eu corro. Ouço os gritos furiosos de Craig atrás de mim. Eu não ligo, tudo que quero é sair dali e esquecer. Um dia eu pagaria a minha dívida com ele.

Ainda desnorteada, faço sinal para o primeiro ônibus que vejo. Sento-me no último banco e deixo que as emoções tomem conta de mim. Sentindo-me traída e enganada, juro nunca mais confiar em ninguém novamente.

Viagens são cansativas e estressantes. Principalmente as viagens de trabalho. Mas como engenheiro e vice-presidente da Construtora Delaney, eu não tenho escolha. Além disso, o único que poderia me substituir em imprevistos em torno de um grande projeto como o qual estive focado nos últimos dias, é o presidente da companhia, nesse caso meu irmão mais velho Charles. Que nesse momento, está em lua de mel na Itália com a mais nova Sra. Delaney.

Minha cunhada Britney é tudo o que uma socialite precisa ser; linda, fútil e rica. Pelo menos, sabemos que o dinheiro não foi um dos motivos para esse casamento. Ela é muito rica e vem de uma família tão tradicional quanto a minha. Sangue nobre, como diz minha mãe. Que, aliás, sente orgulho por nossa família ser uma das poucas que ainda não foram manchadas com casamentos indecentes. Não lhe importa que em sua maioria tenham sido casamentos arranjados, frustrados, marcados por tragédias e infelizes.

Tudo isso não me importa, na verdade nunca importou. Charles e eu fomos criados para assumir os negócios da família, casar com moças de classe e gerar herdeiros. E assim continuaríamos esse ciclo aborrecido.

Nesse momento, como vice-presidente e bom filho, eu assumi as responsabilidades da empresa como presidente interino. E como tal, minha vida tem sido um verdadeiro inferno, nas últimas duas semanas. Compromissos e mais compromissos. Agora consigo entender porque Charles parece uma bomba relógio prestes a estourar a qualquer minuto. Não que minha vida como vice-presidente seja fácil, mas as decisões finais não estavam em minhas mãos. Agora as pessoas esperam minha opinião para tudo. Além disso, minha noiva Patrice, está cada dia mais frustrada e irritada com minhas ausências. Um fato interessante, pois se há alguém que consegue ser mais controlado que eu, esse alguém é Patrice.

O que posso fazer se nós estamos em meio em a um dos mais importantes projetos da empresa? Um dos maiores e mais luxuosos complexos hoteleiros em Dubai, cidade que hoje é o furacão do mundo. Foram investidos US\$ 9 bilhões de dólares para torná-lo a construção particular mais cara do mundo. Com 1,9 bilhão de metros quadrados de área, o Delaney Center é um complexo de hotéis, residências e centro comercial sem precedentes. Um inovador e elegante projeto totalmente desenhado e idealizado por mim, que por si só já exige muito da minha presença a cada avanço. Um alto custo e muito investimento. Frustra-me que Patrice não consiga entender isso.

Com sorte, os problemas que haviam surgido foram resolvidos antes do que imaginei. Agora estou sentado neste taxi enfrentando o trânsito de Nova Iorque dois dias antes do previsto.

Estou a caminho do apartamento de Patrice, passei em casa apenas para deixar a mala e tomar um banho. Pretendo surpreendê-la hoje, com o tão esperado pedido de casamento. Charles voltará em duas semanas e acredito que não há mais motivos para continuar adiando.

Já nos conhecemos há muito tempo. Apesar da última semana, posso contar nos dedos quantas vezes brigamos ou discutimos em quase três anos de relacionamento. Nós dois nos conhecemos por intermédio da minha mãe. Patrice é filha de sua amiga de colégio, que havia casado com um aristocrata francês e fora morar na França. A mãe dela, havia ficado viúva e as duas resolveram

voltar para os Estados Unidos. Para minha mãe, Patrice é a candidata perfeita para mim. Linda, loira, cheia de classe e rica. E os dois últimos quesitos é o que realmente importam para minha mãe. Então, para sua felicidade e minha paz de espírito, após sairmos algumas vezes, logo ficamos comprometidos.

Não que eu seja filhinho da mamãe, visto que todas as outras mulheres com quem convivo, são iguais ou parecidas com minha mãe e Patrice. Então, eu não me importei em seguir com esse relacionamento. Afinal, mulheres são todas iguais em qualquer parte do mundo. Uma boa conta bancária e elas fariam tudo o que você desejar. Pelo menos, Patrice é bonita, discreta e não fala muito.

O sexo entre nós também é comum como nossas vidas. É muito bom, mas nada fenomenal como o que vemos em filmes e em livros. Aliás, não entendo a mania das pessoas em romantizar essas coisas. Até gostaria de experimentar algumas coisas, mas sempre que tento, Patrice fica horrorizada. Por isso foquei-me no básico, afinal, sexo é uma forma de aliviarmos as tensões do corpo através do prazer.

Meus amigos costumam dizer que sou frio, certinho e controlado demais para apreciar uma boa foda. Mas o que eles entendem sobre isso?

Neil, é casado com uma bruxa descontrolada que faz da vida dele e da filha, um inferno. Peter, é um solteiro convicto que pula de cama em cama antes que possa piscar os olhos. Adam, só pensa em trabalho vinte e quatro horas por dia. Seu irmão, Liam, é o único que se salva, está noivo de uma das modelos mais famosas do país, embora eu ache que seja ainda mais fria e fútil que todas as mulheres que conheço.

Então, nenhum deles tem moral o suficiente para questionar como vivo minha vida. Que mal há em saber o que se quer da vida? Romantismo é para tolos. A vida é prática e como tal, eu a vivo.

Antes que eu perceba, o taxi para em frente ao apartamento de luxo no bairro de Manhattan. Dispensei o motorista pelo fim de semana, já que não era previsto que eu voltasse até segunda-feira. Não quis interromper sua folga apenas por que meus planos foram alterados. Bill é um excelente motorista e como tal, merece esses três dias de folga que dei a ele.

Pago o taxista e deixo troco como gorjeta. O homem fica visivelmente feliz e se oferece para esperar até que eu saia, com certeza pensando na gorjeta seguinte. Agradeço à oferta e dispenso-o. Pretendo passar a noite aqui como sempre faço quando venho para o apartamento de Patrice.

Digito o código de segurança e entro no prédio.

— Boa noite — cumprimento o porteiro e percebo que não é o mesmo de sempre.

— Boa noite senhor.

Vou para os elevadores e espero que ele chegue.

— É o novo porteiro? — pergunto, enquanto aguardo.

— Não senhor. Juarez precisou ver a esposa que está tendo bebê, vou substituí-lo por hoje — ele me responde.

— Bom trabalho — respondo e entro assim que as portas do elevador se abrem.

A notícia sobre Juarez me faz lembrar que Patrice e eu nunca conversamos sobre isso. É uma coisa estranha, já que estamos juntos há quase três anos e noivos a mais de um. Creio que hoje seja a noite ideal para conversarmos sobre filhos. Pretendo ter dois filhos no mínimo. Charles e eu, apesar de termos personalidades diferentes, sempre fomos muito unidos na infância. O que nos ajudou a suportar a educação rígida e ausência que tivemos de nossos pais. Tenho certeza que Patrice não se

oporá a isso. Sua infância foi mais solitária do que a minha. Não é algo que me choca, todas as pessoas que conheço em nosso meio, cresceram assim, entre colégios internos e acampamentos de férias, claro que sempre há suas exceções, mas essas são pouquíssimas.

O elevador para no sétimo andar. Espero as portas abrirem e saio para o corredor com seus bonitos vasos de plantas. Esse é um dos melhores prédios da cidade, além de bastante caro e elegante. Passo pelas portas com números dourados que identificam os apartamentos e paro no apartamento vinte e oito. Procuro as chaves em meu bolso e abro a porta, enquanto pergunto-me onde iremos morar? Embora esse apartamento seja glamoroso, é feminino demais para mim. Todo decorado em tons de branco, cinza e lilás. Além disso, gosto do meu, que é confortável e fica nos arredores da empresa, isso me poupa tempo para ir e voltar da empresa, o que, em uma cidade tão movimentada como Nova Iorque, é primordial.

Entro e tropeço em alguma coisa, olho para baixo e vejo que são sapatos femininos e tênis esportivo da Nike. O que esse tênis masculino está fazendo aqui? Vou para sala e encontro um vestido amarelo no chão, o sutiã jogado no sofá e uma garrafa de vinho com taças vazias, na mesa de centro.

Não posso acreditar no que eu vejo. Aquilo não pode ser o que estou imaginando. O sangue gela em minhas veias e, pela primeira vez, sinto que posso perder o controle.

Vou para o quarto no fim do corredor. Paro automaticamente ao ouvir os sons vindos de dentro. A porta está entreaberta e tenho uma visão parcial do que está acontecendo.

— Isso James, com força! Assim...

QUE PORRA É ESSA?

Minha noiva de quatro, sendo fodida por outro homem, enquanto grita como uma vadia.

— Isso gata — ouço-o gemer — Empina esse rabinho pra mim, vai.

Por dez segundos eu observo a cena sem poder acreditar no que acontece ali dentro. Meu sangue que antes estivera congelado, agora queima nas veias.

— Patrice! — urro com fúria.

— Richard! — Patrice me encara com surpresa, atreves do espelho no closet — Richard o que está fazendo aqui?!

— O porteiro não avisou que ele estava subindo — diz o homem a qual ela chamou de James — Ele sempre avisa.

Sem conseguir raciocinar direito, arranco o homem de cima da cama e desfiro um soco em seu rosto. Vejo o sangue jorrar por seu nariz, enquanto ele me encara com expressão de choque. Aqueles dois filhos da puta estavam rindo as minhas custas há muito mais tempo?

— Richard, não é o que está pensando — Patrice se enrola no lençol e vem em minha direção — Eu posso explicar.

Sério?! Não é o que estou pensando? Ela usará isso mesmo? Que tipo de idiota manipulável acha que eu sou? Cacete!

— Dane-se vagabunda! — grito, dando-lhe as costas.

Não estou disposto a dar atenção a nenhum dos dois. Pego essa puta fodendo com outro homem como uma gata no cio e ela me vem com *não é o que estou vendo*. Preciso sair daqui antes que minha vontade de matar os dois, prevaleça à minha razão.

Três anos! Três anos desperdiçados com uma ordinária a qual eu pensava ser uma verdadeira dama. Três anos fazendo planos, criando expectativas de uma vida juntos. Em pensar que hoje a

pediria em casamento e até marcaríamos uma data. Como fui idiota e imbecil.

— Richard, espere! — ouço sua voz estridente atrás de mim — Ouça-me.

— Não tenho nada para ouvir Patrice — viro-me para ela com olhar de desprezo — Aliás, nunca mais quero ver sua cara na minha frente.

— Não é o que pensa — Patrice começa a chorar — Ele me seduziu.

Sinceramente, tenho vontade de rir. A sua capacidade ilimitada de me tachar de imbecil é risível. Será que pareço ser tão estúpido assim?

— Acho que isso explica tudo — suspiro e me aproximo dela — Ele a seduziu?

— Sim — ela balança a cabeça.

— Acha mesmo... — seguro seus cabelos e puxo-os para trás com força — Acha mesmo que acredito que seja uma pobre inocente, e que cairia nessa desculpa ridícula?

Empurro-a para longe de mim, sinto-me como se me contaminasse. Vejo-a bater as costas contra parede e cair de quatro a minha frente. Respiro fundo e saio, embora ela mereça uma surra, não sou covarde e não bato em mulheres, mesmo que seja uma vagabunda ordinária.

— Richard! — saio ignorando seus gritos, ferozes. Que se foda. Cadela!

Minha vontade é voltar e dar uma lição nos dois. Minha cabeça ferve e meu estômago está embrulhado, tenho nojo de tudo que presenciei ali.

No entanto, em vez de me sentir com coração partido, eu tenho raiva. A ira correndo por minhas veias, veloz, quente. Não pela traição, mas por me sentir um idiota o tempo todo. Há quanto tempo eles vinham tendo um caso? De acordo com o sujeito, o porteiro a alertava quando eu subia. Nos últimos meses fui pouco a sua casa. Geralmente dormíamos na minha e nas últimas semanas, nem isso. Lembro que a última vez que nos vimos foi antes de viajar. Havia aparecido para levá-la para jantar, para compensá-la após uma discussão. Notei que parecia nervosa assim que entrei, mas achei que ainda estava chateada com minha viagem. Quando na verdade a vagabunda estava encobrindo o amante. Agora entendo porque insistiu em irmos para meu apartamento após o jantar, em vez de irmos para o seu, queria encobrir as pistas. *Filha da puta, maldita.*

Por isso o porteiro passou a ser tão comunicativo, sempre falando de sua esposa grávida e seus dois outros filhos. Não sou uma dessas pessoas ricas e esnobe que julga as pessoas pelo que têm, sempre o ouvia com simpatia e atenção. Grande tolo eu fui.

No entanto, por incrível que pareça, me sinto aliviado em ter descoberto tudo essa noite, seria muito pior descobrir seu comportamento desprezível se estivéssemos casados e com filhos.

Saio do prédio com pressa, agora me arrependo de ter dispensado o motorista. Após alguns minutos frustrantes, consigo um taxi, entro e passo o endereço. Enquanto o carro entra em movimento e costura pelo engarrafamento, penso em tudo o que aconteceu. A raiva transformando-se em ódio. A vida toda eu fiz o que as pessoas esperavam de mim. A criança educada, o estudante brilhante, o filho perfeito e o noivo fiel. Tudo isso para quê?

Juro que não será mais assim. De agora em diante, farei o que quero, quando e com quem quiser. Que minha família e vida, até então perfeitas, vão para o inferno. Peter tem razão, o que preciso é de uma boa foda. E farei isso com todas as mulheres disponíveis dessa maldita cidade.

O taxista estaciona na frente da casa dos meus pais. Com assombro, noto que devo ter passado o

endereço sem perceber. Olho para o relógio em meu pulso e vejo que já passam das nove. Sem vontade de atravessar toda cidade novamente e ir para meu apartamento, resolvo entrar e dormir por aqui mesmo.

Pago o taxista e digito o código de segurança. Os portões abrem e entro rapidamente. Observo a enorme mansão branca diante de mim. Vivi aqui até ir para faculdade. Atravesso o imenso jardim e entro pelas portas dos fundos. Por sorte, a porta ainda está aberta, provavelmente a governanta está organizando tudo antes de se recolher para sua casa, nos fundos da propriedade.

Entro na imensa sala de estar e vou para o bar. Faço uma dose dupla de uísque e bebo em um só gole. A bebida imediatamente queima em meu estômago. Faço outra dose e ouço uma voz atrás de mim.

— Descontando a raiva na bebida, como seu pai? — minha mãe fala, atrás de mim.

— Hoje acho que sim — respondo, dando de ombros.

Não quero falar no assunto. Os acontecimentos de hoje foram fodidos o suficiente para que eu tenha que adicionar meu pai e seus problemas com a bebida.

— Patrice me contou o que aconteceu — minha mãe senta no sofá próximo a mim e me encara com naturalidade — Acho que está sendo dramático demais, não acha?

Dramático? A porra da minha noiva me chifra e minha mãe acha que estou sendo dramático?

— Eu realmente estou ouvindo isso? — pergunto, abismado. Sempre fiquei surpreso com minha mãe e sua atitude fria, mas dessa vez ela se superou — A vagabunda me trai e eu sou dramático?

— Vai me dizer que você também não a traía — ela sorri, ironicamente.

— Claro que não, porra! — grito batendo o copo sobre o balcão. Ela parece surpresa com o que eu disse.

— De qualquer forma, um dia fará isso — volta a ter um semblante indiferente — Espero que se lembre desse dia. Devem ignorar isso e seguirem em frente. Essas coisas acontecem...

— Está me dizendo para perdoá-la, mamãe? — estou cada vez mais abismado.

— Francamente, vocês homens, acham que podem tudo e nós mulheres não podemos ter nossos deslizes — ela resmunga — Esqueça isso e continuem a vida.

— Patrice vem me traindo a mais de um mês pelo que sei, mamãe, como pode me pedir que esqueça isso? — falo furiosamente — Não foi apenas um deslize.

— Isso acontece Richard, além disso, você não vinha dando tanta atenção a ela.

— Eu estava cuidando da maldita empresa. *Hoje*, iria pedi-la em casamento. E o que acontece? — digo, frustrado — Pego-a na cama com outro!

Então minha noiva me trai e a culpa ainda é minha, por não ter dado devida atenção a ela.

— Vá dormir, Richard — minha mãe suspira — Amanhã estará mais calmo e pensará com clareza. Patrice cometeu um erro, mas não deve pagar a vida toda por isso. Seu pai também me traiu antes e depois do casamento.

Esfrego o rosto desanimado. É exatamente por esse motivo que sempre fui fiel a Patrice, não queria um casamento como os dos meus pais. Sei que grande parte da frieza de mamãe deve ter sido causada pela infidelidade dele e seu vício no álcool.

— Sinceramente, não posso ouvir mais nada — caminho até a porta, com raiva.

— Aonde você vai? — noto tom de preocupação em sua voz, mas ignoro. Alguns segundos atrás eu precisei que ela fosse uma boa mãe, e ela não foi.

— Acho que não importa.

Vou para garagem e entro no antigo conversível de Charles. Ando pela cidade sem rumo. Ainda estou irritado com que minha mãe me disse. O que será que corre em suas veias? Ela seria a última pessoa no mundo que deveria pedir que eu perdoasse Patrice.

Nesse momento, meu telefone toca. Embora não tenha vontade de falar com ninguém, atendo sem tirar o olhar da estrada. Pode ser algo importante, deixo meu lado racional falar por mim, mais uma vez.

— Alô.

— Richard?

— Neil? — pergunto confuso. O que ele queria?

— Sua mãe me ligou, disse que haviam discutido e que saiu de casa com raiva. Você está bem?

— É complicado explicar — murmuro.

— Escuta, Anne foi para casa dos meus pais — me diz. — Por que não compra algumas pizzas no caminho e vem para cá, tomamos umas cervejas e conversamos.

Estou dividido entre aceitar ou me enfiar em um bar e beber até cair. Porém, se há alguém que conseguiria me entender, esse alguém é o Neil. Tinha uma mãe tão complicada quanto a minha. Além de Sophia, que eu acho ser uma cadela.

— Tudo bem, eu estou indo — respondo, desligando em seguida.

Duas horas depois e muitas cervejas, termino de relatar tudo o que havia acontecido. Apesar de me ouvir com atenção, ele não me parece chocado e nem me olha com ar de piedade.

— Em partes sua mãe tem razão...

— O que? — interrompo-o chocado — Também acredita que devo perdoá-la?

— Não — ele murmura — Apenas se quiser, mas as pessoas cometem erros, Richard. Eu tenho os meus. E olha você ficaria chocado se soubesse. Mas também temos que assumi-los e aceitar as consequências de nossas ações. Se você deseja pôr um fim a essa relação, faça-o. Patrice que conviva com o que fez.

Dou um longo gole na cerveja. Tento refletir sobre o que ele diz. Sim, as pessoas erram, mas deslealdade é algo que não aceito. Patrice sempre foi cheia de frescuras na cama comigo e no entanto, parecia uma meretriz com aquele cretino.

— Também não sou o mais indicado para dar conselhos, veja o meu casamento — ele encolhe os ombros e continua — Se é que posso chamar de casamento. Cada um tem sua própria vida. Seus casos.

— Sim, mas foi um acordo entre vocês dois. Não houve traição. Estão juntos por Anne.

— Eu estou com ela por Anne. Ela por capricho ou sei lá o que — ele suspira — Cada vez que Sophia interrompe o tratamento e agride Anne é um tipo de traição para mim — Neil se queixa — Depende do ponto de vista.

Até hoje não entendo seu casamento com Sophia. Apesar de eu conhecê-lo há quatro anos, e bem depois de seu casamento, não consigo entender por que ainda mantém esse casamento, no mínimo, ridículo.

— Por que não tira umas férias? Viaje para pensar um pouco — ele propõe.

— Acabei de voltar de viagem — murmuro, seco — A última coisa que quero é fazer outra. Além disso, Charles só voltará em duas semanas.

— Dane-se seu irmão! — diz ele, irritado — Ele que encurte a viagem. Tenho uma cabana em Vermont, vá para lá e descanse, volte quando toda essa merda em torno de você tiver passado.

— Não posso fazer isso com Charles — respondo — Mas aceito a oferta para daqui a duas semanas.

— Você quem sabe — ele termina sua cerveja — Vou deixá-lo sozinho para que pense. Sabe onde é o quarto de hóspedes.

Agradeço sua oferta e sensibilidade em me deixar sozinho com meus pensamentos. Foi bom conversar com alguém que consegue entender toda essa sujeira, sem críticas e julgamentos. Neil é um cara legal, merece ser feliz, bem longe de Sophia e todas as mulheres ordinárias que existem por aí. Afinal de contas, no fundo são todas iguais. Todas são falsas e dissimuladas.

É obvio que não me tornarei um celibatário frustrado, ainda sou muito jovem para isso. Pelo contrário, a partir de agora viverei para o prazer. O meu, é claro.

Entorno os últimos goles de cerveja e vou para o quarto de hóspedes com esse pensamento em mente. Nada de ideias tolas como casamento e família. Filhos? Não. Charles está aí para isso, dar continuidade a família. Como minha mãe deseja. Chega de ser o cachorrinho. Agora só quero diversão. Afinal das contas, Patrice havia me feito um favor! O homem controlado e metódico, deu lugar a um bad boy ávido por novas aventuras.

Capítulo 2

“Na na na na
Come on
Na na na na
Come on”

Com um gemido de protesto, ouço a música S&M da Rihanna soar do meu celular, que toca insistentemente em alguma parte da minha cama e, a única coisa que quero fazer, é dormir por horas e horas sem fim. Para um dia de semana, o trabalho no clube tinha sido bem cansativo. Cubro a cabeça com travesseiro e tento voltar para o adorável reino dos sonhos. O barulho estridente continua a irritar meus ouvidos e sem pensar duas vezes, estico o braço para jogar o insuportável aparelho contra a parede. Certo, eu não posso me dar ao luxo de arremessa-lo, o pobre coitado já sofreu muito por todas as vezes que o deixei cair no chão. Não sei como ainda não explodiu na minha cara. Levanto com todo meu corpo gritando em protesto.

Reviro toda a cama a procura do pequeno torturador. Sou uma daquelas pessoas que não acordam com bom humor e o barulho está piorando isso. Encontro o maldito celular enrolado em minha camiseta da Minnie. Eu tenho o estranho hábito de tirar a roupa durante a noite, enquanto estou dormindo. Uma das minhas incontáveis esquisitices.

Desligo o celular e olho em volta do minúsculo quarto. Roupas e roupas por todos os lados. Céus, até parece que passou um furacão pelo quarto.

— Amanhã eu arrumo — digo em voz alta, como se isso pudesse garantir que arrumaria essa bagunça de três dias.

— O que posso fazer? — resmungo, para a minha consciência — Eu tenho dois empregos poxa.

Trabalho a noite no clube e duas vezes por semana sou babá de cachorros. Saio para passear com eles no Central Park, um exercício que me ajuda a manter a boa forma. O dinheiro desse trabalho não é muito, mas, completava os gastos. Viver em Nova Iorque não é fácil. É uma cidade muito cara, mesmo para quem vive em uma espelunca como a que vivo.

Vou para a sala ainda resmungando, também tenho a péssima mania de falar sozinha, minhas esquisitices são infinitas.

Sinto-me um pouco mais aliviada, ao olhar ao redor, pelo menos ali não há tanta bagunça. A quem estou querendo enganar? A maioria das coisas estão guardadas, na verdade, amontoadas no pequeno armário, ao lado do banheiro. Definitivamente, preciso dar um jeito nisso.

Sigo para pequena cozinha adjacente à sala, o único lugar imaculadamente limpo e organizado. Não que eu seja desleixada, mas venho trabalhando muito e estou cada dia mais cansada. Jennifer e eu pretendemos mudar de apartamento e estamos guardando o máximo que pudermos. Aceito todos os bicos que vem pela frente, apenas para fazer mais dinheiro e sair daqui.

O prédio não é muito seguro. Não há porteiro e a porta de segurança vive quebrada. Eu não ligo muito sobre isso, sei cuidar de mim, afinal, depois de um ano trabalhando em clube, aprendi muito

bem a me defender, mas minha grande preocupação é com a Jennifer. Ela é cega e já havia passado uns bons bocados nesse prédio. Se não fosse Paul, antes de mim, cuidando dela, nem sei as coisas horríveis que poderiam ter acontecido. Além disso, tem o irmão maluco que não a deixa em paz, sempre lhe pedindo dinheiro para seus vícios. E esse, é um dos principais motivos para sairmos daqui.

Abro a geladeira e fico desapontada com o que vejo. Uma caixa de leite, um pedaço de queijo e meia garrafa de água.

— Acho que está na hora de ver como minha amiga está — sorrio, internamente das minhas segundas intenções.

Somos amigas há quase dois anos. Conheci Jenny logo que cheguei aqui, com os poucos centavos que haviam no bolso. Depois de descobrir tudo o que John e Mary Ane haviam feito comigo, procurei Harry em Dakota do Norte, mas, para o meu desespero, ele e a família estavam viajando para resolver um problema familiar do marido da filha dele. Sem rumo, andei de um lugar a outro até parar em Nova Iorque.

Nosso primeiro encontro foi meio conturbado. Jenny estava brigando com Brian no corredor, e descobri horas depois, que ele foi um caso passageiro e fracassado. Ele queria entrar e ela não queria permitir. Cansada das pessoas que se aproveitavam da fragilidade alheia, coloquei-o para correr e conquistei um novo inimigo.

Afasto essas lembranças amargas e vou para seu apartamento. Uso a cópia da chave que ela me deu e entro sem receio ou vergonha na cara. Ambas não temos namorados, portanto, não corro o risco de um constrangimento, como pegar um homem apenas de cueca pela casa. Nós duas queremos os homens bem longe.

— Já está acordada? — me surpreendo vendo-a ocupada com a limpeza.

— Paige, já são mais de dez horas — Jenny sorri.

— Sou uma garota da noite, esqueceu? Então é como se fossem cinco da manhã. Tem alguma coisa para comer?

— Não vou contrariar seus argumentos, eu sempre perco — ela ri — Tem suco na geladeira, pão e frios.

Olho em volta do apartamento dela. Nossa, é tudo tão limpo e organizado que sinto vergonha.

— Você é cega e sua casa é impecável — abro a geladeira e pego alguns ingredientes para um sanduíche — Seu quarto é tão organizado.

— Preciso de praticidade Paige, não posso me dar ao luxo de sair tropeçando nas coisas. E você me ajuda com as roupas.

— Em troca de comida — respondo, enquanto começo a preparar o café da manhã.

Conversamos sobre as coisas bizarras no clube e os sonhos que temos na vida. Jennifer quer estudar música e eu ainda acalento o sonho de ser arquiteta.

O resto da manhã passou rapidamente, ajudo-a a terminar de arrumar as coisas, apesar dos seus protestos. É incrível como nossa amizade se fortalece a cada dia. Podemos confiar uma na outra, embora nosso passado nos tenha ensinado que o melhor era não fazer isso. Somos como duas almas gêmeas, mesmo que muito diferentes; Jennifer toda certinha, doce e educada. Eu, desorganizada, temperamental e sem papas na língua.

Meu telefone toca, o número é desconhecido, só poderia ser uma pessoa.

— Kevin?

Vejo Jenny se contorcer no canto do sofá. A última discussão entre eles não havia sido muito amigável.

— Quero falar com a Jenny — murmura ele, do outro lado da linha.

— A pergunta é, se ela quer falar com você?

— Paige, eu juro que é importante.

Eu percebo pelo seu tom de voz, que parece angustiado. Provavelmente está atrás de dinheiro. Como podia ser tão cara de pau e desumano com ela? Abusar de uma irmã como Jenny é imperdoável.

— Deixa — ainda estou em dúvida se entrego o celular ou não. Quando a vejo esticar as mãos — O problema é meu. Eu resolvo.

— Não precisa se não quiser.

Entrego o telefone ao notar a determinação em seu rosto.

— O que quer? — ouço-a dizer — Não, eu não vou. Não insista...

Levanto-me e vou até a cozinha. Dou um pouco da privacidade de que ela precisa, mas fico por perto caso necessite de ajuda.

— Tudo bem? — pergunto quando ela se une a mim.

— Preciso encontrá-lo daqui duas horas.

— Acho que não deveria, Jenny.

— Ele me disse que era importante — murmura.

— Ainda acho que não deve — insisto, apreensiva — Eu vou com você.

— Não! Você não vai — me diz, determinada — Você tem trabalho hoje. Tem que descansar. Eu marquei em um lugar público perto daqui. Não se preocupe.

Eu sei que quando ela coloca uma coisa na cabeça, não há nada quem a faça mudar de ideia. Desejo que nós duas não cheguemos a lamentar isso. Não me soa bem.

— Está bem. Tenha cuidado.

— Kevin é meu irmão Paige, o que poderia fazer contra mim?

Eu não respondo. Em seu estado normal acho que ele não faria nada, mas são raras às vezes em que está em seu estado normal.

Conversamos pela hora seguinte. Vejo-a se arrumar e meu coração aperta no peito.

— Jenny não vá! Eu sinto que não deve ir.

— Agora você é vidente? — ela brinca, mas isso não me tranquiliza.

— Por favor, não vá — murmuro — Deixei-me ir com você.

— Paige, nada vai acontecer. Kelvin deve estar atrás de dinheiro — hoje, vou falar claramente que isso não é mais possível. Veja, estou levando meu spray de pimenta.

Ela tira um frasco da gaveta e coloca na bolsa.

— Está se preocupando à toa.

— Se algo acontecer a você, eu nunca vou poder me perdoar. É uma droga Paul não estar aqui.

— Não se preocupe. Tranque a porta quando sair.

Jenny pega a bengala e sai apressada. Tenho um pressentimento ruim. Devia ter insistido em ir com ela, ou melhor, devia ter ido escondido para observar de longe. É exatamente isso que vou fazer. E que se dane o clube, e que se dane se for despedida como Ed disse que faria caso houvesse outra queixa sobre mim. Há muitos clubes pela cidade.

A quem estou querendo enganar. Esse é um dos poucos clubes com relativa segurança. Embora os

clientes sejam pessoas de todos os tipos que se possa imaginar, não me obrigam a me prostituir e nem ficar totalmente nua como alguns que tem por aí. O Seduction é um clube um pouco mais exclusivo, com shows de música, strip-tease e apresentações no pole dance. Os gastos com bebidas também são relativamente altos, por isso não é qualquer pessoa a frequentá-lo.

Bloqueio esses pensamentos e saio com pressa, se for rápida, ainda consigo encontrar com Jenny na portaria, depois eu vejo como remediar as coisas.

— Está fugindo de quem? — um homem moreno e alto bloqueia meu caminho no corredor.

A última coisa que preciso, é lidar com um idiota como Brian.

— Saí da minha frente! — empurro-o sem conseguir movê-lo do lugar, um centímetro sequer.

— Ainda a mesma mal educada de sempre — ele revida, provocando-me.

— Vai pastar, seu asno! — dou a volta por ele e corro para as escadas.

A rua está bem movimentada. Olho em todas as direções para ver se a encontro e gemo com frustração. Deveria ter anotado o endereço. Agora não faço a mínima ideia para aonde ela teria ido.

Volto para meu apartamento não há nada que possa fazer agora e como sei que não vou conseguir ficar parada esperando, começo a organizar meu quarto.

Por volta das seis, tomo banho e arrumo minha mochila. Jenny ainda não voltou e continuo preocupada. Saio de casa e vou para o ponto de ônibus próximo ao nosso prédio. Ainda terei que pegar outro ônibus para chegar ao meu destino. Uma hora depois chego ao clube, algumas garotas estão se arrumando, enquanto outras ensaiam seus shows. Eu não preciso fazer isso, apresento o mesmo show por cerca de quatro meses. Sigo direto para um camarim, onde todas dividem o espaço. Cumprimento algumas garotas e ignoro outras. Nem todas são simpáticas, mas essas eu já coloquei em seus devidos lugares, assim que comecei a trabalhar aqui.

No começo, causei um pouco de ciúmes em algumas delas. Sou morena, alta e corpo curvilíneo. Os meus olhos são verdes, tenho longos cabelos negros e cacheados, que chamam muita atenção, mas o que atrai mesmo o olhar masculino, como disse o dono do lugar, é meu rosto travesso e jeito de menina. Tudo isso parece bobagem para mim, mas é o que dizem. Não sou nada inocente, não que seja devassa ou queira me tornar uma, mas os quase dois anos em que trabalho ali me ensinaram muito, sobre meu corpo, a vida e principalmente, *os homens*.

— Olá Paige.

— Oi Mayume — cumprimento a japonesa, que senta ao meu lado em frente ao espelho.

— Será que teremos casa cheia hoje?

— Acho que sim — sorrio, mas por educação do que vontade — Sempre está.

— Espero encontrar um bom pretende dessa vez — diz ela.

Concentro-me em terminar a maquiagem e evito respondê-la. Mayume acredita fielmente que encontrará sua tampa da panela aqui. Mas todas às vezes, acaba chorando pelos corredores. Homens que frequentam esse lugar querem apenas uma coisa. Sexo!

Passo rímel nos cílios para realçar os olhos e acrescento uma sombra escura. Finalizo com um batom vermelho. Prendo os cabelos em um rabo de cavalo para que não me atrapalhe na dança.

— Sabe, se eu soubesse que Raul era casado, não teria dado uma chance a ele. Você sabe eu tenho meus princípios.

Mayume continua o discurso a minha volta. Minha mente está em outro lugar. Espero que Jenny esteja bem e que Kevin não tenha feito nada a ela. Meu show é um dos primeiros, então, assim que terminar, irei direto para casa. Geralmente faço trabalho como garçone, às gorjetas são boas, mas estou sem cabeça essa noite.

Pego minha roupa na mochila e começo a me vestir. Coloco o top de couro brilhante, estilo garota de torcida e um minúsculo short também de couro, preso por cordões nas laterais do corpo, calço as botas e espero. Escuto o som do lado de fora. Uma loira a qual detesto abrirá a noite, em seguida Mayume, depois eu no pole dance.

Reviso meus passos mentalmente, enquanto tento manter a calma, passaria anos e eu não me acostumaria com aquilo. Gosto de dançar, mas odeio me exhibir assim. Eu sei, isso é bem contraditório. Gostando ou não eu não tenho escolha, ainda.

— Tudo bem, se concentre — falo, comigo mesma.

— Acho que é minha vez — Mayume sorri para mim e caminha até a saída — Vai fazer extra hoje?

— Não.

— Vejo você no sábado, então.

Despeço-me dela com gesto de cabeça e me concentro na garota parada em frente ao espelho. Como cheguei até aqui? Uma pergunta que faço todas as noites. Nem em minhas mais loucas fantasias, me imaginei trabalhando em um lugar como esse.

Como gostaria de ser como Jenny e não precisar ver os olhares de cobiça e desprezo das pessoas que frequentam o ambiente. Primeiro os homens te olham como se fosse a sétima maravilha do mundo, depois, como se não valesse nada. Odeio essa parte do trabalho, principalmente quando eles tentam avançar o sinal, mesmo com todos os protestos e avisos. Para eles, todas somos prostitutas. E foram inúmeras às vezes em que saí aos tapas com algum bêbado mais insistente. Ed não estava mais tolerando esse tipo de comportamento da minha parte e já alertou que mais um escândalo e estou na rua.

A música termina, e vou em direção ao palco. Mayume sorri ao descer as escadas. Tomo o lugar no palco e espero a iluminação acender. Olho ao redor e procuro algum homem que ache interessante. É um jogo que faço, sempre que eu me apresento. Finjo que ele é meu príncipe e que executo a dança apenas para ele, que no final vamos fugir dali, para nossa vida perfeita.

Meu olhar vagueia pelo salão, então, eu o vejo. Sentado em uma das mesas próximas ao palco, um dos homens mais lindo que já vi. Cabelos claros, olhar penetrante, o maxilar parecia talhado em mármore e um sorriso. Ah, o sorriso... Um sorriso torto de deboche, enquanto a loira ao lado dele fala algo em seu ouvido. Seu olhar cruzou com meu e minhas pernas ficaram bambas. Seus olhos percorrem meu corpo de cima a baixo, como se estivesse devorando cada parte minha. Sinto calor e um latejar em certa parte específica do meu corpo. Não sei por que estou agindo assim, já fiz esse jogo antes, com outros homens tão bonitos quanto ele, mas há algo diferente. Talvez seja o jeito cafajeste de me olhar, que me atraía inegavelmente.

A música começa. O acorde de Jimi Hendrix começa soar. Ele levanta o copo em direção a mim e me lança outro de seus sorrisos irresistíveis. Sorriso de *“Eu vou foder você e você vai gostar disso”*.

Começo meu número, os acordes e a voz melodiosa ao fundo me guiam na dança sensual. Pela primeira vez, desejo realmente sair do palco acompanhada pelo meu príncipe misterioso. Não.

Ele parece um motoqueiro, pronto para me jogar na garupa e me guiar para um mundo desconhecido, mas repleto de prazer.

Nunca dancei tão sensualmente como hoje, e sinto cada parte de meu corpo excitado e queimando como brasa. Seu olhar sobre mim é dominador. Vejo seus olhos arderem de desejo como os meus. Meus olhos fixam em sua boca e quase caio do mastro ao vê-lo passar a língua sobre eles, mordendo em seguida.

Cacete. Estou dançando que nem uma louca, tentando parecer tão sensual quanto a Beyoncé e, o cara só precisar morder os lábios para ser a criatura mais sexy do planeta. A vida é realmente injusta.

A música termina e as luzes apagam. É o momento que tenho para sair do palco para que outra se prepare. Saio com a sensação de que estou perdendo algo. Afasto esse sentimento rapidamente. É só mais um cara bonito.

Menos falsidade aqui. É o homem mais bonito e sexy que já conheci. Por ele eu faria qualquer coisa. Até mesmo ignorar minhas regras de nunca sair com um dos clientes do clube. Na realidade, não saio com ninguém desde John. Esse é meu problema, abstinência sexual. Estou em um local onde se respira sexo, então é completamente natural que em uma hora ou outra, minha libido aparecesse.

— Nossa, hoje você foi de cair o queixo — Mayume vem de encontro a mim nas escadas, com um drinque tropical na mão — Aquele homem lindo ali, mandou que entregasse a você.

Ela me aponta o meu deus grego. Ele me encara com olhar penetrante e o sorriso cafajeste nos lábios. Viro o drinque num gole só e me dirijo a saída.

— Espere! Não vai agradecer a ele?

— Não! — grito para garota atrás de mim — Me ensinaram a não brincar com fogo. Eu quero ser arquiteta e não bombeira.

Saio correndo em direção ao camarim, eu troco de roupa com uma velocidade espantosa. Não me preocupo em tirar a maquiagem. Pego a mochila e vou para o ponto de ônibus. Meu corpo ainda está trêmulo e quente.

Cinco minutos depois, estou parada no ponto próximo ao clube. Observo o entra e sai enquanto espero meu ônibus chegar. O drinque anterior começa fazer efeito, não eu que vá ficar bêbada com um drinque, mas como já tem algumas horas que comi e não tenho costume de beber, sinto-me um pouco leve, feliz.

Meus olhos arregalam quando o vejo saindo acompanhado da mulher loira. Imediatamente ele me vê e apesar da minha calça jeans e camiseta, sei que me reconhece. Vejo-o dizer alguma coisa a loira e vir em direção a mim. Meu coração acelera e começo a entrar em pânico. O que vou fazer ou dizer para ele? Pela primeira vez na vida, vejo-me sem palavras. Olho para a rua a minha frente e vejo um ônibus se aproximando. Não é o que vai para meu bairro, não importa. Faço a primeira coisa que me vem à cabeça, salto em frente ao ônibus como uma louca. Entro apressadamente, sem prestar atenção nos protestos do motorista, alguma coisa sobre eu querer me matar. Prefiro isso que a enfrentar essa tentação.

Pago a passagem, sento-me no primeiro banco que encontro e encaro o homem com olhar abismado, do lado de fora. Só agora noto os incríveis olhos azuis, lindos. Ele bate no vidro da janela, para minha paz de espírito, o ônibus entra em movimento. Com ousadia levo minha mão aos lábios e sopro um beijo para ele, começo a rir incontrolavelmente da sua cara de surpresa. Ponto

para mim! Só que, estranhamente, sinto-me como se eu tivesse perdido. Alguns minutos depois, desço no próximo ponto, ainda com esse sentimento de vazio.

Chego ao meu prédio e vejo que já passam das duas da manhã. Estou muito cansada e quase caindo pelos cantos. Subo as escadas com lentidão, enquanto a imagem daquele homem me assombra a cada minuto. Definitivamente preciso de cama, se fosse com ele, melhor ainda. Caramba! De onde surgiu esse pensamento?

Assim que atravesso a porta que dá para o corredor, eu paraliso. Há um homem em frente ao apartamento da Jenny. Sinto meu coração apertar no peito. O que aquele gorila faz parado em frente a porta dela?

— Quem é você?

— Está falando comigo? — pergunta ele.

— Não. Estou falando com Gasparzinho do seu lado — retruco, irritada — Quem é você e o que faz aqui?

— Acho que não é da sua conta?

O que? Não é da minha conta? Que tipo de maníaco ele é?

Imediatamente a imagem de Jenny jogada no chão, ensanguentada me vem à cabeça.

— O que fez a Jenny? Saia da minha frente!

Tento remover a massa de músculos, sem sucesso.

— Saia ou juro que vou chamar a polícia.

— Tenho ordens para não sair. A moça pode fazer o que quiser.

— Seu maníaco desgraçado — bato em seu peito, enquanto lágrimas vêm aos meus olhos — Jenny! Jenny!

— Fica quieta sua maluca — ele começa a resmungar e segura meus pulsos, com força — Pare com isso!

Para o bem da minha sanidade mental a porta é aberta e Jenny aparece com olhar confuso.

— Graças a Deus Jenny — aproveito da surpresa dele e me solto. Passo por debaixo dos braços do homem e me jogo de encontro a ela. Nós duas caímos no chão, devido à força em que me lanço — Como você está? Esse louco não quis me deixar entrar.

— Que louco? O que está acontecendo, Paige? — suas mãos vagueiam pelo meu corpo — Alguém a machucou?

— Ninguém me machucou, mas há um homem parado na sua porta.

— O que? — o grito é estridente.

— Desculpe senhorita, mas o senhor Durant pediu que ficasse aqui e fizesse a guarda — ele responde.

— Maldito homem! — Jenny protesta.

O que está acontecendo e quem é esse tal Durant?

— Jenny eu acho que tem algumas coisas para me contar, não é?

Levanto-me e fecho a porta na cara do grandalhão. E ele que se atreva a entrar.

Essas duas últimas semanas, longe de tudo e todos, foram tudo o que precisei. Ficar em casa sentindo pena de mim mesmo, seria um desperdício de tempo. Afastar-me de casa, da família e dos amigos foi essencial neste momento. Embora tenha conduzido tudo a minha volta de forma automática e fria, eu não aguentava mais os olhares piedosos, os conselhos irritantes de minha mãe e principalmente a insistência de Patrice para que conversássemos. Mesmo eu tendo trocado o número do celular, ela sempre encontrava uma maneira de se comunicar comigo.

Suas queixas, súplicas e choringos estão me levando às vias de um assassinato e, as desculpas esfarrapadas de que, minha falta de atenção ou suas inseguranças a levaram me trair, me deixam enojado.

O único vislumbre de paz e tranquilidade, foi passar esses dias na cabana de Neil. A área ao redor é muito bonita. Há um grande lago em frente à casa, que oferece paz e tranquilidade. Além das montanhas ao redor, com uma vista belíssima para os dias de corrida. Embora não costume correr, pois prefiro as facilidades de uma boa academia, apreciei a sensação de me exercitar ao ar livre e puro. Isso me lembra de que tenho um parque gigantesco perto de casa e não tenho aproveitado desse privilégio.

Agora, após duas semanas, estou pronto para enfrentar o que vier e me aventurar nessa nova jornada que idealizei para mim. E irei começar por algo que sempre desejei e nunca me atrevi a fazer.

Verifico a casa pela última vez. Pego a mochila do chão e subo em meu mais novo bebê, uma Harley, novinha. Quero viver cada dia com a emoção de que fosse o último e adoro a sensação de liberdade que essa moto me traz.

Desde a adolescência admirava belezinhas como essa. Até mesmo cheguei a pegar emprestada a moto de um de meus amigos, mas minha mãe ficara furiosa na época e proibiu firmemente que comprasse algo parecido. E entre enfrentá-la e ter um pouco de paz, optei pelo caminho mais cômodo. Agora, noto como sempre fui o bom moço irritante, sempre fazendo e me comportando como ela queria. Sempre acatando o que os meus pais exigiam. Até mesmo Charles, acha que sabe o que é melhor para mim.

Observando tudo com frieza, sinto-me envergonhado de como fui apático, sendo controlado por quase toda minha vida. Tenho sorte de amar a minha profissão ao qual praticamente me obrigaram a exercer para assumir a empresa ao lado do meu irmão, ou seria frustrado pessoal e profissionalmente.

Mas agora estou liberto de todas as prisões e convicções que me mantinham. Meu lema agora é viver *sem limites* e, comecei por essa moto.

Prendo a mochila e saio da propriedade. Dirijo com certo cuidado até chegar à estrada principal. Em um instinto animal, acelero além do limite permitido e deixo as emoções tomarem conta de mim. A sensação de liberdade é indescritível. Um dos meus maiores arrependimentos é não ter investido nesse sonho antes, assim que me tornei financeiramente independente.

Chego à cidade com quase metade do tempo e com certeza com algumas multas. Vou para uma

área comercial onde há um conjunto de galerias, deixo a moto estacionada e sorrio ao ver o olhar abobalhado de alguns garotos em direção a ela. Eles ficam eufóricos ao redor, avaliando cada detalhe.

Lanço um olhar ameaçador para eles, uma indicação de que podem olhar, mas nem sonhem em tocar. Se eu estivesse usando meu terno habitual tenho certeza que eles ririam da minha cara e até mesmo me chamariam de tio. Embora nossa diferença de idade não deva passar de no máximo uns dez ou doze anos. Contudo, em minha calça jeans rasgada e desbotada, camiseta preta, botas, jaqueta de couro, cabelos desalinhados pelo vento, devem me dar um ar de perigo a caminho. Pois eles se afastaram rapidamente.

Sigo para o box Z-17, tenho hora marcada com o dono que me foi muito bem recomendado por Peter, um dos meus melhores amigos. Uma jovem baixinha, rechonchuda, de cabelo roxo está sentada na pequena recepção. Ao me ver levanta-se imediatamente, abre um sorriso e lança um olhar sedutor em direção a mim. Parece mais engraçado do que sexy.

— Tenho hora marcada com Steve — informo-a.

— Ah... — ela sorri pegando uma agenda em cima do balcão — Qual seu nome?

— Delaney — retribuo o sorriso — Richard Delaney.

— Ah claro — a jovem risca o nome na agenda — É só entrar, Steve já está esperando por você.

Vou na direção que ela me indicou e bato na porta. Uma voz grave me diz para entrar. O estúdio apesar de pequeno é muito bem organizado. Há um gabinete branco próximo a uma janela. Perto da porta no meu lado esquerdo há uma maca inclinável, uma cadeira giratória e ao lado, uma mesa com rodas onde há vários equipamentos.

Um homem grandalhão coberto de tatuagens vem em minha direção. Em sua orelha esquerda há um enorme alargador e em suas sobrancelhas, alguns piercings.

— Você deve ser o Richard? — ele estende a mão, cumprimentando-me.

— Sim — respondo — Peter indicou seus serviços.

— Peter é um cara legal. Você tem alguma tatuagem ou é a primeira?

— Primeira — respondo, constrangido. Pelo seu olhar, acho que ele acredita ser um sacrilégio, nessa idade, eu ainda não ter uma.

— E o que quer fazer? — Steve cruza os braços, encarando-me como se não acreditasse que irei até o fim — E onde quer fazer?

Explico a ele qual a imagem. Ele fica surpreso com minha escolha.

— Tem certeza? — ergue uma sobrancelha — Irá cobrir quase toda a área das costas.

— Sim, eu tenho certeza — afirmo.

— A região em torno da costela costuma doer um pouco — Steve previne — Algumas pessoas costumam beber algo para aliviar a dor. Temos um bar aqui se quiser?

— Não — recuso, rapidamente — Obrigado, mas sem bebidas ou anestesia.

Se eu quero viver e passar por todas as aventuras, que seja completamente consciente. Mesmo que tal experiência possa causar algum tipo de dor. Afinal, sou um homem e não um rato.

Quatro horas depois, de muita dor e arrependimento por ter recusado a bebida, Steve finaliza o trabalho, protegendo a tatuagem com plástico, fixando-o com uma fita cirúrgica.

— Ganhou meu respeito, cara, aguentou firme. A primeira tatuagem que fiz saí trançando as pernas — ele mostra uma águia tatuada em seu bíceps — Use essa proteção por apenas uma hora, depois disso, retire a bandagem e deixe que a pele respire — ele me diz, quando me levanto, sentindo toda

região das costas queimando.

— Faça limpeza três vezes ao dia — ele continua, enquanto admiro o trabalho no espelho — Use essa pomada para cicatrização.

Pego a pomada que ele me entrega e guardo no bolso da jaqueta. Dou uma última olhada no espelho e visto a camiseta.

Se minha mãe visse o desenho em minhas costas agora, cairia dura. Sinto uma alegria sádica ao imaginar a cena.

— Você fez um excelente trabalho.

— Que nada — Steve parece ficar, encabulado — Você foi bem corajoso. Como disse antes, conheço homens cheios de tatuagens que não enfrentam a agulha sem cair de bêbado.

Steve me faz mais algumas recomendações e saio em seguida. Pago a garota na recepção e vou para o estacionamento. Os adolescentes já não estão próximos à moto, então eu subo e sigo em direção ao meu apartamento.

Estaciono na vaga reservada a mim e vou na direção dos elevadores. Cumprimento o concierge assim que entro no hall. Desço na cobertura, digito o código de segurança na porta e entro.

Tenho uma cobertura ampla e elegante, decorada em tons de bege, branco e marrom. No andar de baixo está a sala com um conjunto de sofás branco e almofadas marrons, uma mesa de centro negra, e uma TV LCD 52 polegadas. Do outro lado, há uma sala de jantar com uma mesa oval. As paredes da sala de jantar são de vidro e dão acesso a uma sala de estar com poltronas de madeira e almofadas, uma pequena mesa quadrada e há uma vista privilegiada da cidade, além de uma piscina retangular.

No andar superior ficam as suítes, dois quartos de hóspedes e meu escritório. Vou para o quarto, dispenso a banheira redonda, retiro o plástico que cobre a tatuagem e tomo uma chuveirada. Passo a pomada nas costas e vejo que o local que antes estivera muito irritado e vermelho começa a clarear. A ardência também diminuiu ou talvez eu esteja me acostumando ela. De qualquer forma, resolvo cancelar meu encontro para essa noite.

Maggie, uma modelo que me foi apresentada pela noiva de Liam, não ficou muito feliz com a notícia, mas aceitou remarcar para o dia seguinte.

Sem disposição para cozinhar ou pedir comida pelo telefone vou até a cozinha e coloco um congelado no microondas. Agradeço aos céus por Janine, a governanta, ter se lembrado de meu retorno e ter abastecido a dispensa.

Pego duas garrafas de Badger Gold, faço um prato e vou para sala. Ignoro a sala de jantar e me jogo no sofá. Ligo a TV, sintonizo no canal de esportes. Está passando um jogo de basquete, os Knicks estão enfrentando New Jersey Nets e estão ganhando de 34 a 28.

Espreguço-me no sofá e concentro-me no jogo. Já que não terei uma linda mulher para aquecer a noite, cerveja e jogo na tela plana terão que ser o suficiente.

Por volta de oito horas da noite do dia seguinte, paro minha Harley em frente a uma casa elegante. Uma jovem ruiva surge e me olha com espanto.

— Onde está o seu carro? — ela faz biquinho — Nós não vamos nessa coisa, não é?

Olho para minha moto e para ruiva em seu vestido de seda azul. Realmente a combinação parece esquisita. Mas qual o problema? Onde está o senso de aventura dela?

— Sim — respondo com um sorriso irônico — Iremos.

— Com certeza, não — Maggie bate o pé — Nós iremos com o meu carro!

— E onde acha que deixarei minha moto? — pergunto, num tom irritado.

— Ah, qualquer lugar — ela cruza os braços — Deixa aí mesmo, na rua. Eu que não vou estragar um Prada por causa de uma moto ridícula.

Ridícula? Minha Harley, que custou cem vezes mais do que esse pedaço de pano que ela está usando. E essa esnobe e arrogante mulher chamou meu bebê de ridícula? Não! Maggie não tem nenhum espírito de aventura. Portanto, não vou estragar minha noite com essa jovem fútil e suas conversas chatas, nem mesmo por sexo.

— Quer saber Maggie? — subo na moto, enquanto ela me encara com olhar atônito — Eu vou me divertir. Você pode ir para onde quiser.

Na verdade, gostaria de dizer que ela poderia ir para puta que pariu! Mas mesmo sentindo-me um bad boy, ainda sou educado.

— Richard! — ela berra, batendo o pé — Volte aqui!

Escuto sua voz ao fundo, acelero o motor, o único som que eu quero ouvir é esse, gemendo rua afora. Meia hora depois ainda estou muito irritado e sem saber para onde ir quando o telefone vibra no bolso da minha jaqueta.

— Oi Peter — estaciono e atendo.

— Onde você está? — murmura ele — Levei um fora hoje. Que tal sairmos à caça?

Sair à caça para Peter é ir às casas noturnas a procura de mulheres lindas. Alguns meses atrás acharia aquilo imaturo, mas hoje e nesta nova fase da minha vida, a ideia me parece muito interessante.

— Estou em algum lugar entre Manhattan e o Bronx. Deixe-me ver — olho em volta, mais à frente há uma casa noturna. O letreiro luminoso pisca indicando o nome do clube — Estou perto de um clube chamado, Seduction.

— Já ouvi falar dele — ele responde — Espere-me aí. Estou por perto. Se nós não gostarmos, vamos a outro lugar.

— Certo — murmuro — Espero você lá dentro.

Desligo e conduzo a moto para o estacionamento privado. Há um relativo entra e sai lá de dentro. Apesar de a fachada ser um pouco cafona, por dentro é aceitável. Todo ambiente é decorado em vermelho sangue e dourado. Há um enorme bar com balcão, algumas mesas em frente ao palco e os toalhetes à direita. Vou para o bar e peço um energético, na verdade, gostaria de um uísque duplo, mas estou dirigindo, essa é uma das desvantagens em dispensar o motorista.

Bebo o energético e assisto ao show. Uma garota oriental faz um show sensual enquanto alguns homens afoitos gritam em direção a ela. Após sua apresentação as luzes se apagam. Sinto uma mão deslizar pelo meu braço de forma sedutora. Uma loira platinada está sorrindo para mim.

— Está sozinho querido? — ela ronrona, oferecendo os seios, que saltam de seu enorme decote — Por que não me paga uma bebida?

Faço um sinal positivo para o barman e devolvo sorriso a ela. Apesar de muito bonita, não faz meu tipo. Loira demais para mim agora. As loiras me fazem lembrar Patrice, isso me dá urticária.

Nesse momento, as luzes no palco apagam novamente, uma nova apresentação irá começar. Olho mais por curiosidade do que para apreciar o show, afinal, todas as mulheres ali devem fazer a mesma coisa. Afasto-me um pouco da jovem loira e vou em direção as mesas perto do palco. Sento-me em uma cadeira qualquer e observo uma jovem subir as escadas em direção ao palco. A iluminação fraca só me permite observar sua silhueta. Quando ela se fixa ao lado do mastro de pole dance as luzes se acendem em cima dela.

Putaque pariu!

À minha frente, a verdadeira personificação de Afrodite. E quando eu falo linda, é linda mesmo. E estou acostumado a cruzar com mulheres deslumbrantes, mas essa vai além. Ela é quente!

Seus cabelos negros estão presos em um rabo de cavalo, que balança levemente, conforme ela se movimenta. Um pouco mais alta que a maioria das mulheres, facilmente se passaria por modelo. As pernas a mostra são esguias e perfeitas. Imediatamente a imagino em minha banheira cheia de espumas, com essas pernas divinas, rodeando minha cintura.

Sua boca é carnuda e em forma de coração. Uma boca perfeita para beijar e ser beijada. Penso como seria ter essa boca que parece ser macia como seda, chupando meu pênis. Porra! Com esse pensamento, remexo-me na cadeira em busca de uma posição mais confortável.

A música começa, o som da guitarra de Jimi ecoa no salão. A linda morena começa sua apresentação no pole dance.

Caralho! Se antes apenas vendo-a com sua roupa de couro sensual eu já tinha ficado excitado. Agora, observando-a dançar, subir e descer em volta do mastro, sempre com os olhos cravados em mim, como se me fizesse uma apresentação exclusiva, está me levando à loucura. O desejo corre pelo meu sangue. Puro e quente. Ergo meu copo e faço um brinde em sua direção. Lanço meu melhor olhar de: *Eu vou foder você e vai implorar para que nunca termine.*

Vejo-a subir no mastro e enrolar as penas no topo. Em seguida fica de cabeça para baixo, segura os seios entre as mãos e gira a cabeça de forma sensual. Mordo meus lábios para conter um gemido de desejo. Nesse momento, nossos olhos se cruzam. A jovem gira em torno do mastro e fica de costa para ele, deslizando de forma erótica. A apresentação continua e eu me seguro não me masturbar ali mesmo. Porra, o que está acontecendo?

— Deseja outro drinque, querido? — pergunta uma voz feminina, atrás de mim.

Sem olhar para mulher peço que busque um drink tropical e entregue a jovem morena, assim que ela descer do palco. A dança e música continuam de forma frenética e alucinante.

Estou completamente enfeitiçado por essa garota. *Feiticeira*. O show termina, as luzes se apagam e ela some na escuridão. Tenho a sensação de abandono. A loira volta a falar alguma coisa em meu ouvido, mas ignoro. Olho em direção as escadas e vejo uma mulher oriental entregar a bebida a minha musa. Nossos olhos se cruzam novamente. Vejo-a virar o copo e para minha surpresa, sair correndo. Levanto-me rapidamente, vou em direção onde ela estava. Chego a tempo de vê-la entrar em uma porta com o aviso de: *Restrito não entre.*

Pouco me lixando para isso vou em direção à porta. Uma mão macia me para.

— Não pode entrar aí, querido — a jovem oriental me previne.

— Preciso falar com a garota — digo, angustiado.

— Paige? — vejo-a enrugar a testa — Foi para o camarim. Você não pode entrar.

Paige? Então esse é o seu nome. Tenho vontade de mandar a mulher a minha frente ir para o inferno, entrar com ou sem permissão e encontrar a linda morena. *Paige*. O nome desliza sobre meus lábios, como mel. Sinto-me frustrado e irritado pela segunda vez nessa noite.

— Pode dizer a ela que estou aqui fora, a esperando?

— Eu posso dizer... — ela começa a dizer, analisando-me de cima a baixo — Mas Paige não sai com clientes.

— Faça o que pedi — coloco uma nota de cem dólares entre os seios dela e sorrio.

A jovem sorri de volta e corre porta adentro. Dez minutos depois e com a paciência esgotada vejo

a oriental sair com uma ruga de preocupação na testa. Segura a nota que eu dei como a própria vida.

— Paige já saiu — a jovem informa, apertando a nota contra o peito.

— Não vi ninguém passar por aqui? — resmungo, irritado.

— Deve ter usado a porta lateral — ela murmura — Procurei o camarim inteiro e ela não está lá.

— Tudo bem. Sabe para onde foi? — digo com frustração. Talvez ainda consiga encontrá-la.

Aquela jovem não pode dançar à La Salomé exclusivamente para mim e esperar que eu fique imune a isso. *Não*. Aquela maldita provocadora tem que saber o que acontece quando se com alguém como eu.

— Acho que foi para casa — a jovem responde, receosa — Há um ponto de ônibus perto daqui.

— Obrigado — respondo e viro em direção à saída — Pode ficar com o dinheiro.

— Espere! — ela grita atrás de mim — Não vai fazer mal a ela, não né?

Pergunta estúpida! Ela deveria ter verificado isso antes de me passar qualquer informação. Acredito que tenho algo mais para ensinar a jovem do que apenas a brincar com fogo. Como pode ser tão descuidada ao ponto de colocar sua vida em risco? Estamos em uma das áreas mais perigosas da cidade, droga. Será que não havia se dado conta disso?

Encontro-me com a loira parada na porta. Vejo que está alterada demais para meu gosto. Quantos copos ela já havia bebido? Isso não me importa, a única coisa que quero é encontrar minha feiticeira novamente. Por que a maldita deve ter lançado algum feitiço sobre mim.

— Onde você estava, querido? — a loira segura meu braço — Procurei-o por toda parte.

Ignoro a pergunta e vou em direção à rua. Vejo logo à frente um ponto de ônibus e nele está minha musa. Ainda mais linda se possível, em sua calça jeans e camiseta. Os cabelos negros caem em uma cascata sedutora, pelas costas. Livro-me da loira e caminho em direção a ela. Nossos olhos se cruzam novamente. Um ônibus passa privando-me de observá-la por alguns instantes. Meu coração dispara, corro até o ponto e vejo-a entrar no ônibus. Antes eu possa fazer alguma coisa, ele se põe em movimento. Vejo a jovem se sentar encarando-me com um sorriso travesso. Seus olhos são verdes. E que olhos. Verdes como uma esmeralda, intrigantes e sedutores. Em seguida ela lança-me um beijo no ar, provocando-me.

Cinco minutos depois, ainda encontro-me estático, no mesmo lugar, enquanto eu encaro a rua a minha frente, ainda sem acreditar no que aconteceu. A maldita feiticeira, havia me deixado sozinho, na rua, com cara de idiota.

Meu celular vibra, tirando-me do transe que me encontro.

— Richard? — a voz de Peter ecoa do outro lado da linha — Desculpe cara. Tive que fazer um favor para o Neil.

— Tudo bem Peter — murmuro, contrariado — Estou indo para casa de qualquer forma.

Minha noite já estava arruinada mesmo e a culpa era de uma morena arrebatadora e provocadora.

— Cara, me desculpe, mesmo. Podemos sair amanhã se quiser.

— Claro — caminho em direção ao estacionamento, com uma ideia em mente — No mesmo lugar?

— Nossa... — Peter começa falar com um tom divertido na voz — Então você gostou mesmo do lugar? Agora estou curioso para saber por que.

— Gostei mais do que você possa imaginar, Peter — sussurro, com um sorriso maroto no rosto — Mais do que possa imaginar.

Tenho certeza de uma coisa na vida. *Os homens não são criaturas confiáveis.*

Eles são como lobos, devoram garotas frágeis e inocentes e, por mais bonitos que sejam ou mais românticos que aparentam, só querem uma coisa. *Foder você!* Foder dentro e fora da cama. E depois de nos usar, eles se cansam, descartam, como uma mobília velha, trocando-nos por qualquer peituda que apareça.

Então meu lema é: *Uso, abuso e caio fora!* Bem será, já não saí com mais ninguém desde o calhorda do meu ex.

Nada de romantismo ou até que a morte nos separe. Sem casas com cerquinhas brancas, várias crianças gritando pelo jardim, cachorrinhos e todo esse conto de fadas que as pessoas tolas idealizam, que eu secretamente, um dia idealizei.

Então por que justamente agora, esse homem lindo e misterioso havia conseguido mexer comigo ao ponto de me fazer querer fugir de medo? Por que seus olhos azuis sedutores e o sorriso torto, haviam feito com que sentisse um imenso calor subir pelo meu corpo?

Nada estava dando certo e para piorar o fim daquela noite, encontrei um homem estranho parado em frente ao apartamento de minha melhor amiga. O mesmo não queria permitir minha entrada e só após gritos, protestos e ameaças da minha parte me encontro dentro do apartamento dela ouvindo a história mais absurda do mundo.

— Eu não sabia que esse homem estava aí fora — Jenny interrompe meus pensamentos.

— Então ele a salvou de Kevin, arrombou a porta e colocou um guarda costas aí na frente da sua porta? — digo, tentando assimilar tudo o que Jenny está me contando. E eu que pensei que minha noite havia sido louca.

— Basicamente isso — ela cruza os braços.

— Uau — murmuro — Acho que você realmente impressionou o homem. Parece história de folhetim. A jovem em perigo e o príncipe em seu cavalo branco.

— Paige, o assunto é sério — Jenny morde os lábios.

— Tudo bem — murmuro — Só quis desconstrair um pouco. Mas fique tranquila, vou passar a noite aqui com você. Se esse homem aí não for embora ou o outro aparecer por aqui, nós ligamos para polícia.

— Não acho que seja preciso tanto. Afinal, esquisito ou não ele me ajudou. Duas vezes. Creio que uma conversa será o suficiente.

— Veremos isso amanhã. Estou cansada — digo, bocejando — É melhor dormimos um pouco. A noite foi longa e turbulenta para nós duas.

Estou tão cansada que adormeço assim que desabo no sofá. Meu último pensamento é em uma imensidão azul.

Acordo nua como sempre, com minhas roupas espalhadas pelo chão e não faço a mínima ideia de

como foram parar ali. Visto minha camiseta e calça jeans. Não é porque Jenny é cega que vou sair andando nua por sua casa. Ainda mais com aquele homem lá fora.

Olho pela janela e vejo que já amanheceu. Jenny já está acordada, seus cabelos estão úmidos e presos em um rabo de cavalo, concluo que acordou há algum tempo. Está sentada próxima a janela e parece perdida em seus pensamentos. Levanto-me e sinto um aroma delicioso de café vindo da cozinha.

— Bom dia, Jenny. Que cheiro ótimo.

— Bom dia, Paige — Jenny diz, sorrindo — O café está pronto.

Antes de me deliciar com o café que ela havia preparado, vou para o banheiro, lavo o rosto, pego uma escova que mantenho ali e escovo os dentes. Pode parecer estranho que eu tenha uma escova de dentes em seu banheiro, mas passo mais tempo ali com ela do que em minha própria casa.

Somos como Jenny me diz: amigas almas gêmeas. Ambas sozinhas, sem família e desiludidas no amor. Exceto por nosso único e melhor amigo gay Paul, que passa a maior parte do tempo viajando para participar de campeonatos de arte marciais, então só temos uma a outra. Que deprimente.

Volto para cozinha e devoro os ovos com bacon que ela havia feito. Ainda fico impressionada com todas as habilidades de Jenny. Além de cuidar da casa com perfeição era ótima na cozinha. Bem diferente de mim. Sou péssima cozinheira e nada organizada. Tudo bem, eu não vivo em um chiqueiro, mas tenho roupas e sapatos espalhados para todos os lados, sempre com uma promessa sincera de que vou organizar tudo.

— Estava divino — suspiro, revirando os olhos.

Antes que ela possa responder, ouvimos batidas na porta. Um homem grita seu nome, insistentemente. Pelo seu olhar consternado, imagino que seja o mesmo que a ajudou na noite anterior.

— Se quiser eu posso atender — tento tranquilizá-la.

— Não — ela se levanta — Eu faço isso.

Observo-a caminhar até a porta. Sigo-a e sento-me no braço do sofá, mantendo uma distância segura, para caso precise de minha ajuda.

— O que faz aqui? — ouço-a dizer, assim que abre a porta.

— Deixe-me entrar — a voz grave dele, soa autoritária, através da porta entreaberta.

— Não! — Jenny diz, tentando fechar a porta.

Estou pronta para enfrentá-lo e colocá-lo em seu devido lugar quando ele a afasta e entra em seguida.

— Não foi um pedido, Jennifer — diz ele, contrariado. Pelo que percebo, não é um homem acostumado a ouvir não.

— Mas o que está fazendo... — ouço Jenny gaguejar assim que ele passa por ela.

Ele caminha como se fosse o dono do mundo. Agora posso observá-lo perfeitamente. Jesus! O homem é realmente bonito. Olhos e cabelos negros, queixo quadrado e andar sedutor. No entanto, apesar de toda sua beleza máscula, ele não mexe comigo como o bad boy da noite anterior. Que cacete! Já não basta John ter me traumatizado para qualquer relacionamento, agora isso. Significa que o bad boy havia me balançado mais do que gostaria. Isso não é uma coisa boa. Não mesmo.

— Quem é você? — ele pergunta, ríspido.

— Paige Fisher — respondo, um pouco intimidada.

— Sr. Durant — Jenny caminha até mim.

— Neil. Chame-me de Neil, Jennifer — ele desvia os olhos de mim e volta a encarar Jenny.

— Não importa — Jenny volta a enfrentá-lo — Não pode invadir minha casa e interrogar meus amigos.

Meus olhos vão de um para o outro, enquanto encaro espantada a briga que desenrola na sala. Estou realmente presenciando isso? A doce e controlada Jenny, ardendo em fúria?

Aliás, só agora me dou conta de que esse nome me parece familiar. Já ouvi em algum lugar, apenas preciso me lembrar de onde.

— Amiga? Que tipo de amiga deixaria a outra amiga cega, andar sozinha à noite, ser atacada e dormir na rua? — diz ele, enfurecido.

O quê? Pera ai...? Quem ele pensa que é para vir aqui e dizer se sou ou não uma boa amiga. Havia insistido fervorosamente para que Jenny não fosse se encontrar com Kevin, e até mesmo insisti em ir com ela. Tudo bem que deveria ter insistido com mais ênfase ou tê-la seguido sem que me visse, mas isso não faz de mim uma péssima amiga. Faz?

— Eu não dormi na rua — Jenny sibila.

— Não graças a ela — aponta para mim, a raiva saindo por todos os seus poros.

— Neil... — começo a tentar esclarecer como as coisas realmente haviam acontecido.

— Sr. Durant para você Srta. Fisher — ele me encara duramente.

— Sr. Durant, eu estava trabalhando — tento explicar novamente. Caramba, eu já tinha recebido uma última advertência, se não aparecesse estaria na rua.

— Vai me dizer que ela é a sua tia? — ele diz, ironicamente.

— Eu agradeço o que fez pela Jenny, mas eu avisei para ela não ir se encontrar com Kevin...

— Fique quieta, Paige. Não é da conta dele — Jenny diz, rispidamente.

Calo-me diante de sua voz áspera. Alguma coisa realmente está acontecendo com ela. Jenny nunca havia me tratado assim antes.

— Já que salvei sua vida, mais de uma vez, creio que seja da minha conta sim, Jennifer — ele parece indignado.

— Não, não é. Pegue seu leão de chácara e saia daqui — ela ruge.

— Inferno, mulher! — Neil diz, exasperado.

— Eu agradeço o que fez, mas termina por aqui — Jenny se coloca ao meu lado e segura minha mão como se precisasse de apoio, noto que sua mão está gelada e trêmula.

O celular dele toca e ele atende, com irritação.

— Agora não Penélope — diz ele, severo — Mande-o aguardar. Estou indo.

Quem será essa tal Penélope?

— Não terminamos ainda. Vou enviar algum segurança da empresa até aqui Jennifer — ele me encara com olhar ameaçador — Estou de olho em você, também.

Eu não sei se dou risada ou se choro. Ele parece um homem das cavernas em volta da fêmea, para que ninguém a tocasse. O sentimento de posse que ele está demonstrando para com ela é impressionante e assustador ao mesmo tempo.

— Mas Sr. Durant, o que está pensando? — Jenny diz, indignada.

— Não vou aceitar sua recusa, independentemente de você querer ou não, enviarei alguém aqui. Quero que fique segura até pelo menos nos encontrarmos novamente. Entendeu?

Seu olhar volta incisivamente para mim. Encolho-me no sofá, por algum motivo, esse é um homem a qual não desejo enfrentar no momento ou em qualquer outro.

— Mas... — Jenny começa.

— Sem mais, apenas aceite. Meu segurança estará aqui em breve — ele diz e sai em seguida. Afundo-me no sofá e respiro fundo. Que merda é aquela que havia acontecido?

— Estúpido e idiota! — Jenny grita para porta fechada — Imbecil!

Tudo bem, eu não sei se estou mais confusa por tudo que aconteceu ou pela reação intempestiva dela. Jenny está totalmente nervosa e fora de controle.

— Nossa! Nossa! — encaro-a com curiosidade — A senhorita Jenny está abalada?

— Quem ele pensa que é? — ela senta no sofá ao meu lado — Estúpido! Arrogante! Imbecil!

— Boa pergunta. Quem ele é? — corro para o celular na mesinha — Vamos descobrir agora.

Pego celular e jogo o nome dele no Google. Milhares de fotos do Sr. Durant surgem. Em vários eventos e festas e com algumas mulheres, todas lindíssimas.

— Neil Durant presidente de umas das maiores companhias de tecnologia e segurança do país, dono de alguns hotéis de luxo e recentemente se enveredou pelo campo da aviação, tornando-se sócio da mais nova companhia de aviação e ascensão do país — leio as informações de um site de fofocas.

— Casado com Sophia Durant, herdeira de uma das famílias mais tradicionais da cidade, também é conhecida por suas festas e escândalos. Dizem que atualmente está em uma clínica de reabilitação. O casal tem uma filha deficiente de oito anos. Fontes nos garantem que o casamento anda de mal a pior e que ambos não se interessam mais em esconder os relacionamentos extras conjugais.

Há outras informações, mas resolvo parar por ali. Não sei o quanto daquilo tudo é real, já que mídias como essa, costumam inventar mais, do realmente apurar a verdade.

— Ele é casado? — Jenny pergunta, torcendo os dedos.

Oh, oh. É decepção que vejo em seus olhos?

— Ele mexeu com você não é? — pergunto, pesarosa.

— Não — ela vira de costas para mim — Apenas não imaginei que fosse casado, só isso. Agindo do modo que agiu.

Mentira! Se há uma coisa que consigo farejar é quando ela está mentindo. Ela é totalmente transparente. Bem, ela poderia tentar se enganar, mas a mim ela não conseguiria. Eu senti muito bem a eletricidade entre eles. E pelo jeito que o Sr. Durant agiu em torno dela, vejo que o sentimento é recíproco. Que infortúnio. Espero que ele não venha querer brincar de Romeu e Julieta com ela, isso eu não permitiria.

— Como ele é Paige? — Jenny vira em minha direção novamente. Seus olhos perdidos além de mim.

— Alto, moreno, olhos negros, musculoso e *muito bonito*.

Sua reação não passou despercebida a mim. Sinto vontade de interrogá-la e saber o que realmente acontece em seu interior, no entanto, decido dar o espaço que ela precisa. No momento, precisamos resolver o que faríamos com *senhor faça tudo o que eu mando*.

— Você acha que ele irá cumprir o que disse? — pergunto, ansiosa — Mandar um segurança até aqui. A bruxa do trinta e seis vai adorar isso.

A bruxa que me refiro, é uma velha fofoqueira chamada Veronica, que mora sozinha no apartamento trinta e seis. Seu passatempo favorito é falar da vida de todas as pessoas que moravam aqui e brigar com o síndico a toda hora.

— Isso não me importa — ela finge, indiferença — Com certeza ele acha que serei mais um dos seus casinhos ridículos.

Interessante. Então a possibilidade passou pela cabeça dela?

— Pelo menos, tomara que ele envie um homem bonito — dou risada. Talvez outro homem bonito me faça esquecer o irresistível bad boy. Droga, por que eu tinha que pensar nele?

Olho para relógio e vejo que está na hora de buscar os cachorros para o passeio no parque. Faço isso duas vezes por semana e me rende uma grana extra. Antes de sair certifico-me de que Jenny está bem e vou para meu apartamento tomar banho e trocar de roupa.

Após uma hora caminhando, na verdade, quase correndo pelo parque com três cachorros, eu retorno ao meu apartamento a fim de finalmente fazer uma faxina. Ligo o MP3 do celular e começo a arrumar a casa ao som da playlist.

Três horas depois, com fome e cansada resolvo ir até o apartamento de Jenny. Para minha surpresa há mesmo um homem parado em frente à porta dela. Ele é mais jovem que o anterior, alto, careca e bonito. Não tão bonito como Neil e meu bad boy, mas faz bem aos olhos. E outra vez não mexeu em nada comigo.

Inferno! É o segundo homem bonito que vejo no dia que não me faz sentir as pernas bambas como meu lindo misterioso.

— Olá — cumprimento-o, ele balança a cabeça e se afasta para que eu entre.

Conto a Jenny que há outro homem parado em sua porta e, ela não parece surpresa ao saber que Neil havia cumprido a promessa e enviado o segurança.

Almoçamos juntas, o dia passa rapidamente e apesar de minha curiosidade, ela decide não falar sobre Sr. Durant ou tudo o que havia acontecido mais cedo.

Por volta das sete horas, preparo minha mochila com a roupa da apresentação de hoje e volto ao apartamento dela para que possamos ir juntas ao trabalho.

— Estou tão feliz por hoje ser sua última apresentação Jenny. Aquele lugar não é ambiente para você.

— Apesar de tudo, tive bons momentos ali — ela sorri — Mas essa oportunidade no restaurante é muito importante. Em breve poderemos sair daqui.

Estamos guardando dinheiro a mais de seis meses. O prédio não é um lugar muito seguro e o zelador não contribui em nada para garantir a segurança dos moradores.

— Estou pensando em me candidatar a uma vaga da lanchonete perto da faculdade. É na parte da tarde e ainda poderei fazer o bico com os cachorros.

— Outro emprego Paige? — Jenny resmunga — Por isso vive caindo pelos cantos. Não sei como ainda não ficou doente.

— Quanto mais rápido conseguirmos o dinheiro, mais rápido sairemos.

Seguimos para o ponto de ônibus. Estou nervosa, será que o homem que vem atormentando meus pensamentos durante todo o dia apareceria no clube? E o pior, o que eu faria em relação a isso? De qualquer forma, talvez esteja dando importância demais ao assunto. Nunca vi o pedaço de mal caminho de ontem por ali antes e, não há motivos para que ele volte.

Bem, fugir novamente está fora de cogitação. Não posso desaparecer como fiz na noite anterior, pois Jenny está comigo. Se deixá-la sozinha, o brutamontes do Neil me mata. E eu nem havia contado a Jenny que o segurança estava nos seguindo, mesmo que de longe e discretamente.

Uma hora depois chegamos ao clube, vamos direto para o camarim.

— Ah Jenny, vou sentir muito sua falta — Mayume diz, abraçando-a — Que pena que está indo embora.

Mayume é uma das poucas amigas que temos no Seduction e tenho certeza que suas palavras são sinceras.

— E você Paige? Fugindo daquele deus grego. Ai se ele olhasse para mim como olhou para você — Mayume suspira.

— Homem? — Jenny se desvencilha do abraço de Mayume e vira em minha direção — Que homem?

Lanço um olhar furioso em direção a Mayume. Ela e aquela boca grande.

— Ninguém importante — digo, remexendo na caixa de maquiagens.

— Como ninguém importante? — Mayume continua, sem perceber meu olhar mordaz — O homem me deu cem dólares só para chamá-la. Eu guardei para pagar você, Paige. Consegui levantar um dinheiro extra.

— Obrigada — digo pegando a nota — Tem certeza que não vai precisar?

— Sempre precisamos não é? E eu devo você há muito tempo — ela diz, constrangida — Além do mais, não sei quando terei uma gorjeta tão alta assim novamente.

Guardo o dinheiro entre os seios, deixar na minha mochila seria muita burrice. Furtos ali eram algo constante.

— Por que não me contou sobre esse homem, Paige? — Jenny insiste.

— Como já disse, não é ninguém importante — encerro a conversa.

Visto meu traje para aquela noite, um vestido preto de franjinhas, sandália de tiras e salto agulha. Faço uma maquiagem marcada, ressaltando os meus olhos verdes.

— Está pronta? — Jenny está espetacular em seu vestido de couro vermelho e o cabelo preso em um rabo de cavalo.

— Sim.

Saímos em direção ao palco. Ed o proprietário anuncia aos presentes que este será o show de despedida dela. Os homens vão à loucura.

Ajudo a subir as escadas, sei que dali em diante ela pode se conduzir facilmente.

— Sai daí, agora! — ouço um grito enlouquecido às nossas costas.

— Sr. Durant — encaro o homem furioso atrás de mim. O que esse maluco está fazendo aqui? E como ele sabia onde estávamos? Ah, claro o segurança que havia passado o dia todo plantado no corredor em frente ao apartamento dela e que nos seguiu até aqui.

— Como pôde arrastá-la para isso? — ele me pergunta com olhar mortal.

Antes eu que possa responder, ele caminha até a beirada do palco e agarra os tornozelos de Jenny. Ela continua a caminhar ignorando-o. Estou entre confusa e completamente atônita.

— Solte-me — diz Jenny, tentando se soltar sem sucesso. Vejo-a desequilibrar e cair de bunda no chão.

— Ai! — ela geme. Creio que mais de humilhação do que pela dor em si.

— Chega disso! — Neil diz, colocando-a em seu ombro.

A cena a seguir me deixa petrificada. Ele coloca Jenny no chão e desfere um soco em um homem que tentou interpelar seu caminho. Depois disso é um mar de braços, pernas e socos para todos os lados.

E em um caso como esse, sempre há aqueles que querem tirar proveito, eu sinto uma mão asquerosa tocar meus seios.

— Tire as mãos de mim! — grito, tentando empurrá-lo.

Um homem calvo, com uma barriga saliente, devora-me com olhar. O cheiro forte de álcool vindo dele, deixa-me enjoada. Pior que um tarado, é um tarado nojento e bêbado. E esse ser era as duas coisas.

— Não seja tímida gatinha. Sei que vai adorar o que vou fazer com você.

— Solte a jovem!

Uma voz baixa, mas não menos ameaçadora, soa atrás de mim.

— Cai fora idiota — o homem balbucia, puxando-me contra ele — Vá procurar outra garota.

— Eu disse para você soltar!

Viro em direção à voz rouca e me deparo com aqueles olhos azuis impressionantes. E em poucos segundos vejo o homem voar até uma das mesas.

Ao presenciar isso, dois homens se aproximam de nós. Um é quase da minha altura, mas bastante musculoso, o outro é alto e magro. Acredito que sejam amigos do homem asqueroso que havia me importunado. Vejo meu bad boy desferir um soco no homem alto, que se desequilibra por alguns instantes. O mais baixo se aproxima dele e lhe dá um soco no olho. Ele revida acertando-lhe o queixo. Enquanto isso eu vejo o homem menor se levantar com uma garrafa vazia na mão.

— Cuidado! — grito para meu bad boy, desavisado.

Ele vira-se em direção ao homem com a garrafa na mão e desvia de seu ataque. Incapaz de ser apenas uma telespectadora, eu subo em cima do homem alto, puxando-lhe os cabelos, com toda força. Ele roda por alguns segundos tentando tira-me de suas costas. Agarro a sua cintura com minhas pernas e mordo sua orelha. O homem urra feroz e puxa meus cabelos soltos. Solto um gemido de dor e sinto meus olhos encherem de lágrimas, devido à ardência em meu couro cabeludo.

Nesse momento, percebo que meu bad boy havia finalizado com o cara baixinho, que geme caído no chão, provavelmente com um nariz quebrado. Ele vem até o homem que me segura, desferindo vários socos no abdome para que ele solte meus cabelos. Seu alvo agora é a garganta do meu salvador.

Descruzo minhas pernas em volta da cintura do agressor e desfiro alguns socos em suas costas, enquanto ele continua a brigar com meu bad boy. Após socos de um lado e murros do outro, vejo o homem cair ao chão.

Olho para meu anjo salvador, preocupada com seu estado. Em seu olho esquerdo há um pequeno corte, onde desce um filete de sangue. Seus lábios estão machucados e levemente inchados.

No entanto, o que me destruturou foi o sorriso travesso em seu rosto. Sim, aquele infeliz estava gostando de toda aquela agitação. Como se tivesse sonhado por uma boa briga.

Antes que eu possa falar sobre a imprudência da situação ele se aproxima de mim. Segura minha mão e me puxa para saída.

— É melhor sairmos daqui — ele diz, com euforia — Embora adore uma boa briga, prefiro gastar minhas energias com outras coisas.

— Pera aí — tento me desvencilhar dele — Eu estou trabalhando.

Se bem que agora não tenho tanta certeza. A casa inteira está de pernas pro ar. Cadeiras e mesas quebradas por todos os lados. Copos e garrafas voando em todas as direções, garotas chorando pelos cantos, enquanto homens desferem socos uns nos outros, sem motivo algum.

O salão está em um caos total. Estou impressionada, embora já tenha havido outras brigas ali, afinal estou falando de um clube com mulheres, homens e bebidas, entre outras coisas. Então, é completamente previsível que essa combinação resulte em brigas e discussões algumas vezes, mas a confusão de hoje, ultrapassou todas as expectativas. Em mais de um ano ali e eu não havia visto nada parecido.

— Querida, ou aqueles caras fazem parte de um time de futebol, coisa que eu não creio — ele indica alguns baderneiros do outro lado — Ou fazem parte de uma boa gangue. O que sei, é que não tenho vontade alguma de enfrentar os outros grandões ali. Prefiro ser um covarde vivo a um herói morto.

Olho para o local que ele me disse e vejo quatro homens vindos em nossa direção.

— Puta merda! — murmuro, tentando acompanhar seus passos.

Magistralmente, vejo-o nos desviar das pessoas em volta e caminhar para saída. Vislumbro Mayume encostada contra a porta que dá acesso aos camarins, pendurada em uns dos seguranças.

— Paige! — ouço a voz de Ed a minhas costas e gelo — Eu avisei. Está despedida!

Por todos os deuses do Olimpo, eu não tive culpa de nada. O único culpado era o Sr. Durant, aquele troglodita. E falar no dito cujo, para onde ele havia levado Jenny? Faço uma oração interna para que ela esteja bem e a amaldiçoou por não ter um bendito celular.

Não tenho a chance de responder a Ed, tentaria falar com ele depois. Aqueles homens estão cada vez mais próximos de nós dois. Pelos seus olhares ameaçadores, se nos alçarem, teremos sorte se nosso destino for apenas uma cama de hospital.

Antes que eu conte até dez, sou agarrada pela cintura e em seguida colocada na garupa de uma moto. Não uma moto qualquer, mas *a moto*. Coloco meus braços em volta da cintura dele e a última coisa no meu perímetro de visão são os homens urrando em nossa direção, enquanto meu herói ganha a estrada em alta velocidade.

Sinto o vento em meus cabelos soltos e em minha pele quente. Após alguns minutos ele desacelera e estaciona. Meu coração dispara no peito. Nunca subi na garupa de um estranho e muito menos com um, que mexe comigo de uma forma completamente absurda como ele faz e ainda nem mesmo sei seu nome.

Não sei se é a adrenalina ou a noção de perigo, mas toda situação é extremamente excitante.

— Por mais que esteja linda com esses cabelos ao vento. Eu não quero mais uma multa de trânsito.

Ele pega um capacete pendurado na lateral da moto, com sorriso torto que eu já aprendi a admirar e coloca-o em minha cabeça.

— Sexy — ele sussurra, dando um passo para trás para poder me observar melhor — Incrivelmente sexy.

Encaro-o através do visor. O homem é nada menos que perfeito em sua calça jeans, camiseta branca e jaqueta de couro negra. Merda, aquela sensação entre minhas pernas, pulsa como uma britadeira. Remexo sobre a moto tentando aliviar a sensação que só se intensificou.

Ele coloca seu próprio capacete e ganhamos a estrada novamente. Andamos por cerca de meia hora até chegarmos a um prédio alto, com fachada elegante na região de Manhattan.

Entramos em uma garagem privativa, em seguida vejo-me em um hall de mármore bege.

O concierge de plantão sorri para meu bad boy e me olha maliciosamente. Embora eu tenha vontade de mandá-lo enfiar aquele sorriso debochado em um lugar bem inoportuno, tenho ciência que

minha roupa de show me faz parecer uma garota de programa.

— O que estamos fazendo aqui? — pergunto, asperamente.

Aliás, eu preciso de um nome, não posso passar a vida inteira chamando-o de meu bad boy. E além de tudo, ele não é meu. Controle-se Paige Fisher, digo a mim mesma.

— Você precisa de alguns cuidados — ele sorri, sedutoramente.

— Ah, claro e você vai cuidar direitinho de mim não é? — falo com ironia e certa decepção. Ele só é apenas mais um babaca querendo tirar vantagem da situação — Obrigada, mas prefiro ir para casa.

Antes que eu possa me encaminhar para saída, ele me puxa de encontro a ele outra vez.

— Não farei nada que não queira, sossegue — sussurra, com sua boca próxima a minha, nossos rostos praticamente colados, seu hálito adocicado me inebriando. Canela e café — Seu braço está machucado, pensei apenas em fazer um curativo.

Olho para meu braço esquerdo e vejo um arranhão que eu não havia percebido antes de começar a latejar levemente.

— Mas se quiser, posso deixá-la em um hospital mais próximo.

Bem se o concierge já havia me encarado de forma equivocada o que diria uma recepcionista de hospital? Com certeza concluiria que fui agredida por um cliente violento.

— Posso fazer isso em casa — murmuro, indecisa.

Eu não sou inocente. Isso não terminaria com o curativo. Não sei por que, eu acredito que ele não faria algo que eu não queira. Mas e quanto a mim?

— Srta...?

— Fisher. Paige Fisher — respondo.

— Se eu quisesse fazer algum mal a você não a traria para minha casa e além de tudo com testemunhas — sua cabeça movimenta em direção ao homem parado na recepção.

— Como se chama? Ainda não sei seu nome.

— Richard Delaney.

As portas do elevador se abrem e um casal elegante sai por ele. O homem ruivo com cerca de uns trinta anos e a mulher morena, alta e magra.

Percebo que o homem me olha com olhar de predador, seus olhos saltam para meu decote, fixando em meus seios. Richard coloca o braço em volta da minha cintura em um sentimento de posse. Encara o homem com olhar *olhe, mas não toque*. Hum, possessivo.

A mulher me encarar com olhar de ódio e desprezo. Como se eu tivesse culpa de seu acompanhante ser pervertido. Agindo por impulso enrosco-me no braço de Richard, só para dar uma boa lição naquela riquinha esnobe, e deixo que ele me conduzir para dentro do elevador. Antes que as portas se fecham a jovem bufar de raiva e indignação.

Sinto meu rosto esquentar e sei que estou ficando vermelha, tanto de raiva como de vergonha por minha reação intempestiva. Olho para Richard e noto seu olhar divertido e questionador em minha direção. Eu não sei se é o seu sorriso charmoso, olhos sedutores, o rosto de tirar o fôlego que me deixam claustrofóbica, mas de repente as paredes do elevador parecem me sufocar. Sinto minhas pernas trêmulas e um calor incandescente irradia por todo meu corpo.

— Apenas um curativo — digo a ele.

— Certo — ele responde, como se não acreditasse em uma única palavra minha. Não posso culpá-lo, nem eu acredito.

Chegamos ao sexagésimo oitavo andar, andamos por um corredor largo, passamos por duas portas e paramos na terceira. Observo enquanto ele digita um código de segurança e abre a porta.

Fico de queixo caído literalmente ao atravessar a porta. Apenas a sala de estar é quatro vezes maior que meu apartamento inteiro.

— Entre — ele me empurra para dentro. Confesso que se ele não houvesse feito isso, eu teria ficado a noite toda parada na porta, completamente abismada.

— Fique à vontade — ele sussurra, tirando a jaqueta, jogando-a no braço do sofá.

Ele segue até um bar perto de uma imensa porta dupla de vidro. Admiro seus ombros largos e sinto minhas mãos formigarem. Noto-o servir algo em dois copos de vidro e caminhar de volta para onde estou.

— Acho que precisamos disso — ele sorri, me entregando um dos copos.

Putaquepariu, o homem inventou e patenteou aquele sorriso sexy. Viro o conteúdo cor de mel em um só gole. Engasgo-me e tusso por alguns segundos. Uísque, eu odeio uísque, mas realmente preciso de algo forte para aliviar a tensão.

— Vá com calma — ele ri. O som rouco e sensual me faz sentir as pernas bambas.

— Vamos cuidar disso aqui — ele continua, alisando meu braço.

Não sei se é a bebida ou se estou inebriada por ele, mas sigo-o sem pestanejar. Entramos em um banheiro totalmente branco, duas vezes maior que o meu. Observo-a abrir a porta de um gabinete e tirar uma caixa de primeiros socorros. Sinto o algodão umedecido deslizar pelo machucado em meu braço. Assisto tudo entorpecida. Minha pele se arrepia quando ele finaliza com um Band-Aid e acaricia meu braço.

Seus olhos fixos nos meus. Minha respiração está acelerada e meu coração salta no peito. Sinto sua boca se aproximando da minha lentamente. Sei que ele vai me beijar. Eu desejo que faça isso, desejo desde a primeira vez que o vi.

— Acho que devo retribuir o favor — como uma covarde eu fico de costas para ele e começo a mexer na caixa de primeiros socorros.

Todo meu corpo está tenso devido ao desejo reprimido. Umedeço um pedaço de algodão em um antisséptico e me volto a ele. Seu olhar ainda é ardente e cheio de desejo. Com as mãos trêmulas, deslizo o algodão em seu supercílio machucado. Faço o mesmo procedimento nos lábios e ouço-o gemer.

— Dói? — minha voz soa enrouquecida.

E o que acontece a seguir foge completamente do meu controle. Richard escorrega as mãos até minha cintura e me prende contra ele e a parede.

Sinto seu membro enrijecido entre minhas pernas.

— Muito — ele diz.

Está se referindo mais ao desejo e estado de excitação, do que do seu lábio machucado. Ele esfrega o membro rijo contra minha parte íntima. Céus a sensação é muito boa. Um gemido escapa dos meus lábios. Ele me imprensava ainda mais contra parede, puxa meus cabelos fazendo com que eu olhe nos seus olhos.

— Eu quero você, Paige! Porra como eu quero! — com essas palavras cruas, ele toma meus lábios.

Eu nunca me senti tão nervoso perto de uma linda mulher antes. Nem mesmo quando tive que convidar uma garota para o baile da escola pela primeira vez.

Agora, estou diante da mulher mais sexy e linda que já vi na minha vida e minhas mãos e pernas tremem como vara verde e um desejo incontrolável toma conta de mim.

Não é qualquer tipo de desejo. Não é aquela necessidade física que já tive antes, vai muito além. É muito mais do que carnal. Eu quero mais do que seu corpo. Eu desejo sua alma. Parece uma coisa assustadora de se dizer, mas eu preciso estar tão profundo dentro dela como o ar para sobreviver. Isso não é uma coisa normal, eu sei.

E há algo dentro de mim que me alerta de que essa mulher é um perigo. Uma bomba relógio prestes a explodir. Entretanto, não há nada que eu possa fazer, eu a quero muito e vou tê-la. Nada me impedirá de sucumbir a esse desejo louco. Se para conhecer o céu eu tivesse que aderir ao inferno, então, eu dou boas-vindas ao demônio. E esse demônio que me escraviza, é uma linda morena que vem perturbando os meus sonhos da forma que nenhuma outra já fez.

Estamos em meu apartamento, no banheiro, para mim minúsculo. Sentindo o algodão umedecido, deslizando pelo corte em meu olho. Quero olhar em seus olhos e ver se há refletido a mesma necessidade que me incendeia o corpo. Mas eles estão fixos em meus lábios, seus longos cílios negros me provocando, me instigando ao proibido. Os dedos trêmulos tocam lentamente a ferida adquirida recentemente, através de uma inesquecível e prazerosa briga de bar. Eu gemo ao sentir seu toque. O volume entre minhas calças está prestes a explodir.

— Doí? — sua voz enrouquecida me faz enlouquecer.

— Muito — respondo, referindo-me ao desejo que vem me afligindo desde o dia anterior.

Esfrego-me contra ela na esperança que o simples contato possa aliviar a pressão. Nunca me senti tão potente e meu membro nunca esteve tão rijo e desesperado por alívio como agora. O frisar é delicioso demais para que me contente apenas com isso. Trespassando de meu conhecido alto controle pressiono-a contra parede. Puxo seus cabelos para ter contato com seus olhos. Testemunho o brilho indecifrável em seus olhos verdes.

Inferno de mulher!

Ela é completamente deslumbrante e eu poderia ficar ali por longas e longas horas, absorto nessa imensidão verde.

— Eu quero você Paige! Porra como eu quero! — com essas palavras, uno meus lábios aos dela.

Foi o meu erro e minha perdição ao mesmo tempo. Imaginar como seria sentir seus lábios sobre os meus é incomparável com a realidade desse momento. Eles são doces, macios e quentes. Não foi um beijo carinhoso, mas um beijo explosivo e carregado de um desejo carnal imensurável. Nossas línguas duelando com tamanho furor, que nos deixa sem ar por alguns segundos. Não me importo, à última coisa em que estou preocupado é em respirar.

— Richard eu não acho que...

Volto a beijá-la para afastar todo receio que vejo em seu olhar. Não é hora de pensar. O que sentimos é forte demais para qualquer pensamento que não seja essa necessidade que nos envolve.

— Apenas sinto Paige — seguro sua mão e deslizo até meu membro pulsante. — Estou explodindo. Estou ardendo por você.

O toque de sua mão me acariciando levemente me faz sentir vontade de me contorcer. Por incrível que pareça, fico mais duro do que já estava antes. Ouço-a gemer e mordo levemente seus lábios inchados por meus beijos. A porra daqueles lábios ainda irá deixar-me ensandecido. Lábios vermelhos, carnudos e em forma de coração que me imploram para serem devorados.

Sem parar de beijá-la passeio minhas mãos por seu corpo, explorando cada centímetro. As curvas são suaves, mas torneadas. Agarro seus seios e provoco seu mamilo intumescido. Ela geme e o som é a mais perfeita melodia para mim.

Resvalo a outra mão por seu corpo e introduzo meus dedos dentro de sua calcinha minúscula, eles deslizam em sua umidade, que evidencia o quanto ela também está excitada. Acaricio sua intimidade lisa, o líquido morno molhando meus dedos, lubrificando-o. Ela se contorce e eu gemo.

Escorrego meus lábios por seu pescoço, seios e ventre. Seguro a barra do vestido e subo-a lentamente. Literalmente minha boca saliva com a visão das pernas longas e torneadas. O pensamento de ter essas pernas ao redor de minha cintura me vem à cabeça como vem acontecendo desde que a vi dançando no mastro de pole dance.

— Lindas — sussurro, acariciando sua coxa com a mão livre, enquanto minha outra mão se mantém ocupada em seu clitóris.

— Richard... — ela geme meu nome. O corpo contorcendo ao meu toque.

Colo meu nariz em seu monte de Vênus e sinto seu cheiro embriagador, cheiro de mulher, mas principalmente cheiro de Paige. Mordo meus lábios imaginando se o gosto é tão delicioso quanto seu perfume, passo a língua por cima da calcinha molhada, provando seu gosto e num gesto impensado, rasgo o tecido e minha língua toca sua pele quente.

— Você rasgou minha calcinha? — Paige me olha com surpresa e desejo ao mesmo tempo.

— Pensei em rasgar sua roupa desde a primeira vez que a vi — respondo com ênfase. Passo um dedo de sua fenda molhada até o clitóris, desafiando-a com olhar — Compraria um milhão delas, pelo prazer de rasgar novamente.

Toco-a intimamente com os lábios, deliciando-me com seu gosto. Ela geme, eu estremeço. Ela grita, eu enlouqueço.

Passo a língua no clitóris como se quisesse tirá-lo do manto que o protege, faço um desenho de um oito, repito esse movimento várias vezes. Eu testo uma variação de movimentos e vejo pela sua reação qual aprecia mais e volto a repetir. Deleito-me com sua umidade plena e aumento a velocidade e pressão.

— Aonde você aprendeu a usar essa língua? — ela sussurra, quase sem ar, agarrada aos meus cabelos — Oh, céus!

— Tenho lido alguns romances femininos. Não é meu gênero, mas se aprende algumas coisas, neles eu sei o que as mulheres querem — digo, sorrindo da minha própria arrogância e minha boca nervosa volta à ação.

— Sim, você sabe — ela treme em meus braços, geme e choraminga ao mesmo tempo — Aiii, caramba!

Introduzo um dedo dentro dela, começo com a pontinha do indicador, tirando e colocando até introduzi-lo completamente. Vejo-a se movimentar em torno de meu dedo, de seus lábios saem sons enrouquecidos. Introduzo outro dedo e começo a trabalhar com eles sem parar os movimentos com a

língua em seu clitóris. Faço novamente o movimento de um oito dentro dela, alterno com movimentos em sua parede vaginal como se chamasse alguém. Misturo todas as técnicas por cerca de dez a vinte segundos cada uma.

— Ahhh... Richard.... Richard — Paige geme se contorcendo, enquanto noto seu corpo dar pequenos solavancos. Pressiono-a mais contra parede para que não caia e vejo-a gozar deliciosamente em minha boca e dedos.

Alguns segundos depois eu volto a ficar face a face com ela. Livro-a de seu vestido. Ela está sem sutiã e os mamilos saltam aos meus olhos, duros, firmes e tentadores. Não são enormes, mas também não são pequenos, para meu deleite é na medida certa para minhas mãos.

— Cem dólares? — pergunto ao ver uma nota cair no chão junto ao vestido — Você merece mais do que isso.

— Não é o que está pensando — ela parece indignada — Esse dinheiro...

— Tudo bem Paige — murmuro, entre seus lábios — Sem julgamentos.

— Mas... — selo seus lábios com beijos ardentes e volto a me concentrar em seus mamilos até que seus protestos não passem de alguns gemidos de prazer.

Acaricio-os, devoro-os e me alimento deles. Uno-os e sugo um mamilo depois outro, fazendo isso sucessivamente.

Endoidecido eu viro-a de frente a parede e de costas para mim. Escorrego minhas mãos pelas suas costas até as nádegas empinadas. Sem conseguir resistir dou um pequeno tapa e vejo uma das bochechas ficarem rosadas, isso me dá muito tesão.

— Richard! — ela grita, surpreendida.

Incapaz de me segurar por mais tempo, abro uma gaveta do gabinete e pego um preservativo. Livro-me da minha camiseta, calça jeans e cueca com pressa. Retiro o preservativo da embalagem e coloco-o com cuidado.

— Está pronta? — pergunto tocando-a para testar sua umidade. Esfrego meu membro em suas nádegas enquanto acaricio sua vagina molhada.

— Por favor! — ela se empina em direção a mim, me implorando — Richard!

Descubro que pela primeira vez na vida, estou fora de controle. E jamais cogitei que essa experiência pudesse ser tão gratificante. Minhas mãos hábeis deslizam pelo corpo feminino fazendo-a gemer. Por fim, afasto ligeiramente suas pernas e penetro dentro dela, com um único movimento. *Ca-ra-lhooo*. A forma que sua vagina envolve meu pênis me faz querer perder os sentidos.

— Ahhh... — ela soluça.

Espero-a se acomodar a meu pênis e começo a me movimentar lentamente.

Hum. Perfeito! Bom pra cacete.

— Oh... Paige — começo a bater duro e rápido, meus dentes rangendo enquanto mergulho dentro dela — Isso, linda — acaricio o clitóris e ela acompanha meus movimentos — Assim, querida.

Nós nos encaixamos perfeitamente, eu duro e forte, ela é macia e quente.

Cravo meus dentes em seu pescoço e ouço-a gemer algo incompreensivo. Suas súplicas e espasmos de prazer me incendeiam. Sinto um prazer forte e intenso.

Seus músculos se contraem em torno de mim, meu pênis vibra em perfeita sintonia. Acelero os movimentos de vai e vem até explodirmos em um mar de cores e sensações.

Durante um tempo permanecemos em silêncio. Nossos corpos suados e molhados tentando recuperar-se. Viro-a de frente a mim pegando-a em meu colo.

— Ainda tenho fome de você — sussurro antes de colar meus lábios aos dela.

Nus como viemos ao mundo, subo as escadas, carrego-a até meu quarto, não, sem notar seu olhar encantado e admirado pelo que vê. Passo direto pela imensa cama, ela será usada mais tarde e sigo para o banheiro da suíte.

Coloco-a no chão e começo a encher a banheira redonda. Nós nos acariciamos e nos beijamos enquanto isso. Assim que banheira está completamente cheia e coberta de espuma, entro trazendo-a comigo. Nos entregamos novamente a paixão de modo tão devastador e com tanto ou mais abandono que antes.

Estamos ainda dentro da banheira. Minhas costas apoiadas contra os seios dela, enquanto suas longas pernas rodeiam minha cintura, como havia fantasiado antes. Suas mãos fazem espuma em meus ombros e eu acaricio suas coxas macias.

— Isso o que aconteceu... — ela começa, indecisa — Quer dizer eu...

— Estava destinado a acontecer desde que nos vimos — interrompo-a — Sempre soube que seria minha.

— Você é convencido não é? — Paige diz, contrariada — O Sr. Ego em pessoa.

— Eu sou realista — revido com humor — E o fato de estar aqui, só prova como estava certo.

— E qual o próximo passo? — ela diz — Me ver rastejando de amor por você?

— Amor não tem nada a ver com isso! — sinto meu corpo enrijecer ao ouvir suas palavras — É apenas sexo. Não espere nada, além disso.

Claro que havia sido o sexo mais sensacional da minha vida. E com absoluta certeza eu quero me encontrar com ela novamente, pelo menos, até que essa atração poderosa diminua.

— Não se preocupe, eu não estou interessada nisso também, não espero uma casa com cerquinhas brancas ou um diamante em meu dedo — ela diz, amarga. Sinto seu corpo ficar tão tenso quanto o meu.

Permanecemos presos em nossos pensamentos por um longo tempo, cada um perdido em si mesmo.

— Então, quem é esse homem? — pergunto com curiosidade — O que ele fez para desistir do sonho do casamento?

— Por que acha que foi um homem? — Paige dá de ombros.

— Foi uma mulher? — viro-me para ela, abismado.

Não que eu tenha algo contra, se ela for bixessual, não tenho preconceito. Conheço pessoas homo e bi, algumas até mesmo trabalham para mim, mas jamais imaginei que fosse o caso dela.

— Claro que não — Paige sorri — O que quis dizer é que posso ser uma mulher moderna.

— Moderna?

— Sim. Uma mulher moderna em busca de liberdade sexual e prazer. Há algo errado nisso? — ela pergunta, indignada.

— Nada, seria bom que todas as mulheres fossem sinceras assim, desde o início — murmuro.

— E quem é ela? — Paige repete minha pergunta.

— Ela?

— A mulher que o fez ter horror ao casamento.

— Minha ex-noiva — respondo, sem entender por que estou me abrindo com ela. Excluindo meus amigos, não voltei a tocar nesse assunto com mais ninguém — Encontrei-a gemendo na cama com outro quando voltei de viagem.

— Pelo menos ela não esvaziou sua casa e nem levou seu dinheiro — ela diz, num sussurro.

Assimilo suas palavras enquanto concluo que deve ter passado por uma traição semelhante. No fim, somos duas pessoas marcadas por mágoas e decepções. O que nos torna perfeitos um para outro até seguirmos caminhos diferentes, mas por enquanto, desejo esquecer tudo e mergulhar em seu corpo novamente. Saio da banheira e, pego duas toalhas penduradas no cabideiro.

— Por que o tigre? — Paige pergunta ao observar a tatuagem em minhas costas, onde um imenso tigre ruge, saindo de uma bola de fogo.

— Os dois significados mais comuns associados com a tatuagem do tigre são poder e força — retorno até a banheira com um sorriso no rosto — Na natureza, o tigre é o predador que está no topo da cadeia alimentar e não há outro animal que faça o tigre se sentir acuado ou com medo. Suas características o tornam o caçador supremo da selva.

— Assim como você? — ela sorri, sedutoramente.

— Sim. E você é minha caça.

Envolvo-a em meus braços, as toalhas esquecidas. Finalmente a cama tem sua oportunidade.

Acordo com um sorriso languido. Escorrego minha mão pela cama em busca de seu corpo. Para mim sexo pela manhã é melhor forma de começar o meu dia.

Abro os olhos rapidamente ao sentir um pedaço de papel sobre a cama ainda quente.

Obrigada pela noite maravilhosa, fique com o troco.

Paige F.

Eu não sei se eu dou risada ou se faço como o tigre em minhas costas e saio urrando pelo apartamento. Aquela pequena bruxinha havia deixado a nota de cem dólares em cima do travesseiro. Se a intenção era fazer com que me sentisse usado, ela acertou em cheio.

Nenhuma outra mulher teve ousadia de me descartar tão descaradamente, nem mesmo Patrice. E essa linda e sedutora morena havia feito isso de uma maneira que me deixou bufando.

Levanto-me apressadamente e visto um roupão. Pego a nota e saio correndo descalço pelo apartamento, como um louco, esbarrando em todos os móveis que estão pelo caminho. Faço uma prece para que ainda haja tempo e que eu tenha sorte de encontrá-la.

— Fugindo? — pergunto aliviado ao vê-la parada em frente à porta do elevador.

— Apenas poupando-o do constrangimento do dia seguinte — Paige balança os ombros.

Olho-a de cima a baixo. Ainda sinto um desejo inexplicável. Para meu desespero é mais palpável que antes. Como se ela fosse uma droga a qual estou dependente.

— Cem dólares? — pergunto rangendo os dentes e mostrando a nota — É tudo o que valho?

— Eu pagaria duzentos. Mas você sabe como anda a crise. E agora estou sem emprego, não posso gastar tanto dinheiro assim, à toa.

À toa? Ah não! Aquela feiticeira não irá minimizar a melhor noite de nossas vidas em algo tão pequeno.

Sem dar tempo para que reaja, puxo-a para os meus braços. Viajo no fogo que me incendeia e brilha em seus olhos verdes.

— Isso não vai ficar assim — digo antes de beijá-la.

Nós nos beijamos com desespero, suas mãos vão para meus cabelos enquanto as minhas deslizam por seu corpo. Sinto-me incendiar ao sentir que está sem calcinha, pois eu a rasguei na noite anterior. O fato de imaginá-la andando apenas de vestido, deixa-me transtornado.

— Richard! — as portas do elevador abrem e a voz de Patrice ecoa no corredor.

Mantendo Paige ainda sobre meus braços, encaro uma Patrice entre incrédula e indignada.

— Patrice? O que faz aqui?

— Quem é essa mulher? — ela encara Paige com ódio.

— Essa mulher... — Paige diz, sorrindo — É a noiva dele. Não é querido?

Encaro-a tão, ou mais surpreso que minha ex-noiva. Paige me lança um olhar meigo e beija-me nos lábios, carinhosamente.

— Nos vemos à noite meu bem — ela olha para Patrice com desdém — E livre-se dessa bruxa.

Ainda de queixo caído, vejo Paige entrar no elevador, lançar um beijo a mim, piscando o olho de forma marota.

A única coisa que meu cérebro me permite fazer é ficar encarando as portas que fecham em seguida, enquanto Patrice me chama insistentemente.

Dois segundos depois me dou conta de que ela foi embora.

Porra! E eu ainda estou ardendo de desejo aqui.

Abro os meus olhos com uma estranha sensação de paz e aconchego. Estou nua em uma cama e em um quarto a qual desconheço. Olho para uma mão enorme, com dedos longos e perfeitos em minha cintura e há uma perna enroscada na minha. Aos poucos, as lembranças de tudo o que aconteceu na noite anterior me vem à mente. O clube, Jenny, a briga, os homens atrás de nós dois e esse apartamento.

Levo à mão a boca para impedir que um gemido de desespero escape de meus lábios. *Inferno!* Eu tinha feito sexo com um completo desconhecido. E por mais que tenha sido o sexo mais louco, quente e maravilhoso da minha vida, ele ainda é um desconhecido.

Lindo, charmoso, sedutor e com uma boca que...

Não viaje Paige! Digo a mim mesma, em pensamento. Não é à toa que ele pense que sou uma prostituta. Não só havia ido até sua casa, como fiz sexo com ele no primeiro encontro. E nem ao menos posso chamar isso de encontro.

Cem dólares? Você merece mais que isso. Lembro-me de suas palavras ao encontrar o dinheiro escondido no meu vestido.

Droga! Droga! Droga! Mil vezes droga! Richard acredita mesmo que sou uma prostituta sem classe alguma.

Com máximo cuidado possível para não acordá-lo, tento tirar suas mãos de mim. O contato com a mão forte e masculina, mão que deslizou pelo meu corpo e me fez ter sensações incríveis, faz minha pele arrepiar.

Richard murmura algo e vira para o outro lado, afastando-se de mim. Livre dos tentáculos que prendia um corpo, eu procuro minhas roupas pelo quarto.

— Patrice... — Richard murmura inquieto — Vá embora!

Quem é Patrice?

Sem tempo para meditar sobre isso e ainda nua, eu saio do quarto em direção as escadas. Minhas roupas estão no banheiro de baixo, agora me recordo de como e onde foram jogadas.

Ao entrar encaro a jovem nua e descabelada em frente ao espelho. Arrumo os cabelos da melhor forma possível. Lavo o rosto, pego uma das escovas de dentes reserva. Espero que ele não se importe com minha invasão no banheiro. Bem, depois da noite anterior a última coisa que me preocupa é o que ele pensará por usar uma das suas escovas de dentes.

Eu me visto com pressa, não quero me deparar com ele em plena luz do dia. Sei que estou sendo covarde, mas encará-lo sem a aura de mistério e sedução, não é uma coisa que eu possa lidar no momento. Aliás, não posso lidar com ele de forma alguma.

Sento-me no vaso para calçar as sandálias. A nota de cem dólares esquecida no chão me chama atenção. Uma ideia um tanto absurda e irresistível me vem à cabeça. Richard até pode pensar que eu sou uma vadia, mas não me tratará como tal.

O bonito apartamento sempre será capaz de me tirar o fôlego não importa quantas vezes eu venha aqui. *Duf.* Como se eu fosse voltar aqui outra vez. Olho em volta e encontro o que preciso ao lado do telefone, em cima de uma mesinha de canto. Pego a caneta e bloco de notas com as mãos trêmulas.

Escrevo rapidamente, piso na ponta dos pés e subo a escadas em silêncio.

Encontro-o ainda dormindo tranquilamente. Sinto o ar me faltar e releio o que escrevi mais uma vez: *Obrigada pela noite maravilhosa, fique com o troco.*

Coloco o papel e nota em cima do travesseiro. Agindo por impulso ajoelho-me em frente a ele na cama. Deposito um último beijo em seus lábios, suave como um toque de borboleta. Vejo um sorriso torto desenhar seu rosto, passo a mão suavemente em seus cabelos macios. Errado ou não, eu guardarei essa noite na minha memória, para sempre.

Saio, outra vez, nas pontas dos pés e desço as escadas correndo em direção a saída. Com a respiração acelerada encosto-me contra a porta fechada, assim que a fecho, em busca de apoio.

Chamo o elevador, que para o meu desespero para em vários andares antes de chegar até onde estou.

— Fugindo? — a voz enrouquecida de Richard soa atrás de mim.

— Apenas poupando-o do constrangimento do dia seguinte — digo balançando os ombros em uma fingida indiferença.

Estou de costas para ele, mas sinto seus olhos fixos em mim. Olhando-me, apreciando e me deixando mole.

— Cem dólares? — ele pergunta, parecendo estar muito zangado — É o que valho?

Viro-me para encará-lo e amaldiçoo a mim mesma. O homem é extremamente sexy em sua calça jeans e jaqueta de couro, mas parado ali usando apenas um roupão negro, ele é a perfeita personificação do pecado. Os cabelos em desalinhos, descalço e perigosamente sedutor. Sem dúvida alguma eu voltaria para os braços dele a qualquer hora do dia, da noite, sem qualquer sentimento de culpa.

— Eu pagaria duzentos. Mas você sabe como anda a crise — tenho a necessidade inexplicável de provocá-lo — E agora que estou sem emprego, não posso gastar tanto dinheiro à toa.

Richard me puxa para seus braços. Eu fico sem reação. Por que esse homem é capaz de mexer comigo como nenhum outro? Nem mesmo com John, que eu namorei por mais de um ano foi assim. Nunca houve tanto desejo e paixão entre nós dois.

— Isso não vai ficar assim — Richard murmura, antes de me beijar.

Ainda bem que seus braços me sustentam contra seu corpo, porque no momento que nossas bocas colam uma na outra, minhas pernas viram gelatinas. Agarro seus braços com força, como se fosse meu porto seguro. Nossas línguas brigam entre si, uma invadindo o território da outra, em um beijo profundo. Ouço gemidos enrouquecidos e percebo que alguns deles saem de minha garganta. Richard encosta-se à parede, levando-me com ele. Nossas mãos fazendo uma verdadeira turnê por nossos corpos de forma desesperada. *Isso é loucura.*

Estou apenas com vestido, já que ele havia destruído minha calcinha. Richard puxa-me contra ele e se esfrega contra mim, agarra minha bunda com força e prende-me mais forte contra ele. O atrito de seu membro rijo me deixa completamente amolecida. Ele me sustenta pelas nádegas e eu agarro-me a seus cabelos. Seus gemidos, meus gemidos soam dolorosos. Ambos necessitamos aplacar essa chama de desejo que inflamam por nossa pele.

Ele introduz um dedo dentro de mim e com indicador massageio meu clitóris. Minhas pernas bambeiam e me agarro ainda mais a ele.

— Eu queria fodê-la agora, mas as camisinhas estão lá dentro — ele ronrona em meu pescoço.

— Eu tenho que ir... ahh — ele introduz outro dedo, os movimentos precisos e vertiginosos e eu

perco a capacidade de qualquer raciocínio lógico — Ahhh...

Sua boca apodera-se da minha, exigente, faminta. Meu corpo grita em busca da libertação do prazer. Sinto que estou desabando.

— Richard! — escuto uma voz feminina — Richard! — estridente e irritante às minhas costas.

Ele me aperta ainda mais forte contra seu peito, ajeitando minha roupa. Escondo meu rosto contra ele e tento normalizar a respiração. Seu cheiro inebriante torna isso quase impossível. Ah, que droga!

— Patrice? — ele parece tenso — O que faz aqui?

Então essa é a mulher que ele citou em seu sonho? Curiosidade e vergonha duelam dentro de mim. E com certeza a primeira falou mais alto. Viro-me e me deparo com uma loira platinada, que me encara com olhar feroz. Meu sexto sentido me diz que aquela é a tal noiva sem vergonha e imoral a qual ele havia me falado. Instantaneamente me lembrei de John e Mary Anne. Não importa o que Richard tenha feito ou não, se merecia ou não aquela atitude da parte dela, ninguém deve ser desleal com quem que se ama ou confia. Muito menos com alguém que se divide a vida ou planeja um futuro juntos.

— Quem é essa mulher? — a loira me encara com ódio.

— Essa mulher... — murmuro, sorrindo diabolicamente — É a noiva dele. Não é querido?

Viro-me toda dengosa para ele. Richard olha-me atônito. Com certeza não esperava essa reação de minha parte, nem mesmo eu entendo por que estou fazendo isso. Apenas tive a imensa vontade de dar uma boa lição nessa ordinária.

Para evitar que ele me desminta na frente da bruxa loira, colo meus lábios aos dele. O mesmo ardor anterior volta e sinto uma corrente elétrica pelo corpo, então, antes que eu me esqueça de que há pessoas desagradáveis na plateia e faça amor com ele ali mesmo no corredor, eu me afasto.

— Nos vemos à noite meu bem — encaro a loira com desdém — E livre-se dela — passo pela loira que me olha furiosa e entro no elevador. Encaro Richard pela última vez.

Ainda consigo detectar a chama de desejo em seu rosto surpreso. Pressinto que estou perdendo algo realmente importante. As portas se fecham e dou adeus ao homem que me atormentará para sempre.

Há muito tempo não tenho essa sensação de vazio e de abandono. A última vez, foi quando me despedi de Harry. Depois, esse sentimento de solidão e vazio no peito havia sido preenchido por Jenny e Paul.

Jenny principalmente, ela é a irmã que nunca tive. A pessoa que mais confio no mundo. Preciso dela tanto quando ela precisa de mim. E não por ela ser cega e eu uma solitária, mas porque ambas sabemos a importância da confiança e da amizade verdadeira. Jenny jamais me trairia assim como eu nunca a abandonaria. Como tenho certeza disso? Não tenho como explicar, coisas como essa não se sabe, a gente sente.

Quando saio, noto outro recepcionista, encarando-me com curiosidade. Se a noite eu pareceria uma prostituta de cabaré com essa roupa, nem quero imaginar o que devo parecer à luz do dia. Olho para o relógio na recepção, já passam das oito horas. Não esperava dormir tanto, na realidade, planejava ir embora no clarear do dia. Só que fui acordada várias vezes por ele, durante a noite, por seus toques e beijos irresistíveis.

Paro por alguns minutos quando alcanço a calçada. Tento me orientar para saber para que lado devo seguir. Sei que estou em algum lugar de Manhattan. Os prédios chiques em volta de mim, sugerem que estou em uma das partes mais nobres do bairro.

— Ei gatinha? — um homem grisalho em uma BMW me olha de cima a baixo. — Que tal fazer um showzinho lá em casa?

Era o que me faltava, um babaca repugnante, que acha que estou à venda.

— Foda-se! — mostro o dedo do meio para ele — Babaca.

Começo a caminhar em busca de um ponto de ônibus e lembro que não tenho um centavo. Minha mochila havia ficado no camarim do clube e o único dinheiro que eu tinha, havia deixado com Richard.

— Parabéns Paige! — eu grito ignorando as pessoas na rua — Você é mesmo muito inteligente.

O que vou fazer agora? Sem dinheiro e vestida daquele jeito? Pior ainda, sem calcinha. Não posso andar sem calcinhas pelas ruas. *Merda!* Só de pensar nisso tenho vontade de voltar àquele apartamento e atirar um vaso na cabeça do Richard. É tudo culpa dele e daquela noiva estúpida. Não, é tudo culpa minha por ser estúpida.

— Vamos lá? — o mesmo homem volta a me incomodar enquanto me segue com o carro — Qual o seu preço?

— Olha — encaro-o com ar de pouco caso — Eu até preciso de dinheiro nesse momento. Mas seu pintinho deve ser tão pequenininho que nem vai valer à pena.

Algumas jovens que passavam no momento começam a rir incontrolavelmente. Assistio o homem ficar vermelho de ódio e arrancar o carro com fúria. Vou para o outro lado da estrada para prevenir que ele me incomode outra vez. Um dia, minha boca grande me colocará em sérios problemas.

Alguns metros acima há um ponto de táxi. Sem alternativa e sabendo que irá me custar os olhos da cara, eu peço a um motorista de aparência indiana que me leve até o Bronx. Assim que chegamos meia hora depois, digo ao desconfiado motorista que me espere, pois subirei para pegar o dinheiro.

Ao chegar ao meu apartamento eu me lembro de que estou sem a droga da chave. Minha única esperança de não ser presa por não pagar o motorista de taxi é que Jenny esteja em casa para que eu pegue minha chave reserva.

O que será que havia acontecido entre ela e Sr. Durant? Não cogito a possibilidade de que ele tenha feito mal a ela, mas pela ira que vi em seus olhos, tenho certeza que a conversa não deve ter sido nada fácil.

Mais do que nunca desejo esganá-la por não ter um maldito celular. Paro em frente à porta dela. Não há nenhum sinal de segurança. Bato na porta e aguardo alguns minutos com o coração na boca.

— Quem é? — ouço sua voz através da porta fechada.

— Sou eu.

— Paige? — escuto o ferrolho sendo puxado — Onde está sua chave?

— É uma longa história — murmuro — Me empresta noventa dólares?

— Claro — ela responde com semblante confuso — Sabe onde fica.

Vou até seu quarto e pego uma caixa escondida no fundo do guarda roupa, conto o dinheiro e volto para sala.

— Eu já volto.

Desço as escadas correndo e encontro o motorista de taxi, pronto para entrar no prédio.

— Pensei que estava sendo ludibriado — ele me encara com raiva — Moça, eu não tenho o dia todo.

— Desculpe-me — entrego o dinheiro a ele que sai pisando duro.

Volto para o apartamento de Jenny e encontro-a preparando o café. O cheiro é divino, preciso

mesmo de algo forte.

— Então? — ela vira em minha direção assim que entro e fecho a porta — Onde esteve?

— Você saberia se tivesse um celular — resmungo — E você, onde esteve com aquele maluco?

Escuto o relato com atenção. Eles foram para um flat que ele tem na cidade.

— Ele achou que eu era garota de programa — Jenny murmura.

Também? O que há de errado com esses homens? Todas nós somos prostitutas e desprovidas de caráter?

— Não podemos continuar com isso. Ele é casado e tem uma filha. Isso não é certo — Jenny continua — Não vou voltar a vê-lo. Nós nos beijamos e isso foi errado.

— Errado? — eu digo, angustiada — Eu transei com um desconhecido. E foi a melhor experiência da minha vida. Isso é foddidamente errado!

— Paige! — Jenny me encara, surpresa.

Ela me conhece muito bem. Sabe que não sou de casinhos de uma noite. Aliás, ultimamente não sou casinho de noite alguma. Até houve alguns homens interessados em mim, desejando um relacionamento sério, mas nenhum deles conseguiu me atrair tanto, nenhum me levou a cometer essa loucura, como o Richard.

Talvez se tivesse saído mais ou dado chance a algum rapaz, eu não estivesse tão carente de sexo como ontem. É a única explicação plausível que encontro no momento. É isso, estava precisando liberar a tensão sexual.

— Eu não sei o que dizer — Jenny ainda parece chocada.

— Não diga nada — sussurro — Não me julgue, por favor.

— Eu sou a última pessoa que pode fazer isso.

— Apenas vamos esquecer esses dois e voltarmos para nossas vidas tranquilas — balanço a cabeça, frustrada.

Ambas sabemos que isso é muito mais complicado do que gostaríamos. São dois homens com personalidades marcantes e que haviam alterado as nossas vidas de um jeito inexplicável, talvez para sempre.

No meu caso ainda tenho sorte por Richard não saber onde moro e agora sem emprego as chances de encontrá-lo novamente são praticamente nulas. Jenny, no entanto, está vulnerável a palavra de Neil para deixá-la em paz. E sem o emprego e o dinheiro do clube, e até que eu encontre outro emprego, a possibilidade de que nos mudemos para um lugar melhor diminuem radicalmente. E mesmo que com as minhas economias e as dela possamos alugar um apartamento melhor, o que faríamos nos próximos meses? Eu não quero me arriscar a isso.

— Jenny, eu estou sem emprego — murmuro, jogando-me no sofá.

— Por quê? O que aconteceu?

— A briga de ontem foi à gota d'água. Ed me despediu.

— Ah. Sinto muito Paige — Jenny lamenta — Talvez eu possa falar com ele.

— Acho que não irá adiantar. Mais tarde vou até lá pegar nossas coisas e pegar o dinheiro da semana. Quem sabe consiga convencê-lo a mudar de ideia.

— Tem certeza Paige que não quer que eu vá? Essa confusão foi causada por mim.

— Não se preocupe. Agora vou para casa, vou me livrar dessa roupa e pensar no que fazer.

De volta a meu apartamento eu me pego pensando nos últimos acontecimentos. Minha vida tinha virado de cabeça para baixo. Eu posso dizer que ela se dividiu em duas, antes e depois de Richard

Delaney.

À tarde eu volto ao clube e encontro alguns homens trocando vidros, lâmpadas e algumas das meninas ocupadas com a limpeza.

Vou para o camarim e pego minha mochila, guardo todas as minhas maquiagens e as coisas de Jenny. Estou receosa se devo ou não falar com Ed. Acredito que ainda deva estar furioso comigo. Então, resolvo procurá-lo no dia seguinte, ou melhor, semana seguinte.

— Então, a encenqueira apareceu?

— O que você quer Amanda? — nem me digno a encará-la. Concentro-me em fechar a mochila.

Amanda é uma das dançarinas mais antigas da casa. Sua animosidade comigo é gratuita. Ela me odeia e eu a detesto. Muitas vezes quase saímos no tapa e, agora se me encher a paciência, vou fazer o que tenho vontade há muito tempo... partir a cara dela em duas.

— Soube que vai embora — ela anda ao redor de mim, estalando os dedos — Já deveria ter feito isso muito tempo.

— Eu deveria ter partido sua cara — viro-me para ela decidida — Se você não sair *daqui* é isso o que eu vou fazer!

O que há nessas loiras platinadas? Não que eu seja adepta a essa idiotice de loiras contra morenas, mas essa é a segunda bruxa loira que eu enfrento hoje.

— Pois tente e verá o que a espera — ela me diz, apontando um canivete, que eu nem sei de onde surgiu — De onde você veio, eu fiz pós-graduação querida.

Apesar de surpresa eu não irei me acovardar com sua ameaça. Se Amanda quer briga é isso que ela vai ter.

— Parem já as duas — Ed entra no camarim e arranca o canivete das mãos dela — Se eu pegar você com isso novamente juro que vou despedi-la, Amanda.

— Só estava me defendendo dela — diz ela, com falsa inocência.

— Não interessa quem começou. Agora saia — ele ordena — Eu quero falar com a Paige.

Agora estou realmente encrocada. Além de perder o emprego só me resta que ele me denuncie como baderneira.

— Bem Paige... — Ed parece nervoso — Conversei com algumas das garotas e elas me disseram que não teve nada a ver com aquilo, dessa vez. Além disso, seu show é um dos melhores da casa. Por isso, refleti muito e você pode ter o seu emprego de volta.

O que? Estou mesmo ouvindo isso? Ed está oferecendo meu emprego de volta? Ou que ouve com o nunca mais apareça aqui?

De todas as coisas que poderiam me surpreender naquele dia, essa ganha a quilômetros de distância. E mesmo tendo muitas garotas legais por ali, jamais imaginei que alguma delas sairia em minha defesa, isso me deixa de certa forma comovida.

Quanto a sua proposta, eu preciso do emprego, o salário e as gorjetas são bons, além de que, Ed não nos obriga a sair ou entreter os clientes. As meninas que fazem isso é por livre e espontânea vontade ou necessidade. No entanto, eu tenho preocupações maiores agora. Como o dono de incríveis olhos azuis e um sorriso devastador.

— Eu agradeço, Ed. Mas preciso ficar longe daqui por um tempo.

— Se é por causa da Amanda eu darei um jeito nela — Ed me tranquiliza.

— Amanda não me assusta. Meu problema é outro. Posso tirar uns dias de folga?

— A casa não vai reabrir tão cedo — ele diz, desgostoso — Tire esses dias.

— Obrigada — coloco a mochila nas costas e caminho para saída.

Se em uma semana Richard não me procurasse ele não procuraria mais. Portanto, poderei voltar sem o receio de encontrá-lo de novo.

A quem estou querendo enganar? Estou dando importância demais a mim. O cara é muito rico e a noiva ou ex-noiva é uma garota linda e pelas roupas que usava tão rica quanto ele. Sim, uma cadela rica. Bem diferente de mim e minha vida no Bronx. Com certeza eles já devem ter se reconciliado.

Além disso, não estou disposta a ser mais um casinho divertido para ele. Até porque, ele havia deixado bem claro na noite anterior, que era apenas sexo, nada mais. Então, definitivamente, custe o que custar eu preciso tirá-lo da minha cabeça. Voltar ao clube não é uma boa opção. Não porque eu acredite que Richard voltará a me procurar, mas pelo pouco tempo que estive ali ele deixou lembranças demais para mim.

Dois dias depois o ocorrido, estou jogada no sofá de meu apartamento, suada e exausta, após caminhar com alguns cachorros no parque. Consegui mais dois clientes, não é grande coisa, mas é melhor do que nada.

Ainda estou me decidindo se passo a tarde me lamentando da vida ou levanto para tomar uma ducha rápida, quando ouço uma batida na porta.

Provavelmente é minha vizinha fofoqueira que quer desperdiçar meu tempo falando mal do síndico, de novo. Por alguns segundos tenho uma leve pretensão de ignorá-la e fingir que não estou em casa, mas as batidas insistentes começam me deixar irritada, então é melhor ir despachá-la de uma vez por todas.

Levanto sentindo cada fibra do meu corpo gritar em protesto.

— Você não tem coisa melhor para fazer? — escancaro a porta com raiva.

— Na realidade eu tenho. Só preciso de companhia.

Para minha surpresa, alegria e pavor, incredulidade, os olhos azuis sedutores e aquele sorriso arrebatador, que vem me assombrando sem piedade nos dois últimos dias, estão bem ali, na minha frente, como uma miragem no deserto. Sem conseguir raciocinar com clareza eu faço a primeira coisa que me vem à mente.

Eu bato a porta.

Definitivamente, *Paige Fisher* é um problema!

Outra vez ela entra e sai da minha vida como um furacão, deixando-me com cara de idiota, virando o meu mundo de ponta cabeça.

— O que significa isso Richard? — Patrice me tira do meu estado de estupor e, me encara com olhos injetados de fúria.

— O que você está fazendo aqui, Patrice?

— Eu vim conversar com você, já que não atende mais minhas ligações. Quem é essa mulherzinha, Richard?

— Acho que ela já disse — respondo, calmamente — Minha noiva.

Eu não sei ainda porque estou confirmando essa história absurda. Mas vejo-me fazendo exatamente isso.

— Isso não é verdade! — Patrice avança em minha direção — Não pode me humilhar assim. Trocar-me por uma desqualificada como aquela. Não pode fazer isso, Richard.

Eu nunca presenciei minha doce e controlada ex-noiva, tão irritada como nesse momento. E estou adorando isso. Patrice acha mesmo que depois de tudo o que me fez, eu ainda me importo com o que ela pensa ou sente? Essa vingança, é um prato que eu degustarei lentamente.

— Tanto posso. Como fiz — cruzo os braços e olho para ela cinicamente — E sabe...? Ela é demais na cama.

Eu não minto. Paige é incrível na cama e, se não fosse pela aparição irritante de Patrice, nesse momento, eu estaria transando com Paige até a exaustão. Só em pensar nisso, eu fico pau duro.

— Seu cretino! — a mão dela voa em direção ao meu rosto.

— Nem pense nisso! — seguro seu pulso com firmeza, impedindo que acerte meu rosto — Eu não acho correto bater em mulheres, mas eu não pensarei duas vezes em revidar.

Ela me encara assustada, começa a chorar e se joga em meus braços.

— Ah, Richard — ela choraminga em meu peito — Já chega de me punir...

— Dá um tempo Patrice! — afasto-a de mim com um empurrão — Se quer alguém para chorar, procure o seu amante.

— Richard, não pode estar falando sério. Não pode estar noivo daquela prostituta, por que é obvio que é isso que ela é. Sua mãe não vai aceitar isso.

— A única *prostituta* que vejo aqui é você — encaro-a com desprezo — E minha mãe não manda em mim.

É patética a forma que ela me vê. Claro que grande parte da culpa sobre isso é minha. Havia aceitado todas as decisões dos meus pais, principalmente de minha mãe, por achar cômodo ou por não ver motivos para contrariar, mas agora as coisas haviam mudado.

Sem a mínima vontade de continuar a ouvir suas lamúrias estúpidas, eu entro, bato a porta e, deixo-a falando sozinha do lado de fora. Na realidade, gritando. Mais uma vez, tenho um vislumbre de como ela realmente é e, dou graças a Deus que esse noivado tenha fracassado.

A única coisa que me importa agora é reencontrar aquela moreninha que deixa minha pele em

chamas. Paige conseguiu me surpreender a cada encontro e a noite anterior havia sido fantástica. Ela me deixou completamente viciado nela. Nunca desejei tanto uma mulher como a desejo e ontem havia sido apenas um aperitivo.

Minha vida sexual com Patrice era desbotada, se comparada com os momentos explosivos que tive com Paige, em apenas uma única noite. Nunca houve essa necessidade e paixão. Nunca foi uma coisa de pele. Fazíamos sexo, porque era uma necessidade física prazerosa, como comer, beber e dormir. Até mesmo com as outras mulheres, antes de minha ex-noiva, foi mecânico. Eu buscava meu prazer e retribuía. Simples assim.

Com Paige eu quero mais, eu sempre quero mais, desejo ir além de sua alma. Anseio possuí-la de todas as formas, alimentar essa fome que sinto por ela, até que reste apenas uma pequena chama de desejo. Ainda estou embasbacado de quantas vezes a procurei durante a noite e, de como ela foi extraordinariamente receptiva. Ela está se tornando um vício para mim e tenho que fazer alguma coisa, antes que eu enlouqueça.

O problema é que a jovem feiticeira, havia sumido como num passe de mágica. E como agora já não trabalha no clube, eu não tenho como encontrá-la. Ao menos que peça a Peter, no entanto, não quero envolvê-lo. Com certeza me achará maluco, por estar obcecado por uma garota de programa. Terei que resolver esse assunto do meu jeito.

Só mais uma vez. Preciso tê-la, apenas mais uma vez e, comprovar que tudo não passa minha mente pregando peças malucas. Nenhuma mulher é tão poderosa assim. O que há aqui é muito desejo sexual envolvido.

Coloco as mãos no bolso do robe e sinto a nota amassada lá dentro. Um sorriso volta aos meus lábios ao me lembrar do bilhete, que havia encontrado em meu travesseiro mais cedo. O que ela quis dizer com aquilo? Sempre achei que as mulheres eram criaturas confusas e difíceis de entender, mas Paige supera qualquer teoria.

Olho para relógio, já passam das nove horas, mesmo tendo o costume de acordar muito cedo, resolvo voltar para cama. Como hoje é sábado e não tenho nada em vista na agenda, volto para o quarto, jogo-me na cama. Ainda sinto o cheiro do perfume dela em meu travesseiro. O aroma volta a excitar-me, me faz ficar duro como pedra, a única coisa que me resta a fazer, é dar alívio para meu corpo, enquanto imagino Paige ali comigo. Suas mãos macias tocando-me, a boca deliciosa abocanhando meu membro, enquanto eu agarro seus cabelos, controlando os movimentos. Ela fode meu pau com vontade.

— Paige...! — gemo seu nome, alto, grave, entregando-me ao prazer, com essa fantasia em mente. Aliviado, mas ainda não satisfeito, fecho meus olhos e adormeço.

Estou parado em frente à porta do maldito clube, uma placa adverte que não haverá atendimento, pois o mesmo está em reforma. Aqui eu não conseguirei nada. É melhor eu engolir meu orgulho e pedir ajuda a Peter ou deixar que as coisas esfriem e que eu perca o interesse por ela. Foi o melhor sexo da minha vida, mas é apenas sexo, certo?

Estou prestes a ir embora, quando reparo duas garotas saírem lá de dentro. Uma delas eu reconheço, é mesma japonesa do outro dia.

— Olá — eu interpelo as duas, com um dos meus melhores sorrisos — Eu vi que o clube não irá

funcionar hoje.

— Sim — a loira me encara com interesse — Houve uma grande confusão ontem à noite. Ficará fechado para reforma, por alguns dias.

— Foi horrível — a japonesa arregala os olhos — Eu conheço você, não conheço?

— Sim. Sou amigo da Paige — murmuro, com naturalidade — E combinei de encontrá-la aqui, hoje.

— Ah meu Deus! — ela abre e fecha a boca algumas vezes — Você é o bonitão que estava interessado nela. É uma pena, mas Paige não trabalha mais aqui.

— Droga... — faço cara de desolado — Sabe onde posso encontrá-la?

— Desculpe, mas eu não posso passar essa informação — ela diz, receosa — Paige me mataria se eu desse o endereço a um estranho.

— Com certeza! Mayume tem razão — a loira platinada concorda, dando mais ênfase do que necessário — Aquela garota é uma selvagem.

— Amanda, você sabe que Paige não é assim — Mayume a repreende — *Você* que nunca soube lidar com ela.

Sinceramente, a discussão entre essas duas está começando a me aborrecer. Então faço a minha melhor cara de menino carente e tento arrancar alguma informação da japonesa. Parece-me claro que a tal Amanda odeia Paige, conseqüentemente, *dela* eu não conseguirei nenhuma informação.

— Por favor, eu realmente preciso falar com ela — insisto, com um sorriso doce — É muito importante.

— Sinto muito, senhor...?

— Delaney.

— Eu posso ligar para ela depois e dizer que está procurando-a. Se quiser deixar seu telefone?

Não é exatamente o que quero, entretanto, não tenho outra alternativa, a não ser confiar na jovem. Passo o número e, despeço-me das duas. Sigo até minha moto perto dali e volto para casa, completamente frustrado.

Algumas horas depois, estou em casa assistindo um jogo de basquete na tela plana, quando o celular toca. Penso em ignorar a ligação, mas pode ser o Peter com algum programa em mente.

— Alô?

— Sr. Delaney — uma voz feminina vibra do outro lado da linha — Aqui é Amanda Jones. Nós nos esbarramos um pouco mais cedo.

— Como conseguiu meu telefone?

Pergunta idiota. Eu havia dado a amiga dela. Teria notícias de Paige? Agrado-me com a ideia.

— Peguei com Mayume quando ela se distraiu... — ela ronrona — Pensei que nós dois pudéssemos, você sabe...

— Desculpe-me — corto-a, rudemente — Mas não estou interessado em um programa.

— Tem certeza? — Amanda pergunta, em uma voz rouca, mais para ridícula do que sensual, como era sua intenção — Poderíamos fazer qualquer coisa...

— Hoje não. Adeus.

— Espere! — ela grita, antes que eu possa desligar — Tenho algo que talvez queira.

— Amanda, eu já disse que não estou interessado — a insistência está me deixando impaciente.

Não sou do tipo que paga por um programa. Minha única exceção foi Paige, mas ela não havia levado meu dinheiro, pelo contrário, havia deixado o dela. Uma atitude realmente esquisita, cada vez que penso nisso, fico mais confuso.

— Eu tenho o endereço dela — Amanda põe-me alerta — Sinceramente eu não sei o que viu naquela garota, mas se ainda quiser. Encontre-me em um bar perto do clube e traga mil dólares.

— O que? — pergunto, estupefato. Mil dólares por apenas uma informação. Claro que, no meu estado de desespero atual, eu pagarei dez vezes mais, se necessário.

— Bem se não quiser...

— Espere. Tudo bem — procuro um bloco de notas e uma caneta — Passe-me o endereço.

Meia hora depois estou em um bar decadente perto do clube. Encontro Amanda agarrada a um homem todo tatuado e, com enorme alargador na boca.

— Trouxe o dinheiro? — ela pergunta, assim que me vê.

— Como sei que não está mentindo?

— É um risco que terá que correr cara — o homem fala com desdém, enquanto acaricia Amanda de forma grotesca.

Dou o dinheiro a ela, que me entrega uma folha com o endereço. É uma região um pouco pesada do Bronx. Olho para relógio em meu pulso, já passam das dez horas, um pouco tarde, resolvo deixar a visita para o dia seguinte.

Após ter a noite povoada de sonhos sensuais, com uma morena de olhos verdes, desisto de continuar dormindo. O dia já está clareando, então vou para sala de ginástica, perto da piscina. Tento gastar todas as minhas energias na esteira e equipamentos de musculação. Depois de suar muito e ficar exausto, resolvo dar um mergulho para relaxar os músculos.

Não sei quanto tempo fiquei ali, mas saí assim que pensamentos sensuais de como eu gostaria de possuí-la em cada canto da piscina, começaram a dominar minha mente. Que merda é essa? Por que é tão difícil tirá-la da minha cabeça?

Volto para o quarto, faço a barba e tomo uma ducha rápida. Não quero esperar nem mais um segundo para tê-la em meus braços, precisamente na minha cama. Visto uma calça jeans preta e camisa branca. Calço tênis esportivo e saio do quarto. Pego a chave em cima da mesa e, confiro novamente o endereço na folha de papel.

Quando alcanço a porta, o telefone toca.

— Richard?

Droga! O que minha mãe pode estar querendo comigo em pleno domingo de manhã?

— Olá, mamãe.

— Eu quero falar com você — diz ela, taxativa — Venha para o almoço, hoje.

Suas palavras deixam-me irritado. Nada de, por favor, ou se você puder.

— Hoje eu não posso. Estou de saída.

— Isso não me importa — diz ela — Desmarque.

— Sinto muito, mas eu não quero.

— Richard, o que está acontecendo com você? — ela objeta — Já teve tempo o suficiente para

colocar a cabeça em ordem. Patrice me contou o que aconteceu. Eu sei que está apenas tentando dar uma lição a ela, mas...

— Eu preciso desligar.

— Richard!

Encerro a ligação sem pensar duas vezes. Minha paciência para com minha mãe é praticamente nula.

Meus pensamentos voltam para Paige. Ela me desconecta do mundo exterior. Mesmo agora, basta pensar nela e meu corpo se agita, de uma forma diferente. Perto dela eu perco o controle, essa é última coisa que quero. Eu não gosto disso. Não posso deixar que ela que se infiltre tanto assim em minha vida.

E eu só preciso vê-la mais uma única vez, tento me convencer. Depois eu me mantereí o mais longe possível. É isso.

Com esse objetivo em mente eu sigo para o elevador. O celular vibra, ligação de Charles. Droga! Com certeza minha mãe entrou em contato com ele, pedindo que interferisse. Eu não atendo.

Ele insiste.

— O que você quer Charles?! — pergunto, raivoso.

— Mamãe foi para o hospital Mount Sinai.

— O que?

— Encontre-me lá agora! — ele desliga.

Tento retornar a ligação para saber o que está acontecendo, mas vai direto para caixa postal. Provavelmente, Charles havia desligado o telefone. O que teria acontecido? A pergunta martela e minha cabeça por todo percurso até o hospital. Apesar de tudo, ela é minha mãe, eu a amo e me preocupo com ela.

Uma onda de culpa e remorso me invade. Talvez tenha sido duro demais. Afinal, eu havia mudado de uma hora para outra, não deve ser sido fácil para ela assimilar isso, saber que não tem mais controle sobre mim.

Chego ao hospital em uma velocidade recorde. Encontro Charles e Britney esperando por notícias no corredor.

— Como ela está? — pergunto a Charles.

— Ainda não sabemos — ele me encara com raiva — Estão fazendo alguns exames.

— O que aconteceu?

— Mamãe passou mal depois que você desligou — resmunga ele — O que você disse? Ela desmaiou e nós a trouxemos para o hospital.

Então a culpa havia sido minha. Se algo acontecer a ela eu jamais conseguiria me perdoar, pelo olhar que recebo de Charles, ele também não faria isso.

Os minutos se arrastam e fico cada vez mais apreensivo e culpado. Depois da morte trágica de meu pai em um acidente de carro, onde ele dirigia bêbado, minha mãe passou a ser ainda mais controladora com Charles e eu. Sempre a considereí uma mulher inabalável, é difícil imaginá-la tão frágil assim.

— Como ela está doutor? — Charles interpela o médico, assim que ele sai do quarto.

— Fizemos alguns exames — ele sorri — Está tudo bem.

— Então ela não corre mais risco, doutor? — pergunto, preocupado.

O médico nos encara com olhar divertido.

— Na verdade, ela nunca esteve— ele suspira — Senhores, a mãe de vocês tem um coração de ferro e viverá muito mais do que nós todos juntos.

— O que o senhor quer dizer? — Charles pergunta, confuso — Eu a vi desmaiar, o senhor mesmo quis fazer os exames.

— Apenas por desencargo de consciência e por insistência sua — murmura ele — Sua mãe tem o que chamamos de... Carência afetiva. Deem um pouco mais de atenção a ela e ficará tudo bem.

— Tem certeza doutor? — inquiri.

— Absoluta, fizemos todos os exames necessários. Sejam pacientes, tudo bem?

Ele nos informa que em alguns minutos, poderemos entrar e que minha mãe receberá alta em seguida.

Eu não sei se estou mais aliviado ou puto da vida com ela, pelo circo que ela havia montado. Se minha mãe pensa que armações como essa, irá conseguir com que eu faça o que quer, descobrirá o quanto está iludida.

Caminho em direção à porta com passos firmes e decididos. Nós dois precisamos ter uma boa conversa.

— Espere, Richard! — Charles segura meu braço — Lembre-se do que o médico falou. Temos que ser pacientes.

Uma ova. Eu sinto vontade de rir na cara dele. Ao contrário de mim, ele caiu como um patinho na chantagem ela havia preparado. Com certeza para mim.

— Claro, eu vou me lembrar de cada palavra.

— Pobrezinha — ouço Britney dizer, antes de entrarmos no quarto.

Encontro-a deitada com os olhos fechados. Para um desavisado, a cena pareceria comovente. Pergunto-me por quanto tempo pretende manter a farsa.

— Mamãe? — Charles aproxima da cama e segura a mão dela — Estamos aqui. Fique calma.

— Oh, Charles querido — ela abre os olhos e choraminga para ele — Eu tive tanto medo.

— Pode parar com o show, mamãe — digo, impassível — Já sabemos que é tudo fingimento.

— Richard! — Charles me encara, furioso.

— Viu como seu irmão me trata, Charles? Esse comportamento irá me levar para o túmulo com seu pai.

— Como pode ser tão insensível, Richard? — Charles estoura.

— Tudo isso, é por que ele está com uma desclassificada. Essa possibilidade já me faz perder os sentidos... — ela volta a encolher-se na cama — Aposto que é ela que está fazendo a cabeça dele.

O comentário me deixa colérico. A única pessoa manipuladora que conheço é ela mesma. Não foi Paige a causadora dessa mudança em mim, mas sim minha ex-noiva. Se algo que eu possa agradecer a Patrice, foi o fato de ter me aberto os olhos para vida inerte e sem graça que eu estava tendo.

Mas se minha mãe quer seguir por esse caminho, eu entrarei nesse jogo.

— Paige é sim, minha noiva, mas não tem nada a ver com isso — outra vez vou de encontro a essa mentira, que começa ganhar proporções gigantescas.

— Noiva? Quem é essa mulher? — Richard inquire — E Patrice?

Porra, era só o que me faltava. Charles está mesmo me perguntando isso, depois de tudo o que havia acontecido?

— Patrice é a merda de uma cadela, que me traiu — grito, furioso para ele.

— Bem... — Charles parece um pouco constrangido — Achei que estivessem...

— Faça o seguinte, Charles... — respiro fundo — Pegue a estúpida da sua mulher, *na cama* com outro, tente lidar com isso, depois venha conversar comigo.

Acho que minhas palavras deve tê-lo atingido de alguma forma, pois ele abaixou o olhar e ficou em silêncio.

— Eu nunca faria isso! — Britney se defende — E não sou estúpida.

— Claro que não querida — minha mãe olha carinhosamente para ela e, me encara fixamente — Não vai ficar com essa mulherzinha...

— Já me cansei disso aqui. Apenas observe.

Eu não posso ficar nem mais um minuto. Faria e diria coisas que me arrependeria, com certeza. Estou cansado da minha mãe e de Charles, querendo me controlar como uma marionete. Sinto-me enojado. Como eles podiam ser tão frios e calculistas? Que tipo de sangue corre em suas veias?

Eles precisam de uma lição e eu daria isso a eles. E sei quem pode me ajudar com isso.

Parece que meu coração vai sair pela boca a qualquer momento. O que ele está fazendo aqui, parado do lado de fora do meu apartamento? Como descobriu meu endereço e o que quer comigo?

— Abra a porta Paige — a voz de Richard ressoa, através da porta fechada.

De jeito nenhum eu vou abrir a porta para ele. Não há a mínima possibilidade de isso acontecer. Não mesmo. Ainda não estou louca. Eu estou?

Esse homem é um perigo e já havia feito estragos demais em minha vida. A começar por meu coração disparado no peito, depois, pelas minhas pernas bambas, incapazes de sustentar meu próprio corpo e, finalizando com essa imensa vontade que sinto de jogar toda razão pela janela, puxá-lo pela camisa, beijar seus lábios tentadores e...

Pare com isso Paige! Ordeno a mim mesma.

— Paige abra — Richard bate, insistentemente, esmurrando a porta — Não vou embora até que eu possa falar com você.

— O que você quer? — pergunto, encostando minha testa contra a madeira fria.

— Abra a porta Paige — ouço um sussurro fraco do outro lado — Por favor.

Não posso abrir a maldita porta. Se eu fizer isso, estarei completamente perdida. Eu não soube dizer não a ele dois dias atrás e não tenho certeza se conseguirei dizer não agora.

— Como descobriu meu endereço?

Por mais que Ed esteja zangado comigo, ele não faria isso. A única pessoa tola suficiente seria Mayume. Mas a mesma me garantiu no dia anterior que não havia feito.

— Abra a porta e eu respondo — Richard insiste, do outro lado — É apenas uma conversa Paige. Juro.

— Não!

— Paige... — pelo seu tom de voz percebo que está ficando impaciente — Não vou fazer nada que não queira.

Que idiota! Será que ele não entende que o problema sou eu e não ele. Não tenho medo do que ele possa ou não fazer contra mim, eu sei me defender, mas o grande impasse é o que eu quero fazer com ele. E as ideias que passam por minha cabeça, não são nada decorosas.

— Vá embora, Richard.

— Não!

Um sorriso desenha meus lábios ao ouvi-lo repetir deliberadamente a minha negação anterior. Pelo visto, ele está tão determinado a falar comigo como eu estou em fugir dele. E como eu não tenho propensão ao masoquismo, resolvo abrir a porta e terminar logo com aquilo.

— Seja rápido — encaro-o, furiosa — Eu tenho um compromisso.

Uma mentira que ele não precisa saber.

Richard me olha de cima a baixo. Há um brilho selvagem refletindo em seus olhos ao percorrer meu corpo, ainda suado, da atividade no parque. Eu me sinto grudenta e pegajosa. O sorriso dele me diz outra coisa.

— Cancele — diz ele, autoritário — Pago o que for preciso.

O cretino, ainda pensa que sou prostituta? Mesmo depois do bilhete e o dinheiro que deixei em sua cama? Como os homens às vezes conseguem ser tão estúpidos?

— É mesmo? — olho-o com desdém — E quanto está disposto a pagar?

— O dobro. Não, o triplo — diz ele, angustiado — O que for preciso.

Uma parte de mim fica magoada por ele realmente acreditar que estou à venda. Já outra parte, a mais perversa, salta de alegria ao saber que ele iria além do esperado, só para me ter em seus braços novamente.

Jamais pensei em vender meu corpo para viver, mesmo que de certa forma ao dançar no clube eu fizesse exatamente isso. Afinal, os homens iam até lá para nos ver seminuas, só que não indo para cama com eles, eu me sentia de certa forma pura. Meu lema era, olhe, babe, mas não toque.

Só que com esse homem, parado a minha porta, eu estaria disposta a rever todas as minhas convicções. A única explicação plausível, é que eu sou uma libertina. Há um lado safado em mim que eu desconhecia. Porque eu iria para cama com ele de novo, com certeza, não pelo dinheiro, mas por que eu tenho uma imensa necessidade disso.

— Não vai me convidar para entrar?

— Não!

Uma coisa é o que meu corpo idiota deseja. Outra, é o que minha razão ordena que eu faça. E minha razão me diz para fugir e, manter o máximo de distância desse homem lindo e perigoso. Já está sendo ferrado demais ter que lidar com fato de ter sido uma vadia e ter ido para cama com ele como uma gata no cio. Definitivamente eu não vou colocar mais merda no ventilador. Errar uma vez é humano, permanecer no erro é estupidez.

— Diga o que quer e vá embora, Richard.

— Não acho que você queira falar sobre isso aqui fora — Richard indica com a cabeça, a porta entreaberta da minha vizinha fofoqueira.

— Eu tenho uma proposta para você — ele continua, parece meio receoso em dizer isso — Eu pago cem mil dólares se aceitar.

— Jesus Cristo! — minha vizinha brada, abrindo a porta completamente — Aceita garota.

— Foda-se, Richard!

Eu bato a porta com tanta força que acho que o prédio inteiro tremeu. Como ele podia ser tão idiota e cretino. Cem mil dólares? Cem mil dólares para que eu fosse sua bonequinha de luxo, até que estivesse cansado e procurasse por outra novidade. Puta merda, mesmo assim é muito dinheiro.

Ignorando as batidas na porta eu ligo o MP3 do meu celular e deixo o som no último volume. Ele que grite e esperneie o quanto quiser. A vizinha fofoqueira já tinha escutado tudo mesmo.

Vou para o minúsculo banheiro, com a esperança que um banho frio tire toda a tensão de meu corpo. Acho bom que funcione, porque eu odeio banho frio. Não importa se estamos em um calor de quarenta graus, só de pensar na água fria pelo meu corpo, eu fujo como gato escaldado.

Após dez minutos, com raiva redobrada e morrendo de frio, enrolo-me em uma toalha felpuda. Quem disse que banho frio acalma os ânimos deve ser um idiota. Se tivesse a pessoa que inventou isso na minha frente, eu a mataria com as minhas próprias mãos. Tudo o que consegui foi ficar ainda mais chateada e, com um risco de pegar uma pneumonia.

Saio tremendo de frio, as batidas na porta haviam cessado. Sinto-me aliviada e com sentimento de vazio duelando dentro de mim. Maldita hora em que aquele homem havia cruzado meu caminho e ter bagunçado minha vida dessa maneira.

Olho ao redor da casa e dou graças a Deus por ter feito uma grande faxina no domingo. Não gostaria que além de prostituta, ele me achasse porca.

Vou para o quarto e vasculho o guarda roupa atrás de algo confortável e quentinho para vestir. Escolho uma calça skinny preta, blusa listrada, branca e preta e um suéter de tricô cinza. Calço sapatilhas confortáveis e saio em direção à casa de minha melhor amiga. Preciso falar com alguém ou sinto que posso enlouquecer a qualquer minuto. Que Deus me ajude e ele já tenha ido embora.

Para minha sorte, Richard e a fofqueira da vizinha não estão mais no corredor. Pego a chave reserva em meu chaveiro e entro no apartamento da Jenny.

Ela não está em casa, acho aquilo esquisito, mas imagino que deve ter ido ao mercado ou algo parecido. Pensar em mercado me lembra de que ainda não comi. Vasculho a geladeira sem nenhum sentimento de culpa. Até porque, tenho total liberdade para isso. Sou péssima cozinheira, uma coisa contraditória para uma garota que trabalhou quatro anos em uma lanchonete. No entanto, cozinhar simplesmente não é meu forte, então ao invés de fazer compras para mim eu deixo a cozinha de Jenny sempre abastecida.

Eu não faço dela minha cozinheira particular, aos fins de semana mesmo sobre seus protestos, saímos para comer fora ou pedimos comida pronta.

Faço um prato com carne assada e batatas. Coloco no microondas, enquanto tento me decidir se como ali mesmo ou vou para minha casa devorar a comida em frente à TV. Jenny não tem uma ali e não vê necessidade disso. Como não quero ficar sozinha pensando em coisas que não devo, decido ir para casa.

O microondas apita, viro-me para pegar o prato quando a porta da frente abre e Jenny aparece em seguida. Carrega algo embrulhado em um plástico com, símbolo de uma lavanderia da região.

— Paige?

— Aqui na cozinha — respondo, para indicar minha posição — Onde esteve?

— Fui buscar o casaco do Neil na lavanderia — Jenny tranca a porta e coloca o embrulho em cima de uma cadeira — Você poderia entregar para mim?

Penso que ela está sendo tola em fazer isso. Eu gostaria de ter algo de Richard para me manter aquecida. Algo com cheiro dele, que iria me aquecer todas as noites e...

Pare Paige! Quando foi que eu havia começado a romantizar tudo aquilo? Eu preciso manter esse homem afastado da minha vida a qualquer custo, antes que eu comece a sonhar com grinaldas e sinos de igreja. Isso seria completamente absurdo. Nós somos diferentes como água e vinho. E a história da gata borralheira que conquista o príncipe, só acontece nos contos de fada. Eu nunca fui do tipo que gosta de contos infantis.

— Farei isso amanhã de manhã — respondo, olhando para minha comida, ainda intacta sobre a mesa. Perdi o apetite completamente. Isso sempre acontece quando me lembro dele e seus olhos azuis — Richard esteve aqui.

— Jura? — Jenny arregala os olhos — Quando?

— Há uns quarenta minutos. Você acredita que ele quer me pagar cem mil dólares para dormir com ele? — murmuro, desanimada — Em pensar que eu fiz isso de graça.

Nem mesmo para meus ouvidos, a brincadeira pareceu surtir o efeito desejado. Jenny me olha com aquele olhar que eu sempre odiei nas pessoas. Piedade.

— Você esclareceu as coisas não é?

— Não — murmuro, com a voz embargada — O que ele pensa não me importa. Esqueça isso.

— Se você diz — Jenny balança os ombros.

Pensativa, sento-me na cadeira e fixo o olhar no prato. Que diferença fará se ele souber ou não a verdade. Nada mudaria entre nós, não há dúvidas quanto a isso.

No dia seguinte, antes de levar os cachorros para passear vejo-me em frente a imponente Durant & Tecnologia. Um prédio negro espelhado, o maior que já vi. Passo sem grandes problemas pela segurança na portaria, mas quando sigo em direção aos elevadores, uma jovem loira, alta e bem vestida, com as cores da empresa se interpõe em meu caminho.

— Posso ajudá-la em alguma coisa?

Outra loira? Irrevogavelmente eu tenho algum tipo de problema com elas. Sério, já me vejo tendo pesadelos assustadores com alguma loira e sua tesoura assassina.

— Preciso entregar isso ao Sr. Durant.

— Desculpe, mas não trabalhamos com essa lavanderia — ela olha com desprezo para meu top branco, camiseta preta sem mangas, saia jeans desbotada e tênis de corrida — Deve ter sido engano.

Tudo bem, que eu não esteja vestida apropriadamente para um prédio elegante como aquele, mas eu ia caminhar com cachorros no Central Park. O que ela queria? Vestidos de gala e salto alto?

— Não estou vindo da lavanderia, senhorita — murmuro, tentando manter a calma — Ele deixou isso com uma amiga e preciso devolver.

Observo a desagradável recepcionista voltar a me encarar, com um olhar de desdém.

— Olhe, eu tenho mais o que fazer — falo entregando o embrulho e bilhete para ela — Não vou passar o dia todo sentada criticando as pessoas como você. Então, entregue isso ao seu chefe ou jogue no lixo. Faça como quiser.

Deixo a loira completamente desconcertada e sigo em direção à casa dos meus clientes. Hoje só terei um poodle médio e um pastor alemão. Um contraste interessante, mas os dois cachorros se davam muito bem, quase não me davam trabalho.

Após correr com eles e brincar com seus brinquedos preferidos, amarro suas coleiras na perna de um banco e desabo sobre ele. Fecho os olhos e aprecio a sombra de uma árvore.

— Acho que devo acorrentá-la aí, também — ouço uma voz conhecida — Deve ser a única maneira de mantê-la junto a mim.

Abro os olhos e, me deparo com imensidão azul de seus olhos. Minha sorte é já estar sentada ou cairia como um abacate maduro. Levanto-me com grande esforço e vou em direção às coleiras, pronta para fugir.

— Você não vai fazer isso! — Richard segura minhas mãos e me aconchega contra seu peito — Não vou deixar você fugir de mim de novo, Paige.

Olho para aqueles lábios tentadores, anseio para que eles toquem os meus. Passo a língua pelos meus lábios e mordo-os em antecipação.

— Não faça isso, Ana — Richard diz, com a voz enrouquecida.

Ana? Quem é essa mulher agora? Isso não me importa, eu já a odeio fervorosamente. Aposto que deve ser uma loira curvilínea e intragável.

— Quem é Ana? — pergunto, contrariada — Se pensa nela, por que vem atrás de mim.

Eu tento me livrar de seus braços, enquanto ele me puxa ainda mais para perto dele.

— Ela é um personagem, Paige — ele sorri, como se estivesse encantado com minha cena de ciúme.

Sinto vontade de abrir um buraco no chão e me enfiar dentro dele. Tudo o que preciso é que o Sr. Todo Convencido de Si, ache que estou caindo de amores por ele.

— Isso é ridículo — murmuro.

— Eu disse que me aventurei no universo literário feminino. Você não leu esse livro? — ele enruga a testa — Britney disse que todas as mulheres estão lendo isso. Deveria saber que não posso confiar nela.

Britney? Se esse homem tem uma lista incontável de mulheres ao redor dele, por que diabos, havia me oferecido uma fortuna para ficar com ele? Engulo meu orgulho e recuso-me perguntar sobre ela.

— Confesso que achei essa ideia de morder os lábios um pouco piegas, mas vendo-a assim, tão deliciosamente provocante, eu tenho pena do Grey.

Richard aproxima seus lábios dos meus e desliza sobre eles em uma carícia suave. Não tenho a mínima ideia do que ele possa estar falando. Isso não é novidade, eu nunca raciocínio direito, quando ele está perto de mim. E não, eu não quero saber. Tudo que me importa é sentir seus lábios sobre os meus, mais uma vez.

— Cala boca e me beija — murmuro, entre seus lábios.

Antes que eu possa me arrepender, me autoflagelar por isso, sinto sua boca tomando posse da minha. Não importa quantas vezes ele me beije, sempre será único, sempre me fará sentir transportada para outro mundo. Quando estou em seus braços não há diferenças, nem certo ou errado.

Suas mãos deslizando pelo meu corpo de forma primitiva e tão familiar que me faz tremer. Excitando-me, com seus beijos, mãos e sua evidente ereção cutucando contra mim.

— Você é deliciosa — Richard afasta-se alguns centímetros de mim e sussurra em meu ouvido — Mas acho que esse não é o lugar apropriado para isso.

Mortificada, escondo meu rosto em seu peito. O leve balançar me diz que ele está rindo. Acabei de passar pelo maior constrangimento da minha vida e esse imbecil está rindo.

— Pare de rir seu idiota! — afasto-me dele e dou um murro em seu peito.

Os cachorros latem em nossa direção, como se só agora notassem o quanto foram esquecidos.

— Eu não posso — Richard coloca o punho sobre a boca — nunca pensei que faria algo como isso.

— Beijar uma mulher em público?

— Paige olhe bem para mim — murmura, frustrado — A última coisa que estava pensando era em beijá-la.

Meu coração parece bater mais forte. Suas palavras me deixam desconcertada e encantada ao mesmo tempo. Ao menos, eu sei que seu corpo me cobiça tanto como eu desejo o dele.

Esfrego as mãos de maneira nervosa e me viro em direção aos cachorros, preciso de algo que mantenha minhas mãos afastadas dele. Nunca sou eu mesma perto de Richard. Eu perco o controle e a capacidade de raciocinar coerentemente.

Os cachorros parecem um pouco agitados. Não estão acostumados com outras pessoas tão próximas a nós. Afago suas cabeças para acalmá-los e mantê-los tranquilos.

— Precisamos conversar sobre minha proposta.

De novo aquele assunto? Por que ele simplesmente não esquece e, deixa que guardemos cada

momento que vivemos de uma forma especial.

— Eu não sou prostituta, Richard — ergo-me para encará-lo — Embora tenha agido como uma, eu não sou.

Ele parece paralisado pela surpresa.

— Você não é? — sussurra — Bem, isso muda tudo.

— Eu acho que não muda nada — retruco, virando para ir embora.

— Espere! — ele me impede, segurando meus ombros. Sinto uma descarga elétrica correr pelo meu corpo ao seu toque — Jante comigo essa noite. Eu poderei explicar tudo, por favor.

Vejo-me fitando sua boca sensual. Minha razão diz não e meu coração grita que sim. E essas emoções conflitantes, duelam dentro de mim.

— Eu não creio que...

— Apenas um jantar, Paige. Se depois disso, sua resposta for negativa, eu a deixo em paz.

Talvez precisemos mesmo dessa conversa. Muitas coisas precisam ser esclarecidas. Afinal, é apenas um jantar não é? O que poderá acontecer em um restaurante?

— Está bem. Vamos a algum lugar especial?

Meu repertório de roupas elegantes, não é muito vasto. Na realidade, acho que não devo ter nenhuma em meu guarda roupa, além das minhas roupas de shows. E seria inaceitável entrar em um restaurante refinado como os que ele deve frequentar, com um vestido de cabaré, dos anos sessenta.

— Pensei em um restaurante francês: Saveur Suprême, é novo — diz ele, sorrindo — Conhece?

A pergunta foi feita, como se ele me perguntasse se já havia entrado no Wal-Mart. Somente por notar que seu tom e olhar em direção a mim não é de superioridade, mas sim inocente, eu resolvo deixar passar batido.

Por sorte ou destino, é o mesmo restaurante que Jenny irá trabalhar. Já estive lá com ela semana passada. O local é lindíssimo e muito bem frequentado. Eu jamais teria condições de entrar ali.

— Sim eu conheço.

— Eu pego você as sete — ele abre um sorriso ainda mais largo.

— Até a noite, então.

Caminho em direção à saída do parque, com a certeza que os olhos dele estão sobre mim. Um sorriso safado surge em meu rosto. Richard já havia elogiado minhas pernas, quando estivemos na banheira da casa dele. E pela primeira vez no dia, alegro-me por ter escolhido aquela minissaia.

Entrego os cachorros para seus respectivos donos. Passo em casa e tomo uma ducha rápida. Ainda tenho que ir até o shopping mais próximo e achar algo dentro de minhas economias, que não me faça sentir como a gata borralheira indo para o baile.

Na saída do prédio encontro Jenny conversando com o síndico. Ele parece estar testando um novo sistema de segurança.

— Até que enfim ele resolveu tirar o escorpião do bolso, não é Jenny? — digo, referindo-me ao síndico — Essa porta deveria ter sido arrumada há muito tempo.

— Agradeça ao namorado da jovem aí — o síndico sorri, exibindo dentes amarelos.

— Neil?

— Parece que sim.

— Caramba, o cara está caidinho mesmo.

— Eu não sei o que fazer Paige — ela murmura, nervosa — Isso é errado.

Sou a última pessoa que pode dizer o que é certo ou não. Depois de todas as coisas que haviam

acontecido entre eu e Richard, não tenho mais moral alguma. Pelo menos Jenny não havia ido para cama com Neil. Aí sim as coisas estariam ruins.

— Eu tenho que sair agora — seguro sua mão, confortando-a — Quando voltar, nós podemos conversar, certo?

— Está bem — Jenny responde, não parecendo muito animada sobre isso.

Despeço-me dela e saio em busca do vestido perfeito e que não me custe os olhos da cara. Já é bastante difícil eu ter que mexer em minhas economias.

Após duas horas, cansada e pronta para jogar a toalha eu paro em frente a uma vitrine. Diante de mim está o vestido perfeito. Entro na loja, rezando fervorosamente, que não seja mais um que poderá limpar toda a minha conta bancária.

A vendedora foi muito simpática em me atender. A peça era única e estava em liquidação, pois eles estavam renovando a coleção. É um pouquinho mais caro do que esperava, mas caiu como uma luva em meu corpo. Pensando nele como um investimento futuro, resolvo levá-lo.

Richard, não ficará apenas satisfeito com minha escolha, ele ficará abobalhado, de queixo caído. Essa é a última expressão que quero ver em seu rosto, quando disser adeus pela última vez.

A sensação que tenho é que esta mulher é indomável. Não há uma única vez em que ela vá embora e eu não me sinta um garotinho perdido. E isso é ridículo.

No entanto, tenho algo mais importante me incomodando. O fato de ela não ser uma garota de programa, complica um pouco nossa situação. Será muito mais difícil manter a relação no âmbito profissional. A garota é quente e mexe comigo, como nenhuma outra.

Pelo que vejo ao olhá-la andar pelo parque, não é só a minha libido que ela invoca. Não sou o único ali a admirar as pernas longas e perfeitas. Os homens param para olhá-la, enquanto caminha por entre eles no parque. Tenho vontade de arrancar aquela minissaia ridiculamente curta. O que seria uma idiotice, pois Paige ficaria ainda mais exposta aos olhares devoradores. Por mim, eu a cobriria da cabeça aos pés. Nada de decotes, fendas ou um pedaço de pano como aquele.

Estou me tornando um maníaco controlador e possessivo? Preciso dar um jeito nisso rapidamente...

Além do que, tenho que manter o foco, que é dar uma lição em minha mãe. Sempre que lembro da última artimanha dela, meu sangue ferve nas veias.

Vou pelo mesmo caminho que Paige usou para sair do parque. Cruzo com o ciclista que havia falado algo desagradável a ela e, que ainda sustenta um sorriso idiota no rosto. Eu não sei por que ou como, meu punho esquerdo acerta seu queixo, em um golpe certo.

— Você é louco, cara? — o homem me encara, entre surpreso e irado.

— Isso é para aprender a respeitar a mulher dos outros — fecho o punho novamente, em uma ameaça velada.

O homem é duas vezes maior que eu em músculos, mas ganho dele em altura. Essa será uma briga boa caso ele revide e eu não pretendo fugir dela.

— Então cuide do que é seu — ele pega a bicicleta e sai resmungando.

Covarde!

Algumas pessoas ao redor me olham com recriminação. Na certa, pensam que sou algum tipo de arruaceiro. Saio dali rapidamente, a última coisa que preciso é de mais confusão em volta de mim.

Passo em casa apenas para tomar uma ducha rápida. Já perdi quase a manhã inteira seguindo Paige, de um canto a outro, apenas para ter uma oportunidade de falar com ela, pois a probabilidade de que ela voltasse a bater à porta na minha cara, era muito alta.

Visto o terno o mais rápido que meus dedos doloridos permitem. Separo a roupa que vou usar hoje à noite e deixo um recado para que Olivia, a senhora que cuida da minha casa durante a semana, para deixa-a passada e pronta.

Antes de sair, faço uma compressa de gelo na mão, para evitar um hematoma. As articulações doem um pouco, mas eu não ligo, faria tudo de novo sem pensar duas vezes.

Assim que chego à empresa, peço que minha secretária aguarde alguns minutos, antes de começarmos com o trabalho.

Para meu desgosto e irritação, Charles está em minha sala, esperando-me com cara de poucos amigos.

— Perdeu a hora?

— Tive alguns problemas para resolver.

— Espero que sejam profissionais — diz ele, sisudo.

— O que faz aqui Charles? — pergunto, assim que deposito minha pasta sobre a mesa.

— Você saiu do hospital sem dar explicação alguma.

— Não devo satisfação da minha vida para você.

— Mamãe está preocupada, Richard — resmunga — Se não quer perdoar a Patrice, escolha pelo menos alguém de sua classe.

— E esse alguém seria escolhido por *você* ou minha *mãe*?

É impressionante a arrogância desses dois. A questão não é a preocupação com minha felicidade, mas o que é aceitável para eles nesse mundo perfeito de qual se orgulham.

— A família é mais importante que tudo, Richard — ele fala, de forma severa — Está acima de seus caprichos ou anseios de vingança.

— Sei a importância da família — digo, com frieza — A família acima de tudo não é?

Na realidade, o nome da família acima de qualquer coisa. Um nome que vem de geração em geração de forma imaculada. Ou do que as pessoas acham que é imaculada. Que ridículo. Se conhecessem a verdade por trás da família Delaney, precisamente sobre meus pais e seu casamento, nada disso teria tanta importância. Mas esse é o meu mundo, de aparências e mentiras. A qual não estou mais disposto a viver.

— Na sexta, Britney fará um pequeno jantar para nossos amigos. Eu quero que você apareça.

Eu quero que você vá. Sempre ditando ordens e esperando que eu obedeça.

— Estarei lá, com certeza — digo, com um sorriso enigmático.

Está claro para mim que o motivo desse *pequeno* jantar é me arranjar outra pretendente. O que ele não sabe é que terá uma bela surpresa.

— Certo — Charles sorri de volta, batendo em meu ombro — Sempre foi um rapaz sensato, Richard.

Mal posso esperar para mostrar o quanto.

Mudo de assunto e passamos a conversar sobre o projeto que estou liderando. Estou muito empenhado nisso, pois elevará minha carreira a proporções altíssimas, pela ousadia e magnitude.

— Talvez seja necessário que você faça uma visita na obra, tente apressar as coisas — Charles sugere — Os riscos são notáveis. Temos muito a perder. Talvez não fosse a hora para algo tão inovador. Não sei se está preparado.

— Sei sobre os riscos que corro — respondo, entre dentes. Trabalhei nisso por meses — Afinal, eu consegui todo financiamento, caso não lembre, se for um fracasso, não envolverá a construtora.

— Ainda assim, é nosso nome que está em jogo.

— Charles, eu tenho certeza do sucesso desse empreendimento. Mas se o tranquiliza irei até lá se for preciso.

— Não acho, tenho certeza. Deveria ficar lá por um tempo e supervisionar tudo de perto.

Ah, agora entendo. Ele deseja manter-me fora de circulação. Na verdade, o seu real objetivo é me manter afastado de Paige. Charles nem a conhece e, já está fazendo julgamentos, baseado no que minha mãe e Patrice haviam relatado a ele.

Minha vontade é arrastar Paige para a primeira igreja que encontrasse e me casar com ela em seguida. Imagino que ela jamais concordaria com algo tão frio, além de que, seria injusto arrastá-la

para uma família gélida e insensível como a minha. Onde o dinheiro e status estão acima de qualquer um.

Assim que ele sai, entro em contato com os responsáveis pela obra, após realizar algumas ligações e conversar com os outros engenheiros, sou obrigado a admitir que em partes, Charles tem razão. Nesse momento, minha presença em Dubai, é extremamente importante.

— Carol, reserve um voo para Dubai nesse fim de semana — peço a minha secretária, assim que saio da sala.

— Agora mesmo Sr. Delaney. Precisarás que o motorista o leve até o aeroporto?

— Não, eu pego um táxi. Mas precisarei dele hoje à noite — caminho em direção à sala de reuniões.

— Boa noite, senhor Delaney — Olivia me cumprimenta, assim que entro. — Sua roupa está passada e pendurada no cabideiro.

— Obrigada, Olivia — agradeço-a e vou para a suíte.

Apesar de ter me concentrado no trabalho com toda energia possível, grande parte do meu dia foi desviado para Paige e isso me deixou incomodado.

Tomo um banho frio, pois não quero ficar diante dela como um garoto na puberdade. Embora, seja exatamente assim que me sinto.

Chego ao apartamento às sete horas em ponto. Estou mais nervoso do que gostaria de admitir. Bato na porta e aguardo andando de um lado a outro no corredor.

— Olá — Paige diz, assim que abre a porta.

Não estava preparado para o que vejo. Se antes achei que ela era linda, agora não tenho palavras para descrevê-la.

Os cabelos estão presos em um coque frouxo, algumas mechas caem soltas emoldurando seu rosto, de forma delicada e sedutora. O brilho em seus lábios, deixa-os ainda mais carnudos e apetitosos. Qualquer homem que colocar os olhos sobre eles, pensará apenas em beijá-la. Eu ainda lembro do gosto e macies que eles têm, para mim isso é uma tortura.

— Olá — consigo responder alguns segundos depois.

Para meu consolo, o vestido preto que ela usa é comportado, com algum tipo de bordado dourado nos ombros, as mangas vão até os pulsos e seu comprimento vai até os joelhos. O vestido é discreto, mas muito elegante.

— Você quer entrar?

— Não, acho melhor irmos.

A última coisa que preciso é ficar sozinho com ela. Nós dois juntos e sozinhos, é perigo na certa.

— Vou pegar minha bolsa — ela sorri e fica de costas para mim.

Putá que pariu!

Apoio-me no batente da porta em busca de equilíbrio, respiro fundo tentando levar ar aos meus pulmões. Retiro o que disse. A porra do vestido, é absurdamente decotado nas costas. Um enorme decote redondo e profundo, que deixa as costas lisa e macia, completamente à mostra.

— Você vai sair assim? — pergunto, apreensivo.

Paige olha para o vestido, em busca do que poderia estar errado.

— Não é alta costura, mas acho que estou apropriada para a ocasião.

Pela expressão em seu rosto, percebo que ficou magoada com o que disse.

Droga, para mim ela poderia estar vestindo um saco de batatas, que eu não me importaria, mas esse vestido é sexy demais para que eu consiga manter distância ou manter a calma, com qualquer um que a olhe por mais de dez segundos. Tendo em vista minha reação no parque hoje cedo, sei que sou capaz de coisas inacreditáveis.

— Você está linda, Paige — confesso, frustrado — O problema é esse. Está lindíssima e esse decote, eu...

— Está irritado por que estou bonita? — ela parece confusa — Sabe que isso é incongruente?

— Bonita é a última coisa que parece — afasto-me dela e vou para corredor, sem olhar para trás

— Vamos!

O motorista nos espera com a porta aberta, noto seu olhar de admiração quando ela se inclina para entrar no carro. Lanço um olhar duro para ele, deixando bem claro o que achei de seu atrevimento.

Passamos o caminho todo em silêncio. Tenho a certeza que ela imagina que sou algum tipo de lunático, que muda de personalidade a cada minuto. Eu não pensaria diferente, depois das minhas ações nas últimas horas.

A verdade, é que fiquei completamente nocauteado, por vê-la tão arrebatadora, como essa noite. Estou fazendo todo o possível para manter minhas mãos longe dela, como havia prometido, mas está sendo mais difícil do havia pensado.

Chegamos ao restaurante e somos conduzidos para nossa mesa. Tento conduzir o jantar de forma mais tranquila. Deixando-a o mais à vontade possível, embora à tensão entre nós dois, seja incontestável.

— Então, você quer eu finja ser sua noiva? — Paige pergunta, antes de lamber a colher, com o restante de mouse de chocolate.

O gesto faz com que eu me mova desconfortavelmente na cadeira. Imagens como jogá-la nua sobre a mesa, deixá-la coberta de chocolate, para que minha língua prove a sobremesa em seu corpo invadem minha cabeça. Para minha aflição, durante todo o jantar, pensamentos semelhantes a este, afligiram-me a cada prato. E o resultado disso, é que estou com a porra de uma ereção que chega quase a doer.

— Você começou isso quando disse a Patrice que era minha noiva.

— Você ainda a ama?

— Não. Na verdade, acho que eu nunca amei — respondo.

— E por que estavam noivos? — Paige pergunta, espantada.

— Minha mãe queria esse casamento. A mãe dela queria esse casamento. Uma coisa levou a outra.

— Então se não a ama e ela o traiu, não há motivos para continuarem juntos. Ainda não entendo, por que fingirmos sermos noivos? Se contar para sua família o que a oxigenada fez...

— Eles já sabem — falo com acidez — De tudo.

— E mesmo assim, sua família aprova que se reconciliem?

Paige parece chocada. Eu mais do que ninguém entendo-a.

— Para minha família o que importa é são as aparências — murmuro, seco — Apenas minha mãe, meu irmão e alguns amigos, íntimos, sabem o que aconteceu. Para todos os efeitos, terminamos o noivado, por outro motivo.

— Sua mãe deve pensar diferente — ela segura minha mão, como se quisesse me dar conforto —

Converse com ela.

— Não conhece minha mãe, Paige — acaricio seus dedos — Talvez até aceite o fim de meu relacionamento com Patrice, mas em menos de um mês me trará outra substituta, tão fria quanto ela. Não vou permitir que ninguém mais controle minha vida.

— Acho que isso tudo é loucura. Não sei como uma mãe possa agir assim.

Essa é uma pergunta que me faço todos os dias. Acima de tudo, como posso ter sido tão inerte, para perder o controle sobre decisões tão importantes, como o casamento.

— Eu não estou à venda Richard. Quer dizer, cem mil dólares para fingir ser sua noiva, me faz parecer...

— Uma prostituta? — interrompo-a — Confesso, inicialmente foi isso que me atraiu em você, para fazer essa proposta. Sem nenhum sentimento envolvido, apenas negócios. Mas isso ainda pode dar certo, Paige. Encare como um novo trabalho.

— Um novo trabalho? — Paige diz, com azedume.

— Não vejo diferença do que fazia no clube. Não se exibia para as outras pessoas?

Noto algo brilhar em seus olhos. Merda, parece que não estou indo pelo caminho certo. Não sei o que a levou escolher esse tipo de vida, mas não deve ter sido uma decisão fácil.

— Pagarei um valor que você realmente merece. Se souber aplicar esse dinheiro, poderá viver confortavelmente por muito tempo, pelo menos até se estabilizar, agora que está sem emprego.

— Por quanto tempo teríamos que fingir?

— Um mês... — dou de ombros — Dois meses, talvez mais. Até que consiga mantê-los bem longe da minha vida.

— Eu posso pensar sobre assunto?

— Sim. Eu tenho que viajar no próximo fim de semana — informo a ela — Mas preciso de uma resposta na sexta. Haverá um jantar e gostaria que fosse comigo.

Ela balança a cabeça, desviando o olhar em seguida.

A noite parece estar chegando ao fim e eu me sinto deprimido. Após o café conduzo-a em direção a saída. Assim como na entrada, vários homens se curvam para olhá-la. Deixando-me enciumado, sentimento que descobri nutrir a bem pouco tempo.

— Acho que vou pegar um taxi — ela sussurra, quase inaudível.

— Não — murmuro, irritado — Que tipo de homem acha que sou? Alfred pode deixá-la em casa. Se o problema é minha presença eu posso ir de taxi.

— Não acho que seja certo, posso muito bem...

— Não me provoque, Paige — puxo-a contra mim, sem me importar se as pessoas que caminham na calçada, nos observam ou não — Então, se você não quer eu faça o que desejei a noite toda, entre logo nesse carro. Mas não antes disso...

Beijo-a porque eu quero, porque preciso e não há maneira de ir embora, sem pelo menos provar o néctar de seus lábios de novo.

Ela pressiona meus lábios contra os dela. Mordiscando-os, chupando-os vez ou outra, enquanto eu prendo-a junto a mim, deslizando minhas mãos por suas costas. Estamos dando um espetáculo digno de Hollywood, mas eu não dou a mínima para isso.

— Procurem um lugar para isso — ouço uma voz indignada ao fundo.

Como se tivesse sido libertada de um transe, Paige se afasta de mim, com olhar assustado. Sem dizer uma única palavra, eu abro a porta do carro e espero que ela entre. Digo a Alfred que a leve

para casa e sigo andando pela calçada.

Ando por alguns minutos até encontrar um ponto de taxi. A cada parada no sinal vermelho eu tenho anseio de pedir ao motorista que me leve para o apartamento dela.

Sinto-me fracassado, nada havia dado certo, nesta noite. Vou ter que lidar com minha família de uma forma diferente. Jogo o paletó e, vou até o bar preparar algo forte o suficiente para acalmar minha agitação. O que mais me angustia é a possibilidade que Paige e eu não voltemos a nos ver.

Ao primeiro gole, à campainha toca. Droga, eu não estou com humor para lidar com qualquer pessoa.

— Oi.

Eu só posso estar maluco e aquilo deve ser alguma alucinação causada por minha mente perversa.

— Paige? — toco-lhe o rosto para ter certeza de que não é uma aparição fantasmagórica.

— Posso entrar? — ela pergunta, parecendo indecisa.

Afasto-me para que entre e continuo observando-a sem conseguir acreditar. Está de costas para mim, com aquele maldito decote, que atrai-me como um imã.

Atento a tensão em seus ombros. Não sei por que ela tomou coragem em vir até aqui. Aliás, nada em relação a essa mulher faz sentido para mim. A única coisa que tenho certeza, é que ela me enlouquece.

— Richard eu...

Sigo a passos largos até ela. Abraço-a por trás, prendendo-a contra o meu corpo. Esfrego o nariz em seu pescoço e sinto-me inebriado por seu perfume.

— Não importa — sussurro, em seu pescoço — O que importa é que está aqui. Não há nada que eu deseje mais.

Paige vira-se para me encarar. A profundidade do desejo que vejo em seus olhos é tão intenso quanto o que arde nos meus.

Sua bolsa cai ao chão, nossas bocas se unem e sua mão agarra meus cabelos, tudo incrivelmente sincronizado, minhas mãos deslizando por seu corpo trêmulo.

Paige se afasta de mim com a respiração acelerada. Vejo suas mãos irem até a barra do vestido e levantá-lo lentamente.

— Não! — digo, desvairado.

Pego-a no colo e caminho até a mesa de jantar. Coloco-a de pé em frente à mesa e ajoelho-me em frente a ela. Escorrego minha mão por sua perna, introduzo a mão por dentro do vestido, agarro as laterais de calcinha, deslizando até os tornozelos. Eu percebo a mancha úmida que me indica o quanto ela está excitada. Levanto um pé, depois outro. Inalo o perfume da peça íntima antes de jogá-la sobre uma cadeira.

Ela está tensa e cheia de desejo. Suas mãos seguram a lateral da mesa com força, em busca de apoio. Paige morde os próprios lábios com tanta força, que eu temo que ela possa machucá-los.

Livro-a do vestido, ela está sem sutiã, meu coração dá um salto no peito ao vê-la completamente nua, diante de mim.

— Vou comê-la... — murmuro com a voz rouca — Lentamente... Em cima dessa mesa. Desejei isso à noite toda!

Deito-a com delicadeza em cima do mármore frio. Ela faz um movimento para tirar as sandálias, mas não permito.

— Está muito sexy assim — murmuro, com um sorriso torto — Fique com elas.

Minhas mãos passeiam pelos seios, ventre, pernas até alcançar os tornozelos. Nunca pensei que teria fetiche por sapatos, mas vê-la completamente nua, usando apenas aquelas sandálias de salto alto, é muito erótico.

— Toque seus seios, Paige — ordeno.

Ela me encara com olhar vidrado, arqueia o corpo e geme ao tocar os próprios seios. Afasto-me para tirar minhas roupas. Volto a acariciar suas coxas macias. Paige geme quando me curvo e toco sua intimidade com a língua. Intensifico a carícia e procuro o ponto exato para seu prazer.

— Richard... — ela geme, semicerrando os olhos.

Ela começa se movimentar em sincronia com minha língua dentro dela. Logo substituo por meus dedos, preenchendo-a e ela volta a gritar meu nome. Acaricio-a e estímulo o clitóris intumescido, até vê-la mergulhar em um prazer absoluto.

— Quero você — gemo, dominado pela excitação. Ponho o preservativo e me coloco entre suas pernas.

Movo devagar para dentro dela, centímetro a centímetro. A sensação é deliciosa, seu interior é quente e estreito. Entro e saio me deliciando com a sensação dela se abrindo para mim.

— Mais... — Paige contorce em cima da mesa — Mais Richard.

— Assim está bom querida? — sussurro, enquanto introduzo sem pressa e mais fundo dentro dela — Eu quero prová-la, lentamente e intensificar o prazer o máximo possível.

— Eu quero mais — ela exige.

— Não!

Enrosco suas pernas em volta da minha cintura e, fico perdido por alguns segundos, observando meu membro entrar e sair de dentro dela. Volto acariciar o clitóris e começo a aumentar a velocidade dos movimentos. Observo-a construir um orgasmo rapidamente.

— Ainda não, Paige.

Merda, está difícil me controlar com ela gemendo e se contorcendo em meus braços. As pequenas contrações e seu corpo languido me dizem que chegou ao ápice e por pouco não a sigo.

Puxo-a para fora da mesa e viro-a de costas para mim.

— Richard eu não consigo.

— Você foi uma garota má — digo, tomando-a fundo — Precisa de um castigo.

Deito seu rosto contra mesa e solto seus cabelos, enrolo-o contra meu punho. Dessa vez não há espaço para delicadeza. Preciso tomá-la fundo e com força. Sinto-me desintegrar a cada investida dentro dela, os movimentos são mais rápidos e constantes, ríspidos.

— Richard! — ela soluça — Isso... *Maisss!*

Suas palavras e o grande prazer que estou sentindo, levam-me ao estado de frenesi. O mundo gira. Mergulho dentro dela mais uma vez, invisto fundo, dobrando meu corpo sobre o dela, mergulhamos juntos, em um orgasmo vertiginoso.

Não foi apenas sexo, mas o que tivemos aqui vai muito além. Esse novo sentimento me deixa assustado e confuso.

Eu acordo emaranhada em braços e pernas em volta de mim. O calor do corpo de Richard e seu aroma masculino, lembram-me da noite anterior. Ainda não acredito que pedi ao motorista, que me levasse ao apartamento dele, muito menos, que tive coragem de bater em sua porta, embrenhando em outra noite de loucura e prazer.

O que há nesse homem que me faz perder a cabeça e o controle dessa maneira? Eu não consigo raciocinar quando estou perto dele e a única coisa em minha mente é me jogar em seus braços.

Gemo baixinho ao me dar conta que as coisas não caminham em uma direção segura. Eu tenho que me afastar antes que eu saia queimada, com cicatrizes das quais eu não seja capaz de me curar.

Procuro me movimentar, mas foi em vão, suas mãos me agarram como aço. Tento afastar a mão pousada em meu ventre com sutileza, para evitar acordá-lo, quando sinto a outra mão acariciar levemente meu seio. Fecho os olhos com a leve sensação de prazer.

Merda! Isso vai ser difícil.

Fico estática em busca de ar, para meu desespero ou prazer eu já não sei mais, sinto sua mão deslizar pelo meu ventre até encontrar o ponto que grita desesperado por seu toque.

Fecho os olhos e gemo baixinho, na verdade soa mais como um choramingo.

— Fugindo? De novo?

Abro os olhos e me deparo com os deles, cristalinos e ardentes.

— Eu diria que são saídas estratégicas — sussurro, ao sentir seus dedos exatamente onde eu queria.

— E eu diria que é uma forma irritante de me enlouquecer — ele gira, cobrindo meu corpo com o seu — Só me resta fazê-la pagar por isso. De novo.

E ele fez, de todas as formas possíveis e inimagináveis. Eu nunca pensei que o sexo pudesse ser tão bom, tão intenso e incrível, mas é. Essa descoberta me deixa viciada nele e, assustada ao mesmo tempo.

Chego à cozinha, mas não é o cheiro de café fresco que me deixa em estado de alerta. Parado ao lado do balcão, com os cabelos molhados, em um robe branco, está o homem mais sexy que já coloquei os olhos.

Seus pensamentos estão longe daqui, ele parece perdido além da paisagem a qual observa, através da janela.

Pigarreio levemente para chamar sua atenção e cruzo os meus braços, ainda incerta do que fazer.

— Bom dia — ele me encara com um sorriso sexy.

— Eu já tenho uma resposta para sua proposta — desvio o olhar dele e me direciono para mesa de café da manhã.

Preciso segurar algo para controlar minhas mãos trêmulas, então me sirvo de uma xícara de café preto e sem açúcar. Passei os últimos vinte minutos pensando, meditando, me torturando, com a

proposta e essa estranha relação que nos une.

Richard não me parece o tipo de homem que desiste com facilidade, em contra partida, eu pareço ser incapaz de resistir a ele. Então, a única forma que encontrei para solucionar tudo isso, é aceitar sua proposta e torcer para que essa loucura termine o quanto antes. Se você não pode contra o inimigo, una-se a ele!

— E...? — ele pergunta, um tanto impaciente após um longo silêncio de minha parte.

— Eu aceito — faço uma pausa e dou um sorriso dissimulado — Mas há uma condição...

— Qual? — ele arma um enorme sorriso e caminha em direção a mim.

— Nada de sexo entre a gente...

— O quê? — Richard me encara com surpresa — Do que está falando?

Prendo a respiração e afasto uma mexa de cabelo de meu rosto. Como eu consegui me meter nessa situação?

— Olha... — arqueio a sobrancelha — Você afirmou que seria um negócio. Certo?

— Sim, mas...

— Então, vamos manter isso apenas no âmbito profissional, daqui para frente — digo, com a voz fria — Eu já disse, não sou uma prostituta!

— Eu nunca disse que fosse uma! — ele rebate, irritado.

— Mas você pensou — murmuro, indignada — Dá no mesmo.

— Apenas depois de tudo o que aconteceu eu...

— Vamos esquecer o que aconteceu, tudo bem? — desvio o olhar do seu, com certa dificuldade — Ajudarei no que você precisar. Então, você me paga como prometeu e depois seguimos com nossas vidas. Simples assim.

Eu dou as costas a ele e me concentro na farta mesa em frente a mim. Eu tenho que ser sensata e não tomar nenhuma atitude precipitada. Se ele quer gastar tanto dinheiro para castigar a mãe, isso é problema dele. E pelo que vejo de seu apartamento, esse dinheiro não fará a mínima falta. No entanto, Jenny e eu precisaremos de cada centavo que eu possa conseguir com esse acordo. Eu não posso deixar que ela se mate de trabalhar naquele restaurante, enquanto eu fico em casa sem fazer nada. Há o trabalho com os cachorros, mas não é o suficiente para nós duas.

— Acha mesmo que pode dar certo? — pergunta Richard, com a voz rouca atrás de mim. Ele está tão perto que sinto sua respiração em meu pescoço, arrepiando minha nuca — É uma questão de pele, Paige... Eu a toco e você derrete.

Seu peito está pressionando minhas costas e ele desliza a mão delicadamente por meus braços.

— É uma questão de cheiro... — sinto-o inalar o perfume de meus cabelos e eu me sinto tonta — Mas se você quer assim.

Richard se afasta e vira-me de frente a ele, puxando-me mais para si.

— Eu também tenho uma condição para isso — diz ele, com os lábios próximos aos meus — Eu vou tê-la pela última vez.

Ele não tem o direito de fazer isso comigo. Não pode me deixar enlouquecida ao ponto de querer apenas uma coisa; entregar-me a ele. E inferno! Eu quero muito isso, tanto que nem sei como explicar o quanto.

— Não faça isso — gemo, excitada — Por favor, por favor!

Richard afasta alguns utensílios em cima da mesa, me pega pela cintura, sentando-me sobre ela.

— Seu jogo... — as mãos deslizam pelas minhas coxas, levantado meu vestido — Minhas regras.

Certo. Uma última vez, não é? Eu posso lidar com isso. Será apenas uma despedida. Se essa é a forma de mantê-lo longe de mim, daqui para frente eu posso lidar com isso. Eu não estou sendo fraca, por favor! É apenas sexo. Afinal, ainda não recebi um centavo dele, então não há nada de sórdido implícito nisso.

— Uma última vez? — pergunto, manhosa — Você jura?

— Prometo que eu não farei *nada* que não queira — ele sussurra, em meu ouvido — Basta apenas dizer *não*.

— Palavra de segurança? — gemo, quando ele morde o lóbulo de minha orelha.

— Eu diria que é um castigo — diz ele, soltando meus cabelos do coque frouxo que eu havia feito, morde meu lábio e desliza a língua sobre ele — Eu estou preparado. Você está?

Nada de auto piedade aqui Paige. Dois podem fazer esse *jogo*, não é?

— Foda-se! — sussurro.

Tchic, tchic... — Richard balança a cabeça, com sorriso malicioso brilhando em seu rosto — Eu prefiro foder você!

Cerro os olhos novamente, quando ele toma meus lábios com os seus. Richard agarra a barra de meu vestido puxando para cima, até passá-lo por meu pescoço. Meus seios eriçados apontam para ele, que o cobre com suas mãos, eu me congratulo por ter declinado do sutiã. As mãos dele contra minha pele, seus dedos, acariciando meus mamilos, deixam-me enlouquecida.

— Richard... — gemo seu nome e minhas mãos disparam até seu robe abrindo-o com desespero.

Merda! Ele está totalmente nu. Seu membro firme, rosado, apontado em minha direção, literalmente me deixando com água na boca.

— Sempre preparado? — pergunto, maliciosamente, quando o vejo retirar um preservativo do bolso do robe, mas não estou me referindo a isso.

— Por você? Sempre! — diz ele, entregando-me o embrulho — Coloque-o.

Eu não gosto de homens autoritários, acho irritante. Eu sou teimosa, impertinente e intempestiva demais para lidar com homens assim ou para que eles consigam me aturar por muito tempo. Mas perto dele, estou sempre pronta para o: *Não senhor, sim senhor!*

Retiro o preservativo da embalagem e deslizo por seu pênis. A cada centímetro, ouço alguns gemidos enrouquecidos vindos dele. Suas mãos em meus seios, me deixando quente, quase ao ponto de ebulição.

— Pare! — ele urra, quando acelero os movimentos em seu membro — Eu quero sua boca aqui.

Ele aponta para baixo e eu posso jurar que seu pênis salta de felicidade em minha direção. Escorrego pela mesa e me ajoelho de frente a ele. Seguro seu membro como se fizesse uma oração e encaro seus olhos por alguns instantes.

— Paige! — murmura ele, agarrado a borda da mesa — Como um anjo. Faça-me ir até o céu.

Sinto um prazer indescritível em enlouquecê-lo, assim como ele me enlouquece. Toco a glândula com a ponta da língua. Eu faço alguns círculos em volta dela. As mãos dele disparam de volta para minha cabeça e agarram meus cabelos com força, obrigando-me a tomá-lo todo. Eu absorvo o máximo que consigo e início o movimento de vai e vem.

— Isso, querida — ele geme — Sonhei com isso desde que pus os olhos nessa boca atrevida.

A cada investida minha, ele enrijece o corpo para frente, soltando urros de prazer, palavras e todas as coisas safadas imagináveis. Firmo minhas mãos em suas coxas e chupo-o com vontade. Algumas vezes puxa meus cabelos, forçando sua entrada um pouco mais, levando lágrimas aos meus

olhos.

— Chega! — diz ele, antes de me puxar pelos braços e me apoiar contra a mesa, de costas para ele. Seus dedos tocam minha intimidade para avaliar o quanto estou lubrificada. Esfregando os dedos ali, deixando-me alucinada — Sempre preparada?

Não foi uma pergunta, mas sim, uma constatação. Eu já estava molhada por ele faz tempo, antes mesmo de entrar na cozinha.

Antes que eu possa responder, ele me toma, e eu desabo como uma boneca de pano sobre a mesa. Ele é impiedoso e quero mais e mais, cada vez mais profundo. Eu não penso em mais nada, não sinto nada, além da doce tortura de tê-lo dentro de mim, alargando-me com seu pênis grosso e exigente. Entrando, saindo, rápido, lento, fundo e firme, forte, mais rápido.

— *Ahhh....* — eu gemo, grito, enlouqueço.

Na verdade, já não sei mais o que faço. Sua mão toca meu ponto sensível e eu derreto.

Milhares de estrelas brilham diante de mim.

— *Eu... Vou... Ohh* — estou gozando, meu interior pulsando em torno do pau dele, comprimindo-o, a sensação só aumentando meu prazer. Meu ventre treme, dando pequenos solavancos, revirando os olhos, eu gozo, entrego-me ao orgasmo mais incrível da minha vida.

— *Paige!* — ele berra.

Alguns segundos depois, inclina-se contra mim, mordendo meu pescoço, entregando-se ao próprio prazer, com um gemido gutural.

Longos e necessários minutos depois, ele me puxa e me apoia em seu peito. Meu coração ainda bate acelerado e eu tenho dificuldade em compreender o que está acontecendo. Apenas me vejo em seus braços novamente enquanto ele me carrega de volta para o quarto.

— Richard! — tento sair de seus braços, mas me mantém presa, junto a ele.

— Apenas um banho — ele sorri, pervertido.

Mentiroso! Havia sido muito mais do que isso. Eu não posso reclamar aproveitei cada segundo, afinal seria a última vez que estaria em seus braços.

Observo-o virar a xícara de café com pressa e queimar a língua. Após falar tantos palavrões que deixaria uma virgem rubra, ele olha para mim. Eu me divirto com a cena. É estranho que não haja nenhum tipo de constrangimento entre a gente. Quer dizer fizemos sexo por duas horas e, agora eu estou sentada à mesa do café, em sua cozinha, como se isso fosse rotineiro, como se realmente tivéssemos algum tipo de relacionamento aqui. *Opa!* Pode tirar essas ideias absurdas da cabeça, minha jovem, repreendo-me. É apenas negócios, somente isso.

— Encontro-a na sexta — ele beija meus lábios e pega a pasta em uma cadeira — Bata a porta quando sair.

Antes de sairmos novamente da cama, havia me informado que meu trabalho começará na sexta-feira. Sua cunhada irá oferecer um jantar para alguns amigos e a presença dele é obrigatória.

— Devo vestir algo especial? — pergunto, preocupada. Ainda não conversamos sobre o pagamento, mas minha conta bancária está quase falida. O vestido da última noite não era de alta costura, mas foi relativamente caro.

— Deixe que eu cuide disso — ele pisca e desaparece pelo corredor.

Dou de ombros e volto a me concentrar no prato que havia feito para mim, estou faminta.

Estou jogada no sofá da casa de Jenny, enquanto ela escuta atentamente o que eu falo. Não escondo nada dela, somos íntimas o suficiente para falar sobre tudo. Quer dizer, não entro nos mínimos detalhes sobre sexo, isso me deixaria envergonhada, embora eu tenha sido uma verdadeira leoa na cama. Ela não precisa saber, é muito íntimo.

— Vai mesmo aceitar esse trabalho? — pergunta, incrédula.

— Precisamos de dinheiro, não precisamos? — digo, com um fingido desinteresse — E isso ele tem de sobra.

— Acho que está brincado com fogo — ela insiste — É visível que se sente atraída por ele.

— Claro que eu me sinto! — eu pulo do sofá, irritada — Eu não sou cega Jenny, ele é lindo, rico e puta merda, bom de cama pra caralho. Eu...

Dou-me conta do que acabei de dizer ao ver sua expressão magoada. Droga! Jenny nunca foi sensível em relação a sua cegueira. Sempre foi forte e determinada e isso até mesmo me faz esquecer sua condição. Mas no momento ela anda um pouco sensível por causa do Sr. Durant e não foi minha intenção magoá-la.

— Jenny... — sento ao seu lado no sofá e seguro sua mão — Desculpe-me. Eu não tive a intenção...

— Eu sei que não, Paige — ela aperta meus dedos — Ando muito sentimental ultimamente. Apenas me preocupo com você. Não quero que saia magoada, novamente.

Eu sei que ela está se referindo ao idiota do John e sua vagabunda, mas a situação é muito diferente.

— Pois não se preocupe — solto uma risada de deboche — Não tenho nada que Richard possa roubar de mim.

— Diga isso ao seu coração — ela alfineta antes de ir para cozinha.

Na sexta-feira, por volta das quatro da tarde recebo duas caixas de uma das melhores butikues da cidade. O vestido de seda vermelho sem alças é absurdamente lindo. Havia um fino conjunto de lingerie também vermelho num tom mais claro, todo rendado e sapatos combinando. Se isso não for obra de sua secretária, Richard tem um bom gosto para roupas. Me sinto encantada que ele tenha escolhido tudo isso para mim. Inacreditavelmente eu estou ansiosa para esse jantar. Não voltamos a nos falar desde que saí de seu apartamento. Não vou dizer que tenho saudades, apenas uma curiosidade natural em saber como ele está.

Será que pensou em mim tanto quanto eu pensei nele? Claro que não há nenhuma emoção envolvida. É apenas curiosidade. Venho tentando me convencer disso.

Por volta das seis tomo um banho relaxante e seco os cabelos com secador para que caiam lisos sobre os meus ombros. Algumas pontas insistem em ficar onduladas, então, após vinte minutos eu desisto e, vou fazer a maquiagem.

Faço uma maquiagem discreta, mas destaco meus olhos verdes. Uma das vantagens de se trabalhar

em um clube é que se aprendem muitas coisas, maquiá-los foi uma delas.

Estou calçando os sapatos quando ouço uma batida na porta. Olho para o celular em cima da cama e vejo que ele está adiantado. *Homens!* Verifico minha aparência no espelho mais uma vez e sorrio satisfeita.

— Oi — cumprimento-o com um sorriso enorme no rosto.

— Olá — ele me olha de cima a baixo e franze o cenho — Está pronta?

Richard está um tanto nervoso, mas concluo que seja pela situação.

— Claro — limpo o nó em minha garganta — Quer entrar? Preciso apenas pegar minha bolsa.

— Prefiro esperar aqui se não se importa — diz ele, depois de olhar em volta do apartamento.

Claro que ele prefere! Afinal, esse apartamento em nada se compara com o da realeza, concluo, magoada. Pego a bolsa de mão que havia deixado em cima do balcão da cozinha e vou de encontro a ele na porta.

O caminho todo é feito em silêncio. Ele está concentrado na estrada e eu me sentindo desconfortável no banco de couro de seu carro conversível.

— O vestido é muito bonito — digo, para quebrar o gelo.

— Vou dizer a minha secretária — diz ele, sem desviar os olhos da estrada.

— Ah... — desvio o olhar para janela. Por que eu deveria ficar decepcionada por não ser ele a escolher o vestido? Negócios Paige, apenas negócios. Mas que droga! O que está acontecendo comigo?

Fixo meu olhar na paisagem diante de nós, aos poucos as ruas com prédios vão dando lugar a ruas arborizadas e me vejo em um elegante condomínio. Não há como negar, cada mansão ali grita dinheiro. E mais uma vez me pergunto, o que estou fazendo ali?

Adentramos em um estacionamento cinco vezes maior que meu apartamento. Atrás da casa vislumbro a piscina que brilha ao luar. A noite está fresca e diria que em outra ocasião pareceria romântica.

— Bem... — Richard se desfaz do cinto e olha para mim — Hora de começar o show.

— Nós temos que combinar alguma coisa? — pergunto nervosa — Há algo que eu precise saber?

— Apenas haja como uma noiva perdidamente apaixonada... — diz ele, com calma — O resto deixa comigo.

Concordo com a cabeça e espero que ele abra a porta. Estou muito nervosa, como se realmente fosse sua noiva e estivesse pronta a conhecer sua família e amigos íntimos. Pensar sobre isso era uma coisa, a realidade é bem diferente. Eu nunca fui medrosa, mas me sinto uma pilha de nervos.

Richard segura minha mão entre a sua e mesmo sabendo que faz parte da farsa, sinto-me um pouco mais calma. O sorriso encantador dele faz-me sentir encorajada e seguimos adiante. Ele toca a companhia e uma senhora simpática e uniformizada vem nos atender.

Paramos no corredor, ele pendura a jaqueta e eu entrego à bolsa a governanta. Conforme seguimos para sala, ouço uma música suave e burburinho de vozes ao fundo.

Um homem vem em nossa direção antes que cheguemos ao arco da porta. Ele é muito parecido com Richard, então concluo que seja seu irmão.

O sorriso dele se desfaz quando olha para mim e noto seu semblante horrorizado.

— Richard! — ele diz, indignado — Como se atreve a trazer essa prostituta em minha casa.

Merda! A noite havia começado péssima. Eu mal posso esperar pelo que está por vir.

— Modere suas palavras, Charles — encaro meu irmão com olhar duro — Paige é minha noiva. Charles nos olha com expressão horrorizada após ouvir minha declaração.

— Você não pode estar falando sério — insiste ele — Essa mulher é uma vagabunda...

— Já chega! — aperto Paige contra mim. Quem ele pensa que é para tratá-la dessa maneira? — Não me faça partir sua cara!

— Você sabe quem ela é, Richard? — diz Charles, com desprezo, as palavras cuspidas, como se algo nojento saísse de sua boca — Ela é uma prostituta do Seduction. De maneira nenhuma vou permitir que você manche o nome de nossa família, com essa...

Ah, ele não vai permitir. É típico de Charles dizer o que posso fazer. Está levando o fato de ser o irmão mais velho longe demais. Por anos eu estive apático, apenas seguindo suas instruções e o que ele decidisse ser o melhor para mim, mas as coisas mudaram e ele terá que lidar com isso de uma vez por todas.

— Pelo visto, você conhece o lugar muito bem.

— Não é o que pensa — diz Charles, desconcertado — Estive lá em minha despedida de solteiro. Saberla disso se tivesse aparecido.

Eu lembro muito bem daquela noite. Não fui ao clube porque tive que cuidar de uma cunhada furiosa, quando descobriu que o noivo estava em uma suposta casa de stripper, rodeado de mulheres.

— Eu a vi dançando naquele mastro — diz Charles, ao lança um olhar debochado para Paige, mirando-a de cima a baixo com desdém — Eu entendo você ter ficado atraído por ela Richard, até mesmo que queira provocar mamãe. Afinal, a jovem é bem gostosa...

Eu não esperei que ele terminasse, desferi um soco potente em seu queixo. O que ele pensa sobre Paige, não me importa, nada do que ele pensa me importa, mas ele não irá atacá-la na minha frente.

— Richard! — Paige se coloca entre nós dois, tentando me afastar, empurrando meu peito — Pare, não vale a pena.

— Você está maluco? — geme Charles segurando o queixo ferido.

Ameaço seguir adiante, mas Paige segura meu rosto com as duas mãos. Obrigando-me a focar em seus olhos.

— Não — sussurra, balançando a cabeça.

— O que está acontecendo aqui? — Britney surge da sala — Vocês estão brigando?

— Parece óbvio, não é? — fito-a por um instante.

— Por quê? — diz ela, olha para Paige com curiosidade — Quem é essa mulher?

— Por que não pergunta ao seu marido? — encaro Charles, que está massageando o queixo dolorido — Parece que ele a conhece muito bem.

— Charles? — Britney olha desconfiada para ele — Do que ele está falando?

Se há uma coisa que meu adorador irmão não sabe, é lidar com o ciúme de minha cunhada Britney. Quero ver como conseguirá se livrar disso, sem poder acusar Paige novamente ou revelar sua passagem no Seduction, um dia antes de seu casamento.

— Não é nada — murmura ele — Apenas a confundi com outra pessoa e Richard ficou um pouco

nervoso.

— Francamente — diz Britney, revirando os olhos — Mas essa jovem é a sua acompanhante?

— Paige é minha *noiva*! — é estranho, mas a palavra sai cada vez com mais naturalidade da minha boca.

O olhar chocado de Britney e o gemido de desgosto de Charles, deixam-me exultante. As coisas caminham melhor do que eu esperava ou desejei. O objetivo era irritá-los, parece que estou conseguindo.

— Isso é um problema — murmura Britney, com olhar afetado — Pensei que viria sozinho, então, lhe arranjei companhia para essa noite. Coloquei-a ao seu lado à mesa do jantar.

Conto até três para tentar dominar a fúria, que ameaça voltar a tomar conta de mim.

— Então desfaça — digo, com voz suave, mas não menos ameaçadora.

— Eu não posso — geme ela inconformada — Já foi tudo arrumado. Charles!

Britney é o tipo de dondoca que passa o dia fazendo coisas desnecessárias. Organizar um jantar para ela é um grande feito, portanto, seu desespero não é dissimulado. Ela realmente está em pânico em fazer essas mudanças de última hora, por mais estúpido que isso possa parecer, as coisas para ela têm que seguir um roteiro. A esposa perfeita, a filha exemplar e dona de casa metódica, o par ideal para Charles.

— Não tem importância — diz Paige com um sorriso doce — Não há problema para mim, afinal, estaremos separados apenas por algumas cadeiras. O que é isso comparado a uma vida toda juntos?

— Ah que amor! — diz Britney batendo palmas como uma foca — Venha, quero apresentá-la a todos os nossos amigos.

Vejo as duas saírem em uma conversa acalorada como velhas amigas do jardim de infância. Isso é mais do que estúpido. Não é possível que Britney não saiba mudar o lugar em uma maldita mesa.

— Conversaremos sobre isso depois — diz Charles antes de sair.

A noite começa tranquila com Paige sendo o centro das atenções. Além de Charles e Britney, há mais três casais e uma jovem loira amiga de Britney a qual vi poucas vezes e julgo que seria minha companhia para essa noite.

— Então está noivo novamente — Daniela se aproxima de mim enquanto observo Paige conversar com um dos amigos de Charles perto da lareira. Procuro a acompanhante dele por todos os lados, mas não a localizo e não estou gostado nada da forma que ele olha para Paige.

— O quê? — pergunto a jovem sem ter a menor ideia do que me falou.

— Eu disse sobre sua noiva — murmura ela e levanta a taça na direção onde ela está. Aparentemente animada demais com a conversa.

— Sim — murmuro — Isso não é surpreendente?

— Com certeza que sim — diz ela com voz de deboche — Afinal, ela não faz o seu tipo.

— Ah não? — encaro-a pela primeira vez desde muito tempo naquela noite — Posso saber por que não, Daniela?

Assim como eu, ela volta a encarar Paige à distância. Não me passa despercebido o olhar irônico que ela lança. Daniela, apesar de magra demais para meu gosto pode ser considerada bonita, mas em hipótese alguma poderia se igualar a exuberância de Paige.

— Ela não tem classe alguma — diz ela com despeito — Olha como se veste, como fala e como ri. Bem diferente de Patrice ou qualquer uma de nós.

Medito sobre todos os pontos que Daniela ressalta. De certa forma, ela tem razão. Paige não se

parece com as garotas do meu círculo social. Quando ela fala diz exatamente o que quer dizer, sem subterfúgios ou meias palavras, nada soa falso nela e não procura agradar a ninguém. O sorriso é franco, sincero e contagiante. O tipo de sorriso que faz com que você sorria de volta. Que te faz querer fazer ou dizer coisas idiotas pelo simples prazer de vê-lo brilhar. Não, em nada, ela se parece com as mulheres insípidas, fúteis e vazias como minha ex-noiva e Daniela.

E é o conjunto de tudo isso que me faz ficar cada dia mais perdido sempre que estou ao seu lado.

— Tem razão — sussurro — Talvez seja isso que tenha me atraído.

Ignoro qualquer comentário da jovem e vou em direção à mulher que está virando meu mundo de ponta cabeça. Tudo começou como um jogo, mas essa noite eu percebo que eu preciso muito mais do que isso.

— Divertindo-se Rodolfo?

Agarro a cintura de Paige e a prendo contra meu corpo. Sinto-a ficar tensa ao meu toque. Isso é bom, Paige pertence a mim e é bom que ela, Rodolfo e todos nesse ambiente saibam disso, pelo menos por essa noite.

— Sua amiga é muito inteligente e espirituosa — diz ele sem desviar os olhos de Paige.

— Noiva — falo com um ranger de dentes.

Caralho! Quantas vezes eu tenho que repetir isso para todas as pessoas aqui? Noiva! Noiva! Noiva! Eu preciso desenhar isso?

— Bem... — diz ele com um sorriso cínico — Você é um homem de muita sorte.

— Obrigado — murmuro — Onde está sua namorada?

— Leticia? — ele balança os ombros com indiferença — É apenas uma amiga e teve que sair às pressas. Problemas de família eu acho.

Amiga é uma porra! Não me interessa se ele está ou não comprometido, ele não ficará arreganhando os dentes e batendo as asas como um pavão para minha garota.

— Que tal tomarmos um pouco de ar antes do jantar? — digo a Paige fazendo carinho em seu rosto.

— Claro — diz ela sorrindo — Você vem Rodolfo?

— Não... — respondo por ele apressadamente — Ele tem muitas coisas a tratar com Charles. Vamos.

Não dou a chance para que qualquer um dos dois proteste contra isso. Antes de arrastá-la para fora, noto olhar de cobiça de Rodolfo e tenho vontade de tirar aquele sorriso com meus punhos. Estou fervendo de raiva e prestes a estourar a qualquer minuto. Para um homem pacífico como eu, venho tendo sentimentos bastante intensos ultimamente.

— O que pensa que está fazendo, Paige? — falo, tentando controlar a cólera que queima em meu corpo.

— Do que está falando exatamente?

Cruzo o corredor que me leva a piscina, deixando sua pergunta pairar no ar. Merda, eu não sei o que estou dizendo. Tudo o que sei, foi que senti uma fúria indescritível ao vê-la conversando tão animadamente com outro. Eu não sei explicar a razão desse sentimento, mas incomoda como um chute na bunda. Nem mesmo pegar Patrice no cio com outro havia me deixado tão raivoso.

E porra, Paige só estava conversando pelo o que parecia.

— Richard? — insiste ela vindo atrás de mim.

Viro-me abruptamente e me dou de encontro a ela. Seu corpo contra o meu ateando fogo em todas

as partes de meu corpo. Tenho vontade de jogá-la em cima de uma dessas espreguiçadeiras e mostrar a quem realmente ela pertence. Quem é o dono daqueles sorrisos encantadores. E que só eu posso ter desejos sobre esse corpo escultural.

— Eu a trouxe para que fingisse ser uma noiva apaixonada... — respiro fundo e me afasto dela — Não para que fique distribuindo sorrisos para qualquer um.

— Francamente Richard! — diz ela cruzando os braços — Sabe que está sendo ridículo, não é?

— Ridículo? — lanço a ela meu melhor olhar ameaçador — Todos naquela sala viram quanto estava receptiva.

— Bem, você não parecia se preocupar, já que me deixou sozinha o tempo todo — ela cospe indignada — E não demorou muito em arranjar companhia.

— Não seja estúpida...

— Olha aqui...

Falamos ao mesmo tempo. A tensão entre nós dois é palpável, como fogo e pólvora, prontos a explodir.

— Richard! — a voz de Charles ecoa da porta, quebrando a tensão — Venha aqui um momento.

Volto a encarar Paige e me atento ao olhar determinado e seu queixo erguido. As mãos fechadas em punho e é evidente que ainda está determinada a me enfrentar com a garra de um lutador. Definitivamente nada em torno dessa mulher é simples.

— Fique aqui — murmuro deliciado com o rubor em seu rosto — Eu já volto.

Ouçoo um profundo suspiro e, algo como um bater de pés e um largo sorriso vem em meu rosto. Paige é a única mulher que consegue me levar do inferno ao paraíso em segundos. A vida com ela jamais seria monótona e tranquila.

Droga! Estou novamente me deixando levar por esses pensamentos absurdos.

Acompanho Charles até o escritório. Ele fecha a porta assim que entramos e me indica o telefone em cima da mesa. Lanço um olhar interrogativo e ele sinaliza para que eu atenda. Seja o que for que ele está aprontando não estou com predisposição para isso nesse momento. Tenho algo mais importante me esperando lá fora.

— Alô.

— Como pode fazer isso Richard? — diz minha mãe em uma voz estridente. — Levar uma prostituta a casa do seu irmão...

— Mãe...

— Isso é inadmissível — continua ela aparentando estar muito nervosa — Expor nossa família ao ridículo...

— Chega mamãe! — digo com uma calma que estou longe de sentir — Não vai me dizer o que tenho ou não que fazer!

— Você está louco — continua ela, ignorando-me — Charles irá...

— Charles não fará nada! — falo com firmeza — E chega disso!

Coloco o telefone no gancho com raiva e encaro Charles. Não me espanta que ele tenha corrido atrás de minha mãe em busca de apoio. Os dois sempre faziam isso. Antes eu ignorava por achar desnecessário ou por simplesmente achar mais cômodo. Hoje, no entanto, vejo o quanto essa situação é frustrante. Quando esse círculo de mentiras, fingimentos e manipulações terão um fim? Quando as pessoas dessa família serão realmente honestas umas com as outras?

— Correu para a mamãe como um cachorrinho — digo indignado — E eu que pensei que fosse o

manipulável aqui.

— Você não está raciocinando com clareza — murmura ele — É meu dever mostrar a estupidez que está fazendo. Tenha um caso com ela se é o que quer, mas não nos exponha ainda mais ao ridículo.

— Eu não vou discutir isso com você Charles. Minha vida, minhas escolhas.

Algumas vozes alteradas ecoam da sala e corremos em direção a elas. Um verdadeiro caos se instala no ambiente. Britney corre chorando para os braços de Charles assim que o vê.

De um lado está Daniela completamente ensopada ao lado da governanta que pressiona uma toalha contra seu corpo. Do outro lado está Paige descabelada e com um olhar mortal que faria um viking tremer.

— O que aconteceu aqui? — pergunta Charles horrorizado.

— Essa maluca me jogou na piscina — diz Daniela com voz chorosa.

— Paige! — encaro-a atônito — Você fez isso?

— Fiz! — diz ela dirigindo olhar mortal para mim.

Porra! Pelo seu olhar eu vejo que estou encrencado e nem sei exatamente o que eu fiz. Nada nessa noite havia saído como o planejado e pior de tudo é que teria que lidar com uma mulher pronta a arranca meu pênis com os dentes e não digo no sentido prazeroso.

— Agora entende o que estou dizendo? — pergunta Charles com ira.

As pessoas nos encaram com curiosidade e assombramento. Decido a não dar mais corda para o espetáculo a minha frente e caminho apressadamente até Paige.

— Desculpem-nos — digo a todos, arrastando-a para porta — Mas teremos que declinar o jantar.

Quando chegamos ao estacionamento ela me encara com uma expressão determinada.

— Cretino!

Observo seus seios se moverem para cima e para baixo devido à respiração acelera. Inferno! Não é o momento para pensamentos eróticos.

— Paige...

— Se queria me fazer passar por uma prostituta, poderia pelo menos ter me avisado! — diz ela com os olhos marejados de indignação. — E não espalhar para sua família e amigos como foi fácil de encontrar uma naquele clube.

— Eu não...

Vejo-a tirar os sapatos e olhar em minha direção. Automaticamente levo as mãos até meu pênis. Definitivamente eu não vou correr o risco.

— Idiota! — brada ela ignorando meu gesto e caminhando descalça até a saída.

— O que está fazendo?

Corro em direção a ela e giro seus ombros fazendo-a me encarar. O rastro de lágrimas em seu rosto me faz sentir uma pontada aguda no peito.

— O que aconteceu? — limpo as lágrimas de seu rosto.

— Aquela loira estúpida! — diz ela, com voz engasgada.

As palavras atropeladas e desconexas trazem um sorriso ao meu rosto.

— Não ria seu imbecil — Paige esmurra meu peito — Filho da...

Eu seguro-a e a beijo. Foi um gesto desleal eu sei, mas é a única maneira que vejo para mantê-la tranquila. Doce tormento, não há nada de calmo nesse beijo. Pelo contrário, ele é explosivo e cheio de paixão, com mãos exigentes por todos os lados de nossos corpos. Meus lábios pressionando os

dela e suas mãos agora agarradas aos meus cabelos, enquanto pressiono seu corpo ainda mais rente ao meu. Eu posso sentir o desejo vibrando em seu corpo. Ela me deseja eu a quero. Inferno, como eu quero!

— Não! — grita ela se afastando de mim, limpando o beijo como se fosse algo sujo — Não vou ser humilhada por você ou qualquer um de sua família Richard. Pode pegar essa pose e todo esse dinheiro de vocês e enfiar na sua maldita bunda.

Deus! Essa mulher tem a capacidade de me enlouquecer.

— Não sei do que está falando?

— Ah não sabe? — seus olhos se estreitam devido à raiva — Não passou todo aquele tempo com aquela mulher explicando o porquê de estar comigo?

— Não! — rebato com firmeza — Eu não fiz isso! Acha mesmo que se quisesse humilhá-la teria socado meu irmão em sua própria casa?

— E como ela soube sobre o Seduction e sobre nós?

Eu tenho vontade de voltar lá para dentro da casa e afogar Daniela na piscina com minhas próprias mãos. Maldita mulher intrometida e como ela havia ficado sabendo disso?

— Eu não sei Paige — digo com frustração — Talvez Charles tenha falado alguma coisa ou ela tenha ouvido, mas eu não fiz isso.

Paige deixa escapar uma exclamação irritada e dá as costas para mim. Os sapatos batendo ao lado do corpo em cada coxa.

— Foi por isso que a atirou na piscina?

Silêncio. Suspiro. E mais silêncio.

— Sim — diz ela voltando a me encarar — E eu não vou me desculpar.

— Não estou pedindo isso — ressalto — Bem.. Acho que a noite acabou, vou levá-la para casa.

— Sinto sobre isso — murmura ela.

Esfrego o rosto para aliviar a tensão.

— Vamos — pego os sapatos de suas mãos e conduzo-a para o carro.

O caminho de volta assim como na ida foi feito em silêncio. Cada um perdido em seus pensamentos e seus monstros internos. A noite havia sido um verdadeiro fracasso para ambos os lados. E eu já não sei se é certo envolver Paige em toda essa loucura.

Assim que chegamos ao seu prédio, sigo-a até seu apartamento. A culpa e o remorso ainda corroendo alma e mente.

— Janta comigo amanhã? — murmuro ao parar em frente a sua porta.

— Mais trabalho? — ela parece desconfiada.

— Digamos que sim.

— Richard... — Paige começa a protestar.

— É sobre trabalho — corto-a — Pego você as oito.

— Tudo bem — balbucia ela.

Caminho em direção à saída, mas viro-me rapidamente encontrando seu olhar profundo em direção a mim.

— Ah, sobre vestido... — gesticulo com as mãos.

— O que tem?

— Eu menti. Assim que o vi achei que ficaria lindo nele.

Saio apressadamente antes que eu cometa uma loucura como arrancar-lhe a roupa e tomá-la ali

mesmo no corredor, as vistas de qualquer desavisado.

Eu não sei por que, mas há um enorme sorriso em meu rosto. Tudo porque esse idiota e babaca havia me dito que tinha escolhido esse vestido pessoalmente. Eu deveria estar irritada com sua atitude machista, mas pelo contrário. Estou encostada contra a porta de meu apartamento, sorrindo como uma adolescente após receber um beijo de despedida em seu primeiro baile. Se bem que eu nunca tive um, então não sei se a comparação é justa.

Retiro um sapato, depois o outro e me jogo no minúsculo sofá. Toco meus lábios com os dedos e me recordo do beijo que trocamos essa noite. Já tivemos momentos memoráveis no sexo que só de lembrar deixam minhas pernas bambas, mas o beijo dessa noite foi especial. Foi... foi...

Que coisa mais ridícula Paige! Estou começando a me tornar uma romântica idiota e eu sei muito bem o que acontece quando se baixa a guarda, as pessoas destroem você. Roubam sua fé e confiança. Jenny tem toda razão, eu tenho muito mais a perder agora do que antes. Dinheiro, bens materiais e todas as outras coisas podem ser reconquistados, mas um coração partido...? Um coração despedaçado às vezes nunca mais se recupera.

E ele é tudo o que qualquer mulher sonharia: lindo, charmoso, engraçado e espetacular na cama. O tipo que a faz querer fazer qualquer coisa sem pensar duas vezes. Eu fingiria ser sua noiva de graça, apenas pelo deleite de sua companhia. Pelo prazer de ter aquelas mãos grandes e calorosas tocando meu corpo, mesmo que intencionalmente. Seus lábios nos meus e quando ele me toma eu sinto que sou enviada para outra dimensão para um mundo em que só nós dois existimos.

Inferno! Eu não posso continuar me enganando. Estou completamente envolvida por ele e não posso continuar com isso. Preciso de colo, preciso da minha melhor amiga. Preciso de alguém sensata e inteligente como a Jenny, que me tire das nuvens a qual me encontro.

Sem me preocupar em trocar de roupa eu pulo do sofá e saio para ir até o apartamento dela em frente ao meu.

— Fiu fiu... — escuto o assovio as minhas costas, antes de bater na porta.

Fecho o punho pronta para enfrentar o babaca desconhecido. Não estou muito boa hoje para idiotas com testosterona aflorados.

— Paige você sempre foi linda, mas hoje está divina.

— Paul! — solto um enorme grito e me jogo em seus braços — Quando chegou?

— Há uns minutos, apenas para jogar as malas e tomar um banho.

Paul é o único e verdadeiro amigo que Jenny e eu temos. A vida dele havia sido tão ou mais difícil que a nossa. Filho de um pai militar rígido e de uma mãe apática. Assumidamente gay saiu de casa aos 17 anos após não aguentar mais a intolerância do pai e a falta de apoio da mãe. É professor de defesa pessoal e garçom no tempo livre. Está economizando muito para abrir sua própria academia de luta. A primeira vista, parece até um pouco magro para um lutador, ele não faz estilo bombadão, mas tem técnica e uma força incrível. Já o vi lutar algumas vezes e ele é fera. Foi ele que ensinou Jenny e eu a nos defendermos e cuidar de nós mesmas sempre que ele está longe ou quando estávamos trabalhando no Seduction.

— Que bom ter você aqui — me aconchego carinhosamente nele — Senti tanta saudade, querido.

— Eu não deixaria minha garota tanto tempo sozinha. Que tal nós dois sairmos, e balançarmos o esqueleto como sempre fazemos?

Eu não sei, não estou no clima de baladas, mas talvez a música e dança fizessem bem a mim. Eu amo dançar e desde o Seduction não remexo o esqueleto, talvez me fizesse bem mesmo.

— Tudo bem — sorrio para ele — Mas vamos arrastar a Jenny com a gente.

— Nem precisava pedir querida — diz ele me dando uma piscadela — O que eu seria sem as minhas duas garotas preferidas.

— Falso — digo rindo e dou um tapa em seu braço.

Entramos juntos, rindo no apartamento de uma Jenny desanimada e surpreendida. Apesar de todos os esforços nada do que dissemos foi capaz de fazê-la sair de casa. Parece que Neil Durant a atingiu mais do que quer assumir.

Então, essa noite será Paul e eu. A noite é uma criança e eu não vou ficar em casa chorando por um homem. Ah, mas não vou mesmo!

“Arriba” é uma nova e melhor casa noturna latina da cidade. Bem disputada e não muito longe de nosso apartamento. Graças a Paul que já teve um namorico com um dos seguranças, temos entradas Vips, apesar dos protestos das pessoas na fila, fazer o que meu bem? Influência é tudo, nem sempre é preciso ter dinheiro. Nós vamos direto para o bar para começar a noite, hoje eu quero dançar, cantar, pular, beber e me divertir e se me der à louca paquerar algum gatinho.

— O que quer beber? — pergunta Paul, sem desviar o olhar do barman super gato, tatuado e musculoso a nossa frente.

— Margarita — me apoio no balcão e encaro Paul com olhar firme — Nem pensar em soltar as frangas. Hoje você é meu.

— Mulheres... — diz ele, encarando-me com nojo — Tão ciumentas. Acho que por isso prefiro os homens.

— Ridículo — digo a ele e pego minha bebida.

Adoro Margarita, uma bebida composta por: contreau, suco de limão, cubos de gelo, sal na borda do copo e tequila. Arriba e tequila, uma composição explosiva. Tomo um enorme gole e mexo meu corpo ao ritmo de “Coro Millare” de Los Latinos.

— Vamos Paul, eu adoro essa música — e arrasto Paul comigo para a pista de dança ainda com seu copo na mão.

— Coro Coro Millare... — todos na pista cantam animados e dançamos animadamente — Coro Coro Millare. Viva la salsa para arriba!

Há dançarinas de cair o queixo, mas eu não passo vergonha. Adoro música latina e sua dança. E a salsa é uma das minhas danças preferidas.

Um dançarino muito bonito para minha alegria me puxa para dançar e bailamos ao ritmo caliente. Sua mão em minha cintura, virando-me de um lado a outro. Eu dou tudo de mim e nossos corpos se movimentam sensualmente como se estivéssemos fazendo amor.

Não sei se é a música, a bebida que tomei muito rápido ou as luzes do lugar, mas, me sinto leve e feliz. A música termina, agradeço ao rapaz com um grande sorriso e volto para o bar. Outra Margarita e arriba! Vila salsa para arriba!

— Ei garotinha, vá com calma — diz Paul ao me ver virar outro copo — O que está acontecendo com as duas?

Seu olhar desconfiado me deixa agitada. Eu não quero falar sobre isso. Estava me divertindo, por

que ele tinha que tocar no assunto? Por que tinha que me fazer me lembrar daquele deus grego que faz minhas pernas tremerem?

— Não quero falar sobre isso — dou um sorriso amarelo — Quero me divertir e você cuida de mim. Certo?

— Sempre!

— Vamos muchacho “Arriba!”

Voltamos para pista de dança e mais salsa, mais homens e mais margaritas. Eu não sei quantas músicas dancei ou quantas margaritas eu tomei, mas tudo gira em volta de mim. Dessa vez toca uma música pop, a nova música de Enrique Iglesias “Bailando”.

Um latino com olhar sensual e corpo de suar frio me tira para dançar. E enquanto eu danço sensualmente com ele a letra da música penetra em minha cabeça. Eu já a ouvi antes e por curiosidade procurei a tradução da letra. Parece que essa música fala comigo e diz tudo o que estou sentindo.

Eu te olho, está a me tirar o fôlego

Quando você me olha me sobe o coração

Bate devagar meu coração

E no silêncio o seu olhar disse mil palavras

Na noite em que peço que não nasça o sol

As mãos do rapaz pousam em minha coxa e enrosca minha perna na dele enquanto ele me joga para trás, girando-me. Tudo o que eu consigo pensar é em uma cozinha e a forma como Richard me levou a loucura em cima da mesa.

Com sua física e sua química também sua anatomia

Cerveja e tequila e sua boca com a minha

Já não posso mais, já não posso mais, já não posso

Com esta música, sua cor, sua fantasia

Com sua filosofia de minha cabeça está vazia

E já não posso mais

Ele volta a unir o corpo ao meu e vamos descendo juntos até o chão, rebolando e nos mexendo o tempo todo.

Eu quero estar com você, viver com você

Dançar com você, ter com você

Uma noite louca, uma noite louca

Oh beijar sua boca e beijar sua boca

Eu quero estar com você, viver com você

Dançar com você, ter com você uma noite louca

Com tremenda loucura

Oooooh, oooooh, oooooh, oooooh

O jovem se afasta um pouco de mim e me rodopia. Fecho os olhos e me levo ao ritmo da música.

Richard, Richard! Meu coração e corpo sussurram seu nome a batida da música. Fecho meus olhos e imagino que ele está ali comigo. É sua mão deslizando por minha cintura enquanto a outra me prende em seu corpo firme, agarrando minha nuca e colando a testa a minha. Não estamos mais dançando, estamos parados na pista de dança, os corpos mais unidos do que gostaria, mesmo para uma dança sensual.

— O que pensa que está fazendo Paige? — a voz sussurra ao meu ouvido e sinto cada parte da minha pele arrepiar.

Céus! Realmente eu havia bebido muito. Não só estou imaginando coisas como ouvindo. A voz do homem é tão parecida com a de Richard que juro, seria capaz de ir para cama com ele apenas ouvindo sua voz.

— Dançando — respondo sem abrir os olhos e mexendo-me ao som da música que agora é um pouco mais lenta — Estamos dançando, oras.

As mãos descem pelas minhas costas e pousam em minha bunda. O corpo dele parece tão familiar para mim. Havia alguma coisa nessas bebidas, agora imagino, ouço e sinto as coisas.

— Você pode continuar falando — murmuro em uma voz grogue e me aconchego no peito másculo — Acho que vou levar você para casa... — solto um soluço involuntário — Você pode continuar falando no meu ouvido a noite toda.

— Paige... — murmura ele, segura meu queixo com firmeza e levanta meu rosto — Está bêbada? Não me admiro, com tantos copos que virou e aposto que não comeu nada ainda.

Que chato esse dançarino havia ficado. Eu bebi muito e daí? Não estamos em uma boate. As pessoas não vêm até aqui para beber e dançar a noite toda? Só estou me divertindo, droga!

Abro os olhos para dizer a ele o que realmente penso e fico completamente em choque. Puta que pariu! Essa casa tem que ser denunciada, pois além de imaginar, ouvir, sentir, eu agora estou vendo coisas, com certeza minha bebida havia sido batizada. Porque por mais bêbada que estivesse, isso seria impossível, não seria? Richard não poderia estar aqui. Não mesmo!

— Acho que eu estou muito bêbada — começo a rir, descontroladamente — Ou...

Eu afasto-me dele dando alguns passos cambaleantes para trás. Esbarro em um casal e peço desculpas.

— Você é o melhor sósia da face da terra!

— Paige! — diz ele, irritado e caminha em direção a mim.

— Você sabe meu nome — murmuro, languida — Você é bom nisso. Quais seus outros truques? Eu vou levar você para casa...

— Chega Paige!

A mão dele me agarra com firmeza e me arrasta para saída. Eu tenho dificuldade de acompanhar seus passos e de me desviar das pessoas que me encaram com olhar feio. A culpa é dos meus sapatos, falo mentalmente.

— Vou levar você para casa — ele diz, quando paramos em frente ao seu carro — Onde está aquele irresponsável de seu namorado? O idiota a deixou sozinha...

— Paul? Buff... — sacudo a mão, interrompendo-o — Ele é um galinha e, além disso...

— Eu não quero saber — vejo-o abrir a porta com raiva — Depois conversamos sobre isso. Entre!

Olho para o carro conversível vermelho. Eu já vi esse carro hoje. Ele não é um sósia. Que porra de alucinação que estou tendo?

— Richard? — pergunto a ele e dou um passo para trás.

— Não! É Brad Pitt! — diz ele, bufando e me coloca dentro do carro.

Ajeito-me melhor no banco de couro e fecho os olhos. Minha cabeça ainda está rodando. Eu estou presa em um maldito sonho eu não faço a menor ideia de como sair dali.

— Esse é o sonho mais louco que já tive — sorrio, languida — Mas eu gosto.

Passo a mão pelas coxas firmes dele de cima a baixo em movimentos lentos.

— Paige... — Richard sussurra, sem desviar os olhos da estrada.

— Eu gosto muito — murmuro, minhas mãos vão subindo até tocar seu membro duro.

Caramba esse sonho parece tão real. Eu cruzo as pernas para tentar aliviar o calor que há ali.

— Pare com isso Paige — diz ele rangendo os dentes — Está bêbada.

Prendo seu pênis em minha mão e acaricio a glândula. O carro dá uma freada e eu solto outra gargalhada.

— Que porra tá fazendo? — Richard me olha firme. Seus olhos como brasa — Eu não sou de ferro Paige, mas eu não me aproveito de mulheres bêbadas e que...

Eu pulo em seu colo e selo seus lábios com um beijo.

— Mudei de ideia — sussurro, em seus lábios — Fique quietinho.

Meus lábios devoram os dele com fome e desejo enquanto esfrego minha pélvis contra a dele. Eu o desejo mais que tudo. Desejo tanto que dói e me sinto transtornada em saber que até mesmo os sonhos meus sentimentos por ele são intensos. Eu diria que muito mais intensos do que antes.

— Paige... — Richard tenta frear minhas mãos que agora estão brigando com o zíper da calça — Amanhã você...

— Foda-se amanhã! — murmuro e mordo seu pescoço — Quero você agora.

Ouçoo-o soltar um gemido frustrado e em seguida me ajuda a abrir o zíper. Em segundos eu tiro seu membro poderoso de dentro da cueca e o masturbo sem piedade. Cada gemido dele, faz meu desejo aumentar. Ajoelho-me no outro banco e curvo-me, caindo de boca em seu pênis. Entrego-me a ele como jamais havia feito, como a verdadeira deusa do sexo.

Os grunhidos que ele emite e a forma que agarra meus cabelos guiam-me a um trabalho perfeito. Chupo seu pênis da glândula a base, diversas vezes, subindo descendo, rápido, lento, mais rápido, lento...

— Para — ele me afasta — Se quiser parar aqui... Acho melhor...

— Parar? — sorrio, diabolicamente passando a língua em meus lábios em um “O” perfeito — Não querido. Eu quero o que é meu.

Sento-me em seu colo e me esfrego contra a dele. O pênis cutucando contra minha calcinha, deixando-me mais embriagada que mil margaritas.

Eu quero estar com você, viver com você

Dançar com você, ter com você

Começo a cantarolar a música, sem desviar os olhos do dele.

Uma noite louca, uma noite louca

Oh beijar sua boca e beijar sua boca

Seus dedos deslizam sobre o tecido da calcinha e eu me remexo alucinada. Os dedos dele me acariciam com maestria de um mágico e eu quero ser a assistente.

— Isso é loucura — sussurra ele, contra meus seios — Mas eu não posso resistir a você. Vai me odiar amanhã.

— É só um sonho, não posso odiá-lo por isso.

Os dedos afastam minha calcinha para o lado e sem aviso tomo seu pênis duro, introduzindo-o em mim. A forma que ele desliza para dentro, preenchendo cada parte de meu interior, me faz ir às alturas. Paro alguns segundos, apenas degustando de todo aquele membro me completando.

— Paige... — geme ele, apertando meu braço — A camisinha.

Quem precisa de camisinha? É tão bom senti-lo assim, pele contra pele, sem nenhum impedimento, apenas ele e eu.

— Dane-se a camisinha — murmuro e começo a me movimentar em cima dele.

— Oh... — ouço-o gemer alto, quando dou uma arremetida mais profunda — Foda-se.

Meu corpo está em chamas e grita por mais e mais. Eu o quero cada vez mais profundo dentro de mim. Consumindo as chamas que ardem em meu corpo.

Suas mãos agarram minha cintura e me ajudam nos movimentos. Subindo, descendo, subindo, descendo, mais, mais, mais...

Sinto meu interior pulsar e sugar seu pênis. Agarro o banco e cavalgo sobre ele ainda mais rápido. Seus lábios tomam meus seios e eu me deixo levar pelo mar de sensações.

— Isso querida! — rosna ele, metendo com mais força.

Uma mão cravada em minha cintura e outra toca meu clitóris. Imediatamente eu explodo em um orgasmo potente e arrebatador. Segundos depois seus gritos altos significam, que com ele não foi diferente.

Com o coração acelerado, corpo suado e trêmulo eu me aconcho em seu peito. Sorrio preguiçosamente ao sentir seu coração, tão disparado como o meu. Esse Richard, o Richard de meus sonhos é tão sensível a mim quanto eu sou com ele. Automaticamente meus olhos fecham e caio em um sono gostoso, abraçada a ele.

Batidas insistentes na porta me despertam de meu sono tranquilo. Coloco travesseiros em meus ouvidos, querendo abafar o som.

— Paige!

Agora há vozes misturadas às pancadas na porta. Sento-me na cama desanimada. Quem quer que seja, não tem a menor pretensão de ir embora.

— Paige, você está aí? — pergunta Jenny, com a voz preocupada.

Olho para o outro lado da cama e encontro-a vazia e respiro aliviada. Havia sido apenas um sonho. Um sonho esquisito que havia durado a noite toda e que me pareceu incrivelmente real. Mas se foi um sonho por que estou totalmente nua em baixo das cobertas? Com certeza foi a minha incrível mania de tirar a roupa enquanto durmo. Essa explicação me soa satisfatória.

Meu alívio, entretanto, dura pouco ao ver aos pés da cama uma caixa ao lado de um bilhete dobrado e o vestido vermelho jogado no chão ao lado dos sapatos que havia usado na noite anterior.

Bom dia querida,

Gostaria de ter ficado para o café, mas tive que resolver algo urgente. A noite foi maravilhosa e inesquecível. Sei que não quer complicações em sua vida, assim como eu. Então tentei consertar isso da melhor forma possível, as instruções estão na caixa. Conversamos a noite.

Richard.

Instruções? Caixa? Oh meu Deus, as coisas estão piores do que imaginei.

— Paige! — diz Paul, do outro lado da porta — Se não abrir eu juro que arrombo essa porta.

Escondo a embalagem embaixo das cobertas, corro até o guarda roupa, coloco uma camiseta longa e visto shorts de dormir. Minha cabeça está zunindo e a gritaria dos dois está me dando náuseas.

Escancaro a porta e me deparo com Paul, me encarando, furioso. Ainda está usando a mesma

roupa de ontem, os cabelos bagunçados e com uma expressão cansada.

— Eu juro que eu vou matar você! — grita ele ao entrar no apartamento.

— Paige você está bem? — Jenny tateia o ar até me encontrar.

— Claro que sim — pego sua mão e puxo-a para dentro do apartamento — Aconteceu a terceira guerra mundial?

— Não! — rebate Paul — Mas eu estou pronto para iniciar uma. Onde esteve esse tempo todo. Aqui?

Ele olha em volta e espia meu quarto através da porta entreaberta, sem disfarçar a curiosidade.

— Não há ninguém ali — falo com raiva e apesar do desapontamento, sinto-me agradecida por Richard ter ido embora. Isso seria muito constrangedor.

— Sabe como fiquei preocupado com você? — pergunta ele, magoado — Procurei-a por todos os lados. Até fui ao Seduction ver se a encontrava.

— Desculpe — respondo, envergonhada — Mas eu estava bêbada e fora de mim. Pensei que cuidaria de mim Paul?

Dessa vez ele fica vermelho e com vergonha.

— Só saí por alguns minutos — diz ele, sentando-se no sofá — Juarez pediu para falar comigo e...

— Você saiu como um cachorrinho!

Juarez é um ex-namorado dele, que eu e Jenny, odiamos. Além de ser um aproveitador, havia causado muito sofrimento a Paul. A relação deles é complicada e destrutiva.

— Você me deixou sozinha a mercê de qualquer maluco — acuso-o, magoada.

— Sinto muito — desculpa-se, novamente — Fiquei maluco quando voltei e não a encontrei, procurei você por todos os lados. Suas coisas estão comigo e fiquei em pânico. Eu juro Paige, saí apenas por quinze minutos...

— Tempo suficiente para uma tragédia, não acha? — sento-me ao lado dele — Mas eu sou a última pessoa que pode julgá-lo. Acho que todos nós erramos.

— Como chegou até aqui? — pergunta Jenny, ainda apreensiva.

Eu poderia mentir e dizer que vim andando, já que a casa noturna não é muito longe do meu prédio, mas não quero mentir para eles. São as duas pessoas que mais confio no mundo.

— Richard me trouxe — murmuro.

— Ah... — ela sussurra.

— Richard? — pergunta Paul — Quem é Richard?

— É uma longa história, Paul — sento-me sobre os joelhos e o encaro.

— Ótimo — ele sorri para mim — Estou cheio de adrenalina ainda. Talvez uma boa história me acalme.

Eu conto a ele tudo o que havia acontecido desde o meu primeiro encontro com Richard, até a noite anterior. Claro que havia pulado a parte sobre o sexo. Ainda não estou pronta para falar sobre isso. De alguma maneira, a noite de ontem, havia sido diferente de tudo o que já havíamos vivido e, eu confesso que estou em pânico. Meus sentimentos estão uma verdadeira bagunça e já não tenho certeza de mais nada.

— Jesus! — diz ele, esfregando as mãos animadamente — Que novela mexicana. Vocês duas heim... Saio por algumas semanas e acontece de tudo.

— O que é isso? — toco o rosto dele, disposta a mudar de assunto. Há um corte no supercílio direito e a região está avermelhada — Andou brigando no clube? Juarez...

— Não. Foi um viciado que vi ontem quando cheguei e esbarrei hoje de manhã, quando voltava. O idiota me nocauteou, por isso não vim antes.

Sinto meu corpo tremer ao imaginar a cena. Esse lugar está cada vez mais perigoso. Se Paul que é homem e professor de defesa pessoal havia sido agredido, o que não aconteceria a Jenny quando não estivéssemos com ela?

— Isso é terrível — murmuro, acariciando seu rosto.

— O cara apenas me pegou de surpresa — diz ele, beijando minha mão — O apartamento em cima da academia ficará pronto em alguns meses. Sabem que podem ficar lá, não é?

— Eu agradeço, mas não terá espaço para nós três.

— Paige tem razão Paul — murmura Jenny, agradecida — E não queremos tirar sua privacidade. Além disso, tenho um emprego novo. Logo poderemos sair daqui.

Conversamos por mais alguns minutos. Assim que eles dois vão embora eu sigo para o chuveiro. Tomo um banho frio na tentativa de que vá colocar meus pensamentos em ordem.

Tudo o que havia acontecido na noite anterior vem a minha mente como uma avalanche. Onde está a amnésia alcoólica que todos dizem sentir no dia seguinte? Eu me lembro de tudo, nos mínimos detalhes e me pergunto se estava realmente bêbada ou embriagada de amor.

Eu já não consigo me enganar ou mentir para mim mesma. Estou perdidamente apaixonada por ele. Passei os dois últimos anos fugindo do amor e de todas as complicações românticas para cair de amores por um homem fora de meu alcance.

O que será de mim quando ele decidir parar de brincar de vingança? Richard está disposto a dar uma lição a sua família e a única a aprender ali sou eu. Não se brinca com sentimentos e eu sairei ferida.

Desligo o chuveiro e saio do minúsculo banheiro. A enxaqueca diminuiu um pouco, mas não sumiu completamente e como toda pessoa que havia extrapolado, eu juro a mim mesma que não voltarei a colocar nunca mais uma única gota de álcool na minha boca pelos últimos dez anos.

Volto para o quarto disposta a hibernar ali por toda minha vida. Assim que me deito na cama, a caixa de remédio volta a chamar minha atenção. Leio as instruções da bula com certa impaciência. Setenta e duas horas. Eu tenho setenta e duas horas que podem mudar toda a minha vida.

O que eu devo fazer?

Eu confesso, eu fugi como um garotinho assustado. Mas o que havia acontecido entre nós dois abalou-me de uma forma inexplicável. Eu nunca havia perdido a cabeça como ontem e jamais tinha me aproveitado de uma mulher alcoolizada. Só que eu não me arrependo, nem de uma coisa e nem de outra. Eu já fiz sexo sem proteção antes, afinal eu tive uma noiva por anos, mas foram raras às vezes que isso aconteceu, já que ela odiava tomar remédios.

Eu me esqueci da sensação de ter pele contra pele e de como as sensações são mais intensas. Com Paige então? Isso vai para um patamar muito mais elevado. E o resultado foi que passamos a noite fazendo amor e exigindo mais um do outro.

Estou vidrado na forma intensa que ela sempre se entrega a mim, e ontem não havia sido diferente. Ontem foi algo inexplicável, eu senti isso, como se uma urgência e um desespero dominassem nós dois. Como se nós quiséssemos marcar um ao outro de alguma forma e não apenas no sexo. Há muito mais do que sexo aqui. Eu tenho sentimentos profundos por ela e que se enraízam dentro de mim cada vez mais com uma força absurda. Estou viciado em tudo o que se refere a essa mulher. Sua pele macia que se arrepia ao meu toque. O sorriso solto e sincero que me faz sentir plenamente feliz. Sua impertinência e altivez que me surpreende a cada dia. Tudo havia começado como uma brincadeira e desejo de vingança, mas se tornou algo maior e mais intenso.

Quando a deixei em casa eu tinha certeza em afastá-la de mim e da minha família maluca. O jantar na casa de Charles havia sido um aperitivo de como seria sua vida ao meu lado. Pelo pouco que me revelou, a vida dela foi marcada por decepções e não quero ser mais uma.

Após eu ficar muito tempo no carro meditando. Eu resolvi voltar ao seu apartamento e dizer que o acordo está cancelado, mas que eu gostaria de conhecê-la melhor. Ela ficaria surpresa com certeza, mas não demorou muito para descobrir que o surpreendido seria eu. As lembranças tão vivas como se acontecessem nesse momento e que ainda me deixam furioso.

— Paul! — observei-a soltar um grito e se jogar nos braços dele — Quando chegou?

— Há uns minutos, apenas para jogar as malas e tomar um banho.

— Que bom ter você aqui — Paige se aconchega a ele carinhosamente — Senti tanta saudade, querido.

— Eu não deixaria minha garota tanto tempo sozinha. Que tal nós dois irmos balançar o esqueleto, como sempre fazemos?

Não esperei para ouvir a resposta dela. A raiva e decepção estavam queimando minha alma. A conclusão de que não era diferente das outras mulheres e que também era uma mentirosa me nocauteou.

Há quanto tempo os dois estavam brincando comigo? O tempo todo se fazendo de boa moça. Quando na verdade, a única coisa que via em mim é dinheiro. Odiei ter que admitir, mas, Charles e minha mãe tinham razão, ela não serve para mim. Fui um tolo estúpido em achar o contrário.

Se os dois pensam que me manipulariam como a minha família estão muito enganados. Seguirei em frente com meu plano e ainda daria uma boa lição nesses dois.

O que ela havia visto naquele babaca, além da tatuagem mal feita e o ridículo piercing nos lábios?

Agora me lembro de que o havia visto antes, quando saí dali a primeira vez. Estava com uma mala e me olhou com certo desprezo.

— Playboys viciados — sussurra ele, com desdém — Idiotas.

No primeiro momento não entendi bem o que ele quis dizer, por isso ignorei-o e continuei andando. Agora faz sentido suas palavras. O que um homem como eu poderia procurar em um prédio tão decadente como aquele, além de drogas?

Fiquei muito tempo no carro do outro lado da rua me decidindo entre ir embora ou desmascarar os dois. Maldita filha da puta! Ela havia me garantido que estava sozinha. Não teria começado essa história se soubesse que havia outro homem em sua vida.

Quando os vi sair juntos abraçados e conversando animadamente senti uma vontade inexplicável de arrancá-la dos braços dele. Ela é minha e ele não tem direito algum de tocá-la.

Segui-os de longe em uma distância considerável enquanto caminhavam pela calçada. Estavam tão perdidos em seu mundinho ridículo que não perceberam o conversível atrás deles.

O idiota nem ao menos havia chamado um taxi. Comigo, Paige estaria em uma Limusine confortável regada a champanhe e rosas enquanto eu estaria devorando-a em todos os sentidos.

Vinte minutos depois e algumas quadras, eles se dirigiram a uma casa noturna badalada. Já ouvi falar do lugar antes. É um dos novos points favorito de Peter. Não é fácil conseguir entrar ali, mas parece que para eles não houve grande dificuldade. Após o tatuado conversar em um canto com o segurança, eles entraram.

Bom, se ele tinha influência, eu tenho dinheiro. Portanto, não foi difícil entrar no clube, bastou mostrar ao mesmo segurança uma carteira recheada e meu cartão de crédito.

Encontrei-os no bar e o rapaz parece mais interessado no... Que porra foi aquela? O homem havia dado em cima do jovem barman? Ainda não entendi essa parte. Será que Paige tem algum conhecimento sobre isso? Pela forma natural em que ela agiu creio que sim. Isso me enoja, não o fato dele se interessar por outro homem, cada um faz o que quer de sua vida, mas o fato dele dar em cima de outra pessoa descaradamente enquanto estava acompanhando-a. Que tipo de relação eles teriam? O tipo liberal. Cada um faz o que quer com quem e quando quiser? Faz sentido, afinal ela havia citado em meu apartamento que não está atrás de compromisso sério.

Mas Paige está comigo, porra! É minha noiva para todos os efeitos.

O restante da noite foi uma verdadeira tortura. A cada música mais e mais homens faziam fila para dançar com ela entre um copo de bebida e outro. A forma com que dançava e se entregava a música me deixou excitado e sei que não fui o único ali. Arrisco-me dizer de forma literal que os homens babavam em volta dela à espera de uma oportunidade de deslizarem suas mãos nojentas e imundas pelo seu corpo. Correção, meu corpo. Pois eu a havia marcado como minha. Aquele território é meu.

Cansado de olhá-la se exibir de longe e espumando de raiva, vou para pista de dança para dar fim a tudo isso. Que se dane o amante dela. O imbecil nem estava ali para protegê-la. Com certeza estava à caça de outro rabo de saia.

Aproveitei-me do momento em que um latino bombado solta-a para um giro solto e a tomei em meus braços. Foi como dois ímãs a se encontrarem. Carga elétrica total, não importa o quanto estivesse irritado com ela naquele momento, meu corpo pensava diferente e não tinha a mínima vontade em esconder isso.

No primeiro momento, Paige imaginou que estivesse sonhando ou bêbada demais, mas no momento em que entrou no carro. No momento em que me tocou e eu a tomei, ela soube que era nada

menos do que uma ensandecida realidade.

Durante toda a noite foi o meu corpo a fundir o dela. Foram os meus beijos que a deixam sem fôlego e foi meu nome que ela gritou a noite inteira.

Eu preciso dela e sei que de alguma forma, mesmo que inconscientemente ela precisa de mim. Pela primeira vez na vida, entendo as decisões de meu pai. Por que se ele sentia pela amante um terço do que sinto por Paige, começo a compreender todos os seus erros. Uma coisa é saber o que é certo, outra é conseguir fugir do pecado. E com essa mulher estou fadado ao inferno.

Por esse motivo havia fugido, da mesma forma que ela havia feito comigo. Não sem antes deixar a pílula em sua cama. Essa é uma complicação desnecessária.

Minha vontade ao voltar da farmácia e encontrá-la ainda dormindo, nua, apetitosa e inocente em sua cama foi de tirar minhas roupas e voltar para dentro dela. Em vez disso, escrevi o bilhete e saí.

Encontro com o canalha ao descer as escadas e não penso duas vezes antes de acertá-lo com meu punho. Não sei se estava bêbado demais ou meu golpe que foi muito certo, mas ele caiu como um saco de batatas no chão. Confirmando se ele respira normalmente e o deixo caído sem nenhum remorso. Afinal, o babaca a havia deixado bêbada e indefesa naquela boate. Nesse momento, em vez de ter estado comigo, Paige poderia ter sido vítima de algum perverso ou assassino. Mesmo que tenha sido desleal comigo, nenhuma mulher merece isso.

Agora faço as minhas malas, indeciso se devo afastá-la de minha vida de uma vez por todas ou ver até onde isso irá chegar. Não posso ter uma relação de qualquer tipo com uma mulher a qual não confio. Por outro lado, não consigo se quer imaginar a possibilidade de não voltar a vê-la ou tocá-la novamente.

Inferno! O que essa mulher havia feito comigo? Que tipo de feitiço havia me lançado?

Verifico meus e-mails. Há um de minha secretária avisando o horário do voo e que o motorista estaria disponível a partir das sete e meia, caso mude de ideia em usá-lo, o que eu aceito. Não tenho condições de dirigir ou mesmo vontade para isso. Há muitas questões povoando minha cabeça. Pelo menos essa viagem havia chegado à hora oportuna. Quem sabe um tempo longe dela me fizesse enxergar as coisas com clareza? Ao lado de Paige eu perco a capacidade de raciocinar friamente. Todas as emoções são conflitantes.

Às oito horas em ponto eu bato em seu apartamento. Estou mais nervoso do que já estive em toda a minha vida. De uma coisa eu tenho certeza, eu vou confrontá-la. Não vou partir com todas essas dúvidas girando em torno de mim.

A porta é aberta e me deparo com a mulher que ocupou minha mente durante todo o dia.

Meus olhos brilharam de desejo ao analisá-la de cima a baixo. Está com o mesmo vestido preto da noite em que a levei ao Saveur Suprême. O mesmo vestido sexy que me deixou louco de tesão. Noto que ela está perturbada com meu olhar insistente.

— Desculpe — ela parece envergonhada — Meu estoque não é muito variado.

— Está linda — dessa vez, os cabelos estão soltos, caindo em ondas sobre as costas.

Eu gosto deles assim, selvagens.

— Vamos? — diz ela, interrompendo meus pensamentos eróticos.

— Sim — coloco a mãos em suas costas e conduzo-a até a saída. Minha mão formiga sobre sua pele aveludada.

O motorista nos espera com a porta aberta o que considero imprudente devido à periculosidade do lugar.

O clima é tenso. De um lado eu quero pegá-la em meus braços e lançar todas as dúvidas e desconfiança para o espaço. Por outro, eu tenho receio de que esteja me enganando novamente. Talvez eu seja mais parecido com meu pai do que imaginei. Fadado a mulheres erradas e relacionamentos fracassados.

Ela está tensa também. Vejo pelos ombros rijos e os punhos fechados sobre o colo. O olhar fixo na rua através da janela, enquanto morde os lábios de um jeito que sempre me deixa louco.

Chegamos ao restaurante italiano e o garçom nos leva até uma mesa discreta que minha secretária havia reservado. Diferente do Suprême esse é mais intimista. Nem sei por que havia escolhido ir até ali, mas reconheço que precisamos de privacidade essa noite.

Uma música suave ao piano toca ao fundo deixando o clima mais romântico. Um garçom nos traz o menu e concentro-me na carta de vinhos mais tempo do que deveria. Na verdade, não sei o que ou sobre o que falar com ela.

— Não posso continuar com isso — murmura Paige, levanto o olhar para ela — Não vai dar certo.

— O quê?

— Você quebrou as regras, não podemos continuar com isso.

Coloco a carta de vinhos em cima da mesa e a encaro como um jogador estudando a próxima jogada.

— Eu quebrei as regras? E quanto ao seu namoradinho?

— Do que está falando? — ela parece confusa. Só parece.

— Vamos jogar as cartas sobre a mesa Paige — digo, com acidez. — Eu a vi com ele ontem.

— Está falando do Paul? — ela me encara como se agora compreendesse tudo.

— Quero que termine com ele! — exijo.

Olha-me com falsa inocência de novo, ela é boa.

— Paul é meu amigo — murmura ela, confusa — Além disso, ele é *gay*.

— Amigo? — pergunto, surpreso com a declaração — Gay?

Se bem que, a parte sobre ele ser gay faz sentido.

— Sim — rebate ela — Há quase dois anos. Desde que cheguei a essa maldita cidade. De onde tirou a ideia absurda que tenho algo com ele?

— Fale baixo — digo, calmamente.

Paige olha ao redor e seu rosto fica levemente rosado. Eu me divirto com isso. Há poucas coisas que a deixam desconcertada.

— Desculpe.

— Então, ele é seu amigo *gay*? — mexo com a ponta do guardanapo sem ter coragem de olhar para ela. Idiota — Pareciam bem *íntimos*.

— E somos — replica ela — Paul é como um irmão para mim. Um irmão que nunca tive. Não sei o que seria de mim se não tivesse encontrado ele e Jenny.

Pelo visto eu havia sido um verdadeiro babaca. Não era só parecido com meu pai. Sou igual a Charles e minha mãe, eu a havia julgado injustamente, de novo.

— Como me encontrou lá?

Droga! Eu não posso falar a verdade, vai achar que sou um maluco, pior que isso, um maníaco perseguidor.

— É um clube, Paige. Assim como você, eu saí para me distrair. Só que ao contrário da senhorita,

eu não fiquei me esfregando em outras pessoas, exibindo-me para casa toda assistir.

Isso mesmo! Parabenizo-me. Estou pronto para estragar tudo novamente, com essa crise de ciúmes.

— Eu estava dançando salsa. Richard — diz ela, furiosa — E está agindo como um namorado traído. E são apenas negócios não são?

Filha da mãe! Olhe dentro dos meus olhos Paige Fisher e, me diga se são apenas negócios, realmente?

— E não é porque Patrice traiu você que todas as pessoas farão o mesmo. Não quer dizer que eu faria!

— Não pensaria assim, se conhecesse o histórico de meu pai — confesso, num tom azedo — O histórico de pessoas que mentem para mim, que me enganam, vem muito antes dela.

Essas lembranças me deixam amargo.

— Tenho dois irmãos ilegítimos — murmuro — Dois irmãos que me odeiam.

— Oh — a boca dela abre, em um círculo perfeito.

— Descobri isso aos 16 anos — falo sem emoção — Um dia segui meu pai em uma de suas supostas viagens de trabalho e descobri sua segunda família perfeita. Pareciam felizes. Ele parecia feliz com eles, diferente.

— Sinto muito.

— Quando voltei eu o confrontei. Para minha surpresa, minha mãe e irmão já sabiam sobre isso. Eu era o único idiota às escuras.

— Richard...

— Nesse dia meu pai e eu tivemos uma grande briga — as lembranças queimam em minha garganta — Ele bebeu demais e saiu dirigindo... Você pode imaginar o resultado disso.

— Não pode se culpar por isso...

— Ah... — respiro fundo — Eu não me culpo, mas minha mãe e a segunda família de meu pai sim. Minha mãe porque causei a morte do único homem que achou que amou na vida e meus irmãos por ter tirado o pai deles. Para eles minha mãe é uma megera, Charles e eu dois meninos ricos, mimados e que haviam destruído suas vidas.

Não sei por que estou falando sobre isso com ela. Embora Patrice saiba desse lado podre de minha família é algo que nunca discutimos. É algo vergonhoso, escandaloso e que deveria ser apagado.

— Não sei que mentira meu pai contou a eles durante todos os anos — murmuro — Mas não foram coisas boas. Minha mãe não permitiu que eles fossem ao funeral de papai, então acho que a opinião deles não mudou muito.

Paige me encara compadecida. Piedade é a última coisa que eu quero ver em seu rosto.

— Aceitei Patrice como noiva porque era fria, educada e as aparências eram importantes demais para que fizesse algo escandaloso, como me trair — continuo, ácido — Estava enganado novamente, não é?

— Não temos culpa pelos atos das outras pessoas, Richard — diz ela, segurando minha mão, sobre a mesa — Minha mãe me largou em um orfanato quando eu tinha sete anos...

— Não precisa contar se isso ainda a machuca — aperto seus dedos em sinal de conforto.

— Não quero mesmo falar desse assunto — sussurra ela, puxando a mão — Todos nós temos decepções não é mesmo?

— Eu tenho que viajar por alguns dias — retiro um envelope do paletó e entrego a ela. Indico a folha de cheque em sua mão — Seu pagamento.

— Eu não acho... — Paige olha para folha de cheque como se fosse algo contagioso.

— Aceite Paige — encaro-a com firmeza — Você fez sua parte.

— Me diz sobre o fato de ter feito um escândalo na casa de Charles ou por ter ido para cama com você?

— Não transforme o que tivemos em algo sujo! — falo, exaltado — Sabe que não é assim.

— Eu não sei de mais nada — sussurra ela, colocando a folha sobre a mesa — O que é isso?

Paige tira as chaves do envelope e balança a minha frente.

— Aluguei esse apartamento há dois dias...

— Já entendi tudo! — ela se levanta exaltada — Pedi tantas vezes que não me tratasse como uma prostituta e foi à primeira coisa que fez.

— Paige!

Pego o cheque em cima da mesa e alcanço-a no corredor, seguro seu braço impedindo-a de continuar andando.

— Vá para o inferno!

Eu sei o que pode acalmá-la então eu o faço. Noite de ano novo. É exatamente assim que me sinto ao sentir os lábios dela contra os meus. Eletricidade e fogos de artifício por todos os lados.

Eu tenho que me conter. Estamos em um lugar público e se não estou enganado vi uma das colunistas de fofoca sentada em uma das mesas próxima a nós.

— Não faça nada que se arrependa — sussurro, em seu ouvido — Conversamos no carro.

Não sei se foi o tom ameaçador da minha voz, as circunstâncias que falam por si mesmo ou se foi o meu beijo que a paralisou. Ela me segue para fora com uma calma que sei que está longe de sentir.

— Não é o que pensa Paige... — eu digo, assim que entramos.

— Não é? — diz ela, com olhos marejados — Por acaso não alugou esse apartamento imaginando como seria maravilhoso ter uma mulher esperando-o todos os dias? Uma mulher a sua disposição o tempo todo em troca de dinheiro e...

— Aluguei esse apartamento para minha noiva — interrompo-a — Não pode continuar morando ali, não é seguro.

— Não é seguro ou você tem vergonha? — corta, ironicamente — Pensei que o objetivo fosse chocar as pessoas.

— Eu realmente acho que aquele prédio não é seguro — esfrego o rosto desanimado — Você sabe que não é. Além disso, em breve nossa relação seria pública. Já imaginou milhares de repórteres ali. Que privacidade teria? Pensei apenas em sua segurança.

— E quanto a Jenny? — ela empina o queixo determinada — Para onde eu for ela irá junto comigo.

— Há dois quartos no apartamento. Pode levá-la se quiser — murmuro — Pode até mesmo levar seu amigo estúpido se é isso que quer.

Eu não tive segundas intenções como ela havia concluído. Pensei apenas em sua segurança. Não vou mentir que aquele prédio me desagrada de todas as formas, mas a segurança dela está em primeiro lugar.

— Tem certeza? — Paige me olha desconfiada — Sabe que não teríamos privacidade alguma.

— Sem sexo, lembra?

Ela recua e eu vejo seu olhar decepcionado com o que disse. Com certeza não. Essa noite havia me provado minha incapacidade de ler as pessoas.

— Como minha noiva você é alvo de pessoas mal intencionadas.

— Você quer dizer sequestradores? — ela me encara em pânico.

— Isso entre outras coisas — confirmo — Não tive a intenção de que se tornasse minha amante.

— Posso pensar sobre isso?

— Viajarei por alguns dias — informo — Vou para Dubai...

— Dubai!

— Não é em outro planeta Paige — digo animado com sua reação, talvez não seja tão mal em ler as pessoas assim — Voltarei em poucos dias. Liguei para você e se decidir mudar de ideia quanto ao nosso acordo mude-se assim que quiser.

— Eu não sei...

— Pense! — o carro para em frente a seu prédio e eu volto a entregar o cheque a ela — Fique com isso. Você mereceu.

— Mas... mas — balbucia, horrorizada — Vinte mil dólares Richard?

— Foi o combinado. Você fez sua parte e, se desistir... Use-o para sair desse lugar.

— O combinado era...

— Não seja teimosa, Paige — murmuro, abrindo a porta para que ela desça — Aproveite as chances que a vida lhe dá. Acredite em mim. Isso não acontece muitas vezes.

Vejo-a balançar a cabeça e descer do carro. Acompanho-a até a porta do apartamento e aguardo enquanto procura as chaves na bolsa.

— Você quer entrar — pergunta ela com a cabeça baixa — Posso preparar alguma coisa. Afinal parece que temos a mania de pular o jantar. Mas eu não sou uma boa cozinheira e...

— Perdi a fome — suas mãos estão trêmulas enquanto segura a chave contra o peito — E preciso ir para o aeroporto.

— Certo — sussurra ela e me encara — Boa viagem então.

Eu gostaria de beijá-la, mas não quero complicar as coisas, não mais do que já estão.

— Até logo.

Viro-me para ir embora quando algo importante me vem à cabeça.

— Paige? — pergunto, ansioso.

— Sim?

— Você tomou a pílula?

Sim! Sim! Sim! Foi o que respondi a ele. O que eu posso dizer para justificar essa mentira? Que estou cansada de ficar sozinha? Que eu quero um pedaço dele quando ele for embora? Que eu anseio por uma família, mesmo que fosse apenas eu e o bebê? Que meu filho sempre irá saber o quanto o amo e que nunca o abandonaria? E quando me perguntasse sobre o pai direi que foi um homem maravilhoso que amarei por toda minha vida.

Quando eu lhe disse que não poderia continuar a farsa, não foi por causa da promessa quebrada de não irmos para cama. Richard havia cumprido a parte dele de só fazermos amor quando e se eu pedisse. Algo que eu praticamente implorei. Recordo-me disso muito bem. A forma que o ataquei naquele carro foi audaciosa demais, até para mim, não que eu me arrependo. Entretanto, o real motivo de querer me afastar dele é essa certeza de que a noite anterior nos marcou em algo que nos unirá por toda vida. Contudo, essa é uma decisão minha e não quero prendê-lo em algo que não optou.

Portanto, nenhuns dos argumentos que dei justificam o que fiz. Eu não posso continuar a fazer isso com ele. Richard jamais me perdoaria ainda mais agora, sabendo sobre seu pai e irmãos. Mas não posso contar nada sem que eu tenha absoluta certeza.

Por enquanto, guardarei o cheque que ele me deu e mudarei com Jenny para o apartamento. Depois do que aconteceu com Paul não há como ficar aqui. Se minhas suspeitas forem verdadeiras, e se Richard não quiser fazer parte da vida do filho, usarei o dinheiro para recomeçar nossas vidas longe daqui. Parece que sempre estou partindo. Sempre estou deixando algo importante para trás. Só que dessa vez não estaria sozinha, e isso me conforta.

Preciso falar com alguém que me entenda que conheça a dor da solidão tão bem quanto eu.

— Que cheirinho bom — fungo o ar tentando decifrar o que ela está cozinhando — Que é isso?

Tento mexer nas panelas e recebo uma palmada com a colher em minha mão.

— Sai daqui.

— O que é? — tento olhar o caldo verde dentro da panela — parece nojento, mas o cheiro está divino.

— Sopa de ervilha com bacons — murmura ela — Já almoçou?

— Acho essa pergunta desnecessária.

Nós duas rimos. Eu sou incapaz de fazer um ovo frito. Quando muito, consigo preparar um chá, mas ele sempre fica fraco e adocicado.

— Eu acho que você é uma preguiçosa — provoca-me Jenny — Se quisesse mesmo aprender, o faria.

— Eu já tentei, Senhora eu passo, eu limpo e cozinho.

— E canto! Não esqueça.

— Insuportável — murmuro, mostrando a língua — Sabe que não sou boa com isso. A última vez, quase ateie fogo na cozinha.

— Acho que colocar o macarrão no fogo e pintar as unhas é uma combinação explosiva, além disso, você não tem olfato?

— Você disse, cozinhar por alguns minutos e eu estava gripada — defendo-me.

— Eu disse, alguns minutos e não quase uma hora — ela balança a mão como se abanasse o ar — Esquece, você é péssima mesmo.

Sim, não funciona para mim. Nada relacionado à casa e afazeres domésticos. Deus! Eu sou uma dondoca, só que falida.

— Como você está? — sento em um banco em frente ao balcão que divide a cozinha e apoio meus cotovelos nele, enquanto minhas mãos sustentam meu queixo.

— Ótima — responde ela voltando para o fogão — E você?

— Tão bem quanto você — suspiro — Então, acho que somos duas mentirosas.

Instala-se um longo silêncio quebrado vez ou outra pelos utensílios que Jenny utiliza. Eu tento encontrar as palavras certas e uma forma de chegar ao assunto. Jenny, é minha amiga e mesmo que possa achar que o que eu fiz seja errado, me apoiará em tudo, mas ainda assim, é muito difícil falar sobre isso. E eu me pergunto como será contar ao Richard?

— O que acha de ser titia? — pergunto sem rodeios.

Ploft. O lindo copo cai no chão estilhaçando em milhares de pedaços.

— O que?

— Surpresa! — dou um sorriso amarelo — Acho que eu estou grávida.

— Que brincadeira mais idiota, Paige! — ela se abaixa para cuidar dos cacos de vidro.

— Não é brincadeira — digo, séria — Há uma grande possibilidade de isso venha acontecer.

Após jogar os cacos no lixo ela se volta para mim com expressão confusa.

— Você está ou não grávida? — Jenny me encara com a testa enrugada — Acho que isso é um assunto sério.

— Sente-se — puxo um banco para ela — A história é longa.

Como eu previa, Jenny não aprovou a decisão que tomei, mas me apoiará em todos os momentos, assim são os amigos. Eu não esperava menos que isso. Eu só tenho que encontrar uma forma de contar ao Richard. Agora, pesando com certa clareza, eu havia sido muito egoísta. Foi uma decisão minha, mas que o afetará para sempre também. Droga!

No dia seguinte, fomos ao apartamento que ele havia alugado para mim, nas mediações de Manhattan. O apartamento é muito bonito, mas nem se compara ao dele. Há uma sala espaçosa que terei que arrumar para que Jenny não encontre muitos obstáculos pelo caminho. A cozinha é o dobro da nossa, em estilo americano, com um enorme balcão, que sei que Jenny irá amar. Os quartos são bem aconchegantes, com camas enormes e paredes em tons pastéis. As mobílias entre o branco e negro. Tudo simples, mas muito elegante. Eu amei cada pedacinho e gostaria que Jenny pudesse ver também.

— É tão lindo, e a cozinha é maravilhosa — abraço-a pela cintura — Há um banheiro em cada quarto e os chuveiros funcionam.

— Não será muito caro?

Eu não contei que o aluguel está sendo pago por Richard. Jenny ficaria desconfortável, não aceitaria vir comigo e eu não posso deixá-la sozinha. Parece que estou me tornando uma mentirosa compulsiva.

— Eu vou ajudar com o aluguel — diz ela apreensiva — Tenho algumas economias e...

— Façamos o seguinte; Eu cuido do aluguel, e você faz as compras e cozinha.

— Não acho que seja justo — murmura, indignada — Faço as compras, cozinho e ajudo com o aluguel.

Não adianta eu tentar argumentar com ela. Jenny é teimosa demais quando quer. De alguma forma devolverei o dinheiro a ela depois.

— Combinado — conduzo-a até a saída — Podemos nos mudar amanhã. O que acha?

— Está perfeito para mim.

Pela primeira vez vejo empolgação em sua voz. Acho que agora ela se sente mais segura e feliz por deixar para trás, todas as lembranças ruins que nosso antigo lar nos causou, principalmente por deixar para trás, as lembranças causadas por um moreno lindo.

A noite, como prometido, meu celular toca e eu escuto a voz grave e sedutora. O alívio que Richard sentiu, ao saber que mudaríamos no dia seguinte foi-me perceptível.

— Então, ainda somos noivos?

— Por quanto tempo ainda? — pergunto, com a voz tensa e trêmula.

— Um ou dois meses — responde ele, de forma evasiva. Ouço-o inalar fundo e falar com certa indecisão — Talvez menos... Eu não sei quanto tempo ainda preciso.

— Dois meses — protesto — Não mais que isso.

— Isso quer dizer que terei que ser rápido com você.

A frase me pareceu estranha. Rápido com o que? Afasto tal pensamento, com certeza é minha mente querendo me pregar alguma peça.

— Quando você volta? Não que seja da minha conta... — coloco certo desinteresse na voz, que até para mim soa falso.

— Acho que na quinta e... — ele começa, com hesitação — Minha mãe realiza um evento beneficente todos os anos, para um hospital infantil. Será na sexta e gostaria que fosse comigo. Pretendo apresentá-la como minha noiva, oficialmente.

— Certo — sussurro — Estarei lá.

— Entregarão um pacote na quinta, é da mesma loja do outro dia...

— Não acho que seja necessário, o dinheiro que me deu é o suficiente para...

— Surgiu algo urgente — ele se afasta do telefone e fala com alguém — Não posso continuar falando. Vejo você na sexta.

— Mas...

Desligou. Nenhum telefonema antes de sexta? Por que deveria me importar? Nosso noivado é uma farsa e tenho que ter isso em mente.

Hoje é quarta, dia de mudança. Não uma grande mudança realmente. Doamos todos os nossos móveis de segunda mão, para um bazar de caridade nas remediações. Não precisaríamos de mais nada, além de nossas roupas, mas os móveis seriam úteis a alguém mais necessitado.

Paul, me ajudou a deixar o apartamento adaptado para Jenny, e foi um arrasta móveis por todos os lados. Nós nos divertimos um pouco sempre que ela esbarrava em uma coisa ou outra em busca de mapear cada cômodo. Em troca, recebemos o castigo de andar pela casa com vendas. Foi divertido

como brincar de cabra cega. No final, nós a elogiamos muito por sua incrível capacidade de se adaptar a diversas situações. Eu tenho muito orgulho dela.

— Com o tempo, fica mais fácil — ela sorri envergonhada — Parece fácil porque eu lido com isso há anos.

— Temos que comemorar — Paul pula do sofá onde estávamos — Será que o vinho está gelado?

— Eu prefiro suco de laranja...

— Ah, não vai desprezar o meu vinho — diz ele ofendido — Gastei uma fortuna com ele.

Enquanto preparo as bebidas, peça as pizzas.

— Eu posso cozinhar — Jenny estica o pescoço para ele.

— Nem pensar. Hoje é dia de festa — rebate Paul.

Jenny se volta para mim com expressão de encorajamento.

— Por que não conta a ele? — indica Paul com a cabeça. Que está concentrado, tentando abrir pateticamente a garrafa de vinho.

— Ainda não posso.

— E quanto a Richard?

— Vou contar na sexta depois do evento.

E que Deus me ajude, essa não será uma tarefa nada fácil. Temo pela reação dele.

Na quinta, um homem uniformizado entrega-me uma embalagem de uma das melhores joalherias da cidade. Há duas caixas; uma grande e quadrada com um magnífico colar de prata com diamantes, gemas coloridas e pingente em forma de coração, brincos delicados completam o conjunto. Na caixa menor, há um extravagante, mas não menos extraordinário anel quadrado de brilhantes, rodeado por uma fileira dupla de diamantes em cravação grão e uma faixa de diamantes que acentua a magnificência da peça. Exagerado demais para meu gosto, mas com certeza, feito para impressionar. Sem dúvida, uma joia que faria Marilyn Monroe chorar de emoção. Afinal, Diamonds são os melhores amigos das mulheres não é?

Eu prefiro algo mais simples e delicado como o colar. Como isso é uma farsa, então está tudo bem. Exceto, claro, pelo medo que terei de andar com ele por aí. Definitivamente, só ficará em meu dedo em eventos como esse. Jamais terei condições de pagar um anel como esse, nem que trabalhe por mil anos.

Duas horas depois, outro entregador aparece com um lindo vestido nude de chiffon de seda drapeado, bustiê com corpete interno e fecho de correr escondido, com assinatura de Alexander McQueen. Em uma das caixas está um par de sandálias nude de cristal Swarovski Danielle Benício.

Anexado ao vestido uma nota com uma caligrafia que eu já conheço.

Que você brilhe ainda mais,

Richard

Sexta feira, por volta das cinco horas, tomo um longo banho, às cinco e meia um motorista me espera em frente ao prédio com destino a um salão de beleza exclusivo. De acordo com a recepcionista, no pacote está incluso unhas, cabelo, maquiagem, depilação e até mesmo massagem para relaxar os músculos. É tudo tão irreal e maravilhoso que me belisco várias vezes para ter certeza de que não estou sonhando.

— Está maravilhosa Srta. Fisher — diz o maquiador, virando minha cadeira para o espelho.

Senhor! Eu desconheço a garota a minha frente. Sempre me congratulei dos meus talentos com a maquiagem, mas o que Drew, havia feito em meu rosto, é digno de Oscar. Acentuou meus olhos verdes com uma mistura de cores entre o preto, cinza e prata, dando ao meu rosto um olhar dramático, mas elegante. Os cílios haviam sido alongados de uma forma natural que jamais imaginei ser possível. Nos lábios, um batom rosa fosco e completando a obra um levemente toque de blush.

Meus cabelos estão presos de lado e largos cachos caem sobre meus seios. Não há um fio fora do lugar e estou impressionada.

— Isso é incrível — eu balbucio — Estou irreconhecível.

— Você já é naturalmente linda querida — diz ele, sorrindo — Seus olhos são um arraso. Essa boca de dar inveja a Angelina e que pernas. Já pensou em ser modelo?

— Acho que estou velha demais para isso — sorrio, nada convencida com os elogios dele. Afinal, Drew é um profissional da beleza, é natural que queira levantar minha alta estima.

— Fique com meu cartão caso mude de ideia — murmura ele, com pesar — Conheço muitas agências e sempre estão à procura de rostos como o seu.

— Está falando sério?

— Seríssimo — diz Drew, com olhar ofendido — Quando digo que uma mulher é bonita, eu não minto.

— Certo — guardo o cartão na bolsa — Eu agradeço.

Olho para o espelho pela última vez analisando o conjunto da obra e me sinto satisfeita.

Às sete horas, estou pronta e andando de um lado a outro da sala. A campainha toca, e minhas pernas tremem como gelatina. Faz seis dias que não o vejo e meu coração está prestes a sair pela boca.

A campainha soa novamente, e me esforço em caminhar até a porta. Eu não estava preparada para a visão impactante. Em um terno cor de chumbo e gravata prata, está o homem mais perfeito do universo. Se eu já não estivesse apaixonada por ele, esse seria o momento, na realidade, acho que me apaixonei novamente.

— Olá — diz ele. O ombro contra a porta, os braços cruzados e um sorriso preguiçoso no rosto — Está linda. Parece que o anel serviu.

— Sim — olho para o anel em meu dedo — É muito caro também, não acha?

— Não gostou? — diz ele, interessado.

— Extravagante eu diria, mas é lindo — murmuro — E essas joias? Tremo só em pensar em perdê-las. Com certeza gastou uma fortuna com isso.

— São alugadas.

— Ah... Claro que tolce a minha. Então eu terei que ser ainda mais cuidadosa. As roupas também são?

— Claro que não Paige — murmura — Daria a joias se acreditasse que aceitaria.

Parece que ele me conhece melhor do que imaginei. Não haverá problemas em ficar com as roupas. É um investimento não é? Mas a joias, seria demais, de nenhuma maneira eu aceitaria, por mais tentada que estivesse. Se exijo que ele não me trate como uma vagabunda, não posso agir como uma, aceitando presentes caros, se bem que, roupas de grife não estão muito longe disso.

— Quer entrar? — pergunto vacilante. Nem sei como saiu algum som da minha garganta ressequida.

— Não acho que seja uma boa ideia — diz ele numa voz rouca.

Minha Nossa Senhora das virgens e inocentes. Esse olhar é capaz de me fazer ter orgasmos múltiplos. A forma com que ele morde os lábios enquanto me examina de cima a baixo, faz com que um ponto entre minhas pernas pulse tortuosamente.

— Além disso, estamos um pouco atrasados, o evento começa às sete e meia.

— É melhor irmos então — respiro fundo, antes de ir pegar a bolsa de mão — Não queremos sua mãe nervosa antes do tempo, não é?

— Com certeza não — responde ele, sorrindo.

Chegamos ao evento, e há um número considerável de fotógrafos na porta. Eu nunca vi tantos deles e isso me deixa nervosa. Há até mesmo, um programa de TV cobrindo a noite. Uma coisa, é você ver os ricos e famosos pela televisão. Outra bem diferente, é estar no mesmo ambiente que eles.

— Sorria — diz Richard, divertindo-se com minha apreensão — Está sendo filmada.

— Engraçadinho — belisco sua cintura, disfarçadamente — Acho que vou fazer xixi.

A risada dele é tão contagiante e espontânea que todos nos olham curiosos em saber o motivo de tanta alegria.

— Paige... — ele tosse para controlar o riso — É a única mulher capaz de me fazer rir em um evento tão chato como esse.

— Fico agradecida de ser a palhaça da festa.

Não tenho a chance de ouvir sua resposta, pois uma mulher com um microfone se coloca a nossa frente.

— Boa noite Sr. Delaney — cumprimenta ela cheia de olhares para ele — Quem é essa linda jovem?

— Minha noiva — ele sorri para a câmera — Paige Fisher.

— Interessante — ela vira o microfone para mim — Como se sente, sendo noiva de um dos homens mais disputados da noite?

— Bem, eu acho — respondo, com sorriso forçado.

— Com licença, mas temos que entrar — Richard me livra dessa situação embaraçosa.

— Bem, Nova Iorque, parece que os grandes partidos dessa cidade nunca ficam sozinhos por muito tempo, se vocês se lembram...

Somos conduzidos a nossa mesa e não ouvimos o que a jovem estava dizendo.

Charles, já está sentado em uma cadeira ao lado da minha e me lança um olhar dissimulado. Ao seu lado está a esposa muito bonita em um vestido branco. Britney, me lança um sorriso amigável, que eu devolvo com sinceridade. Em frente a nós, há duas cadeiras vazias, na qual uma delas imagino ser da Sra. Delaney. Nesse momento, ela sobe ao palco para os agradecimentos.

Não há dúvida que seja uma mulher bonita e elegante. Os filhos tiveram a quem puxar. A desenvoltura e elegância com que ela fala também é impressionante, sua sagacidade e inteligência são notáveis.

— Preparada? — diz Richard, em um tom divertido.

— Rufem os tambores.

Antes de iniciar o jantar, ouvimos os agradecimentos dos diretores do hospital, segundo eles, a noite havia arrecadado mais de um milhão de dólares em doações. Eu fico feliz que os exibicionistas aqui, tenham gasto um pouco de seu dinheiro com a caridade. Já que se reunirmos todas as joias reluzentes nessa sala, poderíamos obter o triplo disso.

Quinze minutos depois, ao som dos aplausos, ela caminha entre as mesas e eu noto uma loira acompanhando-a. Não acredito que aquela descarada tenha tido a cara de pau de aparecer aqui.

As duas sentam em frente a nós à mesa. A mãe de Richard cumprimenta a todos, exceto eu, em uma clara declaração de guerra. Retiro o que eu disse. Não há elegância nela, apenas uma amargura irritante e falta de educação. Sua pupila ou animalzinho de circo, repete a atitude mal educada.

— O salão está muito lindo — digo a ela — Não é mesmo querido?

— Sim. Minha mãe sempre nos surpreende. Não é mesmo mamãe?

Tome essa, velha nojenta. Quero ver se irá ignorar o filho como faz comigo?

— Apenas me cerco de pessoas importantes, que tem algo a oferecer — alfineta ela — E se há alguém que merece todos os elogios é Patrice. Fez tudo praticamente sozinha, sabe como anda minha saúde meu filho. Com tantas preocupações e decepções da vida.

Caramba, essa mulher é osso duro de roer. E a oxigenada, se desmancha para Richard como sorvete em dia de verão. Se ele fosse mesmo meu noivo, eu desmancharia o sorriso idiota dela, com dois tapas certos. Vagabunda sem noção!

Após algumas alfinetadas daqui e ali, o prato principal é servido e eu entro em pânico. Que tipo de comida precisa de uma pinça ou algo parecido?

— O que é isso? — sussurro, para ele.

— Escargot — responde Richard, com naturalidade.

Blah. Lesma, droga eu já vi esse filme. Em, *Uma linda mulher*, Julia Roberts arremessa longe um negócio redondo e nojento parecido com esse.

— Eu não sei comer isso — sussurro, novamente — Na verdade não sei nem se quero comer.

— Relaxe e apenas me imite — diz ele, alisando minha perna por debaixo da mesa. O gesto foi apenas para me acalmar, mas teve o efeito contrário. Um calor enorme sobe pelo meu corpo.

— Algum problema, querida? — pergunta a mãe dele, com gentileza fingida. Fica claro para mim, que o que ela quer é me ridicularizar, na frente de todos.

— Não senhora — sorrio falsamente para ela.

Sinto-me como em guerra de titãs. Eu vou comer essa lesma nojenta, nem que depois eu passe a noite toda vomitando. De jeito nenhum eu vou dar o gostinho a essas duas de me ver em pânico. Pego a maldita pinça e tento seguir os gestos de Richard, com cuidado. Apesar de escorregadia, e minhas mãos estarem trêmulas, eu consigo comer sem passar vergonha. O gosto também não é ruim, apesar da aparência gosmenta.

A cada prato, há uma comida refinada ou exótica. Coisas que nunca havia visto na vida. Minha sogra quer provar a Richard, para mim e, todos os presentes, que eu não me encaixo em seu mundo perfeito, com pessoas perfeitas.

Diana é uma verdadeira bruxa, como havia imaginado, talvez pior. Em outro momento eu a colocaria em seu devido lugar, mas não posso fazer isso com Richard. Além disso, não sou mal educada, apenas sincera e às vezes impulsiva, mas mal educada, jamais.

Com certeza, Charles contou o aconteceu na casa dele, e a megera está me provocando. Testando meus limites para saber até aonde eu vou. Pois está redondamente enganada se pensa que vou me curvar às suas armações. Mostrarei a todos quem é a verdadeira dama aqui. E as duas víboras não estão incluídas no quesito dama.

Após o jantar, fomos para um salão onde haverá um baile. Aos poucos, alguns casais vão para a pista de dança enquanto outras pessoas fazem grupos de conversa.

Caminhamos por alguns até que Britney nos vê e, exige nossa presença. Por educação, não temos como evitá-la.

— Richard querido... — Patrice agarra o braço dele como se eu não estivesse do outro lado — Estava lembrando à sua mãe, a última festa na casa do governador...

— Como poderia esquecer — a mãe dele sorri para ele me ignorando, de novo — Toda sociedade esteve presente. Pessoas de classe e elegância.

— Não me lembro — Richard se desvencilha de Patrice e me abraça — Deve ter sido muito aborrecida. Mas se você estivesse lá teria sido perfeita.

E ele ainda seria noivo, não tenho como não me atentar-me a esse detalhe. Será que teríamos sentido a mesma atração da primeira vez que nos vimos?

Ele toca meus lábios com delicadeza e sinto-me nas nuvens.

Os olhares de ódio em minha direção são tão intensos, que penso em fazer um banho aromático assim que chegar a minha casa. A situação está mais para ridícula do que tensa.

— Richard, eu acho que o senador Baker está chamando — diz Diana, apontando outro grupo próximo ao bar — Deve ser algo importante.

— Não acredito, e hoje não é uma noite para falar de negócios mamãe — responde ele de forma sarcástica, mas os olhos fixos em mim. Os dedos fazendo uma leve carícia em eu pescoço, deixando-me zozza — Afinal, é uma festa para caridade ou me enganei?

— Querido, a ocasião faz o ladrão, não concorda Srta. Fisher? — ela olha para mim, com inocência fingida — E Charles me disse que há um problema com a prefeitura em um dos projetos no centro da cidade, talvez o senador possa ajudar. Não se preocupe que cuidaremos de sua amiga.

— Noiva... — ele replica.

— Pode ir querido — interrompo-o, alisando sua gravata — Ficarei bem.

Ele me encara com dúvida. Richard sabe o que a mãe pretende, e teme em me deixar nas mãos dos tubarões. Derreto-me com sua preocupação comigo.

— Tem certeza?

O que elas poderiam fazer contra mim, na frente de tantas pessoas? Na verdade, a pergunta deveria ser o que eu posso fazer contra elas.

— Não se preocupe — sussurro para ele — Não há uma piscina aqui.

— Deus nos proteja — ele brinca, antes de ir.

Assim que ele sai, acompanhado do irmão esnobe, eu encaro os dois pares de olhos devoradores.

— Então você... — Diana me encara de cima a baixo, com olhar enojado — É a fulana que enfeitiçou meu filho? Um rapaz que sempre foi muito sensato.

— Eu não diria enfeitiçar, mas é uma boa definição do que o amor faz com as pessoas. Quanto à insensatez, todos precisamos de uma dose de loucura de vez em quando. Não concorda, Patrice?

Ela faz cara feia e desvia o olhar de mim. Engulam essa, najas. Como é provar do próprio veneno?

Aproveito que um garçom passa por ali e pego uma taça de champanhe. Preciso ter algo em minhas mãos... para controlar a vontade de enfiar a mão na cara delas.

— Não sonhe com sinos e marchas nupciais Srta. Fisher, pois logo esse disparate terá um fim — diz Diana, lançando-me um olhar de ódio — Eu não permitirei...

— Isso é engraçado — interrompo-a e tomo um gole do líquido borbulhante. — Não me lembro de termos pedido autorização alguma?

— Petulante!

— Vou aceitar como um elogio — ergo a taça para ela.

— Queridas, eu vou até a varanda — diz ela para Patrice e uma Britney que assiste tudo, com uma expressão incrédula — O ar aqui está um tanto pútrido.

— Logo me unirei a você — diz Patrice, com calma.

Se há uma coisa que devo aprender com elas é não perder a pose. Se a naja um, pretende me provocar um pouco mais, depois que a dois sair, ela vai ver o que a espera. *Ah!* Ela que tente.

— Olhe Paige, já que vai se casar com Richard, quero que sejamos amigas — diz Britney, com certo nervosismo — Eu não tenho nada a ver com isso e...

Ainda não sei se ela está sendo sincera ou se faz parte de algum jogo. Estudo-a sem conseguir chegar a alguma conclusão.

— Não seja ridícula, Britney! — diz Patrice, com a voz um tanto elevada — Não vai querer manchar sua reputação ao lado dessa *prostituta*. Fique sabendo que ela trabalha em um clube de stripper, com certeza Richard paga para tê-la embaixo dos lençóis. Isso é óbvio. Ele está apenas nos provocando com esse noivado absurdo. Não vai demorar muito para ela sair de nossas vidas. Tão rápido como entrou.

— Poderia até ser paga para ir para cama com ele, felizmente, não é caso. Se sou uma prostituta em qual classificação se enquadraria? Pega na cama com outro, como uma cadela no cio — olho-a com desprezo — Tem visto seu amante, Patrice? Espero que sim, pois eu não tenho a menor pretensão de ir embora. Ao contrário de você, eu sei manter um homem como Richard entre os lençóis.

Com essas palavras eu deixo-a, muda e atônita. Ela almejou ao me atacar, que eu fizesse um escândalo, para assim, poder me ridicularizar na frente de todas as pessoas. Não vou cair em sua pilha e dar esse gostinho a ela, eu sei como agir, e no momento certo. Agora, eu vou ficar ao lado do homem mais lindo dessa festa. E me exibir para que todas vejam que ele é meu. Inclusive, a cascavel que se contorce nos braços de Britney. A guerra tinha começado e a vitória tinha sido minha. Viva, viva!

— Tudo bem? — pergunta ele, apreensivo.

O olhar caloroso com que ele me recebeu e a forma como me prendeu em seus braços, foi o suficiente para afastar toda tensão anterior e trazer um sorriso em meu rosto.

— Tudo ótimo — tranquilizo-o.

— Senador, eu quero que conheça minha noiva — diz Richard, com enorme sorriso — A Srta. Fisher.

O homem me olha com certa curiosidade e sorri. David Barker é um homem por volta dos quarenta e poucos anos. Cabelos negros, com fios platinados, olhos castanhos e, bonito. Havia feito uma campanha memorável e apesar de jovem e solteiro para o cargo de senador, venceu seu maior concorrente em larga vantagem.

— Desculpe minha indiscrição, mas não era uma loira?

— Não deu certo... — Richard dá de ombros — As coisas mudam.

— É um prazer conhecê-lo senador — murmuro, para livrar Richard do constrangimento inicial — Eu gostei muito de sua plataforma de campanha. Fiquei muito feliz quando foi eleito. Suas ideias para geração de emprego e incentivo estudantil me cativaram bastante.

Não estou mentindo para impressioná-lo. As ideias e projetos dele são interessantes ao meu ver.

— Bonita e inteligente — diz David, batendo nos ombros de Richard — Fez uma ótima troca Delaney. Segure-a Richard.

David pisca um olho para mim.

— Mulheres como essa, não ficam soltas por muito tempo. Você é um homem de sorte.

— Eu sei disso — Richard me prende ainda mais contra seu corpo e alisa meus ombros.

A conversa seguiu por mais alguns minutos. Dancei com o senador, já que a acompanhante dele havia faltado se é que havia uma.

— Vamos embora? — pergunta Richard, ao finalizarmos outra dança, após inúmeras da noite — Deve estar cansada. Não sei como ainda não está reclamando dos saltos como todas as mulheres fazem.

— Convido todas as mulheres a dançarem de salto alto, seis dias por semana, para ver se haverá alguma queixa.

— Não foi fácil, não é? — ele me encara com carinho — Sua vida. O clube.

— Não foi — murmuro, enquanto ele me embala ao som de outra música — Mas me sustentou por um longo tempo.

— Deve se orgulhar disso, Paige — leva minhas mãos aos seus lábios — Eu me orgulho. Você é forte, corajosa, linda.

A sinceridade em suas palavras me comove. Eu não havia crescido em um berço de ouro como a maioria das mulheres presentes. E nem tive uma vida fácil, mas nada disso me torna inferior, pelo contrário. Sou uma lutadora e fico emocionada que ele enxergue isso em mim.

— Vamos?

— Sim. Deixe-me apenas aproveitar essa música um pouco mais.

A forma como ele me prende em seus braços e deslizamos pela pista de dança, me faz sentir em outra dimensão. Há só nós dois ao som da música suave, enquanto nossos corpos se encaixam perfeitamente. Nada pode ser mais perfeito que isso. É o meu baile, meu dia de princesa. Afinal, todas as garotas merecem um dia assim, ao lado de seu príncipe, não é? Por hoje eu fingirei que isso é real e guardei essa noite perfeita na memória, como as outras.

— Richard?

— Oi, Liam — os dois se abraçam e ele olha ao redor — Peter e Adam também vieram?

— Não — responde Liam, com olhar interessado em mim — Sabe como eles amam sua mãe e o sentimento é recíproco.

Pela forma que ele fala, os tais amigos detestam a Diana e só por isso eu já os adoro.

— Eu só vim por causa do hospital e vejo que estou muito atrasado. Mas quem é essa jovem linda?

— Paige, é minha noiva — Richard nos apresenta, sinto algo como orgulho em sua voz — Paige, esse é Liam, um grande amigo.

— Prazer — estendo a mão a ele, que leva aos lábios, em um galanteio.

— O prazer é meu, pode acreditar.

— Como está Nicole, sua noiva? — Richard me puxa para ele.

— Marcando território hem? — ele sorri — Nicole está em Milão.

— Se eu fosse você, pararia de paquerar a noiva dos outros e cuidaria da sua, solta por aí.

— Richard! — olho feio para ele.

É um ator maravilhoso, quem visse acharia que está mesmo com ciúmes de mim.

— Golpe baixo, Delaney — sorri Liam — Vou pensar sobre isso. Até logo Paige, minha noite não será tão interessante sem sua presença.

Ele se afasta e Richard prende-me a ele.

— *Minha noite não será tão interessante sem sua presença* — Richard imita-o de forma engraçada — Idiota. Vamos.

O caminho de volta não houve o clima cheio de tensão como na ida. Também não há o clima cheio de desejo como das outras vezes. É claro, que nossa pele arde por um toque, um beijo, mas há uma certa magia que transforma essa noite em nada menos que perfeita. Estamos em um encantamento.

— Não quer subir? — pergunto, após digitar o código de segurança — Jenny não está em casa. Quer dizer... Está no trabalho e você não precisa...

— Acho melhor não — diz ele, com dificuldade — Eu quero agir de forma correta, dessa vez.

Maldita hora em que eu havia colocado aquela regra idiota sobre sexo! Eu morri pela minha própria boca. Mas tanta coisa havia mudado desde que tive essa ideia absurda. Começando por essa criança que pode estar crescendo em meu ventre.

— Nós precisamos conversar, Richard — digo a ele.

Ele encosta-me contra a parede e esfrega o corpo no meu. A ponta do nariz desliza pelo meu pescoço, seu membro me cutuca e eu gemo.

— Não me tente Paige — afasta-se de mim com um gemido frustrado.

— Mas eu...

— Posso sequestrá-la amanhã? — pergunta ele, meio tímido.

— Outro trabalho? — não me lembro de termos combinado algo para o dia seguinte.

— Se eu disser apenas nós dois? — pergunta ele.

— Um encontro? — sussurro, com o coração disparado.

Ele me encara por alguns segundos e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Sim. O que me diz?

Nunca a espera de uma resposta foi tão importante para mim. Nem mesmo quando tinha quatorze anos, e pedi uma garota em namoro pela primeira vez. Talvez, porque eu fosse mais seguro de mim mesmo do que imaginava, na época, não são assim todos os jovens? Ou quem sabe, eu não desse tanta importância a relacionamentos como hoje. Talvez a razão real, seja a mulher em questão. Com Patrice, segui apenas as expectativas de todos, o que era esperado de mim. Já com Paige, tudo sempre é surpreendente, eu nunca sei onde estou pisando ou o que ela irá fazer.

Se me dissessem alguns meses atrás, após pegar minha ex-noiva com outro, que em breve estaria em expectativa à espera desse sim, eu diria que a pessoa era completamente insana.

No entanto, aqui estou eu, com o coração na mão, batendo acelerado no meu peito e mais forte que um maratonista. O fato de saber que eu tenho menos de dois meses, dois meses para provar a essa mulher, que eu sou tudo o que ela precisa e que ela é tudo o que eu quero, não ajuda muito. Mesmo que para isso eu tenha que mostrar o meu verdadeiro eu. Inteiro, completo, desnudo. Então, é isso o que farei, mesmo parecendo assustador. O mais irônico é que Paige tem o poder de me levar do céu ou inferno e não tem a menor consciência disso.

— Então, o que me diz? — insisto, ansioso.

— Eu aceito.

Pausa. Alívio.

— Pego você amanhã às dez — murmuro, sorrindo como um babaca, caminhando de costas até o carro. A visão dessa jovem mulher, linda, encantadora e sedutora a minha frente é fascinante demais para que eu dê as costas a ela. Eu estou embriagado — Ah, use algo casual. Faremos algo diferente.

— Está bem — ela continua parada a entrada, olhar pesaroso, encostada contra o portão — Até amanhã.

Nunca foi tão difícil agir da forma certa, acredite tenho feito isso a minha vida inteira. O que eu quero, é ir até ela e arrastá-la para cama, sofá ou chão de seu apartamento, o lugar não importa, desde que estivesse em meus braços. Todavia, eu não tenho escapatória. Ou a conquisto da forma que ela espera ou a perco de vez.

— Paige? — entro no carro e baixo o vidro encarando-a.

— Hum...?

— Entre! — falo, impaciente.

Que droga, uma vez na vida ela poderia facilitar as coisas para mim. Em vez de parecer uma donzela a espera de um beijo. Pois é exatamente isso que eu quero fazer. Talvez puxá-la para dentro do carro e fodê-la ali mesmo, como da outra vez.

Como se libertar de um transe, ou estivesse pensando o mesmo que eu, vejo-a ficar rubra e desaparecer no interior do prédio.

— Podemos ir agora — sentencio, através do intercomunicador.

Chego em casa, tendo a TV e o controle remoto como minhas únicas companhias da noite. O que deveria fazer, é mandar todas as minhas boas intenções para o inferno e procurá-la. Como sei, que tenho mais a perder do que ganhar, afasto esses pensamentos contraditórios.

Uma coisa é desejar, outra, é que meu corpo em chamas entenda o recado. Sem outra opção, alivio-me como posso. Enquanto dou prazer a mim mesmo, fantasio todas as formas que vou tê-la amanhã, quando estiver em minha cama. Com esse pensamento, grito seu nome e libero meu prazer, caio no sono em seguida.

Óculos escuros, vestido solto, sandália baixa, cabelos ao vento e sorriso encantador. Esse é o quadro que eu diria ser perfeito, como um quadro de Joaquín Sorolla. Eu nunca serei capaz de deixar de admirar sua beleza exótica, nunca. Sou um filho da puta de muita sorte.

— Bom dia — tiro meus óculos para observá-la melhor — Está pronta?

Paige encara a moto, como se fosse o monstro do lago Ness e não como uma Harley Davison legítima, pensei que ficaria feliz em ver novamente a reluzente, potente moto vermelha e prata. Sua reação é no mínimo estranha. A última vez que estive em minha moto ela parecia uma roqueira selvagem. Hoje, parece condenada a execução. A menos que tenha adquirido um trauma nos últimos dias nada justifica essa reação.

— Vamos nisso? — geme ela.

— Não está com medo não é? — analiso-a com calma — Não há perigo algum. Já andou nela antes.

— Não é isso. É que.... — ela inclina a cabeça e morde os lábios da forma que eu adoro — Acho que precisamos conversar antes de ir.

Ah não, ela não virá com todas aquelas histórias e desculpas de sempre. Eu até imagino que deva sentir insegurança. Não é diferente comigo. *Porra*, alguns meses atrás eu fui traído da pior maneira. Eu, deveria ser a pessoa cheia de receios aqui.

Volto para moto e pego um capacete preto.

— É sério Richard... — ela começa a protestar, coisa que ignoro.

— Temos o dia inteiro para conversar — coloco o capacete em sua cabeça e a guio até a Harley — Agora aproveite.

— Você terá cuidado? — murmura.

— Paige, o que está havendo com você? — digo, confuso — Do jeito que fala parece que vamos para um rally.

Dou risada e coloco-a na moto, suas mãos agarram minha cintura com força e noto que estão trêmulas.

— Tudo bem — levanto e ergo sua viseira fixando meu olhar em seus olhos verdes — Se está com medo não vamos.

— Só tenha cuidado — ela sorri, reajustando a viseira — Vamos lá campeão.

Coloco a moto em movimento. Com cuidado como exigiu. Não entendo essa reação. Uma das coisas que mais me encantou em nosso primeiro encontro foi seu espírito livre e aventureiro. Bem, isso não importa agora, teremos o dia inteiro para que ela me conte o que está acontecendo.

Saímos de Manhattan pegamos a Time Square em sentido a Coney Island, no Brooklyn. Aos poucos, o ar da cidade é substituído pelo da maresia e uma linda paisagem de céu e mar se erguem diante de nossos olhos. A praia é um dos meus lugares preferidos desde criança, e essa praia a qual estamos indo, é o meu refúgio particular. Estaciono próximo as mediações da enorme roda gigante o

sorrio da expressão de surpresa no rosto dela.

— O que foi? — murmuro maroto — Não gosta de parques?

Paige me encara encantada enquanto a ajudo descer da moto.

— Eu adoro — sorri tímida para mim — Só não pensei que também gostasse.

— Gosto de todas as coisas boas da vida Paige — murmuro pegando a mão dela — Desde as mais simples até as mais exóticas. Preparada?

— Sim, mas eu me recuso a andar naquela montanha-russa assustadora.

Faço bico de desapontamento e olho para ela como um cachorro pidão.

— Vai perder mesmo essa montanha-russa, com queda de 35 metros e um loop com quatro oportunidades de ficar de cabeça para baixo em dois minutos de trajeto em queda livre?

— Jesus! Eu vou, com certeza! — Paige me encara horrorizada. Suas mãos pousam em seu ventre com suavidade e concluo que talvez, ela não seja tão selvagem como imaginei. Não importa, até acho bonitinho.

— Eu não aceito recusa em ralação a roda gigante — afirmo, enquanto a conduzo em meio à multidão — A vista é linda de lá.

— Acho que posso abrir outra exceção.

Começamos o dia no carrossel B&B que foi restaurado há pouco tempo. Passamos por uma dessas barracas de azar e a presenteie com um sapo de pelúcia, algo que ela não desgrudou um segundo. Passamos mais de uma hora na fila da roda gigante, mas a vista magnífica, além da companhia, compensou cada instante.

Por volta das três, após termos ido a todos as barracas e brinquedos possíveis. Deixo-a em um dos bancos no calçadão e eu vou à busca de comida.

— Aqui — entrego o embrulho a ela — O melhor e verdadeiro cachorro quente de Nova York diretamente do Nathan's.

— Cachorro quente? — Paige me encara surpresa.

— Saiba, que esse cachorro quente foi servido para a ex-primeira-dama Jacqueline Kennedy na Casa Branca — passo a perna por cima do banco e sento a seu lado — Não deveria falar com tanto desdém.

— Eu não fiz isso — ela ri, antes de dar uma pequena mordida — Só fiquei surpresa. Barracas, carrossel, cachorro quente. Não combina com essa imagem de homem de negócios e rico.

— Srta. Fisher, você é uma esnobe — provoco-a.

Paige começa a rir e se engasga com o refrigerante. Ajudo-a se recompor e limpo uma gota de mostarda de seu queixo. Nossos olhos se conectam e ficamos assim por alguns segundos.

— Quem imaginaria que por trás de todos esses músculos há um garotinho fofo — diz ela, segura minha mão que está em seu queixo, desliza os lábios por meus dedos, fecha os olhos apreciando o contato. Eu quero beijá-la, só não tenho certeza se esse é o momento certo, então me afasto.

Voltamos a comer em silêncio. A decepção em seu rosto, me diz que desejou que a beijasse. Desejo que um caminhão passe por cima de meu corpo. Eu quis beijá-la e ela esperava isso, então por que agi como um covarde idiota?

— Quer dar uma volta? — fico de pé e estendo a mão à ela.

Caminhamos através da orla da praia, nos afastando da multidão. Aos poucos, a praia vai ficando deserta e as pessoas longe da vista. Sento-me na areia e observo o mar calmo. Tiro a jaqueta e estendo na areia para que ela se acomode ao meu lado, apesar do céu nublado, não está um dia muito

frio.

— Sempre que preciso de um lugar para pensar eu venho até aqui — murmuro, antes de jogar uma pedra sobre a água — Essa paz me acalma. É um dos meus lugares preferidos.

— É muito bonito — sussurra ela, segura minhas mãos e me dá um sorriso doce — Acho que agora, é um dos meus também.

Não preciso de outro incentivo, desejei isso o dia inteiro, francamente, desde o dia anterior, desde que saí do apartamento dela aquele dia, e eu não vou perder a oportunidade novamente. Beijo-a, com paixão, saudade, desejo e desespero. O néctar de seus lábios é o que preciso para me sentir vivo.

Deito-a na areia e me esparramo sobre ela com certo cuidado para que meu peso não a sufoque. Deslizo minhas mãos por seu corpo desfrutando de cada curva suave. Afasto meus lábios dos dela e enrosco minha cabeça em seu pescoço delgado. O aroma é inebriante e me deixa duro. Meu membro pulsa dentro da cueca pedindo por liberdade. Dominado por um desejo perturbador, volto a beijar seus lábios para sugá-los, devorá-los, comê-los como pedaços de marshmallows.

— Oh... — Paige fecha olhos e se contorce em meus braços — Richard!

Fico transtornado pela expressão de desejo em seu rosto. Não posso afastar os olhos dela. Tento controlar meu desejo em fúria, mas, minha normalmente disciplinada libido, se comporta como um trem descarrilhado.

— Isso é loucura — geme Paige.

— Sex on the beach, baby — mordisco sua orelha, e ela treme.

— Richard! — geme, em uma advertência.

— Paige!

Esfrego o nariz em seu pescoço e deslizo meus lábios por seu colo, absorvo seu seio sob o vestido deixando a marca circular de minha boca no tecido fino. Procuro o outro seio com um gemido rouco, fico de joelhos na areia e sugo os mamilos até que ela arqueie a coluna balançando a cabeça enlouquecida.

— Eu tenho desejado isso todos os dias — murmuro, voltando para o outro seio. Afasto a alça do vestido e abocanho o seio desnudo.

— Richard... — ela volta a gemer.

— Eu sei — sussurro, tomando seu rosto entre as mãos. Mergulho outra vez em seus lábios saboreando-a.

— Eu a desejo tanto Paige...

Sinto como se estivesse fora de mim. Como se apenas um beijo convertesse um animal feroz dentro de meu corpo, forte, selvagem. Com Paige, eu me sinto livre, nós podemos voar juntos, em qualquer lugar que estivermos, livres, soltos, alto. Ela é minha fantasia em realidade.

— Richard... Eu preciso dizer algo — diz ela, sem fôlego.

Minhas mãos agarram a barra de seu vestido e eu subo lentamente revelando as pernas torneadas. Minhas mãos vagueiam até as laterais da calcinha de renda e eu me detenho, há um brilho urgente em seus olhos.

— Se entregue querida... — beijo seus lábios — Apenas sinta!

Paige se agarra a minha camisa puxando-me para ela. O que quer que tenha para dizer, está esquecido, e a razão dá lugar à loucura do momento.

Volto a ficar de joelhos e tiro-lhe a peça íntima, mergulho em seu monte de Vênus como um oásis

no deserto. Suas mãos agarram meus cabelos em um pedido mudo para que eu continue.

Sem intenção alguma de me deter, continuo tomando-a com minha boca, circulo o clitóris com a língua e meus dedos penetram seu sexo. Paige treme desfrutando das carícias. Por vários anos, eu tenho sido um bom rapaz, por uma vez, por hoje, serei mal e não quero nada, além disso, de Paige, de desfrutar tudo o que posso exigir e ela a oferecer.

Abro o cós da calça e deixou escapar uma espécie de rugido, quando meu pênis salta liberto e duro. Ela me toca com uma mistura de vergonha e sensualidade. Afogo-me no mar verde de seus olhos e volto a beijá-la com reverência. Paige, a começa brincar com o meu membro, suas mãos delicadas massageando-o, deixando-me a beira da vertigem. *Porra*, as mãos dela parecem seda, mas seu toque é como brasa, um toque mágico que me leva a perdição. Não imagino como poderia ficar mais duro, mas estou potente, explodindo e sinto-me queimando por dentro. Estou perdido por inteiro, centrado na mulher em meus braços e no que as mãos dela fazem comigo.

— Espere querida — urro, afastando suas mãos — Não quero gozar agora, pare...

Volto a acariciar seu monte com a língua, dentes e dedos. Seus gemidos enrouquecidos fazem me sentir poderoso. Apoio minha mão em seu ventre impedido que se afaste de meus ataques furiosos. Paige se contorce e sou impiedoso. Eu quero que ela goze em minha boca, quero que goze em meu pênis eu quero que goze apenas em olhar para mim.

— Richard... — Paige não consegue ficar quieta. Seu clitóris incrivelmente sensível e a vagina úmida entre suas pernas, demonstram que está perto — Estou caindo...

Sem desviar os lábios de seu sexo, vejo-a se contorcer e agarrar os grãos de areia voando tão alto como as gaivotas na praia.

Enquanto ela se recupera, saco o envelope laminado do bolso e visto a camisinha em meu pênis ereto.

— Benditas são as mulheres — mergulho fundo dentro dela — Não precisam de tempo para se recuperar e, querida, eu quero fodê-la muitas vezes.

— Richard — Paige sussurra meu nome, eu a toco onde ela anseia e tomo-a como deseja.

A sensação é eletrizante, nos levando a um lugar nunca estado antes. Onde a única coisa que importa é estarmos juntos, perdidos no aroma de nossas peles, o desejo que arde sobre elas. Paige move-se, e me fundo mais a ela, meu rosto mergulhado em seu cabelo macio, minhas mãos passeando na suavidade do corpo feminino.

— Não posso... — confessa ela, a paixão rompendo as barreiras do controle, excitada, perdida, entregue.

— Goze! — ordeno, com um gemido rouco, enterro-me mais fundo dentro dela, uma... duas... três vezes — Goze para mim querida! — imerso de novo, mais fundo em sua cova úmida. Uma...duas...três vezes.

— Não pare! — diz ela, enredando os braços ao redor de meu pescoço. Suas pernas enroscando minha cintura. Começo a mexer com mais velocidade, isso é primitivo, selvagem e louco. Agarro suas mãos e prendo sob a areia, nossos dedos enroscados, eu a absorvo mais e mais.

Gemo... *Isso!*

Fecho os olhos, estoco dentro dela, seu interior pulsa ao redor de meu membro. Mergulho dentro dela de novo e de novo. Busco meu prazer bruscamente e encontro o dela. Mergulhamos e caímos juntos nesse abismo de sensações, como um caleidoscópio de puro êxtase.

Desabo a seu lado e deito-a em meu peito. O que eu sempre soube cai sobre minha cabeça como

um terremoto. Estou apaixonado por essa mulher e não consigo ver minha vida longe dela.

— Isso foi loucura — ela desenha algo em meu peito com os dedos — Poderíamos ser presos, sabia?

Respiro fundo e prendo-a ainda mais em meu peito.

— Estamos longe, talvez uma ou outra pessoa tenha visto, mas eu não creio nisso.

— Richard! — grita ela e se coloca de joelho a minha frente. Seu rosto está corado devido ao sexo e pela raiva momentânea. Está linda — Fala isso com tanta naturalidade?

Observo Paige ficar de pé, com raiva arrumando sua roupa, um sorriso frouxo desenha meu rosto. Levanto apressadamente e encaixo-a de costas contra meu peito.

— Isso até que é excitante — murmuro, em seu pescoço, beijando-a ali — Alguém nos observando enquanto damos prazer um ao outro. Eufóricos, ouvindo seus gritos e...

— Pare! — ronrona ela, ficando de frente a mim — Você é um pervertido.

— O que posso fazer? — mordo lhe os lábios e dou um tapa em sua bunda — Você é gostosa.

— Tarado!

Ela corre pela praia e eu corro atrás dela. Creio que minha vida de agora em diante será essa, correr atrás dessa linda, perfeita e endiabrada mulher, que mudou minha vida em todos os sentidos.

— Você coloca o pé aqui — ajudo-a se posicionar corretamente na moto — E as mãos aqui, então você gira... Paige!

— Ahh...

Corro até ela assustado, impedindo que a moto caísse levando-a junto.

— Desculpe-me — aperto seu corpo trêmulo contra o meu.

Porra! Se antes ela estava com medo, agora deve estar apavorada. Que ideia ridícula eu tive em ensiná-la a andar de moto, além disso, a areia da praia não é o melhor local para isso. Amaldiçoo-me internamente, até perceber com alívio, que seu corpo estremecido é devido a um ataque de risos.

— Você está bem? — sorrio para ela.

— Eu não deveria ter feito isso — sua mão pousa no ventre — Eu não pensei sobre os riscos. Mas foi muito divertido.

— Chega por hoje — murmuro — Vamos, quero te mostrar outra coisa.

Coloco o capacete de volta em sua cabeça e acomodo-a atrás de mim. Abandonamos a praia e voltamos para cidade. Sigo para um bairro de classe média e casas simples. Paro próximo a uma casa pequena de dois andares.

Uma jovem loira e atrapalhada briga com o portão enquanto tenta firmar o telefone com os ombros. De onde estamos, ela não consegue nos ver, e eu posso observá-la com tranquilidade.

— Às vezes eu paro aqui — murmuro, com pesar — Penso em tomar coragem e falar com ela.

— É a sua irmã não é? — sussurra ela, baixinho.

— Sabe que ela estuda engenharia? — murmuro, ignorando sua pergunta — Igual ao meu pai...

— E você — Paige toca meu rosto — É indisfarçável o orgulho em sua voz. Por que não fala com ela?

— Não é tão fácil assim — digo, seco — Eles me odeiam — respiro fundo — Odeiam minha família e tudo que representa. Procurei-a uma vez, quis pagar seus estudos e ela se recusou. Mas se

você soubesse como é brilhante. Se Charles e minha mãe dessem o que lhe é de direito...

— E o que você fez? — murmura ela — Eu sei que não se deu por vencido.

— A universidade tem um ótimo programa de bolsas — rio, amargo — Eu só precisei ser bem generoso com eles.

Paige me abraça forte, e ergo seu rosto para que me encare.

— É a única mulher que eu trouxe aqui Paige — confesso, num tom amargo — Esse sou eu, por inteiro. O melhor que consegui ser, apesar de tudo.

— Você é um homem bom, um irmão incrível — seus olhos estão úmidos, suas mãos guiam as minhas até a altura de seu estômago, pousando-as lá — Será um pai maravilhoso.

Não parei para pensar sobre crianças durante os últimos anos. As poucas vezes que conversei sobre isso, Patrice desconversava. Minha única certeza é que não daria o mesmo tratamento que meus pais me deram, regado à mentiras e manipulações. E hoje, a única mulher que vejo como mãe deles está a minha frente, com um sorriso lindo e acolhedor.

— Talvez um dia — murmuro, acaricio seu rosto. Não quero assustá-la com pensamentos como esse. Não sei nem como será nossa relação daqui para frente. Tudo que sei é que preciso dela em minha vida — Quem sabe um dia.

— Você não entendeu — diz ela angustiada — Eu...

— Chega de pensamentos melancólicos — coloco-a de volta na moto — A única coisa que entendo, é que a quero nua em minha cama.

O seu olhar frustrado parece querer me dizer algo. Eu não quero ouvir algo como não estamos prontos para isso agora.

— Acho que aqui não é lugar de qualquer forma — sussurra ela, baixinho.

Haverá tempo para conversas, no momento, quero tê-la novamente e por toda a noite. Acomode-me e vamos embora. Não há mais nada para fazer aqui.

Rimos e nos beijamos ao mesmo tempo. Nossas mãos ansiosas não param um segundo. Mal consigo abrir a porta de casa. Paige briga com os botões da camisa e eu acaricio suas nádegas. Beijo-a e gememos juntos alheios ao mundo ao nosso redor.

— Poupem-me dessa cena romântica.

— Charles?

Ele está em meu sofá, um copo de uísque na mão e com um olhar debochado em nossa direção. O que ele faz aqui? Por que minha família sempre encontra uma forma de arruinar minha vida? *Inferno!* É a última pessoa que gostaria de ver essa noite. E pelo seu olhar e expressão, a visita não é amistosa.

É frustrante, que um dia lindo e perfeito como esse, tenha que ser manchado com a presença irritante do irmão mais velho de Richard. Ainda estou andando sobre as nuvens após nosso dia perfeito na praia e a forma com que ele se abriu a mim. Todas as coisas que me confidenciou, descobrir que por trás do engenheiro e empresário pragmático, há um lindo menino simples e gentil, deixam-me completamente aos seus pés.

Hoje foi diferente de tudo que já vivemos. Não foi apenas tesão acumulado e sexo louco, como sempre é entre a gente. Havia algo mais ali, vi em seus olhos. Eu vi amor, esperança na vida e mais extraordinário de tudo, essa esperança e anseio estão direcionados a mim. Não preciso de flores ou uma declaração espetacular da parte dele. A vida, se resume em simples gestos. Eu o amo e sei que sou correspondida. Então, não importa o que Charles faça, o que a mãe dele tente contra nós, esse amor é mais forte.

— O que você quer aqui e como entrou? — rosna Richard, sem soltar minha mão.

— Usei a chave reserva — diz Charles, com desdém na voz.

— O que quer Charles? — repete Richard, frustrado.

— Precisamos ir para Dubai ainda hoje.

O que? Voltar para Dubai, mas Richard mal havia chegado. As artimanhas para me manterem afastada dele são tão ridículas, como absurdas.

— Acabei de voltar de lá. Eu não vou! — responde Richard como se lesse meus pensamentos.

Isso mesmo! Está na hora de Charles entender de uma vez por todas, que não tem mais controle sobre a vida dele ou sobre nossas vidas.

— Por causa dela?

O *dela* é pronunciado com tanto desgosto que tenho que me segurar para não encher a cara dele de bofetadas. Conto até três e tento manter a calma. Alguém deveria avisar que isso não funciona, pelo menos comigo. Se esse homem falar algo mais contra mim, esqueço onde estou e quem ele é.

— Isso não lhe interessa! — rebate Richard — Ela tem nome... Paige.

— Richard, eu não vim discutir. Faça da sua vida o que quiser tudo bem? Já cansei de avisar você — murmura ele, irritado — Agora, as empresas da família não têm nada a ver com isso. Podemos conversar? A sós?

— Não há nada que eu precise esconder de Paige — murmura ele.

— Eu vou para o quarto — decido colocar panos quentes. Não quero mais essa acusação sobre meus ombros. De que eu, tenha levado a falência um empreendimento tão importante para carreira e vida de Richard — Espero você lá em cima.

Beijo seus lábios deliciosos, permaneço unida a ele por mais tempo que deveria. Sim, é uma provocação velada a Charles. Ele é um idiota. Eu o detesto tanto quanto ele me despreza. Já que não posso encher o rosto dele de bofetadas, que pelo menos causasse um infarto, se possível fulminante.

— Espero você na cama — sussurro, no ouvido de Richard e dou um pequeno beliscão em sua bunda.

Passo por Charles, sem me dignar a olhar para ele. Para mim, é tão insignificante quanto um

verme.

Entro no quarto elegante e milhares de memórias vem a minha mente. Passei incríveis momentos nessa cama, lembranças que me deixaram muitas noites sem dormir, ansiando pelo seu corpo sobre o meu, a boca em minha pele e os beijos capazes de me tirar o fôlego.

Estou tão acessa e excitada com isso que decido amenizar a queimação em meu corpo com um banho de espumas. Não foi uma ideia muito boa. O banheiro está tão carregado de memórias como qualquer parte do apartamento. Dificilmente há um canto que nós não tenhamos usado para nos entregarmos ao prazer. Abro a torneira e deixo-a encher enquanto as lembranças me invadem. Seleciono um dos milhares saís de banho que há ali e quando a água está na temperatura certa, tiro a roupa e me delicio dentro dela.

O que será que estão falando? Faz mais de vinte minutos que os deixei e nenhum sinal de Richard. Pelo visto, o assunto era realmente importante. Como não tenho outra coisa a fazer a não ser esperar, coloco o fone de ouvido e seleciono minhas músicas preferidas no celular. Fecho os olhos apenas para apreciar a canção.

Ainda estou perdida cantarolando quando pequenas mordidinhas em meus lábios fazem-me tremer.

Olhos cristalinos deslizando pelo meu corpo dentro da banheira e detendo-se um tempo maior em minhas longas pernas. Richard é apaixonado por elas e isso faz me sentir linda e sexy.

— Tudo bem? — pergunto, ansiosa. Coloco uma perna sobre a borda da banheira deslizo a mão sobre ela. Com o gesto meus seios surgem a borda da água e faz com que ele gema e morda os lábios. Merda, isso é sexy — Parece tenso.

— Isso foi golpe baixo — sussurra ele. Richard ajoelha-se e curva a cabeça em direção aos meus seios. Mordisca um, depois o outro. Eu gemo e minha perna trêmula volta para debaixo d'água.

Anseio por ele, preciso de corpo, alma e coração.

— Inferno! — suspira ele com pesar, ao se afastar por um momento — Tenho que ir Paige. Parece que houve um incêndio, ainda não sabem se foi acidental ou criminoso. Eu tenho que verificar isso de perto.

— Quando você vai?

— Ainda hoje — faz uma pausa — Em uma hora.

Eu tenho vontade de chorar, falando sério, eu vou desabar a qualquer minuto. Não só pela frustração sexual, mas por mais essa distância que impunham entre nós. Isso não pode estar acontecendo, não hoje. Há tantas coisas não ditas. A começar pelo bebê. Ainda não fiz o teste, mas já tenho dois dias de atraso e preciso prepará-lo de alguma forma.

— Não podemos conversar antes?

Richard me prende contra ele sem se importar que as gotículas em meu corpo molhem sua camisa. Seu beijo é urgente, faminto e de certa forma desesperado.

— Quando eu voltar teremos uma conversa definitiva — sussurra ele, deslizando o dedo indicador em meus lábios — Espera por mim?

— Tá — murmuro, queixosa — Eu espero, sempre.

Saio da água e ele me enrola em uma toalha preta felpuda. Richard volta a me beijar docemente e minhas pernas bambeiam imediatamente. Se seus braços não me sustentassem eu teria caído como um saco de batatas.

— Me ajuda a fazer as malas? — pede ele de um jeito tão doce que é impossível não sorrir.

Não é uma despedida. Ambos sabemos disso, mas é como se fosse. Arrumamos suas coisas entre

beijos risos e carícias atrevidas. Ainda estou de toalha e vira e mexe ele tenta puxá-la de meu corpo.

— Camisinhas? — pergunto, mostrando a embalagem após fechar a gaveta de cuecas.

Estou provocando-o, mas no fundo a resposta é muito importante para mim. Isso é infantil. É apenas trabalho, me sinto tola. E descobri agora que sou uma pessoa ciumenta. Imaginá-lo a quilômetros de mim com outras mulheres, me deixa completamente cega de raiva.

— Claro que não — diz ele, jogando as embalagens em cima da cama. Seu rosto está vermelho e acho-o incrivelmente fofo. Por onde andou esse homem durante toda minha vida? — Eu não vou precisar.

— Quando você volta? — pergunto, mudando de assunto. É lindo vê-lo envergonhado, mas não quero torturá-lo mais.

— O mais rápido possível — afirma ele.

Sento na mala para que ele a feche. Nos encaramos por longos minutos. As palavras presas na garganta. Eu tenho medo em dizer. Ele receia falar.

— Só preciso de um incentivo — acaricia meu rosto com ternura — Algo que anseie voltar o mais rápido possível.

— Eu sei como resolver isso.

Fico de pé em frente a ele, a toalha desliza pelo meu corpo caindo ao chão, seu olhar ardente apaixonado ao devorar minha pele nua. Eu não tenho mais com o que me preocupar. Esse olhar pertence a mim, arrogante ou não, nenhuma outra mulher pode enlouquecê-lo como eu. Disso eu tenho certeza.

— Foda-se o horário! — diz ele, jogando-me sobre a cama — Dá tempo para uma rapidinha.

Afoitamente, mas sem menos precisão, ele apalpa meu corpo da forma que me deixa ensandecida. Richard conhece, os segredos de meu corpo mais do que eu. Ele sabe exatamente onde e como tocar para que eu fique alucinada diante dele.

De forma brusca e ao mesmo tempo deliciosa, ele marca minha pele com apertos, mordidas e beijos. Como se deixar suas marcas em mim, provasse que eu pertencço a ele. Sempre foi muito apaixonado e nesse momento, parece tudo muito mais intenso, mais erótico e profundo.

— Richard... — sussurro, com voz rouca quando ele se afasta por alguns segundos. Observo pegar um preservativo na cama e colocá-lo com pressa. Tento dizer que não há mais necessidade disso, mas sua boca exigente me cala.

Seus dedos tocam-me intimamente testando minha umidade. Eu já estou pronta, sempre estou. Os dedos acariciando-me em meu ponto sensível com ternura, alternada com selvagem sensualidade. Os gemidos escapam de meus lábios de forma vertiginosa, um após o outro e tenho certeza que voarei alto a qualquer momento.

— *Richard* — chamo por ele com urgência. Preciso dele dentro de mim, tomando-me fundo, por inteiro.

E ele o fez. Seu pênis duro invade-me, poderoso, selvagem, exigente.

— Ahhh — grito, quando ele finca mais forte dentro de mim.

Meus seios tremem a cada investida sua e minha cabeça curva para trás.

— Ahh... — de novo e mais fundo, meus olhos giram fora de órbita — Isso...

— Olha para mim — exige ele, seus quadris mexem, e solto um grito enrouquecido — Quero vê-la gozar para mim, amor.

Cada vez que ele arremata dentro de mim, meus pés cravam na cama e eu grito alto. Meu corpo

queima e o dele fica rijo, os músculos tensos, enquanto ele ronrona em meus lábios sem desviar os olhos dos meus um único segundo. Devoramos um ao outro, sempre reivindicando mais e mais, de um jeito enlouquecido.

— Richard! — gemo ou choramingo eu já não sei. A sensação é maravilhosa, e tenho vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. São inúmeras sensações impossíveis de explicar — Ahh, por favor... Por favor... Por favor, querido.

Repito sem cessar, não sei exatamente o que peço, mas a sensação dele entrando e saindo de mim, hora com força hora lento e meticuloso, me fazem gritar como uma louca.

— Goza linda — grunhe ele, mexendo-se dentro de mim, indo e vindo. Forte e mais forte. Intenso. Eu imploro, contorço-me e gemo junto com ele. Quanto mais fundo mais as sensações espalham pelo meu corpo. Puro e absoluto prazer.

— Isso... — mordo meus lábios com força e minhas unhas cravam em suas costas — Isso! Choramingo, gemo e grito desesperada. Os espasmos se espalham por meu ventre e minha vagina contrai em torno dele. É um cataclismo de sensações em cada célula sensível de meu corpo. Ondas e ondas fazem meu corpo convulsionar, eu mergulho em um abismo profundo.

As últimas arremetidas profundas dele, seguida de seu urro intensificado é prova que ele encontrou seu prazer dentro de mim. Alguns segundos depois, Richard desaba, sobre meu corpo.

Fico mole, desfrutando do calor de seu corpo contra o meu.

— Uma rapidinha... — sussurro, sonolenta.

Lábios macios tocam os meus. Preciso relaxar apenas por alguns segundos. Só um pouquinho. Os últimos minutos me destruíram.

— Esse é o melhor de todos os incentivos — sussurra ele baixinho em meus cabelos — Amo você.

— Hum, hum... — ronrono. Um sorriso desenha em meus lábios.

Amo você. Amo você. Amo você.

Richard havia realmente se declarado ou apenas sonhei com isso? Eu nem o vi sair do apartamento. Acordei pela madrugada com a cama e coração vazio. Mas as palavras pareciam ecoar pelo quarto.

Amo você.

Faz uma semana que ele partiu e uma semana que me arrasto pelos cantos de minha casa. Conversamos poucas vezes durante a semana, sempre de forma apressada e evasiva. E todas as vezes, achei-o um pouco distante, receoso, diferente.

O que eu disse a ele? Eu não me lembro, e o agravante, é que dessa vez não posso colocar a culpa na bebida. *Droga*, por que tive que agir como a Bela Adormecida em um momento tão importante como aquele?

— Está aqui! — Jenny para a minha frente com uma embalagem estendida a mim — Faça logo esse teste e pare de suspirar pelos cantos.

Pego a embalagem para que ela não permaneça parada, como uma estátua. Antes, a preocupação com uma possível gravidez fosse minha única angústia. Na verdade, eu desejo isso a cada dia mais,

independente do que aconteça. O que está me matando é essa distância e as dúvidas e incertezas que poluem minha cabeça. Será que havia mudado de ideia sobre a gente? Não conversamos propriamente sobre isso, mas suas ações e as minhas, deixaram muitas coisas subentendidas. Richard disse ou não que me ama? Se ao menos tivesse essa certeza...

— Preciso de um pouco de ar — digo, levantando do sofá onde passei praticamente a tarde inteira. Não gosto dessa parte de amar alguém. A parte que nos deixa frágeis e inseguras — Vamos ao Taco Bel?

— Antes faça o teste Paige — insiste Jenny — Acabe com isso logo.

— Para que? — jogo a embalagem sobre a mesinha — Não fará a menor diferença Jenny. Eu preciso sair um pouco daqui... Você vem?

Jenny me encara com determinação e firmeza, ela sabe que no fundo estou fugindo.

— Quando voltarmos não irá escapar disso — murmura ela.

Concordo com a cabeça. Embora ela não possa ver, o silêncio que segue é suficiente para que seu rosto se suavize.

—Prometo!

A lanchonete especializada em tacos e burritos não é longe de casa, e sempre que podemos, comemos ali. Está um pouco cheio, fica próximo ao zoológico, então passamos quase quinze minutos aguardando uma mesa. Mudar de ambiente não melhorou muito meu estado de espírito. Respondo as perguntas de Jenny de forma monossilábica, sem prestar muita atenção no que está dizendo. A expressão sentir-se sozinha em meio à multidão nunca fez tanto sentido para mim como hoje.

A luz piscando na tela do telefone avisando que tenho poucos minutos de bateria. E se Richard ligasse?

— Vamos embora — grito, em meio ao barulho.

— Mas acabamos de chegar.

— Por favor, Jenny?

— Está bem — murmura, rindo — Essa sua inconsistência está acabando comigo.

Peço a um atendente que embrulhe nossa comida para viagem enquanto conversamos.

Dessa vez, presto atenção ao que ela fala. Está trabalhando em dois restaurantes mais chiques da cidade como cantora, parece empolgada com o novo emprego. Acho que é isso que eu preciso. Algo para ocupar a mente e não ficar em casa com caraminholas na cabeça.

— Sério... — digo a ela assim que abrimos a porta — Eu disse que iam amar você.

— Jennifer?

Putá merda! É inacreditável, mas diante de nós está o homem que abala minha amiga mais do que ela consegue admitir. Parece que eu não vou ser a única a suspirar pela casa hoje.

— Sr. Durant? — responde ela tão chocada quanto ele.

Eu juro que se eu tocar em um dos dois, seria torrada pela descarga elétrica que emana de um para o outro.

Noto uma garotinha, cópia fiel do pai olhando-nos com curiosidade. *Ciumenta*, percebo ao observar a forma que ela se agarra a ele.

— Anne, essas são Paige e Jennifer — diz ele — Jennifer, Paige, essa é minha filha, Anne.

— Prazer — Anne estende a mão para a Jennifer que deixa-a parada no ar.

— Olá, Anne? — cumprimento, segurando a mão da menina para evitar um constrangimento maior entre elas. Jenny está tão nervosa com a presença de Neil que agarra a bengala como um bote salva vidas.

— Papai ela é cega? — Anne pergunta, abismada. A garota é esperta.

— Anne, isso não foi educado — murmura Neil, repreendendo-a.

— Tudo bem — Jennifer inclina a cabeça em direção à menina — Eu sou.

Agarra meu braço e está claro seu nervosismo. Tenho que tirá-la dali urgente.

— Sr. Durant, foi um prazer encontrá-lo, mas já estávamos de saída. E obrigada pelas rosas. Eram muito perfumadas — diz ela, com um sorriso que não alcança o seu rosto.

— Por nada, foi um prazer. Até logo, Jennifer — sussurra Neil, se afastando para o lado dando passagem a nós.

Cara! O olhar dele em direção a ela é de cair o queixo.

— Você deu rosas para ela, papai? — Anne pergunta surpresa.

Conseguimos ouvir a pergunta da garota antes de sumirmos pela calçada em meio aos transeuntes. Infelizmente não ouvi a resposta.

Eu não sei qual de nós duas parece mais patética. Pelo menos, eu tenho sorte de Richard ser solteiro e livre para mim. Não há nada que nos impeça a ficarmos juntos a não ser nós mesmos.

Bem, não sei se é tanta sorte. Pelo menos, o Neil não está com Jenny porque não pode. Acho que é mais porque ela não quer. O jeito que olhou para ela hoje, é de um homem apaixonado e perdido. Caramba, nossas vidas estão uma verdadeira bagunça.

— Tudo bem? — pergunto, assim que abro a porta.

Fizemos o caminho de volta em completo silêncio. Embora ela tenha tentado disfarçar as lágrimas, os olhos vermelhos a denunciavam. Sinto-me horrível, passei todos esses dias me lamentando, quando ela está enfrentando um momento difícil. Que tipo de amiga eu sou? Preocupada apenas com meu próprio umbigo.

— Vou preparar um chá para gente.

Nada. Nenhum protesto habitual ou uma gozação de como eu posso colocar fogo na casa. Merda, as coisas não vão bem.

Sigo para cozinha para preparar o chá quando o celular em meu bolso toca.

— Paige.

Meu coração dispara.

— Richard!

— Quero que venha me ver — suspira — Preciso de você aqui.

— Quando?

— Agora — diz ele, com ansiedade — Há um jatinho esperando-a no aeroporto.

Olho para minha amiga encolhida em um canto do sofá como um animalzinho ferido. Do outro, o homem que amo assumindo que precisa de mim. Só há uma decisão a tomar.

— Eu não posso — sussurro baixinho.

Não posso fazer isso com ela. Eu não me perdoaria nunca.

— Entendo.

— Richard...

O clique do outro lado indica que a ligação foi encerrada.

A vida é mesmo uma grande merda!

Beijo-a pela última vez antes de pegar a mala esquecida aos pés da cama. Adoro seus lábios carnudos, eles são sexys, desejo devorá-los a cada segundo. Cubro-a com o lençol antes de sair do quarto. Gosto de vê-la ali, em minha cama. Meu desejo é que Paige permanecesse sempre ali, todos os dias da semana, esperando por mim, que acordasse e dormisse em meus braços. Que minha última visão ao sair de casa fosse essa, seus lindos cabelos negros contrastando com o cetim branco do lençol e em seus lábios, esse meio sorriso de satisfação. Sorriso de mulher amada, satisfeita.

Outro vez, confessei a ela que a amo e de novo. Paige estava com a mente longe daqui. A filha da mãe sabe como me provocar, mesmo que inconscientemente. Eu sou louco por ela, em todos os sentidos.

— Ainda está aqui? — encaro Charles com desgosto.

Será que ouviu os gritos e gemidos vindos o quarto? Isso é algo que me deixa extremamente irritado. Os momentos de paixão de Paige pertencem a mim e a mais ninguém, nem mesmo a um espectador, principalmente esse. Ela é minha e não divido-a.

— Achei que precisaria de carona, vamos no mesmo voo não faz sentido irmos em carros separados, além disso, precisamos discutir alguns assuntos pelo caminho.

Cruzo a sala até o bar e sirvo de uma dose de vodka. Nesse momento eu quero partir a cara dele.

— Deve ter muitas coisas nessa mala — diz ele ao olhar para pequena mala em minhas mãos — Ou, havia distrações demais.

— Isso não é da sua conta — sibilo para ele com raiva — Pare de se intrometer em minha vida.

Essa insistência já está ficando irritante e ridícula, não sou mais um adolescente em busca de conselhos e orientações do irmão mais velho.

— Certo — Charles deposita o copo em cima do balcão do bar — A vida é sua, faça como quiser.

Eu não sei exatamente em qual momento passamos de irmãos para dois estranhos. Quando crianças, éramos unidos e nos divertíamos muito juntos. Eu não sei até que ponto, o comportamento desleal e egoísta do meu pai lançou-o nessa imensa concha impenetrável que ele se abriga hoje. Para Charles, e minha mãe, meu pai havia destruído o mundo perfeito em que eles viviam. É irônico que o irmão a qual cresci admirando, tenha se tornado tão distante. Será por isso, que Paige havia se tornado tão essencial para mim? Porque com ela eu me sinto em casa.

— Vamos? — inquire Charles, da porta.

— Vamos.

A situação em torno do complexo hoteleiro está um pouco mais complicada do que imaginei. Os investigadores no caso ainda não sabem se o desmoronamento em um conjunto de lojas no centro do complexo havia sido acidental ou criminoso. Está havendo alguns protestos contra obra, incitados por um grupo extremista contra a implantação da obra e ao que eles chamam “invasão estrangeira”.

Como ainda não há provas suficientes, não temos como responsabilizar o grupo que além de atrasar outras obras, haviam desperdiçado uma pequena fortuna em dólares.

No entanto, esse é um dos menores problemas, sabíamos dos riscos causados pelos extremistas que poderão ser controlados, minha preocupação é que o acidente tenha sido provocado por negligência interna, por uso indevido de matérias ou incompetência por parte da equipe de engenheiros envolvidos no projeto, isso seria inaceitável.

— Essa foi a área mais prejudicada — explica o empreiteiro responsável pela ala norte a qual estamos no momento — O teto terá que ser refeito.

— Foi acidente ou criminal? — pergunto, analisando a destruição do local — O que acha Martinez?

— Olha — ele levanta o capacete protetor para coçar a testa — A equipe é uma das melhores, e os equipamentos são os melhores do mercado. Se foi um acidente é inexplicável.

Concordo com ele, só trabalho com excelentes profissionais e em um projeto tão inovador como esse, eu não admitiria material de baixa qualidade. O desabamento só pode ser considerado criminoso, isso me leva a crer, que há alguém infiltrado entre os operários e que teremos que redobrar a segurança até que isso seja solucionado.

— Não chegue tão perto, doutor — alerta-me Martinez ao ver-me aproximar do enorme buraco no teto — Isso vai desmoronar a qualquer momento.

— A situação não está tão ruim na ala sul — diz Charles, ao entrar — Mas não deixa de ser preocupante.

— Vou conversar com a segurança novamente — murmuro — Se esses protestantes têm algo a ver com isso, eu vou descobrir.

— Sugiro que resolva isso logo Richard — sentencia Charles — Não quero o nome da construtora e da família envolvidos em escândalos.

— Se isso é problema Charles, ainda posso desvinculá-los do projeto — respondo irritado. Ele não responde a isso, o complexo é uma galinha de ovos de ouro para ele, a construtora e todos os envolvidos. Sair do projeto independente do que aconteça durante o percurso é como dar um tiro no próprio pé, Charles sabe disso.

— Eu vou para o hotel — diz ele, como se eu não o tivesse ameaçado — Ponha-me a par das notícias depois.

Ignorando-o e volto a conversar com o empreiteiro sobre quais procedimentos a seguir e o quanto da obra poderia ser recuperado.

A conversa com a segurança não foi muito esclarecedora, embora a informação de um funcionário, sobre alguns membros rebeldes andarem circulando aos redores, tenha sido útil para dar um novo direcionamento nas investigações. Minha estadia ali será mais demorada do que eu gostaria, isso deixa-me frustrado.

Observo o mar a minha frente, alguns meses atrás esse era o meu refúgio perfeito. Hoje, assemelhasse como uma joia rara na vitrine, bonita mas fria. Permaneci olhando para o horizonte. Deveria sentir-me como um rei, mas não é como me sinto. De que adianta lugares perfeitos como esse, se não há com quem dividir? É o segundo dia no hotel e tudo caminha a passos de tartaruga.

Não tenho a menor perspectiva em voltar, muito menos quando poderei ver a Paige novamente.

— Alô?

— Paige? — olho novamente para o número no celular para me certificar de que havia discado certo. A foto dela no dia que passamos na praia confirma que sim.

— Não, é a Jenny — responde a jovem — É o Richard?

— Sim, Paige está aí?

— Ela está no banho — diz ela, suavemente — Quer deixar recado?

— Não — murmuro, com tom decepcionado — Eu ligo depois.

Isso não foi possível, outro protesto em frente aos portões deixaram-me quase quatro horas entre o fogo cruzado e negociações. Tentamos conversar com o líder irredutível sobre as imensas vantagens que o complexo traria para cidade e pessoas da região. Eu notei, que a guerra é muito mais política do que ambiental, então temos que agir com tato e esperteza.

Volto para o quarto exausto. É tarde demais para ligar para ela, então, tomo um banho rápido e desabo na cama.

No dia seguinte, há mais confusões, dois seguranças foram feridos ao serem atingidos por uma bomba caseira. A polícia local foi acionada para conter os arruaceiros. Houve uma reunião com o representante da cidade, que se comprometeu em manter a ordem e segurança.

Estar apaixonado por alguém sempre faz com que você se comporte como bobo? A única coisa que penso em fazer ao atravessar a porta do quarto de hotel é correr para o telefone e ligar para ela. Se a porcaria da bateria do celular não tivesse acabado a uma hora, eu já teria feito isso. Preciso ouvi-la, sentir sua presença de alguma forma.

— Richard — a voz sexy soa do outro lado.

— Oi linda — um sorriso desenha meus lábios quando a imagem dela me vem à cabeça — Como está?

— Com saudades — confessa Paige. Sinto uma pontada no peito. É estranho, ao mesmo tempo que é bom, machuca também. A sensação que tenho é que me falta algo.

— Eu...

— Richard!

Encaro Charles com certa irritação ao vê-lo entrar intempestivamente em meu quarto. A falta de noção dele com espaço e privacidade deixam-me com desejos assassinos. Tapo o bocal do telefone disposto a dizer alguns desaforos a ele, mas a expressão preocupada em seu rosto freia-me por alguns segundos.

— Houve outro ataque! — diz ele, seriamente — Venha.

— Tenho que desligar — informo a Paige.

— Mas...

— Eu ligo depois — sussurro, antes de desligar.

Charles já está a caminho dos elevadores quando encontro-o.

— O que houve?

— Alguns ataques perto do shopping — murmura ele — Parece que há alguns feridos.

— Nossos ou deles?

— A polícia atirou em dois agitadores, parece que o estado é crítico.

Inferno! Publicidade ruim é a última coisa que precisamos. Passei praticamente o dia inteiro garantindo a bancos e investidores que esses acontecimentos não prejudicariam o projeto, mas a cada dia as coisas ficam mais tensas.

— Vamos até lá então.

O clima é tenso. Há policiais de um lado e cerca de uns vinte arruaceiros do outro. Um homem baixo e rechonchudo parece ser o líder do grupo. Há crianças entre eles e isso deixa-me ainda mais irado.

Uma bomba caseira vem em nossa direção. Um dos seguranças arremessa de volta para o grupo. Vejo um garoto por volta de uns oito anos, correr em direção onde ela cai.

— Ei garoto! — eu corro em direção a ele, gritando para que se afaste — Saia! Saia!

Em meio a pedradas de um lado e gás lacrimogênio do outro, tudo parece um verdadeiro caos. O local parece mais um campo de guerrilha. Há um grande clarão e é a última coisa que vejo.

Abro os olhos por alguns minutos. A luz é muito forte, incomodando-me o suficiente para que eu volte a fechá-los. Estou deitado em alguma coisa e pareço em movimento. Ouço vozes em volta de mim, mas não consigo compreender o que estão falando, parecem agitados. Meus lábios estão secos e sinto um gosto esquisito na boca, algo metálico, salgado. Minha cabeça dói, martela como uma britadeira. Eu volto a dormir.

Pela primeira vez na vida, eu vejo Charles em um estado caótico, desalinhado e com uma expressão angustiada. A gravata está desfeita, os cabelos desalinhados e camisa chamuscada de sangue.

— Você está bem?

Olho em volta sentindo-me um pouco desorientado. O quarto é branco como a maioria dos quartos de hospitais. Há um sofá e uma mesa de canto. Uma TV desligada no suporte da parede. Os últimos acontecimentos vêm a minha cabeça.

— Como está o menino? — murmuro, apesar da garganta árida.

— Está bem — murmura Charles com um sorriso fraco — Se assustou com seus gritos, ele correu para o outro lado, então, teve ferimentos leves.

— O que estou fazendo aqui?

— A bomba era um pouco mais potente do que parecia. Foi atingido por alguns fragmentos e bateu a cabeça muito forte no chão, foi uma queda forte. Teve um corte profundo na cabeça quando atingiu uma pedra, mas o pior foi que perdeu muito sangue. Sua sorte é que eu estava aqui... — ele pigarra emocionado — Então fizeram uma transfusão de emergência. Você me assustou bastante.

— Salvou minha vida? — não posso dizer que estou surpreso com o que ele diz, afinal somos irmãos e apesar de todos os pesares, eu faria o mesmo, mas o gesto não deixa de me emocionar.

— Eu sei que não tenho sido muito afetuoso nos últimos anos Richard — diz ele envergonhado — Eu realmente penso em sua felicidade. Não sou o monstro que você pensa.

— Eu nunca disse isso — murmuro, seco — Mas as suas atitudes e as da nossa mãe, são intoleráveis.

— Mamãe não é autoritária apenas com você — ele ri — Apenas evite os conflitos e está tudo

resolvido.

— Eu não quero mais participar desse jogo Charles — murmuro, contrariado. A dor em minha cabeça volta com força total, obrigando-me a fechar os olhos. Não é possível que até em momentos como esse, quando ele parece agir de forma emocional, temos que acabar em discussão — Sou adulto e tenho o direito as minhas escolhas sendo-as boas para vocês ou não.

— Está certo — murmura ele — Já disse que não vou mais me intrometer nesse assunto. Apenas tenha cuidado. Algumas mulheres fazem de tudo para subir na vida. Espero que esteja se cuidando e que não faça como nosso pai e caia no truque da barriga.

Tenho vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Se ele conhecesse a verdadeira história entre eu e Paige. Não a que estamos vivendo agora, mas a do início de nossa relação. Quando o que tudo o que me importava era enlouquecer minha família, vingar-me de Patrice e me divertir. Em poucas semanas a vida seguiu para outro curso. Como é possível que ela tenha se enraizado em minha vida dessa maneira? Que eu tenha me aberto como fiz, quando nem mesmo com Patrice a qual fui noivo por anos e ou família haviam conseguido isso?

É possível amar alguém assim em tão pouco tempo? A pergunta certa é, conseguirei seguir minha vida sem ela ao meu lado?

— Paige não é assim — respiro fundo — Sente-se, eu quero lhe contar uma coisa.

Eu conto a ele o que aconteceu desde nosso primeiro encontro na boate. Desde que a olhei pela primeira vez. De como senti-me atraído por seu corpo e como mergulhei na imensidão verde de seus olhos.

De como eu não consegui pensar em mais nada após nossa primeira noite juntos. A surpresa por ela não ser uma garota de programa e finalmente de como me senti perdido, ao descobrir-me apaixonado por ela.

Não foi difícil explicar como me sinto feliz ao lado dela. A facilidade com que ela me faz sorrir e ficar zangado, mas principalmente o quanto me faz feliz e completo.

— Eu jamais teria imaginado isso — diz ele — Pelo visto está apaixonado por ela.

— Sim — confesso sem qualquer tipo de pudor.

— Espero sinceramente que tenha razão sobre ela e que o sentimento seja recíproco, apenas tenha cuidado antes de tomar qualquer iniciativa maluca.

— Quando conhecê-la melhor entenderá o que digo.

—Tomara que sim.

— Quero que faça uma coisa por mim — encaro-o, firmemente — Preciso vê-la. Eu preciso da Paige aqui.

Não sei se são os remédios ou a condição em si que me faz parecer ansioso e dependente, mas quero tê-la em meus braços. Eu poderia ter morrido sem ter tido a oportunidade de olhar em seus olhos e dizer que a amo. Eu não vou mais perder tempo com isso.

— Ok — Charles sorri — Eu vou providenciar isso.

— Verdade? — pergunto, com certa desconfiança.

— Palavra de escoteiro.

— Obrigado — murmuro — Peça a uma enfermeira que traga remédios também.

Toco minha cabeça onde há uma faixa, não tinha noção da gravidade do ferimento, mas pelo batuque em minha cabeça, eu faço uma ligeira ideia. Contanto que a criança esteja bem, isso não me importa. A enfermeira entra alguns minutos depois, entrega-me um remédio com gosto amargo.

Sinto sono novamente, mas obrigo-me a esperar por Charles. Desejo fervorosamente que ele faça o que me prometeu.

— Tudo certo — informa Charles, meia hora depois — Um jatinho estará esperando-a no JK daqui às duas horas.

— Onde está meu telefone? — sento-me na cama com certa dificuldade, a dor na cabeça me faz sentir tontura e náuseas.

— Aqui — Charles entrega-me o aparelho todo arranhado e com o visor quebrado — Por sorte não foi destruído completamente.

Aperto o número na discagem rápida, ela atende no terceiro toque.

— Quero que venha me ver — respiro fundo. O pedido parece autoritário, mas está bem longe disso — Preciso de você aqui.

— Quando?

— Agora! — respondo com ansiedade — Há um jatinho esperando-a no aeroporto.

O telefone fica mudo por um momento, longo de mais para meu gosto. O que está acontecendo?

— Eu não posso — sussurro ela, baixinho.

Ela não quer vir? Por que está sussurrando? Quem está com ela? O ciúme agarra-se a mim como uma praga. Será que Charles tinha razão o tempo todo e eu só vi o que eu quis acreditar?

— Entendo — desligo em seguida, com o desapontamento queimando em meu peito.

— Ela não virá? — pergunta Charles, lendo a decepção em meus olhos.

— Não — respondo, evasivo e sem conseguir encará-lo.

— Sinto muito.

Ele sente muito! Durante todo esse tempo Charles desejou nos separar e agora, ironicamente a única vez que não interferiu em minha vida, vejo que suas suspeitas estavam certas, não que ela queira apenas o meu dinheiro, apenas não está interessada em mim como desejei. Não precisa de mim como eu preciso dela. Sonhei acordado demais e ao acordar vi que a realidade é outra. Essa merda machuca.

Capítulo 18

Richard desligou na minha cara, sem me dar a mínima chance de explicação. Isso foi como uma martelada em meu peito.

— Era o Richard? — pergunta Jenny, ainda está encolhida no mesmo canto no sofá.

— Hum, hum — É tudo o que consigo responder, minha garganta está obstruída pelo nó causado pela dor em meu peito.

Jenny ajeita-se no sofá, senta-se sobre seus pés e inclina a cabeça em direção onde imagina que eu esteja.

— Vai se encontrar com ele?

— Não — nego sem muita convicção. Eu gostaria de correr até o aeroporto, pegar aquele jatinho e dizer na cara dele o quanto ele está sendo idiota, precipitado e burro — Eu não vou deixá-la aqui, sozinha.

— Por favor, Paige! — diz Jenny, zangada — Estou bem, já basta uma pessoa deprimida nessa casa.

— Não vou deixá-la sozinha, além disso, teria que ficar fora por alguns dias.

— Chamarei Paul para ficar comigo se isso que a preocupa — ela ri, mas o brilho não chega a seus olhos — Vá de uma vez, caso contrário, ao invés de melancólica, estarei furiosa com você.

— Você tem certeza? — insisto, preocupada — Vai mesmo ligar para o Paul? Não quero que fique sozinha, estando tão triste.

— Eu prometo.

— Certo, então vou fazer minha mala — murmuro, feliz — Ficar bem mesmo?

— Suma daqui agora! — Jenny atira algumas almofadas em minha direção.

Corro para o quarto animada. Jenny ficará bem com Paul. Ele é o tipo de pessoa que não admite ninguém triste ou melancólico perto dele. Em se tratando de Jenny, isso vai muito além. Eu posso viajar tranquila sem ficar imaginando-a sozinha e triste pela casa.

Jogo na mala tudo o que acho que irei precisar; biquínis, saída de banho, vestidos, tudo o que é necessário para alguns dias na praia. Pelo que Richard me contou, o complexo é de frente a uma praia magnífica. Um homem lindo e um lugar paradisíaco. O que mais posso querer da vida?

Mas, só depois de colocar um pouco de juízo naquele homem quente e cabeça oca. Explico a Jenny rapidamente para onde vou antes de sair e prometo ligar para ela assim que chegar lá. Graças a todos os deuses eu consigo um taxi assim que saio do prédio. Richard me disse que o avião estaria esperando-me em três horas e, já havia se passado uma. Cruzo minhas mãos sobre o colo com nervosismo. Rezo para que o trânsito lento da cidade não me faça perder o voo, mesmo que seja um avião particular, o piloto não me esperará eternamente. Isso me lembra que eu não tive tempo de perguntar em que hangar sairá o avião e nem qual o nome dele.

Ligo de volta para Richard, após o terceiro toque cai na caixa postal, faço diversas tentativas sem sucesso até chegar ao aeroporto. A frustração e desespero começam a me angustiar. O que farei

agora, sem nenhum tipo de informação? A cada vez que penso nisso, tenho vontade de me jogar na primeira pista de avião, melhor, jogar o Richard em frente a um.

Jogo a mala em um carrinho e começo a andar pelo aeroporto. Após me informar com um atendente, sigo em direção de onde saem os voos particulares. Graças a Deus não há muitos, mas de qualquer forma, seria constrangedor bater de porta em porta como um vendedor de enciclopédias.

— Srta. Fisher?

Viro e me deparo com um homem de terno escuro e camisa branca, ele vem até mim. Está segurando uma folha branca contra o peito e encara-me insistentemente.

— É a Srta. Fischer?

— Sim — respondo, vacilante — Eu sou.

O homem respira aliviado e sorri pela primeira vez. Os músculos do rosto relaxam e entrega-me a folha, é uma foto minha ao lado de Richard, estamos abraçados, a imagem é do dia que comparecemos ao evento beneficente de Diana.

— O Sr. Crighton pediu que a encontrasse aqui — murmura ele — Já estava ficando preocupado.

— Richard? — pergunto, e logo em seguida me dou conta da pergunta estúpida.

— Não — responde, e em seguida, diz algo que me surpreende — Charles Crighton, o irmão dele.

A informação deixa-me totalmente atônita. Charles havia providenciado o voo até Dubai? O que exatamente ele está planejando com isso?

— Eu não entendo — dou alguns passos para trás em uma atitude de autodefesa — Foi o Richard que me ligou.

Ele me encara meio desconcertado, como se procurasse as palavras certas para me dizer. Eu não estou gostando nada do caminho em que essa história está enveredando. Até onde sei, Charles odeia-me, qual o motivo dele estar metido nisso? A desconfiança e preocupação rondam minha cabeça.

— O Sr. Crighton — diz ele, todo atrapalhado — Quero dizer o Richard — novamente o homem me encara sem saber o fazer — Não pôde cuidar disso pessoalmente.

— Por que? — pergunto, desconfiada.

— Ele está hospitalizado senhorita.

— O que? — Meu grito foi tão alto, que algumas pessoas ao nosso redor param o que estão fazendo para olhar em nossa direção.

Minhas mãos ficam gélidas e minhas pernas enfraquecem, tremem como vara verde. O homem coloca-se ao meu lado com pressa, aparando-me. Sinto dificuldade em respirar e tudo ao meu redor começa a girar. É a sensação mais estranha que já tive na minha vida, imagino que vou desmaiar a qualquer momento, não sou do tipo que desmaia, aliás, jamais havia desmaiado em toda minha vida.

— Senhorita? — O zunido da voz dele me força a ficar consciente — Sente-se aqui, por favor.

Ele me conduz até um dos bancos próximos a nós. Todos os lugares estão ocupados, mas um jovem simpático, ao perceber meu estado e palidez, levanta-se para que eu possa me acomodar e recuperar-me.

— Como ele está? O que aconteceu? Quando aconteceu? Por que não me disseram nada?

Disparo as perguntas de uma vez só, de forma atropelada e quase incoerente. Richard havia se machucado antes ou depois de ligar para mim? Se foi antes, deve estar magoado por não ter aceito encontrar-me com ele como me pediu. Agora, se foi após o telefonema, teria eu causado isso? Por minha culpa ele teria feito algo irresponsável?

— O que aconteceu com ele? — repito, desesperada.

— Eu não sei ao certo senhorita — murmura o homem — Apenas pediram que a encontrasse e que eu deveria colocá-la no avião.

— Mas Richard está bem?

Eu não conseguirei passar as horas seguintes imaginando-o em uma cama de hospital, sem saber se está em perigo ou não.

— Ao que me parece, está bem sim — diz ele — A senhorita já está melhor?

Não! Eu estou em pânico. A possibilidade de que algo aconteça a ele destrói-me completamente. Agora eu vejo a profundidade dos meus sentimentos por ele. É claro, que antes eu já tinha certeza de que eu o amo, mas nesse momento, a intensidade desse sentimento assusta-me muito.

Apoio os cotovelos em meus joelhos, minhas mãos estão agarradas aos meus cabelos, enquanto as lágrimas descem livremente pelo meu rosto. Como conduzirei minha vida daqui para frente? Deus, eu o amo muito! Estou completa e perdidamente apaixonada por Richard. Inferno, eu amo-o loucamente. E não sei o que fazer com todo esse sentimento explodindo dentro de mim.

— Senhorita? — o homem movimenta-se a minha frente, completamente desconcertado — Se não se sente bem, podemos adiar a viagem.

— Não! — levanto-me de supetão — Desculpe, como se chama?

Seco as lágrimas com as costas das mãos. Aceito o lenço que ele me estende e assoou o nariz de forma grosseira, pouco me importando com seu olhar horrorizado. Céus, devo estar péssima. Eu sei que fico horrível quando choro e agora não devo estar diferente. Afinal, qual pessoa fica bonita chorando?

— Daniel, senhorita.

— Preciso vê-lo, Daniel — murmuro — Pode levar-me até o avião?

— Certamente Srta. Fisher, siga-me, por favor.

— Obrigada — respondo, agora um pouco mais calma.

As horas seguintes não foram as das mais tranquilas, mesmo com o comandante e comissário tentando ser gentis e solícitos comigo o tempo todo. Apesar de tensa, consegui desligar-me entre um cochilo e outro, sempre acordando sobressaltada e perdida. O jatinho é de pequeno porte, pelo menos em comparação aos outros que observei no aeroporto, mas seu interior é aconchegante e elegante. Nem mesmo o fato dessa ser a minha primeira experiência em um avião, consegue minimizar minha angústia. O dia está clareando quando aterrissamos. Assim que desço, outro funcionário está esperando-me. Estou um pouco desorientada com o fuso horário, mas a movimentação pelas calçadas e os carros importados que deslizam pelas ruas, deixam-me alerta. Tudo aqui reluz dinheiro e glamour, observo abismada. Sem dúvida alguma, este é um lugar destinado às pessoas com muito dinheiro.

O carro para em frente a um hospital elegante. Charles está esperando-me no lado de fora. Nervosa, atravesso o curto caminho até a entrada de portas duplas de vidro, enquanto desvio de uma ou duas pessoas que interpelam meu caminho.

— Onde ele está? — pergunto, assim que atravessamos porta adentro.

— Espere! — Charles segura meu braço, assim que as portas fecham atrás de mim — Venha aqui um momento.

Aceno com a cabeça, ele me conduz até um local mais afastado e discreto. Há um enorme vaso de planta que nos garante certa privacidade.

— Aconteceu algo grave? — pergunto, angustiada.

— Richard me contou sobre o acordo que vocês fizeram — Ele me encara friamente.

— Contou? — inquiri, com surpresa.

— Sim. Eu já sei que finge ser noiva dele e, por algum motivo absurdo, Richard acredita estar apaixonado por você.

— Está? — pergunto outra vez, de um jeito estúpido e emocionado.

— Quanto ele lhe paga? — pergunta ele — Pergunta errada. Quanto você quer para deixá-lo em paz?

Se eu ainda não estivesse tão alucinada com o fato de Richard ter revelado ao irmão que me ama, partiria a cara de Charles nesse momento, ele é insuportável e alguém deveria dar uma lição a ele. Eu adoraria fazer isso, nem posso explicar o quanto eu adoraria arrancá-lo de toda essa arrogância e autoconfiança, que sustenta o tempo todo. Como ele ousa sugerir que meu amor possa ser vendido de forma tão leviana?

— O que você acha de vinte mil?

Começo a rir descontroladamente. O babaca quer me pagar vinte mil, quando Richard havia me pago mais do que o dobro.

— Eu deveria dizer onde você pode enfiar esse dinheiro, Charles — respiro fundo, minha vontade é gritar para quem quisesse ouvir, que ele é um cretino ridículo — Contudo, isso pouco me importa. Vai me dizer onde Richard está ou terei que procurar sozinha?

— Tudo bem — seus lábios se contorcem em uma linha dura e fina — Pode fazer-se de apaixonada, afinal, para que vinte mil dólares se pode ter muito mais com um matrimônio? De fato, eu fui ingênuo ao cogitar isso.

Casamento? De que merda ele está falando? Eu nem sei a que pé anda minha relação com o irmão dele.

— Mas vigiarei todos os seus passos — grunhe para mim. Ele aperta meu pulso com força — Se magoá-lo de alguma maneira, terá que acertar contas comigo, minha jovem. Caçarei você até o inferno, se for preciso.

— Solte-me! — puxo meu braço, livrando-me de seu agarre dolorido.

Ficamos nos encarando por alguns segundos. Dois oponentes esperando o passo em falso do outro. Eu não me movo um centímetro, encaro-o com igualdade. Charles não vai me intimidar, não mesmo

— Vamos — diz ele, vira-se, e começa a caminhar a minha frente, eu sigo-o até os elevadores, bufando de raiva como uma locomotiva.

Assim que as portas de aço se fecham, ele aperta o botão que nos conduzirá até o quinto andar. Vez ou outra, Charles lança-me um olhar feroz, eu ignoro. As portas voltam a abrir, caminhamos por um corredor relativamente longo. Ao pararmos em frente a uma porta branca, ele me encara firme e faz um gesto com os dedos, dizendo que está de olho em mim. Eu mostro o dedo do meio para ele, em um gesto obsceno, para aumentar ainda mais minha irritação, ele solta uma gargalhada e volta para os elevadores.

Babaca! Respiro fundo algumas vezes, tentando me controlar. Não quero que Richard me veja angustiada, muito menos que se exalte com as atitudes do irmão. Ainda não sei como vou encontrá-lo,

peço a Deus para que ele esteja bem.

Abro a porta lentamente. Sinto uma fisgada em meu peito ao observá-lo na cama, tão indefeso. Meus olhos se enchem de água, mas eu me controlo. Olho para o curativo no lado esquerdo de sua cabeça e meu coração se contrai novamente. O que havia acontecido a ele? Fiquei tão pê da vida com Charles, que nem ao menos verifiquei o que trouxe Richard até aqui.

Acaricio seus cabelos com suavidade enquanto observo seu rosto pálido. Aparentemente ele parece estar bem, mas só ficarei tranquila quando seus lindos olhos azuis estiverem abertos, cheios de vida, devorando-me, como sempre faz quando estamos juntos.

Pego uma cadeira do outro lado do quarto, evito fazer qualquer barulho para não perturbá-lo, coloco-a rente a cama e sento-me. Seguro sua mão entre as minhas, velando seu sono. Aos poucos, o cansaço da viagem espalha-se pelo meu corpo. Apoio minha cabeça no braço dele e fecho os olhos apenas por um breve momento. Preciso apenas descansar os olhos e relaxar a mente, foi uma longa e cansativa viagem.

Dedos gentis tocam meu rosto, deslizando por minha bochecha. Ergo um pouco a cabeça, deparo-me com os olhos vivos, cinzentos e calorosos. Eu sinto a velha e conhecida eletricidade entre nós dois, quase palpável. Atraindo-nos com uma força magnética.

— Estou aqui — murmuro, a voz ligeiramente rouca.

— Por alguns segundos me perguntei se estaria sonhando — sussurra ele — Está aqui.

— E não vou a lugar algum — sorrio para ele — Eu sinto muito.

Refiro-me a nossa última conversa ao telefone, todos os maus entendidos e o fato dele estar ferido — O que aconteceu?

Ouçó o relato, hora chocada, hora extremamente irritada com os protestantes, que para mim, são verdadeiros delinquentes. Como é possível que essas pessoas sejam tão irracionais e inconsequentes. Se não fosse por Richard, o garotinho poderia ter saído gravemente ferido, e no caso dele, as consequências poderiam ter sido piores. O choque hipovolêmico que ele teve, devido à grande perda de sangue durante o percurso até o hospital, poderia tê-lo levado a morte.

— Ei — murmura, segurando meu queixo, obrigando-me a encará-lo. Tentei disfarçar os olhos marejados, mas nada passa despercebido a ele — Eu estou bem, acredite.

— Eu sei que salvou a vida de uma criança indefesa — agarro o rosto dele com as duas mãos — Mas nunca mais faça uma loucura como essa!

Em resposta, recebo um dos seus maravilhosos e sexys sorrisos. Eu sei que minha advertência passará batida. Richard é o tipo de homem que sempre fará o que é correto, não importa quais serão as consequências. Eu não o amaria tanto se fosse diferente.

Richard me beija, retribuo com ardor e voracidade, tomando certo cuidado para não machucá-lo. Passamos o dia assim, grudados, como dois adolescentes apaixonados. Uma enfermeira vez ou outra aparecia com remédios e comida. A tarde vou até o hotel que Charles havia reservado para mim, próximo ao hospital. Tomo um longo banho, ligo para Paul e peço que avise Jenny que está tudo bem comigo e faço-o prometer cuidar dela. Retorno para o hospital em seguida. Durmo por lá mesmo, não quero passar um minuto longe dele.

No dia seguinte, e cedo, o médico entra no quarto para avisar que Richard terá alta. No momento, explica-nos sobre a possibilidade dele vir a ter um pouco de dor de cabeça por alguns dias, e que em uma semana, Richard deve retornar para retirar os pontos na cabeça.

— Evite esforços físicos e exagerados por uns dois dias — aconselha o médico — Após isso, poderá retornar as atividades rotineiras, gradativamente.

— Qualquer tipo de esforço físico? — ele encara o médico com ansiedade — Isso inclui sexo?

— Richard! — Olho abismada para ele, estou completamente envergonhada com a ousadia dele.

— Quê? — ele vira-se para mim, seu olhar é quase inocente, quase — Eu preciso saber sobre isso.

Richard volta a encarar o médico com o cenho franzido.

— Então doutor? Com ou sem sexo?

Putá merda! Um calor descomunal espalhasse pelo meu corpo, estou tão ou mais ansiosa que ele por essa resposta. Eu já havia experimentado essa tortura antes, definitivamente não havia funcionado.

O médico encara-me com olhar divertido. Acho que deve ser a primeira vez que ele se depara com uma pergunta tão inusitada como essa, foi constrangedor até mesmo para uma pessoa atrevida como eu, tenho ganas de torcer o pescoço de Richard.

— Bem — começa o médico com um grande esforço para segurar o riso — Se não for nada como Kama Sutra regado, roque pesado, ou coisa parecida, eu não vejo problema algum, desde que tenham cautela.

Richard volta a olhar para mim, seus olhos vagueiam por todo meu corpo com a promessa de momentos inesquecíveis, minhas pernas bambeiam e o calor dentro de mim intensifica-se.

— Apenas tenham sensatez crianças — murmurou o médico e dá algumas batidinhas no ombro de Richard antes de sair — A tarde poderá sair daqui.

O médico sai e afasto-me da cama. Milagrosamente minhas pernas obedecem a um comando tão simples como caminhar, não posso dizer a mesma coisa sobre o resto do meu corpo e mente.

— Não acredito que você fez aquela pergunta! — murmuro, agitada.

— Paige, vem aqui.

— Não!

Ainda estou muito chateada por ele expor nossa intimidade dessa maneira.

— Vem aqui, Paige! — dessa vez, a voz é mais imperativa.

— Não — repito com a voz trêmula.

— Vem aqui! — diz ele, de seus olhos saem labaredas de fogo e seu olhar é determinado — Agora!

Ele ordena e eu obedeço. Filho da mãe, Richard é o único a causar esse tipo de reação em mim, outro cara teria um hematoma no olho há muito tempo. Com ele, eu gosto e desejo ser dominada. Ele consegue ser gentil e dominador ao mesmo tempo, eu nunca sei qual lado virá primeiro, isso é excitante.

— Dê-me sua mão — diz ele, assim que posiciono-me ao seu lado na cama.

Estico a mão trêmula em direção a ele, imaginando se pretende dar-me algum tipo de punição. Richard desliza o dedo sobre meu pulso, a sensação é gostosa, comprimo as pernas para desfrutar da sensação que começa pulsar ali. Ele leva meus dedos até seus lábios, lambe um por um, de forma erótica, sem jamais desviar os olhos dos meus. Apoio minha outra mão na borda da cama em busca

de equilíbrio, solto um pequeno gemido e fecho os olhos. Em seguida Richard desliza minha mão por seu peito musculoso, desce lentamente até a barriga malhada, passa pelo quadril e finalmente coloca-a em seu pênis pulsante.

— Acha mesmo que eu não precisaria fazer a pergunta ao médico? — murmura, com olhar ardente — Estou nessa agonia desde que chegou aqui.

Cacete! O homem está realmente passando por um momento difícil. Eu havia percebido algumas vezes seu estado excitado, mas não imaginei o quanto. Deslizo minha mão pela extensão do membro rijo e acaricio as bolas inchadas, ele geme em um grunhido.

— Não comece algo que não pretende terminar — diz ele, com a voz rouca.

— Então não me provoque — sussurro.

Incitada pelo momento erótico, volto a torturá-lo com minha mão. Deslizo um dedo pela glândula, sinto as gotículas de sua excitação no prepúcio, aperto a base com um pouco mais de força e ele se contorce. Observo sua respiração ficar mais acelerada e animo-me com meu feito. Dar prazer a ele me faz sentir prazer também, isso é algo que jamais consegui entender, mas vê-lo sucumbindo ao meu toque sempre deixa-me ensandecida.

Uma leve batida na porta me faz saltar, exaltada, a cabeça de Charles surge no entre vão. Afasto-me para o lado, Richard se ajeita em baixo das cobertas, sem a mínima preocupação em ser discreto. Lança um olhar zangado para o irmão e chama-me para perto dele.

— Porra Charles! — urra ele, os olhos faiscando — Você é um empata foda de primeira.

— O que? — diz ele, com olhar confuso — Ah, entendo. Isso é um hospital, sabiam?

— Poderia ser uma igreja — Richard sacode os ombros — Eu não me importo.

Charles nos encara com olhar chocado, na verdade também pouco me importa a opinião dele, já é claro para mim o que pensa sobre nós, então, tanto faz.

— Acho que não deve voltar ao complexo até que as coisas tenham se acalmado — Charles muda de assunto — Adam está vindo até aqui para ver o que poderá ser feito legalmente. Aluguei uma casa em frente ao mar, perto o suficiente da cidade, então poderemos deixá-lo a par de tudo o que está acontecendo.

— Uma casa? — Richard pisca para mim com um sorriso torto nos lábios — Pela primeira vez você faz algo útil Charles.

— Se está fazendo piadas é porque está muito bem — murmura Charles — À tarde um motorista irá levá-los.

Deixo os dois conversando sobre negócios e volto para o hotel para refazer minha mala. A casa que Charles providenciou é pequena, mas linda e aconchegante. Há dois quartos, sendo um deles com uma banheira redonda, e uma linda varanda que dá acesso à praia, que aliás, é maravilhosa.

O motorista que nos levou ajudou-me com as bagagens, sobre os protestos de Richard, resmungando o tempo todo sobre não ser um inválido. No momento, está deitado no quarto, os braços cruzados e um bico do tamanho do mundo, olhando para o mar através da janela aberta.

— Está agindo como uma criança — suspiro, sento-me ao seu lado na cama e encaro-o com um sorriso — Sabe disso não é?

Meu coração dispara ao olhar para ele, como sempre acontece. O nariz aristocrático perfeitamente alinhado, maçãs do rosto altas, lábios carnudos e queixo quadrado, suavizado apenas por um leve desenho de um sorriso. Nunca irei cansar de observar esse rosto lindo e os olhos faiscantes que tiram meu fôlego.

— Criança? — diz ele, puxando-me para seu lado na cama. Movimenta as mãos pelo meu corpo através do vestido.

Ele agarra meus cabelos e me beija. Puxo a barra da camisa para fora da calça e deslizo por sua cabeça. Minhas mãos espalmam-se pelo seu peito musculoso e acaricio seu mamilo, arrancando um gemido gutural dele. Incitada, desabotoo a calça e minhas mãos mergulham para dentro de sua cueca. Masturbo-o sem piedade e ele faz o mesmo comigo, por alguns minutos ficamos assim, provocando-nos e dando prazer um ao outro.

No ápice e quando sentimos não aguentar mais Richard agarra-me e solta um palavrão.

— Isso não é suficiente para mim Paige — Richard geme entre meus lábios — É como colocar um pirulito na boca de uma criança e tirar depois.

— O médico disse repouso.

— Então vem por cima — ele lança um sorriso safado — O trabalho será todo seu.

Puxa-me para seu colo e eu fricciono minha vagina contra o pênis dele, sinto seu membro duro, pronto para o ataque.

— Droga! — ele fecha os olhos, frustrado — Acho que aqui não tem camisinha.

— Se me deixasse falar sempre que tento, saberia que não é necessário.

— Está tomando remédio? Ótimo, não conseguiria me conter de qualquer maneira.

— Na verdade...

— Então vem... — Ele afasta minha calcinha para o lado e desliza para dentro de mim. Sinto a pele arrepiar e esqueço o que ia dizer. Como sempre acontece quando ele me toma, esqueço tudo.

— Espere! — geme ele cravando os dedos em minha cintura — Deixe-me senti-la um momento. Porra! Isso é bom.

Começo a mover-me lentamente como me pediu e aos poucos, com a ajuda dele, meus movimentos passam a ser ritmados e mais velozes.

— Isso! — sussurra ele, suas mãos em meus seios — Como senti sua falta. Nada é mais importante que isso, do que você, nós dois juntos, aqui.

Eu nunca cavalguei, mas sinto-me uma amazona montada sobre ele. Pelos gemidos de prazer que ele emite sinto que estou fazendo tudo certo. Enfim, algo que eu realmente sou boa, dar prazer ao homem que amo, recebendo muito prazer em troca. Um orgasmo explosivo me domina. Ele atinge o clímax em seguida. Derramo-me sobre ele, a cabeça apoiada na curva de seu pescoço, feliz, realizada.

Passamos três dias maravilhosos e românticos nesse pequeno paraíso ensolarado, interrompidos apenas por uma ameaça de tempestade de verão que começa se formar no céu. Eu odeio tempestades, desde criança. Ventos, raios e trovões lançam-me para de baixo das cobertas, hoje não é diferente. Tento fechar a janela, e a imagem das palmeiras se curvando à vontade do vento, deixam-me aterrorizada. O zunido lá fora como uma pessoa chorando, deixam meu emocional em frangalhos. Irritada, solto as abas da janela socando-a. Estou em via às lágrimas de raiva, medo e frustração. Por que quando as coisas parecem bem sempre surge uma tempestade, meteoricamente falando ou não.

— A coisa está feia lá fora — Richard aproxima-se e faz o que não consegui antes, fecha as janelas com total facilidade.

— Feche as cortinas por favor, eu não quero ver — murmuro, angustiada, antes de correr para a cama — Ah!

Olho para o vidro e imediatamente minha pele fica arrepiada ao observar os trovões rasgando o céu e o mar agitado. Odeio tempestades, trazem-me lembranças ruins. Um passado que desejo esquecer.

— Não? — Richard encara-me com um enorme sorriso — Finalmente alguma coisa que a Srta. Fisher tem medo.

Eu não respondo à provocação dele. Outro raio seguido de um estrondoso trovão fazem-me tremer. Encolho-me na cama em pânico. Richard vem rapidamente até mim ao notar como pareço assustada.

— Me abraça! — sussurro, agarrando-me a ele.

— Porra, linda! — diz ele, esfregando meus braços — Está tremendo. O que está acontecendo, Paige?

— Apenas me abrace, Richard — respondo, a voz semelhante a uma garotinha.

Ele me aperta firme contra o seu peito. Eu respiro fundo, agarrada a ele, sinto-me segura em seus braços. O calor de seu corpo mesclado ao seu cheiro, um cheiro gostoso que eu adoro, isso acalma-me pouco a pouco. Ele me embala e começa a cantar baixinho em meu ouvido, sua voz rouca e sexy como a de um vocalista de uma banda de rock. Aos poucos, o som da tempestade fica longe, o medo desaparece, minhas pálpebras ficam pesadas e sou tragada pela escuridão.

— Não papai! Não a machuque — grito para o homem que arrasta minha mamãe pelos cabelos — Solte-a.

Tento pará-lo agarrando suas pernas, mas eu não tenho forças suficientes. Ele me encara feio e lança-me para longe. Em seguida, acerta o rosto de mamãe novamente, dessa vez com tanta força, que cai aos seus pés, inconsciente. Com olhar enfurecido ele vem em minha direção. Eu tenho muito medo, mamãe não pode me defender dele agora.

— Você é tão atrevida como sua mãe — o homem berra, tirando o cinto — Vou ensinar as duas o que acontece quando tentam fugir de mim.

Levanto-me assustada e corro. Mamãe sempre disse para eu correr, correr muito.

— Vem aqui sua peste! — garras afiadas seguram-me pelos pulsos. Isso dói.

— Por favor, papai — Eu não sei como ainda o chamo assim, talvez porque seja uma exigência dele ou porque não conhecia outra forma de me referir a ele. Mamãe sempre dizia bêbado ou desgraçado, eu só aprendi papai — Não me machuque. Vou ser boazinha.

— Cala boca garota! Vou dar-lhe uma lição que jamais irá esquecer.

— Não! Não!

— Paige! — ouço outra voz ao longe, suave, doce — Amor, acorde.

Abro os olhos, estou confusa, com medo. Olho para Richard, o rosto enrugado e coberto de preocupação.

— Tudo bem?

Apenas balanço a cabeça em concordância. Nenhum som e capaz de sair de minha garganta nesse momento. Há muito tempo que não tenho sonhos como esse.

— Um sonho ruim? — ele me puxa para os seus braços. Enrosco-me a ele como uma criança faz com os pais em dias de chuva.

Noto que a tempestade havia diminuído e há apenas o barulho da chuva batendo contra a janela fechada.

— Lembranças — respondo com os olhos cheios de água. Pisco algumas vezes para contê-las, mas é inútil — Lembranças horríveis.

— Se a machucam... — murmura ele, beijando meus cabelos — Eu não preciso ouvir.

— Meu pai — começo a dizer. Eu quero contar a ele. Nunca falei sobre isso com ninguém, nem mesmo com Jenny. Ela sabe que cresci em um orfanato e que há coisas em meu passado que me machucam, mas, eu nunca havia me aprofundado no assunto — Meu pai... ele... ele...

Um soluço dolorido escapada de meu peito, impedindo que eu continue. Richard segura meu rosto com as duas mãos, em uma espécie de concha.

— Tudo bem — diz ele, angustiado — Estou aqui, ele não pode machucá-la.

Em meio a tanto amor e gentileza, meus soluços transformam-se em um choro compulsivo. Como anteriormente, ele me nina e me acalma.

Minutos depois, um pouco mais calma eu começo a narrar meu passado doloroso para ele. Sobre meu pai alcoólatra e violento. As agressões contra mim e minha mãe; as surras, xingamentos e humilhações, as pressões psicológicas e todas as coisas que um homem violento e covarde fazem.

— A maioria das pessoas não lembram-se do que fizeram ou o que aconteceu aos cinco anos — murmuro amargurada — Acho que me lembro de toda a minha infância. Cada tapa, cada palavra.

Richard está rígido e aperta-me mais contra seu peito.

— Íamos fugir aquele dia — sussurro, baixinho — Não sei como ele descobriu e ficou furioso. Bateu tanto em minha mãe, após deixá-la desacordada, desferiu sua fúria em mim.

— Desgraçado! — diz ele, com ódio.

— Depois de me bater, ele voltou a se afogar em suas garrafas — continuo, com a voz fraca — Mamãe acordou e meu viú chorando em um canto. Chovia muito aquela noite, raios e trovões por todos os lados. Aproveitamos que ele estava caído de tanto beber e fugimos.

As lembranças são tão nítidas que pareço revivê-las, sinto as gotas de chuva sobre meu rosto enquanto corremos pelo quintal até o carro, o cheiro de terra molhada e a lama em meus pés descalços.

— Mamãe colocou-me no carro e fugimos imediatamente. Fomos de um lugar a outro do país. Sempre nos escondendo e com medo que ele nos encontrasse como havia jurado. O dinheiro foi acabando...

Minha voz falha, a dor que sempre carreguei na alma, esmaga-me com uma força surpreendente, como estivesse sido mantida dentro de mim e agora surge com uma força destruidora.

— Ela me deixou lá, sozinha — sussurro, em meio a torrente de lágrimas — Disse que era por pouco tempo, que em breve viria me buscar. Isso não aconteceu. Ela foi embora sem olhar para trás.

— Paige — sussurra — Sinto muito.

— Prometa que não vai embora — murmuro, desesperada. Eu sei que meu pedido parece patético, mas se Richard me virar as costas como minha mãe fez, acho que morrerei — Que nunca fará como ela, não importa o que aconteça?

— Eu prometo — ele seca as lágrimas que descem insistente por meu rosto.

— Não importa o que aconteça? — insisto ansiosa.

— Não importa o que aconteça — repete ele.

Seus lábios tocam os meus de forma suave. Apesar de a intensão ser acalmar-me, a paixão entre nós sempre fala mais forte. Dessa vez é diferente, delicado, suave e muito bonito. A forma como ele me toca, beija e distribui carinhos por meu corpo, trazem novas lágrimas aos meus olhos. Sinto-me amada, como se eu fosse uma joia rara e preciosa.

— Amo você — sussurra ele, em meu ouvido, o tempo todo.

Quando nossas mãos se entrelaçam e ele funde-se a mim é mágico. Tomando-me lentamente, mas de forma intensa. Sinto cada partícula de meu corpo explodir.

— Ah! — soluço, baixinho.

A cada investida suave e potente leva-me cada vez mais alto. Inclino a cabeça e entrego-me as sensações dele dentro de mim, tomando e levando todas as angustias para longe, só há lugar para o prazer que Richard proporciona.

Voo tão alto que imagino não ser capaz de voltar à Terra. Essa é a diferença entre foder e fazer amor. Eu amo quando fodemos de forma enlouquecida, mas fazer amor com ele é algo especial também. Hoje eu precisei de amor e foi o que ele me deu.

— Eu não sei cozinhar — murmuro, frustrada, contra o balcão da cozinha.

— Qualquer pessoa pode aprender o básico — Richard repreende-me.

— Mas eu sou uma tragédia — resmungo, emburrada — Jenny é a melhor cozinheira que conheço e ela já desistiu de me ensinar.

Ele beija meu pescoço e desliza a mão para dentro do robe que uso e acaricia meus seios.

— Talvez você não tivesse o incentivo certo — diz ele, beliscando um mamilo — Se tentar, prometo recompensá-la.

Maldito homem! Ele sabe onde é o meu ponto fraco. Bem, se a mulher conquista um homem pela boca, ele me prende pelo sexo entre outras coisas. Homem infernal!

— Está bem — sussurro, sem fôlego.

— Ótimo — Richard afasta-se de mim, deixando-me cambaleando e bufando de raiva, frustração e tesão. Odeio quando ele age assim — Pique as cebolas que eu fico com o bacon.

Maldito, gostoso e cretino, homem!

Antes de começar com a cebola, dou um tapinha em sua bunda, ele me lança um olhar zangado e caio no riso. Dois podem jogar esse jogo Sr. Delaney. Começo a cortar as cebolas com um sorriso diabólico. Penso em inúmeras maneiras de me vingar dele. Meus olhos começam a arder, fungo em meio às lágrimas e tento manter minha concentração na tarefa a minha frente, ou acabaria decepando o dedo. Sinto o olhar dele sobre mim e rezo para estar fazendo o trabalho corretamente, eu não posso ser tão estúpida ao ponto de não conseguir cortar uma maldita cebola.

— Pare! — Richard coloca-se ao meu lado, pegando a faca de minha mão — Dê-me isso.

— O que fiz de errado? — pergunto, frustrada

Richard senta-me em um dos bancos anexo ao balcão. Seu olhar para mim é compenetrado. Com o dorso da mão seca minhas bochechas. Ele parece aborrecido e começo a ficar preocupada.

— Não quero que chore — diz ele — Nunca mais.

A declaração cai sobre minha cabeça como uma avalanche.

— Mas foi só a cebola.

— Não me importa. Se vai chorar é de alegria. É só o que permitirei de agora em diante.

Hum. Isso foi lindo. Eu sei que é impossível, somos humanos, estamos apaixonados e com certeza virá uma briguinha ou outra, ainda mais considerando meu gênio forte, mas as palavras não deixaram de ser tocantes, pelo menos para mim.

— Você é inacreditavelmente fofo.

— Eu não sou fofo — diz ele, contrariado — Homens não são fofos. Somos no máximo sexys.

— Fofo, sexy e o homem mais gostoso que conheço.

— Gostoso? — pergunta ele, sorrindo — Vem aqui.

Richard afasta alguns utensílios da mesa e coloca-me sobre ela, desfaz o nó que prende o robe em meu corpo que cai sobre a mesa, deixando-me nua. Afasta-se um pouco para observar a cena.

— Eu gosto de fodê-la em cima da mesa — diz ele, os olhos brilhando — Gosto muito.

— Isso é meio louco não acha? — mordo os lábios, excitada com a intensidade de suas palavras — Tara por mesas?

— Não é pela mesa que eu tenho tara.

— Não? — pergunto meio grogue. Ele solta a faixa do robe que está usando, tira-o e fica nu a minha frente — É como se você fosse a sobremesa, quero comê-la, sempre. Querida eu adoro comer você! Em cima da mesa, na cama, no chão, em qualquer lugar que esteja.

— Humm... — solto o ar que eu nem sabia estar segurando — Eu gosto de ser comida... Por você. Sempre!

Ele ergue minha cabeça debruça-se para me beijar. Solta um gemido profundo, grave, do fundo da garganta. Quando nossas bocas se tocam, ele agarra minhas pernas, separando-as e aninhando-se entre elas. Enquanto sua língua duela com a minha, uma mão tortura meus seios e outra, puxa-me pela cintura, colando-me a ele. Sua boca abandona a minha e desliza por meu pescoço, lambendo, mordendo, beliscando, provocando-me o tempo todo. Um dedo invade-me, ele está me fodendo com ele. Fecho os olhos e flexiono o quadril contra ele. Outro dedo e outro gemido meu. Ele volta a me beijar. Céus, estou em chamas.

Corro o dedo por seus ombros e costas, sinto a tensão em seus músculos, fico mole, mole. Ele debruça-se sobre meu corpo e com uma única investida entra em mim. Fecho os olhos e gemo alto novamente, ele sai lentamente e volta investir contra mim, de novo e de novo, eu respondo, movendo-me contra ele e em instantes, estamos perdidos, entregues nessa plenitude extraordinária.

Voltamos ao hospital para a retirada dos pontos. Após isso, ele foi completamente liberado pelo médico. As férias haviam acabado.

— Então está tudo resolvido — diz ele, ao telefone enquanto me observa arrumar as malas — Adam, você garantiu que esses vândalos não causarão mais problemas? Está bem, até logo.

Xingo a mala por não conseguir fechá-la. Richard desliga o telefone e vem ao meu auxílio, fechando-a sem dificuldade. Odeio os homens, eles fazem coisas como abrir potes, fechar janelas com tanta naturalidade, nos fazendo parecer tão idiotas.

— Está tudo bem? — pergunto, desmanchando o bico. Afinal, ele não tem culpa de ser sempre tão

eficiente.

— Adam e a polícia conseguiram resolver tudo. Não creio que voltarão a causar problemas — murmura — Mas teremos que abandonar esse paraíso.

— É uma pena — suspiro, pesarosa — Poderia ficar aqui para sempre.

Ele beija minha testa e sorri.

— Voltaremos em alguns meses para a inauguração do complexo, prometo.

A viagem de volta foi bem melhor do que a ida. Com ele ao meu lado aproveitei toda a magia de estar nas alturas. Ao invés de se arrastar, o tempo passou em uma velocidade espantosa, mas é natural, não é assim sempre que estamos felizes?

Nos despedir é algo mais difícil. Quero arrastá-lo para dentro do meu quarto e deixá-lo ali para sempre.

— Tem certeza que não quer entrar? — soa mais como uma súplica do que uma pergunta.

— Eu não seria capaz de sair se eu entrasse — murmura ele — Nós nos veremos à noite.

— Está bem.

Ele abre a porta para que eu entre e deposita a mala perto da porta. Dá-me um longo e apaixonado beijo antes de sair. Jogo-me no sofá e relembro tudo que fizemos em nosso refúgio. Foram dias maravilhosos.

— Paige?

— Oi Jenny — ergo a cabeça e encontro-a no corredor que dá acesso aos quartos.

— Ouvi barulho e vim verificar quem era.

— Como você está?

Observo-a ficar vermelha e um enorme sorriso formar em seu rosto.

— Oh meu Deus! — corro até ele, abismada — Não vai me dizer que você e ele... Vocês?

— Sim — diz ela, escondendo o rosto entre as mãos — Estamos juntos. Sou uma idiota não é? Quer dizer, ele é casado, eles sempre contam a mesma história sobre largar a esposa e como são infelizes em seus casamentos e...

— Sim, você é uma idiota — interrompo-a — E sim, muitos homens fazem promessas vazias, mas acha mesmo que é o caso dele? Eu li algumas notícias sobre a mulher dele, pelo menos, a parte de que ela é uma vaca, é verdadeira. Cabe a você saber, se o que sente por ele é forte para enfrentar tudo isso ou não.

— Eu não sei como explicar o que sinto — diz ela, assustada — Acho que estou apaixonada.

Abraço-a com carinho. Tudo que quero é que Jenny seja tão feliz como estou nesse momento.

— Eu quero apenas sua felicidade querida — murmuro — Não cabe a mim fazer julgamentos.

Arrasto-a para sofá obrigando-a me contar todos os detalhes sobre esse amor louco e proibido que ela vive.

Alguns minutos depois, e na melhor parte da história, a campainha toca. Imagino que seja Richard, arrependido por ter ido embora.

Abro a porta em um supetão e fico estática com a pessoa a minha frente.

— John?

— Oi docinho.

— O que você faz aqui?

— Senti saudades.

Ham? Qual parte desse filme eu não assiste ainda. Esse mesmo homem havia roubado meu dinheiro, deixa-me sem teto e fugido descaradamente com a garota que um dia achei que fosse minha melhor amiga. Então, por que em nome de todos os deuses esse cara de pau sem vergonha acha que vou cair em uma coisa tão ridícula como *senti sua falta*?

— Como me encontrou?

— Eu vi você na TV — murmura ele, colocando os ombros contra a porta — Pedi ajuda a alguns amigos e estou aqui. Você continua linda, Paige. Não, mais linda do que eu me lembro.

— E você continua o mesmo imbecil! — tento fechar a porta, mas ele me impede colocando o pé entre o vão — Saia da minha casa, John.

— Não é assim que se fala com um velho amigo — diz ele, com um sorriso cínico e voz macia — Se é por causa de Mary Anne, saiba que já não temos nada. Ela me seduziu...

Ah, fala sério! Ele só pode estar brincando.

— É mesmo?

— Você sabe que ela dava em cima de mim, descaradamente — murmura ele — Eu sou homem, e era um pouco imaturo. Mas eu descobri quem ela era de verdade, infelizmente, quando procurei por você, já havia partido.

— Vocês roubaram meu dinheiro, venderam minhas coisas e deixaram-me na rua. Achou *mesmo* que eu ficaria esperando-o para sempre?

— Sinto muito, docinho — diz ele, com a voz melosa — A garota enganou-me. Disse que você nos seguiria na semana seguinte. Que acompanharia aquele velho até a cidade dele. Achei estranho quando você não apareceu depois.

Muitas vezes, eu imaginei como seria minha reação ao encontrar com John e Mary Anne novamente. Algumas vezes, eu planejei minuciosamente como iria matá-los, com muita dor e sofrimento. Agora, vendo sua figura patética diante de mim, eu tenho vontade de rir.

Como pude chorar ou sofrer por alguém tão desprezível? Hoje, vejo como fui tola e imatura em ter acreditado e confiado em alguém como ele. Avisos não me faltaram. Harry, e inúmeras pessoas avisaram constantemente o fato dele ser um vagabundo nato. John nunca parou em um emprego por tempo suficiente, sempre viveu às minhas custas. Se na época eu não tivesse tão desesperada para ter alguém, uma família, teria enxergado como eram esses dois pilantras. Hoje eu só posso sentir pena. John e Mary Anne jamais saberão o quanto é maravilhoso amar e se sentir amado. O quanto o amor nos completa e nos faz-nos sentir vivos.

A dor e desilusão que acreditei sentir na época, nem se comparam com a dor que sentiria se Richard sáísse de minha vida. A pequena possibilidade dói-me tanto, a ponto de sentir o ar me faltar.

— Não me interessa suas desculpas, John — empurro a porta com mais força — Volte para Mary Anne ou encontre outra idiota para fazer de vítima.

— Ei! — ele empurra a porta contra mim e entra no apartamento — Vamos conversar com calma?

— Paige? —ouço a voz de Jenny atrás de mim — Quem está aí?

— Não se preocupe — tranquilizo-a — É apenas um verme nojento, mas está indo embora.

— Não é o que dizia quando estávamos juntos — diz ele, com um odioso sorriso no rosto —

Lembro-me até que chorou na sua primeira vez. Sei que ainda não me esqueceu, docinho.

Eu chorei sim, de dor, de frustração e de medo, um terrível medo de que todas às vezes que eu me entregasse a ele, fosse daquele jeito, bruto, sem carinho e frio. Richard e eu já tivemos muito momentos de paixão selvagem e louco. O tipo de dor que ele proporciona a mim é prazeroso, erótico, bom.

— Chorei por que foi horrível — cuspo as palavras na cara dele — E não se engane, todas às vezes que deixei que me tocasse, foi um tormento sem fim, menti todas as vezes, assim como devem fazer todas as suas mulheres que leva para cama!

Em questão de segundos vejo meu rosto virar para o outro lado, como uma cena de exorcismo. Minhas bochechas ardem e sinto o gosto metálico em minha boca. Sangue. O desgraçado me bateu.

— Cretino! — voo para cima dele em um acesso de fúria.

— O que está acontecendo? — a voz apreensiva de Jenny ecoa ao fundo

Paige?

— Ai, solte-me, covarde! — John agarra meus cabelos e a dor é lancinante. Livro-me dele com um dos golpes que Paul havia ensinado. Mas ele é mais alto e mais forte que eu.

— Paige! — grita Jenny, apavorada. Tateia o ar em nossa direção, mas John me empurra para o outro lado.

— Fui paciente com você, Paige — murmura ele, vindo em direção a mim — Mas parece que você não está a fim de colaborar comigo.

— Odeio você! — chuto-lhe a canela, desequilibrando-o.

— Isso não me importa — ele se arrasta até mim — Você se deu muito bem pelo que eu vejo. Um belo golpe no ricaço. Nada mais justo que ajude velhos amigos.

— Vá se foder! — tento acertar sua virilha, errando o alvo, meus pés chutam o ar. E ele avança sobre mim.

— Olha aqui garota! — ruge ele, desferindo outro tapa em meu rosto, já dolorido — Acho bom colaborar comigo, preciso de dinheiro e logo. Acho melhor ser bem boazinha comigo.

— Não vou lhe dar um centavo — gemo, quando ele volta a puxar meus cabelos. Tento me recordar de todos os movimentos de auto defesa que aprendi, mas minha cabeça parece vazia.

— Solte-a, por favor! — Jenny caminha até nós no chão. Ela segura um vaso, mas está mirando na direção errada.

— Cala boca, garota! — murmura ele — O assunto é entre nós dois. O que eu fiz no passado, nem se compara ao que farei agora, Paige. Não estou brincando.

Sinto grande repulsa, tomada de náusea e aversão, quando a mão dele toca meus seios.

— Não me toque! — grito, enojada — Não me toque, seu desgraçado.

Avanço contra ele, lutando da melhor forma que posso, tapas, chutes e mordidas por todos os lados. Jenny vem em meu auxílio, e ele joga-a contra o sofá. Desfiro um golpe próximo em sua virilha, ele geme.

Sinto as lágrimas queimarem em meus olhos, mas não choro, não darei esse gostinho a ele.

— Pare! — Jenny grita, desesperada — Não faça isso, ela está grávida!

De repente há um grande silêncio. John encara Jenny com olhar surpreso, mas logo volta-se para

mim com uma expressão de desdém.

— O que está acontecendo aqui?

Olho para porta e meu corpo congela, meu coração bate forte no peito.

— Richard!

Os olhos vagueiam de Jenny caída no sofá e voltam para mim.

— Quem é você? — perguntou Richard, com a voz baixa e ameaçadora.

— Um amigo — diz ele, cinicamente.

— Amigo que agride mulheres indefesas? — Richard agarra-o pelo colarinho, desferindo um golpe certo no rosto dele.

Os dois se enveredam em uma boa briga. John é troncudo e mais baixo, Richard alto, musculoso. Enquanto John, como todos os covardes tenta usar da força, Richard usa sagacidade e inteligência.

Assisto o desenrolar da cena com Jenny agarrada a mim.

John, tenta acertar Richard no estômago, mas ele se esquivava em um movimento de defesa, acertando John em cheio com outro golpe certo no nariz. O idiota cambaleia para trás, levando as mãos ao nariz, que esguicha sangue.

— Saia daqui — diz Richard, em uma voz tão calma, mas terrivelmente ameaçadora — Se aparecer aqui novamente. Acabo com você!

— Isso não fica assim! — resmunga John, segurando o nariz, tentando estancar o sangue, em uma ridícula tentativa de valentia — Vou processá-lo cara! Vou tirar cada centavo seu.

— Tente! — Richard dá a ele um olhar ameaçador — Darei um fim a você antes que possa piscar o olho.

John lança-me um olhar irado antes de sair. Desejo que ele nunca mais volte aqui ou eu mesma acabaria com ele.

— Ele é seu amante? — vocifera Richard. O olhar glacial em minha direção.

— Não — meus lábios tremem — Eu posso...

— Isso é verdade, está grávida? — pergunta ele, perplexo.

Encaro-o intimidada. Eu não respondo.

— Está grávida ou não? — ele grita, exasperado — Responda, Paige!

Richard se aproxima de onde estou. Sacode meus ombros, como se o gesto fosse capaz de arrancar alguma resposta minha. Não posso. Ela está presa em minha garganta, sufocando-me. Não foi dessa maneira que desejei revelar a ele.

— Tomou o remédio que lhe dei, não foi? — o olhar cravado em mim, inexorável — Fale!

— Não — murmuro, angustiada — Mas não é como pensa. Deixe-me dizer...

— Um cacete que não é — encara-me com raiva, afastando-se mais — Charles tinha razão, como pude ser tão idiota.

Ele me solta, como se tocar em minha pele o queimasse. Seu rosto está pálido.

— Posso explicar — digo, por fim, com a voz abalada, caminhando até ele — Eu tentei contar diversas vezes.

— Não minta! — a expressão em seu rosto é dura — Se quisesse mesmo contar, teria feito isso!

Richard tem razão, eu tive diversas oportunidades. Os dias que passamos na ilha por exemplo, teriam sido perfeitos. Adiei, alegando a mim mesma que primeiro faria o teste guardado na gaveta. Estava tudo planejado. Faria o teste hoje e a noite contaria a ele. O que não previ, é que a vida não dá uma segunda chance.

— Essa criança é dele?

— Não! — minha voz treme, aproximo-me mais, com certa cautela. Eu nunca o vi tão furioso assim — Por favor, me ouça.

— Dinheiro foi tudo o que você quis, Paige? — pergunta ele, com aspereza, segura meu pulso, louco de raiva e desapontamento — Eu teria lhe dado o mundo.

Richard sorri para mim com amargura, depois largou meu pulso, com um gesto de desprezo. Solto um soluço de desalento.

— Querido! — choramingo, seguro seu rosto, suavemente, em ambas as faces — O mundo não me interessa!

Olhamo-nos em silêncio. A fúria em seus olhos é substituída por um olhar de tristeza, noto-os úmidos, tento enxergá-lo através minhas próprias lágrimas. Ele se afasta. Começo a soluçar baixinho, um soluço que vem da alma. Nunca senti uma dor tão profunda assim.

— Richard — sussurro quase inaudível.

Ele não ouve. Está anestesiado em sua própria dor. Passo a passo vejo a felicidade saindo pela porta.

— Richard! — eu junto às forças que ainda me restam e corro até ele — Não faça isso. Você prometeu não ir embora.

— Tudo o que pedi a você foi honestidade — diz ele, estreitando o olhar — Só isso.

— Eu amo você! — as palavras saíram de meus lábios, mas vieram do fundo do meu coração, como se fosse um eco, gritando por todo meu corpo. Nunca fui mais verdadeira em toda a minha vida.

— Tarde demais para dizer isso — murmura, em voz baixa — Já não me interessa mais.

Tento falar, mas de meus lábios trêmulos não sai uma única palavra. Assisto-o partir através do véu de lágrimas escorrendo por meu rosto. Com ele, vai meu coração, ficando apenas um enorme buraco vazio em meu peito.

Uma coisa boa na dor é que, às vezes, ela é tão intensa, que deixa você anestesiada.

— Desculpe-me Paige — sussurra Jenny, pondo-se ao meu lado — Não quis dizer dessa forma.

— Ahh! — gemo alto, tapando os ouvidos. Não quero ouvi-la, às lágrimas queimam em meu rosto — Você estragou tudo!

— Sinto muito...

— Por que não vai embora como ele? — as palavras saltam amargas de minha boca — Como todo mundo faz? Deixe-me sozinha!

Esconder-me no refúgio de meu quarto é tudo o que eu quero no momento. Bato a porta com força e escorrego-me contra ela. Escondo o rosto em minhas mãos. Sinto o ar fugindo de meus pulmões, como se estivesse sendo confinada numa cela estreita, condenada a viver ali, eternamente, cercada de dor, desilusão e sofrimento.

Encolho-me e abraço meu corpo como se isso pudesse diminuir a dor.

— Paige?

Ouçoo o som do outro lado da porta. Fico rígida e fecho-me ainda mais, enlaçando meus joelhos com mais força.

— Vá embora! — grito em uma voz estrangulada — Saia!

— Tudo bem — diz ela, em uma voz suave.

As horas passaram seguidas de silêncio oco e sem ecos. Agora a escuridão é muito grande, já

havia anoitecido, a lua brilha lá fora. Uma luzinha fraca, vinda da janela, ilumina parte da cama até o chão, de forma espectral, fico observando-a de forma letárgica.

Fecho os olhos novamente, sinto meu corpo enfraquecido. A dor ainda pulsa em meu peito, constante, como um tic e tac de relógio. Já não choro, mas sinto os vestígios de lágrimas em meu rosto. Não posso mais suportar isso. Obrigo-me a levantar-me, minhas pernas dormentes vacilam por um momento, encosto-me a porta por um instante.

Não posso deixá-lo ir assim! Simplesmente não posso! Amo-o profundamente. Por anos, eu vi as pessoas partirem. Minha mãe, John, Mary Anne e até mesmo Harry. Nenhum deles deixou tamanho buraco em meu peito.

Eu vi a dor em seus olhos. Casais brigam, digo a mim mesma. Só precisamos sentar e esclarecer as coisas. Não sou uma garota fraca que fica chorando pelos cantos. A vida não vai fazer de mim uma pobre vítima. Ela já havia tentado, muitas vezes e sempre levantei mais forte. Agora não será diferente.

Corro para o banheiro e lavo meu rosto. A garota pálida e triste em frente ao espelho parece muito diferente de mim, ignoro-a. Essa não sou eu. Tinha pelo menos tentar fazer com que ele compreendesse o que me levou a fazer o que fiz. Pego a jaqueta marrom de couro em cima da cama e saio de casa. A fé e a esperança renovadas. Me abrirei para ele, com toda sinceridade que há em meu coração. Sei que entenderá. Ele me ama e esse amor é que me dá forças.

Toco a companhia insistentemente. Ele precisa me ouvir. Precisa entender que não havia planejado aquilo. Não da forma que imagina.

— Olá — cumprimento a senhora alta e uniformizada que abriu a porta — Preciso falar com Richard.

— O Sr. Delaney não está aqui.

— Não? — tento olhar através do apartamento — Por favor, senhora. É muito importante.

— Ele não está — murmura ela — Saiu há duas horas, com a noiva.

— Noiva?

— Aquela moça loira intragável — a mulher faz uma careta — Pensei que haviam terminado e que ele tivesse se livrado dela. Faz tempo que ela não aparece por aqui. Quer deixar algum recado? Eu já estou de saída, vim apenas limpar a casa, mas posso deixar um bilhete.

— Não — respondo, com a voz falha — Não, obrigada.

Ele está com ela! Como pôde? Como pôde fazer isso comigo?

Caminho pelas ruas sem direção. As imagens de nós dois atravessam minha mente. Os beijos, abraços, risos, os momentos de confiança, de amor. Todas as emoções estourando em meu peito, abalando minhas estruturas. Cerro os olhos tentando segurar as lágrimas.

— Ei moça! — alguém agarra-me pelo braço, afastando-me da rua — Cuidado!

— Tá maluca? — o homem dentro do carro me olha zangado — Vê se olha por onde anda.

— Tudo bem? — pergunta o senhor gentil que havia evitado que eu fosse atropelada.

Balanço a cabeça automaticamente e continuo andando. Começo a chorar baixinho. Não me resta nada, além disso.

Não consegui dormir, as imagens dos dois juntos atormentando-me o tempo todo. A raiva e ciúmes me corroendo.

Passava-se do amanhecer quando a dor aguda atravessou meu ventre. Um gemido seco escapa de minha garganta.

— Não! — toco a umidade quente no lençol — Jenny!

Sangue. Meus dedos estão cobertos de sangue. Olho assustada para o lençol e sinto minha alma esvaindo-se de meu corpo.

— Paige? O que houve?

— Jenny! — o nome salta de minha boca como um soluço — Ajude-me, por favor! Estou perdendo meu bebê.

Tudo acontece como se estivesse em câmera lenta. Jenny me ajudando a sair da cama. O taxi até o hospital. As enfermeiras correndo em meu socorro e agora essa espera devastadora.

O médico retorna. A expressão em seu rosto denuncia o pior dos meus temores.

— Eu o perdi?

— Sinto muito em dizer isso Sra. Fisher, mas infelizmente, não há um bebê. Bem.. — seu olhar é pesaroso — Na realidade, isso é difícil de dizer.

Ele puxa uma cadeira e senta-se ao meu lado, segura minhas mãos frias e trêmulas.

— Não existe bebê.

— Eu já entendi isso — murmuro, abalada. — Eu o perdi.

— Não, nunca existiu — diz ele, o tom de sua voz é pesaroso — Não estava grávida.

— Como assim? — sento-me na cama, desnorteada — Estava sim!

— Não estava, não — diz, com a voz firme — O que teve foi uma gravidez psicológica.

— Não! — murmuro, com a voz fraca — Minha menstruação estava atrasada, meus seios sensíveis e...

— São sintomas parecidos com período pré-menstrual. Desculpe-me dizer isso. Os exames mostraram que não havia um bebê.

— Quer dizer, que esse tempo todo, agi como uma louca?

Afundo-me na cama, uma dor descomunal envolve meu peito. Tudo havia sido destruído por nada. Não havia bebê, nunca houve.

— Isso acontece, não se desespere — ele dá uma batidinha em meus joelhos — Por sorte, descobrimos a tempo, algumas mulheres desenvolvem a gestação psicológica até o último momento. Seria traumático para você. Converse com seu companheiro e procurem ajuda médica. Sempre funciona em casos como esse.

— Está bem — sussurro.

— Doutor? — chamo-o antes dele sair. Um pensamento tenebroso, rolando em minha mente.

— Sim.

— Acha que um dia... — o pavor brilhando em meus olhos — Acha que poderia ter filhos um dia?

A pergunta parece tê-lo pegado de surpresa.

Aguardo a resposta, com as unhas fincadas na palma das mãos, ao ponto de ferir minha pele.

— É muito jovem ainda, e não há nada errado com você, além dessa ansiedade — ele me encara sério — Apenas relaxe e no momento oportuno isso irá acontecer.

— Está bem — digo, aliviada. Não consigo evitar que um soluço escape de meus lábios. As lágrimas escorrem pelo meu rosto, em um choro silencioso.

Quase uma hora depois, após uma longa conversa e uma receita médica com um contraceptivo, ele me deixa sozinha no quarto, perdida em meus pensamentos.

— Paige? — Jenny aparece à porta, com a bengala nas mãos e, uma expressão cautelosa no rosto.

— Estou aqui — estico a mão para que ela possa se guiar até mim.

— Ah, Paige — Jenny me abraça forte — Não fique triste. Talvez tenha sido melhor assim.

Melhor para quem? Perdi o homem que amo, porque acreditei nessa gravidez psicológica. Agora não tenho nem mesmo isso. Nada poderá preencher esse vazio em meu peito.

— Eu o queria tanto — soluço em seus braços, aninhada contra mim mesma, tento lutar contra o horrível sentimento de desespero, meu corpo estremece, enquanto uma dor lancinante rasga meu peito. A dor de perder alguém que se ama é inimaginável, mas perder alguém que nunca se teve é devastador — Eu queria muito, os dois. Acha que estou ficando louca?

— Não — ela suspira — Apenas deseja ardentemente uma família. Você já tem uma Paige. Eu estou aqui.

Queria que Richard estivesse ao meu lado também, acalentando-me, dizendo-me que ficará tudo bem. Eu não tenho mais o Richard e não tenho mais o bebê. *Isso dói.*

Quando saímos do quarto, duas enfermeiras me lançam um olhar piedoso e isso só me faz sentir ainda mais miserável. Recolho a bolsa que havia deixado às pressas na recepção e alcançamos as ruas já em um grande movimento.

Caminho porque meu cérebro envia os comandos para minhas pernas, respiro porque os pulmões trabalham por vontade própria, mas minha alma e pensamentos estão muito longe do meu corpo.

Chegamos ao ponto de ônibus e nem sei como fui parar ali. Provavelmente Jenny me conduziu até aqui. É irônico que ela seja cega, e eu que não enxergue nada a minha frente.

Sigo para o último banco do ônibus. Uma jovem com uma enorme bolsa senta-se ao meu lado exibindo um enorme e bonito ventre do que eu acho ser de sete ou oito meses. Ela sorri para mim e eu não correspondo, a sensação que tenho é de levar uma bofetada, e a dor cava cada vez mais fundo em meu peito.

Por que quando perdemos algo que amamos muito, tudo em volta de nós faz-nos lembrar o quanto isso foi importante? Nunca teria notado casais apaixonados pelas ruas, mulheres grávidas ou mães com seus bebês. Hoje, todos eles desfilam a minha frente, como se a vida quisesse esfregar o que perdi em meu rosto, de uma forma mórbida e cruel.

Nunca invejei Jenny, como nesse momento. Agora entendo porque ela é sempre tão forte e independente. O mundo ao redor não pode machucá-la. Ela tem seu próprio mundo em meio às sombras, onde ninguém entra, ninguém toca.

— Por que não se deita um pouco? — Jenny sugere, assim que entramos no apartamento — Vou preparar um chá para você. Está com fome?

— Não, obrigada — murmuro — Apenas o chá, por favor.

Vou para o quarto, abro as janelas com a esperança de que luz e vida possam entrar através delas. Eu me reviro na cama, os raios de sol vindos da janela, não aquecem meu corpo. Não há onde eu possa olhar sem que minha vista fique turva e meu coração fique pesado. Como se um trem descarrilhado oprimisse meu peito. E meu coração grita com todas as forças por uma segunda chance, a qual eu não posso dar.

— Trouxe o seu chá — Jenny informa, alguns minutos depois.

Tentei responder, mas minha voz falha. Ainda há essa bola presa em minha garganta.

— Se precisar de algo eu estarei na sala — diz ela, coloca a bandeja na cômoda e sai em seguida.

Uma hora depois, o telefone esquecido dentro da bolsa toca. O número na tela faz meus dedos tremerem. Jogo o telefone longe como se queimasse em minhas mãos. E quando as lembranças de tudo que vivemos nos últimos dias insistem vir à tona, afasto-as com determinação. O som continua insistente. O que ele quer comigo? Já não havia me magoado o suficiente?

— Oh, Richard — sussurro, num fio de voz — Por que traiu nosso amor assim?

Ele disse-me que teria me dado o mundo, e eu entreguei-lhe meu coração, todo o meu mundo. E Richard dispensou-me friamente, sem a mínima possibilidade de explicação, por um orgulho estúpido e incompreensível. Não contente com isso, fora consolar-se nos braços de outra, não qualquer mulher, mas a que mais desprezo.

Tento afastar esses pensamentos deprimentes. Eu não posso continuar aqui remoendo-me para sempre. Não sou uma pessoa fraca. Dói? Dói muito, mas vou recolher todos os cacos em volta de mim e continuarei lutando. Apesar de estar física e mentalmente cansada, sinto-me imbuída de uma nova e feroz determinação. Preciso de um tempo longe de tudo isso, longe das lembranças e de todas as coisas que me ferem.

Com isso em mente levanto-me às pressas. A mala que trouxe de viagem está intacta perto da porta, joga-a em cima da cama e vasculho o guarda roupa. Estamos no verão e o clima para onde vou é tão quente como na praia onde estávamos.

— Estou de partida — declaro a Jenny, assim que entro na sala — Sairei da cidade por um tempo Jenny.

— Como assim? — diz ela, apreensiva — Está indo embora?

— Ainda não sei — murmuro — Eu preciso de um tempo longe. Irei para Carolina do Norte visitar o Harry.

— Você vai voltar não é? — diz ela, com a voz trêmula — Ainda está brava comigo?

— Eu não poderia mesmo que quisesse — caminho até ela e abraço-a apertado — Não foi culpa sua, mas eu preciso de um tempo.

— Está bem — Jenny sussurra — Mande-me notícias. Sabe que é mais do que uma amiga para mim, não é?

— Sei sim — respondo, emocionada — Vamos fazer o seguinte, deixarei o telefone com você.

Ligarei todos os dias.

— E se o Richard ligar? — ela pergunta enrugando a testa.

— Não tenho mais nada para falar com ele — respondo, duramente — É só não atender.

— Como saberei se é você ou ele? — diz ela, envergonhada.

Droga! Sempre me esqueço que Jenny é cega.

— Não atenda nenhuma ligação nos próximos dois dias — digo, enfaticamente. — Não creio que o que ele tem para me dizer seja importante.

— Talvez ele queira falar sobre o bebê — ela insiste — Não acha que ele merece saber.

— Como ele me disse, tarde demais para isso — lágrimas queimam em meus olhos, mas recuso-me a deixá-las cair — Nem ao menos acreditou que fosse dele.

— Mas Paige...

— Resolverei isso depois, Jenny — digo, nervosa — E de maneira nenhuma, diga sobre isso. Só você e Paul devem saber para onde estou indo.

Como se Richard fosse me procurar, rio internamente dessa ideia estapafúrdia. O motivo de estar entrando em contato, deve ser para pôr um fim em nossa história de uma vez por todas. Ainda não estou preparada para isso, quando voltar a encará-lo, preciso estar inteira e forte.

Depois que despeço-me de Jenny, sinto o peito um pouco menos oprimido. Não que a dor tenha desaparecido, ela ainda pulsa em meu peito, mas é como se de alguma forma eu tivesse a empurrado em algum lugar secreto de meu coração. E é lá que ela deve ficar, pelo menos, por enquanto.

Recomeçar. O adjetivo acompanha-me quanto eu pego o ônibus que me levará até meu destino, farei algumas trocas pelo caminho, mas isso me dará o tempo que preciso para refletir sobre a minha vida e o futuro na minha frente. Não poderei continuar no apartamento, isso é um fato, mas também não desejo voltar para a precária lata de sardinha a qual vivia antes.

Viajar é sempre bom, mesmo para quem está de coração partido. A paisagem e pessoas que fui deixando para trás, de certa forma renovaram minhas esperanças. E há em mim uma imensa e inexplicável vontade de ser feliz, seguir em frente. Algumas coisas acontecem para nos fortalecer e nos fazer enxergar tudo com uma perspectiva diferente. Por exemplo, o que realmente tenho feito da minha vida? Pessoas entram e saem dela, levando alguma parte de mim.

Sempre acreditei que estaria completa apenas quando tivesse uma família ao meu lado. No entanto, como posso ser feliz com isso se eu não estiver completa, inteira? O que tenho feito por mim mesma além de aceitar migalhas da vida e das pessoas ao meu redor? É hora de mudar radicalmente, e esses dias de férias é a contrapartida para minha nova vida.

Passei por Nova Jersey, fiz uma parada em um hotelzinho em Maryland, o estado da Virginia e finalmente após muitas horas de viagem, chego a Carolina do Norte. O motorista atencioso deixa-me perto de um hotel pequeno, mas ao mesmo tempo charmoso. Não se compara ao que eu havia ficado em Dubai, porém é aconchegante e barato. Não estou em uma situação que eu possa desperdiçar dinheiro, não até eu dar um rumo a minha vida.

Um recepcionista ajuda com as malas e um senhor simpático me atende assim que entro no prédio de três andares.

— Eu gostaria de um quarto, por favor — digo a ele, tentando exibir o meu melhor sorriso.

— Por quantos dias, senhorita? — pergunta o senhor chamado Willian, ele possui uma voz suave e agradável.

— Eu poderia deixar em aberto?

— Claro senhorita — ele sorri, gentil — Preencha esse formulário e preciso que pague uma pequena taxa.

— Tudo bem — Sorrio de volta.

Após preencher o formulário com meus dados pessoais e bancários, sou conduzida até meu quarto. Como já é tarde e estou cansada, opto por banho de chuveiro mesmo, lavo os cabelos com shampoo que eu trouxe na mala e deixo a água escorrer pela minha pele por alguns minutos. Sinto-me como se estivesse lavando minha alma.

Em seguida, jogo-me na cama, apenas de robe e com uma toalha enrolada em meus cabelos úmidos, e caio em um sono profundo em seguida.

Acordo milagrosamente no dia seguinte. Gemo ao notar meus cabelos emaranhados quando retiro a toalha. Um ninho de rato, é exatamente como ele se parece. Penteio da melhor forma possível. Após escovar os dentes, afasto as cortinas das janelas e dou boas-vindas a manhã e o sol radiante que banha meu rosto. Um calor gostoso acarinha minha pele e sinto-me viva.

— Certo Paige Fisher, você consegue — digo a garota solitária em frente ao espelho. Prendo os cabelos em um rabo de cavalo, que é o melhor que consigo no momento, visto um vestido florido, sandálias de dedo e desço para o café da manhã. De acordo com o gerente, é servido até às nove horas, então eu tenho um pouco mais de meia hora para fazer o desjejum. Não imaginei que pudesse dormir tanto, mas praticamente hibernei a noite inteira.

Pego a bolsa de mão e desço para o lobby do hotel, ele está praticamente vazio. Eu aprecio isso, gosto de ter certa privacidade. Sirvo-me de torradas, suco de laranja, queijo e salada de frutas, embora não esteja com muita fome, forço-me a comer um pouco.

Após o café, dirijo-me a recepção para usar o telefone, preciso avisar o Harry que já estou na cidade.

— Eu poderia usar o telefone? — pergunto ao mesmo senhor do dia anterior.

— Fique à vontade.

Pego número dentro da bolsa e aguardo que me atendam, ansiosamente, meus pés batendo no chão ao compasso de cada bip. No quinto toque e quando estava prestes a desistir, uma voz esganiçada ecoa do outro lado da linha.

— Alô!

— Eu poderia falar com Harry — tento me fazer ouvir sob o enorme barulho do outro lado.

— Jonathan desça daí, agora! — diz a filha de Harry, aos berros — Ele não está. Quem gostaria?

— Paige — respondo, um tom mais alto — Paige Fischer.

— Ah, Paige — murmura — Papai saiu para sua caminhada, quer deixar recado?

— Diga a ele que estou na cidade — informo, um pouco desapontada por não poder falar com ele — Gostaria de vê-lo.

— Está aqui? — diz ela, eufórica — Por que não almoça conosco? Meu pai adora você.

Fico muito feliz com a declaração. Para o rabugento e intratável Harry, admitir adorar alguém é algo muito difícil.

— Lucy! — a jovem volta a gritar ao longe — Não coloca isso na boca.

Eu tento imaginar o que possa estar acontecendo por ali. Ouço choro de criança e algo mais que

não consigo identificar.

—Acho melhor não — respondo, sem jeito — Parece que você tem muito trabalho por aí.

— Imagina — diz ela, com humor — Está tudo sobre controle. Anote o endereço.

Faço um sinal para que o atendente me forneça papel e caneta. Após desligar peço informações ao jovem de como chegar até o endereço. A casa de Harry não fica muito longe do hotel, por volta de quarentena minutos mais ou menos. Resolvo dar uma volta pela cidade para passar o tempo, e duas horas depois, paro em frente a uma casa branca de classe média.

Um garoto com cerca de nove anos, vem atender a porta. Usa um saco de lixo atrás das costas e carrega em suas mãos utensílios de cozinha.

— Qual é a senha? — ele diz, com os olhos enrugados.

— O que? — pergunto indecisa de como devo agir. As únicas vezes que estive perto de crianças, foi quando eu mesma fui uma, a muito tempo no orfanato. Devo embarcar em sua fantasia infantil ou manter-me indiferente.

— Jonathan! — uma jovem a qual só falei por telefone, aparece trás do menino. Ela é loira e baixinha, segura entre os quadris uma réplica dela, aparentemente a criança tem uns três anos de idade — Deixe a moça em paz e vá arrumar seus brinquedos.

— Mas mamãe!

— Sem mais ou menos! — ela arranca o saco das costas do menino e me encara com semblante envergonhado — Desculpe-me, sabe como são as crianças.

Apenas aceno com a cabeça. Eu não sei como são as crianças e não saberei isso tão cedo. Uma pontada dolorida pulsa em meu peito, mas afasto qualquer pensamento depressivo.

— Entre, por favor! — Camille afasta-se, e dá espaço para que eu entre.

Aguardo ao lado da porta, e espero que ela me conduza para dentro da casa. Há brinquedos das crianças por todos os lados. Não é uma casa mal arrumada, mas é notável que há crianças ali.

— Meu pai foi buscar meu filho mais velho na casa de um amigo e já estará de volta — Camille me diz antes de colocar a criança no chão e arranjar espaço para mim no sofá — Fico feliz em finalmente poder conhecer você. Ele fala muito de você, Paige. Sinto, como se a conhecesse há anos.

Sento-me apressadamente e tento esconder o rosto vermelho e os olhos marejados. Há uma conexão de pai e filha entre Harry e eu que não consigo explicar, e também, não desejo que Camille sinta ciúmes de mim.

Lembro-me do dia que sentamos na calçada da lanchonete, tarde da noite, com nossas cervejas nas mãos, fazendo confidências da vida, após meses brigando na lanchonete. O relacionamento dele com a filha, nunca mais foi o mesmo, após divorciar-se da mãe dela, quando ela tinha doze anos. Pelo que vejo, progrediu bastante desde que ele havia ido morar com ela.

— Harry é muito exagerado às vezes — brinco com uma boneca esquecida no sofá — Aposto que não disse que agíamos como gato e rato.

— Disse sim — ela ri — Essa foi a melhor parte.

Conversamos animadamente sobre minhas melhores brigas com Harry, como no dia que despejei o vasilhame de açúcar na cabeça dele. Eu tenho a péssima mania de arremessar as coisas, quando fico irritada.

Camille, é uma mulher doce e simpática, não há competitividade entre nós duas. Ela sempre seria filha dele e eu... Bem, eu uma grande amiga, talvez uma filha adotiva como dizia quando queria provocá-lo.

— Olha quem está aqui? — Harry chega acompanhado de um garoto alto e magrelo, mas com cara de bebê. Creio que deva ter uns catorze anos — Paige a encenqueira.

Harry, parece bem mais magro do que eu me lembrava, a barriga havia quase desaparecido. Internamente desejo que essa mudança seja efeito das tais caminhadas que está fazendo. Isso é outra grande novidade para mim.

É impossível você segurar algumas emoções e, foi inevitável não correr para os braços dele, assim como impedir que as lágrimas escorressem por meu rosto.

— Ei garotinha? — ele me embala meio sem jeito — Cadê a garota encenqueira que eu conheço? Ela já teria me enfiado essa boneca goela a baixo.

Só então, eu percebo a boneca presa em meus dedos. Dou risada ao perceber o quanto ele me conhece bem e também, o quanto eu havia mudado. A velha Paige faria exatamente isso.

— Eu vou terminar o almoço — Camille nos interrompe — Acho que vocês têm muito o que conversar.

Tento afastar-me de Harry para que ela não se sinta mal, mas ele me aperta forte contra o peito. Encaro a filha dele e ela me parece tranquila, solto o ar aliviada. Não vim atrás dele para causar constrangimento ou desentendimento familiar.

— Bernard, leve seus irmãos para brincar lá fora — diz ela, ao garoto mais velho antes de seguir para cozinha.

Fico admirada que uma mulher mignon como ela, tenha tanta autoridade apenas na voz. As crianças obedecem sem titubear.

— Então? — Harry me conduz de volta ao sofá — O que aconteceu para ter vindo de tão longe visitar esse velho feio e careca, após dois longos anos.

Desde que me mudei para Nova Iorque ele insistiu para que eu fosse visitá-lo. A correria do dia a dia e falta de dinheiro sempre me impediram.

— Saudade de um velho feio e careca? — brinco com ele — Senti sua falta.

— Incrivelmente também senti sua falta, Paige — diz ele, desconfortável — Ninguém nunca mais atirou coisas na minha cabeça.

— Que destino ruim.

Ele me encara com insistência, tentando desvendar algo em meu olhar ou algo revelador em meu rosto. Ele sempre me disse, que eu era como um livro aberto. Acho que não é verdade, ou Richard veria todo amor que sinto por ele.

— Está apaixonada — diz ele, sem rodeios.

— É obvio assim?

— É interessante — murmura ele — Sempre me perguntei quando isso finalmente iria acontecer.

Na verdade, ele sempre me perguntou quando isso iria acontecer. Mesmo quando estive em um relacionamento ilusório com John, ele me perguntava isso. Para ele, o calhorda jamais me faria feliz e agora vejo o quanto ele estava certo.

— Gostaria que nunca tivesse acontecido — murmuro, queixosa — É uma merda!

— Hum — diz ele, com voz enrouquecida — O que esse cara fez? Já não gosto dele.

— O que ele fez? O que eu fiz? O que os outros nos fizeram? — murmuro mais para mim do que para ele — São tantas perguntas.

— Vamos pelo início — ele ri.

Conto a ele o primeiro dia que o vi no clube, a forma que dancei para ele, o jeito como me senti

atraída no primeiro olhar. Sobre a proposta absurda para que fingisse ser sua noiva, mas que nos aproximou a cada dia. É inevitável não voltar a me emocionar com tantas lembranças em minha cabeça e coração. Como nosso primeiro dia no parque e na praia. Um dos momentos mais românticos e especiais em nossas vidas.

Conheço a alma dele e ele habita na minha, isso é o que mais machuca. Por outro lado, não conseguirei esquecer o que ele fez conosco. Cada vez que imagino-o com a outra, eu morro um pouquinho. Que ele a beijou, abraçou e fez coisas que mal consigo imaginar. O ciúme e a raiva corroem-me completamente.

— Como dizem por aí, os fins não justificam os meios — murmura ele — Eu entendo que o rapaz tenha ficado baqueado. Traição não é uma coisa que nós homens, aceitamos muito bem, por outro lado, acho que deveria ter deixado você se explicar.

— Também, saber que será pai de uma forma tão abruta, é difícil — continua ele — É muita coisa para assimilar. Mas, sair com a ex-noiva, depois de tudo que fez é no mínimo estúpido. Não pense que estou defendendo-o, mas os homens fazem coisas realmente idiotas quando estão com medo.

— Medo? — pergunto incrédula.

— Medo sim — ele ergue as sobrancelhas — Do amor, de sair machucado.

— Eu não creio que seja assim. Acho que por algum momento, ele tenha acreditado sentir algo por mim, e descobriu que não era verdadeiro. Richard me magoou muitíssimo — minha voz falha — Acho que jamais poderei esquecer. Jamais poderei amar alguém como eu o amo.

Essa certeza em meu coração, arranca de meu peito qualquer esperança de voltar a me entregar a alguém novamente.

— Não deixe que ninguém maltrate seu coração, querida — ele segura minhas mãos com carinho — Não se permita sofrer mais nessa vida por ninguém. A única pessoa responsável por sua felicidade é você mesma. Ninguém deve passar pela vida sem conhecer o verdadeiro amor.

Dou um sorriso triste e tento absorver tudo o que ele me diz. São palavras bonitas, mas colocar em prática, isso é muito difícil. Como dizer a um coração ferido que ainda há esperanças?

— Não sei se eu consigo.

— Consegue sim — diz ele, com suavidade — A resposta que você procura está dentro de você, em seu coração. Só ele será capaz de falar se valerá a pena ou não. Quando se ama verdadeiramente todas as outras coisas ficam pequenas até mesmo, os erros.

Ouvi todos os conselhos que ele me deu de coração aberto. Conseguiria olhar para o futuro de uma forma diferente? Seria capaz de ignorar todos esses sentimentos contraditórios em meu peito e perdoar Richard caso ele volte a me procurar? Qual será a reação dele ao saber que não há bebê? Irá me julgar novamente?

O dia passa rapidamente, me diverti muito ao lado de Harry e Camille. As crianças são bem agitadas, mas também muito bem educadas. Fiquei apaixonada por sua filha mais nova, que não me deixou partir sem antes tomar um chá com suas bonecas. Eu descobri que gosto de crianças e, inacreditavelmente, elas gostam de mim. Talvez um dia eu venha ter filhos, e sinto que serei uma boa mãe.

Minha visita não foi muito longa, após dois dias, resolvo voltar para casa. Tenho a necessidade

inexplicável de seguir adiante. Há muitas possibilidades a minha frente, e irei enfrentá-las com bravura. Muitas ideias povoam minha mente. Pela primeira vez, eu volto a sorrir de verdade.

Nova Iorque, é a cidade que eu amo e não troco por nenhum outro lugar no mundo. Há tanta vivacidade, diversidade e alegria impregnado nela. Nem mesmo com as cansativas horas de viagem, não consigo me manter imune a ela. Desejo rever Jenny, e pedir desculpas por meu comportamento tão arisco. Colocar em prática todos os planos que fiz nos últimos dois dias, e secretamente, bem lá no fundo do coração, desejo poder rever Richard.

Isso é estúpido e masoquista, eu sei, mas é o que sinto. Eu posso mentir para todas as pessoas, mas não para mim. Ainda amo-o, não o deixei de amar um único segundo e acho que amarei por toda a vida. E isso, é uma grande merda!

Abro a porta do apartamento e paro estática. Não sei se estou mais indignada ou horrorizada com o que vejo.

— Jenny? — encaro-a, completamente chocada — O que aconteceu? Quem fez isso?

Como alguém pôde ter coragem de agredir alguém tão indefesa, como Jenny? As marcas e arranhões em sua pele, traz à tona a velha Paige que há em mim, e que havia ficado adormecida por algum tempo, mas que volta com força total. Imediatamente, sou invadida por uma enxurrada de lembrança: as agressões de meu pai contra minha mãe e eu, quando eu era apenas uma criança indefesa, os gritos e as brigas que só pareciam aumentar a cada dia. Apesar de ter acontecido há tanto tempo, ainda tenho pesadelos horríveis com isso tudo, marcou-me de uma forma que eu desejo muito esquecer. E nada me irrita mais do que pessoas covardes. Quem quer que tenha feito isso, saberá o que acontece quando mexem com meus amigos. Isso eu garanto!

— Jenny? — sussurro para ela, sinto todo o meu corpo tremer de raiva — Brian esteve aqui? Foi ele que bateu em você?

Não faço ideia de como Brian possa tê-la encontrado, mas se John, que eu não tive contato por mais de dois anos, havia surgido dos mortos para atazanar minha vida, não me espantaria que Brian tivesse a mesma ideia estúpida, ambos são inescrupulosos, covardes e vigaristas. Todavia, não deixarei que Brian escape ileso como John, apesar da boa surra que Richard deu nele, o desgraçado merecia coisa muito pior.

— Não — Jenny responde, num fio de voz. Vejo-a apertar os dedos como sempre faz quando está nervosa ou com medo.

Seguro o queixo dela com delicadeza e viro seu rosto de um lado examinando os arranhões no rosto perfeito. Não eram profundos como os dos braços e pescoço, aparentemente não deixará cicatrizes, mas não deixa de ser revoltante. Nos braços, as marcas arroxeadas de dedos, e eu nem consigo imaginar o resto. A pessoa que fez isso estava com muita raiva.

— Quem foi Jenny? — pergunto de mansinho para não assustá-la ainda mais.

— Não importa — ela se afasta de meu toque e encolhe-se ainda mais contra o sofá.

— Claro que importa — murmuro, angustiada. Sinto-me culpada, se não tivesse partido de forma tão intempestiva, nada disso teria acontecido. Deveria ter encarado meus problemas de frente, como Harry havia aconselhado. Só que ao invés disso, havia fugido como um cãozinho assustado deixando-a a mercê de um desalmado — Conte-me o que aconteceu, por favor.

Ela morde os lábios, vejo que estão trêmulos. Está meditando entre me contar ou não.

— Foi o Neil?

— Não! — responde ela, com a expressão indignada — Que absurdo! Ele nunca me machucaria.

Solto o ar aliviada. Seria muito decepcionante para mim se fosse ele o causador desses machucados. Tudo que sei do relacionamento deles, é que Neil é louco por ela. Até mesmo pagará uma possível cirurgia para que ela volte a enxergar e custa-me acreditar que ele pudesse ser capaz de algo tão vil como agredir uma mulher, ainda mais, cega. E minha experiência com o sexo oposto me dá o direito a ter dúvidas. Meu pai dizia amar minha mãe, mas constantemente deixava-a coberta de hematomas. John um dia jurou me amar e não hesitou em levantar a mão para mim.

— Então me diz quem foi? — insisto. Ao ver que permanece calada sento-me ao seu lado — Se não me contar perguntarei ao Neil, você decide.

Eu apostaria meus rins no mercado negro de que ele não faz a mínima ideia do que aconteceu a ela. Pela aparência das escoriações, elas são recentes, e me pergunto como ela vem escondendo isso dele, já que parecem inseparáveis.

— Por favor, não! — Jenny tateia meu corpo até encontrar minhas mãos — Não faça isso Paige, por favor.

— Ele não sabe sobre isso não é? — pressiono-a um pouco mais — Não contou a ele.

— Vou deixá-lo — Jenny responde algo que surpreende-me — Não daria certo, de qualquer forma.

O que? Que merda havia acontecido durante esses dias em que estive fora? Falei com elas poucas vezes, pois sempre que conversávamos ela arranjava um jeito de introduzir Richard no assunto. A primeira vez foi algo sobre ele ter ido até o apartamento que eu nem sequer descobri o motivo, pois fiquei tão abalada que inventei um motivo para finalizar a ligação. Nas outras ocasiões, não dei oportunidade que ela citasse-o novamente, apenas perguntava como ela estava e garantia estar tudo bem comigo. Agora, essa nova informação que colocaria um ponto final em sua relação com Neil Durant é completamente surpreendente para mim. Imaginei que quando voltasse para casa eles teriam agendado a data do casamento, embora seja impossível, já que ele ainda é legalmente um homem casado e pelo que parece a esposa está fazendo jogo duro.

— Foi ela que fez isso? — uma ideia brilha dentro de minha cabeça — Sophia fez isso com você?

— Não — Jenny sussurra, virando para o outro lado.

Uma merda que não. Eu não gosto de Sophia, embora nunca tenhamos nos vistos pessoalmente, mas uma mãe que despreza a própria filha por ser deficiente física, e que vive sendo alvo de capa de revistas por frequentar festas no mínimo duvidosas, é capaz de qualquer coisa.

Levanto-me e vou direto para o quarto dela, pego um casaco comprido no guarda roupa dela e volto para a sala.

— Vamos — ajudo-a levantar-se e vestir o casaco. Ela olha através de meus ombros e parece estar confusa com meu gesto.

— Para onde vamos?

— Eu vou resolver essa merda toda — arrasto-a para fora do prédio.

— Não, Paige! — murmura ela, tentando libertar o braço que eu seguro firmemente — Não se meta nisso! Não sabe com quem está lidando.

— Pode até ser Jenny — viro-me de frente a ela com olhar determinado — Mas essa bruxa vai descobrir quem eu sou. Enquanto isso, não posso deixá-la aqui sozinha de novo. Eu não cometo o mesmo erro duas vezes.

Apesar de seus protestos insistentes consigo levá-la até nosso antigo prédio no Bronx. Receosamente, ela conta-me o que aconteceu na noite anterior e quem havia a agredido. Como eu

suspeitei, Sophia havia feito da vida dela um inferno.

Só há uma pessoa que eu confiaria para protegê-la exceto Neil e eu.

— Pode tomar conta dela Paul? — pergunto ao jovem furioso a minha frente. Assim como eu, está indignado com o que vê.

Paul é professor de defesa pessoal, ele nos ensinou alguns truques quando trabalhávamos no clube, então eu tenho certeza que Jenny tentou se defender de alguma forma, mas, merda, a garota é cega, é injusto de qualquer forma.

— Não quer que eu vá com você? — diz ele, prendendo-a contra o peito.

— Não, fique aqui e cuide dela está bem?

— Vocês são dois idiotas! — grita ela, nervosa — Não se envolvam nisso!

Eu não respondo, apenas lanço um olhar para Paul e saio apressadamente. Eu sei exatamente onde eu devo ir, e quem eu devo procurar.

O cansaço, após horas de viagem desaparecem magicamente e dá lugar a adrenalina correndo pelo meu corpo, eu poderia levar um tiro a queima roupa, e posso jurar, eu seria incapaz de sentir a dor.

Praticamente cruzo a cidade inteira até chegar ao meu destino. Paro alguns minutos em frente ao gigantesco prédio espelhado, não é a primeira vez que venho aqui, na primeira e última vez, fui barrada na recepção. Hoje, nem o papa em pessoa irá me impedir de falar com ele. Respiro fundo e entro, não vejo dificuldade em entrar, os primeiros andares são destinados ao comércio na verdade, em sua maioria, escritórios e lojas de grife, até mesmo há uma loja da Tiffany ali. Os três últimos andares eram reservados a Durant & Tecnologia, sendo um para recepção e setores de desenvolvimento, o penúltimo para sala de reunião e conferência e o último para presidência e diretoria.

A mesma jovem da outra vez encara-me com olhar de desprezo conforme eu me aproximo da mesa da recepção. Por que uma mesa tão grande, se ela parece uma ratinha atrás dela? Olho em volta da sala, tudo parece gigante e intimidador. No entanto, parece um pouco frio e bem masculino, e os detalhes do designe no nome em prata na parede e em outras coisas como na mesa e cadeiras, dão o toque de elegância ao local. É um prédio muito bem projetado e eu, como aspirante em arquitetura não consigo evitar apreciar o trabalho feito ali, assim como a decoração. Porém, eu não vim aqui para isso. Obrigo meu cérebro a manter o foco e enfrentar a jovem indigesta a minha frente.

— Desejo falar com Neil Durant — digo a jovem, que olha-me de cima a baixo com cara de nojo. Meu jeans e camiseta, não a agradam nem um pouco.

Eu deveria ter colocado algo um pouco mais elegante, eu sei. E como de costume, eu ajo primeiro e depois eu penso.

— A senhorita tem hora marcada? — pergunta ela, com divertimento na voz. Pelo que vejo, não se lembra, ou finge não se lembrar de mim.

Eu não posso dizer o mesmo, por que dias atrás, tive vontade de arrancar aquele sorriso idiota do rosto dela.

— Não, mas ele irá me atender.

— O Sr. Durant está em uma reunião — diz ela, com falsa simpatia — Marque uma hora com a secretária dele. Aqui está o cartão.

Eu olho para o número comercial impresso no cartão elegante e tenho vontade de enfiar pela goela adentro dela. Rasgo o papel em inúmeros pedaços e despejo em cima da mesa. A jovem me encara chocada. Isso é bom, não estou para brincadeiras e acho bom que ela saiba disso.

— Eu farei um escândalo tão grande — inclino-me na mesa e fico a altura dos olhos dela — Tão grande, que poderá ser ouvido no Japão.

Os olhos castanhos e esbugalhados focam-se em mim. Ela olha para o segurança parado na porta.

— Nem pense nisso! — Eu pego o telefone em cima da mesa e entrego a ela. — Agora, avise ao Sr. Durant que Paige Fisher está aqui e exige falar com ele.

Não sei se ela está com medo do escândalo que prometi a ela ou do que poderia fazer a sua integridade física. No mesmo instante a mulher faz a ligação e conversa baixinho com alguém do outro lado da linha.

— Está bem — sussurra ela — Vou mandar subir.

A recepcionista suspira e me encara:

— Você pode subir — diz ela, contra vontade — A Srta. Walker estará aguardando-a.

Sigo em direção ao elevador que dá acesso à presidência, espero que outra loira não me cause problemas. Tenho sérios problemas com elas.

— Srta. Fisher?

— Sim — respondo a jovem, incrivelmente bonita e loira que aguardava-me em frente ao elevador. Caramba, ela é realmente bonita e não tem o olhar debochado de algumas mulheres que vi por ali. Eu gostei dela. Parece-me uma daquelas pessoas que você se identifica a primeira vista.

Será que Richard tem uma secretária tão bonita como ela?

— O Sr. Durant irá recebê-la — diz ela, cortando meu pensamento ciumento — Espere apenas um minuto que vou...

— Essa, é a sala dele? — pergunto indo em direção à porta.

— Sim, mas — ela começa a protestar conforme avanço — Deve esperar senhorita...

Abro a porta com brusquidão.

— Neil! Ou dá um jeito na vaca da sua mulher ou... — entro praticamente berrando e paro de falar, ao observar seu rosto pálido e assustado.

Encaro-o com olhar surpreso e de boca aberta. Observo-o respirar fundo, tentando acalmar-se, enquanto pressiona firmemente a barra da mesa com tanta força que pergunto-me como ainda está intacta.

— Sr. Durant, desculpe, ela não me deixou avisar... — diz Penélope, com o rosto queimando de vergonha.

— Tudo bem, Penélope. Pode sair — Neil interrompo-a e solta a mesa, movendo os dedos para que a circulação volte ao normal — O que Sophia fez Paige?

Ele pergunta-me, assim que Penélope relutantemente deixa a sala. Eu suspiro e esfrego a testa tentando aliviar a tensão, são muitas coisas acontecendo em um curto intervalo de tempo.

— Olha Neil, quer dizer, Sr. Durant, não disse a Jennifer que viria até aqui e se souber vai me matar — respondo, sento-me na cadeia em frente à mesa dele, mesmo sem convite, estou muito nervosa.

— Paige, vá direto ao assunto — diz ele, ríspido.

— Aquela cadela, simplesmente apareceu no restaurante e fez um escândalo — estou muito irritada.

— Eu vou matá-la! — sibilou ele, mais para ele mesmo do que para mim. — Juro que vou matá-

la.

— Não foi só isso. Ela gritou aos quatro ventos que Jennifer era uma vagabunda, puxou-lhe os cabelos, esbofeteou-a várias vezes — faço uma cara de desgosto — Jenny foi demitida do restaurante.

— Maldita Sophia! — Neil urra e dá um soco na mesa. — Jennifer me disse que não foi trabalhar ontem, também que não trabalharia durante o resto da semana, que estava indisposta. Por que ela foi? E por que mentiu para mim?

— Não sei. Não sabia que ela havia dito isso e não me importa. Quero saber que tipo de providências pretende tomar? — digo friamente.

Neil pega o telefone e liga para Penélope.

— Não, claro que não! — ouço-o gritar para jovem ao telefone — Telefone para Adam, imediatamente!

Jesus, o homem está realmente furioso e não quero estar na pele da mulher dele.

— Onde ela está? Passei no apartamento mais cedo e vocês não estavam.

— Agora ela está com Paul.

Vejo-o apertar a ponta do nariz e contar até dez, mas parece não surtir o efeito que gostaria.

— Está me dizendo, que ela está machucada e que em vez de me procurar foi atrás de outro homem? — pergunta, entre dentes. Os ciúmes pulsando nas veias de seu pescoço.

O que há com esses homens? Achem que na primeira oportunidade pulamos para outra cama como eles. Isso é revoltante.

— Ah, por favor, não seja idiota. Não está com outro homem — respondo irritada — Está com um amigo nosso, e antes que pense besteira ele é gay.

— Não me importa que ele seja gay, padre ou um maldito monge budista. Está com a *minha* mulher, consolando, abraçando e fazendo coisas que são *minha* obrigação. Onde ela está? — pergunta, ainda mais irritado.

— No Boulevard, nosso antigo prédio — respondo receosa.

A forma possessiva que ele se refere a ela, é romântica e assustadora ao mesmo tempo. Não sei se gosto disso. Ele é muito autoritário, se fosse meu namorado já teria arremessado um vaso na cabeça dele.

Penélope volta a sala quebrando a tensão que se instalou no ambiente.

— O Dr. Crighton está na linha — ela murmura.

Olho para à mesa e vejo a luz do telefone piscando em espera. Neil atende e começa a falar com o quem imagino ser o advogado dele.

— Dê um jeito em Sophia — faz uma pausa para respirar — Ou juro que vou matá-la.

Escuto a ligação em silêncio e sei que tomei a decisão certa. À partir daqui, ele assumirá o controle e dará um jeito naquela louca.

— Por que não está aqui, porra! — ele berra e eu salto na cadeira, assustada.

— Certo. Desculpe. Estou muito nervoso — diz ele, resignado.

Neil olha para o relógio e volta a me encarar.

— Paige está aqui, ela pode passar todas as informações que precisa — me encara e eu aceno com a cabeça — Preciso falar com a Jennifer e saber como ela está.

Ele desliga e vai em direção à porta.

— Em que apartamento ela está?

— Ao lado do meu antigo apartamento. E, Neil — indago, receosa — Vá com calma, tudo bem? Ontem à noite não foi fácil, a última coisa que ela precisa é de um maluco ciumento que...

Ele não responde, apenas acena e deixa-me falando sozinha. Aguardo o advogado na companhia de Penélope. Ela tenta me deixar confortável o máximo possível. Não sei se porque esse é seu temperamento, ou se quer fazer média, agora que descobriu que sou amiga da futura noiva do chefe. Como eu não costumo errar em meus julgamentos com as pessoas, creio que esse seja seu temperamento mesmo.

Quarenta minutos depois, surge um homem alto, musculoso e incrivelmente atraente. Ele mal encara Penélope, que finge olhar através da janela.

— Paige? — Adam encara-me de cima a baixo, com olhar apreciativo.

— Sim.

— Se eu imaginasse que era tão linda, eu teria voado até aqui — diz ele, galanteador.

— Com licença — Penélope passa por nós como um trem bala.

Meu Deus! O que deu na mulher agora?

— O que precisa de mim — pergunto, ignorando o atrevimento anterior.

Imediatamente Adam coloca-se em uma postura profissional e inicia o mesmo interrogatório de Neil, só que vez ou outra, anota o que considera importante.

— Só preciso de alguns dados pessoais seus.

Passo a ele tudo o que é necessário e rezo para que essa tortura termine logo. Estou muito cansada e meu corpo exige banho e cama.

— Paige Fisher — murmura ele, batendo no bloco em sua mão — Paige Fisher. Será?

— Vai ficar repetindo meu nome como um idiota ou irá fazer alguma coisa?

— Espirituosa, bonita, boca dura — ele ri — Deve ser a mesma.

— Precisa de mais alguma informação? — suspiro.

— Creio que tenho tudo o que preciso — murmura ele, ainda pensativo — Você seria testemunha se for preciso? Não presenciou a cena, mas encontrou a vítima machucada.

— Sim, com certeza.

— Você tem namorado?

Era só o que me faltava, esse idiota, apesar de lindo, cantando-me de novo. Que tipo de advogado ele é? A última coisa que penso é em homens e suas complicações. Mal havia resolvido minha relação com Richard, isso se tivermos alguma relação ainda.

— Vá para o inferno — salto da cadeira com raiva.

— Não, espere — diz ele, ao me ver fulminando-o com os olhos e atravessar a porta — Eu só queria saber se...

Mostro o dedo do meio para ele que fica as gargalhadas e passo por Penélope, que encara-me com raiva gratuita. Bem, eu conquistei uma inimiga. É uma pena, de todas as pessoas ali, ela foi a única que tive simpatia.

— Segure-o — peço ao homem que sai do elevador.

Assim que entro, vejo Adam e Penélope, a minha frente, em uma discussão acalorada. Agora entendo o olhar fulminante em direção a mim. Senhor, deve ter alguma coisa errada na água dessa cidade. Por que estamos babando por homens tão complicados e impossíveis como esses? Jenny, Penélope e eu. Tolas, estúpidas e apaixonadas. Merda.

O celular escolhe esse momento para vibrar em meu bolso. Penso que seja Harry, prometi que

ligaria para avisar que cheguei em segurança.

Richard! Apoio-me contra a parede de ferro gelada e tento manter firme as minhas pernas trêmulas. Meu coração dispara no peito como bateria de escola de samba.

Atender ou não atender? Deus, o que eu faço. Meu lado racional diz para que eu ignore-o, mas o coração implora para que eu fale com ele. O que eu faço?

O que fazer, quando você descobre que sua vida é uma grande merda. Uma enorme e podre pilha de lixo e estrume espalhado em todas as direções. A primeira vez que fui traído, mexeu mais com meu ego, do que com meu coração e no fim das contas, a puta da minha ex-noiva havia me feito um grande favor ao me abrir os olhos, revelando a vagabunda vestida de seda que eu tinha ao meu lado.

Agora, a dor é muito mais profunda, aquele tipo de dor que rasga você por dentro, fazendo com que até o ar lhe falte. A dor, acompanhada de um imenso vazio que parece crescer a cada segundo, porque a filha da puta da pessoa que você ama, ocupou tanto espaço dentro de você, que quando ela vai embora, é como estar em um imenso quarto branco, vazio e frio. Não há cor, não a vida, não há nada, somente esse fantasma ecoando-o dentro de sua cabeça.

Fui educado para ser um engenheiro de alto nível. Sou competitivo, ambicioso e agressivo, quando desafiado. Vivi anos sob a fachada de um homem cauteloso, metódico e controlador, e a única vez que havia baixado a guarda, que raramente ousava romper, levaram-me do céu ao inferno em uma velocidade feroz.

E constatar o quanto a amo, é vergonhoso, mas eu amo com tudo o que há em mim, cada fibra do meu corpo grita por ela, como uma droga correndo pelo meu corpo. Ainda não acredito que tenha feito isso. Eu teria dado tudo a ela. Derramaria o mundo aos seus pés.

Ligo o rádio do carro e Forever, do Kiss começa a tocar. É um verdadeiro pé na bunda que quando você mergulha em tristeza, milhares de coisas a sua volta arrastam você ainda mais fundo.

Mudo de estação rapidamente. O som metálico do heavy metal ecoa pelo carro e por todo meu corpo. Desejando que a batida rápida e constante pudesse tirar-me do estado anestésico a qual me encontro.

Desligo o motor assim que estaciono na vaga privativa. Entro pela ala de serviços, não estou a fim de esbarrar-me com algum conhecido e gastar meu tempo com conversas frívolas e educadas.

Entro em casa e vou direto para o bar. Uma dose tripla de uísque é o que mais preciso no momento. Jogo-me no sofá e fecho os olhos, deixando que o líquido âmbar queime meu estômago e aqueça meu corpo. É satírico que não cause o mesmo efeito em minha alma.

Dedos suaves deslizam por meus cabelos. Por um louco momento, desejo que seja Paige, mas sei que não é. Conheço seu toque e o jeito que acaricia meus cabelos.

— Patrice? — salto do sofá antes de encará-la.

— Olá querido, não sabia que eu estava de volta?

— Como entrou aqui? — pergunto, encolerizado.

— Ainda tenho a chave reserva — ela balança a chave no ar — Precisamos conversar.

— Isso não pertence mais a você — arranco a chave das mãos delas, sem a menor delicadeza — Proíbo-a de invadir minha casa novamente. Entendeu?!

— Richard! — choraminga ela — Não pode apagar tudo o que vivemos por causa de um erro estúpido da minha parte. Eu ainda amo você. Estou muito arrependida.

Sinto-me exasperado com tanto cinismo da parte dela. Deve estar escrito *idiota* em minha testa,

com letras garrafaís.

— Você está? — pergunto, com voz suave — Está mesmo arrependida?

— Sabe que sim, querido — ela pousa as mãos em meu peito — Foi um erro terrível, eu sei, mas eu me sentia sozinha e negligenciada. Pense nisso como uma oportunidade de melhorarmos nossa relação.

— Melhorarmos nossa relação?

— Foi apenas sexo querido — sussurra, contra mim — Eu farei tudo o que você desejar a partir de agora, inclusive aquelas coisas...

— Deixe-me ver se eu entendi — murmuro, tentando conter a irritação — Precisou ir para cama com outro homem, como uma cadela, para apimentar nossa relação? É isso que está me dizendo?

— Não fale assim — Patrice se exalta — Eu tinha medo que me olhasse com outros olhos, por isso me reprimia.

— Eu entendo.

— Mesmo?

— Perfeitamente — sorrio, enigmático — Vamos.

Passo pela empregada que mantém meu apartamento limpo. O olhar dela para mim é de reprovação. Trabalha para mim bem antes de meu noivado com Patrice e, nunca escondeu sua reprovação. Sempre achei que a guerra entre as duas era coisa de mulheres, agora vejo que ela enxergava quem minha ex-noiva é realmente. Uma verdadeira puta!

— Para onde vamos? — Patrice sorri, sedutora — Isso é tão excitante, querido.

Ah, sim. Ela verá o quanto excitante pode ser, e o quanto apimentado ficou nossa relação. Assim que a portas do elevador se abrem, eu arrasto-a até a recepção. Encaro concierge com olhar furioso e jogo Patrice contra o balcão. Ele nos encara entre surpreso e assustado, enquanto Patrice arregala os olhos em minha direção.

— Essa mulher está proibida de entrar nesse prédio novamente — ordeno a ele — Se isso voltar a acontecer, eu mesmo coloco os dois na rua!

— Richard!

— Você é a pessoa mais cínica, dissimulada e desprezível que conheço, e olha, hoje me deparei com o ser tão vil como você, só que ele, eu tive o prazer de dar uma boa lição. Então desapareça da minha vida. Não ficaria com você nem que fosse a última mulher do planeta.

Volto para a garagem apressadamente, antes que meus valores sobre bater em mulheres sejam violados.

Dirijo sem direção por algumas horas. Paige, o tal amigo, Patrice, gravidez, todas essas coisas povoando minha cabeça. Gravidez. Bebê. Gravidez. Bebê. O que eu vou fazer agora?

Eu não sei como fui parar ali, mas me vejo tocando a campainha insistentemente.

— Podemos conversar?

— Agora?

— Bem, se está ocupado — digo a ele, pronto para ir embora. Não sei o que me levou até a casa de Adam, mas aqui estou — Eu volto outra hora.

— Não, espere! — ele puxa meu braço — Você parece péssimo, homem. Entre, vamos conversar.

Adam, se afasta para que eu entre. Depósito minha jaqueta no cabideiro ao lado da porta e caminho pelo corredor. A casa não é enorme, pelo menos, para um homem com dinheiro de Adam, mas é bem aconchegante, estilo georgiana. Para quem anuncia aos quatro ventos o desejo de nunca se casar e ter filhos, a casa fala exatamente o oposto, e me pergunto se ele tem ciência disso.

— Oh! — paro estático no meio da sala ao me deparar com uma morena sensual — Desculpe-me, não sabia que tinha companhia.

A jovem bonita está esparramada no sofá, com as pernas cruzadas e um sorriso sexy no rosto. O vestido vermelho e curto não esconde praticamente nada. E os seios fartos parecem que irão saltar através do decote a qualquer momento. É tão bonita quanto vulgar. O tipo de garota que você olha, e pensa apenas em sexo.

— Stela já está de saída — Adam aparece carregando um casaco bege.

— É Helena — resmunga ela, o olhar contrariado — Helena! Como assim, estou indo embora?

— Helena — diz Adam, com sorriso debochado — Ligue para meu amigo, o nome dele é Peter. Ele vai resolver seu problema por hoje. Um dia desses quem sabe...

Adam conduz a jovem queixosa até a porta.

— Eu ligo para você.

— Sério isso? — ela faz biquinho — Eu não ligo que ele fique.

Em outra ocasião, eu teria ficado tentado. Não que eu seja adepto ao ménage à trois, quando estou com uma mulher ela é somente minha. Quero ter a certeza de que seus suspiros de prazer sejam provocados por mim, mas uma experiência nova é sempre bem-vinda. Hoje no entanto, a única mulher que desejo em minha cama é mesma que enlouquece minha alma.

— Quê? — Adam sorri do meu olhar reprovador — Ela queria sexo e eu também. Nunca prometi flores e sinos de igreja.

— Quanto ao amor e companheirismo, família...

— Um grande pé na bunda — debocha ele — Envolve o amor em relacionamentos e; ou você se machuca ou machuca quem diz amar, simples assim.

— Bem, quanto a isso eu não tenho argumentos.

— Está apaixonado? — pergunta ele, fazendo careta — Caindo de amor.

— Ela está grávida — suspiro, resignado.

Relato a ele tudo o que aconteceu e me deixou atordoado e sem direção. Adam, havia passado por uma história semelhante a minha, mas infelizmente terminou de uma forma trágica, com a noiva e filho ainda no ventre, mortos, após um grave acidente de carro. A possibilidade de que algo semelhante venha acontecer com Paige baqueia-me, caio no sofá com um estrondo.

— Deixe-me adivinhar — ele vai até o bar e em seguida entrega-me um copo com líquido escuro — Você foi um verdadeiro babaca?

— O que queria que eu fizesse? — ignoro o copo em minha mão — Voltei para casa dela, porque Paige nunca havia dito que me amava, mesmo eu dizendo diversas vezes. Pensei que ela se sentisse insegura, ainda mais depois do que me contou sobre os pais dela.

Respiro fundo e esfrego os olhos, tentando ordenar meus pensamentos.

— Achei que se a pedisse em casamento, dessa vez de verdade, ela diria o que precisava ouvir. Mas, o que ouvi é que está grávida e ainda por cima encontrei um babaca no apartamento dela.

— Acredita que esse filho seja seu? — pergunta ele.

— Não seja idiota, Adam — retruco, irritado — Claro que é meu filho. Fiquei surpreso no

começo, mas sei que é meu filho.

— Então, que porra você está fazendo aqui? — questiona ele — Escute aqui garoto, se algo acontecer a essa criança ou a mãe dela, eu posso garantir que não terá um minuto de paz nessa merda que chama de vida.

— Eu estraguei tudo, não é?

— Volte lá, e concerte isso — murmura ele — Você tem muita sorte. Não jogue isso pela janela.

— Sêrio? — sorrio pela primeira vez no dia — E quanto ao fato do amor ser um pé na bunda?

— Não é uma regra — ele sorri — Só porque não funciona comigo, não quer dizer que será o mesmo com as outras pessoas.

— Só acho que você não encontrou a pessoa certa.

— Não estou no mercado para isso — murmura ele, vejo algo obscurecer seu rosto por um segundo — Vá procurar sua namorada e resolva sua vida. A minha vai muito bem.

— Ela deve estar muito irritada agora. Além disso, preciso pensar um pouco. Farei isso amanhã cedo, quando nossos ânimos estiverem mais calmos.

— Covarde — provoca ele — Amanhã, pode ser muito tarde.

Em tese ele está certo, estou sendo um covarde, mas não quero deixar que meus sentimentos exaltados coloquem as coisas a perder ainda mais.

— Posso passar à noite aqui? Minha casa está impregnada de lembranças e preciso pensar um pouco.

— Você já estragou minha noite com a Stela — ele ri — Então, tanto faz.

— Helena — contradigo.

— Um mero detalhe, caro Richard — ele comprime a boca em um meio sorriso — Você viu os seios dela?

— Poupe-me disso.

— Mas ela era gostosa — ele faz sinal como se medisse os seios da jovem — Perfeitos.

— Paige é mais bonita — digo, sem conseguir frear o pensamento. Nunca haverá para mim, garota mais linda, atrevida e sexy que ela.

Adam, revira os olhos após minha declaração.

— Há um quarto de hóspedes lá em cima. Vou pegar as cervejas — diz ele indo em direção a cozinha — Só me resta encher a cara. Sinta-se em casa.

Levanto-me com o clarear do dia, três horas bebendo, jogando heads-up e resto da noite com insônia não foram castigo suficiente para a grande merda que fiz. Droga, eu prometi para ela que não iria embora, independente do que acontecesse. E havia vacilado no primeiro conflito. Eu tenho que resolver isso de alguma maneira. Imploraria seu perdão se fosse preciso. Faço a higiene pessoal automaticamente, perguntando-me o quanto eu havia contribuído para destruir a relação que havíamos começado a construir.

Paige me amaria o suficiente para perdoar o grande babaca que eu tinha me tornado? Bem, querendo ou não, nossa vida está selada para sempre. Um filho, olho para o sorriso bobo do homem em frente ao espelho. Embora isso seja algo que precisamos esclarecer, a realidade não pode ser ignorada. Eu não havia planejado isso, mas sabia dos riscos quando transamos sem camisinha. Não

sei o que a levou a tomar essa atitude, mas isso já não importa.

Eu já consigo imaginar a criança correndo por toda casa. Um garotinho lindo com os cabelos negros como a mãe e invocado quanto ela.

Saio do quarto procurando não fazer barulho. O que não foi necessário. Adam já está de pé lendo jornal do dia.

— Café? — diz ele, sem me encarar.

— Não, eu já estou de saída — paro na porta e encaro-o — Adam, obrigado.

— Boa sorte — murmura — Pelo que me disse da jovem durante todo seu monólogo de ontem à noite, você irá precisar.

Ele tem razão. Paige irá arrancar meu fígado e dar aos porcos. Por incrível que pareça isso me deixa animado. Minha vida nunca mais será a mesma depois dela.

Após quase quinze minutos tocando a campainha insistentemente, dou-me por vencido de que não há ninguém em casa. Onde poderiam ter ido tão cedo?

Frustrado, volto ao meu apartamento. Ligo o automático, tomo banho, visto-me e vou para o escritório. Por volta das nove horas, incapaz de me concentrar no trabalho, ligo para o celular dela. Caixa postal.

Volto a me concentrar no trabalho. Infelizmente, um problema interno mantém-me ocupado. Quando vejo já passam das duas da tarde.

— Consegui falar com ela? — pergunto a minha secretária assim que saio da sala de reuniões.

— Não senhor — diz ela, aparentemente nervosa — Eu vou continuar tentando Sr. Delaney.

— Deixa — murmuro, mal humorado — Estou saindo agora e não volto mais. Cancele todos os meus compromissos da tarde.

— Sim, senhor.

Estou irritado comigo, com minha vida e com Paige por ser uma maldita teimosa. Não vou perder mais um segundo. De um jeito ou de outro vou trazê-la de volta para minha vida.

Ao segundo toque a porta é aberta. A jovem ruiva fixa o olhar em um ponto distante.

— Oi — dou um meio sorriso, embora ela não possa ver — Paige está em casa?

— Não — diz ela, com a voz trêmula — Ela foi embora.

Foi embora? A informação cai como uma bomba sobre minha cabeça. Foi embora? Para onde?

Encaro-a, aturdido. A dor é diferente da que eu tive antes. Inconscientemente eu sabia que ela estaria ali, perto. Que eu poderia tê-la a qualquer momento. Essa nova realidade me deixa sem chão.

— Para onde ela foi?

— Entre — ela caminha pela casa em direção ao sofá, com uma desenvoltura surpreendente, parece conhecer o local de cada móvel.

— Para onde ela foi? — é indisfarçável a ansiedade em minha voz.

— Não tenho permissão para dizer isso.

— Jenny — sento-me ao lado dela, seguro suas mãos trêmulas e frias — Paige foi embora levando meu filho. Eu tenho o direito de saber onde estão.

— Você ainda não sabe — sussurra ela baixinho, mas não suficiente para que me escape.

— O que eu não sei?

— Olha — diz ela, apreensiva — Eu já me intrometi mais do que eu devia. O que fez não foi justo. Eu não deveria dizer isso, mas ela ama você. John só apareceu para criar confusões e extorqui-la de alguma forma. Há mais de dois anos que não se veem, e ela morreria antes de voltar para ele.

— Ouça Jenny — digo, fervorosamente — Eu sei que fui um grande babaca, mas eu sou louco por aquela garota. Por favor, me diga para onde ela foi.

— Eu queria ajudá-lo — murmura ela — Só que eu não posso. Tudo o que sei é que foi para Carolina do Norte visitar o Harry.

— Harry?

Quem é Harry? Levanto-me e caminho pela sala, desvairado. Minha estupidez a havia jogado nos braços de outro homem?

— Harry é como um pai para Paige — Jenny diz, apressadamente — Não tire conclusões precipitadas.

— Paige não deixou o endereço?

— Não, a única coisa que sei, é que foi para a Carolina do Norte — ela enrugando a testa e tira um celular do bolso da calça jeans — Paige deixou o celular dela comigo. Prometeu ligar em dois dias.

— Entendi — murmuro, desanimado — Não quer falar comigo.

Nada poderia ser mais direto que isso. Eu posso lidar com a raiva, a mágoa, a dor, mas a rejeição rasga o peito, sem piedade.

— Gostaria de poder ajudar. Acredito que ela só precise de tempo, Richard. Dê isso a ela. Eu tenho certeza que as coisas irão se resolver.

— Talvez você tenha razão — solto um suspiro profundo — Liguei todos os dias para ter notícias.

— Eu sinto muito — ouço-a dizer antes de sair.

Eu vou para praia, é o único lugar onde encontro um pouco de paz. Mas também está arregrado de memórias, há memórias em qualquer lugar que eu olhe. Eu fodi toda a minha vida, e me apavora saber que talvez a tenha perdido.

Algo toca meus pés descalços na areia. Uma bola amarela balança em frente a mim. Um garotinho

loiro corre para pegar a bola e abraça-a sem desviar os olhos de mim.

— Oi.

— Olá.

— Você está triste? — pergunta o garoto, sentando-se ao meu lado — Minha mãe sempre compra sorvete quando estou triste.

Um breve sorriso ameaça em meu rosto. O garoto é inteligente. Tento calcular sua idade. Não sou muito bom com isso. Acho que tenha uns cinco anos, talvez menos.

— Você quer um sorvete?

— Você quer? — ele pergunta esperançoso.

— Qual o seu nome?

— Billy.

— Onde está sua mãe, Billy?

Ele arregala os grandes olhos castanhos em direção ao outro lado da praia.

— Eu não sei — vejo seus lábios pequenos tremerem e tento não entrar em pânico. Nunca estive tão perto de uma criança antes, muito menos com uma prestes a entrar em crise.

— Olhe, há um carrinho de sorvete ali na frente, podemos comprar um e depois procuraremos sua mãe. Tudo bem?

— Tá bom — ele segura minha mão com firmeza — Eu quero de morango. Você gosta de morango?

Em questão de minutos, o medo do garoto por estar perdido é substituído por tagarelar sem fim, sobre seus sorvetes favoritos e variedades.

Enquanto caminhávamos pela orla, tentei manter a raiva dentro de mim sobre controle. Que tipo de mãe deixa o filho a própria sorte?

— Olha minha mãe ali — Billy solta minha mão e corre em direção a uma mulher que conversa com dois guardas.

Ao ver o menino, ela corre em direção a ele, aos prantos. A cena é comovente a qualquer um, e somente isso me impede de dizer algumas verdades a ela.

— Obrigada — diz ela, ao se aproximar de mim, as lágrimas ainda rolando pelo rosto — Me distraí por um minuto, apenas.

— Tenha mais cuidado da próxima vez. Ele poderia ter encontrado uma pessoa sem escrúpulos — alerto-a duramente — Talvez nunca mais voltasse a vê-lo de novo.

— Eu tenho feito o que posso, senhor — diz ela, erguendo o queixo. A jovem solta um soluço e aperta o garoto contra o peito — Estou sozinha nisso, nem sempre eu acerto.

Essa informação me deixa mais irritado que antes. Homens como o pai de Billy deveriam ser estéreis. São tão infelizes que não enxergam a preciosidade diante deles.

Despeço-me deles e volto para o meu carro, com uma certeza em mente. Nada vai me afastar de Paige e do meu filho. Nem ela mesma. Eu não vou permitir isso.

Foram os piores e fodidos dias da minha vida. Mergulhar no trabalho não ajudou. Participei de uma reunião sem o mínimo interesse. Todos os dias falei com Jenny e ela me garantiu que ela estava bem. Eu não posso dizer o mesmo sobre mim. Para piorar, minhas noites eram marcadas por sonhos

eróticos. Meu corpo sente falta dela na minha cama, tanto quanto sinto falta dela em meu coração.

Olho para folha de papel a minha frente e noto que rabisquei o nome dela repetidas vezes em um contrato importante. Inferno! Já está virando um caso de sanidade mental.

— Richard? — minha mãe cruza a porta — Por acaso esqueceu-se que tem mãe?

— Iria vê-la essa noite — declaro — Não há motivo para drama, mamãe.

Olho para jovem morena ao lado dela e não tenho um bom pressentimento.

— Meu filhinho quase morre e acha que não deveria estar preocupada?

— Não exagere mamãe.

— Ingrato — retruca, fulminando-me com os olhos — Essa jovem, é Lori Landis. Sua nova estagiária. Lori é filha de Garret, lembra-se dele não é, um velho amigo de seu pai?

— Eu não sabia que procurava uma estagiária?

Encaro a jovem morena a minha frente. Eu não diria que é uma cópia, pois apesar da jovem ser bonita, nem se compara com a exuberância de Paige, além disso, seus olhos são castanhos. Lori tem a boca delicada. Paige tem lábios grossos e uma boca atrevida. E a tentativa da minha mãe soa-me patética. O quão manipulável ela acredita que eu seja?

— Foi um pedido especial feito a nós — murmura ela — Mas é claro, Lori se dedicará bastante, não é querida?

— Sim senhora — A jovem responde sem graça. Parece-me desconfortável com a situação — Não terá do que reclamar Sr. Delaney, eu prometo.

— Chame-o de Richard, querida — minha mãe sorri para ela de forma encantadora — Não há por que mantermos as formalidades, você é quase da família — continua ela — Lori é nova na cidade e eu disse ao pai dela, que você poderia mostrar Nova York, boates, restaurantes e todos os lugares que vocês jovens, adoram.

— Desculpe, Srta. Landis — viro-me para garota muda ao lado dela — Não é nada pessoal. Você poderia dar-nos um minuto a sós, por favor?

— Claro.

— O que está tramando, mamãe? Desde quando se interessa pelos funcionários dessa empresa?

— Só quis ajudar a filha de um amigo — murmura ela — Que mal há nisso? Lori está sozinha na cidade. Poderia levá-la para jantar e quem sabe se tornem bons amigos.

— Eu vou ser claro e direto com você — digo entre dentes — Agora mais do que nunca, irei me casar com a Paige, você gostando ou não.

— Eu já sei de tudo sobre ela, Richard — diz ela, ofegante — Charles me contou. Achei desrespeitoso nos enganar assim. Sua própria mãe. De qualquer forma, eu sempre soube que aquela *garota* não servia para você.

— A forma como isso começou não importa. Eu a amo, mamãe, não consegue entender isso?

— Está apenas enfeitado — ela afirma, com desprezo — Só Deus sabe o que essas mulheres são capazes de fazer para segurar um bom partido...

— Mamãe! Chega!

— Eu não aceitarei essa fulana em nossa família! — diz ela, com a voz exaltada — Não tem nome! Classe! E educação! Não irá envergonhar nossa família assim, Richard. Queria nos dar uma lição e entendi isso, agora chega, há milhares de garotas em nosso meio dignas de você, moças respeitáveis e não uma vaga...

— Não se atreva! — o soco que dei em minha mesa foi suficiente para silenciá-la — Pela

primeira vez na minha vida, eu estou realmente apaixonado, mamãe. É tão difícil entender isso? Vou me casar com ela, espero que esteja presente nesse dia e que faça parte de nossas vidas, que veja seus netos crescerem.

— Não serão meus netos! — seus olhos piscam, irados — Renego-os.

Eu recuo como se tivesse sido esbofeteado.

— Se é o que deseja — murmuro, com raiva e decepção — Não há nada mais o que fazer aqui.

— Veja o que está fazendo comigo. Se algo acontecer você nunca irá se perdoar.

— Chantagem não irá me convencer, Diane. E se não quiser fazer parte da minha vida, não há nada que eu possa fazer.

— Diane? — pergunta ela incrédula — Odeio aquela garota. Irá se arrepender, Richard. Causará minha morte com isso.

Volto a me concentrar na pilha de papéis em minha mesa, ignorando-a completamente. A batida estrondosa da porta avisa-me o momento que ela foi embora. Eu realmente não gostaria que fosse assim. Que eu tivesse que escolher entre as duas. Apesar de tudo, Diane é minha mãe. Eu a amo também, mas a escolha foi dela.

— Tudo bem?

— O que você quer Charles? — pergunto, sem paciência — Se veio envenenar-me contra a Paige também, perdeu o seu tempo.

— Eu não vim fazer isso. O que aconteceu entre você e a nossa mãe?

— Por que contou a ela sobre o que eu disse sobre a Paige? Sobre fingir ser minha noiva?

— Apenas esclareci que as coisas entre vocês dois eram mais sérias do que imaginamos. Quando voltei de Dubai, imaginei que correriam para primeira igreja que vissem. Quis que nossa mãe ficasse preparada.

— Ah, ela se preparou, muito bem por sinal. Inclusive arrumou uma estagiária que eu não preciso. Você sabe muito bem quais as intenções dela.

— Olha, fiz isso por Garrett — murmura ele — Não foi nada relacionado a você, e eu nem conhecia a jovem. Ela pode trabalhar comigo se para você for um problema.

— Faça isso.

— Vou conversar com ela, mas vim aqui por outro motivo. Há um sheik interessado em um novo negócio.

— Agora não — levanto-me e pego o paletó em minha cadeira — Passe as informações a minha secretária.

— Certo — diz ele — Tire o resto do dia de folga.

— Charles, eu vou repetir o que disse a minha mãe — digo com impaciência — Pode fazer parte da minha vida ou se afastar dela. Eu não me importo.

Saio sem encará-lo. Com boas ou más intenções, estou cheio dele se intrometendo em minha vida. Se tiver que cortar os laços com todos eles, eu farei isso. Eu pego o celular e disco automaticamente. Gostaria apenas de poder ouvir a voz dela, por um minuto apenas.

— Alo?

— Paige? — pergunto, eufórico — Paige é você?

O som ecoa em meus ouvidos, sinto um misto de dor e prazer. Minha boca está seca e o coração acelera em meu peito.

— Paige, é você?

Deixo o celular deslizar de meus ouvidos e prendo-o junto ao peito. Por que o estar apaixonado tem que ser tão difícil? Amar é tão fácil e esquecer parece impossível.

A porta do elevador abre. Parece que estou colada ao chão. Um grupo de homens me encaram com olhar interrogativo. Eu continuo contra a parede, estática, sem saber ao certo o que devo fazer. Minha cabeça é um completo vazio, enquanto minhas pernas mal me sustentam. Pareço patética.

— Sobe moça? — um deles pergunta-me, com um sorriso atrevido desenhando seu rosto.

— Não, com licença — sussurro, forço-me a caminhar e dou um passo à frente, abrindo caminho entre eles.

Olho para o celular em minhas mãos e vejo que ele ainda está na linha. Desligo-o. Eu não estou pronta para falar com ele. Ou quem sabe eu tenha medo. Medo de fraquejar, de confiar novamente e sair ainda mais ferida.

Saio do prédio e sou recebida pelo ar abafado da cidade, alguns fios de cabelos escapam de meu coque frouxo e emaranham-se em meu rosto. Eu não vou chorar, digo a mim mesma, não vou. Chega de lágrimas e autopiedade, essa não sou eu.

O trânsito é lento como sempre e a calçada está apinhada de gente, indo e vindo em todas as direções. Deixo-me levar pela maré de pessoas, caminhando sem um lugar certo para ir.

Destino ou coincidência? Eu não sei qual dos dois me colocou de frente a fachada dourada e elegante. Estou dividida entre entrar ou não. Seco as mãos suadas no jeans e entro.

Havia voltado com intenção de mudar minha vida e diante de mim há a solução perfeita.

— Pois não senhorita? — a recepcionista, interpela meu caminho.

— Gostaria de falar com ele — aponto o jovem alto e magro, inclinado sobre uma senhora de meia idade, manuseando pinceis de maquiagem com exímia eficiência.

— Tem hora marcada? — pergunta ela, com voz simpática, mas não disfarçou o olhar desconfiado para minhas roupas.

— Não — replico — É realmente importante, não irei tomar muito do tempo dele.

— Bem, Drew termina essa cliente em alguns minutos — diz ela — E próxima virá daqui a meia hora. Sente-se, vou dizer a ele que está aqui. Qual o seu nome?

— Paige Fisher — respondo e caminho até o sofá elegante ao lado dela.

Espero por cerca de dez minutos e me pergunto se tomei a decisão certa. Drew havia me dito que eu tinha um rosto marcante e belas pernas. Na época imaginei que estivesse apenas sendo simpático comigo. Será que havia mesmo sido sincero?

— Paige Fisher — Drew aproxima-se de mim com um sorriso — O que a traz aqui?

— Lembra-se de mim? — pergunto, meio sem jeito.

— Querida, eu jamais esqueço um lindo rosto.

Tenho vergonha de dizer que eu havia jogado no lixo, o cartão que ele bondosamente havia me

dado antes. Na época, eu imaginei que aquilo era uma grande bobagem, agora desejo fervorosamente que ele possa estar certo.

— Eu não tenho mais o seu cartão — resolvo ser honesta — Quando eu me vi lá fora, imaginei... — respiro fundo e dispero — Sobre aquela sua proposta, o trabalho de modelo? Estava falando sério?

Drew segura meu queixo e analisa-o detalhadamente, em seguida se afasta de mim e anda ao meu redor, medindo-me de cima a baixo, batendo o dedo no próprio queixo, vez ou outra.

— Você tem uma pele muito boa — murmura, tocando meu rosto novamente. Sinto-me como um pedaço de carne na vitrine — e esses cabelos, divinos. O rosto eu não preciso falar, você não é cega.

— Acha que eu tenho alguma chance? — murmuro, receosa — Quero dizer, não para ser uma super modelo, mas quem sabe consegui alguns trabalhos?

— Olha, eu não posso lhe garantir isso — ele diz, sincero — Mas eu sei quem pode.

Ele caminha até a mesa de recepção e pega um cartão dentro de uma gaveta.

— Essa pessoa pode ajudar você — ele estende o cartão a mim — Diga que eu a enviei. Vitor e eu trocamos informações às vezes, além de outras coisas.

— Obrigada, Drew — abraço-o apertado e dou um estalado beijo em seu rosto — Eu realmente preciso disso.

— Quando for rica e famosa eu espero que seja seu maquiador preferido — ele sorri.

— Combinado — sorrio de volta — Vou deixar que você volte ao seu trabalho. Muito obrigada.

Dobro o cartão e guardo-o com cuidado no bolso do jeans. Não pretendo ser estúpida como da outra vez, se há uma possibilidade, irei lutar por ela. Essa é a grande oportunidade de mudar minha vida. Não há nada mais que eu saiba fazer, além de atender balcões de lanchonetes, e voltar aos clubes noturnos, está definitivamente fora da minha lista.

Ainda tenho dois grandes problemas a minha frente, o apartamento onde vivo e os cinquenta mil dólares em minha conta. Não posso continuar ali, já que Richard quem faz os pagamentos. Quanto ao dinheiro, se eu devolvesse a quantia no banco, não teria dinheiro nem para um cachorro quente. Necessidades ou orgulho? Quem viria primeiro?

Seleciono o andar de meu apartamento com pensamento longe. Talvez eu tenha sido infantil em desligar o telefone. Como sempre, a minha péssima mania de agir antes de pensar havia sido mais forte.

Merda! Sentado contra a porta de meu apartamento, está o homem que ocupa meus pensamentos a cada segundo do meu dia.

— Richard? — sussurro, incrédula e abalada.

Ele ergue a cabeça, que estivera apoiada contra os joelhos e intensos olhos azuis encaram os meus. O sorriso torto e lindo que eu adoro, brilha em seu rosto. Eu me desmancho por completo. Droga, eu o amo. Não há menor dúvida sobre isso.

Ele caminha até mim, passos calculados, elegantes, felinos. Há um brilho intenso em seus olhos. Eu caminho até ele, como se puxada por um imã. Ele alisa meu rosto com os dedos. Eu fecho os olhos. O polegar acaricia meus lábios e eles tremem, assim como todo o resto de meu corpo.

— Desculpe por ser um grande idiota — diz ele, suavemente, a tristeza residindo em sua voz.

Permaneço quieta por alguns segundos, desfrutando de seu toque. Eu não consigo suportar isso. É uma guerra perdida. Munindo-se do que resta de força em mim afasto-me, vacilante. Preciso de espaço. Passo por ele e abro a porta com a mão trêmula. Ele me agarra por trás e prende minhas costas contra o seu peito, meu coração bate furiosamente.

— Perdoe-me — sussurra em meu ouvido, o rosto colado contra a curva de meu pescoço. Minha respiração acelera como se tivesse acabado de sair de uma maratona. O meu coração dá piruetas e instantaneamente eu fico languida. Minha sorte é ter seus braços me amparando. Como é difícil resistir a isso.

Ele desliza as mãos vagarosamente pelos meus ombros. Em um movimento sensual e confiante. Richard vira-me de frente a ele, tremo, quando os olhos azuis fixavam nos meus, com uma ansiedade que não consegue esconder. Somente com ele eu tenho essa espécie de comunicação silenciosa.

— Por favor... — sussurro vibrando, prendo a respiração e tento lutar contra o que estou sentindo. Sei que devo afastá-lo, mas não tenho forças suficiente para fazê-lo.

— Por favor, o quê? — Richard murmura, baixinho. A voz rouca enfeitiçando-me, os olhos azuis, ardentes e brilhantes, como se deles saíssem intensos raios de sol — Quer que eu a beije?

— Quero! — gemo, antes de morder meus os lábios — Eu quero, muito.

Ele sorri e meu coração pula em plena alegria. Seus dedos longos acariciam meu queixo e, instintivamente, colo meu corpo ao seu, derretendo de desejo. Richard roça os lábios nos meus, com sensualidade, o toque suave como o de uma mariposa. A ponta da língua desenha meus lábios, ele assopra dentro de minha boca entreaberta antes de mergulhar dentro dela. Então, em seguida, curva-se, deslizando as mãos até minha cintura, erguendo-me, encaixando minhas pernas em sua cintura, enquanto suas mãos seguram minha bunda, apertando-me contra ele. O desejo corre forte pelo meu corpo. Ofego quando ele senta-se no sofá, e esfrega-me contra ele, sinto seu membro rijo contra minha pélvis. Incapaz de resistir, entrelaço os dedos nos cabelos dele. Puxando-o para mim, ávida de desejo de ser possuída. Richard toma minha boca com fúria e sensualidade provocante.

— Paige! — urra ele, brigando com os botões da minha calça jeans. Suas mãos passeiam pelas minhas coxas através do brim.

Volta a me beijar profundamente, e eu tremo violentamente. Ele remove o botão e desliza o zíper da calça com a graça de um predador. Seus dedos deslizam até meu clitóris, brincando com ele. Eu salto em seu colo. Deus! Isso é bom.

— Richard — sussurro, trêmula, sentindo um prazer tão intenso que me assusta.

Mergulho nas profundezas dos olhos azuis, que me queimam. Uma mão voa até meu seio, tocando o mamilo com um sorriso sensual. Ele curva a cabeça e suga meu mamilo intumescido sob a camiseta, arrancando-me gemidos de prazer. A marca de sua boca deixa um círculo úmido no tecido e os mamilos visíveis. Ele agarra-o com os dedos e depois pressiona meu seio, um, depois o outro. Repetindo até que eu esteja literalmente chorando por ele.

— Jesus... como eu quero você — geme ele — Nunca quis tanto alguém como eu a quero.

As palavras foram como um balde de água fria ecoando por minha cabeça, e as lembranças de um dia que desejo esquecer, me invadem, despertando-me desse momento sensual.

— O que você quer Richard? — pergunto, amarga.

— Você! — ele geme em meu pescoço — Apenas você.

Empurro-o e me afasto. Há um curto silêncio.

— Mentiroso — minha voz elevasse ligeiramente — Não deseja só a mim.

— Paige... — Richard levanta-se e volta a se aproximar de mim — Sobre o bebê. Eu...

— Não refiro-me a ele. E não precisa mais se preocupar com isso — solto com a voz trêmula — Ele não existe mais.

Suas mãos agarram os meus braços, puxando-me para ele.

— O que quer dizer com isso? — ele pergunta, tenso — Foi por isso que foi embora? Fez isso?

— o olhar é horrorizado e de dor — Tirou o meu filho!

— É eu tirei! — murmuro, magoada. Meus olhos soltando faíscas — Como sempre, você pensa o pior de mim — solto a ar devagar e dou as cotas a ele — Não vê? Isso nunca dará certo.

— Você perdeu? — diz ele atrás de mim. Está tão perto que sinto sua respiração em meu pescoço. Está tão abalado quanto eu. Consigo sentir — É isso? A culpa foi minha?

Um grande golpe apunhala meu peito, castigando-me. A culpa não é dele, apesar de tudo, não posso permitir que carregue isso.

— Não há bebê, porque nunca houve! — a emoção bate fundo em meu peito quando viro-me para ele — Nunca houve — murmuro com a voz falha — Foi apenas meu corpo e minha mente debochando de mim. Apenas um desejo idiota de ter aquilo que eu nunca tive. Uma família.

— Eu sinto muito — sussurra.

— Isso não é suficiente — minha voz soa carregada — Não basta.

— Paige, não sabe como esses dias tem sido um tormento para mim. De como senti sua falta e tudo o que estou deixando para trás por nós. Você é a bússola que me guia até a felicidade, e sem você eu fico perdido. Se eu soubesse, se ao menos imaginasse...

É quase impossível ter que ouvir todas essas coisas e permanecer firme, mas eu preciso.

— Sinto falta do seu sorriso, da sua voz, até mesmo de quando fica brava comigo — ele tenta tocar meu braço, mas eu me afasto — Sinto sua falta na minha cama e principalmente na minha vida. Não há nada e ninguém que eu deseje mais.

Há alguns dias atrás era tudo o que eu precisava ouvir. Hoje, eu preciso de mais, preciso de confiança, me sentir segura.

— Não foi o que pareceu da última vez — murmuro — Não esperou um segundo para cair nos braços dela. Eu precisei de você e não estava lá. Cada vez que eu lembrar que estive com ela, justo com ela. Poderia ser qualquer uma, mas não ela. A dor que esse pensamento me traz é quase física.

— Do que você está falando?

— Patrice! Você! Os dois juntos.

— De onde tirou esse absurdo? — ele me encara incrédulo. Parece tão real, tão verdadeiro — Escute-me...

— Vá embora! — caminho até a porta e abro para ele — Eu preciso pensar. Não consigo fazer isso com você perto de mim.

— Deixe-me explicar, Paige.

— Por que eu deveria? — pergunto enfurecida — Nunca me deixou esclarecer nada. O seu problema, Richard, foi achar que sempre estaria aqui... Disponível para você.

— Não é assim — agora ele parece tão irritado quanto eu — Sabe que não é. Ouça-me.

— Vá! — digo, enérgica — Vá embora!

— Eu não vou desistir, Paige — seus lábios tocam os meus de forma inesperada — Eu volto. O que eu sinto por você impede que eu me afaste.

Ele sai da minha casa, mas não da minha vida. Dentro de mim, ele ficará por muito tempo.

Provavelmente enquanto eu viver.

Apoio-me contra a porta fechada e deslizo até o chão. Como você pode amar e odiar alguém com a mesma intensidade? Não, eu não o odeio, mas há tanta mágoa dentro de mim e um ciúme incontrolável.

O dia seguinte é sempre uma droga, não é? Não porque você tenha passado praticamente a noite em claro. Ou por que tenha chorado ao ponto de sentir a cabeça doer, mas, porque você terá um novo e longo dia para lidar com a dor da saudade e todos os outros sentimentos fodidos dentro de você.

Mas a vida deve continuar, você ferida ou não. Ligo para o número no cartão e marco um horário com Vitor para daqui a duas horas.

— Você tem um book Srta. Fisher?

— Não.

— Vamos ter que providenciar um — Vitor informa — Geralmente as modelos começam muito nova.

— Quer dizer que não tenho chances?

— Não digo que se tornará uma super modelo, do dia para noite, mas tem um rosto expressivo, conseguirá alguns trabalhos.

— Fico aliviada.

— Está disposta a tudo?

— Nudez não — minha voz soa firme — E nada ilegal ou imoral.

— Trabalharia em feiras ou coisas do tipo?

— Como assim?

— Algumas empresas contratam modelos para ser, vamos dizer, recepcionistas — ele explica — Sexta-feira haverá inauguração de uma grande joalheria europeia, a modelo que contratamos teve um problema.

— Quer que eu seja acompanhante de luxo? — pergunto indignada. Eu não vou cair nessa merda de novo — Desculpe não é o que procuro.

— Senhorita, sente-se — ele ri — Eu entendo sua preocupação, mas não faço esse tipo de trabalho. É extremamente profissional. Ficará na festa exibindo algumas joias por algumas horas, e só.

— Não vou precisar ter que entreter nenhum homem rico?

— Não, apenas sorria e exiba as joias para as dondocas na loja — ele me entrega uma folha com os honorários e extras do dia — O valor parece interessante?

Teria que ficar na festa por quatro horas, caso houvesse necessidade, seria pago um valor bem significativo em extra. Não se compara exatamente com o que Richard havia me pago, mas era uma quantia muito interessante.

— Eu realmente não vou...

— Não!

— Então eu aceito — sorrio, sem graça — Mas eu não tenho experiência, não sei o que terei que fazer.

— Não se preocupe — ele sorri de volta — Iremos prepará-la.

Volto para casa no fim da tarde. Há inúmeras mensagens de Richard em meu celular que a muito custo, eu ignoro. Assim que entro, vou para o quarto de Jenny para contar as novidades e me deparo com uma pilha de roupas em sua cama e uma mala perto do guarda roupa.

— Está tudo bem?

— Nós terminamos — ela sussurra — Acabou.

— E resolveu fazer faxina — brinco, apontando a pilha de roupas. Recolho a mão ao me lembrar que ela não pode me ver.

— Sabe quando disse que iria embora? — pergunta — Acho que você tem razão. Nova York não tem mais nada a oferecer a nós duas.

— Mas, e sua operação?

— Isso não importa — diz ela, desanimada — Nem sabemos se dará certo.

— Está com medo? — pressiono-a — É isso? Que não dê certo?

— Isso não me preocupa Paige. Não posso ficar com ele e colocar a vida dele e de Anne em risco. Se tivesse ouvido o que Sophia me falou.

— Quer ir embora por causa dela? Isso é um absurdo!

— Eu vou embora para que eles não sofram ainda mais — ela choraminga — Sophia jamais dará o divórcio a ele. E eu acredito que ela seja capaz de qualquer coisa. Eu não vou permitir que Anne sofra, para que eu seja feliz.

— Converse com ele, Jenny. Vocês dois podem resolver isso.

— Resolveu as coisas com Richard?

Caramba! Foi golpe baixo isso.

— Eu imagino que não — ela murmura — Qual é o seu problema? Não queria ir embora? Vamos embora então.

— Eu tenho um novo emprego agora.

— Outro noivo de mentira?

— Não precisa ser cínica, Jenny — respondo, magoada — Não é a única pessoa a sofrer no universo. Que droga!

— Desculpe — ela parece arrependida — Que emprego é esse?

Explico a ela o que aconteceu no dia anterior, sobre minha conversa com Drew e meu novo trabalho.

— Então você fica. Quando puder e se quiser, você me encontra.

— Não vai mudar de ideia?

— Não.

Passei o resto da noite tentando convencê-la, mas foi totalmente inútil. Nunca vi pessoa tão cabeça dura. Está certo, eu não sou a melhor pessoa para dizer a ela que deve enfrentar as coisas de frente, mas Jenny está completamente errada.

Meu telefone toca e reviro a cama para encontrá-lo. Como sempre, acordei em um emaranhado de roupas, lençóis e cobertas. Engraçado, é que as únicas vezes que passo a noite tranquila, é quando estou com Richard. Também, nem uma agulha conseguira passar pelos seus braços possessivos em volta de mim. Sinto falta disso.

— O que você quer? — sussurro, mal humorada.

— Quero falar com você, Paige — a voz de Neil ecoa do outro lado da linha.

— A única coisa que quero dizer para você, é que vá para o inferno — esbravejo e desligo.

Homens e suas cagadas! O telefone volta a tocar insistentemente.

— Não desligue — ele ameaça com tom ríspido — Quero falar com você e não aceito um não como resposta.

— Está bem — concordo com má vontade — Mas não se atreva a vir aqui.

— Eu não vou — ele esclarece — Olhe, há um restaurante próximo ao escritório, me encontre lá ao meio dia.

— Eu não sei... — sussurro. Havia prometido a Jenny que não me intrometeria nesse assunto.

— Jennifer está bem? — ele pergunta.

— O que significa bem para você? — revido sem paciência. Ouço seu suspiro e decido dar uma chance a ele — Espere! Vou pegar uma caneta para anotar o endereço...

— Não será preciso — Neil me interrompe — Dylan irá buscar você em torno de meio dia e meio.

— Tudo bem, tenho que ir agora — desligo antes que eu me arrependa.

Por volta do meio dia, eu passo no quarto de Jenny para ver se está bem e ouço-a soluçar baixinho. Isso corta meu coração e me revolta ao mesmo tempo. Dez minutos depois, eu desço, o carro está estacionado, esperando-me. Estou mais do que furiosa, estou fervilhando de raiva.

O restaurante, apesar de elegante é mais intimista e acolhedor. O maître me guia até a mesa. Neil está concentrado na carta de vinho.

— Eu avisei você! — agarro o copo de água em cima da mesa, encarando-o, com os olhos chispando fogo.

— Você não se atreveria a fazer isso — ele me diz com olhar ameaçador.

Bem, ele verá que sou capaz de fazer muitas coisas.

Eu deixei-o furioso. Arremessar um copo d'água no rosto de alguém como Neil, é no mínimo burrice. O olhar letal que ele direcionou a mim fez com que toda minha altivez ruísse. Estou entre envergonhada e arrependida. Um garçom se aproxima dele com um guardanapo.

— Está tudo bem — ele pega o guardanapo de linho branco, enxuga o rosto e dispensa o garçom com um aceno de mão.

Volta a me olhar com um olhar ameaçador e eu reconheço que não deveria ter ido tão longe.

— Você está louca? — diz ele, num tom ríspido — Sente-se! Agora!

Apesar de irritada com seu tom autoritário, eu obedeco. Sou o centro das atenções no restaurante e isso me incomoda. Fixo o olhar na mesa, ainda envergonhada por minha atitude. Sei que minhas bochechas estão vermelhas e tenho vontade de enfiar minha cabeça em um buraco, no chão. Tenho raiva de mim, de Richard, Jenny e Neil. Nos amamos, isso é incontestável, então, por que simplesmente não simplificamos as coisas?

— Gostaria de saber o que aconteceu a cinco minutos? — diz ele, a voz calma, contradizendo com o brilho intenso em seus olhos.

Encaro-o por alguns segundos e volto a fitar a mesa. Meu jeito impulsivo, sempre me coloca em encrencas.

— Paige! — exige ele, em um tom de voz ameaçador.

— Você prometeu que não iria machucá-la, Neil — respiro fundo — No entanto, passei as últimas horas vendo minha amiga chorar desoladamente.

— Sinto muito — diz ele — Mas, foi ela que terminou comigo.

Sério? Eu tenho vontade de rir da cara de garoto perdido que ele fez. Onde está o homem autoritário e cheio de si que eu conheço?

— Isso não muda as coisas — digo frustrada — Por que você não deu espaço a ela? Por que não resolveu sua vida antes de mergulhar nessa relação e arrastá-la para o sofrimento com você?

Despejo sobre ele tudo o que penso, enquanto ele me escuta com paciência. Misturo minhas frustrações com as frustrações de Jenny em um daqueles monólogos incoerentes que os homens odeiam ouvir.

— Eu a amo — diz ele, quando eu finalmente me dou por satisfeita. Isso me desarma. Droga, ele não deveria ser fofo.

Eu deveria estar com raiva, deveria quebrar o prato de porcelana na cabeça dele. Mas eu só consigo sentir pena.

— Eu sei — encaro-o, resignada — O pior, é que Jenny ama você também. Então me diz, o que vocês dois estão fazendo com suas vidas?

— Jennifer precisa de um tempo — as palavras saem amargas de seus lábios. Eu vejo o quanto é difícil para ele acatar isso. Ele a respeita e principalmente respeita o espaço que ela necessita. Isso não quer dizer que não sofra.

— Então você vai dar o fora? Fugir igual um cachorrinho? — estalo os dedos ao pronunciar as últimas palavras. Preciso que ele reaja. Esse é um momento para agir como um troglodita — Esperava mais de você.

Seus olhos brilham, ameaçadores, mas eu não ligo.

— Pareço alguém que está fugindo? — retruca com rispidez — Não estaria aqui se estivesse fazendo isso. Minha vontade é de ir até lá e arrastá-la até meu quarto e nunca mais deixá-la sair de perto de mim, mas eu não posso. Não contra sua vontade.

— Sabia, que ela colocou na cabeça que vai embora? — murmuro, com voz chorosa.

— Ela não vai! — diz ele — Não vou permitir isso.

Um garçom se aproxima para anotar os pedidos.

— O mesmo — devolvo o menu sem olhar — Bem, como pretende fazer isso? Tentei convencê-la do contrário, mas foi em vão, Jennifer parece determinada.

— Eu tenho uma cabana em Vermont, há umas cinco horas daqui. Jennifer pode ficar lá por um tempo, ou até que eu conserte as coisas.

Não é engraçado como os homens vivem tendo que consertar as coisas? Primeiro eles roubam seu coração de forma avassaladora, depois fazem uma loucura com sua vida, para em seguida ter que colar os cacos caídos pelo caminho.

— Uma cabana em Vermont? — pergunto — Como pretende que ela vá para lá?

— Aí que você entra em cena — ele dá um sorriso charmoso.

— O quê? — pergunto atônita.

O garçom volta com a garrafa de vinho e serve nossas taças. Viro o copo em um só gole. Meu peito arde e meus olhos lacrimejam e em seguida. Seco a boca com as costas da mão de forma brusca, e volto a encará-lo. Ele só pode estar maluco. Como imagina que eu consiga arrastá-la até lá?

— Eu vou sugerir que ela vá. Você só tem que me ajudar a convencê-la.

— Como você pretende que eu faça isso? — volto a encher a taça com vinho — Jenny quer ficar a quilômetros de distância de você e, sua casa é o último lugar que ela iria.

— Cuidado com o vinho — Neil sugere, ao me ver virar outro copo.

— Não enche — reviro os olhos — Preciso de incentivo.

— Fique apenas do meu lado — continua ele, enquanto olha sua taça ainda intacta.

— Mas estarei traindo-a — sussurro.

— Para onde ela vai Paige? Sem dinheiro, família e amigos?

Medito sobre o que ele me diz. Eu não havia pensado sobre isso. Sobre os riscos que ela corre, andando por aí sozinha. Embora Jenny seja independente e dona de si mesma, corre riscos como qualquer mulher entregue à própria sorte, independentemente de sua cegueira.

— Está bem — suspiro — Isso resolve metade do problema. Como ela vai ficar sozinha num local isolado? E se alguma coisa acontecer?

— Terão seguranças vigiando a casa. Estarão prontos para socorrê-la a qualquer momento. Farão relatórios a mim todos os dias.

— Uau! — aponto o dedo — Caramba, você pensou em tudo. Jenny não vai gostar disso.

— Os fins justificam os meios, não é o que dizem? Além disso, você pode ir junto.

A ideia me parece boa. Depois do evento no sábado, eu teria que esperar o meu book ficar pronto e aguardar outras oportunidades de trabalho. E Vermont, fica apenas algumas horas de distância.

— Eu tenho meu trabalho — alerto-o.

— Trabalho? — Neil ergue a sobrancelha de forma irônica — Eu posso pagar o que esse homem paga a você.

Eu não sei o quão honesta Jenny foi com ele, mas eu não gostei da ironia em sua voz. Meu relacionamento com Richard, só diz respeito a nós dois. Quem é ele para fazer julgamentos quando ainda está preso à outra mulher?

— Eu não sou uma prostituta, Sr. Durant! — elevo a voz.

Algumas pessoas nas outras mesas nos encaram, curiosas.

— Fale baixo — ele ordena com raiva — Eu não disse isso. Olhe Paige, me preocupo com você e com Jennifer também. Você pode estar lidando com gente perigosa.

Volto a ficar envergonhada ao me lembrar o quanto perigoso Richard pode ser. Bem, entre quatro paredes, ou mesmo fora, ele é fatal.

— Sei me cuidar, não se preocupe — suspiro — Posso ir por alguns dias. Não precisa me pagar por isso. Jenny é minha amiga, farei qualquer coisa por ela. E como vamos resolver isso?

— Seu namorado? — ele pergunta, parece que seus pensamentos estão muito longe daqui.

— Jenny! — volto a revirar os meus olhos — Como você vai dizer a ela? Desculpe, mas ela prefere morrer a falar com você.

— Você tem que repetir isso a cada cinco minutos? — murmura, angustiado.

Gosto de provocá-lo. É divertido.

Durante o almoço, ele me coloca a par do plano ao que me parece perfeito, apenas para ele.

— Um encontro casual? — digo com descaso — Acha mesmo possível?

— Eu acho. Já nos encontramos casualmente uma vez. Podemos agora nos encontrar casualmente de novo — retruca, remexendo a comida — Previamente, marcamos o dia, no caso, esse sábado e o local e horário.

— Você estava nos seguindo aquele dia na lanchonete? — aponto a faca em sua direção — Confesse!

— Paige, eu estava com minha filha.

— É verdade — dou de ombros, voltando a me concentrar na comida — Agora me lembro. Mas

Jenny é inteligente e não vai acreditar nisso.

— Não importa, apenas garanta que ela esteja lá no sábado. O resto, você deixa comigo.

— Sim senhor — ergo a taça de forma irônica — Acho bom que esse seu plano dê certo. Eu não quero a raiva dela direcionada a mim. Você ficaria surpreso com o que ela é capaz de fazer.

Após o almoço, vou para à agência de Vitor. Ele me coloca a par sobre a inauguração da joalheria grega, Adamas Blue, que terá sua primeira loja no país. Há várias em toda a Europa, e pertencem a abastada família grega Rouva. Christos Rouva, dono e presidente da companhia viria para inauguração. Pelas fotos, parece-me simpático, apesar do ar intimidador que os homens gregos possuem.

— Parece que estão procurando uma jovem para representar as lojas aqui no país — Vitor me informa, antes de descermos do carro alugado — Impressiono-o e você terá o mundo aos seus pés.

Solto uma risada nervosa e tento me portar da forma que nós havíamos ensaiado durante a semana. Falar pouco, sorrir até que minha boca doa e acima de tudo, nunca perder o controle.

— Está linda — Vitor estende o braço para que eu me apoie — Esse vestido vermelho combina com seu tom de pele e a maquiagem está perfeita. Se eu não jogasse no mesmo time que você, estaria encantado.

— Obrigada.

— Pronta?

— Sim — respiro fundo e deixo-me ser conduzida por ele. Na entrada, há muitos fotógrafos, mas estão mais concentrados em uma nova celebridade que havia acabado de chegar. Pousamos para algumas fotos e Vitor me leva para os fundos da loja onde colocarei as joias para essa noite.

— Oh, Jesus Cristo! — encaro o estojo com um enorme e lindo colar de diamantes — Eu não posso usar isso.

— Pode, como usará — Vitor ri da minha expressão horrorizada. A peça gelada arrepiava minha pele inteira — Apenas tenha cuidado, está carregando, 429 diamantes brilhantes redondos, no total 20,25 quilates com definição em platina. Há mais de cinquenta mil dólares em seu pescoço querida.

— Não está me ajudando, Vitor — brinco tentando controlar o pânico.

Coloco os brincos combinando e saímos. O ambiente aos poucos começa a ficar lotado. Uma hora depois, já estou cansada de sorrir para todas as jovens e senhoras deslumbradas ali. Tudo o que querem saber, é qual a joia mais cara, e como farão para que os maridos as comprem. A história sobre a lapidação ou o que inspirou o artista não fazem diferença alguma. O que interessa, é ter uma joia cara para impressionar as amigas ou inimigas, ainda não me decidi sobre isso.

— Esse colar foi desenhado por Pierre Chevalier — eu explico a uma jovem inclinada contra o mostruário — Ele chama de “O pecado da deusa”. Foi inspirada na caixa de Pandora e...

— Não é um dos mais caros — ela empina o nariz desgostosa.

Eu tenho vontade de fazer essa nojenta engolir a placa de preço. O colar vale nada menos que dezoito mil. Ao invés disso, eu sorrio e faço uma cara de idiota, enquanto ela caminha até outra peça que despertou sua atenção.

— Levando-se em conta que a caixa de Pandora liberou todos os males do mundo, eu acredito que essa joia seja um perigo para os homens.

Viro-me em direção a voz masculina e sorriso devastador.

— Oi.

— Olá.

A minha frente, está um homem alto, loiro e de beleza máscula impactante. Imaculado num terno cinza grafite, uma chamativa gravata de seda listrada vinho e cinza.

— Você parece entender muito sobre joias — diz ele, seus dedos deslizam pelas mechas loiras que caem sobre a testa. O gesto parece impaciente, mas charmoso ao mesmo tempo — O que me diz sobre esse anel?

Aproximo-me do mostruário que ele indica, tento me lembrar do que havia aprendido sobre a joia. Não foi difícil, particularmente, a peça havia chamado a minha atenção, e eu tenho um catálogo para consulta, caso esqueça alguma coisa.

— Ah, é muito bonito, não é? Foi inspirado em Hércules. As esmeraldas em volta representam os doze trabalhos dele: O leão da Neméia, Hidra de Lerna... — inicio um discurso empolgado, apontando cada pedra em volta do diamante — Cada esmeralda cravejada representa um desafio, se você observar o desenho verá que...

Paro de falar ciente do intenso olhar fixo em mim. Há um meio sorriso na curva de seus lábios. Ela está se divertindo. A pergunta é: Comigo? Ou de mim?

— Bem — murmuro, envergonhada — Acho que me empolguei um pouco. Você deve querer saber sobre os valores.

— Não necessariamente — ele sorri — Gosta de mitologia grega?

— Quem não gosta? — respondo sem jeito — Não que eu seja uma especialista, mas faz parte do meu trabalho.

— Trabalho? — ele enrug a testa — Está trabalhando aqui?

— Sim — indico a joia em meu pescoço — Manequim vivo. Eles dizem demonstradora.

Ele vagueia o olhar de meu rosto até o colo e fixa-se em meus seios por um tempo, longo demais para o meu gosto. Não chega ser ofensivo, mas é constrangedor de certa forma. Seu olhar apreciativo é indisfarçável.

— Está apreciando a noite Sr. Rouva? — Vitor surge ao meu lado e agradeço internamente pela interrupção. O clima estava ficando estranho.

— Agora eu estou — murmura ele, sem desviar os olhos de mim — A noite ficou muito mais interessante, sem dúvidas.

— Pelo jeito, já conheceu Alexandros Rouva? — Vitor pisca para mim, discretamente.

Rouva? Mas isso é impossível. O homem que vi nas fotos era bem mais velho, embora, também fosse muito atraente. Pensando bem, eles são muito parecidos. Seriam parentes?

— O pai dele não pôde comparecer está noite, então, Alexandros veio em seu lugar — Vitor finaliza.

Isso explica tudo. Pai e filho.

— É um grande prazer conhecê-lo, Sr. Rouva — estendo a mão a ele. Ele segura minha mão com firmeza e leva aos seus lábios — A festa está linda e as joias são magníficas.

Merda! Ele lambeu mesmo a minha mão? Que atrevimento!

— Para você, apenas Alexandros — outra vez o sorriso sedutor — Paige.

Ele disse meu nome com a sensualidade de quem degusta de um manjar dos deuses. Não consigo evitar o toque de rubor em meu rosto. Meu Deus, todos os gregos são tão diretos e intensos como este

a minha frente, ou essa é uma característica dele?

— Querida, você pode fazer quinze minutos de descanso — Vitor me informa — Pode ficar no escritório.

— Certo — murmuro — Com licença, senhores.

Os dois conversam baixinho enquanto eu me afasto. Algumas mulheres com quem falei no decorrer da noite, pedem algumas informações e disponho-me em ajudá-las. Ao entrar no escritório, a primeira coisa que faço, é livrar-me dos sapatos de salto alto. São dois números menores do que uso, e estão me matando. Desabo sobre a cadeira e apoio os pés em cima da mesa. Estou exausta, e ainda teria mais três horas pela frente. Definitivamente essa vida não é para mim. Eu gosto de agitação, manter minha mente ocupada, o corpo em movimento. Ficar parada e sorrindo como uma idiota é martim quase insuportável. Mas eu preciso, tenho que manter isso em mente.

Fecho os olhos e as mensagens no celular enviadas por Richard, durante a semana, me veem a cabeça: Perdoe-me. Sinto a sua falta. Jante comigo hoje. Estou indo até aí.

Me pergunto, qual foi a reação dele quando não me encontrou em casa na noite anterior. Eu havia fugido descaradamente, passei a noite toda na casa noturna que eu Paul frequentávamos. Na verdade, desejei que me pegasse em seus braços, me levasse para casa, onde faríamos amor loucamente. Por quanto tempo eu ainda conseguirei ignorar meus sentimentos por ele?

Com esses pensamentos em mente, volto para meu posto na festa. Sorrir, falar, sorrir falar. Isso está ficando muito chato.

— Champanhe?

— Obrigada — pego a taça oferecida por Alexandros e viro em um gole só. Ele ri e eu ignoro.

Estou cansada, tensa e com vontade de ir embora. Nem mesmo esse lindo e charmoso homem consegue levantar meu ânimo.

— Conte-me o que sabe sobre a mitologia grega — diz ele, pondo-se ao meu lado.

— Falar sobre mitologia a um grego? — reviro os olhos — Seria suicídio.

— Gosto do seu senso de humor — diz ele, sedutor — É uma qualidade rara nas mulheres.

Nas mulheres, ou nas mulheres que ele sai? Bem, olhando em volta, eu não duvido do que ele fala. Claro que há mulheres interessantes e inteligentes aqui, mas parece que em sua maioria estão todas avoadas e deslumbradas com as joias ao redor.

Eu falo o que aprendi na escola e as demais coisas que as joias haviam me ensinado. Em pouco tempo, estamos presos em uma conversa animada sobre deuses, semideuses e todo esse mundo mitológico fascinante.

— Linda e inteligente — Alexandros aproxima-se um pouco mais de mim e sua mão pousa na curva de minha cintura — Uma mistura fascinante.

— Tire as mãos dela! — ouço uma grave e irritada voz atrás de mim — Agora!

Richard encara-o com olhar mordaz, desafiando-o.

— E se eu não quiser? — Alexandros provoca — Acho que a decisão é dela.

Richard me encara com olhos gelados, puxa-me para ele e lança um olhar raivoso em direção a Alexandros. Os dois se encaram como dois leões marcando território.

— Richard — coloco minha mão em seu peito ao vê-lo dar alguns passos em direção ao grego. Seus punhos estão cerrados e a boca em uma linha fina, tensa. — Por favor.

Droga! Que merda é essa? Parece que estou presa em um filme de faroeste e que irão sacar suas espingardas. Enquanto Alexandro encara Richard com um olhar debochado, Richard parece querer

matá-lo a qualquer momento. Eu nunca vi meu menino tão raivoso assim. Eu confesso, tenho muito medo do que ele venha a fazer. O que eu vou fazer agora?

Qual a linha separa a ira da insanidade? Se existe uma pessoa no mundo capaz de enlouquecer-me, chama-se Paige Fisher. Eu cometi um erro, na verdade eu cometi muitos erros. Até quando ela me fará pagar por isso? Provavelmente, eu cometerei muitos erros ao longo de nossas vidas e relacionamento. No entanto, há um fato inegável. Eu amo muito essa feiticeira.

Os dias estão sendo fodidos e as noites piores ainda, tudo porque essa linda cabeça dura não desarma as barreiras em torno dela e recusa-se a me perdoar.

Todas as vezes que liguei, tive o telefone desligado em minha cara. As mensagens que enviei; ou eram ignoradas ou respondidas com emoticon irônicos. E quanto fiquei irado com sua teimosia e havia ido até sua casa, dei-me com o apartamento vazio. Eu tenho dado a ela, todo o espaço necessário para que se recupere e entenda que seu lugar é ao meu lado. Porra! Isso está sendo muito difícil. Eu sinto falta dela pra caralho! A cama parece imensa, para mim.

O que eu quero, é jogá-la em minha cama, possuí-la de todas as formas que passei a maldita semana fantasiando. Fazê-la gozar e gritar meu nome, até que admita que sou tudo o que ela precisa na vida.

Contudo, o que eu quero, e o que eu tenho, são coisas completamente diferentes. Agora, estou em uma festa que não vejo razão nenhuma de estar, com pessoas que eu dispensaria em um piscar de olhos.

— Quer me explicar novamente por que estou aqui, Charles? — pergunto, antes de aceitar a taça de champanhe que um garçom nos oferece. Pegó-a mais para ter algo em mãos do que realmente para apreciar a bebida. Em exatamente meia hora, darei adeus a essa festa. Eu vou procurá-la novamente. E dessa vez, vou garantir que tudo se resolva de uma vez por todas, estou determinado a isso, nada me moverá dessa ideia. O jogo acabou.

— Christos Rouva abrirá duas lojas no seu precioso complexo em Dubai — diz ele, antes de tomar um longo gole de champanhe, enquanto a esposa solta seu braço e corre alegre até um mostruário de pulseiras de diamantes — Negócios são negócios. É nosso trabalho paparicar essa gente.

— Eu sou um engenheiro, e não um funcionário de relações públicas — retruco mal humorado — Pagamos muito bem para que outras pessoas façam esse tipo de serviço.

— Certo — Charles ergue as mãos em sinal de derrota — Eu não queria vir sozinho com ela. Britney anda intragável ultimamente.

Olho para o outro lado da loja e meu coração dispara. Próxima a Britney e inacreditavelmente linda, está Paige. O correto seria deslumbrante, em seu vestido vermelho sangue sem alças e colo à mostra.

Eu sinto meu corpo reagir, como sempre acontece quando estou perto dela. Vejo-a tocar delicadamente o colar em seu pescoço, e um lindo sorriso reluz em seu rosto. Porra! Ela é linda. Imagens minhas, jogando-a sobre o balcão e aterrando dentro dela, vem a minha mente imediatamente. Eu preciso resolver isso logo.

Sinto meu corpo congelar, quando um homem sussurra algo em seu ouvido e ela lhe dá um sorriso

que deveria pertencer somente a mim. E uma fúria incontrollável invade-me quando o cretino coloca a mão em sua cintura.

Já não escuto mais o que Charles fala. Aliás, não escuto uma única voz em todo ambiente. A raiva e incredulidade fazem meu peito explodir. Quem esse filho de uma puta pensa que é para tocar em minha mulher desse jeito? Eu vou fazê-lo engolir o sorriso ridículo que direciona a ela, junto com todos os seus dentes.

— Tire as mãos dela! — vocifero — Agora!

— E se eu não quiser? — o cretino tem a audácia de lançar um sorriso provocador a mim — A decisão é dela.

Caminho em direção a ele, e Paige coloca-se a minha frente, sua mão pousa em meu peito, tentando impedir-me a continuar.

— Richard! — seus lindos olhos verdes, encaram-me espantados — Por favor.

— O que você faz aqui? — a raiva é evidente em minha voz — Por que não atendeu minhas ligações?

O ciúme me corrói por dentro, e estou a ponto de perder todo meu alto controle, se é que já não o havia jogado pela janela. A ideia de que outro a toque ou se quer a olhe, deixa-me alucinado. Eu não posso descrever o amontoado de sentimentos dentro de mim, como um vulcão, perto a entrar em erupção. O sentimento de posse preenche-me por inteiro. Ela é minha, e nenhum verme como esse, tem permissão de tocá-la, com seu consentimento ou não.

— Aqui não é lugar ou momento para isso, Richard — ela geme.

— Esse cara a incomoda? — diz o homem.

— Esse CARA, é noivo dela! — sibilo — E quem é você?

— Ex-noivo! — Paige retruca — Na verdade, nunca fomos noivos de verdade. — Ela vira-se para o homem loiro — É uma longa história, Alexandros.

— Paige! — fecho os olhos e respiro fundo — Não teste a minha paciência. Você não irá gostar disso.

— Eu não gosto de muitas coisas que você faz — ela empina o queixo de forma insolente — Como isso por exemplo.

— Querida, se esse homem a incomoda, eu posso chamar a segurança — diz o homem, estendendo a mão à ela — Vamos até o escritório...

Foi suficiente para meu punho acertá-lo em cheio. Vejo-o cambalear para o lado antes de se lançar contra mim. A raiva que sinto é tão grande, que poderia enfrentar um exército facilmente. Ódio e o veneno do ciúme me controlam. Ele não deixa por menos, empurra-me contra uma vitrine que estilhaça com meu peso. As joias voam para o chão em todas as direções. Volto a me recompor e acerto um soco em seu estômago. Ele me devolve o golpe, mas desvio acertando-o no rosto. A sala mantém-se em silêncio, quebrado por um suspiro ou grito horrorizado. Parecemos dois garotos de rua disputando a mesma garota. E eu garanto que não serei o perdedor.

— Richard! — Paige abraça-me por trás — Pare! Está louco?

Tento afastá-la com delicadeza, mas, ela agarra-me com mais força, seu corpo colado ao meu. Sinto-a tremer em minhas costas e por um momento a razão me volta.

Giro-a de frente a mim. Está gelada e os olhos incrivelmente arregalados. Inferno! Não queria assustá-la. Eu sei que embora Paige seja uma pessoa passional, ela abomina violência. Essa é uma marca deixada pelo desgraçado do pai dela. Por isso, esse tempo todo, tenho tentado ser gentil e

paciente com ela. Mas caralho, um homem tem seus limites.

— Não volte a tocá-la — sibilo para o homem a minha frente — Se quer, olhar para ela novamente.

Seguro a mão trêmula e gelada firmemente e conduzo-o até a saída.

— Senhor — ouço um segurança aproximar-se de meu oponente que está escorado contra uma parede — Precisa de ajuda?

— Agora não, seu incompetente!

Passo a passo as pessoas se afastam enquanto caminhamos, abrindo-se como o Mar Vermelho. Há muito burburinho a nossa volta, isso não me importa. Cruzo com Charles que me encara com olhar incrédulo. Nunca em sua vida me viu tão desnordeado como hoje. Se ele tinha alguma dúvida sobre eu amá-la, já não existe mais. Nenhuma outra me enlouquece tanto e traz o lado mais selvagem de mim. Nenhuma outra é capaz de me fazer ficar de joelhos como ela faz.

— O que foi aquilo? — questiona ela, assim que alcançamos a calçada. aparentemente seu espírito indomável havia ressurgido.

Ignoro a pergunta, seguro-a firme pelo cotovelo e conduzo-a até meu carro.

— Entre! — sibilo para ela. Tento manter o controle, mas confesso que está sendo difícil.

— Não! — Paige literalmente bate o pé na calçada. Cruza os braços e volta a me enfrentar.

— Paige — pronuncio em um tom macio, e longe de estar calmo — Entra no carro.

— Não.

Então, ela não me dá alternativa. Sob seus gritos e tapas de protestos em meu peito, eu pego-a no colo, a jogo em cima do banco do passageiro e, bato a porta com força. Sento no banco do motorista e travo a porta, ao ver a intenção em seus olhos. Ignoro o olhar fulminante que ela me lança e saio cantando os pneus. Desejo que eu tenha sorte e nenhum carro de polícia cruze o meu caminho. Estou tão alucinado, que nem mesmo a lei poderia me frear.

— Richard! — grita ela, assim que passo voando pelo cruzamento. Afortunadamente, o sinal havia ficado verde na hora certa. Diminuo a velocidade. Embora eu queira dirigir até meu apartamento como se estivesse em uma pista de Fórmula1, não sou inconsequente de colocar a vida em risco — Temos que voltar.

Desvio o olhar da pista por um segundo e encaro-a com um sorriso irônico. Só voltaria para aquela festa para terminar o serviço que havia começado.

— Tenho que devolvê-las! — Paige me encara com os olhos arregalados e toca o colar em seu pescoço — As joias!

— Fodam-se as joias! — sibilo antes de parar o carro. Ergo a mão livre e agarro seu pescoço, trazendo-a para mais perto de mim — Foda-se o mundo todo!

Faço o que desejei desde que sai de seu apartamento há alguns dias, beijo-a.

Pura dinamite. É o termo correto para explicar o efeito que ela causa em mim. Fogo e pólvora, incendiando-me completamente. Beijo-a com paixão, ansiedade, fome, desespero e muito desejo. É tão intenso, que posso senti-lo correndo velozmente por cada veia de meu corpo, fazendo que meu coração bata desenfreado. Introduzo minha língua ainda mais profundo em sua boca, nossas línguas se enroscando, duelando, exigindo mais e mais de nós dois. Trago-a para meu colo e ela agarra meus cabelos do jeito que eu gosto.

— Tira essa merda! — murmuro, e arrebento o fecho que prende o colar em seu pescoço. Jogo a joia no estofamento do carro e volto a beijá-la quando deparo-me com seu olhar horrorizado.

Sim, estou com ciúmes da maldita joia. Sei que ela merece ser coberta de pedras preciosas. Só joias dadas por mim apenas, somente.

— Você é minha — repito o que já havia dito na festa. Não me importa que isso possa assustá-la. É um fato, que ela deve manter em sua mente e coração — Entendeu?

Agarro-a pela cintura e pressiono-o contra minha excitação latente.

— Sim — ela geme alto e meu gemido iguala-se ao dela.

Subo minhas mãos pela lateral de seu corpo e acaricio seus seios sob o vestido. Sua boca treme contra a minha, e isso me enlouquece. Puxo o vestido para baixo e seus seios saltam aos meus olhos. Lindos, empinados e perfeitos. Afasto meus lábios dos dela e mergulho neles, sedento. Lambo os mamilos que começam a ficar entumecidos, empinados para mim. Paige geme e se contorce em meu colo. Inferno! Cerro os dentes, tento me segurar para não perder o controle, é muito difícil. Meus dentes raspam a pele sensível, enquanto passo a língua em seu mamilo.

— Richard — Paige estremece em meus braços, arqueia as costas dando maior acesso para minha boca.

— Senti sua falta — sussurro, contra a pele macia — Muito.

Deslizo a mão pelas coxas torneadas. Apesar do vestido ter subido um pouco, ainda é uma barreira para mim. Eu não suporto barreiras entre nós, mesmo sendo um pedaço de pano idiota. O som do tecido sendo rompido mescla aos gemidos ecoando no carro.

— Você rasgou meu vestido! — ela sussurra, contrariada.

— Eu compro outro — deslizo a mão por suas coxas e toco-a intimamente — Compro quantos quiser. Eu não posso esperar, Paige.

Deslizo meus dedos em sua fenda úmida e introduzo um dedo, depois outro. O prazer de vê-la tão entregue a mim deixa-me ainda mais excitado. Meus lábios implacáveis voltam atacar seus seios, o prazer que sinto ao prová-los é quase doloroso, e meu corpo queima. Preciso tê-la imediatamente, a sensação é quase insana.

As mãos dela dedilham minha calça e desajeitadamente liberta meu membro dolorido de excitação, agarra-o com suas mãos de seda, acariciando-o. Salto involuntariamente com o choque de seu toque. Eu sou frio. Paige, percorre meu pênis com os dedos, apertando-o em seguida. Eu continuo trabalhando em seu interior enquanto ela me enlouquece.

— Chega! — afasto suas mãos de mim, quando seus movimentos aceleram. Mordo o lábio, mas sou incapaz de impedir que um gemido agonizante escape de meus lábios — Quero foder você e não que você me foda.

Um grande sorriso forma em seus lábios e volto a beijá-la sofregamente. Procuro um preservativo no bolso da calça, rasgo a embalagem com os dentes. Algo diferente brilha nos olhos dela ao ver o látex. Volto a beijá-la longamente para afastar qualquer pensamento triste. Ainda tenho que resolver essa merda, mas não essa noite.

— Amo você — olho dentro de seus olhos quando pronuncio as palavras. Quero que tenha certeza sobre isso — Vai ficar tudo bem.

— Também te amo — ela sussurra, baixinho — Desesperadamente.

Vejo a paixão arder nos seus lindos olhos verdes. Ela é fodidamente sexy para mim e meu corpo dói com a necessidade de estar dentro dela. Preciso disso ou perderia o juízo a qualquer minuto. Seguro sua cintura com firmeza, levanto-lhe o quadril, deslizando meu pênis em seu interior. A princípio, lentamente para que ela se ajuste a minha invasão. A sensação de sucção em torno de meu

membro leva-me ao céu e inferno ao mesmo tempo. Eu bombeio forte e ela me acompanha em um ritmo alucinante.

— Paige! — seu nome escapa de meus lábios e aumento ainda mais a velocidade — Paige. Porra! Isso querida.

Oh, Deus! Isso é muito bom. Meus dedos acariciam seu clitóris sem pausa, sem hesitação, sem piedade.

— Oh, Senhor! — ela geme alto, contorcendo-se ainda mais. Os gemidos altos que enchem o interior do carro, enquanto ela joga a cabeça para trás, suas mãos agarradas em meus cabelos — Não para... Não para! Richard!

Mantenho a pressão e ritmo dentro dela. Desejei fodê-la até a morte, mas eu que me sinto desfalecer a cada segundo. Cada investida profunda, meu corpo incendeia de forma deliciosa, e tentar evitar o clímax é um prazer doloroso.

— Vem querida — abraça-a pela cintura, colando-a ainda mais contra mim e aterro-me dentro dela — Isso! Assim! Isso!

Sinto seu orgasmo se construindo, dominando brutalmente, uma explosão que a faz chorar em voz alta, quando o êxtase percorre seu corpo trêmulo. Seus músculos internos pulsam ao redor de meu pênis, ordenhando-me. A loucura me invade, empurro mais profundo para dentro de sua vagina e minha mente desliga-se completamente, perco a capacidade de raciocínio. Um grito salta de meus lábios imediatamente mergulhando em um prazer absoluto.

Ficamos assim, abraçados por um tempo, recuperando o fôlego. Paige entregue em meus braços, mole, saciada, feliz. Eu me sinto um filho da mãe sortudo. Nós nos completamos. Ela é minha e eu sou dela, simples assim.

Uma batida na janela tira-nos do estado de estupor que nos encontramos. Subo o vestido dela e sento-a no banco de passageiro. Olho pelo retrovisor e vejo um carro patrulha atrás de nós no acostamento. Inferno! Arrumo minhas roupas rapidamente, embora fosse desnecessário. O carro cheira a sexo.

Abaixo o vidro o mínimo possível e encaro o policial.

— Documentos — diz ele.

Retiro os documentos do carro do porta luvas, xingo-me mentalmente por ser pego como um adolescente, e entrego os documentos a ele.

O homem examina-os e volta para o carro patrulha, falando no rádio. Paige encara a janela e não posso dizer se está irritada.

— Sinto muito — sussurro, antes de levar sua mão aos meus lábios. Ela continua olhando através da janela e sinto que estou bem encrencado.

Droga! Droga! Droga!

— Tudo bem com você moça? — pergunta ele, ao voltar para devolver a carteira. Ele olha para seu vestido rasgado, com desconfiança.

— Sim senhor — murmura ela — Estamos voltando de uma festa. Foi um acidente.

— Tem certeza? — ele olha-a, insistentemente.

— Sim senhor — ela sorri — Obrigada.

— Certo — murmura ele — Sua ficha está limpa, por isso, vou deixar passar dessa vez. Encontrem um lugar adequado para isso.

Gostaria de mandá-lo cuidar da própria vida, mas definitivamente não desejo terminar a noite em uma cela. Tenho planos muito melhores para essa noite.

Assim que o policial se afasta, uma gargalhada ecoa no interior do carro. Paige está dobrada contra os joelhos rindo descontroladamente.

— O que foi? — seu riso é contagiante e traz um sorriso em meus lábios.

— Somos completamente malucos — ela seca as lágrimas de seus olhos — Pensei que seríamos presos a qualquer minuto.

Quando essa mulher deixaria de me surpreender. Há alguns minutos imaginei que arrancaria meus olhos com as unhas, e ela simplesmente acha tudo muito divertido. Feiticeira. Sua missão na vida é me enlouquecer.

— Vamos embora — prendo o cinto de segurança em volta dela — A noite está apenas começando. Quero fazer amor com você de todas as formas.

E foi assim a noite toda.

Os primeiros raios de sol atravessam pela janela, mas não foram eles a me acordar. E sim o som insistente do celular vibrando em cima da mesinha de cabeceira. Afasto-me gentilmente de Paige, que sussurra algo incompreensível e se aconchega mais em meu peito. Estico o braço e pego o aparelho para que ela não acorde.

Ligação de Charles.

Olho para o relógio e vejo que passam das oito horas. O que ele poderia querer em um sábado de manhã. Meu desejo é ignorá-lo, mas algo me leva a atender.

— O que você quer? — sussurro.

— Onde você está? — diz ele, irritado.

— Em casa — retruco — Onde acha que estaria?

— Então acho melhor você vir para cá imediatamente — ele urra — Você não só fez um estrago na festa, como saiu levando quase cem mil dólares em joias.

— Onde você está?

— Na casa da mamãe — diz ele — Há um policial na porta dela. Mamãe está furiosa.

Porra! Nada poderia ser pior que isso!

— Estou indo até aí — murmuro, antes de desligar.

Olho para Paige que dorme profundamente. Aliso seus cabelos macios. Eu não dei muito espaço a ela durante a noite. Era muita saudade reprimida. Ainda desejo-a loucamente, mas eu preciso resolver essa merda. Pego um bloco de notas e deixo um bilhete em seu travesseiro. Desejo resolver tudo rapidamente. Ainda temos muito o que conversar. A noite passada foi resumida a sexo e alguns cochilos.

Beijo seus lábios antes de sair. Já sinto saudade.

Acordo, mas me recuso a abrir os olhos. Essa sensação letárgica que temos ao acordar de manhã é tão prazerosa que seria um sacrilégio ter que abandoná-la. Eu estou tão feliz que poderia sair gritando pela casa. A noite foi perfeita, não, foi incrível. Meu corpo vibra apenas com as lembranças. Saudade é pouco para descrever o que sentíamos antes. Fome, necessidade, desejo, desespero, acho que explica melhor tudo o que sentimos e vivemos com a nossa separação.

O que havia começado como uma pequena brincadeira da minha parte para dar uma lição na ex-noiva de Richard, havia modificado nossas vidas para sempre.

Eu não estive à procura do amor. Para ser sincera, queria-o a quilômetros de mim. Já havia sofrido com a decepção, traição e abandono. Quando você passa por coisas assim, você se fecha. No entanto, toda essa determinação ruiu quando coloquei os olhos nele pela primeira vez, na casa noturna. No momento que meus olhos se conectaram com os dele eu soube que estaria perdida.

Eu tentei fugir, inutilmente. Quando o amor escolhe você não há lugar no mundo onde possa se refugiar. Ele nunca irá deixá-la sozinha depois que ele te marca. Mas apesar de tudo, vale a pena. Mesmo que seja por um instante, por um único beijo. Sempre vale a pena, se por um segundo, você se sentir amada.

Estico meu braço e sinto o vazio ao meu lado da cama. Está frio. *Por favor, Deus*, que não tenha sido apenas um sonho, rezo internamente.

Abro os olhos lentamente, deparo-me com o teto branco, em seguida meus olhos vagueiam por todos os móveis do quarto, em reconhecimento. Não foi um sonho.

— Richard? — sento-me na cama e o lençol de cetim, desliza pelo meu corpo. Estou nua. Dessa vez eu não havia feito isso durante o sono. Ao entrarmos no apartamento, a primeira coisa que ele fez, foi terminar de rasgar o vestido em meu corpo. Ainda não sei como vou explicar isso na agência. De qualquer forma, já devo estar sem emprego novamente — Richard?

Inclino a cabeça em busca de algum som vindo do banheiro. Silêncio. Um pequeno papel amarelo em cima da cama chama a minha atenção.

“Fui resolver o problema sobre as joias. Volto o mais rápido que puder. Continue sem roupas. Eu te amo”.

Caramba! As joias! Toco meu pescoço nu e gemo. Havia me esquecido completamente sobre isso. Alexandros deve estar furioso, não só pelo fiasco que a inauguração da loja havia se transformado, mas porque, eu havia saído levando as joias. Será que ele deu queixa à polícia? Essa possibilidade me faz tremer. Respiro fundo, se Richard disse que resolveria isso, eu devo manter a calma. Ele deve saber o que está fazendo.

Volto a olhar para o bilhete em minha mão.

— Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo! — repito várias vezes de forma abobalhada.

Alguns minutos e devaneios depois, levanto-me e vou para o banheiro. Tomo um longo banho,

escovo os dentes e tranço os cabelos. É o melhor que consigo no momento.

Volto para o quarto e vasculho o closet em busca de algo que me sirva. Richard é alto e atlético. Embora eu não seja baixa, suas roupas nadariam em mim. Escolho uma camiseta do time de basquete que ele adora. Ela é longa o suficiente para quase chegar aos meus joelhos. Eu não vou andar nua pela casa só porque ele fantasiou isso. As coisas não podem ser tão fáceis assim, ele deve pelo menos, ter o trabalho de tirar minha roupa. Essa é a parte mais divertida, claro, quando ele não as rasga. Mas isso também é excitante, erótico. Eu gosto quando ele é selvagem.

Meu estômago ronca, e lembro-me que não havia comido desde o almoço no dia anterior. Isso para mim é um recorde. Se há algo que tenho sorte na vida é poder comer tudo o que quero sem me preocupar com o peso.

Saio do quarto e vou para cozinha, abro a geladeira, há tanta coisa lá dentro que fico indecisa por alguns segundos. Por fim, escolho suco de laranja, iogurte e frios para um sanduiche, estou faminta, isso não é novidade.

Os meus pensamentos voam longe enquanto como. Hoje é sábado. Um sinal de alerta vem a minha cabeça. Puta merda! Havia prometido ajudar Neil a acertar as coisas com a Jenny.

Preciso voltar para casa, preparar o terreno. Eu não quero ir. Não sem antes conversar com Richard. Embora a noite tenha sido maravilhosa, nós temos muitas coisas para esclarecer. Ainda é difícil para mim engolir que ele tenha afogado as mágoas com a inominável. Isso me deixa muito furiosa. Desejo arrancar os olhos dela com uma pinça ou coisa pior. Há inúmeras coisas dolorosas que gostaria de fazer com aquela nojenta.

A campainha toca, afastando-me desses pensamentos violentos e atrativos. Quem poderia ser? Será que Richard havia esquecido as chaves na hora da pressa?

Corro descalça para abrir a porta, feliz por ele já ter voltado, e meu sorriso se desfez quando vejo quem é.

— Tinha certeza que estaria aqui.

Droga! A vida é assim, pelo menos a minha vida.

Quando imagino que está tudo certo, vem alguém com um balde de água fria em minha cabeça. Sempre há espaço para mais um pouquinho de merda. E meu sexto sentido me diz, que essa é uma das grandes.

Ela passou pela porta régia, como uma rainha, à espera de que todos seus súditos curvem-se a sua suntuosa presença. Caminha altivamente até o sofá que circula a sala e me encara, seu olhar é nada menos do que, enojado. Eu bato a porta com mais força do que o necessário e viro-me para encará-la. Ela me odeia e eu a detesto. Ótimo, essa visita será maravilhosa.

— Como vai Diana? — o nome escorrega como fel pelos meus lábios.

— Sra. Delaney para você — diz ela, medindo-me de cima a baixo. A boca em curva, mal disfarçando à aversão com minha vestimenta — Sente-se.

Ela indica uma poltrona ao meu lado, em frente a ela do outro lado a mesinha de centro. Uma ordem. Continuo de pé, encarando-a, desafiando como sempre faço. Bruxa irritante.

Desvio o olhar dos olhos gélidos para a bolsa em seu colo. Ela tira um envelope pardo de dentro à bolsa. Em seguida joga-o em cima da mesa, em minha direção. Não faço a mínima ideia do que há

ali dentro. Tenho certeza é de que eu não vou gostar nem um pouco.

— Vamos falar sobre negócios — diz ela, cruzando as pernas. Seu olhar para mim é semelhante ao de quem vê uma barata nojenta ou algo rastejante.

Uma pessoa mais fraca se sentiria intimidada com sua atitude ríspida. É obvio para mim que Diana acredita sermos de mundo diferente.

Ela é uma dama eu sou a plebeia. Ela é refinada, pertence a alta sociedade nova-iorquina e eu, sou apenas uma ex dançarina de boate, indigna até mesmo de respirar o mesmo ar que ela.

Não foi preciso que me dissesse tudo isso. Está estampado em seu rosto e no desprezo em seus olhos. Como se tudo isso me importasse. Não mesmo. Realmente não me importam. Eu não vivo no século passado. Não estamos nos tempos coloniais e não preciso desesperadamente do sinal verde dos pais do noivo. Então, ela pode pegar todas essas ideias pré-concebidas e tão arcaicas quanto ela, e enfiar no rabo.

— Negócios? — eu pego o envelope, apenas por curiosidade, bato-o em minhas mãos por alguns segundos. Eu quero saber até onde ela irá com isso — Que tipo de negócios, exatamente?

— Quinhentos mil dólares na sua conta. Um apartamento na cidade em seu nome — diz ela, com a mesma naturalidade de quem passa uma receita de bolo — Para que fique longe do meu filho.

— Uau! — encaro-a, incrédula — Tudo isso para me ver longe?

— É muito mais do que pagaria para uma mulher como você — ela sorri — Mas o sacrifício valerá a pena. Considere como um investimento.

— Por que eu deveria aceitar, isso? — murmuro.

— Você não se enquadraria em nosso estilo de vida — ela alisa os cabelos de forma dramática — Você é tudo “inha demais”, simplesinha, pobrezinha... Meu filho logo ficaria enfadado, você se tornaria um problema, um estorvo. Não leve para o lado negativo. As coisas são como são. No entanto, estou disposta a aumentar a oferta. Poderá viver muito bem com seus amigos e quem sabe encontrar outro jovem mais compatível a você.

— Patrice seria uma escolha apropriada? — não sei porque levantei o nome dela. Talvez eu tenha uma frágil esperança que no fundo ela esteja preocupada com a felicidade do filho, mesmo que de forma errada. Uma negativa dela, e estaria disposta, mesmo achando impossível, tentar entendê-la.

— Sem dúvidas...

— Ela o traiu da forma mais vil — interrompo-a, coberta de indignação — Que tipo de mãe você é?

— Todos cometem erros — Diana curva os ombros, indiferente — Ela o traiu, ele a trairia em algum momento da vida. Acontece, nas melhores famílias.

— Richard não faria isso — defendo-o — Simplesmente porque ele abomina esse tipo de coisa. Não conhece o próprio filho?

Eu estou dividida. A parte impetuosa de minha personalidade, está tendo cólicas de tanto rir do absurdo de tudo isso. Seguro a risada histérica com muito custo. Essa mulher é incrivelmente arrogante e estúpida.

Do outro lado, há outra metade de mim, a parte sensível e humana, que de alguma forma idiota, só quer ser amada, que chora desoladamente por não ser aceita do jeito que é, simples, mas sincera.

Que merda é essa? Deveríamos ser no mínimo, amigas. Deveríamos estar fazendo coisas; planejar casamentos, escolher igrejas, e todas essas coisas que mães se animam, quando os filhos encontram-se apaixonados.

Diana nunca me verá como a mulher que faz o filho dela feliz. Isso é um fato. Não importa quanto tempo passe ou o que aconteça, sempre serei nada menos que uma intrusa indesejada. Uma alpinista em busca de uma vida fácil e fortuna. Nunca entenderá que eu amo-o acima de qualquer coisa.

Isso me entristece, embora eu não vá fraquejar diante dela. Nunca seremos uma família completa e feliz.

Angustia-me saber que em algum determinado momento, Richard terá que optar por uma de nós duas. E qualquer escolha que ele faça, trará dor e decepção para um dos lados. O quanto disso eu sou capaz de absorver? Todos sairíamos derrotados. Uma batalha, ela já havia ganho, a dor e mágoa em meu peito é inexplicável.

— Lamento desapontá-la. Eu não estou interessada — começo a rasgar o envelope — Richard me oferece muito mais....

Eu solto as folhas picadas, fazendo uma chuva de papel em frente a ela.

— Ele me oferece uma coisa que você e ninguém jamais poderá me oferecer — dou um enorme e cínico sorriso para ela, embora por dentro esteja em frangalhos — Ele me dá sexo louco. O mais louco, selvagem e maravilhoso de toda a minha vida. Atenção, amor e carinho. Tudo o que qualquer mulher sonha em encontrar. Ele não é nada perfeito eu sei, tem vezes que eu desejo matá-lo. Só que eu não troco-o por nada no mundo.

Vejo a boca dela abrir e fechar diversas vezes com meu discurso. Os olhos estão tão esbugalhados como um peixe morto.

— O que falta a você é um homem. Talvez seja por isso que você é tão amarga. Todo seu dinheiro nunca lhe trouxe felicidade plena, prazer. Nenhum homem deve tê-la amado de verdade.

— Sua insolente! — Diana levanta-se fulminando-me com o olhar. Suas narinas estão dilatadas.

— Um homem nunca deve ter gritado seu nome na hora mais intensa de amor — continuo levada por uma revolta e coragem incontrolável — Nunca deve ter feito coisas absurdas por você e nunca deve tê-la deixado louca. Nunca deve ter desejado morrer para que a dor de perdê-lo parasse de machucá-la tanto e ao mesmo tempo querendo viver apenas mais um dia, ansiando em estar em seus braços por mais uma noite, desejando ardentemente que esse momento fosse eterno — respiro com certa dificuldade, mas as palavras continuam jorrando de minha boca — Nada disso pode ser comprado. Nem mesmo por todo dinheiro que possa me oferecer ou por qualquer palácio de cristal, frio e solitário como o que você vive.

— Não pense que esse discurso me comove. Se acha que se fazendo de difícil irá arrancar mais dinheiro de mim, está enganada — diz ela, como se tudo que eu disse não tivesse a sensibilizado em nada — Conheço garotas como você. Já tive que lidar com elas antes. Não permitirei que se infiltre em nossa família como uma praga. Não sabe com quem está lidando, minha jovem.

— Dane-se! — caminho até a porta, desorientada e cuspiendo fogo por meus olhos. A raiva queima meu corpo como chamas derretem a vela — Saia daqui ou sou capaz de dar exatamente o que você merece!

Diana ajeita a saia e tira um cisco invisível de seus ombros voltando a postura inabalável de sempre.

— Isso só prova o que sempre soube — diz ela — Não se enquadra em nossa vida. Acha que sou cruel? Imagine o que os jornais fariam com você, as rodas de fofocas. Não sobreviveria um único dia. Ou no mínimo, levaria nossa família para a lama. Não tem classe, cultura e educação.

Enquanto eu fervo por dentro, ela parece irritantemente calma. Enfatizando ainda mais nossas

diferenças. Juro que estou tentando me segurar, mas estou a um passo de arrancar todos os fios de cabelo dela.

— Eu morreria antes de permitir que fizesse parte de minha família, digo no sentido literal! — pela primeira vez, há um pouco de paixão em sua voz — Cedo ou tarde meu filho verá quem você realmente é. Se for tão inteligente como penso, aceitará minha oferta. Acredite, estou sendo muito generosa.

— Saia! — ela tem razão, não lido com as coisas com essa frieza e indiferença que ela emana, eu simplesmente arrasto-as como um furacão.

Se para me enquadrar ao mundo que ela tanto ostenta eu tenha que ser como ela, prefiro pedir esmolas no farol.

— Saia!

Assim como entrou, ela saiu. Inabalada, inalcançável e fria. Há tanto gelo dentro dela, que até o ambiente em volta parece congelado.

Imagino-a nos tempos vitorianos. Liderando e controlando uma sociedade hipócrita e intimista, com mãos de ferro. Definitivamente, essa mulher havia nascido alguns séculos atrasada. É quase inacreditável, que ainda existem pessoas assim. Onde o dinheiro e aparências estão acima de tudo, até da felicidade de quem dizem amar.

Pobre Richard, como deve ter sido triste e solitário, crescer em volta de pessoas sem calor humano. Sem alma. Como ele havia se tornado alguém tão maravilhoso? Não perfeito, mas quase perto.

Passou-se algum tempo até que eu conseguisse pensar com clareza. Ainda sinto minhas mãos tremerem muito. Lágrimas queimam os meus olhos, pisco várias vezes para afastá-las. É difícil, não sou de ferro. A rejeição dói, não importa de onde ela venha. Por que há em nós essa necessidade de ser aceita, amada e querida?

Por tantos anos e tantas vezes, eu fui desprezada, traída e esquecida. Já deveria ter criado uma couraça em meu coração, onde palavras cruéis, não me atingissem tanto, não doessem, mas, não é assim. Isso machuca, mesmo vindo de uma tremenda cretina como Diana.

— Dane-se! Eu não preciso da aprovação dela! — murmuro para mim mesma, tentando convencer-me disso. Fecho a porta que havia deixado escancarada após ela sair — Ele me ama. É tudo o que preciso saber.

Passo pela chuva de papel espalhada pelo carpete claro. Se eu pudesse destruir todas os problemas da minha vida como aquele envelope, tudo seria mais fácil.

Volto para o quarto desanimada. Ser forte o tempo todo, às vezes esgota. Quando tudo que eu queria é alguém para me abraçar. E dizer que tudo ficará bem. Como minha mãe, por exemplo. Ela nunca me fez tanta falta como agora.

— Eu não vou chorar — afasto as lágrimas com raiva.

Reviro o closet e encontro um short preto com listras brancas nas laterais, a cintura é ajustada por cordões, então, visto-o e faço um nó para que não caia. O resultado não é nada sexy e eu gemo. Bem, é isso ou ir nua para casa.

— Chega de confusões por hoje — falo para a garota em frente ao espelho — Anime-se.

Escrevo um bilhete e deixo no mesmo lugar que havia encontrado o bilhete dele e saio.

Gostaria de ter ficado no apartamento de Richard e tê-lo esperado chegar. Só que eu fiz uma promessa, não posso quebrá-la. Tenho sido uma amiga terrível para Jenny a começar pelo fato de que, não deveria deixá-la sozinha por tanto tempo.

Meu telefone toca assim que abro a porta. Eu não preciso do identificador para saber quem é.

— Paige? — a voz soa um pouco exaltada — Onde você está?

— Abrindo a porta do meu apartamento nesse momento.

Ouçoo o suspiro impaciente do outro lado.

— O que faz aí?

— Essa é minha casa — retruco — Bem, ainda é.

— O que aconteceu? — ele parece impaciente — Alguém esteve aqui? Porque há uma chuva de papel picado na sala?

Sua mãe é uma vaca, me ofereceu dinheiro para deixá-lo, e eu gostaria de ter enfiado a proposta no traseiro dela.

A resposta parou na ponta da minha língua. Queimando para ser despejada. Eu me controlo. Estou ficando boa nisso, em controlar essa dama indomada que habita em mim.

— Não é uma coisa que eu possa falar por telefone — respiro fundo — Sua mãe me fez uma visita essa manhã. Foi bem desagradável.

Silêncio. Um longo e tortuoso silêncio.

— Ela maltratou você? — diz ele, receoso — Por isso você foi embora?

— Sim... não — apoio-me contra a porta — Falamos coisas desagradáveis uma para outra — esfrego a testa, sinto um martelo ecoando dentro de minha cabeça — Richard, prefiro falar pessoalmente. Pode se encontrar comigo no Central Parque hoje à tarde?

— Estou indo até aí agora!

— Não! — corto-o apressadamente. Eu preciso de uma justificativa para dar a Jenny, além disso, nunca conseguimos conversar entre quatro paredes, ou brigamos ou vamos para cama. Sem resolver absolutamente nada — Eu preciso fazer uma coisa. Encontre comigo lá.

— Eu não gosto disso — ele murmura, inconformado — Pensei que chegaria em casa e a encontraria nua, na cama. Em vez disso, encontro a casa vazia e uma história mal contada.

— Nua? — digo com a voz rouca — Eu posso ir nua, se isso o faz se sentir melhor.

— Faça isso, se não se incomodar em me ver algemado.

— Gosto da parte das algemas — provoco-o — Parece sexy.

Eu consigo imaginar o sorriso sedutor do outro lado da linha. Eu venderia minha alma para presenciar esse sorriso todos os dias.

— Está tudo bem mesmo? — ele murmura. Detecto a tensão em sua voz.

— Eu não sei — sinto uma pequena pontada no peito. Tenho que ser sincera. A única certeza que eu tenho é que o amo. Isso será suficiente? — Às duas horas no Central Park. Certo?

— Está bem — sussurra — Até mais tarde.

Merda, ele realmente havia ficado chateado. A minha lista para fazer coisas estúpidas cresce mais do que uma ficha criminal. Espero que pelo menos, no quesito amizade, eu tenha mais sucesso. Eu tenho algumas horas para tentar convencer minha amiga teimosa e cabeça oca a sair de casa.

— Se vocês estão bem, por que eu preciso estar presente nessa conversa? — diz ela, sem muita convicção sobre a minha sinceridade — E por que o parque? Vá para o apartamento dele ou ele que venha até aqui.

— Você sabe como eu sou — faço uma voz inocente, enquanto leio a mensagem no celular.

“Estou a caminho.”

Neil. Droga!

Respondo a mensagem rapidamente. O plano poderia ter sido perfeito, se não tivéssemos subestimado a capacidade que Jenny tem de seguir sempre pelo lado contrário.

— Depois de tudo que eu disse, e ouvi da mãe dele — respiro fundo, antes de ler a próxima mensagem — Eu sou capaz de matá-lo.

“Defina o que quer dizer com problema”?

— Por que? — ela me encara, confusa — Que culpa Richard tem sobre isso? Aquela mulher é insuportável.

— Por favor, Jenny — faço voz de choro e me ajoelho em frente a ela, segurando suas mãos geladas — Por favor! Por favor!

O celular apita, nova mensagem.

“Convença-a ou vou até aí!”

Arg! Por que os homens são criaturas tão irritantes? Em se tratando de Jennifer, Neil é o homem mais irracional do mundo. Imagino que não há nada que ele não faça por ela. É interessante ver um homem como ele ser domesticado ao ponto de agir como um cordeirinho. Ao mesmo tempo, é revoltante que ela o trate dessa maneira. Tudo bem, a mulher dele é uma vaca, não há argumentos contra isso. E essa relação é bem complicada, porém, o homem está tentando resolver as coisas. Ela deveria dar uma oportunidade a ele. Mais do que ninguém, eu aprendi que fugir não resolve nada.

— Com quem você está falando? — pergunta ela, após o bip de mensagem.

— Richard — minto descaradamente.

Ela desliza pelo sofá, vejo que há uma guerra em seu interior. Eu não consegui ser convincente o suficiente e sei que ela desconfia de algo.

— Está bem — diz ela. Embora tenha firmeza na voz, seu rosto demonstra pouca confiança — Mas nada irá mudar. Estou decidida.

Caramba! Ela é o que? James Bond? Talvez seja a deficiência dela que a deixe aguçada para muitas coisas ou eu realmente sou uma péssima mentirosa.

Eu não estou nua, como insinuei ao telefone. Mas o short curto que estou usando irá deixá-lo louco com certeza. Passo um batom vermelho fogo nos lábios e contemplo a imagem refletida no espelho. Nada mal. Pisco para jovem travessa no espelho e saio do quarto.

— Está pronta?

Jenny usa uma saia jeans desbotada e uma camiseta que eu sei que não é dela. O sorriso brilha em meus lábios. Para quem diz querer manter distância, ela age de uma forma bem peculiar.

— Estou — ela responde. Noto-a torcer os dedos, sempre faz isso quando está nervosa. Eu chego a sentir pena, e torço muito para que as coisas se acertem de uma vez por todas.

Seguimos para o parque e eu tento mantê-la com a mente ocupada. Não parece surtir efeito já que

ela responde minhas perguntas de forma monossilábica.

Conduzo-a para o local combinado. Meu monólogo até então animado é interrompido por algo que me chama atenção. Isso é inacreditável.

Há alguns metros à frente estão os homens de nossas vidas. Em uma conversa bem íntima. Esse é um mundo muito pequeno ou o destino resolveu conspirar contra mim. Nem nos meus melhores devaneios, poderia se quer imaginar que Richard e Neil se conheciam. Essa cidade é enorme. Qual a probabilidade disso? Pensando bem, os dois são empresários de sucesso, os dois vem de uma das famílias mais importantes do país. O irreal é duas garotas comuns como Jenny e eu termos cruzado seus caminhos.

— Olá, querido — aproximo-me de Richard e dou um beijo em seus lábios. Meu corpo reage a isso. Jesus! Acho que estou me tornando uma ninfomaníaca. É a única explicação para isso.

— Sr. Durant! Que coincidência encontrar você aqui — cumprimento Neil, tento fazer uma voz de surpresa, o que na verdade soa cômico. É, definitivamente eu sou uma péssima mentirosa — Veja quem está aqui, Jenny. Não é uma coincidência e tanto?

— Olá Paige — ele responde, evasivo. O olhar focado em Jenny, parece que não existe mais ninguém para ele aqui.

— Vocês se conhecem? — Richard pergunta, intrigado.

— Claro. Ele é o namorado da Jenny. Quer dizer, ex-namorado.

— Namorado? — Richard encara Neil com o olhar confuso. Volta para Jenny e parece estar indignado — Neil, você teve coragem de...

— Que bom que está aqui, Sr. Durant — interrompo-o antes que ele fale algo que não deva — Assim pode fazer companhia a Jenny, enquanto Richard e eu conversamos.

— Paige... — Jenny sussurra, angustiada — Acho melhor...

— Volto em meia hora — lanço um olhar ameaçador para Richard e arrasto-o para o outro lado do parque.

— Como ele pode ser o namorado dela? — diz ele, indignado, interrompe meus passos e obriga-me a encará-lo — Ela sabe que ele... Bem que ele é...

— Casado?

— Sim — seu semblante parece mortificado — Jenny sabe sobre isso?

— Sim, ela sabe — murmuro — Se vocês são amigos, entende as circunstâncias desse casamento.

— Sim, mas... — Richard parece dividido — Isso é errado.

— Ah! — afasto-me dele e sento-me em um dos bancos próximo a nós — Há, algo que herdou de sua mãe. É tão moralista quanto ela. São apenas duas pessoas apaixonadas, Richard. Estão tentando encontrar uma forma de se entenderem. Se fosse o contrário? Se tivesse casado com Patrice e depois descobrisse a vaca que ela é? Se nossos caminhos houvessem se cruzado depois disso, ainda pensaria assim?

Ele me encara com olhar culpado. É muito fácil julgarmos quando olhamos as coisas de fora. Grande parte das pessoas, as falsas moralistas, diriam que Jenny é uma destruidora de lares, quando na realidade isso está bem longe.

— Você tem razão — diz ele — Eu não desistiria de você, independente do que acontecesse ou o que tivesse que enfrentar.

É impossível ficar furiosa com ele. Toda a minha revolta vai por água a baixo.

— É que ela se tornou uma amiga. Odiaria ver alguém se aproveitando dela — ele senta ao meu

lado, segura minhas mãos e entrelaça nossos dedos.

— Amiga? — faço bico, demonstrando ciúmes, que na verdade eu não sinto. Jenny não é como Mary Anne. Eu teria todos os motivos do mundo para jamais confiar em uma amiga novamente. Somos mais do que amigas, é difícil explicar — Devo sentir ciúmes?

— Paige! — ele me encara zangado — Jenny me deu apoio quando você foi embora. Achei que iria enlouquecer com isso.

Eu sei do que ele está falando. Eu também visitei o inferno. Todos os dias longe dele só fizeram com que meu amor por ele aumentasse.

— Jenny saíra da cidade por uns dias e irei com ela — solto a bomba de uma vez.

— Vai me deixar de novo?

— Não, eu não vou — sussurro, puxando-o para mais perto de mim — Ela é minha amiga. Por favor, entenda.

Eu me sinto em uma encruzilhada. Não quero deixá-lo nesse momento. Mas é o que os amigos fazem, não é? Socorrem uns aos outros.

— Enquanto isso, tente resolver as coisas com a sua mãe — mordo os lábios. — Ela me ofereceu dinheiro e um apartamento para que ficasse longe de você.

— Ela fez isso?! — diz ele.

Richard está visivelmente tenso e isso me deixa tensionada. Não quero ser mais um motivo de desentendimento entre os dois, e isso parece inevitável.

— Diana jamais me aceitará. O que fará se as coisas ficarem sérias entre nós? Vai ignorar toda a sua família?

— Se as coisas ficarem sérias?! — ele me encara, exaltado — Eu amo você! Existe algo mais sério que isso?

— Ela é sua mãe — murmuro — Eu sou apenas uma mulher na sua vida. Um dia isso falará mais alto?

— Não é uma mulher em minha vida, Paige — diz ele, com fervor — Você é a mulher da minha vida.

Eu desabo. Um choro, sentindo, sofrido e que rasga minha alma. Eu fui órfã por toda minha vida e ele foi um solitário dentro da própria família. Eu poderia tirar isso dele?

Choro baixinho apoiada em seu peito. Eu não quero ficar entre ele e a família. Esse é um laço tão importante para mim quanto é para ele. Conseguiríamos viver à parte, longe de todo mundo? Eu poderia vê-lo sofrer em silêncio com desprezo que eles nos tratariam?

— Não chore — diz ele, acalentando-me, sentando-me em seu colo — Não suporto vê-la chorar. Eu vou resolver isso, prometo.

— Eu sei que é sua mãe — murmuro, queixosa — Mas tenho vontade de esganá-la. Um dia acabarei fazendo isso.

— Por que não vamos para minha casa? — ele diz, enxugando meu rosto — Temos muito o que conversar.

— Eu não posso, ainda — respondo, desanimada — Preciso voltar e ver a que pé andam as coisas com aqueles dois. Quem sabe eles se acertaram e a viagem não seja mais necessária?

— Vou torcer por isso — diz ele, com sinceridade na voz. Coloca minha mão em seu peito — Não importa o que aconteça. Sempre poderá voltar para casa. Para mim.

— Eu te amo — beijo-o apaixonadamente — Nunca se esqueça.

É impossível estarmos tão perto sem que nossa pele pegue fogo. Em segundos, me vejo perdida em seus beijos e carícias. Essa parte do parque, é mais afastada, mas vez o outra, somos interrompidos por algum transeunte em sua caminhada.

— Não demore muito — Richard me encara com brasa nos olhos — Eu vou manter a cama aquecida.

— Pensei que íamos conversar.

— Eu consigo fazer as duas coisas, Paige, não se preocupe.

Sim, ele capaz de fazer muitas coisas, mal consigo controlar a expectativa. Parece que as coisas caminham para um final feliz. Talvez não perfeito, mas feliz.

Eu volto para onde Jenny e Neil estão, a tensão entre eles é palpável.

— Então, está tudo bem? — pergunto, chamando atenção para mim.

Pela expressão de seus rostos e o olhar enfurecido de Neil, as coisas parecem pior do que antes.

— Estou tentando convencer Jennifer a ir para Vermont — ele responde, contrariado.

— Isso me parece uma boa ideia — sorrio para Jennifer — Você vai, não é?

— Acho que vou para o Texas — ela dá de ombros.

— Que diabos você vai fazer no Texas? — Neil praticamente berra.

— Não acho que seja da sua conta — ela rebate.

— O inferno que não é! — diz ele, segurando-a pelos ombros — Você quer espaço, Jennifer? Eu posso fazer isso. Mas, não seja irresponsável.

— Em que o fato de ir para o Texas torna-me irresponsável?

— Sua cirurgia, por exemplo. Além de mim, você esqueceu-se disso, também? — diz ele, em tom acusatório.

— Não esqueci — ela rebate — Mas, isso não será mais possível.

— O que está dizendo? — Neil parece completamente desnortado.

— Eu não posso pagar. Portanto, não será possível.

— Não seja ridícula! — diz ele, incrédulo — Sabe que vou pagar pela cirurgia e que você não terá custo algum com isso.

— Não vai não! — ela responde, determinada — Não tem mais nenhuma obrigação comigo. E não me chame de ridícula.

— Obrigação? — ele leva as mãos aos cabelos. Caramba, ele está mesmo muito irritado — Acha que tenho obrigação?

Não o condeno, Jenny está me deixando bem enfurecida também. Que ela esteja com medo do que Sophia faria contra Neil é Anne, eu entendo. Porém, adiar a cirurgia de reversão a cegueira, a melhor oportunidade que ela teve em anos, é inaceitável. Por mais que ela seja independente, segura de si e viva muito bem com a deficiência, ela acalenta esse sonho há anos. Além disso, o homem está desesperado para que ela possa vê-lo. Todos desejamos isso, muito.

— Sempre achei-a uma pessoa guerreira e determinada — Neil continua — Mas, agora, vejo que é uma covarde.

— Escute... — Jenny começa dizer.

— Não, escute você! — diz ele, exasperado — Eu a amo. Não tenho medo em admitir isso. Sei

que você me ama, também. Mas, deixar que o medo que você sente, coloque todas as possibilidades da sua vida em risco, é a coisa mais egoísta e estúpida que pode fazer.

Ah, não! Definitivamente eu não vou deixar que ela cometa essa idiotice, apenas por orgulho.

— Neil tem razão, Jenny — murmuro — Se o problema é o dinheiro, posso dar a você.

Ainda tenho o dinheiro que Richard me deu. Não sei se é suficiente, mas poderia conversar com o médico dela e ver algum tipo de financiamento.

— Não, Paige — ela sussurra — Você precisa dele.

— Ouça, Jennifer. Eu posso pagar pela cirurgia — diz Neil — Por todas que forem necessárias. Entretanto, vejo que é mais importante para mim que você recupere a visão do que para você mesma!

A expressão cansada dele tornou-se ainda mais densa.

— Achei que estaria fazendo um bem para você, que seria importante para você voltar a enxergar. Pelo visto, estava enganado. Seu orgulho supera isso. Eu sinto muito. Muito mesmo... — a voz falha ao final da frase — Sinto muito por me intrometer em sua vida, por querer forçá-la a ficar comigo, por querer que vá para minha cabana, que faça a cirurgia, que me ame. Vou deixar você ir para onde quiser e fazer o que bem entender. Não vou mais interferir em nada. Sairei da sua vida, agora mesmo, para sempre.

Merda! Eu acho que vou chorar. Se eu já não estivesse perdidamente apaixonada por Richard eu cairia nos encantos de Neil nesse minuto. Como Jenny pode ficar imune a isso?

— Neil — Jenny caminha em direção a ele.

— Sim? — diz ele, ainda de costas.

— Você tem razão. Por favor, desculpe-me. Vou aceitar sua ajuda e vou devolver-lhe o dinheiro, de alguma forma, algum dia — diz ela, tristemente.

— Tudo bem. Obrigado por aceitar, Jennifer. Calvin irá levar vocês duas — diz ele.

— Paige também vai? — ela parece confusa.

— Eu não perderia isso por nada! — pisco um olho para ele — Uma cabana, perto das montanhas, é tudo que preciso!

Bem, tudo acaba bem quando termina bem, não é o que dizem? Espero que esse tempo longe coloque um pouco de juízo na cabeça dos dois. Pelo menos comigo havia funcionado.

À noite eu me arrumo com cuidado, depilação, banho de creme e maquiagem impecável. Pretendo fazer uma surpresa para ele e espero que ele não fique zangado. Ciúmes é um lado dele que eu não conhecia e quando se deparar com o que vou fazer eu nem consigo imaginar sua reação.

— Oi — sorrio para ele e me apoio contra o batente da porta.

— Oi — Richard beija-me com furor. Ele encara o longo casaco em meu corpo — Está com frio?

Eu lanço um olhar travesso para ele.

— Na verdade — sussurro, abrindo os botões lentamente, sem desviar os olhos dos dele — Estou com muito calor.

A peça desliza pelo meu corpo e vai ao chão, deixando-me completamente nua diante dele.

— Porra, Paige! — ele puxa-me e prende-me contra seu peito. Ouço o estrondo da porta atrás de mim e tento entender o gesto brusco — Aquele homem no corredor viu sua bunda!

— Oh — abro a boca, chocada com o que ele diz. Escondo a cabeça no peito dele, totalmente

mortificada.

— Ninguém toca ou olha o que é meu — Richard ergue meu queixo com delicadeza e obrigando-me a encará-lo — Você foi muito atrevida. Acho que merece um castigo por isso.

— Essa era a intensão — sussurro, quando ele me pega no colo — Mal posso esperar por isso.

Ele me toma, ali mesmo, pressionada contra a parede, com urgência. Cada investida me desintegrando, forte, intenso, quente. Eu me entrego de corpo e alma. Em poucos minutos estou gritando ensandecida, levada por um dos melhores orgasmos de minha vida.

— E quanto as joias? — pergunto, horas depois. Estamos na cama desfrutando de alguns momentos de tranquilidade.

Sinto os músculos dos braços dele enrijecerem em volta de mim. Isso me deixa intrigada.

— Está tudo resolvido — diz ele, evasivo — Não se preocupe com isso.

— Tem certeza? — insisto — O que houve?

— Paguei pelas joias e o estrago na loja.

— Teve que pagar pelas joias? Sinto muito. Elas eram muito caras.

— A culpa foi minha — ele me aconchega em seus braços — Esqueça isso, tudo bem? Contanto que fique bem longe daquele cara, está tudo certo para mim.

— Não acho que eu vá voltar a vê-lo — asseguro-o — Com certeza eu devo ter perdido o emprego na agência.

— Sinto pelo seu emprego — cínico, não sinto um pingo de arrependimento em sua voz. Tudo o que ele quer é que me mantenha longe do grego bonito — Minha intenção não era essa. Eu não entendo o porquê desse emprego, não me agrada a ideia de vê-la estampada nas revistas para a felicidade de alguns sem vergonhas.

— Você é inacreditável — belisco o braço dele — Eu precisava de um emprego, pagar as contas, nem todo mundo nasce rico. E não é como se fosse posar nua para Playboy.

— Para mim é a mesma coisa — ele retruca, contrariado — Pode voltar para o seu antigo emprego.

— Dançar no clube?

Ele sorri de um jeito sedutor.

— Ser minha noiva. A vaga ainda está disponível.

— Não brinque sobre isso! — apoio minha mão em seu peito nu e curvo a cabeça para encará-lo. Quero que veja toda a sinceridade em meus olhos — Nunca foi um contrato para mim, Richard. Sabe disso, não é?

— Acho nunca foi para mim também — ele acaricia meus lábios com o polegar — No início, talvez. Eu queria dar uma lição a eles, mas no final, fui eu que aprendi.

— E o que você aprendeu? — pergunto ansiosa.

— Que o amor surge quando menos se espera — diz ele, num tom doce — Aprendi a amá-la, a cada dia, mais e mais. E eu não vejo mais a minha vida sem você ao meu lado.

— Isso foi lindo — sussurro, com a voz enrouquecia pela emoção — Foi a coisa mais bonita que alguém já me disse.

— Eu sou não apenas um idiota — ele ri, e morde meus lábios — Também sou um idiota

romântico, às vezes.

Idiota, cabeça dura, precipitado, mas o homem que eu amo.

— Eu tenho que te entregar uma coisa — pulo da cama, sem me importar com a minha nudez e corro até a sala.

Vasculho o bolso do casaco, que se encontra no mesmo lugar perto da porta e volto para o quarto.

— Esse acordo não deu certo desde o começo — digo a ele. Subo na cama e fico de joelhos de frente a ele — Quero começar do zero.

Entrego o cheque a ele, que olha para o papel como se fosse algo contagioso.

— Não vou aceitar isso de volta — diz ele — É seu. Você cumpriu a sua parte, embora as coisas tenham seguido para um rumo diferente.

— Eu quero começar do zero — insisto — Ainda falta uma parte. E vou precisar continuar no apartamento. Não tenho mais dinheiro.

— Paige...

Essa é uma coisa que eu na qual não tenho o que fazer. É isso, ou morar debaixo de uma ponte. E eu não sou tão orgulhosa assim.

— Por favor! — insisto, com olhar de cachorrinho — É importante.

— Eu vou guardá-lo — diz ele, jogando a folha em cima da mesa de canto — Até que você decida o que fazer com ele, mas eu não vou aceitá-lo de volta. Doe, queime, faça o que quiser, mas esse dinheiro é seu.

— Pensarei sobre isso — volto para os braços dele — Bem, há sua mãe ainda.

— Não sou o filhinho da mamãe — ele enfatiza — Não preciso da aprovação dela.

— E quanto a Patrice? — eu tento esquecer que ele esteve com ela, mas isso corroí minha alma — Por que ficou com ela?

Afasto-me um pouco dele. Sinto como se uma navalha rasgasse meu peito.

— Não houve nada, Paige — ele me puxa de volta para seus braços.

— A empregada disse que saíram juntos — murmuro, abaixando a cabeça.

— Ei — ele ergue meu queixo, obrigando-me a fitá-lo — Ela me procurou, mas a expulsei daqui. Patrice não significa nada para mim. Mesmo que nunca mais você voltasse para mim eu jamais mais a tocaria de novo. Acredita em mim, não é?

Fecho os meus olhos e respiro fundo. Se fosse outro homem eu teria dúvidas. Mas eu sei que ele está sendo honesto comigo.

— Eu acredito — sussurro, emocionada.

Ele sorri, fitando-me com carinho. Um sorriso capaz de iluminar o quarto inteiro.

— Chega dessa conversa, temos coisas mais importantes para fazer.

— Pensei que poderia conversar e fazer outras coisas ao mesmo tempo — provoco-o.

— Eu posso fazer isso — ele gira na cama, deita-me sobre ela e pressiona o corpo contra o meu — Quando minha boca não está ocupada com outras coisas.

Para provar o que diz, abocanha meu seio. Chupando-o com gosto e fazendo-me contorcer de prazer.

— Isso é altamente importante — convulsiono quando ele desce até minha vagina que implora pelo seu toque — Oh, Céus!

Eu sou possuída pela sua língua, dedos e finalmente pelo membro rijo e impiedoso, enquanto ele sussurra palavras indecentes ecoando pelo quarto, fazendo com que meu corpo pareça como larva

derretida.

Já que eu teria que passar pela tortura de ficar longe de Richard, que ao menos fosse divertido. Embora tenhamos passado horas no telefone todos os dias, não é a mesma coisa.

Então, meu passatempo preferido, foi enviar várias fotos de Jenny para Neil. Ela na cozinha, ela no banho, de biquíni em frente o lago. A cada resposta irritada que eu recebia dele, eu me contorcia de tanto rir. Como eu previ, a distância é um pitbull mordendo a sua bunda. Eu sei que uma hora ou outra tomaria a iniciativa e acabaria com essa situação ridícula, e Jenny acabaria se rendendo ao charme do bonitão. Afinal, ela não havia impedido minhas provocações.

Teria acontecido exatamente isso se a surtada da Sophia não houvesse aparecido no lago. Ela havia se aproximado quando estive entretida, conversado com os seguranças. Como toda pessoa covarde, ela havia fugido, não, sem antes deixar Jenny ainda mais assustada e Neil furioso.

Não vi quando ele apareceu pela madrugada, mas ao passar pelo quarto dela na manhã seguinte, encontrei-os dormindo juntos. Fico feliz que as crueldades daquela maluca tenham contribuído para reaproximá-los novamente.

Resolvo voltar para casa, e deixar que eles aproveitem seu momento. Assim que abro a porta, meu telefone toca.

— Paige?

— Sim — equilíbrio o telefone no ombro para poder fechar a porta, já que minha outra mão está ocupada com a mala.

— É o Vitor — reconheço a voz do outro lado — Da agência.

Droga. O que será dessa vez. Se Richard havia pago todos os prejuízos eu não vejo motivo para ele entre em contato.

— Parabéns garota, parece que você impressionou muito o Sr. Rouva — diz ele, empolgado — Ele quer que você seja o rosto da Adamas Blue.

— O quê? — praticamente grito ao telefone — Você está brincando?

— Não — ele murmura e faz uma pausa — Só há um pequeno problema.

— Problema?

— Não é um problema na verdade — diz ele — Querem que você vá até a Grécia para fazer as fotos.

— Grécia?!

— Por uma semana, no máximo. Você sabe que essa coleção é inspirada na mitologia grega. É natural que queiram que as fotos sejam lá, além disso, é um país lindíssimo. Vamos garota, você irá se divertir.

— Eu tenho que responder agora?

— O mais rápido possível — ele pigarreia — Paige... Alexandros não aceitará um não como resposta.

Merda, mil vezes merda. Richard não vai gostar disso. Eu vejo muita encrenca pela frente.

O amor é algo intrigante. Eu sempre defendi minha individualidade, espaço e o tempo para dedicar-me a mim. Tudo era meticulosamente organizado; meu trabalho, esse sempre vinha em primeiro lugar em minha vida, os jogos de pôquer com os meus amigos e os momentos que deveria dedicar a minha ex-noiva, exatamente nessa ordem.

Hoje, eu me vejo entregue a outra pessoa. Meu dia começa e finaliza com Paige em meus pensamentos. Isso é mais do que assustador, às vezes, parece doentio. Será assim com todos os tolos e apaixonados? Loucos? Viver e respirar a outra pessoa. Sentir que sua alma foi dividida, sendo metade entregue a pessoa amada. E que não importa o que aconteça, jamais terá a outra metade de você de volta.

Por que o amor nos faz tão dependentes? Eu nunca tive vontade de chorar antes. Não por causa do conceito idiota de que homens não choram, apenas via isso como um sinal de fraqueza. E é exatamente assim que o amor deixou-me, fraco. Não me envergonho em dizer, que apenas imaginar perdê-la, faz-me sentir vontade de chorar como um bebê. Há essa fera rondando meu coração, constantemente. A cada ataque de incerteza deixa-me mais rendido.

Há tantos perigos rondando-nos; meus ciúmes, o medo de perdê-la, minha mãe e aquele grego maldito.

Eu poderia ter quebrado a cara dele novamente, se Adam não tivessem me impedido. As lembranças da manhã anterior voltam a fazer-me ficar furioso.

— Não vou formalizar queixa contra ela — Alexandros riu, coçando o lábio ferido — Paige, não tem culpa de ter um “amigo” inconsequente. Já você, eu gostaria de ver pagando por isso.

Refere-se ao olho roxo e lábio desfigurado. Não que seja algo irreparável, infelizmente. Alguns dias, e ele voltaria ser o mesmo.

— Vá para o inferno! — avancei contra ele, dois pares de braços seguram-me com firmeza.

— Fique calmo, Richard — lembro-me vagamente de Adam ter me arrastado para fora do escritório dele, onde havia sido marcada a reunião.

Quando as pessoas pedem para manter a calma, você faz exatamente o oposto. E eu, passaria dias atrás de uma cela com alegria, só pelo prazer de tirar o sorriso cínico daquele idiota.

— O Sr. Delaney pagou pelas joias, que foram levadas, apenas pelo calor do momento — disse Adam, de forma cordial — Em relação à loja, os dois foram responsáveis pela briga, Sr. Rouva. Se insiste nisso, nós nos veremos nos tribunais. Aviso, que se quiser levar a questão em diante, não será bom para nenhum dos lados.

Uma bela multa e trabalhos comunitários. Foi isso que Adam disse que poderia ser minha sentença. Eu não me importo. Ver o estrago que fiz no grego valeria cada centavo. Se eu pudesse estragar o outro lado do rosto dele, valeria em dobro. Contanto que eu não precise vê-lo novamente e que Paige fique bem longe dele, isso é irrelevante.

Eu tenho ciúmes de qualquer homem que se aproxime dela, com ele, chega às raíais da insanidade. O desgraçado é rico, tem boa aparência e não disfarça o interesse. Que mulher não ficaria tentada?

Além disso, ele tem uma vantagem sobre mim. Ele não a ama. E eu a amo de todas as formas imagináveis, intensa e insanamente. O que as vezes, faz de mim um grande babaca, propenso a fazer idiotices. Eu não consigo fazer nada racional em relação a ela. Sempre sinto-me andando em cordas bambas.

E em meio a tudo isso, a única certeza que tenho, é que ninguém, exatamente ninguém, irá tirá-la de mim. Nunca. Não vou permitir. Eu destruiria qualquer um que tentasse.

Começando pela minha família.

— Por que você ofereceu dinheiro a Paige, mãe? — apesar do meu tom calmo, por dentro estou em ebulição — O que há com você?

Ela desvia os olhos do conjunto de chá de porcelana francesa em cima da mesa e encara-me com naturalidade. Como se eu houvesse perguntado algo insignificante, como onde está minha carteira ou algo parecido.

— Então, ela já foi fazer intrigas?

— A única pessoa que vejo fazer isso é você — acuso-a sem pensar duas vezes — Qual é o seu problema? Não consegue aceitar que finalmente eu estou feliz? Que alguém me faz feliz!

— Feliz? — diz ela, indiferente. Deposita a xícara na mesa e volta a me encarar com desdém — Por quanto tempo, Richard? É tão parecido com o seu pai. Só que está fazendo o caminho inverso. Estudou nos melhores colégios, viajou o mundo, conhece pessoas influentes. Acha mesmo que aquela garota simplória irá suprir suas necessidades? O que fará, quando ela for motivo de deboche em nosso círculo de amigos. Fora o passado deplorável que ela tem. Jesus! Uma dançarina de cabaré. Nem seu pai desceu tão baixo.

— Seu círculo de amigos! — esbravejo, prestes a perder o controle — Paige poderia ter sido prostituta. Isso não me importa! Não importa os homens que passaram na vida dela, desde que eu seja o último. Eu tive todas as coisas que me disse, mas já se perguntou se realmente eu era feliz?

Viver em uma gaiola de ouro pode ser lindo para quem vê de fora. Os sentimentos não são compráveis.

— Eu a amo hoje, tenho certeza que amarei até meu último suspiro — falo com toda a sinceridade que há em meu coração — Se um dia, um de nós dois não formos o suficiente um para o outro, discutiremos isso como dois adultos, sem subterfúgios, sem mentiras, jogos ou máscaras.

Eu não vou seguir o exemplo e relação que meus pais tiveram. Meus filhos não serão atingidos por teias de egos e ressentimentos.

— Quanto ao meu pai, entendo-o agora — digo com sinceridade — Amar uma mulher e estar preso à outra, deve ter sido muito difícil. Algum dia chegou a amá-lo realmente?

O tapa que ela desfere em mim, dói mais em minha alma do que em meu rosto.

— Não se atreva a falar comigo nesse tom! — murmura ela — Não sabe de nada. Está enfeitiçado por essa mulher e logo o véu caíra e entenderá o que digo. Até lá, não sou obrigada a aceitá-la e nem irei.

— Sabe por que me senti tão culpado quando papai morreu? — digo com a voz vacilante — Por

que ele sentiu a dor do desprezo e das palavras que desferi contra ele. Eu vi a decepção em seus olhos. Acho que de todos nós, ele acreditou que eu seria o único a não virar-lhe as costas. Eu precisei perdê-lo para perceber que o amava, e que no fim das contas, ele era apenas humano, acima de tudo, meu pai. Está seguindo pelo mesmo caminho, mamãe. Não estou afastando-a da minha vida. Se não a aceitará, apenas fique longe de nós.

Eu saio sem olhar para trás. Eu não fechei a porta apenas da casa onde vivi. Onde passei grandes momentos de minha infância. Eu fechei a porta para alguém que eu também amo. Já não tenho pai, e agora, pelo visto, já não tenho uma mãe. Uma parte de mim está em luto.

Gostaria que Paige estivesse aqui comigo, confortando-me no calor de seus braços, mas a essa altura, já está a quilômetros de distância. Mesmo que não seja igual a primeira vez que foi embora, e que eu saiba que a qualquer momento estará de volta, a distância dói, a saudade machuca. A fera rondando meu coração, volta atacar-me, deixando em meu peito outra cicatriz.

O que me acalenta o peito é saber que cedo ou tarde ela voltará para mim. E isso, já faz o meu dia mais feliz.

Entro no escritório e a primeira coisa que vejo é o loiro alto encostado contra o parapeito da janela, observando-me. Apesar de ter o rosto ainda um pouco machucado, a beleza faz maravilhas aos olhos de quem vê. Para mim, no entanto, não surte nenhum efeito. Ele não faz as minhas pernas tremerem, seu olhar apesar de atrevido, não faz meu coração disparar no peito e minha mente não fica desnorteada em sua presença.

— Que bom que veio, Paige — Vitor, vem em minha direção como um pavão e conduz-me até uma cadeira em frente à sua mesa — Alexandros fez questão de estar presente nessa conversa.

Encaro o grego com uma sobrancelha erguida. Realmente?

— Pensei que as chances de você recusar minha oferta seriam menores comigo aqui — diz ele, antes de sentar na quina da mesa.

Que homem convencido.

— Isso é bem estranho. Ainda mais depois de tudo o que aconteceu — falo indicando o rosto marcado.

— Tudo é uma questão de ponto de vista — ele ri, dando de ombros — Publicidade ruim também é publicidade.

— Como?

— É quando um escândalo acontece e as pessoas ficam curiosas demais sobre isso — Vitor explica — No seu caso, as pessoas querem conhecer a modelo que fez dois homens poderosos brigarem por ela...

— Isso é ridículo — interrompo-o e volto a encarar Alexandros — Um absurdo.

— Será? — pergunta ele, com olhar provocador.

Se antes eu tinha todos os motivos para recusar a oferta, agora é impossível.

— Sr. Rouva, eu amo meu namorado — digo com firmeza.

— Namorado? — ele ergue o supercílio — Não foi o que você me disse há alguns dias.

Observo-o levantar da mesa e sinto caminhar atrás de mim.

— Não esperava por isso — sussurra, como se falasse com ele mesmo — Embora não me importe.

A arrogância chega a ser cômica.

— Aqui está o contrato — Vitor entrega uma pasta com três folhas de papel.

Tiro-os da pasta e faço uma leitura rápida. Se eu já não estivesse sentada cairia dura. O salário que eu receberia, continha mais zeros do que eu consegui contabilizar. Uma boa parte ficaria com a agência, mas mesmo assim, era um valor absurdo.

O trabalho consistia em posar para o catálogo que teria que ser realizado na Grécia, essa era uma exigência, dar entrevistas, participar de festas e eventos durante um ano, sozinha ou acompanhada de um representante da empresa.

— É tentador — murmuro agitada e entrego o contrato a ele — Mas minha resposta é não.

Seria um grande salto para minha independência financeira, não há dúvidas, além de todo glamour envolvido. No entanto, isso deixaria Richard completamente maluco. Eu não sou ingênua, o tal

representante da empresa não seria ninguém menos do que Alexandros Rouva. Ele não está apenas interessado em mim, está fascinado pelo jogo. Deve ser o tipo de homem que tem tudo o que quer o tempo todo, minha recusa em relação a ele tornava sua vida mais divertida.

Meu lado perverso deseja aceitar o desafio e mostrar que existem mulheres e mulheres no mundo. Que o dinheiro, e o falso poder que ele acha que tem, não podem conseguir tudo.

— Essa é uma grande oportunidade em sua vida, Paige — diz Vitor, a minha volta — Você já não é juvenzinha, e outra oportunidade como essa pode não acontecer.

— Puxa, você sabe como elevar o ego de alguém — brinco para quebrar a tensão.

— É a verdade. As modelos geralmente começam com 14 anos e na sua idade, já estão estabelecidas. Jogar uma chance como essa, fora é loucura.

Embora ele tenha certa razão, eu sei que seu real interesse é no montante em sua conta bancária. Além disso, eu nem desejo ser a nova Gisele Bündchen. Só entrei nisso porque precisava de dinheiro rápido.

— Sinto muito. Eu não posso.

— Nem mesmo para ajudar seu namorado? — Alexandros vira minha cadeira colocando-me de frente a ele — Não faria isso nem por ele?

Ajudar o Richard? Do que ele está falando?

— O que quer dizer?

— Ele pode ir para cadeia — ele desliza um dedo pelo meu rosto, com suavidade. Afasto-me dele, indignada com sua audácia — Infelizmente, eu tive que abrir um processo contra seu “amigo”.

Namorado, idiota!

— Mas se aceitar a proposta, eu terei que arquivá-lo — diz ele com voz mansa — Não seria bom para a campanha que estivesse ligada a essa mancha.

— Esse não é outro motivo para que eu seja descartada? — levanto-me irritada. Que homem infernal.

— Infelizmente, você já foi associada a marca, Paige — murmura Vitor — Negar, só jogará mais merda no ventilador.

— Você me ajuda e eu ajudo você — murmura Alexandros — Então? O que me diz?

O que eu digo? Eu sou a merda de uma cadela sem sorte alguma nessa vida. Uma das oportunidades mais perfeitas da minha vida vem acompanhada de uma tragédia eminente. Diana já odeia-me gratuitamente, sem esse processo pairando sobre minha cabeça.

Inferno! Por que ele não havia me contado sobre isso? Não havíamos prometido sermos honestos um com o outro? A mentira dele havia me jogado exatamente para onde ele não queria, para toca do lobo.

A fúria guiou-me da agência até o escritório de Richard.

— Eu gostaria de falar com o Sr. Delaney — informo a recepcionista, assim que entro.

Ela está mais concentrada em seu iPhone do que propriamente em seu trabalho. Eu teria entrado facilmente e ela nem teria notado se eu não precisasse de um cartão magnético.

— Qual deles? — diz ela com cara de poucos amigos, como se eu tivesse interrompido algo muito importante.

Sério? O que há nessas empresas para que as atendedoras e secretárias sejam tão amarguradas. Não deveriam estar esbanjando simpatia? Chego à conclusão que foram colocadas ali apenas como mais uma peça decorativa. A única exceção era Penélope, mas essa, parece ter desenvolvido um ódio mortal por mim e eu nem sei o porquê.

— Richard — respondo.

— Qual o seu nome?

— Paige Fisher.

A falsa ruiva olha para tela do computador por longos minutos. Irrequieta eu começo a batucar o envelope em minha mão. Se essa jovem tem por objetivo deixar-me irritada, ela está conseguindo.

— Desculpe, mas seu nome não está na agenda — ela sorri de forma irritante.

Respiro fundo e conto até três. Prevejo que em poucos minutos eu estarei bufando, como um touro ao ser provocado pelo tecido vermelho do toureiro. Eu chego à conclusão de que eu não tenho um temperamento explosivo como meus amigos falam, as pessoas que me cutucam, até tirar o pior de mim.

— Em casa conversamos Britney — Charles surge no salão.

Ótimo, pergunto-me se devo preparar-me para uma nova briga.

— Paige?

— Charles — cumprimento-o com leve inclinar de cabeça.

— Veio falar com o Richard, eu suponho — diz ele.

— Estou tentando — murmuro, entre dentes.

Ele olha da jovem para mim, algumas vezes.

— Algum problema, Tália?

— Ela não tem hora marcada Sr. Delaney.

A ruga que havia formado na testa dele desfaz-se completamente quando a compreensão cai sobre ele.

— Paige é namorada do meu irmão — diz ele. Charles caminha até a mesa dela e vasculha algo dentro da gaveta — E se não quiser ter aborrecimentos com Richard no futuro, evite coisas como essa.

A ruiva fica tão vermelha quanto seus cabelos, por essa ela não esperava. Eu não sinto pena, se ela tivesse sido mais simpática e compreensiva não estaria nessa enrascada.

— Segundo andar — Charles entrega-me um crachá de visitante — Verá uma placa com o nome dele.

Isso sim é surpreendente. Ele não irá colocar-me para fora aos gritos como imaginei? Tudo bem, aos gritos não faz o estilo dele. Charles é o tipo de pessoa irritantemente calma. Há luz na escuridão, pelo menos um membro dessa família parece finalmente aceitar minha presença na vida de Richard como algo permanente.

Ao sair do elevador, passo por algumas salas até encontrar a dele. A secretária não está presente. Olho para o relógio e vejo que já passam das duas, então acredito que tenha saído para o almoço.

Diferente das outras, as paredes de vidro da sala de Richard estão ocultas pelas cortinas de persianas. Abro a porta com cuidado. Desejo fazer uma surpresa a ele, prepará-lo para notícia que viria.

No entanto, eu sou surpreendida e toda a calma que eu imaginei sentir vai para os ares. Que merda é essa?

Há uma mulher inclinada sobre ele, sorrindo de um jeito idiota enquanto ele observa alguma coisa em uma folha sobre a mesa. Se Richard erguesse a cabeça cinco centímetros, seria afogado por aquilo que ela acredita ser um par de seios.

— Acho melhor colocarmos uma coluna aqui — diz ele, indiferente aos olhares apaixonados que ela lança a ele.

A vagabunda está praticamente jogando-se no meu homem! Bato a porta com força para fazer-me presente. Richard inclina a cabeça em minha direção e olha-me com surpresa. A mulher com irritação. Eu acabei com sua festa.

— Paige — um sorriso enorme surge em seu rosto, segundos depois.

Aperto a boca em uma linha fina e lanço faíscas a jovem morena inclinada sobre ele. Os olhos dele acompanham os meus. Ele fica pálido imediatamente e se afasta da jovem com rapidez.

— Conversamos sobre isso depois, Lori. A propósito, essa é minha *noiva*, Paige — a palavra noiva foi bem acentuada por ele. A jovem encara-me com desgosto — Amor, essa é Lori, estagiária de Charles.

Charles? Agora entendo porque foi tão gentil comigo e facilitou a minha entrada. Com certeza sabia o que eu encontraria assim que chegasse.

— Olá — ela diz educadamente. Os olhos tão frios como as geleiras na Antártida — Eu volto depois, Richard.

Eu não movo um único passo, então ela é obrigada a dar a volta por mim para sair da sala. Minha atenção está focada nele.

— Por que não me avisou que estava de volta — diz ele, aproximando-se cautelosamente.

Eu caminho para longe dele. Ficamos assim, girando ao redor da mesa.

— Quando chegou? — ele cruza os braços e encara-me com humor.

— Quem é essa mulher? — rosno para ele.

— Estagiária de Charles.

— E porque estava praticamente ronronando em seu colo? — pergunto irritada — Se é estagiária dele, o que faz aqui com você?

— Trabalho da faculdade, eu só....

— Agora você é professor? — agarro um grampeador em cima da mesa.

O olhar dele vai em direção ao objeto em minha mão e ele dá um passo cauteloso para trás.

— Paige! Não há motivos para ter ciúmes — o sorriso agora brilha apenas em seus olhos — Não me interessei por ela quando apareceu na minha casa com minha mãe, nem mesmo a quis como estagiária, apenas para evitar conflitos com você, então, esse ciúme é infundado.

— Ela esteve na sua casa?! Com a sua mãe! — bato o objeto contra a mesa de vidro, pouco me lixando se poderia quebrá-la — Antes ou depois que viajei e porque mentiu para mim de novo, quando dissemos que não faríamos isso, Richard?

Eu gostaria de arremessar esse grampeador na cabeça dele. Minha raiva já está além da escala Richter.

— Antes — ele se aproxima a passos lentos — Não contei por que não achei relevante. Foi quando estivemos separados.... — suspira — Como assim de novo?

— Não me disse que Alexandros está processando você! — meus dedos acusadores pressionam seu peito.

— Como sabe sobre isso? — agora estamos corpo a corpo. E eu já não sou mais a única furiosa

aqui — Falou com ele?

— Há uma hora. Conversamos sobre eu ser a nova modelo da joalheria.

— O que você recusou — diz ele.

— Não, eu aceitei.

— Você fez o que? — suas mãos pressionam meus braços com força.

— É só um trabalho. Seu ciúme é infundado.

A provocação não passou despercebida, pelo contrário.

— Ele só quer te levar para cama, sua tonta! — ele berra, os olhos injetados de raiva — Porra

Paige! Falei para ficar longe dele!

— Eu não sou tonta! — livro-me dele e vou para o outro canto da sala — E fiz isso por você, imbecil. Bem, essa parte *sim* foi idiotice, deveria deixar você apodrecer na cadeia. Visitas não lhe faltariam.

— Por mim? — ele encara-me com escárnio.

— Sim! — empino o queixo — Não queria vê-lo sofrer um processo, ir preso e que sua mãe me odiasse ainda mais.

— O que minha mãe pensa não importa.

— Claro que não! — cruzo os braços para evitar estapeá-lo — O que ela faz importa!

Eu odeio essa mulher.

Ele pragueja e passa as mãos nos cabelos. Observo em silêncio, quando ele apoia as costas contra a parede, fecha os olhos e respira fundo várias vezes.

— Desgraçado! — ele urra — Usou isso para encurralar você.

Seu olhar volta a encontrar o meu. Eu não sei identificar o brilho que vejo nele, mas eu não gosto. Inferno. Eu já havia causado muita confusão. Nós dois causamos tanta confusão como *Bonnie e Clyde*.

— É um processo que não vai levar a lugar algum, Paige — ele continua — Talvez uma multa ou alguns trabalhos voluntários. Para uma garota esperta você foi bem estúpida.

Ele afasta-se da parede e caminha a passos largos até a porta.

— Eu vou resolver isso, imediatamente.

Um apito soa em minha cabeça enquanto meu coração ameaça sair pela minha boca. Corro até a porta e me apoio contra ela. O brilho assassino que vejo em seus olhos deixa-me em estado de alerta.

— O que vai fazer?

— Deixe-me passar, Paige — diz ele, irritado.

— Me diga o que vai fazer — insisto.

— Garantir que a deixe em paz — balbucia — E que ele pode esquecer. Não vai assinar esse contrato.

— Eu já assinei — despejo — Não há mais nada a fazer.

Richard fecha os olhos e começa a praguejar baixinho. Seu autocontrole está por um fio.

— Nem ao menos consultou um advogado? — a voz soa extremamente calma. Isso é muito, muito ruim.

— Ah... — pisco algumas vezes, tentando pensar com clareza. Eu não havia cogitado a possibilidade — Não foi preciso. Não havia letras miúdas.

A brincadeira não surtiu efeito desejado. Ele encara-me como se eu fosse a mais completa idiota. Levando-se em conta que eu agi como uma, a acusação velada era merecida. O que posso dizer, na

hora eu não vi a necessidade de um advogado, nem pensei nisso. Eu só quis resolver as coisas da melhor forma possível.

— Todo contrato pode ser quebrado.

— A multa é altíssima.

— Eu pago — ele caminha até o envelope que deixei cair no chão, quando entrei — É esse?

— Sim. Uma cópia.

O rosto dele vai ficando vermelho conforme ele lê.

— Um ano com aquele cara?

— Trabalhando para ele.

Richard caminha até a mesa, apoia as mãos na borda, ficando de costas para mim.

— Eu não vou suportar isso — ele sacode a cabeça — Não outra vez. Eu não amei Patrice um terço do que eu amo você. Se...

— É disso que tem medo? — aproximo-me dele. Toco suas costas largas e deslizo até os ombros, os músculos estão tensos — Que eu vá traí-lo? Como pode pensar isso de mim?

— Eu sei que não vai — murmura, num tom de voz angustiado — Um ano é muito tempo. Quem me garante que não possa perdê-la?

— Eu garanto! — passo por baixo dos braços dele. A posição é digna de um contorcionista, presa entre ele e a mesa — Eu amo você! É só um trabalho — falo de um jeito meigo — Confie em mim.

— Por que faz isso comigo, Paige? — seu corpo rente ao meu, as mãos deslizando pelo meu corpo de forma desesperada — Não suporto que outro a toque...

Suas mãos agora estão em meu pescoço, os dedos fazendo círculos em minha pele, enquanto cola sua testa na minha, nossos olhos estão conectados. Eu vejo paixão, fúria e angustia, refletidas neles.

— Não há ninguém mais que eu deseje que me toque — sussurro, coloco a mão em seu cabelo macio, enroscando os fios em meus dedos — Ninguém além de você, amor.

— Não permita que ele a toque — diz ele, como um menino birrento que recusa-se a emprestar seu brinquedo preferido. Se eu não soubesse que ele me ama e que jamais faria algo para machucarme, eu teria medo de toda essa possessividade — Prometa!

— Eu prometo.

— Paige, estou falando sério — ele adverte — Se ele tocá-la eu mato-o!

Suas mãos vão até minha cintura e ele senta-me na mesa. Os lábios exigindo os meus. Um calor intenso espalha-se por todo meu corpo, intensificando no vão entre minhas pernas.

— Senti saudade — diz ele, minha blusa voa longe junto com a camiseta dele. A boca afasta-se da minha, apesar de meu pequeno protesto, desce por meu queixo, pescoço e para em meus seios.

— A porta não está trancada — sussurro, em um último momento de serenidade.

— Dane-se! — diz ele, livrando-me do sutiã, lambendo meus seios.

— Hum, hum — não sei com o que eu concordei. A profunda sucção de sua boca em meus seios é mais importante. Um, depois o outro. Todas as minhas terminações nervosas parecem ligadas e conectadas.

— Odeio jeans! — ele se irrita com minha calça — Deveria usar apenas saias, facilitaria as coisas.

— Uma barreira muito grande para você — provoco-o.

Com um sorriso cínico, Richard deita-me sobre a mesa. Meu jeans tem o mesmo destino que as outras peças.

— Nada é barreira para mim. Deveria saber disso — diz ele, afastando minhas pernas. Ajoelha-se, prendendo minhas pernas em seus ombros. Os olhos mal escondendo suas intenções

Ele não ia... Ah ele foi! Mordo meu punho com força para abafar o grito. Sua língua desliza de minha vagina até o clitóris, suavemente, como um gato degustando um pote de leite. As lambidas vão se intensificando, as vezes suaves outras com mais pressão. A boca dele é merda de um vibrador. Não, é maravilha de um vibrador.

— *Richard* — gemo ofegante. Não tenho onde segurar e sinto que estou caindo.

Os dedos entram em ação em seguida. Estou desabando no mais maravilhoso abismo quando seu membro invade-me. Escorregando por minha abertura molhada. O prazer que senti antes é pálido comparado com ele preenchendo-me completamente.

— Paige! — ele grunhe, a cada estocada mais forte dentro de mim.

Suas mãos agarram meus seios, os dedos provocando os mamilos e uma eletricidade corre por meu corpo. Eu estou queimando. Vejo através de meus olhos semiabertos. Seu rosto está contorcido, em uma mistura de prazer e desespero. Outra vez meus pulsos são vítimas de meus dentes, abafando outro grito. Os tremores internos fazem com que minha vagina pressione-o com mais força, engolindo-o, enquanto ele me invade, outra e outra vez.

— Paige — a voz soa atormentada — Porra!

Uma estocada mais profunda, enquanto ele derrama-se sobre mim falando coisas desconexas. Eu deixo esse mundo para um mundo além da compreensão, repleto de gozo e prazer.

Os dias passaram depressa. Hoje é a cirurgia de Jenny. Apesar de Richard e eu andarmos em corda bamba é um dia de grande felicidade para mim.

— Eu já estou ficando tonta — protesto, ao ver Neil andando, em círculos, pelo corredor.

— Você não acha estranho ninguém vir falar nada? — diz ele, angustiado.

— Neil, a última vez que você perturbou uma enfermeira, foi há quinze minutos — fulmino-o com os olhos — Se perguntar mais uma vez, vão expulsar-nos daqui.

— Mas, já faz mais de três horas que ela está lá dentro — queixa-se ele — Alguém deveria sair e dizer alguma coisa.

Jesus! Eu sou incapaz de lidar com o homem por mais tempo. Caféina! Acho que é isso que ele precisa.

— Eu vou tomar um café, você quer?

— Não. Vou ficar e esperar.

Além do café, compro algumas rosquinhas, aposto que ele não deve ter comido nada. Aproveito a fila no caixa e ligo para Richard. Apesar de querer saber como Jenny está, sua atitude em relação a mim é um pouco fria. A última briga ainda ecoa em minha cabeça:

—Você não vai!

— Eu não pedi sua permissão, Richard!

— Paige — ele advertiu irritado — Estou por um fio, não me provoque.

Encaramo-nos em guerra.

— Pare de agir como um imbecil.

— Então vá. Faça o que quiser!

Foi a última coisa que disse antes de sair batendo a porta. Ele está louco com fato de que irei para Grécia fazer as malditas fotos. Não adiantou o fato de que eu consegui reduzir cinco dias para dois.

Volto para sala de espera e encontro Neil falando sozinho. Imagino que esteja rezando.

— Tome. Você precisa — entrego o copo a ele.

— Obrigado — ele abre os olhos, constrangido.

— Eu trouxe rosquinhas — sento-me ao seu lado erguendo o pacote — Agora, coma!

As horas passam, esperamos em silêncio, embora vez ou outra ele pare em frente à porta esperando que ela abra. Eu não queria estar na pele dele. É angustiante ver a pessoa que você ama, passar por uma coisa como essa e não poder fazer nada.

— Como ela está? — Liam aparece e Neil praticamente salta até ele — O que aconteceu? Vai ficar bem? Já posso vê-la?

— Bem. Nada. Sim e ainda não — ele responde às perguntas, com humor. Apesar de cansado — Pensei que confiasse mais nos meus talentos profissionais.

— Por que não posso vê-la? O que aconteceu, Liam?

— Nada, Neil — ele suspira — Tudo correu muito bem, melhor do que eu esperava. No momento, ela está sedada e no pós-operatório. Vá para casa, tome banho e descanse, está bem?

— Eu prefiro ficar aqui — ele resmunga.

— Neil, vá para casa ou só deixarei vê-la, amanhã. Aliás, vão os dois — ele dirige-se a mim — Vocês deixaram minha equipe maluca.

— Foi culpa dele — aponto em direção ao Neil.

Ele me encara com olhar fulminante.

— Tudo bem, eu vou, mas, eu volto — Neil retruca.

— Não tenho dúvidas — Liam sorri — Até logo.

— Vamos — Neil sussurra para mim — Quero estar de volta, quando ela acordar.

Saímos do hospital e somos acolhidos, como sempre, por uma cidade em polvorosa. Calvin recebe-me com um sorriso e abre a porta para que eu entre.

— Vou deixá-la em casa, primeiro.

— Obrigada.

Richard aparece a noite. Apesar de ainda estar chateado com a viagem, passamos a noite juntos. Ele sabe o quanto estou apreensiva por Jenny e passou a noite toda comigo em seus braços. Fizemos amor de forma mais calma e carinhosa.

Só que quanto mais a viagem se aproxima, mais irascível ele fica. Brigamos quase todos os dias, pessoalmente, por mensagens no telefone, acredito que até em nossos sonhos e pensamentos. Richard parece irracional e não entra em sua cabeça que não há a mínima possibilidade de que eu caia nos encantos de Alexandros. Gritamos e dizemos coisas desagradáveis um ao outro, sempre que eu tenho algum compromisso de negócios.

A única coisa que não havia mudado entre nós dois era o sexo. Na verdade, tinha ficado ainda mais quente e apaixonado. Toda a raiva e ciúmes que ele sentia, era descontado em meu corpo. Nunca estive tão ciente de meu próprio corpo e das sensações que outra pessoa poderia despertar em mim. Eu queria que Richard entendesse que ele é meu começo e meu fim. Nada e ninguém jamais mudaria isso. Amo-o mais do que já ameí qualquer pessoa em minha vida.

O dia de tirar a venda chegou e todos estamos ansiosos. Neil, parece mais nervoso do que o habitual. Como se o mundo dele fosse desmoronar a qualquer momento. Eu não entendo porquê.

Liam entra e troca um olhar com ele, pergunto-me o que pode estar acontecendo. Ele sussurra alguma coisa que não consigo ouvir e Neil responde que não com a cabeça.

— Então, Dr. Crichton, vai ou não retirar essa venda? — pergunto entusiasmada.

— Bem, talvez... — ele começa a falar, olhando para o amigo.

— Por favor, Liam — Jennifer fala, ansiosa. As mãos tocam a venda — A menos que tenha alguma coisa errada, faça isso logo.

Ele volta a olhar para Neil que acena com a cabeça. Ele está tenso, todos nós estamos, mas ele está muito além. Um sentimento ruim começa a me incomodar.

— Tem certeza, Neil? — pergunta Liam.

— Claro que ele tem! — respondo por ele. Bem ou mal, devemos saber a verdade logo — Fora Jenny, Neil é o mais ansioso aqui.

— Posso seguir? — ele sussurra, quase inaudível.

— Sim — responde Neil.

— Então, vamos retirar essa venda? — Liam pergunta a Jennifer.

— Vá em frente, doutor.

Ele remove a máscara que protege os olhos dela.

— Jenny, abra os olhos, lentamente — ele orienta, caminha até ao lado da porta e regula a energia

— A luz, apesar de fraca, pode incomodar um pouquinho.

Jennifer abre os olhos, devagar, pisca várias vezes, até seus olhos adaptarem-se à claridade.

— E, então? — Liam sonda.

Ficamos todos em silêncio, esperando. Eu caminho até ela e espero com o coração na boca.

— Paige, é você? — sua voz soa emocionada, ao me ver pela primeira vez.

— Oh, Jenny — soluço sem parar — Está conseguindo me ver?

— Sim — ela sorri — Ainda um pouco embaçado, mas, sim.

Corro até ela e nos abraçamos. É a melhor notícia da minha vida. É quase irreal que isso esteja acontecendo. Os pais dela sonharam com esse momento, ela sonhou com esse momento, eu sonhei com esse dia. E não deve ter ninguém mais feliz nesse quarto do que Neil.

— Kevin!

— Olá, querida — ele sorri, emocionado — Graças a Deus por esse milagre.

— Você deve ser Liam? — Jennifer afirma, ao olhar para homem de branco — Neil? Onde está o Neil?

Olha para ele, e vejo-o afastar-se, em pânico. Merda! O que está acontecendo aqui?

— Alguma coisa está errada, Liam — Jenny volta a piscar os olhos, aflita. Volta a olhar para Neil com pânico nos olhos — Alguma coisa está errada!

— Jennifer... — ele aproxima-se com passos vacilante.

— Não! — ela grita, encolhendo-se na cama. Parece diante de seu pior pesadelo — Tirem esse homem daqui!

Volto para ele abismada. As mãos esticadas, como se temesse tocá-la. Ela começa a chorar e eu olho para Kevin em busca de resposta. Além de Jenny e eu, ninguém parece surpreso com a reação dela.

— Jennifer, sou eu — Neil tenta aproximar-se dela — Por favor, escute-me.

— Não é! — ela chora, desesperadamente — Kevin, por favor... Tire-o daqui.

As palavras dela parecem tê-lo atingido em cheio. Eu nunca vi ninguém tão desolado. O que ela está fazendo?

— Por favor! Por favor! Não! — ela repete, sem cessar.

— Jennifer... — ele sussurra, angustiado — Querida.

— O que está acontecendo, Jennifer? — olho para os dois — Por que está tratando o Neil assim?

— Jennifer... Ele não é o Nathan — Kevin segura seu rosto — Ele não é o Nathan. Eu nunca mentiria para você! — ele segura seus pulsos — Não mais, não sobre isso! Acredite. Esse é o Neil que você ama.

Ela fica quieta, por alguns segundos, totalmente imóvel.

— Não é — sua voz soa amarga — Não posso amá-lo. Tudo que vejo é ele. E eu o odeio. Odiei por toda minha vida.

— Jenny, apenas ouça — Kevin insiste — Depois você pode tomar qualquer decisão.

Ela afirma, com a cabeça. Neil aproxima-se dela que se fastia deixando-o arrasado.

Ouç-o relatar como tudo aconteceu, e tudo começa a fazer sentido. Após ouvir o que ele tem a dizer vejo-a sentar, abraçando os joelhos. Os olhos no horizonte, como fazia quando era cega, perdida em si mesma.

— Não posso! — sussurra ela, balançando-se para trás e para frente, é algo doloroso de se ver — Não posso vê-lo. Eu sempre o verei em você.

Neil cai de joelhos em frente a ela, destroçado. Levo minha mão ao meu peito tentando arrancar a angustia instalada ali. E eu não sinto a metade da dor que presencio nele.

— Uma vez, eu disse que a amaria para sempre. Eu não menti — a voz soa tão emocionada como ele estava — Mas, para sempre é um tempo curto demais para mim. Eu amo você! Amo mais que tudo. Eu entrego minha vida para você fazer o que quiser — ele suplica. Eu já soluço abertamente — Faça o que quiser de mim, mas, não me olhe desse jeito, é a única coisa que não posso suportar...

— Por favor, vá embora! — ela chora — Vá embora.

Não faça isso Jenny. As palavras estão presas ao nó em minha garganta.

— Está bem. Eu vou embora, Jennifer, porque, mesmo que a ame, mais do que a minha própria vida. Minha felicidade jamais estará acima da sua.

Eu nunca odiei ninguém como Jenny parece odiar o Nathan, nem mesmo meu pai que havia afastado minha mãe de mim. Por isso, tento compreender a reação dela, só que eu não consigo.

Ele sai desolado e ela cai em desespero.

— Jenny! — sussurro seu nome e toco seu braço.

— Vão embora. Apenas vão.

— Vamos, pessoal, deixem que ela descansa — Liam ordena, apesar dos protestos — Eu volto depois.

Saímos do quarto, Kevin abraça-me e choramos juntos.

— Por que? — encaro-o abalada.

— Vai ficar tudo bem — diz ele, a voz estrangulada — Eu sei que vai.

Eu quero acreditar nele. Isso não deveria estar acontecendo. Eles deveriam estar comemorando, mas o que vi, foram duas almas destruídas.

Eu dobro o guardanapo várias vezes, formando um leque. Alexandros diz alguma coisa, mas eu não presto atenção. Meu pensamento está muito longe. Penso em Neil, Jenny e todos os obstáculos que eles veem enfrentando. Fui a primeira a vê-lo após o acidente de carro. Não devíamos tê-lo deixado sair daquele jeito. A cena ainda é marcante em minha cabeça. Em um primeiro momento acreditei que estivesse morto. Graças a Deus já está fora de perigo.

Não faça como eu Paige. Não espere perder para perceber o quanto ainda o ama. As palavras ditas por ela há alguns dias, martelam em minha cabeça.

— Paige?!

— Desculpe — encaro-o, envergonhada — O que estava dizendo?

— Não há a menor possibilidade não é?

— Sobre o que? — enrugo a testa.

Ele ri e abaixa a cabeça.

— Nós dois — ele parece tímido. Pela primeira vez eu acho que o vejo como realmente é, sem jogos — Você está apaixonada por ele.

— Não achei que houvesse dúvidas sobre isso — esclareço — Eu nunca neguei.

Alexandros cercou-me de todas as formas. Jantares, almoços, festas, entrevistas e milhares de coisas que também deixam-me bastante incomodada. Apesar de tudo, ele nunca ultrapassou os limites estabelecidos. Sempre deixei isso claro.

— Você me faz lembrar uma pessoa. Talvez não tão direta como você, mas muito honesta.

— E o que aconteceu?

— Como todo idiota... — diz ele, sacudindo a cabeça — Fiz besteira e ela foi embora.

— Você a ama?

— Acredito que sim. Sabe Paige, se alguma mulher pudesse me fazer esquecê-la, essa seria você.

— Ela é uma mulher de sorte e você é persistente. Por que não vai atrás dela?

— Não acredito que eu ainda tenha chances. Eu fiz coisas realmente estúpidas.

— Acredite em mim — toco a mão dele por cima da mesa — Se ela ama você, nada foi estúpido o suficiente. Relacionamento é feito de altos e baixos. Quando o sentimento é verdadeiro algumas coisas perdem a importância.

Ele faz as doações necessárias ao evento de caridade que estamos participando, e pulamos o café e sobremesa. Assim que ele me deixa em meu prédio, eu corro para o meu apartamento. Não falo com Richard desde cedo. O desespero invade-me ao cair na caixa postal após várias tentativas. Ligo para casa dele. Nada. Penso em ir até seu apartamento, mas é muito tarde. Meu voo sai às oito horas no dia seguinte. Deixo um recado na caixa postal com coração apertado. Não acredito que deixará que eu parta sem nos despedirmos e esclarecermos as coisas.

O dia seguinte não foi diferente. Nenhuma notícia dele. Não sei se fico preocupada ou infeliz. Acho que essa viagem foi a gota d'água para ele. Apavoro-me com a ideia de que posso ter arruinado tudo.

— Srta. Fisher?

Encaro uma mulher uniformizada em frente ao controle de passageiros

— Sim, sou eu.

— Acompanha-me — ela sorri — Seu voo sai em alguns minutos.

Ainda posso desistir, penso com ousadia. Não acredito mais que Alexandros irá cobrar a multa, não depois do que conversamos ontem. Por outro lado, não posso fazer isso com o resto da equipe.

Teriam que começar do zero, outra vez.

— Espere — ligo para Richard novamente. Desejo rolar no chão ao ouvir a mensagem eletrônica. Sigo-a a passos lentos. Meu coração dizendo o tempo todo para eu voltar.

— Acho que há um engano — seguro o braço da aeromoça antes que ela alcance as escadas — Esse não é o meu avião.

Estou em frente a um jatinho particular. Entrego a passagem a ela que examina por um momento.

— Mudanças de plano senhorita — ela volta a sorrir — Vamos?

Mudanças de planos? Alexandros não havia falado nada sobre isso ontem à noite. Talvez tenha ficado agradecido pelos conselhos que dei a ele.

Eu tentei me distrair durante o voo, foi impossível. As horas seguintes eu passei condenando-me pela besteira que fiz. Minha única esperança era conseguir falar com Richard assim que chegasse ao hotel. Será que havia desistido de nós? A possibilidade enlouquece-me.

Acordo com toque da aeromoça avisando que o avião havia pousado. Um motorista aguardava-me do lado de fora do aeroporto Santorini. Apesar de sorridente, o grego mal falava minha língua, tornando qualquer tipo de conversa impossível. Paramos no porto, e outro homem transfere minhas malas para um barco de porte pequeno. Outra mudança de planos? Tentei perguntar ao homem, em vão. Esse também parece não entender uma palavra minha.

Aos poucos um pequeno borrão de ilha vai criando forma, árvores majestosas e uma praia belíssima surge a minha frente. Isso não é possível! Tento comunicar-me com o homem novamente, enquanto ele desliga o motor do barco. Essa é uma ilha. Deserta?

— Isso não é possível! — digo a ele, quando lança minha mala na areia fofa — Estamos no lugar errado, senhor!

Começamos uma discussão sem sentido. Eu já imagino que faço parte de algum tipo de tráfico de mulheres. Tudo foi muito estranho desde o aeroporto. Meus olhos ardem devido ao esforço de tentar segurar as lágrimas.

— Vá! — ele tenta forçar-me a sair do barco — Vá!

O cretino agora fala a minha língua?

— Não — desespero começa a dominar-me.

— Vá — ele repete, empurrando-me com delicadeza.

Um homem surge de repente, vindo de uma trilha que termina na praia. Eu reconheço-o imediatamente. Desgraçado! Não sei se sinto alívio em vê-lo ou vontade de matá-lo.

— Você me enganou?! — grito, descendo do barco com rapidez, estatelando na areia.

— Cada um joga com as armas que tem.

Eu estou furiosa. Como posso ter caído nessa?

Eu tenho andado sob a navalha o tempo todo nas últimas semanas. Engolindo todas as imposições, por que não há praticamente nada nessa vida, que eu não faça por ela. Eu aceitei todos os compromissos impostos; almoços, jantares, festas e entrevistas.

A cada retorno dela, uma nova briga, que acabava em sexo. Comigo deixando minha marca em seu corpo, ansiando que eu fosse o seu primeiro e último pensamento durante o dia. Castigando-a com meu corpo enquanto eu mesmo flagelava-me. Eu nunca a tinha o suficiente, e eu sempre exigia mais do seu corpo, mente e coração.

A verdade, é que estou apavorado. A possibilidade de que eu possa perdê-la para Rouva ou qualquer outro, levam-me as vias da insanidade. Amar alguém como eu a amo é uma dádiva e uma perdição ao mesmo tempo. Não há controle sobre sentimentos tão poderosos e contraditórios. Eu temo afastá-la, mas parece que faço exatamente isso, sempre que sou alimentado pela ira e ciúmes em relação a ela.

Eu não creio que Paige venha ser desonesta comigo, traindo-me vilmente como Patrice havia feito. Assim como eu, ela sabe a dor de uma traição, mesmo vindo de pessoas, que na verdade, não representaram nada em nossas vidas. Contudo, pelo menos o orgulho havia saído ferido, e isso também marca de uma forma ou de outra. Também, não tenho dúvidas sobre seu amor, eu enxergo em seus olhos. No entanto, isso não evita que eu veja tudo negro, sempre que a imagino com aquele verme.

Lembro-me de uma noite em que Paige havia voltado de uma festa beneficente, não era tarde, mas eu já estava estourando de tanta raiva. Quando eu a vi, linda em um vestido branco esvoaçante, a primeira coisa que fiz foi arrastá-la pelo apartamento, enfia-la debaixo do chuveiro para apagar qualquer marca dele em seu corpo, em meio aos seus gritos e protestos.

A mão no quadril ao conduzi-la em meio aos convidados, o toque no ombro em meio a uma conversa ou até mesmo beijo casto na mão. Todas essas cenas perseguiram-me a noite inteira, enquanto eu me afogava em um copo de uísque um atrás do outro. Esfreguei o seu corpo e tomei-a ali mesmo debaixo do jato morno. Com pressa, com fome, feito louco.

Minha parte racional diz-me que não podemos continuar assim. Eu conseguiria exatamente aquilo que temo. Perdê-la.

— Tem certeza que quer continuar com isso? — indaga Peter, trazendo-me de volta ao presente — Isso é sequestro.

Desvio o olhar da janela de seu escritório, onde estive observando a cidade e volto a encará-lo.

— Sim — afirmo, convicto — Partindo do ponto que, ela irá de livre e espontânea vontade, eu não encaro dessa forma.

Ele revira os olhos, pedindo paciência.

— Não? — Peter encara-me sério, enquanto pontua — Avião particular, destino desconhecido e uma ilha no meio do nada, tudo isso sem que a jovem saiba onde está se metendo. Isso é loucura!

Partindo dessas primícias ele tem razão. Para qualquer pessoa no mínimo normal, o que eu havia arquitetado nas últimas horas seria considerado nada menos do que insano. No entanto, não é assim

que agem os apaixonados? No amor e na guerra, vale tudo. Eu estou amando e em guerra.

— Eu só preciso de tempo, Peter — digo a ele — Entenderia se você estivesse apaixonado.

— Arg! — Peter coloca o indicador na boca — Jamais irei apaixonar-me. E correr o risco de ficar maluco como você ou parar no hospital como o Neil? Definitivamente eu escolho, não! Adoro foder as mulheres e não que me fodam.

Balanço a cabeça, imaginando exatamente por quanto tempo ele conseguiria sustentar esse discurso.

— Não é algo que se escolhe — informo a ele — Um dia você irá cair de quatro por alguém, e eu vou sentir imenso prazer em lembrá-lo dessa conversa.

— Desculpe desapontá-lo. Isso jamais irá acontecer *comigo* — diz ele, estendendo-me um envelope — Encontrará tudo o que precisará aí. Contatos, a chave da casa e todo o resto.

— Eu mal posso esperar — digo sorrindo.

Não estou falando sobre minha pequena aventura romântica, e pela caneta voando em minha direção, Peter havia entendido o recado. Ele irá se apaixonar e terei o prazer de fazer da sua vida um inferno.

Estou em meio de uma nova onda de provocação quando o celular toca em meu bolso. A imagem da jovem travessa fazendo careta surge na tela, aquecendo meu peito. Eu não posso atendê-la, então, com grande esforço e pouca determinação, eu aperto a tecla vermelha, e desligo. Eu não conseguiria tratá-la com frieza, como havia feito essa manhã. Portanto, passei a encerrar todas as ligações. No mínimo, acredita que ainda estou irritado com a viagem, mal sabe ela.

— Não vai atender? — pergunta Peter, quando o telefone toca novamente.

— Não.

— Covarde — provoca-me.

Sim. Covarde, idiota, estúpido, ciumento todos adjetivos que eu espero serem compensados por; tolo, apaixonado, enfeitado e todos os outros que fazem-me fazer uma loucura como essa.

— Sua vez chegará — insisto.

— Nunca!

Eu consigo ouvir os gritos dela da metade da trilha que leva-me até a praia. Estou encrencado. Uma coisa é você idealizar uma aventura romântica, outra é ter que lidar com uma futura noiva, nada menos do que furiosa. E quando digo furiosa é furiosa mesmo. A briga entre ela e o barqueiro pela posse da mala é mais cômica do que preocupante. Paige é o tipo de pessoa irritante, que faz o sequestrador devolver a vítima com uma mala cheia de dólares para que ela ficasse bem longe dele. Minha vida nunca será monótona ao lado dela. Isso me faz rir.

Seus olhos faiscaram no momento que encontraram os meus. Ela pula na areia de forma desajeitada ao lado da mala, estatelando-se no chão, enquanto impropérios saem de seus lábios. O homem no barco aproveita o momento de distração para ir embora, conforme havíamos combinado.

— Richard! — os braços entendidos, punhos fechados e pernas abertas, indicam o grau de sua revolta.

— Também te amo — tento amenizar sua fúria, não adiantou. Graças aos céus não há nada

pontiagudo, pesado ou cortante perto dela, Paige tem a tendência de sair atirando as coisas — Senti saudade, amor.

Embora ela tente disfarçar o sorriso, virando o rosto para o outro lado, eu notei a pequena curva formando em seus lábios carnudos. Está linda em um vestido florido. Porra, como eu amo.

— O que você pensa que está fazendo? — diz ela, levando as mãos à cintura — Ignora-me por dois dias e agora isso? Está louco?

— Um dia e meio — corrijo-a sorrindo. Tiro o Ray Ban e caminho em direção a ela — Não me respondeu se senti saudades, sentiu?

Minhas mãos estão ávidas por tocá-la. Desde que ela voltou de Vermont que não passamos tanto tempo longe um do outro, nem mesmo nos momentos mais tensos após nossas discussões.

— A única coisa que sinto... — diz ela, tentando afastar-se de mim — É vontade de matar você. Leve-me de volta! AGORA!

— Isso é impossível — volto a sorrir — O barco só voltará daqui a dois dias.

Indico o barco e o homem ao longe.

— O que? — ela volta até a margem, as ondas quebrando em seus pés — Estamos presos aqui?

Eu dou de ombros e volto a aproximar-me.

— Estamos presos nessa ilha deserta? — ela repete indignada.

— Não é bem...

Seu olhar enfurecido faria uma criança tremer, mas eu já esperava por isso.

— Sem comida? E nada mais?

— Na verdade...

— E o meu trabalho? Como pôde fazer isso?!

— Se me deixar falar — Paige debate-se em meus braços — Ai...

Balanço a canela a qual ela havia acertado com um chute. Ela caminha até o celular caído na areia, gritando ensandecida.

— Sem sinal — caminha de volta até onde estou, com os olhos injetados de raiva — Vai nos tirar daqui!

— Só dá para sair de barco ou por meio aéreo. Não temos um nem o outro. Não se preocupe. Tenho tudo o que precisamos. E...

— Unf! — um bombardeio de areia vem em minha direção — Vai encontrar uma forma de voltarmos, imediatamente, Richard.

Paige ajoelha-se na areia fungando em meio as lágrimas.

— Odeio você — sussurra — Irei perder outro trabalho? Por seu ciúme idiota? Te odeio!

Por mais que as palavras tenham sido proferidas em um momento de raiva, feriram-me.

— Fiz isso porque eu a amo! Eu tenho feito tudo por você! E parece que não adianta. Você não me enxerga. O que diria se eu saísse desfilando com uma mulher a tiracolo? Ou que viajasse para outro país com ela?

A única coisa que temos feito é brigar o tempo todo. E estou cansado disso.

— Eu tenho ciúmes porque sou maluco por você. Imaginá-la aqui com ele... — respiro fundo, apenas a ideia deixa-me atordoado — Esse pensamento faz-me louco. Eu só queria um tempo longe de tudo e de todos.

— Richard...

— Talvez eu tenha sido mesmo um idiota — respiro fundo, dou as costas a ela a muito custo —

Vou tentar consertar as coisas.

— Richard!

Sigo pela trilha que leva até a casa, ignorando seus gritos ao fundo. É melhor dar um tempo para que ela se acalme e depois resolveria tudo entre nós dois.

A casa de dois andares é linda. Com paredes de vidro espelhada e janelas amplas. Do lado de dentro, há uma bela vista do mar, como uma pintura. Não há TVs, computadores ou telefone, mas há um ótimo sistema de rádio. O dono, um dos amigos de Peter, usa o lugar para isolar-se da cidade e agitação. Eu só teria que comunicar-me com o condutor do barco ou com a empresa que faz a manutenção e estaríamos longe em algumas horas.

— QRW chamando... — passo o comando enquanto tento melhorar a frequência — Mudanças de plano, retorne.

— QRO — uma voz aguda mistura-se ao chiado no rádio — Tempestade próxima à costa. Impossível voltar agora. QSN, entendido?

As palavras costa e tempestades foram suficientes para deixar-me petrificado. Porra, que merda eu havia feito?

— QSN, precisa de um SOS? Qual é a gravidade?

Olho através das paredes de vidro e vejo o céu límpido sendo tragado por nuvens escuras ao longe. Não demoraria muito até que elas nos alcançassem.

— QUF — sinalizo que recebi o sinal de perigo — QTA. Abortar pedido.

Paige tem fobia de tempestade, arrastá-la para o mar aberto em meio a uma, está fora de cogitação.

— QRT. Mantenha contato.

— QRT — encerro.

Antes que eu volte para a trilha, algumas gotas de chuva tocam meu rosto. O sangue congela em minhas veias ao ver a praia vazia. Onde ela está?

O mar está agitado, com ondas revoltas quebrando sobre a areia e descarto a possibilidade de que ela tenha feito algo irracional como sair da ilha nadando. Embora Paige fosse louca o suficiente para isso.

— Paige! — meu grito é levado pelo vento, o sentimento de culpa e desespero deixam-me desorientado — Paige!

Acho difícil que ela tenha se aventurado pela mata, embora ela não seja densa, então, corro em direção as pedras do outro lado da ilha. Não há desculpas para o que fiz. Ideias românticas parecem lindas em filmes ou livros melosos, a realidade, é bem diferente. Eu não havia apenas deixado-a furiosa, ela deve estar em pânico.

— Paige.

Encontro-a encolhida contra uma parede de pedras.

— Estou aqui.

— Richard? — ela se joga em meus braços e, aperto-a junto a mim.

— Perdoe-me — murmuro em seus cabelos — Sinto muito.

— Eu sinto muito também. Não quis dizer aquelas coisas.

Sei que não, Paige não é o tipo de pessoa que fere o outro propositalmente, principalmente quem ama.

— Tudo bem. Não precisa ter medo. Já estou aqui.

— Eu não tenho medo — ela afasta-se de mim. A chuva molhando seu rosto e cabelos — Não mais.

— Não? — prendo-a contra a parede de pedra enquanto tento protegê-la da chuva — Quando isso aconteceu?

— Quando você levou embora todas as lembranças ruins. Depois de Dubai, a única coisa que penso quando vejo a chuva é em você e naquele dia.

— Mas... — murmuro, confuso — Você parecia aterrorizada há alguns minutos.

— Tive receio de que eu tivesse estragado as coisas entre nós, pela milésima vez. Eu sei que eu não falo tanto quanto deveria, mas eu amo você, não há nada mais importante em minha vida.

Então eu a beijo. Minha boca a devorando e eu apalpo seu corpo molhado. Paige agarra meu pescoço e eu esfrego-me contra ela.

— Minha resposta é sim — diz ela, sugando meus lábios — Senti saudade.

A chuva cai impiedosa em nossas cabeças, mas isso não importa. Vou dar a ela outra lembrança.

— Eu te amo — sussurro em seu ouvido.

Deslizo minha mão pela lateral de seu corpo e encaixo suas pernas em minha cintura, puxando-a para mais perto. Beijo-a até ficamos sem fôlego.

— Paige — sussurro, apesar da água entrando em minha boca — Quero você, agora.

— Sim — ela morde meu lábio inferior.

Mantenho meus lábios nos dela e subo o vestido até a cintura.

— Felizmente não está usando um dos malditos jeans, que eu detesto — sussurro, afastando a calcinha para o lado — Eles e a chuva, não combinam definitivamente.

Acaricio-a, deliciado por sua umidade que não foi provocada pela chuva. O líquido que desliza de sua vagina é suavemente cremoso. Saber que eu desperto tais reações em seu corpo, deixa-me louco.

Paige, tenta desfazer o nó da calça pescador que estou usando. Ela chora frustrada quando não consegue desatar o nó cego causado pela água. Eu abaixo a calça e meu pau salta para ela, rijo e animado.

Em poucos segundos estou dentro dela. Seus gemidos misturam-se a chuva. Enquanto eu urro seu nome, acelerando os meus impulsos. Mergulhando fundo e derretendo-me dentro dela. O tesão correndo pelo meu corpo mais forte do que qualquer raio riscando o céu.

— Paige... — agarro-a pela cintura, cerrando os olhos.

Dou outra estocada, e ela desaba em meus braços. Seu corpo languido indicando que alçamos o prazer ao mesmo tempo. No mesmo ritmo, como os nossos corações batendo acelerado no peito.

Após nos recuperamos coloco-a de pé sobre a areia molhada e ajeito nossas roupas ensopadas.

— Vamos para dentro de casa — grito sob a chuva torrencial em nossas cabeças.

— Casa?

— Sim, com portas, janelas — sorrio — E principalmente um teto.

— Tem uma casa aqui?

— Claro que tem... Oh, achou mesmo que fosse uma ilha no meio do nada? Fica depois da trilha.

— Richard! Idiota!

Bem, lá vamos nós outra vez. Corro até, ela tentando segurar o riso. Paige já está furiosa o suficiente. Agora entendo porque havia ficado tão brava. A casa é realmente bem escondida é natural que tenha pensado que ficaríamos como náufragos por dois dias.

— Nossa! — grita ela, admirada — Esteve aqui o tempo todo? Enquanto eu me desesperava imaginando o que poderia ter acontecido com você?

— Bem...

— Não chega perto! — assovia, pisando duro — Por que estou realmente, muito, muito furiosa! Almofadas voam em minha direção, assim que travessamos a porta.

— Eu posso matar você!

— Adoro vê-la zangada. Encanta-me a forma que suas bochechas ficam coradas e o jeito que morde os lábios...

— Filho da mãe. Pare de rir de mim!

Um vaso voa em minha direção. Embora eu tenha pensado rápido, não foi o bastante para evitar o impacto. Deito-me atrás do sofá e levo a mão a testa. Por sorte, havia passado de raspão. Apenas um arranhão sem importância.

— Richard! — sussurra ela, ajoelhando-se ao meu lado.

Dedos suaves tocam meu rosto e em segundos minha cabeça está apoiada em seu colo macio. Decido ficar em silêncio por alguns minutos e esperar que ela fique um pouco mais calma.

— Desculpe-me. Amor eu sinto muito.

Espasmos incontrolláveis tomam conta de meu corpo. Se eu tivesse que inventá-la eu não conseguiria uma obra tão perfeita.

— Está convulsionando? Meu Deus, por favor!

Sinto lágrimas salgadas tocando meus lábios e foi o suficiente para fazer-me abrir os olhos.

— Ei, tudo bem — seguro suas mãos frias — Eu estou bem.

Um soluço escapa de seus lábios.

— Não quis acertá-lo. Estava apenas querendo irritá-lo. Eu juro.

— Tem que parar de arremessar as coisas nas pessoas. Principalmente se essa pessoa for eu. E não pode destruir as casas dos outros também.

— Eu prometo — sussurra — Está machucado?

Afirmo com a cabeça.

— Onde?

Conduzo sua mão até meu pênis que começa a despertar com seu toque. Não importa termos feito amor loucamente há alguns minutos. Eu a quero.

— Dizem que um beijo cura tudo — digo com um olhar safado.

— Oh — ela sorri, travessa — Então temos que dar um jeito nisso.

Dessa vez, suas mãos não brigam com os nós da minha calça, em poucos segundos, vejo-a voar para longe.

Ela volta a inclinar-se contra meu corpo, depositando beijos em meu peito enquanto abre os botões da camisa, a peça, é arremessada para o outro lado, perto da calça e a sunga. Sua boca passeia pelo meu corpo até chegar à virilha, beijando-me e acariciando-me com as mãos e a língua.

Ela lambe a ponta do pênis suavemente, segurando-o pela base ao mesmo tempo em que me masturba.

Ela toma meu pênis em sua boca. Agarro-a pelos cabelos ajudando-a em seus movimentos, meu membro dentro e fora, alternando entre movimentos suaves e rápidos, sem perder o ritmo.

— Paige — fecho os olhos e digo seu nome com voz ofegante — Pare!

Viro-a de costas para mim e apoio suas mãos no sofá.

— Fique aí — ordeno.

Livro-a do vestido. Regozijo-me ao vê-la nas peças íntimas, sexy e delicada. A renda negra contrastando com a pele clara. Deposito pequenos beijos molhados em sua nuca, costas, até o fecho do sutiã. Jogo-o longe e continuo a trilha de beijos por seu corpo. Beijo-a por cima da calcinha, arrancando-a em seguida. Passo a língua na região da virilha, ao redor da vagina, períneo, mas evitando tocar onde ela anseia.

Concentro-me em um beijo grego. Introduzindo minha língua em seu ânus. Essa é a única parte que ainda não havia explorado, e pelo tesão que sinto, não ficaria assim por muito tempo. Estou fodidamente duro apenas comendo-a ali com minha língua e dedos, vidrado para ter o meu pau entrando e saindo de seu ânus apertado.

— Richard — ela geme ou chora eu já não tenho mais certeza — Ahhhh...

Desejo castigá-la, assim como havia feito comigo. Nesse momento, ela já está bem excitada e implora para que eu esteja dentro dela.

Pressiono seus quadris contra o sofá e separo bem suas pernas. Aliso-as com lentidão e sinto a pele ficar arrepiada ao meu toque. Deito-me no chão com minha cabeça entre as pernas dela, tenho uma maravilhosa visão de sua vagina molhada e brilhante.

— Agora senta! — digo a ela.

Paige olha para baixo sem entender exatamente o que estou dizendo.

— Senta! — ordeno, em um grunhido enrouquecido — Agora!

Apesar de surpresa com o pedido inesperado, está tão excitada que duvido ser capaz de negar-me alguma coisa. Ela desce lentamente até ficar sentada em meu rosto. Passo a ponta da língua da abertura até o clitóris inchado, chupando-o. Seu cheiro é bom e o gosto é maravilhoso.

Passo a língua suavemente por toda a extensão da vagina e começo a beijá-la assim como fiz com sua boca. Faço círculos e espirais com a ponta da língua, de maneira suave. Toco toda a região interna, lambendo os lábios, batendo com a ponta da língua em seu clitóris, como um vibrador.

— Ahh... — ela choraminga e seu corpo dá um pequeno salto involuntário.

Seguro suas coxas com firmeza e prendo-a ainda mais contra meu rosto. Esfrego um dedo em sua entrada, lubrificando-o e, introduzo-o em seu ânus, enquanto minha boca trabalha dentro dela sem piedade.

— Richard... — ela geme e contorce-se, ofegante, tento mantê-la presa junto a mim, com o outro braço.

Estou explodindo e não sei quanto tempo ainda consigo segurar-me. Tremores dominam seu corpo enquanto ela balbucia palavras incompreensíveis. Está em um mundo que pertence somente a ela, de prazer e luxúria.

Saio de baixo dela, e fico de joelhos, meu pau ereto tocando sua bunda. Deslizo para dentro dela. Batendo duro, uma e outra vez.

— Eu quero comer você aqui — introduzo a ponta do dedo em seu ânus e sussurro em seu ouvido — Já fez isso antes?

A resposta foi um balançar de cabeça. Saber que eu seria o primeiro e único homem a possuí-la ali, deixa-me feliz como criança em um parque de diversões.

— Pode doer um pouquinho — mordisco o lóbulo de sua orelha, minhas mãos acariciam-na nos seios, puxando levemente seus mamilos — Mas eu vou foder gostoso, prometo.

Eu tento segurar o ímpeto de ir com muita força, essa é uma região sensível, e não quero machucá-

la. Mas está sendo fodidamente difícil manter o controle. Não tenho a porcaria de um lubrificante, então minha saliva misturada a umidade dela terá que ser o suficiente. Vou introduzindo o pênis lentamente, paro alguns segundos conforme encontro resistência. Espero-a se ajustar a mim e guiando-me por sua respiração suspensa e gemidos. Centímetro a centímetro eu mergulho cada vez mais fundo em seu ânus que vai sugando-me para dentro dela.

— Tudo bem?

Sua cabeça encosta contra curva de meu pescoço em busca de um beijo que prontamente eu retribuo.

— Eu não sei — diz ela, remexendo-se contra mim, fazendo-me ver tudo à minha volta fora de foco — Doe, mas é bom. Preciso de mais.

Inclino-a contra o sofá e começo enfiar e tirar o meu pau cada vez mais forte e profundo.

— Nunca fodi tão gostoso, amor! — continuo bombando dentro dela. Entrando e saindo.

Agora ela é minha de todas as maneiras. Completamente minha.

— É a melhor coisa do mundo... — agarro-a firme pela cintura — Esse buraquinho é tão apertadinho.

Paige está gritando por mais, e eu estou cada vez mais ensandecido. Estou prestes a gozar, mas não me permito antes dela. Introduzo dois dedos em sua vagina e acaricio o clitóris com o outro. Continuo bombando forte, levando-me à beira do precipício. As pernas dela começam a estremecer e logo está gemendo como uma gatinha, gozando. Eu vou em seguida, derramando-me dentro dela, no que foi o melhor sexo da minha vida.

Instantes mais tarde, quando nossas respirações voltam a normalizar eu saio de dentro dela e virando-a de frente a mim, olhando em seus olhos.

— Machuquei você? — pergunto temeroso, ao lembrar-me de que houve momentos que fiquei tão excitado, que só queria aterrorizar-me dentro dela, havia esquecido completamente que era sua primeira vez.

— Não — seus lábios tocam os meus — Foi tudo perfeito.

Pego-a no colo, passo pelas roupas molhadas e esquecidas no chão. Entro na suíte e preparo um banho de espumas. Após testar a temperatura da água, entro na banheira redonda trazendo-a comigo. Banho-a como quem cuida de um bebê.

— Agora durma — digo ao colocá-la na cama, minutos mais tarde.

Uma das muitas coisas que sei sobre ela, é como fica sonolenta após uma rodada de sexo. Paige é boa de cama, em todos os sentidos.

— Sempre mandão — ela boceja, fechando os olhos.

— Gosto de cuidar de você — sussurro, beijando sua bochecha.

— Eu gosto que cuide de mim — sussurra ela antes de pegar no sono.

Olho para fora e a chuva continua batendo forte contra janela. Deito-me ao lado dela desejando que seja apenas uma tempestade passageira ou estragaria meus planos para essa noite.

Ainda tenho quatro horas, espero que seja o suficiente. Puxo-a para mais perto de mim e automaticamente ela enrosca-se em meu corpo, abraçando-me com seus braços e pernas. Se algum dia alguém me perguntasse o que é felicidade, eu diria isso.

Acordo desorientado. A noite já havia caído, e Paige continua enroscada a mim. Uma mão em meu peito e a outra... A outra repousa delicadamente em meu pau. Meu amigo começa a ficar feliz. Inferno! Eu não tenho tempo para isso. Afasto-me dela fazendo o máximo para não acordá-la. Droga. Eu dormi mais tempo do que eu queria. Adoraria ficar na cama, desfrutando da paz e tranquilidade do quarto, além de seu corpo quente e macio.

Visto-me, saio do quarto e passo a chave na porta. Não quero arriscar que ela acorde e me pegue no pulo. E por Deus, que ela não acordasse antes que eu tivesse terminado tudo. Seria capaz de derrubar a casa ao ver-se trancada.

Definitivamente, eu não sou bom com planos. O jantar que era apenas para se aquecido, queimou, o vinho que eu tinha esquecido no freezer na hora da pressa, havia congelado, e as malditas velas resolveram não colaborar comigo.

Alguns palavrões depois e quase satisfeito com o que havia feito, volto para o quarto, para minha bela adormecida.

— Paige — afasto os cabelos de sua testa — Ei, acorde.

Ela geme e tenta afastar-se para o outro lado.

— Humm.

Um sorriso escapa de meus lábios.

— Acorda dorminhoca — insisto apertando a ponta de seu nariz.

— Deixe-me em paz seu pervertido — ela abre os olhos sonolentos.

Sinto como se tivesse tambores batendo em meu peito. Esfrego meus lábios nos seus com suavidade.

— Vem — levanto-me — Quero te mostrar uma coisa.

Afasto-me da cama e entrego um robe a ela que espreguiça o corpo nu, empinando os seios em minha direção. Provocadora. Eu não vou cair nesse truque.

— O que é? — pergunta ela, após colocar a peça de seda cinza.

Ignoro sua pergunta e coloco-me atrás dela. Acaricio seus seios sob o tecido. Ela geme e eu sinto-me vingado.

— É uma surpresa.

Guio-a para fora do quarto, minha mão sobre seus olhos. Sinalizo os degraus que levam até o segundo andar e depois os da entrada da casa. Nossos pés descalços tocam a areia úmida pela chuva, que afortunadamente havia parado.

— Já sei — ela murmura, colocado as mãos sob a minha em seus olhos — Tem um iate nos esperando?

— Não — respondo, e pergunto-me por que não havia pensado nisso antes. Talvez um iate fosse mais romântico.

— O que é? — Paige começa a revira-se.

Respiro fundo e afasto minha mão de seus olhos. Espero sua reação com grande expectativa. Nunca estive tão nervoso como agora. A nossa frente, há um enorme coração formado por velas na areia, dentro dele uma mesa com toalha branca, duas cadeiras que horas antes estiveram na varanda.

Em cima da mesa, o vinho branco, quente, pratos de porcelana, um vaso com flores que havia pegado da mesa da sala e algumas frutas.

— Então? — viro-me de frente a ela, ansioso por sua resposta — Gostou?

— Oh meu Deus!

Ela leva as mãos ao rosto e começa chorar baixinho. Aperto-a junto a mim. Seus ombros sacudindo enquanto soluça contra o meu peito.

— Que foi linda? — ergo seu rosto para que me encare.

— Fez tudo isso para mim?

— Tudo isso? — olho para a mesa, as velas e o mar a nossa frente — Não foi nada. Talvez um iate...

Paige leva os dedos aos meus lábios impedindo que eu continue.

— Nem um iate, um castelo ou qualquer outra coisa poderia ser mais lindo que isso — diz ela, através dos soluços — Eu amo você!

Tirando as vezes em que eu a fiz chorar de tristeza e esses são momentos que desejo esquecer, eu nunca a vi tão emocionada como agora.

— Ainda não acabou — conduzo-o até a mesa.

— Não? — sua mão vai ao peito.

Sento na cadeira do outro lado da mesa.

— Eu estraguei o jantar — falo com pesar, indicando a cesta de piquenique na areia — Frutas, queijo, geleia e alguns biscoitos é tudo o que temos.

Tudo o que eu havia planejado havia saído do controle. Eu já deveria ter imaginado. As coisas com Paige nunca seguem a uma lógica, esteja ela envolvida direta ou indiretamente.

— Está tudo perfeito — diz ela, com um sorriso encantado.

Excluindo todas as coisas que haviam dado errado, a noite está linda. Após o jantar de frutas, regados ao vinho com gelo, eu coloco uma concha fechada em cima da mesa.

— Que bonita — diz ela, pegando a peça.

— Algumas ostras produzem pérolas — aponto para concha — Talvez seja seu dia de sorte.

Ela abre com delicadeza. Aguardo alguns segundos. Seus olhos vagueiam entre eu e a concha, enquanto uma mão pousa em seu peito. É impossível não notar os olhos marejados. Levanto-me e ajoelho em frente a ela, pego sua mão gélida e trêmula de seu peito e levo aos meus lábios.

— Desde que eu a vi dançando naquela boate, eu soube que minha vida nunca mais seria a mesma — beijo cada um de seus dedos — Pedir que fingisse ser minha noiva, foi apenas uma desculpa para mantê-la junto a mim. Desejando que se apaixonasse por mim como eu me apaixonei por você.

Esfrego sua mão na minha para aquecê-la. Ela está rígida, os dentes ficados nos lábios e o queixo tremendo levemente.

— Respira Paige — ordeno, com medo de que possa desmaiar como parece — Respira.

Paige puxa uma respiração profunda e eu solto o ar aliviado.

— Quando você foi embora, levou uma parte de mim — continuo tão ou mais emocionado que ela — E quando voltou, trouxe a melhor parte da minha vida de volta.

— Richard... — murmura ela, piscando contra as lágrimas.

— Sem você eu não sou completo, Paige — minha voz falha — Deixe-me provar o quanto a amo, todos os dias de nossas vidas. Prometo estar ao seu lado sempre. Talvez eu não seja o melhor homem do mundo, mas eu sou o que mais te ama, nessa e em outras vidas. Casa comigo?

Ela retira o anel de dentro da concha entregando-me, o olhar fixo na areia. Espero ansioso por sua resposta. Se for negativo eu continuarei tentado.

Observo-a deslizar da cadeira até mim.

— Sim! Sim! Sim! — diz ela, distribuindo beijos por todo meu rosto.

Estica a mão para que eu coloque o anel em seu dedo.

— Vai se casar comigo? — pergunto abobalhado.

— Eu vou — ela sorri, em meio as lágrimas.

— Podemos ir para Las Vegas amanhã.

— Ai! — gemo, sinto uma pancada no ombro.

Paige encara-me com a cara emburrada.

— Quero um casamento de princesa — ela abre um sorriso — Igreja, vestido, festa e tudo que temos direito, por favor.

Pergunto-me se há alguma coisa que eu consiga negar a ela. Se ela quer um conto de fadas então proporcionaria isso, embora meu desejo é casar-me com ela na primeira igreja que encontrássemos.

— Você tem dois meses.

— Richard! — ela se queixa — Eu disse uma festa grande. Do tipo enorme.

— Tá bom — sorrio travesso — Um mês.

Fizemos amor ali mesmo, na areia. Abençoados pelo mar, tendo a areia como cama e as poucas estrelas no céu como cobertor.

Encontro-a na varando apreciando à vista. Tirá-la da cama essa manhã foi bem difícil.

— Está pronta? — beijo-a na testa.

— Eu não sei o que vamos fazer lá — ela suspira — Devem querer-me a quilômetros de distância. Isso, se a equipe ainda estiver no hotel.

— Confie em mim — acaricio seu rosto — Eu disse que ajeitaria tudo e é o que vou fazer.

— Por que se importa agora? — reclama ela, quando conduzo-a para dentro da casa — Eu nem mesmo vou seguir essa carreira. Vou usar o dinheiro que me deu para meu curso de arquitetura.

— Isso é muito bom — respondo, aliviado. Claro que se ela resolvesse levar a carreira de modelo em diante, eu apoiaria, mas eu prefiro ser o único a admirar sua beleza — Só não quero que minha esposa tenha a fama de irresponsável além de encenqueira.

— Fama causada por você. Ei, não sou encenqueira — Paige retruca — E ainda não sou sua esposa.

— Desde que coloquei esse anel em seu dedo, você é — afirmo — A igreja, os documentos e todas as outras coisas são apenas formalidades.

— Por falar nisso, gostei bem mais desse anel — diz ela, admirando contra a luz do dia — O outro era horrível.

— Por isso parou de usá-lo?

— Não. Tive medo de perdê-lo. Ia devolvê-lo quando voltei da Carolina do Norte. Todas as outras coisas aconteceram e me esqueci.

— Você é a única mulher que conheço capaz de esquecer de um anel que vale centenas de dólares — murmuro antes de pegar as malas.

— Eu espero que eu seja a última — diz ela enciumada.

O mesmo homem que a trouxe, já espera-nos em seu barco. Ele nos cumprimenta em um inglês perfeito.

— Estava fingindo? — Paige encara-o zangada.
— Desculpe-me senhorita — ele ri e ela fica vermelha.

O fotógrafo e a equipe estavam mais preocupados com ela, do que furiosos. De qualquer forma, a chuva anterior teria atrasado o trabalho deles. Então, ninguém pareceu desconfortável com sua ausência de um dia.

— Tudo bem? — Paige senta-se em meu colo após ser liberada para uma pausa.

Estamos em uma praia discreta e distante. Ela usa um biquíni branco, minúsculo demais para o meu gosto e em seu pescoço há um colar de brilhantes. Foram várias peças durante o dia.

— Precisa ter tantos homens? — pergunto mal humorado.

— Só há quatro homens aqui, Richard — ela ri — O fotógrafo, o assistente, maquiador e cabelereiro. E se quer saber, dois deles são gays.

— Para tirar uma foto basta uma pessoa e uma câmera — continuo irascível — Talvez dois gays, mas não dois homens.

O maquiador volta e arrasta-a para o camarim improvisado. Pelos trejeitos, presumo que seja um dos gays e só por isso, não o faço engolir os pincéis em cima da mesa.

No fim da tarde, o fotógrafo dar-se por satisfeito e arrasto-a para longe dali. Voltamos para casa no dia seguinte. Apesar de seus protestos, levo-a para meu apartamento, onde gostaria que ficasse todos os dias.

Encontro Peter alguns dias depois em seu escritório.

— Tenho uma coisa para lhe pedir.

— Se for outro sequestro esqueça — ele ri.

— Preciso que encontre a mãe dela — entrego uma folha a ele — São todas as informações que eu consegui. O orfanato onde Paige cresceu e onde viveu nos últimos anos antes de vir para Nova York.

— Farei o que puder.

— Encontre-a antes do meu casamento.

— Ei, isso aqui é mundo real — Peter cruza os braços — As coisas não acontecem como mágica. Eu farei todo o possível. E quanto ao pai dela?

A menção do homem desprezível faz-me estreitar os olhos.

— Faça uma coisa para mim se o encontrar — digo rangendo os dentes.

— O que?

— Mate-o — digo com a voz tensa — Na verdade, deixe este prazer para mim.

Peter encara-me abismado. Eu realmente odeio esse homem. Por todas as coisas que havia feito a ela, todas as lágrimas e dor que havia causado. Eu o mataria com muito prazer.

— Acho melhor esquecê-lo — diz ele.

Conversamos por alguns minutos e peço que ele mantenha sigilo sobre esse assunto. Não quero

que Paige fique desapontada caso a tentativa fracasse. Espero sinceramente que Peter encontre a mãe dela. Essa é uma parte em sua vida que ainda a machuca muito.

Talvez se minha mãe fosse mais receptiva, o vazio em seu peito pudesse ser preenchido, mas irritantemente ela preferiu ficar longe de nossas vidas. Então, que se dane. Ela não faz falta nenhuma.

Sigo para casa dela para buscar o resto de suas coisas. Jenny está morando com Neil para ajudá-lo enquanto se recupera. O apartamento ficará vazio até decidirmos o que faremos com ele. Chego ao apartamento ao mesmo tempo que um entregador de flores.

— São lindas, amor! — ela me beija dengosa em meio ao enorme buquê de rosas amarelas.

— Não fui eu que comprei — digo irritado — De quem é o cartão?

Paige lê e morde os lábios.

— Alexandros — diz ela, procurando um vaso para as flores.

Esse maldito grego de novo. Que não me venha com uma turnê de campanha ou algo parecido. Paige havia mostrado algumas fotos do catálogo e já havia alertando-me que isso poderia acontecer. Aceitei, desde que fosse eu o único a acompanhá-la em qualquer evento. Isso era indiscutível.

— Está agradecendo por tê-lo incentivado a procurar uma antiga namorada.

Essa é nova. Eu havia imaginado que ele tivesse desistido de paquerá-la. Pois que essa mulher o mantivesse bem longe de nossas vidas. Por muito tempo. Para sempre, seria o suficiente.

— Acho que deu tudo certo — ela sorri, alisando minha camisa — No fim, tudo se resolveu.

— Ele nunca teve chance não é? — pergunto, presunçoso. Agora eu posso, já que o homem não representa perigo.

— Não — diz ela, contrariada — Mas não fique se sentindo. Sabe, eu conheci um francês incrível.

— Paige! — sei que ela está apenas brincando. Eu espero que esteja apenas brincando — Eu não conheço nenhuma ilha francesa.

— Eu acho que você tem um amigo que pode ajudá-lo com isso. Esse francês é muito interessante.

Maldita provocadora. Certo, eu prometi controlar meus ciúmes. Farei algo sobre isso depois. Agora eu tenho coisas mais interessantes.

Passamos na casa de Neil por que minha noiva não pode esperar até o dia seguinte para fazer o convite a eles.

— Richard e eu queremos fazer um pedido — comunica Paige, assim entramos na sala — Gostaríamos que fossem padrinhos de nosso casamento.

— Eu não sei o que dizer — Jenny sorri, emocionada.

— Diga que aceita — abraço Paige, carinhosamente.

— Eu não poderia recusar — ela responde chorosa — Temos que comemorar isso!

— Peça que a Sra. Jackson traga uma garrafa de champanhe, querida.

— Eu vou com você! — Paige me beija e vai em direção a amiga.

Neil ajeita a perna imobilizada.

— Tudo bem com você? — sento em uma poltrona próxima a ele.

Ele me encara e enquanto pondera uma resposta. Olha em direção a cozinha e volta a olhar para mim.

— Jennifer anda bem chateada comigo, embora não diga — murmura ele, esfregando o rosto.

Jennifer e não Jenny como todo mundo a chama. Ele nunca gostou de chamá-la pelo apelido.

— Lembro-me de algumas pessoas, alguns nomes e fragmentos do meu passado. Mas sobre ela...

— ele suspira, fazendo uma pausa — Nada.

— Tudo tem sua hora — incentivo-o — Talvez sua mente precise de um tempo. Só isso.

— O meu corpo parece não querer a mesma coisa — murmura ele — Não sei como explicar. Ele parece reconhecê-la. Eu não desejo outras mulheres como desejo-a.

— Espero que não — sorrio — Então, o amor está mesmo no coração.

— E em outras partes — ele ri.

As duas voltam para sala alguns minutos depois.

— E quando irão se casar? — pergunta Jenny, entregando-me uma taça.

— Daqui a dois meses — coloco Paige em meu colo — Nenhum dia a mais.

— Meu Deus! — Jenny encara a amiga com olhar abismado — Não me diga que está grávida Paige?

Aperto-a delicadamente contra mim. Esse assunto ainda é um pouco delicado para nós dois. Apesar de termos chegado à conclusão de que ter um filho agora seria precipitado, chegamos a desejá-lo. A decepção ainda machuca um pouco.

— Claro que não — ela ri, mas eu noto a tristeza passando em seus olhos — Mas se dependesse de Richard, nós voariamos hoje mesmo até Las Vegas para nos casarmos — ela muda de assunto — E eu insisti em um casamento na igreja com meus amigos e tudo que tenho direito. Ah, e uma grande festa. Eu gostaria que Anne fosse à daminha de honra.

— Oh, Paige — Jenny sussurra, encantada — Ela amará a notícia. Anne adora você.

Uma hora depois estamos dentro de meu carro. Prendo o cinto de segurança em volta dela e faço um carinho em seu rosto.

— Tudo bem?

— Tudo perfeito — Paige beija minha mão em seu rosto.

— Sobre o que a Jenny disse lá dentro... — há um nó em minha garganta.

Isso sempre acontece quando penso em como sofreu e o quanto eu havia sido um canalha. Tenho muita sorte que ela tenha me perdoado.

— Ela não fez por mal — murmura — Eu teria perguntado a mesma coisa. Os bebês virão na hora certa. Por enquanto, eu quero você com exclusividade.

— Exclusividade? Pensei que eu fosse o ciumento dessa relação?

— Eu tenho ciúmes, Richard. Arrancaria os olhos de qualquer mulher que ousasse encará-lo por mais de cinco minutos — diz ela — Só que eu sou inteligente o suficiente para não demonstrá-lo.

— Humm... — ligo o motor do carro e saio num arranque — Essa sua boca.

Chego em casa com um terço do tempo que eu levaria. A única coisa em minha cabeça é fazê-la pagar por tanto atrevimento, a noite toda.

Há quase três anos eu tive uma das piores se não a pior experiência da minha vida. Chegar em casa após um dia triste e exaustivo de trabalho e encontrá-la vazia, havia sido um baque muito duro. Não foi o ambiente vazio e sem vida que me desestabilizou, mas a velha e conhecida sensação de abandono. Não foram apenas móveis e dinheiro que aqueles dois vigaristas haviam levado de mim. Eles levaram a fé que eu tinha na vida. Afortunadamente o destino havia colocado em meu caminho uma pessoa tão ou mais sofrida que eu.

Minha querida Jenny. É estranho quando acreditamos que nossa vida é uma verdadeira merda até nos depararmos com pessoas com dificuldades ou cicatrizes que nos fazem sentir vergonha de reclamarmos dos nossos problemas. Sim, eu fui abandonada pela minha mãe, eu tive um pai alcoólatra e violento. Meu *namorado* e *minha amiga* haviam fugido juntos levando todo o meu dinheiro. Mas Jenny havia passado por algo muito pior.

Viu a irmã sendo violentada pelo irmão gêmeo do homem que hoje é o amor de sua vida. Aos quatorze anos perdeu a visão, teve que lidar com a morte inesperada dos pais e o vício do irmão. Agora, luta para recuperar o amor do homem que ama. Quantas desgraças uma pessoa pode suportar e continuar de pé. Apesar de tudo, ela tem uma força incrível e se eu não tivesse cruzado com ela nessa cidade gigantesca e assustadora, talvez eu tivesse me perdido.

A coragem que via nela, fez-me encarar de frente todos os meus problemas e que em nada se comparava a sua luta diária. Ficamos mais fortes quando temos a nossa frente pessoas teoricamente mais frágeis que nós, enfrentando a vida de coração aberto. Graças a Deus, esses momentos de tristeza e escuridão haviam ficado para trás, e espero que dessa vez, para sempre.

— Tem certeza que deseja fazer isso, amor — Richard acaricia meu rosto. O toque é tão suave como uma pluma — Eu posso ir até lá por você.

Estamos escorados na moto dele, em frente ao prédio que há mais de dois anos eu havia saído fugida. É menor do que eu vivi no Bronx, mas é bem mais conservado e seguro.

— Eu preciso fazer isso — murmuro — Hora do acerto de contas.

Toco a mão estendida para mim. Ele enche-me de conforto e coragem. Se tudo o que passei e vivi, levaram-me até Richard, eu posso garantir que valeu à pena.

Subimos as escadas, porque para variar, o pequeno elevador estava quebrado. Algumas coisas não mudam nunca. Em meio a um degrau e outro, ele me puxa para seus braços roubando um beijo.

— Comporte-se! — dou um pequeno tapa na mão atrevida, que havia acabado de acariciar minha bunda.

— Eu não posso fazer nada, feiticeira — ele prende-me pela nuca, colando nossos corpos, em busca de outro beijo — Sou viciado em você.

Ficamos por alguns minutos presos em nossa bolha de felicidade. Quando o clima começa ficar um pouco mais quente eu me afasto, com dificuldade quase dolorosa. Eu olho a minha volta e felizmente o corredor está vazio. Estamos na fase do relacionamento que não existe lugar ou local para que essa combustão entre nós comece a explodir. Se bem que, desde a primeira vez que nos vimos foi assim. Eu desejo que continue assim por muitos anos.

— Pare, Richard — sussurro, languida — Vamos resolver isso logo. Depois eu prometo ser bem boazinha.

Os olhos dele brilham em antecipação, e Richard parece uma criança esperando o primeiro pedaço de bolo.

— Então vamos logo com isso — ele me arrasta até a porta, batendo com força.

Jesus! O homem é uma máquina de fazer sexo. Eu não sei como eu ainda sou capaz de fazer coisas tão simples, como, levantar da cama.

— Tem certeza que ele ainda mora aí?

Há alguns dias havíamos desenterrado algumas coisas do nosso passado. Esse é um acerto de contas que eu sempre quis. Como eu tenho um noivo que me daria a lua se eu pedisse, estamos aqui, prestes a passar a borracha em meu passado.

— Peter garantiu que... — antes que ele pudesse concluir, a porta é aberta por um homem magro e carrancudo.

Apesar de visivelmente estar abatido e de longe, lembrar o homem que sempre me atormentou nas datas em que vencía o aluguel, eu o reconheço.

— Olá, Craig — cumprimento-o, com um sorriso nervoso.

Ele me encara com olhos apáticos. Retiro o que eu disse, algumas coisas mudam sim, e parece que com ele andam bem ruins.

— Vejam se não é a jovem caloteira — murmura ele, seco — Que ventos a trazem aqui? Outro namorado trambiqueiro? Não há vagas aqui para vocês!

O olhar dele vai de mim para Richard. Que na verdade não ficou nada satisfeito com as palavras de Craig. Eu sinto sua tensão em volta de mim.

— Não estou procurando um apartamento Craig — começo a me explicar, envergonhada. Eu havia fugido devendo o aluguel e não sou caloteira.

Eu havia jurado que um dia voltaria aqui e pagaria tudo a ele. Graças ao dinheiro que Richard havia me dado e o que ganhei como modelo da joalheria, eu poderei fazer isso, com toda dignidade.

— Eu vim pagar o aluguel — estendo o envelope a ele, que olha para o papel como se fosse uma bomba prestes a explodir — Com juro e correção.

Olho por um longo tempo o rosto que há poucos minutos estivera severo e duro, mas que nesse momento parece abalado. O homem apoia-se contra a porta ao verificar o valor no envelope. Uma mão vai ao rosto e a outra prende o cheque contra o peito, em uma reação emocionada.

— Existem — sussurra ele — Milagres existem.

Eu fico estática observando a cena. O homem rabugento e que sempre reclamava de tudo comigo, sete dias por semana, pouco se assemelha com o frágil e emocionado a minha frente.

— Desculpem-me. Você realmente veio do céu. Já havia perdido as esperanças — ele respira fundo e volta a nos encarar — Entrem e vão entender ao que me refiro.

Apesar de desconfortável com a situação, faço menção de entrar. Richard segura meu braço, interrompendo meu caminho entre a porta e a sala do apartamento.

— Tem certeza? — ele me encara preocupado. Meu menino super protetor.

— Olhe para ele — sussurro, baixinho — Acho que não representa nenhum perigo.

Apesar de concordar comigo, ele entra na minha frente, mantendo-me a suas costas. Eu sempre soube me defender sozinha. Faço isso há tanto tempo que já nem me lembro, penso que mesmo antes de minha mãe e eu fugirmos de casa. No entanto, ter o homem que amo agindo como um leão em volta

de mim deixa-me flutuando e emocionada.

— Esta é minha filha, Chloe — sussurra Craig, interrompendo meus devaneios.

Saio de trás de Richard e vejo uma jovem franzina deitada em um sofá desgastado, creio que tenha em torno de dezesseis ou dezessete anos, não sei dizer com certeza. Sobre ela, há uma manta xadrez e alguns travesseiros em volta, ela dorme profundamente.

— Chloe possui uma doença rara — continua ele, com a voz entrecortada — Os medicamentos são muito caros e as últimas doses já estavam acabando eu.... — ele pigarreja — Eu não sabia como iria resolver isso. O salário como síndico não é muito bom, mas me permite cuidar dela o máximo possível.

Outra vez a vida me dá uma bela lição de moral. Eu jamais vi o lado B daquela história. Nunca imaginei que ele tivesse uma filha, e muito menos que fosse doente. O que posso dizer em minha defesa? Estava preocupada com Harry, a ameaça do banco contra ele, meu futuro sem um emprego. Meus problemas eram importantes demais para mim, para que olhasse as pessoas ao meu redor. Eu havia ido embora com o dinheiro que havia recebido, talvez fosse algo importante para Craig na época. Sinto-me uma pessoa horrível nesse momento.

— Obrigada — ele sorri pela primeira vez — Sinto muito pela forma que a tratei naquela época, mas aquele seu namorado era insuportável. Vivía com som alto e fazendo algazarras pelo prédio. Chloe é sensível ao barulho.

— Eu entendo — apoio minha mão em seu ombro — Espero que tudo fique bem. Desculpe-me também. Por tudo.

Olho novamente para a garota e não têm como eu não me sensibilizar com isso.

— Richard? — digo chorosa, há mais do que súplica em minha voz. Preciso ajudá-los de alguma forma.

Não foi preciso dizer mais nada. Ele solta minha mão pela primeira vez e vejo-o tirar a carteira do bolso da jaqueta.

— Você tem uma caneta? — ele pergunta ao dono da casa que nos encara com olhar confuso.

Craig vai até uma mesinha próxima a janela e volta com a caneta, entregando a Richard. Chloe solta um gemido fraco e seu pai corre até ela, ajustando a coberta e travesseiros. Ela não chega a acordar, mas solta um suspiro suave. Pergunto-me onde anda a mãe da menina. Espero que não seja outra Sophia da vida. Pelo que eu me lembro, ele não tinha esposa.

— Creio que poderá ajudar por um tempo — Richard entrega a folha de cheque e um cartão a ele — Esse é meu número procure-me se ela precisar de algo.

Eu não sei a quantia que ele havia preenchido no cheque, mas conhecendo Richard como conheço, o pai da jovem não se preocupará por longos meses, arrisco-me a dizer, anos.

— Eu não posso aceitar — Craig devolve o cheque — É muito dinheiro.

— Não é para você — Richard dá de ombros — É para a juvenzinha ali. Irá negar isso a ela?

Craig volta a olhar para filha e depois para a folha de cheque em sua mão. Nenhum orgulho no mundo é maior do que amor de pai, então, ele não tem alternativa além de aceitar a oferta generosa.

— Então, obrigado — lágrimas enchem seus olhos e ele tenta esconder — Se minha esposa fosse viva, ela faria uma torta para vocês, era especialidade dela, mas eu posso oferecer um café.

Vamos embora meia hora depois e sinto como se um peso enorme fosse tirado de cima de mim. Abraço Richard antes de subirmos na moto. Sempre me pergunto se é possível amá-lo ainda mais, hoje descubro que sim.

— É a pessoa mais generosa que eu conheço — murmuro, emocionada — E o homem mais fofo do mundo.

Ele parece encabulado e me aperta contra seu peito.

— Poder usar meu dinheiro em causas tão importantes, me faz feliz — murmura ele — Se isso a faz feliz eu fico em dobro. E, eu não sou fofo.

— Não? — ah, ele é sim.

— Homens não são fofos. Somos fodões — diz ele, contrariado — E eu tenho segundas e todas intensões envolvidas aqui.

— Ah é? Sr. Fodão! — aconchego-me mais contra ele — E o que você espera?

— Você me disse que seria boazinha — ele sussurra, antes de depositar um beijo na curva do meu pescoço — Gosto quando você é boazinha...

Sim, ele gosta. Não posso dizer que me comportei bem por muito tempo. Meu lado perverso é muito mais divertido. Ah, que se dane, eu nunca fui santa, na cama então, não seria diferente.

Hoje é dia de pôquer. Os homens precisam desse momento só deles. Além disso, é uma prática que eles cultivam há muitos anos. Eu não me importo, Jenny, Anne e eu temos coisas divertidas para fazer. Por exemplo, eu estou morrendo de curiosidade para saber como anda a vida entre minha amiga e o noivo desmemoriado.

Estamos no quarto de hóspedes, o mesmo que Richard irá se unir a mim, quando a brincadeira entre meninos tiver um fim, pelo andar da carruagem, atravessará a madrugada inteira.

Tranço os cabelos de Jenny enquanto ela passa gloss nos lábios de Anne.

— Então Jenny... — começo de forma despretensiosa — Ainda está em greve?

Recebo um tapa em minhas mãos e ela indica Anne com os olhos.

— O que é greve? — pergunta a garota com curiosidade.

— Greve é quando você se recusa a fazer uma coisa para conseguir outra — começo a explicar. Em outras palavras, quando você quer castigar marido de alguma forma — Anne. Não quer ir até seu quarto buscar uma linda presilha para que eu faça um lindo penteado em você? Gostaria de testar alguns para o casamento.

— Está bem — Anne sorri — Eu tenho muitas presilhas bonitas, tia Paige.

Vejo-a sair mancando e meu coração enche-se de amor por ela. Depois do orfanato eu não tive contato com crianças. Eu sei muito bem como algumas podem ser cruéis ou mimadas, Anne é a criança mais doce que eu já vi. Nos aproximamos muito, e sinto como se fosse tia dela, de verdade. É tão estranho, as crianças, naturalmente gostam de mim.

— Traga todas — oriento antes que ela atravesse a porta. Quero arrancar de Jenny tudo o que puder. A maluca está fazendo greve de sexo só porque o pobre Neil havia sido vítima de uma amante sem vergonha — E traga laços e fitas e tudo que tiver lá.

— Então, me conte tudo — sento de frente a ela na cama.

— Não há muito que contar — murmura.

— Não acha que está sendo teimosa? Querida, não há muitos homens como ele por aí. Porém, existem milhares de Millas, Sophias e etc.

Mas nem em um milhões de anos, eu me privaria de todo aquele corpo gostoso do Richard.

Encontraria outra forma de perturbá-lo.

— Isso é o que me deixa aborrecida Paige — responde ela, frustrada — Com tantas mulheres lindas ao redor dele. E isso sem contar Penélope, e todas as mulheres lindas que deve ter no escritório.

— Ah não! — levo-a até o espelho — Você é lindíssima, Jenny. Não deve nada a nenhuma delas.

Às vezes eu tenho a incontrolável necessidade de bater a cabeça dela na parede. Quantas vezes o homem precisa provar que a ama?

— No próximo mês, você matará todas as rivais de inveja.

— Próximo mês? — Jenny enruga a testa — O que há no próximo mês?

— A inauguração do complexo de Richard, lembra? Em Dubai. Neil não contou a você?

— Está muito aborrecido comigo. Não temos conversado muito. Talvez não queira que eu vá — ela dá de ombros e se joga na cama, enquanto choraminga — Acho que peguei pesado. Só que fiquei com muita raiva. Imagina você chegar em casa e pegar o Richard com outra debruçada nele.

— Eu arranco os cabelos dela — digo, indignada — E depois os olhos dele, com a pinça de sobancelhas.

— Foi exatamente isso que eu quis fazer.

— Nesse caso, penso que está sendo tola. Não disse que o deixou dormindo? A culpa é daquela ordinária — digo, fazendo uma careta — E quanto a viagem, acho que Neil pretende fazer uma surpresa. Richard me disse que ele confirmou a presença de vocês dois.

— Você tem certeza?

— Absoluta.

Ela fica um pouco mais animada. Minutos depois conversamos sobre outras coisas. Anne já está de volta e ela é uma criança extremamente perceptiva. Por volta das nove, Jenny vai até a cozinha, buscar leite e biscoitos para Anne. A menina insiste em ficar acordada, mas mal consegue manter os olhos abertos por muito tempo. Distraio-me com a TV e espero que isso a ajude a pegar no sono. Estou quase dormindo com Anne ao meu lado, quando Jenny retorna, abalada.

— Paige! — ela cai em meus braços — Eu estraguei tudo. Neil não me ama mais.

Tento tranquilizá-la da melhor forma possível. Assim que ela se acalma ajudo-a a colocar Anne na cama. Por sorte ela não havia acordado. Passei a próxima hora tentando colocar um pouco de juízo na cabeça de Jenny. O fato de Neil não ter demonstrado ciúmes ao vê-la com Peter, não quer dizer que não a ame. Que conclusão mais ridícula.

Eu vou descobrir o que está acontecendo, prometo ao vê-la um pouco mais calma. Richard deve saber de alguma coisa. Eu desço as escadas em silêncio. Há caixas vazias de pizzas e garrafas de refrigerante e cervejas, por todos os lados. Céus como em poucas horas eles haviam transformado a linda sala em um completo chiqueiro?

— Então, Richard? Quando teremos nossa despedida de solteiro? — a voz provocativa de Peter para-me no meio do caminho.

Despedida de solteiro? Escondo-me contra a pilastra, desejo saber onde essa conversa chegaria.

— Pensei que estivéssemos fazendo isso, agora — Richard responde.

Boa. Eu gostei disso. Conheço a fama de Peter. Despedida de solteiro para ele é: bebidas, festa e mulheres, muitas mulheres. Mas não mesmo.

— Nem vem cordeirinho — Peter continua com o mesmo tom sarcástico — Fizemos juramentos de sangue, de que esses encontros seriam eternos. Não vai desfalar o time aqui só porque se casou.

— Paige não me pediu isso — ele vem em minha defesa — Mas não há dúvidas quem eu escolheria se ela pedisse.

— Por isso eu não me caso — Peter rebate contrariado.

— Eu gosto de ser casado — Neil rebate, com a boca cheia.

Jenny deveria estar comigo ouvindo isso. Talvez deixasse de ser tão insegura.

— Legalmente, você não é casado ainda, Neil — Adam provoca — Mudaria de ideia se lembrasse de Sophia. E sim, Richard, você terá uma despedida de solteiro. Isso é uma tradição.

— É como se eu fosse — Neil insiste.

— Adam, esses dois são um caso perdido — diz Peter, provocativo — São duas marionetes.

Se eu tivesse algo em minhas mãos eu lançaria na cabeça de Adam e Peter. Querem usar meu casamento e meu noivo em benefício próprio. Um motivo para ficarem rodeados de mulheres sem vergonhas. Apenas a ideia de Richard em volta de mulheres semi nuas e desfrutáveis, deixa-me ensandecida.

— Eu lembro muito bem o que fizeram no casamento do Charles. Quase deu em divórcio antes mesmo de ter chegado a igreja. Não quero problemas com a Paige — Richard parece determinado — Ela é capaz de arrancar minhas bolas com os dentes.

Humm... Ele me conhece tão bem. Afasto-me da pilastra e volto para o quarto com um enorme sorriso no rosto. Pobre garotos, eles queriam uma despedida de solteiro. Eu não vou bancar a estraga prazeres. Não quando ideias maravilhosas me veem a cabeça. Com certeza será inesquecível.

Eu tento fingir que estou dormindo, deitada de bruços. Os dedos provocadores deslizam pelas minhas costas sob o fino tecido da camisola. Eles deslizam dos meus ombros, passam pela linha curva de minhas costas e deliciosamente, essa mão enorme pousa na bochecha de minha bunda. Mordo meu lábio quando sinto o pequeno tapa, seguido de uma leve carícia.

— Para de fingir, Paige. Sei que não está dormindo — as mãos acariciam minha bunda, levantando o tecido até a cintura — Porra!

Eu não consigo frear o sorriso. Não estou de calcinha. Às vezes eu gosto de facilitar as coisas para ele, *às vezes*. Isso sempre o deixa muito feliz ou muito enciumado. Como no dia que saímos para jantar e eu resolvi estrear um vestido novo. O que posso fazer se a peça gritava: *sem calcinha*, não quis provocá-lo. Na verdade, quis sim.

Escuto um farfalhar de roupas e em seguida sua boca faz o mesmo caminho que seus dedos, espalhando beijos quentes por todo meu corpo. As mãos deslizam pelas minhas coxas, separando minhas pernas. Ele me coloca de joelhos.

— Você está tão molhada — ele geme. É o suficiente. Minha vagina pulsa e eu fico eriçada.

Quando a língua dele imersa dentro de mim, meus olhos saem de órbita e minha respiração passa a ser irregular, tremores sacodem meu corpo e agarro-me ao lençol da cama em busca de apoio. Língua e dedos fazem amor comigo de modo que logo estou gemendo e ondulando meu corpo em direção a ele, mergulhando em um mar de sensações delirantes.

Com um puxão em meus cabelos, ele me ergue, colando nossos corpos. Suas mãos deslizam pela lateral de meu corpo, acariciam minhas coxas, lentamente, continuam subindo, ventre, seios e logo ele livra-me de minha camisola, jogando-a longe. Richard, agarra meus seios, os dedos apertam e pressionam meus mamilos e uma carga elétrica espalha-se pelo meu corpo. Pendo a cabeça em seu peito enquanto as mãos ávidas continuam reivindicando-me. Continua essa doce tortura, suas mãos em cada parte de meu corpo.

Ele se afasta um pouco em busca de um preservativo no bolso do jeans. Então, após alguns

segundos, seu pênis está dentro de mim, empurrando com força. Uma mão em minha garganta e a outra cravada em minha cintura, coloco minhas mãos para trás, prendendo-as em seu pescoço, agarrando-me a ele. E encontramos nosso ritmo. Eu estou à beira de ir, quando seus dedos acariciam meu clitóris minutos antes de eu sentir a construção de um orgasmo vindo, enquanto ele mergulha duro dentro de mim.

— Paigeeee... — ele suspira em meu ouvido, voltando a puxar meus cabelos — Você é... muito gostosa, amor!

Seu corpo másculo, rijo como aço, sobrepondo-se ao meu, me subjugando. As mãos agora, cravam em minha cintura. Seu membro entrando e saindo de dentro de mim, arrepiando minha pele a cada estocada.

— Ahh... — choramingo e minha visão começa ficar turva. Começo uma respiração cachorrinho de forma inconsciente e uma avalanche de sensações tomam conta de mim — Eu quero... eu quero...

— Vamos bebê — ele aterra profundamente. E um prazer indescritível castiga todo meu corpo — Entregue-se! Goze para mim, bebê.

— Ohhh... *Merda!* — fecho os olhos, minhas pernas tremem — *Deussssssss! Richard!* — o grito estridente acompanha os espasmos que devoram meu corpo — Ohh — derretendo, tal como a chama beijando a vela.

Quanto mais forte ele estoca, mais intensamente eu vou esvaindo, até que não há nada além do prazer e plenitude. Então, deixo-me ir. Com seu pênis pulsando dentro de mim, desabo em seguida.

Caímos sobre a cama. O corpo dele sobre o meu, tal como um cobertor. Estou sendo esmagada pela montanha de músculos, eu não me importo. Richard rola na cama e coloca-me de lado, virada de frente a ele. Sua mão suave, afasta os cabelos suados do meu rosto.

— Nossa — um sorriso languido brilha em seu rosto, ele morde meus lábios.

— Nossa, nossa — sussurro, fraca.

Então, eu faço o que sempre acontece quando ele me deixa destruída. Durmo. Não antes de ouvir o que provavelmente deixou-me com um largo sorriso madrugada à dentro:

— Amo você, feiticeira.

— Também te amo, menino lindo — acho que disse isso, eu espero ter dito.

A primeira coisa que vejo ao abrir os olhos, é a imensidão azul dele. Depois seu rosto lindo, os cabelos desgrehados e o peito nu. Ah, e aquele sorriso. A sensação que tenho é de estar no paraíso. Amar alguém assim é assustador, só que eu não tenho outra alternativa. Amo-o com todas as minhas forças, talvez além.

— Bom dia — ele sorri.

Deveria ser ilegal alguém sorrir assim. Eu vi isso em um livro, agora eu entendo a veracidade dessas palavras.

— Bom dia — espreguiço e aconchego-me a ele — Ótimo dia.

Tomamos café da manhã e não há nenhum sinal do casal vinte, então, tudo deve ter se resolvido entre eles. É domingo então, resolvemos voltar para o apartamento de Richard e passamos o dia curtindo um ao outro.

No momento, estamos deitados no sofá da sala. Ele assiste um jogo de basquete na tela plana e eu estou concentrada em um dos livros eróticos que encontrei em sua biblioteca.

— Leu mesmo isso? — viro-me para ele, após derreter como margarina, depois que li uma cena

quente.

— O que? — ele sorri, maroto — Eu já disse, era uma pesquisa. Quer conhecer as mulheres, veja o que elas leem. Tirando essas partes melosas, até que é interessante.

Tá, ele gostou da parte do sexo. Richard é inacreditável. Eu jamais encontraria outro homem como ele por aí; sexy, lindo, carinhoso, safado... A lista é longa demais para enumerar. Sou uma mulher de muita sorte.

— Quer praticar? — ele desliga a TV e senta-me em seu colo — Gosto do capítulo doze.

— Não temos todas aquelas coisas — digo com minhas bochechas queimando.

— Quem disse que não? — ele alisa minhas coxas nuas. Uso apenas uma camiseta dele e calcinha.

— Sério? — sussurro quando a mão vai subindo lentamente — Algemas, chicotes e todas as outras coisas?

— Chicote não, mas as outras coisas... — ele senta e prende minhas pernas em volta de sua cintura. Afasta os cabelos que caem em meu rosto e sussurra com a voz fofamente rouca em meu ouvido — No closet. Na caixa preta.

Eu vi a caixa, imaginei que fossem cartas, fotos, coisas antigas de ex-namoradas. Embora eu tenha ficado mortificada de ciúmes, respeitei a privacidade dele.

Excluindo o chicote, ele tinha brinquedos bem interessantes. Ele havia dado luz a um pequeno monstinho, uma nova mulher havia nascido em mim. Sem limites.

— Quando você irá me contar? — pergunto, horas depois, enquanto faço aspirais em seu peito.

— Contar o que?

— Sua despedida de solteiro.

Ele fica tenso, os músculos de seu peito enrijecem e suas mãos agarram as minhas. Apoio meu queixo em seu peito, encarando-o.

— Não haverá uma — é impossível não notar o nervosismo em seu rosto — Já avisei ao Peter que não rola. Não tem porque se preocupar com isso. Como soube disso?

— Eu imaginei que fariam. É uma tradição — volto a me concentrar em desenhos imaginários em seu peito. Se eu olhasse em seus olhos ele saberia que minto — Por que não terá?

— As festas do Peter são... — ele parece buscar as palavras — Animadas.

— Tudo bem. Eu não me importo.

Ele ergue meu rosto e me olha fixamente, como se estivesse me analisando.

— Está falando sério? — o tom incrédulo não me passa despercebido.

— Claro que estou — dou um sorriso inocente — Confio em você.

Eu já havia arquitetado tudo em minha mente e ele não estragaria bancando o bom moço

— Nada de brigas, coisas voando em minha cabeça? — ele me encara como se não pudesse acreditar no que afirmo — Nem lágrimas e ofensas? O que você está aprontando?

— Que tal praticarmos o capítulo doze — pulo em cima dele, desconversando, o cobrindo de beijos desde o pescoço até o peito malhado.

— Paige! — apesar do sorriso maroto, o olhar compenetrado avisou-me que não esqueceria o assunto, seria apenas ignorado, por um tempo — Endiabrada.

Entro no prédio Durant & Tecnologia na manhã seguinte com um único pensamento martelando em minha mente. *Despedida de solteiro.*

Eu a vejo assim que entro no escritório. Observo-a quando paro na soleira da porta e dedico alguns minutos para analisá-la de longe. Os cabelos, aparentemente loiros naturais, estão presos em um coque severo. O vestido azul marinho é discreto, mas elegante. Caramba, ela é muito bonita, isso é inegável.

Como se notasse que está sendo observada, Penélope ergue o rosto, os olhos azuis encontram os meus.

— Srta. Fisher? — apesar de surpresa, o sorriso é sincero — Como vai?

— Nós já passamos dessa formalidade, Penélope — atento — Paige apenas.

— Certo. Paige — ela parece encabulada — Deseja contato de outro buffet ou a organizadora que indiquei não alçou suas expectativas?

— Não. Ela é ótima.

Penélope tem sido de grande ajuda nos preparativos do casamento. São tantos detalhes que me levam a loucura. A sorte, é que eu havia jogado toda a responsabilidade para a organizadora indicada por ela, mas ainda assim; a escolha das flores, o tipo de bolo, a comida, as músicas e todas as coisas que fazem um casamento perfeito, precisavam ser aprovadas por mim. Sem contar, o vestido de noiva.

— Na verdade, é um outro assunto — falo, com a voz mansa — Eu preciso muito da sua ajuda.

Eu não sei exatamente o que Peter e Adam estão tramando. Mas eu vou descobrir, cada detalhe sórdido. Porque com aqueles dois envolvidos, coisa boa não seria.

— Você quer que eu descubra onde será a festa?! — enfatiza Penélope, após eu explicar o motivo da minha visita — Como espera que eu consiga isso?

Pelo fato de que você é mulher? Por que Adam está caidinho por você, embora goste de negar isso?

— Agora que Neil está afastado da empresa, Adam tem vindo bastante aqui, não tem?

— Sim, mas...

A simples alusão do nome dele faz com que ela fique vermelha e nervosa. Observo a boca ser aberta e fechada diversas vezes e não consigo controlar meu interesse. Quem não gosta de uma boa história? E esse, parece ser um romance bem apimentado.

— Com jeitinho — acrescento, com a voz adocicada — Você consegue algumas informações. Por favor!

Penélope parece meditar por alguns instantes. Ela fecha os olhos e faz uma careta engraçada, como se tivesse em uma discussão interna.

— Por favor! — faço caro de choro — Meu casamento depende disso.

Tudo bem, há um certo drama aqui. Ela me encara com ar de que não está caindo nessa.

— Certo, eu quero dar uma lição neles — digo, frustrada — Por favor. Mulheres unidas.

— Está bem, farei o que posso — diz ela, numa voz abafada — Mas eu não prometo nada.

Saltito em direção a ela e arranco-a da cadeira para um abraço apertado. Não me importa os meios ou fins que ela usará, apenas que me dê as informações necessárias. Os homens podem parecer criaturas dominadoras, ariscas, perspicazes, mas quando “*nós mulheres*”, queremos algo, somos capazes de tudo.

— Você é maluca — ela sorri.

Os dias passam depressa eu ando uma pilha de nervos. Penélope ainda não descobriu nada e isso

me deixa bem irritada. O casamento me deixa sensível e intragável. Richard tem sido muito paciente comigo e algumas vezes eu sinto pena do pobre. Eu queria minha mãe comigo. Por que a mãe dele tem que ser uma bruxa insuportável?

Às vezes eu tenho vontade de desistir de tudo, fugir para Las Vegas como ele me propôs, sempre que eu tenho uma crise. Então, eu me lembro que isso não é justo. É meu primeiro, único e último casamento. E no fundo, eu sou uma romântica. Eu quero festa, ter todos meus amigos e familiares reunidos. Um álbum de fotos para mostrar aos nossos filhos e netos. Memórias.

— Tem certeza que quer fazer isso? — Jenny repete a mesma pergunta que tem feito desde que saímos de sua casa.

Estamos paradas em frente à casa de porta branca há quase dez minutos e eu reluto se devo bater ou não. A ideia pareceu maravilhosa quando a tive, agora parece um pouco absurda. Eu e minhas ideias malucas. Quer dizer, como abordar uma pessoa que você nunca viu na vida e dizer: “Olá, sou a noiva do irmão que você detesta. Quer ir ao meu casamento?”

— Eu quero — respondo frustrada — Só não sei se consigo.

Ao invés de aproximá-los, eu poderia estar contribuindo ainda mais com enorme rachadura que há entre eles. Respiro fundo e decido ir embora. Não precisamos de nenhuma dessas pessoas. Temos um ao outro e isso é o suficiente.

Como tudo na minha vida não segue uma ordem lógica, a porta foi aberta exatamente no momento em que decidi ir.

Uma jovem bonita encara-nos com curiosidade e surpresa.

Boca pequena em forma de coração, nariz arrebitado, os cabelos loiros estão presos em um rabo de cavalo frouxo. Ela usa jeans e camiseta preta. Em sua mão há alguns livros, que ela tenta equilibrar em uma mão enquanto segura uma mochila na outra. É impossível não notar a semelhança com Richard, embora os olhos dela sejam castanhos e os dele azuis.

— Pois não? — diz ela, com suavidade na voz.

— Eu sou Paige — murmuro — Essa é Jenny.

Ela arqueia a sobrancelha e sorri, dou-me conta do absurdo da apresentação. É obvio que ela não está entendendo nada.

— Noiva de Richard — suspiro — Seu irmão. Quer dizer eu sou... Ela é nossa amiga.

Droga, como eu consigo ser tão estúpida.

O sorriso se desfaz. A garota olha para dentro da casa e em seguida fecha a porta, como se quisesse nos ocultar de quem estiver lá dentro.

— Não sei do que está falando — diz ela, com um sinal de irritação — Por favor, vão embora.

Vejo-a descer a escadinha que dá para rua. Apresso-me em alcançá-la, afinal, eu já que havia feito a merda, então jogaria tudo no ventilador.

— Espera — puxo-a pelo braço, os livros caem de suas mãos — Hanna não é? Você pode me ouvir?

Ela me olha com fúria. Jenny apressa-se em recolher os livros. A tensão entre nós é palpável. Mas eu não sou do tipo que desiste com facilidade.

— Deixe-me ir! — ela me encara de frente, os punhos fechados e os lábios cerrados em uma linha fina.

— Eu não vou — digo determinada — Não até que me ouça. Tem um café aqui perto. Se depois do que eu tenho para dizer, quiser manter distância, irei respeitar isso.

— Ela não vai desistir — diz Jenny, num tom aflito, ao entregar os livros a ela — Ouça-a.

— Seja rápida, eu não tenho muito tempo.

Sorrio para Jenny, em agradecimento. Caminhamos até um pequeno café do outro lado da rua. Não foi uma conversa fácil. É difícil derrubar as barreiras de alguém que alimentou algumas feridas por tanto tempo. Uma grande parte do distanciamento entre Richard e os irmãos, foi causado por Diana, seu orgulho e arrogância. Hanna e o irmão tentaram uma aproximação no velório do pai deles, mas haviam sido expulsos. Nem ao menos tiveram a oportunidade de se despedirem. Diana não havia permitido. Foram tantos desencontros entre eles. Um lado acreditando que era desprezado o outro com medo da rejeição. Meu Deus, quanto tempo havia sido perdido, causado pelo veneno de uma mulher amarga e preconceituosa. Irmãos, separados por uma crueldade incompreensível.

— Sabia que ele paga seus estudos?

— Eu tenho uma bolsa de estudos — Hanna abaixa os olhos e fixa-os no café a sua frente em cima da mesa.

— Sério? — olho-a séria e um pouco irritada — Nunca se perguntou a procedência disso?

— Paige... — Jenny tenta acalmar-me, sem sucesso.

— Ela precisa saber — insisto, determinada.

— Foi uma doação anônima... — Hanna empina o queixo.

— Uma ova! Richard pagou por tudo. Sabia que sua mãe aceita o dinheiro dele? Que ele pagou a hipoteca da sua casa? Fez todas essas coisas em silêncio, enquanto você e seu irmão alimentavam esse orgulho bobo — solto tudo de uma vez.

— Não — ela parece chocada.

Não é por menos eu havia descoberto todas essas coisas há pouco tempo, quando a mãe dela havia ido ao escritório dele em busca dos cheques mensais.

— Mamãe dizia que era do seguro — diz ela, espantada.

— Faça-me o favor! Seus pais não eram casados. Ela não teria direito a nada.

Ela não me parece uma pessoa má, apenas machucada.

— Pode passar a vida inteira carregando toda essa mágoa e revolta dentro de você. Ou pode ter a chance de conhecer uma pessoa maravilhosa. Eu sei o que é não ter ninguém, não sentir-se de parte nada.

Ela parece ponderar sobre o que falo.

— Eu gostaria muito que estivesse em nosso casamento — continuo, agora mais calma — Que faça parte de nossas vidas. Que nossos filhos um dia possam brincar juntos, talvez pudéssemos ser amigas. Espero que pense sobre isso e um dia deseje o mesmo.

Coloco o convite em cima da mesa e deixo-a sozinha com suas reflexões. No final, eu acho que havia feito o correto. Já era hora de pôr um fim a isso. Espero sinceramente que ela se deixe guiar pelo coração.

O dia da inauguração do complexo havia chegado. Há milhares de pessoas por todos os lados; ricas, bonitas e algumas famosas. Apesar de todos os problemas que uma obra como essa acarreta, havia ficado simplesmente perfeito.

— Eu tenho que resolver algumas coisas — Richard beija meus lábios assim que acordo.

Eu espreguiço na cama enorme. A suíte tem uma decoração árabe, teto curvado, cortinas amarradas em volta das paredes de vidro que circulam o quarto e outras em volta da cama.

— Não — eu faço manha com a esperança de que ele fique comigo — Não vá.

Puxo-o para cama novamente, abrindo os botões de sua camisa. Ele tenta resistir, mas sou

insistente. Caímos rindo em volta dos lençóis emaranhados.

— Ah, que se dane! — diz ele, antes de se livrar do resto das roupas — Isso é mais importante.

Richard sempre coloca-me em primeiro lugar em tudo. Ele é possessivo, ciumento, às vezes age como um idiota, mas seu amor é inegável.

Entregamo-nos a essa paixão desenfreada. Ele me faz sua. Exigindo e entregando-se na mesma medida. Tudo é questão de pele, toque, cheiro, e um desejo inexplicável.

— Se eu continuar assim, irei à falência — diz ele, uma hora depois, enquanto se equilibra para colocar os sapatos.

— Com tudo isso aqui — giro o dedo, indicando o quarto — Deve valer milhões.

— Bilhões, na verdade — corriji ele, enquanto ajeita a gravata — Mas eu tenho sócios, que nesse momento, devem querer o meu fígado.

O dinheiro e posição social dele nunca haviam me incomodado. Talvez, porque ele houvesse me mostrado seu outro lado. Essa parte glamorosa da vida dele não deixa de ser aterrorizadora para mim. Poderei me adaptar a isso? Ou serei um fracasso como a mãe dele falou?

— Que carinha é essa? — diz ele, ignorando meus temores. Meu lado da cama afunda levemente quando ele senta para beijar meu pescoço.

— Aproveite o dia — ele mordisca o lóbulo de minha orelha — Faça compras, compre tudo o que quiser. Fique ainda mais estonteante. Quero que todos os homens sintam inveja de mim, hoje à noite.

Com essas palavras e mais alguns beijos ele vai embora, deixando-me com o coração palpitante e um maravilhoso cartão de crédito. Sim, eu posso me adaptar a isso muito bem.

— Jenny! Esse lugar não é fantástico? — digo a ela assim que entro em seu quarto.

Ela está em volta da enorme mesa de café da manhã.

— É muito lindo. Olhe essa vista Paige. Ficaria aqui para sempre.

A paisagem paradisíaca e o mar cristalino ao fundo, são realmente estonteantes.

— É um sonho — suspiro — Quando estive aqui a primeira vez também fiquei impressionada.

— Paige, você não tem medo? — ela pergunta, receosa.

— Medo de quê? — sento na cadeira de frente a ela e pego algumas uvas.

— Richard é tão bonito e rico. Neil e ele estão sempre cercados de mulheres glamorosas. E nós somos simplesmente nós, Paige. Não nascemos nesse mundo.

— Em que mundo você acha que nasceu, Jenny? — encaro-a com simpatia. Eu não vou ficar me lamentado por não ter nascido em uma gaiola dourada — Querida, tirando as roupas, joias e tudo isso, o que fica é o que temos aqui.

Levo a mão ao coração enfatizando o discurso.

— Tire isso tudo dessas mulheres e o que resta? Garanto que nem de longe são melhores que nós duas. Somos reais e não dondocas afetas e é isso que nossos homens admiram. Richard prova-me isso a cada dia. Ele me ama e eu o amo, apenas isso me importa.

— Acho que tem razão — Jenny responde envergonhada — Nunca me importei com essas coisas. Estou sendo tola.

— Uma grandíssima tola — aperto sua mão em conforto — Agora termine esse café, pois temos um dia cheio. Vamos nos divertir, ficar lindíssimas e deixar todas essas esnobes no chinelo.

— Paige, minha vida não seria a mesma sem você.

Passamos o resto da manhã na piscina. Enquanto Jenny se envergonha de alguns olhares masculinos, eu me sinto maravilhosa. Não que eu vá dar bola a algum deles, mas é bom se sentir admirada. Enriquece o ego.

Por volta do meio dia, Richard me liga para adiar nosso almoço na cidade. Jenny e eu resolvemos almoçamos ali mesmo, no hotel.

— Sabe... — começo receosa — Tenho uma coisa para contar.

— Agora sim está grávida.

— Não, Jenny — dou risada — Por que invocou que estou grávida?

— Bem... — ela balança os ombros — Pessoas sempre começam a frase assim, quando vão comunicar algo tão bombástico. E depois da última vez.

— Richard e eu agora somos cuidadosos — murmuro. Já não dói tanto tocar no assunto — O que quero contar, é que eu me matriculei na universidade. Começo meu curso de arquitetura no início do ano.

— Paige que notícia maravilhosa! — ela levanta, sem se importar com as pessoas em volta e me dá um abraço de urso — Esse sempre foi o seu sonho.

Conversamos animadamente sobre essa nova etapa em minha vida. À tarde passamos o dia no salão com tudo o que temos direito e mais um pouco.

— Eu retiro o que disse — Richard beija meu ombro nu e me encara através do espelho do quarto

— Não quero que nenhum homem olhe para você... Então acho melhor ficarmos no quarto.

—E perder uma grande festa? — faço cara de emburrada — Não mesmo!

Uso um lindo vestido tomara que caia, marrom para nude, decote em coração, com tecidos transpassados, justo até cintura, calda mais clara, toda drapeada. Meu cabelo está preso em um coque elegante e maquiagem, impecável.

— Eu quero dançar com meu noivo a noite toda — ajeito a gravata branca. Richard está lindo em seu smoking cinza. Eu não vou perder a oportunidade de desfilhar com esse homem lindo e garantir que todas as mulheres presentes saibam que ele é meu.

— Está proibida de falar com qualquer um que use calça — diz ele, em tom de brincadeira.

— Richard! — no fundo eu sei que está falando sério.

Encontramos Neil e Jenny no saguão. Uma Limusine nos espera em frente ao hotel. Após posar para algumas fotos, somos direcionados às nossas mesas. Após o jantar, Richard vai para centro do palco, para o discurso que dará início ao baile.

— Quando era menino eu tive um sonho. Um sonho de criar um lugar mágico. Minha própria terra da fantasia. Eu cresci e meus sonhos não mudaram, apenas cresceram ou se modificaram. Inicialmente este era um ideal de isolamento. Para fugir da dura realidade da vida. Um lugar onde eu pudesse escapar da correria do dia a dia e das tristezas. Um lugar onde pudesse encontrar paz e isolamento.

Sinto tanto orgulho por ele. Por como havia se dedicado e se doado por esse sonho.

— Hoje, eu quero compartilhar esse sonho com vocês e principalmente com a mulher mais importante para mim. Paige, esse não é mais um lugar onde procuro me esconder, mas é o paraíso

onde me encontrei e descobri o quanto a amo, você é meu sonho que se tornou realidade. Que todos vocês possam ser tão felizes aqui como eu. Que encontrem a paz, amor e felicidade. Sejam bem vindos ao Delaney Center.

Claro que eu estou em lágrimas. Meu menino lindo. Meu sonho transformado em realidade. Ele finaliza estourando uma champagne sob som de aplausos e gritos ovacionados.

— Richard, foi tão lindo — abraço-o assim que ele retorna à mesa — Amo você.

Eu olho para os inúmeros catálogos espalhados sobre a mesa. Eu tenho quase certeza que planejar esse casamento irá me deixar maluca. São tantas coisas lindas e perfeitas — como a decoração da igreja, os convites, o vestido de noiva. Esse é o que mais vem consumindo minhas energias. Desejo que seja perfeito, mas são tantas opções, que é praticamente impossível escolher um. Eu mudo de ideia constantemente.

Suspiro. A campainha toca tirando-me do meu devaneio sem fim. Não imagino quem possa ser, já que estou no apartamento do Richard. Jenny não avisou que viria e, a empregada que cuida da limpeza, saiu a meia hora.

— Charles? — a surpresa me toma ao abrir a porta e me deparar com ele aqui.

Ao recobrar do choque inicial, eu noto um envelope branco em suas mãos. Flashes da última visita da mãe dele, me vem à cabeça. A presença dele aqui, só pode significar uma coisa, veio tentar obter êxito, onde Diana havia fracassado.

— Richard não está aqui — ameaço fechar a porta, mas ele me impede, apoiando o braço contra ela.

— Eu sei — grunhiu ele — Quero falar com você. Posso entrar?

A resposta que me agrada é *não*. Mas contra minha vontade, acabo me afastando para que ele possa entrar. Eu vejo isso como um presságio. Cedo ou tarde eu teria que lidar com ele. Então é melhor terminar logo com isso.

— O que você quer? — pergunto com frieza.

— Eu sei que minha mãe lhe fez uma proposta...

— Ah, entendi — ofego baixinho, fecho os olhos e balanço a cabeça por alguns segundos, enquanto tento me manter tranquila — Qual o problema com vocês?

Raiva, frustração, ódio, mágoa e todos esses sentimentos que nos fazem ficar doentes, transitam através de mim.

— Acham que todas as pessoas se vendem? — rosno, furiosa — Que o dinheiro está acima de tudo.

— Se você se acalmar e me ouvir...

— Eu não vou ficar calma! — murmuro, agitada — Richard significa tão pouco assim para vocês, que não possa ser amado de verdade? — acrescento, em meu rosto, pura dor e frustração — Mesmo por alguém tão *insignificante* como eu?

Que família terrível. Algumas vezes é melhor estar sozinho no mundo do que rodeado de pessoas tão maléficas e sem alma.

— Realmente gosta dele... — começa ele, soando incrédulo.

Gostar? Eu amo Richard, com todas as minhas forças. Acima de tudo! Mas não adianta falar de amor para pessoas que não sabem o significado disso. Do simples, puro e verdadeiro amor.

— Você o ama pelo que é? — acrescenta ele, olhando em volta do apartamento — Ou está encantada com essa vida? Com o luxo.

Meu corpo treme de indignação e raiva.

— Abriria mão de tudo por ele? — continua ele. Eu posso ver nos olhos dele, a desconfiança.

— O que quer dizer?

Ele estende o envelope em minha direção a qual eu ignoro. Pouco se importando com minha atitude indiferente, ele caminha até a mesinha de centro, em frente ao sofá na sala e, deposita-o em cima do vidro, ao lado das amostras do casamento, que eu estive analisando há alguns minutos.

— Um contrato pré-nupcial — diz ele, com tanta naturalidade, como se estivéssemos mesmo, tratando de um assunto de negócios e não da vida do irmão dele — Onde você abrirá mão de tudo, de todo o dinheiro e o que possa conseguir com esse casamento. É a melhor prova de amor que poderá dar a ele. Então, assine o contrato.

— Eu não tenho que provar *nada* a você, Charles — murmuro, a meia voz.

— Foi o que eu imaginei — diz ele, com um sorriso gélido.

Eu posso notar, pela mudança da expressão em seu rosto, que essa era a resposta que ele esperava.

Enquanto ele caminha até a porta eu luto contra às lágrimas queimando em meus olhos. Reprimos, jamais demonstrarei fraqueza ou o deixarei saber o quanto esse comportamento preconceituoso em relação a mim, me ferem.

Arrasto-me até a mesinha e pego o envelope. Leio rapidamente. Eu não entendo alguns termos legais que constam ali, mas fica claro para mim, que desse casamento eu não levaria nada, caso um dia, nos divorciássemos. Charles havia pensado exatamente em tudo. O que ele não percebeu, e que é a parte mais importante disso tudo, é que eu não me importo. Dinheiro nunca esteve em jogo aqui.

Assino nas linhas pontilhadas, com as mãos trêmulas.

Saio correndo e, assim que atravesso a porta, encontro-o dentro do elevador, falando ao telefone.

Seguro a porta, impedindo-a de ser fechada. Seguro firme o envelope em minhas mãos e respiro fundo.

— Paige? — ele parece surpreso em me ver ali. Encerra a ligação sem se despedir da pessoa do outro lado e me encara franzindo os olhos, sondando-me.

— Aí está o seu contrato — dou alguns passos vacilantes e entrego o envelope a ele — Devidamente assinado, como você queria.

— Bem... —ele inclinou a cabeça, enquanto examinava o documento — Eu só quero que saiba que eu pensei...

— Não quero saber o que pensa — interrompo-o — Não me importa. Fiz o que você queria, espero que fique feliz. Porque eu e Richard seremos.

Os olhos desviam dos meus, ele parece um pouco desconcertado. Ignoro, eu nunca fui muito boa em julgar as pessoas. Com certeza está apenas aliviado. Afinal, a fortuna da família não está mais ameaçada.

Sigo em direção ao apartamento e estaco em frente à porta.

— Charles? — viro-me em direção a ele.

— Sim?

— Se você o ama — minha voz é suave, quase imperceptível — Deixe-nos em paz. Essa é a maior prova de amor que você pode dar.

Com essas palavras, eu deixo-o. Sentindo-me muito mais forte do que entrei.

Bato a porta e arrasto-me até o sofá, abraçando minhas pernas com força. A dor volta a cutucar meu peito. A luta contra a família de Richard parece não dar sinais de trégua.

Fiquei ali, olhando para o nada por algum tempo. As lágrimas persistem, mas não permito que caiam.

Por fim, o som do meu celular me tira desse estado de estupor. O nome no visor traz um sorriso gostoso aos meus lábios.

Espere-me nua.

Diz a primeira mensagem. Sorrio e acaricio a tela com a ponta do dedo.

Hoje eu estou incontrolável, Srta. Fisher. Muita testosterona a caminho.

Olho para relógio em meu pulso. Ainda faltam três horas para ele chegar. Três longas e intermináveis horas.

Talvez... uma foto anime-o a voltar mais cedo para casa — envio.

Ainda não é minha casa de verdade, mas passo mais tempo aqui do que em meu próprio apartamento.

Estou saindo.... Amo você, feiticeira.

Richard sempre será o meu *menino lindo*, como gosto de chamá-lo. Ele sempre sabe o momento em que estou precisando dele, como se passássemos o dia conectados. *Isso... é amor.*

Volto a me concentrar na segunda coisa mais importante na minha vida, nesse momento. O meu casamento.

Três dias para meu casamento. Todas as coisas que poderiam dar errado aconteceram. Começando por ter que substituir Nicole, a noiva de Liam, como madrinha por Penélope, na última hora. Na verdade, isso me deixou feliz, ela havia faltado em todos os ensaios e eu a detesto de qualquer forma. As flores haviam sido extraviadas, entre outras coisas.

— Ainda dá tempo de desistir dessa loucura — Penélope me encara angustiada — Richard não vai gostar.

Bem, ele ficará um pouco bravo, talvez.

— Ele vai amar — digo, sem muita convicção.

Tudo isso é culpa do Peter. O filho da mãe havia contratado uma dançarina de strip-tease para uma dança surpresa em homenagem ao noivo. Um dia ele vai me pagar por isso.

— Você só tem que mantê-la aí dentro até que a música comece — indico a jovem amordaçada e amarrada.

Entrar na casa noturna não foi difícil. As mulheres não estavam sendo barradas. Encurrular a jovem dançarina, foi mais complicado.

— Não a deixe sair — digo, ao colocar o robe preto de seda — Se ela tentar, quebre aquele vaso na cabeça dela.

A jovem me olha com os olhos arregalados e murmura algo incompreensivo. Claro que eu estou apenas brincando, mas ela não precisa saber disso agora.

— Paige! Você não poderia ter oferecido dinheiro a ela? — Penélope apoia-se contra a bancada de maquiagem — Eu não me sinto bem.

— Sente-se aqui — conduzo-a até uma poltrona perto da dançarina. Penélope parece realmente mal — Só não a deixe sair, está bem? Não até que a música começar a tocar.

Ela balança a cabeça e fecha os olhos. Coloco a máscara em meu rosto e saio em direção ao palco.

— Você está atrasada — Peter interpela-me no meio do caminho. Ele não me reconhece, respiro aliviada — Os homens ali estão bem agitados. Já estava indo buscá-la.

Conforme ele me arrasta pelo corredor, eu escuto os gritos animados. Não imaginei que haveria tantos homens.

— Mande ver garota — Peter dá um tapa em minha bunda antes de eu subir as escadas — O noivo, é o menos animado ao meu lado. Dê atenção especial a ele, mas não extrapole porque a futura esposa é doida.

Doida!

Eu quero chutar a canela dele. Faria isso se eu tivesse tempo ou ele não tivesse se afastado.

As luzes se apagam. No centro do palco há uma cadeira e uma luz fraca sobre ela. Olho para a plateia até encontrá-lo. Lembro-me da primeira vez que nos vimos e como nossas vidas haviam mudado. Tudo o que suportamos e como nosso amor havia fortalecido. Eu o amo a cada dia mais e sempre.

Sento-me na cadeira de costas para a plateia. As luzes acendem, ouço assovios de todos os lados. A música começa a tocar. *Dance For You* da Beyoncé.

Hora do Show!

Termino de preparar a bandeja com o café da manhã. Paige ainda está dormindo, pelo menos, estava quando saí da cama há meia hora. Gosto de mimá-la de vez em quando. Ainda mais nos últimos dois dias, notei que ela anda um pouco diferente, meio aérea, às vezes, melancólica. Sempre procura disfarçar quando a flagro com o pensamento longe, mas eu sei que me esconde algo.

Pode até ser as preocupações com o casamento, que a deixam estressada assim, como ela mesma diz, sempre que a questiono. Espero que seja mesmo isso, e que minha família, não tenha nada a ver com isso.

Escrevo um bilhete rápido e coloco ao lado do seu chocolate preferido. O celular em cima da mesa vibra, quando estava prestes a pegar a bandeja e levá-la para cima. O número na tela me deixa bastante intrigado.

— Mãe? — pergunto.

— Bom dia, Richard — murmura ela.

Há semanas que eu não a vejo ou falo com ela. É uma surpresa que tenha entrado em contato comigo, depois da nossa última conversa. Minha mãe é muito orgulhosa, jamais daria o primeiro passo a não ser que algo tivesse acontecido.

— Charles está bem? — pergunto, apreensivo.

— Até que onde eu sei, sim — diz ela.

Olho o dia chuvoso através da janela, o chuveiro manchando o vidro com pequenas gotículas. Se eu fosse comparar minha mãe a alguma coisa, seria como um dia como esse. Cinza, nublado e frio. Mas até mesmo dias como esses, recebiam raios de sol de vez em quando. Pergunto quando ela se livrará dessa couraça que construiu ao redor dela. Quando dará a si mesma, a oportunidade de amar e ser amada.

— Eu vou dar um jantar em casa e eu quero que compareça — acrescenta ela — Traga sua noiva.

— Paige?

— A não ser que tenha mudado novamente — murmura ela, num tom que dava a entender a estupidez da minha pergunta.

— O que pretende, mamãe? — enrijeço, desconfiado.

— Acertar as coisas — ela funga, contrariada.

— Está me dizendo que mudou de ideia? — digo, com certa relutância — Vai aceitar o meu casamento?

— Eu tenho outra alternativa? — resmungo.

Não, ela não tem. Eu havia sido claro com ela em relação a Paige, ela está na minha vida de forma permanente. Nada do que minha mãe fizer ou disser, mudará isso. Eu havia encontrado minha alma. Sinto-me completo agora e feliz como nunca estive.

— Bem, vou ver o que Paige acha...

— Agora precisa da permissão dela, para visitar sua mãe doente? — interrompe-me ela.

— Não se faça de vítima, mamãe — repreendo-a — E a sua saúde vai muito bem.

Eu já havia caído em sua chantagem uma vez. Está muito enganada se pensa que poderá usar essa

artimanha novamente.

— Bem, espero vocês amanhã à noite — ela encerra a ligação antes que possa dizer alguma coisa. Apoio-me na mesa, meditando sobre esse convite inesperado.

— Quem era? — pergunta Paige.

Está escorada contra parede, perto da porta. Linda como sempre. Os cabelos longos, caindo cacheados e desalinhados em volta do rosto. Minha camiseta preta favorita, fazendo com que pareça extremamente sedutora. A gola caindo de lado, deixando uma parte do ombro esquerdo a mostra. A barra pouco cobre as pernas torneadas. O olhar gaseado, de quem acabou de acordar. O conjunto da obra é terrivelmente sexy para mim.

— Minha mãe — murmuro, aproximando-me dela — Ela nos convidou para jantar amanhã à noite. Abraço-a, pois meus dedos estão formigando para isso. Apodero-me de seus lábios ao mesmo tempo que faço uma carícia leve em sua bunda, pressionando seus quadris nos meus.

— O que? — ela geme, tentando desenroscar-se dos meus braços — Isso é sério?

— Se não quiser, não precisamos ir — beijo-lhe o pescoço, inebriando-me com perfume adocicado. É o suficiente para me deixar excitado. Apenas olhar para ela me deixa excitado.

— Richard — ela se afasta, indo para o outro lado da mesa — Acha que Diana está tentando se aproximar? Acho que depois de...

— Depois do que? — pergunto rodeando a mesa, como gato a caça do rato. Está tão compenetrada em seus pensamentos que só nota minha presença quando a coloco sentada em cima da mesa.

— Eu quero — diz ela, após um gritinho de surpresa — Acho que ela entendeu que nos amamos... que eu amo você. Se ela quer tentar, por que não?

— Isso a faz feliz? — pergunto, preocupado.

— Vê-lo feliz é o que me faz feliz — murmura ela. Eu consigo ver a esperança brilhando em seus olhos. Deus, que minha mãe não a magoe. Não sei o que seria capaz se isso acontecesse.

— Está bem — volto a beijá-la com doçura, seguro seu rosto com ambas as mãos — Vamos enfrentar a fera. Aconteça o que acontecer, sempre estarei ao seu lado. *Sempre*.

Dessa vez, é ela que me beija. Um longo e profundo beijo. Minhas mãos seguem tocando-a por todo corpo, até pousar nas coxas macias. Num movimento desesperado agarro a barra da camisa, levantando-a lentamente, meus dedos tocando suavemente a pele alva.

Jogo-a em uma cadeira e paro um momento para observá-la. Os seios empinados em minha direção, como se suplicassem por serem tocados. Sentindo meu corpo ferver, passo a beijá-los. Enquanto me farto de um seio com minha boca, acaricio o outro apertando o bico, fazendo-a arquear o tronco em oferta. Suas mãos agarram meus cabelos e passo a beijar o seio com sofreguidão, arrancando gemidos alucinados dos lábios dela.

— Ah... — suspira Paige, tocando meus ombros nus.

Felicitto-me por usar apenas a calça moletom, a qual me desfiz com um gesto rápido. Meu pau rijo toca-lhe o ventre e esfrego-me contra ela. Nessa doce fricção que faz-me arder de prazer.

— Feiticeira... — gemo ao apoderar da cavidade úmida e lisa que dá para entrada de sua vagina, aprofundando o dedo dentro dela, lubrificando, excitando, umedecendo-a para que me receba como quero.

— Querido... — soluça Paige, movendo os quadris, completamente entregue — Por favor.

Apodero-me de sua boca e beijo-a como se quisesse devorá-la. Minha necessidade aumentando.

Afasto a bandeja para o lado e deito-a sobre a mesa, enroscando suas pernas em volta do meu quadril. Quando penso que estou ao ponto de enlouquecer arremeto dentro dela, com força. Paige contrai-se e morde o lábio, em puro êxtase.

Começo a mover-me guiado pelo delírio de estar dentro dela, preenchendo-a profundamente. Afasto-me abruptamente e volto a penetrá-la com mais força. O compasso dos meus movimentos aumentando, cada vez mais rápidos, enquanto nossos corpos se ajustam sincronizados.

Noto-a explodir, o corpo convulsionando. Então permito-me entregar-me aos espasmos de prazer e gozo, meu jato quente, jorrando dentro dela. Como se eu quisesse esvaziar minha alma dentro dela.

Desabo sobre o corpo delicado, ainda dominado pelo arrebatamento e tremor de satisfação. Alguns instantes depois, ergo-me para não sufocá-la com meu peso. Puxo-a para um abraço apertado, fazendo sua cabeça descansar em meu peito. Deslizo os dedos em seus cabelos, enrolando-os em uma carícia suave, enquanto nossas respirações começam a desacelerar.

— Isso é para mim? — suspira ela, indicando a bandeja, há muito tempo esquecida.

— É, eu ia entregá-la na cama — brinco com sua orelha — O que a tirou da cama?

— Ela estava vazia demais, senti sua falta — ela se aconchega mais a mim — Meus pés estavam ficando gelados.

Solto uma gargalhada antes de depositar um beijo em sua testa.

— É a primeira vez que me comparam a uma meia — belisco suas bochechas — Mas valeu a pena.

Afasto-me um pouco e volto a vestir-lhe com a camisa.

— Tome seu café — murmuro, ao acomodá-la em uma das cadeiras.

— Você já tomou o seu? — pergunta ela, com a voz manhosa.

— Sim. Vou tomar uma ducha antes de ir para o trabalho, talvez dê tempo de comer novamente — pisco olho e sorrio das palavras dúbias — Estou louco para comer novamente.

— Está? — geme ela, lançando-me um olhar endiabrado.

— *Sempre!*

Estamos um pouco atrasados para o jantar com minha mãe. E ela odeia atrasos. Tivemos um imprevisto que nos fez desviar do planejado. Passamos a última hora na casa de Jenny. Sophia envenenou Anne contra Jenny. Isso havia deixado Neil furioso e, ele acabou indo atrás dela para acertar as contas.

— Está pronta? — sinto-a muito nervosa — Podemos ir embora se quiser. Depois da última hora...

Eu sei que o que ela mais quer é que minha mãe a aceite e que nós voltemos a ser uma família de verdade. Como se algum dia tivéssemos sido isso. Acho que essa noite está sendo mais importante para ela do que para mim.

— Estou bem, querido — diz ela, num fio de voz — Tudo ficou bem entre Jenny e Neil, então, vamos em frente.

Saio do carro e contorno-o para abrir a porta para ela. Ao segurar suas mãos, vejo o quanto estão frias. Entrego as chaves ao segurança de plantão e caminhamos pela trilha de pedras que leva a

imensa mansão.

— Ei... — toco-lhe o queixo — Vai ficar tudo bem. Estou ao seu lado, lembra?

Paige balança a cabeça e sorri, com coragem. Está magnífica em um vestido tomara que caia, cor de pêssego. Os cabelos presos de lado, caindo em cachos pelos ombros e, os lábios tentadores em um batom vermelho sangue.

— Está linda — toco seus lábios de leve — Não se afaste de mim.

— Richard... — ela protesta, assim que alcançamos a porta.

— É sério — prossigo — Alguns velhotes amigos de minha mãe, são bem saidinhos. Não quero você perto deles por muito tempo.

Em resposta, recebo um revirar de olhos acompanhado de um sorriso. Retribuo, feliz de que eu tenha alcançado o meu objetivo.

— Oi, querido — uma senhora, meticulosamente uniformizada atende a porta.

Abby trabalha como governanta na casa desde que era pequeno. Foram inúmeras vezes que chorei em seu colo quando me machucava ou quando queria me esconder das broncas de meus pais por causa de alguma travessura. Foi o mais perto que tive de afeto materno. Minha mãe esteve sempre ocupada com sua vida social para dar muita atenção aos filhos.

— Olá, Abby, essa é minha noiva, Paige Fisher — beijo-lhe o rosto com carinho — Paige, essa é Abby. Ela é como uma mãe para mim.

— Não diga tolices, seu bobo — diz ela, com as bochechas coradas, enquanto estende a mão em direção a Paige — Prazer Srta. Fisher.

— Prazer o meu — murmura Paige, ignorando a mão esticada para dar-lhe um caloroso abraço — Pode me chamar de Paige.

O gesto me toca. Patrice nunca teve um olhar para Abby que não fosse de superioridade. Mesmo sabendo o quanto a senhora havia sido importante em minha vida.

— Mas entrem — diz Abby, encabulada — Sua mãe está na sala.

— Deve estar intragável, devido ao nosso atraso — murmuro.

— Pergunta por você e sua noiva, a cada dez minutos — diz Abby.

Seguimos pelo longo corredor que leva a sala de visitas. Minha mãe se aproxima, atravessamos a porta.

— Aí estão vocês — retruca ela — Espero que tenha uma desculpa convincente, Richard. Não pensei que ia perder os bons modos tão rapidamente. Não é de bom tom deixar as pessoas esperando.

— Houve um imprevisto de última hora — Paige se justifica — A culpa foi minha.

— Eu não duvido — ela sussurra.

— Mamãe... — começo, em sinal de alerta.

— Não se preocupe querida — Diana, assentiu, com um meio sorriso — Vamos, quero apresentá-la para algumas pessoas, antes do jantar.

Ela passa os braços em volta de Paige e arrasta-a para um grupo de senhoras do outro lado da sala. Ao total, somos cinco casais e Charles. Isso me deixa em estado de alerta. Pensei que seria um jantar íntimo, apenas para a família.

Resta-me fazer companhia a Charles, em um canto, perto do bar.

— Britney não está aqui? — pergunto a Charles. Não vejo-a em parte alguma da sala.

— Alguns se casando e outros... — diz ele, numa voz sem emoção.

Não foi preciso que ele terminasse a frase para que eu compreendesse. Há algum tempo o

casamento deles vem enfrentando crises. A última delas, é que Charles havia descoberto ser estéril.

— Sinto muito, Charles — sussurro.

Volto a observar Paige, a distância. Desejo muito ter filhos com ela, mas se isso não for possível, poderíamos adotar quantas crianças ela desejasse. Até havíamos conversado sobre isso, em adotar alguma, mesmo tendo nossos próprios filhos. Porém, como o problema de Charles não é genético, mas foi causado por uma doença que teve quando criança, essa ameaça não pesa sobre minha cabeça.

Paige nota meu olhar sobre ela e sorri, parece estar se divertindo. Apesar da expressão fechada, minha mãe parece estar sendo gentil com ela. Então, vou relaxando aos poucos. Quem sabe o problema de Charles tenha aberto os olhos de minha mãe? Meus filhos serão os únicos netos que ela poderá ter.

O jantar seguiu tranquilo. Afinal, Paige é uma convidada de minha mãe, portanto, é bem-vinda em sua roda de amigos. As pessoas são simpáticas com ela, que retribui em charme e elegância. Algumas vezes, vislumbrei alguns olhares compenetrados e indecifráveis de minha mãe em direção a ela. Sempre que isso acontecia um fio gelado passava por minha espinha, me incomodando.

Acaricio a mão de Paige por debaixo da mesa. Ela diz alguma coisa à senhora ao lado dela a mesa e me sorri, como tem feito durante a noite.

— Meus queridos, gostaria de convidá-los para irmos até a outra sala — a voz de minha mãe ecoa, chamando a atenção de todos — Tenho um comunicado a fazer.

Paige e eu somos os últimos a deixar a mesa. Puxo-a para um canto mais escuro do corredor, atrás de um enorme vaso de planta. Apodero-me de seus lábios macios, algo que quis fazer durante toda a noite.

— Acha que vai falar do nosso casamento? — murmura ela, os lábios ainda colados aos meus.

— Talvez — sussurro, acariciando seus ombros nus, minhas mãos deslizam pelas suas costas, até pousa na bunda empinada e macia, agarro as nádegas e puxo-a para mais perto de mim.

— Pare, Richard — ela geme, ao sentir meu pau cutucando sua virilha — Comporte-se.

— Ouviremos o que ela tem a dizer — pressiono-a contra a parede, enroscando uma de suas pernas em minha cintura, enquanto me esfrego contra ela — E vamos embora.

Esfrego o nariz contra seu pescoço, enquanto ela agarra meus cabelos.

— Pare — ela se afasta, ajeitando as roupas, a respiração acelerada — Seu tarado.

Inspiro fundo, e procuro controlar minha respiração desenfreada.

— Ou talvez você queira conhecer meu antigo quarto? — digo, malicioso, dando alguns passos em direção a ela, como um felino.

Paige respira fundo também.

— E irritar sua mãe — diz ela, fazendo bico — Agora que caminhamos para um entendimento. Guarde esse taco para o próximo jogo campeão.

Ela ri e limpa meus lábios sujos de batom.

— Vamos, antes que nos procurem — estende as mãos para mim e eu a guio pela casa.

Essa casa sempre foi gigantesca para mim. Quando criança até gostava. Constantemente fingia ser uma fortaleza com calabouços e tudo. Na adolescência usava-a para impressionar as garotas. Depois pareceu-me exatamente o que é, uma mansão fria e solitária.

Assim que nos reunimos as outras pessoas, noto que todos já estão em seus lugares, espalhados no imenso sofá branco. Os tons de mogno predominam no ambiente. Assim que nos sentamos minha mãe aperta um botão no controle remoto em sua mão e uma imensa tela ergue-se da parede revelando a TV que ocupa metade dela.

— Queridos, como sabem, estou sempre envolvida em projetos sociais — diz minha mãe, com a voz aveludada — Temos tanto, e devemos retribuir a vida de alguma forma. É nosso dever ajudar os menos afortunados na vida. Pessoas que não tiveram a sorte de serem tão bem nascidas como nós.

A filosofia seria bonita, se eu não soubesse que por trás disso tudo, não houvesse apenas jogos de aparências. Contudo, o que importa não é a sua sinceridade, mas sim as pessoas que podem ser ajudadas.

— Esse projeto é muito importante — ela continua, enquanto liga a TV e prepara o vídeo — O alcoolismo é um dos grandes problemas da nossa sociedade, atingindo jovens e adultos. Por isso, é tão importante para mim, e gostaria de contar com vocês nessa luta.

O vídeo começa com um médico falando sobre os malefícios do álcool, as estáticas que são alarmantes e todas as consequências caóticas que esse vício acarreta. Embora a intenção de minha mãe seja louvável, não entendo por que levantar o assunto essa noite.

A cena muda para um bar. Um homem berra, alcoolizado.

— Eu não tenho família — vocifera ele — As desgraçadas da minha ex esposa e filha sumiram no mundo. Mas eu vou reencontrá-las e verão o que farei.

A cena é muito decadente. O homem desalinhado e sujo promove uma cena digna de pena.

— Não! — um grito abafado ecoa através das paredes e teto oval.

Dou-me conta que o som angustiado e dolorido vem de Paige ao meu lado. Suas unhas cravam-se em minha pele e, quando olho em seus olhos a dor é tão intensa que posso senti-la.

— Meu pai — sussurra ela, baixinho — É meu pai.

O suspiro carregado de dor atinge-me como uma facada no peito. Olho para minha mãe, ainda atordoado, uma onda de náusea envolve-me, enquanto pouco a pouco o entendimento desce sobre mim. O olhar vitorioso que lança em direção a Paige, coberto de ironia e o sorriso de vitória enche-me de ira.

— Por que está fazendo isso? — Paige pisca em meio as lágrimas escorrendo pelo seu rosto — Você não sabe de nada. Não sabe quem ele é!

Ela levanta encarando as pessoas ao seu redor. Parece-me um animalzinho acuado, ferido, perdido. Nunca a vi tão machucada como agora, nem mesmo quando nos separamos a primeira vez. Eu sei o que esse homem significa na vida dela. Todos os pesadelos que teve. E quando havia virado a página amarga de sua vida, minha mãe havia trazido o demônio diretamente das portas do inferno. Se há alguém que eu odeio é esse homem, por todas as lágrimas e cicatrizes que ele havia deixado na alma da Paige.

— Sinto muito — Paige soluça para mim.

As pessoas nos olham entre chocadas e pesarosas. Nem todos ali são tão cruéis como minha mãe.

— Pobre homem, ser abandonado por....

— Chega! — meu grito ecoa na sala, silenciando o burburinho ao nosso redor. Sinto o gosto da bília queimando minha garganta. Eu juro que iria contra todos os meus princípios e respeito que tenho por ela, poderia ser capaz de agredi-la se não calasse a maldita boca — O que pensa que está fazendo?!

O silêncio predomina destacando ainda mais a voz ébria que ecoa irritantemente da tela.

— Richard! — os olhos arregalados de minha mãe parecem saltar de órbita — O que pensa que está fazendo?

Olho para a TV estilhaçada após ser atingida por um vaso que eu nem me dei conta de ter pego e arremessado de encontro ao vidro. Tudo o que eu consegui foram os olhos verdes que eu amo perderem o brilho. A profunda tristeza que vi no rosto de Paige estilhaçou meu coração em milhares de pedaços.

— Por que fez isso? — sibilo, minha voz aparentando exatamente toda a raiva que emana de mim — Toda a vez que você a ataca, está me ferindo.

— Cada vez que a magoa... — digo, de maneira sombria — Está magoando a mim.

— Só queria que soubesse onde está se metendo... — diz ela, aos berros, saindo de sua pose inabalada.

— Cala boca! — grito, furioso — Cala essa maldita boca!

Sua cabeça volta para o chão

Por momento seus olhos encaram o chão, a boca retorcida.

— Vai se arrepender — ela desafia.

— Mamãe chega — Charles se coloca ao lado dela.

Encaro-o decepcionado, magoado, entristecido.

— Você quis humilhá-la — pronuncio as palavras, de modo lento, meus olhos frios, duros, em direção a eles — A única pessoa humilhada aqui é você. Tenho vergonha de dizer que uma pessoa cruel, mesquinha e amarga como você seja minha mãe.

O laço está sendo rompido, definitivamente, uma ruptura que jamais poderá ser selada novamente. Um dia ela foi a minha mãe, que eu amei, apesar de todas as nossas diferenças, hoje, eu só sinto desprezo. E isso dói. Massacra-me ter que lhe virar as costas, mas não há outra alternativa. Eu jogo o último punhado de terra sobre o caixão e, onde abro uma imensa ferida em meu peito. Ferida a que talvez jamais se cicatrize.

— Acho que todos vocês devem ter entendido quem realmente é digno de pena aqui — fito as pessoas em volta, surpreso em como minha voz parece calma, quando por dentro há uma avalanche de sentimentos desabando sobre mim, comprimindo meu peito — A grande dama que conhecem não passa de uma mentira. Feriu uma jovem inocente simplesmente por ter *sangue azul*...

Cuspo as palavras como se fossem fel saindo de minha boca.

— Vangloria-se por suas caridades, mas não ama os próprios filhos — encaro o rosto gelado de minha mãe, um rosto que para mim deixou de ser humano — Amo aquela garota, Diana. Nada mudará isso. Tentei inúmeras vezes que você compartilhasse e fizesse parte de todo esse amor e felicidade. Agora.... Quero-a longe de nossas vidas. *Definitivamente*. Não tem ideia de tudo que irá perder.

Recomponho-me e percebo que Paige não está mais na sala. Estive tão compenetrado em enfrentar minha mãe que não me dei conta quando saiu.

— Eu juro que se você colocar aquele homem perto dela — sibilo — Eu vou matá-lo. Pense muito bem sobre isso.

Enquanto encaro seus olhos congelados, uma imensa dor oprime meu peito. Eu posso ouvir meu coração martelando acelerado, zunindo em meus ouvidos. Saio sem pensar em mais nada, a não ser encontrá-la. Olho ao redor da mansão, desesperado. Onde poderia ter ido, sozinha?

— Espere, Richard! — Charles agarra meu braço.

— Solte-me — exclamei, de raiva e de dor, enquanto tentava passar por ele — Fique longe.

— Eu não tive nada a ver com isso — apela ele — Eu juro. Eu não sabia de nada sobre isso. Tem uma coisa que preciso contar a você. Espero que me perdoe um dia....

Noto a sinceridade em seu rosto. Pode ser que eu me arrependa, mas vejo-a ali.

— Preciso encontrá-la, Charles — interrompo-o. O que quer ele tenha a dizer não me importa agora.

— Certo — murmura ele — Vou te ajudar a encontrá-la.

Encontramos o segurança que ronda a casa. Ele disse que a viu indo em direção ao portão. Quis ajudá-la, mas Paige não lhe deu ouvidos.

— Ela caminhou naquela direção.

— Vamos para o meu carro — Charles sugere — Está mais fácil de sair.

Giro a cabeça em direção a escuridão. Esse não é um bairro perigoso, mas não está imune de algum maluco ou pervertido.

— Não — maneo a cabeça — Vou seguir a pé na direção que ela foi. Você vai no seu carro.

Disparo em direção a saída, olhando desorientado em todas as direções. Grito por ela, enlouquecidamente.

Um ranger de um balanço desperta minha atenção. Apuro os ouvidos e contorno as árvores em volta de um parque infantil. Vou em direção aos balanços. Quase grito de alívio e contentamento, quando a vejo, sentada em um balanço amarelo. Contenho-me para não assustá-la.

Parece uma garotinha, a cabeça encostada nas correntes de ferros, os pés balançando no ar.

— Paige — caminho silenciosamente e jogo-me aos pés dela, minha voz saindo ofegante — Eu sinto muito. Perdoe-me.

Ela olha para mim, muda de surpresa. Parece consternada enquanto acaricia meu rosto com delicadeza. Por um momento, enquanto estive procurando-a às cegas, cogitei a possibilidade de que pudesse perdê-la. Agora entendo o significado de morrer de amor. Seria esse meu fim, se ela decidisse afastar-me de sua vida.

— Eu entendo se estiver me odiando... — tento dizer, mas as palavras entalam em minha garganta — Saiba que eu a amo e vou amar eternamente. O passado ou até mesmo o presente não importa, quando tudo que almejo é um futuro ao seu lado.

— Aquele homem — começa ela, tentando parecer mais corajosa do que realmente sente.

Eu vejo pelos lábios trêmulos o quanto é difícil.

— Ele não importa — seguro seu rosto, apertando meus lábios contra os dela — Ninguém mais importa. Apenas nós dois.

— Não quero vê-lo — gagueja ela, atirando-se em meus braços — Por favor.

— Ele nunca chegará perto de você — esfrego seus ombros, tentando com que o atrito traga um pouco de calor ao seu corpo frio — Eu prometo.

Embalo-a por alguns segundos, acariciando seus cabelos.

— Quanto a minha mãe...

— Esqueça — Paige coloca um dedo em meus lábios, impedindo-me de continuar — A culpa não é sua. Eu jamais quis ficar entre você em sua família. Sinto muito, eu tentei, mas posso reparar as coisas. Nunca quis estar entre vocês...

— Não escolhemos quem nos dar a vida, mas escolhemos quem queremos que permaneça nela. Eu quero você. Isso é tudo que importa.

Estendo a mão para ela, tirando-a do balanço. A partir desse momento estamos conectados. Para sempre.

Os nossos dias tem sido no mínimo, intensos. Paige é pessoa mais surpreendente que eu conheço. E nos últimos dias tem me enlouquecido. E eu, tenho sido paciente. Todos os preparativos para o casamento estão a deixando... Eu não posso dizer a palavra, nem mesmo em pensamento e acredite, ela consegue captá-lo. Toda essa, digamos, agitação, tem feito de nós dois a chacota da vez para os nossos amigos. Isso, porque minha noiva tem propensões a agir como aquela palavra, inominável. Pelo menos, por enquanto. Eu insisti que deveríamos ter ido à Las Vegas. Mas ela não quis.

Embora algumas vezes eu tenha vontade de matá-la, outras eu desejo pegá-la no colo, se ela deixasse. São muitos sentimentos contraditórios. Pensei conhecer cada nuance da mulher que escolhi para minha vida, estava errado. Se bem que, não foi exatamente uma escolha. Ela havia se infiltrado em minha vida de modo que não houve escapatória.

A cada dia, descubro coisas que me encantam. Como o quanto ela se esforçava para aprender a cozinhar para mim, embora todas as tentativas tenham sido um fracasso. A sopa ficava salgada, o arroz empapado... Bem, o macarrão instantâneo era bom. Eu tenho comido muito isso nas últimas duas semanas. Só que não podemos viver de macarrão e gelatina, suas especialidades. Eu havia gentilmente sugerido a contratação de uma cozinheira. No entanto, Paige havia declarado guerra a cozinha e exatamente ninguém consegue movê-la dessa ideia.

— Você não precisa fazer isso, amor — disse a ela essa manhã, após quase ter me engasgado com o café adocicado.

— Eu não vou ser uma péssima esposa ou mãe — murmurou, frustrada, antes de me dar as costas e jogar o conteúdo do bule na pia, na tentativa de esconder os olhos marejados.

— Jamais será — abracei-a por trás, beijando-a na nuca — Já é perfeita. É apenas uma cozinheira deplorável.

— Sai daqui! — corri da cozinha aos gritos e paneladas, mas com um sorriso de orelha a orelha.

Prefiro vê-la irritada, enlouquecida, mas nunca infeliz. Eu havia jurado fazer todos os seus dias felizes, sempre.

Encontro Peter parado em frente à janela de seu escritório. Não me passou despercebido a pequena mala de viagem ao lado de sua mesa. O homem mal havia voltado de viagem e já partiria para outra. Esse foi um dos motivos pelo qual não poderá ser um dos padrinhos do meu casamento. Todavia, sua ausência no dia, não seria aceitável para mim.

— Espero que tenha um bom motivo para me trazer até aqui — murmuro ao entrar no escritório — Paige não anda muito tolerante com atrasos. Nos últimos dias, não vem tendo paciência com nada. Ainda bem que isso está acabando.

— Ainda dá tempo de desistir — ele graceja — As estatísticas dizem que as coisas só pioram com o tempo.

— Está maluco? — sorrio — Nunca me divertir tanto em minha vida. Não quero voltar para

aquela vida chata de antes, nem em pensamento.

Peter balança a cabeça em sinal de derrota

— Eu tentei.

— O que era tão urgente? — já estou atrasado para o ensaio de casamento e para piorar, meu celular havia descarregado. Paige deve estar bufando nesse momento — Eu não tenho muito tempo.

Ele vai até sua mesa, tira um envelope de dentro de uma das gavetas, jogando-o na mesa em direção a mim.

— Eu a encontrei — diz ele, enquanto observo as fotos e relatórios que tirei do envelope que ele havia me dado — Sara Rossi, mora em Toscana, na Itália, com o marido e filha. Casou novamente há doze anos e o marido é dono de umas das vinícolas mais importantes da região.

Todas essas informações me surpreenderam um pouco. Imaginei que a mãe de Paige estivesse perdida em algum lugar remoto. Até mesmo que passasse por algumas dificuldades na vida. Pelas fotos que tenho em mãos e tudo que Peter me diz, nada passaria mais longe que isso. A mulher vivia muito bem e parece ter uma família feliz. Paige, havia passado anos sonhando com esse reencontro, pelo que me disse. E a mãe dela, simplesmente reconstruiu a vida sem ao menos olhar para trás. Já não sei se eu havia tomado uma decisão correta. Eu quis fazê-la feliz, mas poderia causar mais mágoa.

— Demorei um pouco para encontrá-la. Sara mudou de nome e mora fora do país há muitos anos. Andei procurando nos lugares errados. Parecia um pouco vacilante em querer falar comigo, por isso estou indo até a Itália — diz ele, determinado — A trarei de volta, nem que seja a última coisa que faça.

— Não sei se ainda é uma boa ideia — digo a ele — Ela não parece ter se importado muito.

— Acho que é tarde demais para isso, Richard — diz ele — Eu já fiz contato com ela. Sara pode querer procurar a filha a qualquer momento. Além disso, Paige deve dizer se quer rever a mãe ou não. A decisão é dela.

Eu sei que ele tem razão. Mas amar alguém é querer proteger, não é? Não sei o quanto disso tudo ela irá conseguir suportar. No entanto, essa é uma decisão que só cabe a ela. E eu quero estar preparado para apoiá-la.

— Mantenha-me informado de tudo o que acontecer — digo, após soltar uma imprecisão — Estará aqui para o casamento?

Será dentro de duas semanas e não quero mais nenhum desfalque, já basta minha família intransigente. E ter a ausência de Peter, embora eles vivam se provocando, deixaria Paige triste.

— Eu não perco por nada — ele sorri — Além disso, temos uma despedida de solteiro pelo caminho.

Ah, a despedida de solteiro, havia me esquecido disso. Pensei que eles houvessem desistido.

— Contenha-se, Peter — retruco, incapaz de esconder a irritação — Ainda quero ter uma lua de mel.

— Acalme-se, cordeirinho — diz ele, antes de pegar a mala e seguirmos em direção a porta — Será memorável, isso eu garanto.

Isso é ótimo. Paige está lidando com isso muito bem, aliás, bem melhor do que imaginei comparando com seu estado emocional das últimas semanas. E ainda não descobri o que ela está aprontando. Porque ela está armando alguma coisa. Sinto o cheiro de confusão ao longe.

— Desculpem — murmuro, com um olhar culpado — Houve uma emergência de última hora no escritório. O que aconteceu?

Ajoelho-me em frente à Paige, que parece inconsolável em um dos bancos da igreja. Fico transtornado ao vê-la aos prantos.

— Paige o que houve? — pergunto e olho para Jenny em busca de respostas — Jenny?

— Estresse pré-casamento — responde ela, balançando os ombros — Chilique de noiva ou Paige sendo Paige. E eu que pensei que nós grávidas fôssemos emocionais.

— Richard! — Paige levanta-se colocando as mãos na cintura — Se não quer se casar comigo fale agora. Se me abandonar naquele altar eu caço você até o inferno.

— Paige! — Jenny olha para ela abismada — Acho que inferno e igreja não combinam.

— Do que está falando? — pergunto, completamente perdido. De onde veio isso agora?

— Se eu fosse você, desistia desse casamento — Neil se aproxima de Jenny e abraça-a, com um sorriso idiota no rosto — Essa mulher é maluca. Fuja enquanto é tempo.

— Cala a boca Neil! Ou eu esqueço que estou em uma igreja — Paige grita para ele antes que eu possa dar uma boa resposta.

Já estou cansado de todos se referirem a ela como maluca. Tudo bem que ela seja intempestiva algumas vezes, mas sou louco por ela do jeito que é, sem mudar nada.

— Ninguém vai desistir de nada aqui — Vivian, a organizadora, aproxima-se de nós — Não é verdade Sr. Delaney?

Balanço a cabeça e puxo Paige para perto de mim. Ela ainda parece zangada, então foi preciso muitos beijos e pedidos de desculpas para acalmá-la e garantir que eu não dormiria no sofá da sala essa noite, uma ideia que não me agrada, mesmo com ela sempre vindo juntar-se a mim durante a madrugada como sempre fazia quando brigávamos, alegando sofrer de sonambulismo. Eu não acredito, claro, mas é mais fácil embarcar nas doideiras dela do que ir contra.

— Por que você não vem comigo? — digo a ela, enquanto me empurra pelo apartamento.

— Porque essa é uma festa para homens — Paige sorri, empurrando-me em direção à porta. Está fodidamente sexy em um vestido preto e justo demais para o meu gosto — Eu e minhas amigas vamos ocupar muito bem o nosso tempo, enquanto você se diverte. Anime-se! A noite é uma criança e você poderá se surpreender.

Quando uma mulher diz que você pode ser surpreendido, coisas boas não irão acontecer. Quando Paige diz que eu poderei me surpreender eu devo me preocupar, e muito.

— Não vai para uma daquelas casas que os homens ficam tirando a roupa, não é? — a ideia me vem à cabeça, deixando-me nervoso.

— Por que eu não pensei sobre isso? Essa é uma ótima ideia — eu paro em frente a porta aberta, encarando-a com olhar ameaçador.

— Paige!

— Está atrasado, Richard — diz ela, com olhar travesso — Divirta-se!

Ela fecha a porta no meu rosto e eu fico como um idiota, parado no corredor. Milhares de coisas povoando minha cabeça. Que tipo de noiva insiste para que o noivo vá a uma despedida de solteiro organizada pelos amigos mais perversos do mundo? *Paige.*

Vou para a garagem e verifico a moto antes de colocar o capacete. Poderia ir de carro, mas preciso da sensação de liberdade que a Harley me traz. Além de que, ela sempre me acalma.

Paige não teria coragem de ir até um clube para mulheres, teria? Desvio de um carro na contramão, quando o mero pensamento deixou-me cego por alguns segundos. Paro no acostamento e respiro fundo. Aposto que no dia seguinte ela me atormentará com fotos de sua noite quente. Eu não vou permitir isso.

A primeira coisa que faço ao entrar no clube é procurar por Peter.

— Você tem como rastrear o celular de qualquer pessoa, não é? — pergunto assim que encontro-o no bar.

— Dá trabalho, mas sim — ele dá um gole em sua cerveja — Ah, não me diga que...

— Faça isso ou irei embora imediatamente! — exclamo, determinado — Eu juro que se aquela mulher estiver enfiando dinheiro na cueca de algum idiota bombado, eu sou capaz de matá-la.

— Sossega aí grandão — Adam me arrasta até uma das mesas — Deixe a mulher se divertir um pouco. Não faremos alguma coisa?

— Não! — fito-o com olhar fulminante — Vai fazer o que estou pedindo?

Olho para Peter com raiva. Ele me colocou nisso, agora arranjará uma forma de consertar as coisas. Jamais imaginei que me transformaria em um homem ciumento e possessivo, mas eu sou. E quando imagino o que ela pode fazer essa noite, entro em processo de ebulição.

— Malditos homens apaixonados — Peter bufa, aborrecido ao bater a garrafa na mesa — Sempre estragando a festa.

Volto a me acomodar na cadeira. A casa vai ficando cheia pouco ao pouco.

— O rei da festa chegou — Liam aparece e senta-se ao meu lado — Cadê o Neil? Pensei que ele estaria aqui.

— Está paparicando a mulher grávida — Adam diz com cara de nojo.

— Eu acho que ele teve medo de ficar enjoadinho perto da gente — Liam provoca.

Sorrio pela primeira vez, desde que cheguei. Há pouco tempo, descobrimos que Neil sofre de Cuvade ou síndrome do homem grávido. Graças a isso todos os motivos de piadas e gozações haviam sido transferidos para ele e Jenny. Eu tenho amigos fiéis, mas eles sabem ser insuportáveis quando querem. Chego a ter pena do casal.

— E todas essas pessoas? — indico alguns homens no bar e vários em outras mesas.

— Peter tem muitos, *amigos* — Adam sacode os ombros — Outros são funcionários dele. Você sabe, quando ele dá uma festa...

— Ele dá uma festa — Liam completa.

Algumas mulheres começam a surgir. Elas são bonitas, eu não sou cego. Contudo por incrível que pareça, não me sinto atraído por nenhuma delas. A única coisa que mexe comigo nessa noite é o pensamento de onde Paige está e o que está fazendo.

— Cadê o Peter — faço uma varredura com o olhar em busca dele. Faz uma hora que ele havia saído em busca da informação que eu havia exigido.

— Tome essa cerveja — Adam lança a garrafa em minha direção — Deixa de ser mulherzinha e aproveita a noite. Parece uma velha reclamando.

— Estou dirigindo — devolvo a garrafa.

— Por que não veio de taxi? — Liam diz, impaciente — Ou pediu que um de nós fôssemos buscá-

lo?

— Não tenho a intenção de ficar enchendo a cara com vocês e perder muito do meu tempo, quando tenho coisas mais interessantes para fazer em casa.

— Ah é? — diz ele, incrédulo — O que por exemplo?

— Transar a noite inteira — sorrio — Até que fique exausto até mesmo para respirar.

— Eu não tenho como contestar isso — Adam ri, levanta a garrafa, fazendo um brinde.

Meia hora depois, Peter retorna unindo-se ao nosso grupo à mesa— Você conseguiu o que eu pedi? — pergunto, ansioso.

— Mais ou menos, vou ter a resposta em alguns minutos — ele suspira — Eu não faço mágica, agora relaxa, a festa vai começar. Temos uma surpresa para você.

— Isso parece ser ótimo — digo, irônico.

— Não saia daqui por nada — ele esfrega o queixo, há um sorriso diabólico em seu rosto — A festa vai começar.

Peter vai em direção ao outro lado do salão e some em um corredor. Eu não tenho a mínima ideia do que ele tem em mente. As luzes do palco são apagadas. Todos os olhares votaram em direção ao palco. Há uma cadeira no centro dele, iluminada por uma luz amarela que dança pelo palco e vai em direção as escadas.

Alguns gritam e outros assoviam e me pergunto se eles têm ideia do quanto estão sendo ridículos.

Uma jovem de robe preto e máscara surge no topo da escada, deixando os presentes ainda mais afoitos. Ela parece analisar o local, como se estivesse à procura de alguém. Eu? Claro, idiota, você é o noivo. Vejo um enorme sorriso em seu rosto ao me encontrar, apesar da máscara. Inferno! Espero que ela não tenha nenhuma ideia que me coloque em encrencas. Eu vou matar o Peter.

— Isso aí, gostosa! — um deles grita atrás de mim — Vem com o papai aqui.

O palco volta a ficar escuro. A voz da Beyoncé soa no ambiente e os homens em volta de nós começam a ficar empolgados. Ela já está sentada na cadeira quando a luz fraca volta a iluminar o local. A jovem começa uma dança sensual, de costas para nós. Caralho! Eu me sinto atraído.

Pense na Paige, Richard, ordeno para meu corpo traidor.

Ela senta de frente a plateia que no momento a ovaciona. Passa as mãos pelas coxas levantando o robe, mostrando as pernas, enquanto faz uma leve carícia pelo corpo.

— Isso aí delícia! — um homem, evidentemente mais alterado, caminha em direção ao palco.

Os olhos dela estão focados em mim. Verdes. Eu consegui notar quando a luz focou em seu rosto por alguns segundos. Familiares. A dançarina levanta e dança em volta da cadeira. Eu remexo na minha. Cacete, eu estou ficando excitado. Lentamente ela começa a desfazer o laço do robe.

Vejo seu corpo perfeito, emoldurado por um corpete vermelho e cinta liga. Olho desde os pés delicados em um magnífico salto alto, passo pela panturrilha, joelhos e coxas. Meu coração dispara no peito quando a certeza me atinge como um Tsunami. Eu conheço esse corpo. Essa forma de dançar e esse olhar. Puta que pariu! Eu conheço esse corpo. Como eu não havia notado antes?

— Com certeza eu vou levar essa garota para casa — diz Adam, animado. Isso me irrita.

A música está no auge quando ela começa a tirar a cinta liga de forma sensual

— O caralho que você vai! — urro, enfurecido, lançando a garrafa na mesa, quando minha vontade é quebrar na cabeça dele.

— Ei, tá maluco? — ele pula, assustado.

Ignoro-o e volto a olhar para o palco. Vejo tudo vermelho e não é só pelo o corpete que ela está usando. Então era isso que ela esteve planejando o tempo todo? Uma forma de me fazer cometer um assassinato se ela se atrever a tirar mais uma peça de roupa, ou se outro engraçadinho falar mais

alguma coisa.

— Richard! — Peter me encara com olhar chocado, a resposta dele havia chegado um pouco atrasada — Você não vai gostar...

—Foda-se Peter! — empurro-o indo em direção ao palco — Incompetente!

A segunda peça da liga está nas mãos do homem que havia parado na borda. Quando ele leva o tecido até o rosto cheirando-o eu dou adeus ao meu alto controle. Agindo sem pensar, desfiro um golpe certo no homem que nem teve tempo de saber quem o atingia. A névoa da ira infiltrando-se pelo meu corpo.

— Paige! — apoio minhas mãos no chão de madeira, meus olhos chispando fogo — *Desce daí agora!*

A música é interrompida. As luzes ascendem e as pessoas em volta, ficam mudas.

— Richard! — ela tira a máscara e me encara, desafiando-me — Não estrague a festa.

Estragar a festa? Inalo profundamente antes de pular no palco em direção a ela. Ouço vaia às minhas costas. Que se fodam todos. Ela é minha mulher e vou mostrar o que é estragar uma *festa*.

Profiro uma imprecisão e ignoro o olhar espantado que ela direciona a mim. Eu estou encolerizado, completamente dominado pela fúria. Acredito que esses sejam termos relativamente suaves para descrever o turbilhão de sentimentos que me desnorream. Vou matar essa maldita provocadora e sua orla de adoradores.

A ideia de que ela pudesse estar em volta de homens seminus, foi terrivelmente perturbadora duas horas atrás. Vê-la nessa lingerie sexy, dançando de forma sedutora, provocativa, enquanto todos esses homens babam em volta dela como um cão dinamarquês, é absurdamente pior do que a imagem de Paige, colocando alguns dólares na cueca de algum bombado ridículo em um clube de quinta.

— O que pensa que está fazendo? — vocifero ao subir no palco — Ficando nua na frente de meus amigos e desses babacas!

Ela parece surpresa, até mesmo um pouco intimidada. São poucas as vezes em que eu me descontrolo e ela sabe que quando isso acontece as coisas não acabam nada bem.

— Eu... eu... — ela gagueja — Não estou nua — murmura e relanceia um olhar ao redor. Ouço algumas vaia às minhas costas, o que só aumenta minha irritação — Pensei que gostasse de aventuras.

Ela desfere o golpe de misericórdia.

— Não vai querer saber o que gostaria nesse momento — minha vontade é sentá-la naquela cadeira e lhe dar umas boas palmadas, no mínimo — Vamos embora, Paige!

Seguro-a pelo pulso e tento arrastá-la para as escadas. Os uivos e protestos são mais ensurdecedores agora.

— O que? — ela puxa o braço e me encara com olhar zangado — No meio da festa? Já que estamos aqui vamos aproveitar.

— Paige! — respiro fundo, fecho os olhos e tento me lembrar de como se conta, não chego nem até o número cinco — Ah, foda-se!

Jogo-a em meus ombros, como um neandertal, ignorando seus gritos, tapas e protestos.

— É melhor você deixar a garota em paz — um grandalhão ruivo interpõe-se em nosso caminho, assim que desço o último lance de escada. Pelo tom de voz, já havia bebido demais — Estávamos nos divertindo.

— Acho melhor você cuidar desse olho roxo — solto-a por um instante, colocando-a às minhas costas — *Imbecil!*

— Que olho roxo? — resmungo.

— Esse! — desferindo um golpe no olho esquerdo.

Minha mão fica dormente e temo ter quebrado um dos dedos ao acertá-lo no rosto. Movimentos os dedos e apesar de doloridos eles parecem intactos. O grandão, agora muito, muito irritado avança em minha direção. É surpreendente que quando estamos dominados pela raiva, somos capazes de qualquer coisa. Não há um inimigo temível, por maior que ele seja. E se você não é capaz de lidar com a mão, não há nada que uma boa garrafa de cerveja não resolva. O vidro estilhaça ao chocar contra o crânio duro. O gigante desequilibra-se, caindo ao lado do palco. Nem tudo é uma questão de força. Como todos os valentões ele é burro e babaca.

— Richard! — Paige quica atrás de mim, tentando passar por debaixo de meus braços.

Um dos homens que acompanhava o gigante, corre em seu socorro, enquanto outros dois caminham até mim, com olhar ameaçador.

— Fica quieta! — volto a jogá-la sobre meus ombros. Enquanto ela se mexe contra minhas costas — Tudo isso é culpa sua.

— Acho melhor vocês darem o fora — Adam surge de algum lugar, posicionando-se ao meu lado, enquanto arregaça as mangas — Isso vai virar uma bagunça.

Passo por Liam que me encara abismado e por Peter, que literalmente está de boca aberta. As pessoas abrem caminho, ninguém mais atreve-se a bancar o corajoso comigo. Se eu tiver que brigar com todos para tirá-la daqui e de seus olhares cobiçadores, faria isso de bom grado.

— Adam! — o grito de Penélope sobressai-se apesar da gritaria no salão, que no momento já está um verdadeiro caos.

Não imagino o que ela faz aqui, mas aposto toda minha conta bancária que isso é obra da minha noiva. Mas eu não tenho tempo para isso agora. Haverá momento para explicações mais tarde.

Antes que eu alcance a saída, imagens da primeira vez que a vi me veem a cabeça. Novamente vejo-me envolvido em uma briga por causa dela. Quantas mais eu teria no decorrer de nossas vidas?

Passo pela segurança e lanço-lhe um olhar duro. Ele atrapalha-se em abrir a porta. Não sei se é a roupa que ela usa ou a forma que a carrego para fora que o deixou desconcertado, prefiro acreditar que seja a confusão instalada no local.

Chuto a porta dupla, impaciente com a incapacidade dele em fazer algo tão simples. Sigo direto para o estacionamento onde está a minha moto.

— Sobe! — ordeno, indicando a garupa.

— Não! — Paige cruza os braços e bate os pés de forma infantil — Eu não vou andar nesse monstro, vestida assim.

— Porra! — urro, com uma ferocidade indiscutível.

Caralho, ela está gostosa demais nesse corpete vermelho sangue e cinta liga. É claro que eu não posso desfilarmos pela cidade com ela vestida desse jeito, mas não há a menor possibilidade de que ela volte lá para dentro. Eu retomaria uma briga que terminaria na delegacia, comigo preso, talvez até o dia do casamento, o que a deixaria muito furiosa comigo.

Tiro minha camisa e entrego a ela.

— Pronto! — o ar gelado toca minha pele, mas a adrenalina que corre solta por minhas veias, impedem-me de sentir frio. Poderia estar nevando, que seria indiferente para mim — Vista isso, e suba nessa maldita moto, Paige.

Ela olha para meu peito nu por um longo tempo, enquanto tenta manter-se firme em seu salto alto, movendo as pernas de um lado a outro, de forma quase imperceptível. Não é hora para isso, mas noto o desejo queimando em seus olhos, acendendo o meu.

Diabólica! Paige, transformou toda a raiva que sentia em relação a essa travessura impensada, em

pura luxúria, em poucos minutos. Não é à toa que chamo-a de feitiçeira.

— Apreciando a vista? — seguro sua mão trêmula e deslizo em meu peito em chamuscas. A palma suave e fria, é como um bálsamo em minha pele quente.

— Vai...vai — volta a gaguejar. Dessa vez não por receio do que eu possa fazer, mas em antecipação do que eu quero fazer com ela — Você vai sair assim?

Corro sua mão pelo meu pelo meu peito e levo seus dedos até minha boca, chupando-os, um por um. Meus olhos cravados nela. A intensidade que ela recebe esse pequeno toque, causa uma grande erupção em mim. E um sorriso maroto brilha em seu rosto. No final das contas, fazemos uma boa dupla. Ela é maluca e eu tolo o bastante para embarcar em seu trem desgovernado de insensatez.

Visto-a com minha camisa, é longa o suficiente para cobrir parte das coxas, não é o que gostaria, mas para o momento é o suficiente. Coloco-a na moto, depois de ajeitar o capacete em sua cabeça, sento-me em frente a ela. Após prender os braços dela em torno de meu peito e o ronronar do motor, saio em disparada.

Assim que alcançamos a rodovia, o ar gélido corta minha pele. A ideia pareceu-me viável, mas andar sem camisa em plena madrugada, foi a coisa mais estúpida que eu poderia fazer. Pegar uma pneumonia é o mínimo que poderia acontecer comigo.

— *Droga!* — vejo um carro de polícia mais à frente e sou obrigado a mudar de rota. Para minha sorte, estavam concentrados em um grupo de adolescentes. Paro em uma rua sem saída. É uma área comercial, então, só temos portas de lojas e latões de lixo em nossa volta.

Desço da moto, flexionando os músculos das costas, caminho até uma porta de metal de uma loja e apoio minha testa contra ela. Céus, essa mulher quer me levar às vias da loucura. Ainda farei algo tresloucado com consequências irreversíveis.

— Está tremendo...do — diz ela, os dentes batendo um contra o outro. Suas mãos pousam em minhas costas, apesar de frias, aquecem o lugar onde tocam, como se marcassem-me feito brasa.

— Você não está muito diferente — viro-me de frente a ela e puxo-a para os meus braços — Temos que dar um jeito nisso.

Não podemos voltar enquanto a polícia estiver no caminho, seríamos presos. Chega de brincar de James Bond por essa noite. No entanto, eu preciso nos manter aquecidos. E há uma grande quantidade de pólvora aqui.

— Sabe o que faz comigo? — pergunto, ao pressionar o seu corpo contra o meu — Eu desejei você, sem saber que era você, e isso me deu uma tremenda dor na consciência. Me senti um cretino, filho da puta.

— Richard...

— Fica quieta! — giro-a e impresso contra a porta de alumínio, de costas para mim. Esfrego nariz no pescoço delgado e o perfume adocicado em sua pele deixa-me desorientado por alguns segundos — Eu sou generoso quando preciso, mas há certas coisas que eu não divido. Quantas vezes eu tenho que afirmar isso?

Mordisco o pescoço dela e dou uma lambida onde meus dentes deixaram um toque avermelhado.

— Se vai ficar nua é para mim — deslizo a mão por suas costas, parando nas bochechas arredondadas de sua bunda, ajoelho-me, levanto a camisa e esfrego meu rosto contra ela — Se vai dançar é somente para mim, mais ninguém, entendeu?

— Sim — Paige sussurra.

Estamos no meio da rua, apesar de deserta, alguém poderia passar e nos ver. Eu não ligo. Há desejo demais correndo aqui. Uma fome tão desenfreada que nos impede de agir com cautela. Alguém mais pervertido poderia até mesmo filmar através de um celular. *Foda-se!*

Acaricio suas coxas, a curvatura dos joelhos e deslizo minha língua pela linha entre a pele e a cinta liga.

— Richard — ela geme, as mãos espalmadas na porta de metal.

— Pensei que gostasse de aventuras — provoco, com a voz carregada de desejo. A intensidade que ela recebe cada pequeno toque meu, causa uma grande erupção em mim. Amo-a, desejo e sou louco por ela, com todas as implicações envolvidas — Viu? Agora já está *quente*.

Ergo-me e sobreponho meu corpo ao dela, encobrendo-a de qualquer olhar indesejado. Abraço-a por trás e acaricio um dos seios com uma mão, enquanto escorrego outra pelo seu ventre, mergulhando dentro de sua calcinha, em busca do meu alvo.

Paige geme e arranha a porta de metal com as unhas. Eu toco sua vagina e ela já está molhada, pronta para mim. Meus instintos me dizem para rasgar a peça íntima como já havia feito tantas vezes.

— Não ouse — ela geme, parece ter lido minha mente — Recuso-me a andar sem calcinha, Richard.

— Tarde demais — sussurro no ouvido dela quando introduzo um dedo dentro dela, depois outro, enquanto o polegar massageia o clitóris entumecido. A peça rasgada é esquecida, e Paige ronrona como uma gatinha, abrindo um pouco mais as pernas, dando mais acesso ao meu toque. A cabeça pende em meus ombros, completamente entregue. Eu continuo fodendo-a com meus dedos até que meu pênis esteja estourando dentro de minha calça. Livro-me do brim e cueca com um movimento rápido.

— Ahhh — suspiro fundo, ao mergulhar dentro dela — Deus, eu poderia morrer assim.

Eu começo a entrar e sair de sua cavidade macia, primeiro lentamente, a sensação é muito boa. A vagina pressionando em volta de meu pau, me ordenhando, me sugando, me absorvendo completamente. Depois, quando já não suportamos mais tanta tortura, agonia e tantas ondas de prazer nos consumindo, pego-a duro. Estocando com mais velocidade e força.

— Ohh — Paige grita, agarrada a porta — Isso amor! Ahh!

Agarro-a firme pelo quadril a segurando com mais força, penetrando-a ainda mais, desencadeando uma onda de prazer que tomou meu corpo, impedindo-me de raciocinar, enquanto ela estremece com a intensidade de seu orgasmo.

Não sei dizer ao certo quanto tempo se passou, quando coloco-a de frente a mim, apoiando minha cabeça em sua testa dela

— Era sobre isso que estava falando para aqueles idiotas — procurando regular a respiração acelerada.

— Transar no meio da rua? — ela me olha com olhar safado.

— Não! — pego minha cueca emaranhada na calça e entrego a ela, enquanto coloco a calça — Fazer amor com você a noite toda.

— Eu gosto disso — ela geme, balançando a cabeça, como uma boa menina.

— E última. Eu disse que você iria se surpreender? — ela rebate, girando o dedo, indicando a rua — Só não sabia que eu também ficaria surpresa.

— Dois podem jogar esse jogo, feiticeira — rio entre seus lábios — Nunca subestime um homem apaixonado. Vamos embora, ou casaremos em um hospital, ou o mais provável, na cadeia.

Ajeito minha camisa em seu corpo e conduzo-a de volta para a moto. Acomodo-a e acaricio suas coxas, brevemente. Beijo-a até perdemos o fôlego.

— Foi a melhor despedida de solteiro da minha vida.

O resto da noite, de fria não teve nada.

Passo pela porta do quarto que passarei a dividir com Paige por um longo tempo. Pelo menos até chegarem os bebês. Eu queria que fosse logo, mas sua prioridade são os estudos, então, teremos que adiar isso por enquanto. Movo a maçaneta com cuidado. Trancado. O que diabos ela está aprontando dentro desse quarto, dessa vez. O que precisa ser mantido a sete chaves?

— Richard! — eu pulo assustado e a encaro com olhar culpado — O que eu disse sobre não entrar nesse quarto? Nunca!

— Desculpe, amor — faço cara de menino levado.

— Não vai mais ficar aqui — Paige sai pisando duro pelo corredor e segue para o quarto de hóspedes, onde passamos a dormir desde o dia anterior. Vejo-a jogar uma mala de mão em cima da cama e algumas peças de roupa dentro dela.

— O que está fazendo? — pergunto ao notar minhas camisas sendo arremessadas dentro da mala.

— Não ficará mais no apartamento — murmura, chateada — Até o nosso casamento amanhã, quero-o bem longe.

— E para onde vamos? — sento na cama com sorriso no rosto.

— Eu vou para meu antigo apartamento — murmura ela, zangada

— Não tá falando sério — sorrio, mas ao notar seu olhar determinado meu sorriso se desfaz — Tá falando sério?

— Estou sim, e de qualquer forma, não pode ver a noiva antes do casamento. Dá azar.

— Isso é uma superstição ridícula, Paige. E o noivo, não pode é ver a noiva com o vestido.

— Não importa — ela empina o queixo — Eu avisei que aquele quarto era *PROIBIDO*, é uma surpresa. Me deu sua palavra, e não cumpriu.

— Mas eu não vi nada.

— Você é um trapaceiro!

— E para onde eu vou? — pergunto atordoado, enquanto ela joga a mala ainda aberta, em minhas mãos.

— Fique com Adam, Peter, Liam — ela sugere — Tanto faz, desde que fique bem longe daqui.

— Mas e quanto à gente? — pareço perdido — Não vamos dormir juntos, como todas as noites? De conchinha? Não consigo mais dormir sem você ao meu lado — continuo, pedindo por misericórdia — Eu não consigo.

Eu apelo para seu lado romântico e sensível. Dormir é a última coisa da qual penso no momento. Eu estou nervoso. Sexo me acalma. Ela me acalma.

— Não força a barra, Richard! — ela acena com a mão, enraivecida — Até amanhã.

A porta bate a milímetros do meu nariz. Filha da mãe! Paige, deve estar querendo bater o recorde de bater à porta na minha cara, só pode. Eu já não consigo contar nos dedos quantas vezes ela fez isso em um curto prazo. E eu havia mesmo me transformado num cordeirinho. *Inferno!*

Uma hora depois, toco a campainha da casa de Adam com um sorriso amarelo no rosto. Eu juro que Paige vai me pagar por tudo isso. Sexualmente, mas vai.

— Mas nem casou e já quer o divórcio? — ele ri e dá espaço para que eu entre.

— Engraçadinho — reviro os olhos de sua piada ridícula — Posso dormir aqui?

— Mi casa, su casa.

Passamos a tarde comendo pizza, jogando cartas ou enfadados em frente a TV. Estou a ponto de quebrar essa maldita regra que ela havia inventado, quando meu telefone toca.

— Peter? — atendo o telefone com pressa.

— Pode vir ao meu escritório? — diz ele, parece-me um pouco tenso.

— Agora?

— É muito importante — ele pigarreja — Paige está aí?

— Não. Estou na casa do Adam.

— Aconteceu alguma coisa? — Peter parece preocupado.

— Loucuras da Paige — eu explico — Chego em uma hora.

Não sei o que pode ser tão importante um dia antes do meu casamento. Chego ao escritório em menos de uma hora. Peter, está escorado contra a mesa, ao lado dele está uma mulher de costas para mim. Apesar de não ver o seu rosto, um calafrio passa pelo meu corpo.

— Sarah?

Quando Peter retornou da Itália, sozinho e com a notícia de que a mãe de Paige ofereceu resistência em reencontrá-la, eu fiquei aliviado de certa forma. Embora eu odeie ter que mentir para ela.

Na realidade, contaria a verdade sobre a mãe dela, depois de nosso casamento. Não iria manchar um dia tão importante para nós dois, com algo tão doloroso como o surgimento de uma mãe que passou anos distante. Não posso deixar que essa mulher coloque tudo a perder agora.

O apartamento está vazio e silencioso. Expulsar meu futuro marido de casa, duas horas atrás, não havia sido algo muito inteligente. Na verdade, não sou conhecida por fazer coisas que fazem sentido. O que eu posso fazer se eu sou uma pessoa completamente passional? Guiada pelos meus instintos e pelo o que diz meu coração. A cara que ele me fez quando eu fechei a porta foi ao mesmo tempo cômica e de cortar o coração. O olhar desolado e tristonho que ele me deu quase me fez fraquejar. Inacreditavelmente eu continuei firme.

Mas a culpa de tudo isso é dele. Havia dado muito trabalho para planejar essa surpresa para ele. E Richard havia me prometido não se aproximar daquele quarto. *Homens!* Contudo... No final, valerá a pena.

Enfim, aqui estou eu, nesse gigantesco apartamento, *sozinha*. Eu odeio ficar sozinha por tanto tempo. É nessas horas que você percebe o quanto a família é importante.

Eu deveria ter minha mãe em volta de mim, me enlouquecendo com todos os detalhes finais. Uma ou duas irmãs ao meu lado, trocando confidências.

A única coisa que tenho próximo a isso, é Jenny. Pobre Jenny, além do Richard, ela foi a única a suportar as minhas crises pré-casamento. Todas as ligações noturnas, minhas crises de choro, além de me ajudar com a maior parte dos preparativos. Mesmo com todas as turbulências que vem enfrentando. O acidente de Neil, a amnésia dele, a gravidez inesperada e agora a última crueldade de Sophia.

A megera havia envenenado Anne contra ela, dizendo que Jenny deixaria de amá-la quando o bebê nascesse. As palavras tristes da menina ainda arrepiam minha pele e cortam meu coração, sempre que lembro-me da nossa conversa há alguns dias.

“Jenny...” Anne soluçou, em meio às lágrimas. “Não vai gostar de mim agora que não é cega.”

Só havia uma pessoa perturbada o suficiente para colocar essas ideias absurdas na cabeça da criança. Minha vontade naquele momento, era sair da lanchonete onde estávamos e esganar Sophia com minhas próprias mãos.

“Quem disse isso a você?”

“Sophia me disse, no fim de semana que fiquei com os meus avós,” ela fungou. “Ela não gosta de mim, porque sou aleijada. Jenny não vai mais gostar também e meu pai...”

Ah, droga! Uma faca invisível rasgou meu peito sem a menor piedade. Eu tentei evitar as lágrimas, mas foi uma missão impossível. Ver a garotinha sofrendo tanto porque simplesmente queria ser amada, aceita como é, com todas as imperfeições. Mas quem no mundo é completamente perfeito, físico ou emocionalmente. Todos temos que lidar com algum lado ruim.

“Eu posso ficar com você?” os enormes olhos negros me encaram, com grande expectativa e esperança. “Não quero ir para um colégio interno. Eu prometo ser boazinha.”

“Você não pode!” Eu disse, enfaticamente. “Embora seja um prazer para mim, seu pai e Jenny jamais permitiriam isso.”

Encaro-a com um olhar suave, e seguro suas mãos trêmulas debaixo da mesa.

“Sabe por que estamos aqui, Anne?” Levantei-lhe o queixo, obrigando-a a me encarar.

“Para falar sobre o seu casamento.” Anne sussurrou. “Você não quer que eu faça uma coisa feia como cair na igreja com as alianças. Não vou fazer isso Paige,” ela sacode a cabeça,

chateada. “Eu vou ser cuidadosa.”

Crianças precisam de seguranças, em lares felizes e aconchegantes. Eu sempre me senti infeliz por não ter minha mãe por perto, por ter crescido sem seu amor e abraços carinhosos. Mas com Anne havia sido muito pior. Ela tinha uma mãe que a desprezava. E quando havia encontrado alguém capaz de preencher esse espaço vazio em seu coração, a bruxa da Sophia manchava essa relação, com palavras venenosas.

“Não. Jenny está muito triste pela forma que vocês vêm se tratando, por isso saiu de casa,” tento ser cuidadosa com as palavras. “Ela a ama muito e quer te dar espaço, mas está sofrendo muito. E Neil também está triste com a situação. Todos nós estamos. Amamos você.”

“Eu não quis ser malvada com ela. “Anne volta a chorar. “Eu só fiquei com medo.”

“Tudo bem,” sequei as lágrimas com delicadeza. “Termine seu sorvete, sim. Vou leva-la para casa. Você irá conversar com a Jenny?”

“Acha que ela vai me perdoar?”

“Ela mal pode esperar para abraçar você novamente,” sorri. “Tudo será como antes, confie em mim.”

O sorriso que Anne me deu compensou todos os mementos tristes.

Fico feliz que agora tudo parece bem entre eles. E a notícia de que Jenny espera gêmeos, veio para unir ainda mais essa família.

Eu não sei se algum dia eu reencontraria minha mãe. Mas se um dia isso acontecer, se os sentimentos dela em relação a mim forem verdadeiros e sinceros, estarei disposta a virar a página. Eu sei porque ela me abandonou. Ela não teve escolha, o que sempre doeu foi ela nunca ter retornado. Havia me deixado sem olhar para trás. Mas, chega de rancores e ressentimentos. Começa uma nova vida para mim, com promessas de felicidade. Depois do que houve com Diana, quero me cercar de todas as pessoas que eu amo e retribuem meu amor. O amor é a única coisa por qual vale a pena viver. Eu tenho muita sorte, tenho doses inesgotáveis de amor.

— Meu Deus, Jenny! — meus olhos estão praticamente fora de órbita ao deparar-me com ela estirada na cama — Você parece um urso panda. O que aconteceu com você?

Ainda de robe e os cabelos desgrenhados, ela parecia uma mulher das cavernas, sem contar os enormes círculos escuros em volta de seus olhos azuis. Ainda nem havia se levantado e já eram mais de quatro horas da tarde.

— Não tenho dormido muito bem — Jenny boceja, sentando na cama.

— Problemas com a gravidez? — pergunto, preocupada.

— *Meu problema* se chama *Neil* — boceja novamente.

— Como assim? — pergunto, confusa.

— Além da síndrome de Couvage — murmura, erguendo a sobrancelha — Essa mania por sexo tem me deixado doida.

— E ele tem enjoos e tudo mais? — pergunto a ela, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, de tanto rir.

— Paige não conte a ele eu falei sobre isso — Jenny me encara zangada — Eu até acho tudo muito bonitinho. Neil está bem melhor depois dos remédios, mas essa história o tem deixado irritado e nossos amigos não tem ajudando muito, sempre provocando-o, desnecessariamente.

— Claro, agora ele está com os hormônios aflorados — não perco a oportunidade de provocá-la — O sonho de toda mulher, um homem inabalável.

— Eu não reclamo, mas é difícil acompanhar o ritmo.

— Me disseram que as mulheres ficam um pouco maníacas quando estão grávidas. Acha que Neil está sentindo isso também? — pergunto, enxugando as lágrimas.

— Estou perdida — ela conclui, constrangida — O homem é uma máquina de sexo. Sabe que às vezes me liga durante o dia. Isso quando consigo ficar acordada.

— Sei, hormônios? — cruzo os braços — Vocês dois viraram maníacos sexuais, isso sim. Essa noite você ficará comigo. Arrume suas coisas.

— Por quê?

— Não quero você caindo de sono em pleno altar amanhã. E há essas olheiras horríveis — murmura — E eu preciso manter Richard longe de mim, muito longe.

— Onde ele está? O que você fez, Paige?

— Por que tem que ser eu a fazer alguma coisa — resmungo — Ele violou uma regra.

— Paige?

— Expulsei o pobre de casa — sorrio, mordendo meu dedo — Tinha ver a cara dele.

— Paige, você é incrível — Jenny dá risada — Segure esse homem, não vai encontrar outro que tenha tanta paciência com suas loucuras como ele.

— Olha quem fala! — exclamo, emburrada — Não sou eu que pareço irmã do conde drácula.

— Quero ver o que vai dizer quando for sua vez — Jenny choramanga, apontando a barriga, antes de ir para closet trocar de roupa.

Talvez não fosse tão ruim. Pelo menos a parte relacionada ao sexo. De repente eu sinto um calor correndo por todo meu corpo. Caramba, eu já sou louca o suficiente sem todos esses hormônios eclodindo de dentro de mim. Pobre Richard.

Contos de fada. É essa a sensação que eu tenho. Cercada por todos os tipos de mimos, em um exclusivo salão de beleza. Um dia de noiva perfeito ao lado da minha melhor amiga Jenny e Penélope, recém integrada ao nosso privado clube da Luluzinha.

— Para onde ela está indo? — aponto Jenny que caminha apressada em direção a recepção

— Coisas de grávida — Penélope me arrasta para o outro lado do salão — Que tal uma massagem? Você parece tensa. Muito tensa.

Eu sei quando as pessoas tentam me enganar e essas duas estão atoladas até o pescoço. Eu espero que essa fuga inesperada não esteja relacionada ao Neil, ele havia ficado furioso comigo, por ter sequestrado Jenny, no dia anterior. Ainda escuto os ecos dos gritos dele ao telefone. Sinceramente, esses homens precisam apreender a serem um pouco menos intensos.

Respiro fundo e sigo Penélope sem protestar. Uma massagem parece uma ideia boa. Sinto-me tensa. Minha vida irá mudar para sempre a partir de hoje e mal posso esperar por isso.

Uma hora depois, após desfrutar de uma longa e relaxante massagem de quase quarenta minutos,

encontro-me deitada em uma cama estilo divã. Rodelas de pepinos cobrem meus olhos e há alguma pasta gosmenta em meu rosto.

Esse é um tratamento, que nós mulheres deveríamos receber todos os dias. Sermos tratadas como princesas. Se eu confessasse amar essa pequena extravagância de Diva para meu amado noivo, ele moveria céus e terra para transformar um dos quartos do nosso apartamento em um pequeno Spa particular, com direto a massagista e tudo, claro, desde que fosse mulher. Homens me tocando? *Jamais*.

Ele é ciumento. Muito. Um sorriso cálido surge em meu rosto. Sem dúvidas ele vem se esforçando para controlar o homenzinho verde que há dentro dele, para que nossa relação seja o mais saudável possível. Por outro lado, devo confessar que parte de mim é fascinada por sua possessividade. Finalmente eu sinto que pertenco a alguém.

— Não se mova senhorita — ouço a voz da esteticista ao meu lado, me repreendendo pelo enorme sorriso em meus lábios — Só mais alguns minutos e você estará livre.

Tudo bem, brincar de princesa é interessante, até a página dois. Ficar parada como uma estátua, não é atrativo. Eu começo a cantar mentalmente para passar o tempo, e dedilho os dedos no colchão, de forma impaciente. Meu Deus, faltam poucas horas. Depois disso tomarei um relaxante banho de banheira — arrumarei os cabelos, farei a maquiagem, vestido e igreja. Queria falar com Richard. Ouvir sua voz rouca e sexy, mais uma vez. Ele me acalma. Ele sempre me acalma. Mas Penélope havia confiscado meu o telefone. De acordo com ela, agora só teríamos contato na igreja. E ela havia sido bem autoritária. Quem diria, com aquela carinha de anjo. São quase vinte e quatro horas sem vê-lo. Desde que voltamos da Grécia que não passamos tanto tempo separados. Sinto saudades.

— Paige? — escuto meu nome após suave ranger da porta.

— Oi, Panda — apoio o cotovelo no divã e tiro um dos pepinos dos olhos — Pensei que você estaria na montanha mais alta, na torre mais alta, no reino tão, tão, distante. Me diz ai, o Shrek soltou você??

Jenny não riu da minha piada, pelo contrário, seu rosto está sério e apreensivo. A forma que sempre torce os dedos quando está nervosa coloca-me em alerta. Deslizo pela cama até que meus pés tocarem o chão frio, e vou em direção a ela.

— Você está de bom humor — ela sorri, nervosa — Isso é bom.

Franzo a testa, enrugando a máscara, agora seca em meu rosto.

— É o meu casamento — enfatizo — Nada abalará minha felicidade, hoje. Não é?

Observo-a caminhar até um sofá marrom de dois lugares no outro lado da sala.

— Sente-se aqui — Jenny dá uma batinha no estofado e me encara com uma expressão indecifrável.

Ignoro o pedido e continuo parada entre o divã e o sofá.

— O que está acontecendo Jenny? — começo a me sentir inquieta e irritada — É o Richard? Aconteceu alguma coisa com ele? Fale!

— Não — diz ela, suavemente. O rosto voltado para o chão, parece tentar encontrar as palavras certas para me dizer — Ele está bem. Quase...

— Ele não quer se casar comigo? — minhas pernas parecem feitas de gelatina. Parece-me uma ideia estapafúrdia. Não. Richard jamais faria isso comigo. Eu não seria capaz de suportar tanta dor.

— Está mesmo me perguntando isso? — ela revira os olhos.

— Eu sei — solto o ar — Foi uma pergunta idiota. Então fale de uma vez, Jenny? A mãe dele está aqui?

Após o desastroso jantar na casa de Diana, ela evidenciara que não tinha a menor intenção de

estar na cerimônia realizada hoje. A não ser claro, para atrapalhar meu casamento.

— Não a mãe dele.... — ela diz, com a voz ofegante — Olha, não é fácil dizer isso. Eu nem mesmo acho que seja justo, fazer isso com você. Afinal, hoje é o seu grande dia, tudo deveria ser perfeito...

— Jenny!

— É sua mãe. Ainda não acredito que...

— O que tem a minha mãe? — a interrompo, voltando a franzir a testa.

— Sara está aqui! — diz ela, estrondosamente — E que falar com você.

Sinto uma grande agitação dentro mim. *Minha mãe está aqui!* Apoio-me contra a parede. Meu coração bate tão forte e descontrolado que eu acho que posso ouvi-lo batendo em meus ouvidos, em meio ao imenso silêncio que havia instaurado na sala.

Cuidado com o que você deseja. Passei tantos anos pedindo isso, agora que me deparo com a realidade, sinto-me perdida. O que eu diria a ela? Ou quais explicações ela teria para mim?

— Aqui? — meus lábios retorceram levemente, as palavras saem sufocadas da minha boca — Na cidade?

— Aqui, aqui — murmura ela — Precisamente, lá fora. Com o Richard.

— Minha mãe está aqui — murmuro, ainda sem conseguir assimilar o que ela me diz — Foi por isso que você sumiu?

A resposta foi um leve balançar de cabeça. Agora tudo faz sentido. A saída secreta era para confabularem as minhas costas.

— Olha, não tem que fazer isso se não quiser — diz ela, num tom doce — Vou pedir que ela vá embora.

Embora? De novo? De repente, sinto uma ponta de medo enraizando em meu coração. Há muito tempo não me sinto desamparada e sem direção.

— Não! — solto um grito agudo — Quero vê-la.

Eu preciso vê-la. Preciso de respostas.

— Tem certeza?

Afirmo com a cabeça. Meus olhos ardem com as lágrimas contidas.

— Espere! — eu corro até um banheiro anexo a sala, lavo meu rosto com pressa. Eu não quero que a primeira imagem que minha mãe tenha de mim, seja do o monstro do logo Ness.

Assim que Jenny sai, as batidas em meu coração parecem intensificar. E ele parece querer sair da minha boca a qualquer momento. Olho para a porta, como se um ser horrível pudesse atravessá-la a qualquer momento.

Alguns minutos depois o que para mim, parecem horas intermináveis, a porta é aberta. Uma mulher na faixa de quarenta e poucos anos entra. Seus olhos fixam-se em mim. É exatamente como eu me lembrava. Não. Está ainda mais bonita do que eu me recordava. Parece elegante. Alta, cabelos negros, preso em um coque elaborado, olhos verdes, idênticos aos meus.

A mulher dos meus pensamentos tinha os cabelos bem mais opacos. Era muito magra e sofrida. Não essa senhora elegante que tenho diante de mim.

— Mãe?

— Filha — a cada passo vacilante que ela dá em minha direção eu recuo dois, até que me vejo encurralada contra a porta do banheiro — Paige, eu...

Não foi exatamente como eu esperava. Não há corridas em câmera lenta. Nem abraços apertados, com lágrimas escorrendo pelo rosto, pelo menos não no meu. Diante de mim eu tenho uma estranha. Minha mãe, mas uma completa desconhecida. E eu só sinto um grande vazio em meu peito.

— Perdoe-me, filha — ela faz uma pausa, as lágrimas enchendo seus olhos, tristes — Perdoe-me por abandoná-la. Eu não tive escolha. Ou acreditei que eu não tinha...

No entanto, por mais que eu queira odiá-la, eu não posso. Estranho, não consigo odiá-la. Por incrível que pareça, por mais magoada que eu tenha ficado, eu nunca a odiei.

E eu vejo o arrependimento sincero em seus olhos, as lágrimas que descem por seu rosto não são fingidas. Mas isso bastaria? Conseguiria apagar todos os anos de solidão e distanciamento?

— Eu entendo porque me deixou mamãe — murmuro — O que eu não entendo é por que nunca foi me buscar? Eu esperei todos os dias, por anos.

Eu entendo que fugíamos de meu pai, um homem doente e violento. Tenho uma vaga lembrança de ficarmos vagando de cidade a cidade, até que o dinheiro acabasse. O carro foi a primeira coisa que ela se desfez. Lembro-me disso porque dormimos nele muitas vezes.

— Você nunca veio. Nem mesmo uma carta ou um telefonema.

— Quando eu a deixei no orfanato — ela arfou — Eu já estava sem dinheiro algum. Você estava sem comer há quase dois dias. Dormíamos em banheiros sujos de rodoviárias ou lugares muito piores. Não podia deixá-la continuar naquela vida.

Eu me lembro vagamente. Do banheiro sujo e com odor ruim, das pessoas estranhas que entravam e saíam. Mulheres vulgares, homens bêbados, acho que até mesmo drogados.

Mas a imagem mais forte que tenho daqueles últimos dias, era a forma que minha mãe se exprimia em cima do vaso sanitário, na pequena cabine do banheiro. O jeito que cantava para mim, até eu pegar no sono. A suavidade com que passava a mão em meus cabelos e amor que eu via em seus olhos. Não importa o que acontece de ruim em nossas vidas, são as pequenas coisas que nos marcam. De todas as coisas tristes, foram as lembranças mais doces que me fizeram desejar reencontrá-la, durante todas as noites, em minha pequena cama no orfanato.

— Fiz coisas que eu não me orgulho — um soluço escapou de seus lábios, na tentativa de conter o choro — Eu fui para as ruas... Eu...

Não foi preciso que ela concluísse a frase. Sei muito bem o que acontece quando não há mais saídas. Quando se é jovem e bonitas, mas sem direção. Eu quase estive nesse limite, muitas vezes.

— Senti vergonha do que eu me tornei. Das coisas que fiz, por dinheiro, para sobreviver — diz ela, encolhendo-se — Alguns meses depois, um amigo de seu pai esteve de passagem pela cidade e me reconheceu no clube onde eu trabalhava. Seu pai... Ele me encontrou. Ele queria saber onde você estava. Disse que eu jamais chegaria perto de você novamente. Eu tive medo.

— Ele me machucou muito — continua, com a voz arrastada — Então, eu fugi novamente. De estado a estado e depois de país. Ficar longe de você a manteria em segurança. Foi o que imaginei na época.

— Quando eu conheci o Marcello, foi como um raio de sol abrindo caminho em meus dias nublados — ela sorri, pela primeira vez, desde que entrou — Uma nova oportunidade de voltar a ser feliz, mesmo eu não merecendo isso.

— Eu me perdi em uma de suas vinhas. Quando nos encontramos, foi uma atração explosiva — eu me identifico com isso. Richard e eu havíamos nos apaixonado com a mesma velocidade — Nunca pensei que eu pudesse me apaixonar assim. Depois de tudo o que passei. Confiar no amor, em um outro homem, era terrivelmente assustador.

— E uma criança não estava inclusa no pacote? — sussurro, em um tom amargo, não consegui evitar.

— Não foi assim. Sempre imaginei que a recuperaria de alguma forma. Mas as coisas não aconteceram assim — diz ela — A família dele é uma das mais tradicionais de Toscana, eu era uma

ex prostituta! Não tem ideia de como a mãe tratava, apenas por ter raízes. Se soubesse sobre o meu passado. Tive medo de perder sua irmã como perdi você.

— Você me abandonou!

— Não foi fácil — sussurra ela — Eu fui covarde, admito. Depois que sua irmã nasceu meus medos se multiplicaram.

— Então, eu tenho uma irmã? — meus lábios tremem.

— Anabela — ela tira uma foto da bolsa e me entrega — Irá adorar conhecê-la. Vincenzo é um homem maravilhoso, mas muito ligado a família, jamais aceitaria o que fiz a você. Esse medo me fez ficar calada por tanto tempo. Os dias transformaram-se em anos e comecei a acreditar que você jamais me perdoaria...

— E que agora espera que eu a perdoe — digo, ríspida — Você foi embora, teve outra família. Eu continue aqui, *sozinha*.

— Você não precisa me perdoar, o que eu fiz não merece perdão — ela estende a mão, como se fosse me tocar, mas meu olhar ressentido faz com que recue um pouco — Não teve um dia que a culpa não corroesse a minha alma. Sei que me odeia e eu mereço isso. Sua irmã e meu marido também me desprezam pelo que fiz a você. Talvez nunca mais voltem a me olhar da mesma maneira que antes. Aceito isso.

— Sinto muito — é verdadeiro. Apesar de tudo, não eu desejo ver seu lar destruído.

— Não sinta — ela sacode a cabeça — As pessoas colhem o que plantam.

— Como me encontrou? E por que?

— Não encontrei. Sinto muito por isso também. Seu noivo pediu que amigo dele, Peter, me encontrasse. Inicialmente eu não quis. Senti muito medo de sua rejeição. Da minha família, do seu desprezo. Mas ele foi bem insistente. Aceitei encontrar-me com ele na Itália. Depois que vi as fotos que ele me enviou. Está tão linda. Eu soube que não poderia mais continuar me fugindo, mesmo que não acredite, eu amo você. Ainda amo aquela garotinha que deixei para trás, e gostaria muito de conhecer essa mulher linda na qual você se transformou. Se não for tarde demais, talvez um dia, possamos ser, quem sabe... *amigas*.

Ela não foi a melhor mãe do mundo, mas eu conheço bem piores. Parece-me sincera em suas palavras. Ela cometeu um grande erro. Um erro que me fez sofrer muito, mas na vida todos erramos, uns mais do que outros.

— Jamais serei feliz se eu não abrir mão dessa mágoa em meu coração — murmuro, emocionada

— Eu perdoo você, Sara.

Ainda não posso chama-la de mãe. Talvez um dia.

— Posso abraçar você? — diz ela, receosa.

— Sim.

Por um momento, em seus braços, eu tive um vislumbre da minha infância. Volto a ser a mesma garotinha que ela colocava em seus braços, a qual alisava os cabelos enquanto ninava. Seu perfume ainda é o mesmo. Eu não sei quando voltara a confiança ou quando restaurará o elo que foi perdido ao longo dos anos. Contudo, eu estou disposta a tentar. De todo coração.

— Seu noivo deseja entrar — diz ela, ao me soltar, com certa relutância — Ele parece bem preocupado com você. Vejo que a ama muito — ela sorri — Estarei lá fora.

Ela beija meus cabelos, como se me abençoasse. Eu sinto uma pequena chama trepidando em meu coração.

Volto para o divã pois as minhas pernas já não são capazes de me sustentar sozinhas. Abraço meus joelhos e apoio a cabeça, absorvendo tudo o que havia acontecido nos últimos minutos. O

clique na porta chama minha atenção, mas permaneço imóvel.

— Desculpe, amor — ele diz, erguendo meu rosto e seguida me abraçando com força — Sinto muito. Nunca quis magoar você. Eu...

— Não fez isso — silencio-o, selando seus lábios com o dedo — Passei tanto tempo desejando algo que achei impossível, e o que eu realmente amo e preciso, está bem aqui, diante de meus olhos.

Richard havia preenchido todas as lacunas vazias do meu coração. Já não me importa o passado, desde que meu futuro seja ao lado dele. Não importa a família que eu não tive. O que importa é a família que construiremos, juntos.

— Não sei se um dia eu vou conseguir olhá-la como minha mãe — digo, sorrindo um pouco — Mas daqui há alguns anos, quando eu olhar para nosso álbum de fotos eu saberei que ela esteve aqui, hoje. Não há mais um buraco a preencher. A ferida está criando casca, e quem sabe um dia, haja apenas um vislumbre de uma cicatriz.

— Tem o coração mais generoso que eu já vi — diz ele, com a voz enrouquecida — Se pode perdoá-la, eu também posso. Por você.

Ele inclina-se para beijar minha testa. O gesto reverente trouxe novas lágrimas aos meus olhos, mas essas são de felicidade.

Respirar, caminhar. Respirar, caminhar. Esse é o meu mantra. Com um suspiro eu olho através da janela da limusine. Na rua, do outro lado da catedral St. Patrick, o tráfego continua intenso, como sempre. Eu olho para igreja, uma das mais lindas e disputadas da cidade. Como Richard havia conseguido uma vaga ali em tão pouco tempo, eu não sei. Na verdade, eu sei sim, ser rico e influente tem suas vantagens e essa é a melhor delas. De todas as igrejas que visitamos, essa foi a que mais me encantou, por sua magnitude e imponência, sem contar a beleza gótica. Possuí duas torres que erguem-se a 100m de altura. O interior tem altares, dos dois lados, com vitrais magníficos, dedicados a santos e figuras sagradas.

Assim que desço do carro, Vivian, a organizadora, ajuda-me com o vestido e repassa todos os detalhes.

— Espere dez minutos — ela parece mais afobada do que eu — Vou ver como as coisas estão lá dentro.

Olho para meu vestido, ele é justo do busto até os joelhos, onde abre-se como calda de sereia, todo trabalhado em rendas e botões de pérolas. As mangas até o pulso, são transparentes, com detalhes em rendas. Um profundo decote em V dá um toque sensual. É o vestido perfeito, apaixone-me por ele à primeira vista. Provocativo sem ser vulgar. Com certeza deixará Richard alucinado.

— Tem certeza que quer entrar sozinha? — pergunta Vivian, embora tente disfarçar, eu noto seu olhar piedoso — Algum dos convidados poderia...

— Não! — digo, categórica — Vou sozinha.

Havia estado sozinha por muito tempo. E é como se eu tivesse quebrando um rito. A solidão. É a última vez que vou caminhar sozinha em minha vida e vou enfrentar isso com coragem. Minha felicidade me espera há alguns passos.

— Os padrinhos já estão posicionados lá dentro — ela segue nas orientações — Assim que a música começar a porta será aberta e você entra.

Seguro o buquê com força.

Continuo o meu mantra para manter a calma.

— Paige? — sobressalto-me com a voz masculina atrás de mim.

— Charles? — encaro-o, abismada — O que está fazendo aqui?

Depois do desastroso jantar ele havia deixado bem claro em qual lado ele estava. Nem mesmo o contrato pré nupcial que Adam havia feito havia derrubado sua arrogância.

— Você não vai atrapalhar o meu casamento! — alerto-o, com determinação — Sua mãe enviou você?

— Calma garota...

— Eu vou entrar nessa igreja, Charles! — vocifero, agora muito irritada. Como ele ousa! — Amo o Richard e nada e ninguém vai me impedir de ficar com ele. Aceite isso!

Ele dá um passo em minha direção. E eu recuou. Não por medo dele, mas sim, pelo o que eu poderia fazer, guiada pela ira.

— Não vim atrapalhar o seu casamento — murmura ele — Quando você assinou aquele contrato nupcial, percebi que estava julgando-a erroneamente. Pode parecer que não, mas eu amo aquele garoto. Só estive tentando protegê-lo.

— De mim? — pergunto, incrédula.

— De uma aproveitadora — ele pigarreia, desconcertado — Desculpe-me. Como disse, eu estava errado.

Perdoando ou não as atitudes dele, a partir de hoje ele fará parte de minha família, então é melhor virar a página. Richard ama-o, e não posso ficar entre eles.

— Está perdoado — digo, calmamente, parece que hoje é o dia de perdoar todo mundo — Fico feliz que tenha vindo. Acho melhor entrar logo ou perderá a cerimônia.

Charles passa a mão no cabelo e me encara seriamente.

— Vou conduzi-la até o altar — ele coloca-se ao meu lado, inclinando o braço em minha direção — Me permite?

As palavras dele me chocam. Nem em um milhão de anos eu esperaria algo como isso. A música começa a tocar e eu continuo estática encarando-o.

— Por favor — sussurra ele.

Bem, isso é surpreendente. Eu poderia entrar sozinha. Realmente não me importa. Mas se vamos começar um novo relacionamento. Por que não?

— Obrigada — volto a me recompor, encaixando o braço no dele — É bom ter alguém para me segurar, eu confesso. Não achei que eu ficaria tão nervosa.

— Respire fundo — ele sorri — Você não vai desmaiar não é?

— Embora eu sinta que possa — murmuro — Isso não faz meu estilo.

— Você é durona — ele brinca.

— É, eu sou — encaro-a seriamente, antes de sorrir — Lembre-se disso.

Ele bate continência e guia-me em direção a porta. Ele tem senso de humor. Bom, talvez não seja tão insuportável quanto aparenta.

As gigantescas portas duplas são abertas. Por dentro a igreja foi decorada com lírios brancos, detalhes em prata e amarelo claro, velas artesanais estavam por todo o caminho e um longo tapete branco estendia-se da entrada ao altar.

Respire fundo, digo a mim mesma. O violino toca. Eu começo a navegar pela nave da igreja, seguindo o compasso. Um dois, um dois. Nós entramos, os convidados se levantam. É a última coisa que me lembro antes de focar meus olhos no homem lindo parado em frente ao altar.

Eu vejo-o. Respiro fundo.

Azul sempre foi a minha cor preferida? A partir de hoje. Sim. Sabe quando você lê nos livros que todas as outras pessoas em volta desaparecem, magicamente? Que não há mais ninguém no mundo a não ser você e a pessoa amada? Isso realmente acontece. Impressionante.

Quando alcançamos o altar Charles entrega-me ao homem da minha vida. Meu amor. Richard dá um beijo em minha testa como havia feito mais cedo. Eu tenho um vislumbre das pessoas na igreja, enquanto caminho pela nave, mas meus olhos estão focados nele. O sorriso orgulhoso e seu olhar apaixonado em direção a mim, expulsou todo o nervosismo de alguns minutos.

O padre conduz a cerimônia com palavras emocionantes. Ressaltando laços especiais de amizade, amor e afeto. Essa é uma união não só de corpos, mas também de alma e coração.

Assim que ele termina o sermão, Anne aproxima-se de nós com as alianças. Ela está linda e confiante.

Richard pega a aliança e começa a deslizar pelo meu dedo enquanto faz seus votos:

— Paige, com esta aliança eu recebo-a como minha mulher, amiga, confidente. Eu prometo amá-la e protegê-la todos os dias das nossas vidas. Nós somos perfeitos juntos — diz ele, com a voz rouca e emocionada — Tudo o que há em mim, ama tudo o que há em você. Viver para mim tem um nome: *Paige*. Suas imperfeições é o que a tornam perfeita pra mim. Amo você hoje e vou amar para sempre. Porque é esse amor que faz meu coração bater todos os dias.

— Richard... Com esta aliança eu recebo-o como marido, prometo amá-lo, respeitá-lo e fazer de todos os seus dias felizes — respiro fundo e tento manter a calma, meus lábios tremem e meu coração dispara, eu nunca fui tão verdadeira em minha vida, tão honesta — Por que ninguém mais me faz sentir o que você faz. Você é minha vida, alma e minha razão de viver. Meu amor, meu coração. Hoje, amanhã e enquanto vivermos.

Após as trocas da aliança o padre pede que fiquemos de joelhos e que todos estendam suas mãos em direção ao altar, para uma oração, pedindo a bênção de Deus sobre nós dois.

— Com a autoridade conferida a mim e com as bênçãos da igreja, eu vos declaro marido e mulher — conclui o padre, após a oração — Pode beijar a noiva.

Ele me beija e o mundo sai de órbita. Voltamos a ser nós dois, perdidos no tempo e espaço. Eu sou do meu amado e ele é meu.

Desde o momento que saímos da igreja até o caminho até o salão de festas, vejo-me emaranhada por seus braços, pernas e praticamente estou sendo afogada por beijos de tirar o fôlego.

— Richard — tento desvencilhar-me dos braços dele, confesso que sem muita vontade — Nós já chegamos.

— Hum, hum — ele ronrona em meu pescoço. A língua deslizando por meu pescoço em um beijo sensual, fazendo-me tremer — Vamos pular a festa?

Se eu fosse atender a vontade de meu corpo, especificamente, uma parte bem peculiar do meu corpo, seguiríamos dali diretamente para lua de mel. Mas a garotinha romântica dentro de mim exige; festa, dança, momentos especiais com nossos amigos, fotos e tudo o que temos direto, e que eu passei

anos sonhando. Eu tenho o castelo, o príncipe e agora desejo o baile. E sem perder o sapatinho de cristal.

— Não — remexo em seu colo, afastando minha boca da dele — Pare....

— A culpa é todo sua — ele sorri, malicioso. O sorriso arrebatador que eu amo tanto — Esse vestido é.... — Richard me atrai ainda mais para seus braços. O nariz desliza meu pescoço até a curva dos meus seios, inalando meu perfume — Tentador, sexy, um verdadeiro tormento. Eu quero o que está aqui em baixo.

Uma mão apodera-se de meu seio, de forma possessiva, enquanto a outra tenta tocar minha parte íntima, sob o vestido. Um suspiro irritado escapa de seus lábios, após a tentativa frustrada, o vestido é muito justo.

— Merda de vestido! — ele esbraveja, traçando com a língua a parte exposta do meu seio esquerdo.

Eu mordo os lábios e saboreio por alguns segundos a sensação da língua árida sob minha pele.

— Controle-se — empurro-o, jogando-me no outro lado do banco, fugindo de suas mãos e lábios tentadores. Deus! Como é difícil resistir a isso — Prometo que eu vou recompensá-lo depois.

Ele se estica como uma pantera. Passeia o polegar em seus lábios, os olhos fixos em mim, predadores.

— Eu vou cobrar isso Sra. Delaney — Richard pisca, antes de abrir a porta — Tenha certeza. Eu vou.

Após entrarmos, pararmos para algumas fotos eu observo que algumas pessoas já haviam chegado. Demoramos mais do que eu esperava dentro do carro. O salão fica apenas há alguns minutos da catedral onde havia sido realizado a cerimônia. Não queríamos arriscar que alguém ficasse preso no trânsito por muito tempo. Então, acho que praticamente quase todo mundo já está aqui

— Espero que todos os homens lá dentro gostem de verde — diz ele, atraindo-me ainda mais para o seu corpo.

— O que quer dizer? — sorrio, fingindo inocência.

— Seus olhos — murmura ele, contrariado — É a única parte de você que eles terão permissão para admirar, hoje.

— Ciumento — escorrego as mãos pelo fraque grafite que ele está usando — Eu sou toda sua.

— É... — um beijo, depois outro e outro — Agora eu até tenho um documento que comprava isso. Legalmente minha.

— Deixem isso para depois — Vivian aparece em nossa frente, como um sargento — Comecem a cumprimentar os convidados e depois vocês pousarão para outras fotos.

Richard revira os olhos e faz uma careta para ela, que o ignora. Eu tento não rir, mas é praticamente impossível.

Tiramos mais fotos que ele gostaria e menos do que eu quis. Após nosso discurso de agradecimento, o microfone foi passando de padrinho a padrinho. Os mais emocionantes foram os de Paul, Jenny e Neil. Acho que pelo fato de serem meus amigos mais próximos ou porque tenho um imenso carinho por eles. São como irmão para mim.

Começamos o baile com a dança dos noivos.

— Como você conseguiu reservar aquela igreja? — pergunto, curiosa — Em tão pouco tempo?

Ele gira-me pela pista e parece dividido entre dizer ou não.

— Era a que você queria não era? — desconversa.

— Mas Vivian disse que era impossível — encosto a cabeça no peito dele e desfruto da música

— Como você conseguiu?

— Eu comprei a data.

— Como?

— Paguei uma quantia significativa para que um casal trocasse a data conosco, para daqui a um ano.

— Serio? — murmuro, pesarosa — Isso é horrível.

Alguém havia desistido do próprio sonho para que eu realizasse o meu. Eu me sinto meio culpada. Talvez eles precisassem muito do dinheiro para fazer algo como isso. Eu jamais abriria mão, por nenhum dinheiro no mundo.

— Não sinta-se culpada, feiticeira — Richard para na pista, afasta-se um pouco e ergue meu queixo, obrigando-me a encará-lo. Caramba, ele é capaz de ler minha mente, ou talvez eu seja muito transparente — Acho que fiz um favor a eles dois, pareciam bem felizes em adiar a data. Inclusive não reagendaram, verifiquei isso. Com certeza devem estar desfrutando do dinheiro com outras pessoas.

Isso que é desfazer um casamento na porta da igreja. Eu estaria desolada. Bem quando não é para ser não é.

A música termina e inicia outra. Um jazz romântico. Em seus braços, sinto-me languida. Embriagada de amor e sedução.

— Será que eu posso?

Paul nos encara com um sorriso enorme. Richard me entrega a ele, apesar de vacilante. Eles ainda não os melhores amigos. Mas já não há aquele olhar gladiador entre eles, como se fossem inimigos declarados.

— Sra. Delaney? — Paul conduz-me pela pista, com um olhar provocativo — Quem diria que a senhora esquentadinha e eu jamais me casarei, chegaria até aqui?

— Era uma camuflagem — respondo a provocação com um meio sorriso — Noventa e nove por cento das mulheres fazem isso. Dizem que não, mas no fundo. Queremos ser resgatadas da torre.

— Mesmo o príncipe sendo um ogro?

— Paul! — dou uma batida em seu ombro.

— Ele a fez sofrer — diz ele, com birra.

— Não! — sorrio — Ele me faz feliz.

— Estou brincando, na verdade, eu estou muito feliz por você, Paige — murmura ele — Eu sempre soube que um dia encontraria a pessoa que a faria feliz. De todas as pessoas presente aqui, você é a que mais merece isso.

— Ah, Paul... — um nó em minha garganta impede-me de continuar.

Nos conhecemos um pouco mais de dois anos, logo que me mudei para cidade. Tornarmos amigos foi como misturar café com leite. Ele é mais íntimo de mim e me conhece melhor do que minha própria mãe. Você pode conhecer uma pessoa a vida toda e ela ser um estranho, enquanto outras parecem ser irmãs de almas. Apesar das constantes viagens que ele faz em seus torneios de luta, nós sempre estivemos conectados de alguma forma.

— Aquele cara tem muita sorte — Paul aponta com a cabeça na direção de Richard. Ele dança com a irmã e parecem bem animados em uma conversa. Foi uma grande surpresa encontrar a irmã de Richard na igreja. Aliás, o dia inteiro tem sido uma grande surpresa. A única coisa que não me surpreendeu foi Diana não ter comparecido. Quem se importa. Ela havia escolhido a amargura e solidão. Um dia sua decisão pesaria muito.

— Lembre-o disso constantemente — Paul continua — Ou eu mesmo o farei.

— Eu que tenho sorte — murmuro. De onde está, Richard nos observa e dá uma piscadela para mim — Eu tenho muita sorte.

Chegamos ao hotel onde passaremos a noite. No dia seguinte, partiríamos para Itália em lua de mel. Além de conhecer o país que é lindo, ficaremos um tempo para tentar estreitar os laços com minha mãe e minha nova família.

— A tradição diz carregar a noiva da porta do quarto para dentro e não pelo hotel inteiro — eu brinco — Não atreva-se a desmaiar de exaustão. Tenho muitos planos para essa noite.

— Carregá-la foi apenas uma desculpa para tê-la em meus braços o tempo todo, sem ter que receber olhares recriminatórios — ele entrega-me a chave da suíte para que eu abra a porta — E é em meus braços que pretendo mantê-la durante a noite.

Chegamos ao quarto, e como todo hotel, ele é lindo. A cama toda branca com pétalas de rosas vermelhas, formando um coração. Há uma garrafa de champanhe em uma mesinha redonda do outro lado da cama.

Assim que Richard me coloca no chão, ele vira-me de costas para ele. A cada botão do vestido que ele abre eu sinto um beijo em minha pele. Pequenas descargas elétricas espalham-se pelo meu corpo. Assim que o vestido toca meus pés ele volta a segurar-me em seu colo.

— Agora Sra. Delaney — Richard joga-me na cama, apenas de calcinha e salto alto. Eu solto um gritinho entre alegre e surpresa — Quero minha promessa.

Estou praticamente babando ao observar seu corpo musculoso, enquanto ele desfaz-se de suas roupas.

— Antes um pequeno brinde — diz ele, completamente nu, torturando-me com seu corpo perfeito.

Ele caminha até a mesinha para estourar a champanhe. Regozijo-me com a visão de seu traseiro sexy, redondo, perfeito. O enorme tigre em suas costas parece querer devorar-me a qualquer momento. Eu estou ardendo, tanto quanto o fogo tatuado nas costas dele.

— Um brinde — ele volta, e vira a garrafa no vale entre meus seios. O líquido gelado me faz sobressaltar — A mulher mais sexy... — ele lambe onde o champanhe escorrega, eu gemo — gostosa... — novamente — e quente que eu conheço.

— Você vai molhar a cama toda — murmuro, deliciada.

— Quem se importa? — desliza as mãos pelo meu corpo, sinto-me tonta. Em um movimento rápido, ele rasga minha calcinha, derrama o champanhe em minha vagina.

— Eu me importo — ronro, tentando soar coerente. Merda é difícil, esse homem sabe mesmo como me enlouquecer — Não vou dormir em uma cama molhada.

A língua para a maravilha que estava fazendo. Eu e minha maldita boca grande.

— Quem disse que vamos dormir? — ele me lança um olhar abrasador. Cheio de promessas.

E sem aviso, me dá uma lambida profunda. Levanto os quadris oferecendo-me mais a ele. Seus lábios e língua fazem loucuras em mim. Posso gozar apenas com sua boca. *Sim. Oh. Eu posso!*

Será que minha pele havia absorvido todo o álcool ou é ele que me deixa embriagada assim?

Cheio de amor ele me possui. Como sempre, estou pronta para recebê-lo. Meu corpo explode, como fogos de artifício. Meu interior abrindo-se para ele, como uma flor de lótus. A cada estocada ele me leva as alturas. Eu sinto seu pênis em cada terminação nervosa de minha vagina. Suas mãos acariciam minhas coxas e prendem minhas pernas em minha cintura.

— Jamais vou me cansar disso — ele geme em meu ouvido ao penetrar-me mais duramente —

Nunca.

— *Ahhh...* — reviro os olhos. O prazer parece querer rasgar minha pele.

— *Paige!* — ele aumenta a velocidade.

— Richard... — soluço seu nome, em meio as ondas de prazer.

Beijos e mãos exigentes percorrendo meu rosto, pescoço, garganta e seios. Êxtase, agonia, prazer, leva-nos ao clímax. Com um soluço surdo, entrego mais do que o meu corpo, entrego a minha alma. Gozamos juntos, essa é maior demonstração de amor que nossos corpos oferecem um ao outro.

Estamos deitados no chão, com várias cobertas como colchão, já que a cama está arruinada pelo champanhe.

— Posso pedir uma coisa? — Richard esparrama o corpo sobre o meu, me prendendo entre ele e o chão, mas usando os cotovelos como apoio, evitando esmagar-me com seu peso.

— Se não for o divórcio? — brinco, e agarro seus cabelos, mordiscando seus lábios — Eu farei qualquer coisa que me pedir.

— Me dê um filho, Paige — sussurra ele, os olhos fixam-se em meu ventre — Faça-me um homem completo.

Esse é um pedido tão simples. Não há nada que eu queira no mundo mais do que isso. Uma parte de nós dois em meus braços. A vida não poderia ser mais perfeita. Um pequeno Richard derretendo meu coração com um sorriso tão encantador como o pai.

— Por você eu faço tudo — murmuro, baixinho — Eu amo você.

— Não mais do eu que feiticeira — murmura ele, antes de tomar meus lábios — Não mais do que eu.

Não sei se ele tem razão e qual de nós dois ama mais o outro. O correto é admitir que amamos com a mesma intensidade. Eu faria tudo por ele, mas, Richard já havia feito tudo por mim. Eu perdi o medo da chuva. Dei-me outra oportunidade com relação à minha mãe. Ele ainda fez com que eu voltasse a acreditar no amor. E, para mim, o tipo de amor descrito por Sthendal: "o amor é uma flor delicada, mas, é preciso ter a coragem de ir colhê-la à beira de um precipício".

E como tal, ele me colheu e amou como a mais preciosa rosa do seu jardim.

Eu simplesmente, estou apaixonada pela Itália e, seu admirável patrimônio histórico, cultural e artístico. A Terra do Renascimento, das artes plásticas, vinho e gastronomia. Não tem como não amar as pequenas e encantadoras cidades, seus monumentos históricos, que parecem surgir do solo, sem contar, suas magníficas paisagens que são bálsamo para o espírito.

Chegamos e, nossa primeira parada foi no aeroporto de Malpensa em Milão, capital financeira do país e, onde ficamos por alguns dias. Visitamos o Parque Sempione, o maior parque do centro de Milão e é lindo, cheio de atrações, como, a Biblioteca Municipal de Milão e o Museu do Design da cidade, também há um lago com uma ponte romântica, onde paramos para tirarmos algumas fotos. Passamos por monumentos como a Torre Branca, uma estrutura metálica de 102 metros, que foi construída nos anos 30 e, oferece uma visão panorâmica de 360 graus da cidade, onde é possível ver os limites de vários pontos turísticos. O Castelo Sforzesco, de uma estrutura impressionante — foi erguido para proteger a família que dominava o ducado de Milão, na época, foi um dos maiores castelos da Europa! A igreja de San Ambrogio, foi um dos meus lugares preferidos, é de uma das mais belas estruturas antigas da cidade. A igreja de San Ambrogio tem a aparência rústica, devido aos seus tijolos laranjas e colunas romanas. O pátio tem colunas de pedra que se acoplam com o resto da estrutura, dando um efeito muito atraente. A parte interna de San Ambrogio é adornada com colunas de pedra que formam arcos e que ligam com o teto do templo. Foram muitos lugares lindos e pouco tempo para explorar com decência.

Depois de Milão, seguimos para Roma. Ir à Itália e não visitar o Vaticano, a Basílica de São Pedro, as Tumbas dos Papas e alguns museus, seria imperdoável.

Ambas as cidades são esplendorosas e, como diz um ditado italiano: “Roma é a mulher experiente que tem belezas e dons mais óbvios, e Milão é a jovem tímida, com belezas que são descobertas com calma e tempo. Adorei ambas. Richard e eu queremos voltar em breve, com mais tempo para explorá-las devidamente.

Em seguida, partimos para Toscana, que está situada na parte central da península, banhada ao leste pelo Mar Tirreno. Ali nasceram algumas das maiores figuras da cultura italiana — Leonardo, Michelangelo, Dante, entre outros... A princípio ficaríamos em um luxuoso hotel, na região, mas minha mãe e o marido, insistiram muito para que ficássemos em um dos charmosos chalés da família em Chianti. Uma região vinícola muito extensa na Toscana, território poético e encantador, com um vinho excelente.

Assim que conhecemos o chalé, foi amor à primeira vista. A decoração rústica e campestre, me encantou instantaneamente. Havia cozinha, um quarto e na sala, uma lareira perfeita para nossas noites tão maravilhosas, regadas a garrafas de vinho, enquanto apreciávamos o calor do fogo, antes e depois de nos consumirmos as chamas e desejos dos nossos corpos.

Fazer amor com o trepidar da lareira, o brilho dourado sobre nossas peles e, a luz ilusória das chamas, ficará guardado em meu coração para sempre, mesmo quando somos, às vezes, um pouco intensos.

Lembro da noite anterior. Richard sentado no chão, o tronco apoiado contra o sofá. Eu sentada em

cima dele, minhas pernas enroscada em sua cintura, enquanto nos embalava no ritmo do amor. Suas mãos cravadas em minha cintura, conduzindo-me. Nossos olhos sempre conectados até que o prazer foi tão intenso que não me restou nada a não ser, mergulhar naquela sensação vertiginosa.

Quando ele apareceu na noite anterior com o contrato que Charles havia me induzido a assinar eu fiquei preocupada com a reação que ele poderia ter. E quando ele simplesmente jogou na lareira eu fiquei completamente sem palavras.

“O que está fazendo?”

“Isso não tem valor legal,” disse ele, sorrindo. “Eu não estava presente e nem mesmo sabia sobre isso...”

Richard se aproximou de mim no amontoado de cobertas no chão e segurou meu rosto.

“Tudo o que eu tenho é seu,” sussurrou ele, segurando meu rosto com as duas mãos. “Minha maior fortuna é você, Paige. Nada mais importa.”

Fiz coisa que qualquer mulher perdidamente faria, após uma declaração dessa. Entreguei-me de corpo e alma. O coração, já pertence a ele, há muito tempo.

— O que você está pensando? — diz ele, encobrindo-me com seu corpo, trazendo-me de volta ao presente.

Paramos na vinha, antes de ir para o almoço de domingo na casa da minha mãe. A imensidão verde é lindíssima, com suas incontáveis trilhas pelo caminho.

— Nada — suspiro, feliz.

— E por que está tão corada? — rebate ele.

— Por causa do sol, oras — disfarço, envergonhada.

— Mentirosa, o dia está nublado — senta-me em seu colo, no chão, onde estamos e, me aconchega ainda mais a ele — Está feliz, feiticeira?

Dou um pequeno beijo de esquimó em seu nariz.

— Por que insiste em me chamar de feiticeira? — estranho que essa seja a primeira vez que eu pergunto isso. Apenas aceitei o apelido carinhoso com naturalidade.

— Porque você me enfeitiçou, desde o primeiro momento que eu a vi.

Caramba. Ele sabe mesmo me colocar no chão.

— Você sempre me diz as coisas mais lindas — murmuro, encantada.

— Estamos na Itália e, eu tenho minha musa — sussurra ele, mordiscando meu lábio — Isso é fácil. Então, está feliz?

— Deixe-me ver? — finjo meditar sobre o assunto — Em uma escala de um a dez....

— Acho que mil — agarro seus cabelos macios para um beijo.

— Sua mãe disse, que foi em uma dessas vinícolas que se apaixonou novamente — diz ele, ao se afastar, olhando ao redor — Eu posso imaginar o porquê. Se eu me deparasse com você aqui, nesse vestido tentador...

Ele admira o vestido amarelo que uso. O decote redondo realça meus seios, ele é justo do busto até a cintura e nas mangas que vão até o pulso, mas abre num rodado a partir das coxas. Me faz parecer uma dama, dos filmes antigos.

— É muito bonita — sussurro.

— Sim, muito bonita — ele repete, alisando minhas coxas.

— Falo da paisagem — digo, radiante — Eu poderia ficar aqui para sempre

— Você quer isso? — arqueia a sobrancelha, que é revoltantemente perfeita — Quer morar aqui?

— Eu sei que faria isso se eu pedisse — murmuro, não posso tirar mais nada dele, já havia feito tanto por mim — Mas temos uma vida em Nova Iorque. Você tem seu trabalho e ano que vem, inicio meu curso. Além disso, eu tenho que ver onde encaixo um bebê.

— Você... — diz ele, os olhos cheios de esperança — Quer dizer... Você está...

— Não, ainda não, vamos nos organizar primeiro, ok — gesticulo vagamente — Eu sei que prometi, mas quero você só para mim, por um tempo.

Volto a beijá-lo para afastar o vislumbre de decepção.

— Então, esse pode ser nosso lugar no paraíso — murmuro.

— Para mim, o paraíso é onde você está — diz ele, acariciando meu seio, o que faz minha pele arrepiar em segundos.

— Temos que voltar em uma hora — gemo, com seu toque mais ousado por baixo do vestido — Minha mãe está esperando para o almoço em uma hora.

— Querida, eu faço você virar os olhos em cinco minutos — diz ele, arrogante — Uma hora, é um banquete.

Afasto a mão boba e levanto-me em um pulo.

— Não se tiver que me pegar — corro para longe — Venha conquistar seu prêmio, campeão.

Corro meio que dançando e girando pela vinha. Em poucos minutos, estou amparada em seu peito forte e musculoso.

— Você gosta disso não é? — ele faz-se de zangado.

— O que? — finjo inocência.

— Que eu viva aos seus pés — sorri, meio de lado — Venerando-a.

Em instantes, fazemos amor de forma avassaladora. Como dois adolescentes apaixonados que mal podem ficar separados. Lembro-me do nosso dia na praia, a qual ele também correu atrás de mim, na areia, proporcionando momentos tão inesquecíveis quanto esse.

Minha irmã é uma figura, muito inteligente, estilo nerd, tímida, bem diferente de mim. Inicialmente achei que teria mágoas dela, afinal, ela teve tudo que eu não tive, uma família. Mas foi impossível ignorar a criaturinha encantadora, apesar do pouco contato que tivemos em meu casamento. Mas assim que nos conhecemos, tudo perdeu a importância, nos tornamos amigas na mesma hora e, esses dias aqui tem estreitado essa relação. Richard diz que é coisa de sangue, eu acho que é de coração.

Em relação a minha mãe, ainda é difícil esquecer o que fez, quem sabe eu nunca esqueça, mas vou aprender a lidar com isso, para realmente ter um bom relacionamento com ela. Meu padrasto Vincenzo é um cara legal, se bem que, extremamente sério. Contudo, é um homem muito bonito, que Richard não me ouça. Entendo agora, porque minha mãe havia se apaixonado por ele. É um tipão, aquele estilo de homem italiano que se lê em romances. Introspectivo, mas de presença marcante.

O almoço é ao ar livre, estilo piquenique. Na gigantesca mesa com toalha vermelha, há uma infinidade de comida típica italiana. São tantas opções que sinto-me perdida. Além da família, estão presentes alguns familiares e amigos íntimos da minha mãe e Vincenzo.

Dançamos em roda, cantamos, e até mesmo, amassamos uvas com os pés. Pela primeira vez, vejo meu padrasto solto, como um menino. Até notei olhares furtivos entre ele e minha mãe. Espero que eles se acertem logo e, falo com sinceridade, porque quando estamos felizes queremos que todos

sejam.

No auge da festa, Vincenzo interrompe a música para informar que a festa era em homenagem a Richard e eu, por nossa última noite na cidade.

— É uma pena que tenham que ir embora — minha mãe diz, quando se une a mim em um dos bancos espalhados pelo pátio — Tinha esperança que ficassem por mais alguns dias.

— Minha amiga precisa de mim. Não sou do tipo que abandona as pessoas que amo — digo, sem pensar.

Iremos embora no dia seguinte. Sophia voltou a atacar, e estou preocupada com Jenny.

Noto seu olhar magoado e arrependo-me de minhas palavras.

— Desculpe, eu...

— Não se preocupe — murmura ela — Foi mais generosa do que eu merecia.

— Vocês podem nos visitar também — mudo de assunto, para amainar o clima — Uma lua de mel, talvez.

Indico onde Richard e Vincenzo estão.

— Quem sabe... — diz ela, vagamente.

Iniciamos uma conversa sobre o que mais gostei na Itália, deixando sentimentos tristes para trás.

Richard, se une a mim um tempo depois, e ficamos agarradinhos, observando a fogueira, enquanto ouvíamos cantigas antigas. Foi a lua de mel perfeita, tanto pelos laços com minha nova família como pelos momentos inesquecíveis que Richard e eu tivemos.

Enfim, estamos em casa. Nada como nosso lar. Ainda não fomos para o “quarto secreto” e Richard, parece um garotinho ao redor de mim, morrendo de curiosidade. Quis esperar descansarmos do primeiro dia de viagem, foram horas cansativas e o que pretendo naquele quarto, demanda muita energia.

— Tá na hora — paro em frente à TV, impedindo-o de continuar vendo a reprise do jogo.

— Mesmo? — diz ele, ansioso — Vou finalmente saber o que há naquele quarto.

— Quase... — subo as escadas, arrastando-o pelo braço.

— Paige! — ele estaca no corredor quando passamos direto pelo quarto e vamos em direção ao quarto de hóspedes, onde dormimos a noite anterior.

— Curiosidade é uma característica feminina — reclamo, apoiando em seu peito, enquanto empurro-o quarto a dentro.

— E a sua, é me enlouquecer — diz ele, emburrado.

— Agente firme — fecho a porta com rapidez — Valerá a pena.

— Paige! — grita ele, batendo contra a madeira — Abra essa porta.

Dou a segunda volta na fechadura, só por precaução.

— Só quando estiver tudo pronto — salto feliz — Se fosse confiável não precisaríamos disso.

— Se você não fosse maluca, não precisaríamos disso — ouço-o retrucar do outro lado.

Saio rindo ainda mais empolgada que antes. Abro a porta e dou uma olhada no ambiente. Olivia tinha ficado responsável para garantir que terminassem o serviço a tempo. O quarto havia ficado exatamente como imaginei. Espero que ela não tenha ficado chocada de mais.

Tomo banho rápido, preferiria um longo banho de espuma, mas se demorasse muito, Richard seria capaz de arrombar a porta. Passo um hidratante que ele gosta, evitei molhar os cabelos, quero-os caindo solto pelas costas, sei que ele adora. Faço a maquiagem, visto a roupa que havia comprado antes de viajarmos, pego alguns acessórios e vou para o quarto libertá-lo. Espere que não esteja muito zangado, afinal, havia demorado apenas quarenta minutos, um recorde.

Empurro a porta com cuidado, por que minhas ideias parecem perfeitas apenas quando as tenho?

Encontro-o jogado na cama, os braços atléticos cobrindo os olhos. Não sei se está dormindo ou tentando manter a calma.

— Ei, tigrão — apoio-me na porta, fazendo uma pose sexy, o braço sobre a cabeça e cintura inclinada para o lado.

Inicialmente os olhos dele focam os meus. *Furiosos*. Depois, ele desce o olhar pelo espartilho preto, calcinha rendada, passeia por minhas coxas e cinta liga, finalizando em meus sapatos vermelhos de salto agulha.

— Vem aqui gatinho — chamo-o com a ponta do chicote — Tenho uma coisinha para você.

Ele senta na cama mordendo os lábios, com um olhar abrasador.

— Coleira não! — diz ele, determinado, ao notar a coleira de couro com pinos de ferro em minha outra mão — Recuso-me a isso.

— Eu imaginei que não — murmuro decepcionada, mas não insisto, já fui muito longe aqui — Mesmo assim, ainda sou sua dona... — chicoteio — Não, domadora. Ajoelha.

— Que? — diz ele, confuso, como se eu falasse outra língua.

— Ajoelha! — aproximo-me dele e bato o chicote em sua coxa, fazendo-o dar um salto para trás.

— Paige! — ameaça ele.

— Por favor... — sussurro, com voz de dengo. Viro de costas para ele e vou em direção a porta — Talvez você precise de um incentivo.

Ajoelho-me com meu traseiro virado para ele, rebolando de um lado a outro. Eu sinto o ar quente de sua respiração, contra o tecido rendado e transparente da minha calcinha.

— Agora não tigrão — começo a engatinhar para fora — Se você quer, tem que caçar. É a lei da selva.

De quatro, começo a engatinhar pelo corredor, olho por cima do ombro e observo-o sentado sobre os joelhos, vejo a excitação em seus olhos, mas o rosto tem uma expressão incrédula. Balanço o bumbum outra vez, atraindo-o como o toureiro atrai o touro.

— Eu não acredito que eu estou fazendo isso — diz ele, rendendo-se a mais uma de minhas loucuras.

Quando chegamos em frente a porta do nosso quarto, eu me levanto mas obrigo-o a continuar no chão.

— Tira meu sapato — ordeno.

Dessa vez ele não questiona, escorrega a mão por minhas, coxas, joelhos, panturrilha. O toque suave me faz queimar por inteiro. Com lentidão, sem desviar os olhos dos meus, ele tira o sapato. Empurro-o contra a parede e apoio meu pé em seu ombro. Lentamente vou deslizando uma meia, depois outra. Se os homens babassem feito cachorro, diria que ele está as vias de chegar a isso.

— Agora, feche os olhos — digo, com a voz rouca — E não fale nada até eu permitir.

— Paige! — ele parece transtornado.

— Agora! — chicoteio em seu rosto, com a parte macia.

Ele obedece, entrando no jogo. Richard briga com a fivela por alguns segundos. Quando ele finaliza eu apoio meu pé em seu ombro, começo a deslizar a meia lentamente, sem desviar os olhos dos dele, que estão em chamas. Coloco o chicote no chão para vendá-lo com uma das meias. Assim que termino, conduzo-o para dentro do quarto.

— Cuidado com a cama — oriento assim que a alcançamos.

— O que vai fazer? — sonda ele, desconfiado.

— Quietos! — o chicote volta a ação — Não disse que podia abrir a boca.

— Mulher vai me pagar por isso! — diz ele, com um sorriso torto.

Beijo-o com paixão, pois acho que é única forma de calá-lo ou porque estou doida para fazer isso, desde que o encontrei no outro quarto.

Assim que me separo dele, confesso, com muita dificuldade, ergo seus braços acima da cabeça, ajoelho-me na cama, pego a outra meia presa a minha cintura enrolando-a em seus pulsos, prendendo-os firmemente, na grade da cama.

— Isso é necessário — diz ele, puxando os pulsos, é claro que se ele quisesse mesmo sair não seria esse pedaço de pano a segurá-lo.

Texto a resistência e em seguida tiro-lhe a venda. Antes de sair de seu colo esfrego-me contra ela, provocando-o um pouco. Richard me olha com curiosidade e expectativa. Afasto-me dele para que tenha uma ampla visão do quarto. Ele foi todo redecorado em estilo Moulin Rouge.

— Não quero que trapaceei — sorrio, como uma diabinha — Só vai me tocar se eu permitir.

— Paige... — ele geme — Seja misericordiosa, veja como já estou.

Olho para o volumoso pacote embaixo do moletom. A visão magnífica me faz salivar em antecipação. Preciso de muita força de vontade para seguir adiante.

Caminho até a cortina de seda no centro quarto.

Puxo o cordão e ela desliza até o chão, revelando o mastro de pole dance que ela ocultava. Meu lindo menino arregala os olhos sem conseguir acreditar no que vê.

— Paige! — grunhe ele, puxando os pulsos em minha direção.

— Não, não menino malvado — circulo o mastro sem desviar os olhos dos dele — Você só vai olhar.

Ligo o som e faço a mesma coreografia que fiz quando nos vimos pela primeira vez. No dia, eu fingia que ele era meu príncipe encantado. Hoje, meu marido, companheiro, meu homem. O que me faz feliz todos os dias. A pessoa que me completa como nenhuma outra no mundo. Após a última nota e meu passo de dança, eu caminho até ele na cama.

Livro-me do espartilho em uma dança lenta, sem música. Ele inclina o corpo em minha direção, buscando meus seios nus, mas eu me afasto.

— Eu quero me divertir um pouco — passeio o chicote em seu peito malhado. Faço mesmo com meus lábios em seguida.

Richard me encara com olhar gaseado em cheio de paixão. Grunhidos saem de sua boca quando livro-o da calça. Deslizo minha língua pela parte interna de suas coxas e abocanho seu membro rijo e rosado com ânsia.

— Paige... — grita meu nome, quando acelero os movimentos de entra e sai do pau dele em minha boca.

Ele inclina o quadril em minha direção para que eu o tome mais e faço isso com vontade, em uma perfeita garganta profunda que leva-o a loucura.

— Por favor — ele geme, enlouquecido.

Também desejo-o insanamente. Tiro a calcinha já encharcada de minha excitação e coloco-me sua cintura. Ofereço meus seios a ele que chupa-os com vontade, afogando-se, como se eles fossem oásis para alguém perdido no deserto.

Já sem qualquer controle sobre mim, eu seguro seu pênis duro e escorrego-o para dentro de mim. Inicialmente de forma lenta, suave, degustando do prazer de ser preenchida por ele.

— Ahh... — gemo, quando sinto-o, completamente dentro de mim.

Começo a montar sobre ele com lentidão, delirando, com a sensação dele me alargando, mexendo com cada terminação nervosa do meu corpo. Apoio minhas mãos no peito dele e aos poucos vou aumentando a velocidade, em uma cavalgada alucinada.

Sinto-me poderosa. Felina. Eu estou no controle. Levo-nos e tiro-nos do precipício diversas vezes. Até que eu explodo em milhares de partículas.

— Tira a amarra — diz ele, numa voz sexy e selvagem, prendendo suas pernas em volta da minha cintura — Agora!

Droga! Era eu quem deveria estar no comando ali. Mas o pedido é tão imperativo e cheio de promessas que me vejo sôfrega, brigando e amaldiçoando a tira de seda. Antes que eu me dê conta, vejo-me amarrada na grade da cama de costas para ele. Ele havia se segurado o tempo todo para me castigar como queria. O mero pensamento faz o meu corpo tremer.

O espartilho sai do meu corpo com rapidez. Ele me venda como eu havia feito com ele. Em seguida, faz um passeio com suas mãos em meu corpo.

— Ahh... — gemo, quando belisca um dos meus mamilos, ainda sensíveis.

— Só vai falar quando eu quiser — ordena ele, colocando um dedo em minha boca, simulando os movimentos penetração — Agora, pequena travessa, vou fodê-la, até desmaiar de exaustão.

Seus dedos continuar torturando-me em minha boca, fazendo-me arder de antecipação, desejando-o novamente dentro de mim. Sua mão livre percorre minhas costas, beliscam minha bunda e eu ondulo o corpo em direção a ela.

— Hummm — soluço, ao sentir o chicote arder em minha pele, quero gritar, berrar e extravasar todo desejo que ferve em mim, mas a mão em minha boca me impede.

Outra chibatada, dessa vez, em meu clitóris e eu convulsiono.

— Quietinha — sussurra ele, em meu ouvido — Se disser algo, deixo você aqui sozinha, louca de tesão, até o jantar.

— Richard — reclamo, desejando que ele me foda logo.

— Calada — dois dedos estocam em minha vagina e mordo meus lábios para abafar o som, enquanto ele me fode com os dedos.

Ele introduz um dedo em minha vagina e outro em meu ânus, enquanto chupa meu pescoço e vez ou outra, diz algo pervertido em meu ouvido. Anseio por ele dentro de mim, em todos os lugares, da forma que desejar. Quando penso que vou enlouquecer, ele me toma. Todo desejo reprimido liberto em uma única investida.

— *Isso, amor* — geme ele, enquanto arremete com força — *Assim...*

Ele continua as investidas, cruel, precisa e fodidamente prazerosa, os dedos acariciando meu clitóris de forma sincronizada. Outra vez gozo gritando seu nome e, libera seu jato quente dentro de mim. Soltando grunhidos de satisfação e êxtase.

— Garota, o que eu faço com você? — diz ele, alguns minutos depois, libertando meus pulsos — Vejo-me daqui a cinco anos, careca e com pontes de safena.

— Então, vamos aproveitar esse tempo — esparramo-me na cama, puxando-o comigo — Eu tenho excelentes ideias.

Rimos juntos perdidos em nosso ninho de amor.

Dois anos depois

Estou no escritório a mais de uma hora, pensando em como contar a ele. Richard está na cozinha cuidando do jantar. Isso ainda não mudou. Sou péssima cozinheira. É uma questão de talento e eu não o tenho. Então, ele acaba cuidando das refeições. Não que antes fosse um cozinheiro espetacular, mas havia progredido ainda mais devido minha inaptidão. Era isso, ou morreríamos de fome, nos dias de folga da cozinheira.

— Richard! — saio do escritório e grito da escada — Amor, vem aqui!

Volto a me esconder em frente ao computador enquanto o aguardo.

— O que foi?

Olho para ele e sorrio. Está lindo com sua calça jeans favorita, regata preta e um pano de prato pendurado nos ombros. Um verdadeiro chef.

— Estou pesquisando todos os tipos de comidas esquisitas e foras de época para pedir a você durante a gravidez.

Abro um enorme sorriso na direção dele.

— Por que? — pergunta ele, inocente.

—O Neil ficou com aquelas coisas de enjoo e, como essa síndrome é tão rara, se é que existe mesmo — eu brinco — Bem, é praticamente nulo que você a tenha... Então, você tem que sofrer junto comigo de alguma maneira.

— A gravidez é um estado glorioso para as mulheres — murmura ele.

— Você diz isso porque não é você que ficará enorme — reclamo — E não sairá uma bola de futebol do seu pintinho.

— Pintinho não — exclama ele, ofendido — Não serve eu prometer fazer massagens nos pés e nas

costas?

— Isso já faz parte do pacote — respondo como se fosse óbvio — É seu dever.

— De qualquer forma, isso não faz sentido — diz ele, olhando para tela do computador — Não está sendo precipitada?

— Claro que não — encaro-o séria — Eu tenho menos de oito meses para torturá-lo de todas as formas possíveis.

Há uma longa pausa até que a compreensão caia sobre ele.

— Oh — ele abre a boca em um O perfeito, os olhos arregalados em minha direção — Vai me dar um bebê, é isso?

— Um, dois, três e quantos você quiser Sr. Delaney. Parei de tomar o remédio há algumas semanas.

— Tem certeza? — ele parece receoso.

Eu sei quais são seus medos. Ambos havíamos sofrido muito quando acreditei estar grávida na primeira vez.

— Sim. Fiz o teste de farmácia várias vezes... — digo, sorrindo — E não satisfeita com isso, fui ao médico e fiz o teste de sangue. Estou completamente e inegavelmente, grávida.

— Paige! — Richard tira-me da cadeira e gira comigo pela sala.

Beijando-me, abraçando e rindo, tudo ao mesmo tempo.

— E o seu curso? — diz ele, preocupado.

Estou no segundo ano do curso de arquitetura, ou seja, na metade. Não será nada fácil conciliar os dois.

— Quando cuidávamos dos gêmeos da Jenny, quando aquilo tudo... — minha voz falha — Eu vi que seria um excelente pai. Não quero esperar mais nenhum minuto, veja tudo o que aconteceu com ela. Nada me impede de ter esse bebê e continuar estudando. Você me ajuda?

— Estarei ao seu lado a cada segundo, sempre — diz ele, depositando um beijo em meus lábios — Poderiam ser gêmeos também, não é?

Afasto-me de seu abraço de urso e, encaro-o com horror.

— Por Deus! *Não!*

Ele volta a me puxar para ele e ronrona em meu pescoço.

—Eu gostaria e que fossem dois ou três meninos, tão endiabrados quanto você.

— Então, tenha seus próprios filhos gêmeos, Sr. Delaney — solto, indignada.

— Mas e se acontecer? — ele pousa a mão em minha barriga, afagando-a.

— Você não ouse fazer isso comigo!

Ele ri deliciosamente.

— Querida, eu nem sabia que havia feito esse ou esses bebês.... Aí — ele geme, após receber meu tapa — Mas estou imensamente feliz.

Sim, ele está. Nunca vi seus olhos brilharem tanto, como hoje. Merda! Valerá a pena. Se é para ter constantemente esse brilho de felicidade em seus olhos eu teria cinco filhos de uma única vez.

Eu sempre acordo com essa sensação esquisita de que preciso ir ao banheiro urgente. Dessa vez, parece que é diferente. Por que a cama está molhada. Sento-me com certa dificuldade e afasto o

lençol. Merda, ainda falta uma semana.

— Richard — empurro seus ombros tentando acordá-lo. Céus, o homem não percebeu a cama úmida?

Não posso culpá-lo, nos últimos dias, venho tendo insônia e o arrastado comigo em conversas madrugadas adentro.

— Richard a bolsa estourou — sacudo-o novamente.

— Amanhã eu compro outra — geme ele — Volte a dormir.

— Eu vou ter o bebê — grito ao ter a primeira contração.

Ele salta da cama como um gato pulando o telhado. Os olhos esbugalhados em minha direção.

— Tudo bem, está tudo sobre controle — murmura ele, pegando-me no colo — Não fica nervosa.

— Eu tenho que trocar de roupa — indico a camisola molhada.

— Tá — sussurra ele, voltando para o quarto, colocando-me de volta na cama — Essa aqui?

— Não entra — balanço a cabeça em negativa, quando ele pega um vestido preto que usava antes do meu ventre explodir — Deixa que eu faço isso. Troque sua calça.

Dez minutos depois chegamos ao carro.

— A bolsa, Richard — gemo, apoiando-me contra o carro, após uma contração leve.

— Já estourou — diz ele, empurrando-me para dentro do carro — Fique calma.

Reviro os olhos e tento conter a vontade de rir ou bater nele. Eu descobri que eu sou péssima com dor.

— Querido, a bolsa do bebê.

— Claro — ele esfrega a cabeça — Não saia daqui.

Acomodo-me no bando do passageiro, resmungando. Para onde ele acha que eu iria com uma bola de boliche querendo passar pelas minhas pernas? *Homens*.

— Tá doendo.... — grito ao sentir uma contração — Não deixa aquela mulher chegar perto de mim de novo. Parece que ela vai arrancar meu útero.

Já estamos no hospital e as contrações são mais frequentes e intensas. Uma enfermeira entra a cada meia hora, cutucando-me e cada vez que ela faz isso, vejo estrelas de todas as formas e cores.

— Eu sei amor — diz ele, angustiado.

— Você não sabe porra nenhuma! — agarro a gola da camisa dele e, encaro-o com olhar assassino — A culpa é sua, porque você é tão gostoso, porque transou comigo várias e várias vezes...

— Amor, tá pensando em sexo — diz ele, incrédulo — Agora?

— Sexo me deu isso aqui — gemo, acariciando o ventre enorme. Não deveria ter comido tanto durante a gravidez como disseram. Eu não fui uma grávida elegante. Acho que essa criança é gigantesca, tanto que até cogitei a ideia de ser mais de um bebê — Não farei sexo nunca mais em minha vida!

As contrações, agora são cada vez mais frequentes.

— Me dê sua mão para eu morder — apesar do grande pânico em seu olhar ele estica a mão em direção a mim. A cara dele é tão cômica que eu poderia rir se outra gigantesca e dolorosa contração não me rasgasse ao meio, literalmente — É melhor não, arrancaria todos os seus dedos.

— Ainda tá doendo? — diz ele, inocente.

Aparentemente o remédio que me deram para dor era feito de açúcar.

— Não, tá fazendo cocegas, idiota! — vocifero, revirando os olhos. Na verdade, já nem sei se dói ou é apenas meu psicológico — Eu quero uma cesariana.

— Ela quer uma cesariana — Richard salta da cadeira assim que o médico de meia idade, todo equipado, entra na sala de parto.

— Não dá mais tempo — diz ele ao me examinar — A cabeça já está coroando.

— Amor não dá tempo está...

— Eu não sou surda, Richard! — agarro-me ao lençol da cama, como se fosse um bote — Fica quieto!

Ele me olha como um cãozinho abandonado. Suas mãos voam para trás das costas e ele parece perdido.

— Vá para trás de sua esposa, Sr. Delaney — diz o médico — E auxilie-a, como aprenderam nas aulas de pré-natal.

Richard me olha vacilante, como se eu fosse o maníaco da serra elétrica, prestes a desmembrá-lo. Estico a mão em direção a ele.

Os momentos seguintes são terríveis. Desejo morrer a cada nova contração e agora os intervalos são de quinze segundos.

— Empurre, Paige — insiste o médico — Está quase lá, querida.

— Ahh... — ranjo os dentes, empurrando com toda força que ainda me resta — Eu acho que meu cérebro vai sair aí em baixo.

— Espirituosa — diz o médico a Richard.

— Não viu nada ainda, doutor — diz ele — Amor, você consegue, só mais uma vez.

Ignorando a conversa masculina que com certeza, mais tarde me deixará enfurecida, eu faço o que acredito ser minha última tentativa.

Segundos depois o som mais perfeito que eu já ouvi em minha vida ecoa pelo quarto. Similar a voz de um querubim.

— É uma menina — diz o médico, colocando o pequeno embrulho em meu peito.

Imediatamente caio em um rio de lágrimas, apertando-a contra o peito.

— Nossa menininha — murmuro, olhando para o pai de minha filha, através do véu de lágrimas.

— É verdade — acaricio a cabeça do bebê, memorizando cada detalhe.

— O quê?

— Depois que nascem, nós esquecemos da dor — sussurro — Desculpe por gritar com você.

Encaro-o, arrependida. Havia me transformado em uma louca.

— Você foi guerreira — diz ele — Tenho muito orgulho de você.

— Por chamá-lo de idiota — digo chorosa — De estúpido, cretino, imbecil, cafajeste, desgraçado....

Ele me encara com olhar questionador.

— Bem... — sorrio, marota — Esses últimos foram apenas em pensamento.

— Ela é linda — sussurra ele, ajoelhando-se ao meu lado — Obrigado.

Uma enfermeira tira-a dos meus braços minutos depois, alegando que ela precisa alguns cuidados, assim como eu.

Richard sai, em seguida, voltando o que para mim, foram longos e intermináveis minutos depois,

com um embrulho rosa em seus braços. Não sabíamos o sexo do bebê até o último momento, mas ele tinha certeza absoluta que seria um menino. Já quem em sua família só há meninos em várias gerações. Isso me faz lembrar Diana, ele me disse a algum tempo, que a mãe sempre quis uma menina, talvez por isso, não soube lidar com dois garotos.

É triste que ela perca esse e todos os futuros momentos da neta.

Afasto esse pensamento melancólico e concentro-me nas duas pessoas mais importantes da minha vida.

— Está decepcionado? — pergunto, temerosa

Richard olha a pequena em seus braços. Meu coração se contrai ao vê-lo com os olhos marejados.

— Ah Paige... — ele cola o rostinho suave contra o seu e aproxima-se de mim na cama — Eu a amo. Pensei que jamais fosse amar alguém como amo você. Mas eu a amo ainda mais, desculpe-me.

Não me sinto enciumada ou magoada com o que ele disse. Eu entendo perfeitamente, amo essa coisinha fofa desde o momento que desconfie de sua existência. Não há amor que possa se comparar a esse. É um pedaço dele que cresceu e nasceu de mim. E é uma parte minha que ofereço a ele.

Nossa família está completa agora.

— Olá, feiticeira — atendo o telefone no segundo toque — Como foram as provas?

— Passei em todas — diz ela, feliz — Não pude esperar chegar em casa para contar a você.

— Sabia que conseguiria — digo a ela, enquanto respondo a minha secretária por e-mail.

Planejei uma noite especial para nós dois, hoje. Penélope fará a vez de babá com nossa filha.

Além disso, a menina ama brincar com a filho dela.

— Alicia já acordou?

— Assim que você saiu — respondo, desligando o computador em seguida.

— Onde ela está agora?

— No quarto....

— Sozinha?! — um grito ecoa em meu ouvido — Quanto tempo faz isso?

— Uns dez minutos — respondo, despreocupado.

Ouçoo um longo suspiro do outro lado. Paige sempre faz isso quando está prestes a perder a paciência.

— Tempo suficiente para sua filha destruir a casa inteira — ela choraminga.

— Não exagere, Paige — tento tranquilizá-la — Alicia é a criança mais doce que eu já vi.

— Também a mais travessa — murmura — Certo, você cuidará de toda bagunça que eu encontrar por aí. Já estou perto de casa.

— Até logo.

Por vias das dúvidas, corro até o quarto da menina. Enquanto Alicia havia puxado todas as minhas características físicas, como os cabelos claros, olhos azuis, formato do rosto, claro, com os traços delicados de Paige. Por outro lado, havia puxado o gênio da mãe. É completamente esquentada e imprevisível.

Entro no quarto na pontinha dos pés. Sorrio quando vejo-a sentada no chão, perto da cama, de costas para mim. Tranquila como um anjo.

— Ali? — chamo com cuidado para não assustá-la.

— Papa — diz ela, virando em minha direção.

— Jesus Cristo! — exclamo, chocado ao olhar para menina rabiscada de tinta de caneta, da cabeça aos pés.

O rosto parece algum tipo de mosaico, os braços e pernas estão cobertos de linhas emaranhadas.

— Ali — aproximo-me dela, ainda em choque — O que você fez?

— *Atinho do papa* — diz ela, em sua linguagem infantil, sorrindo do seu grande feito.

Atinho do papa é o tigre que tenho tatuado nas costas, a qual, ela vive pedindo que eu tire a camisa para ela ver.

— Alicia! — tomo a caneta das mãos dela. Caneta que não tenho ideia de onde ela tirou — Não pode fazer tatuagem ainda, daqui a quarenta anos, talvez.

— Não!

Não, é uma de suas palavras preferidas e sabe empregá-la muito bem.

Sigo para o guarda roupa dela e separo outro vestido.

— Vamos tomar um banho antes que sua mãe chegue e faça uma canja de nós dois.

— Não! Não! Não! — Alicia corre para debaixo da cama, saindo do outro lado — *Atinho do papa.*

Eu nunca pude com a mãe, porque eu acreditei que teria alguma chance com a filha? Os próximos minutos, foram eu correndo atrás de uma juvenzinha de fraldas, aprendiz de feiticeira.

— O que está acontecendo aqui? — Paige nos encara, com olhar zangado.

— Caça ao bebê — respondo, quando consigo encurralar a menina perto do sofá.

Ela solta um gritinho animado quando a pego no colo.

— O que é isso? — pergunta Paige, com as mãos na cintura ao deparar com a arte do bebê.

— Gatinho do papai — respondo, com uma voz meiga, na esperança que eu consiga nos tirar dessa encrenca.

— Richard!

— Ela é criativa pelo menos — dou de ombros, colocando Alicia no chão.

— Por que faz tudo o que ela quer? — diz ela, desanimada — Você! Já para o banho.

A pequena sorri e corre de volta para quarto, tentando arrancar as roupas. Paige vai em direção ao quarto para cuidar da menina. Algo que eu falhei, vergonhosamente. As duas voltam para sala meia hora depois. Alicia, dessa vez, semelhante a um anjinho em seu vestido rosa.

— Desenho — diz ela, entregando seu DVD favorito.

— Essa menina vai ficar mimada — diz Paige, contrariada.

— Sabe o que seria bom para ela? — pergunto ao aninhar o bebê em meu colo, no sofá, inalando o cheiro adocicado de shampoo de bebê — Outro bebê na casa. Eu li em uma revista que irmãos ajudam a inibir esse comportamento individualista — inclino-me em direção a ela e sussurro em seu ouvido — Então...Podemos colocá-la na cama, e começarmos a praticar um pouco.

— Outra menina? — diz ela.

— Espero que não...

— Você disse que não se importava — murmura ela, contrariada, acomodando-se ao nosso lado.

— Amo minha filha! — sorrio, com charme — Mas, honestamente, duas de você... Nem um santo aguenta.

— Então, torcemos para que venha um menino lindo — diz ela, travessa.

— *Icha ama menino lindo* — Alicia agarra-nos pelo pescoço — *Ama mamãe.*

— Retiro o que eu disse — murmuro, emocionado — Uma, duas, três de você e, quantas vierem. Por que você consegue ser ainda mais perfeita.

— Amo você, amor — ela se inclina e beija meus lábios.

— Também te amo — respondo, quando ela se separa de mim, após um pequeno protesto de Alicia — Eu amo você também bonequinha. Nunca imaginei que diria a isso a outra garota, mas é mais pura verdade.

Eu soube desde o início, quando coloquei os olhos nela, pela primeira vez, que minha vida nunca mais seria a mesma. Nada de dias chatos. Durante os últimos anos, houve muitas brigas, objetos voando sobre a minha cabeça. Sexo louco e apimentado, mas acima de tudo, houveram muitas risadas ecoando pela casa. Nada de dias tristes ou cinzentos. Não há espaço para a solidão. Apenas a felicidade, essa que durará por toda nossa vida. E vou garantir que seja assim.

O que você faria por amor?

Eu faço tudo.

Uma espiada em Protegida Por Mim
o quarto livro da série New York

PROTEGIDA POR MIM

Série New York

Livro 4

Prólogo

No dia anterior

Olho, com irritação, para a fileira de carros a minha frente. Deve ter acontecido algum acidente, concluo. Procuro uma vaga para o carro e, assim que encontro, estaciono, decidindo terminar o caminho andando. O apartamento de Sophia não fica muito longe de onde estou.

E eu só tenho uma coisa em mente. Confrontá-la!

Dizer que estou cansado de suas loucuras e crueldades é um eufemismo, estou mesmo é muito puto com isso. Minhas emoções vão além de qualquer sentimento racional. Todavia, eu proponho-me a manter o controle, pois Sophia já provou ser mais do que louca, ela possui características de uma psicopata. Tudo o que fez é suficiente para que seja trancafiada, em um sanatório, pelo resto de sua vida ou, então, enviada direto para a prisão. Por Anne, estou decidido a dar a ela, pela última vez, a oportunidade de escolher a primeira opção, sendo que pode optar até mesmo por uma clínica de luxo, desde que seja longe de minha família e que, acima de tudo, ela não nos traga mais nenhum risco. É só porque minha mulher e meus filhos estão em casa e em segurança é que serei misericordioso. É mais do que qualquer outra pessoa faria, mais do que eu faria se não houvesse, em casa, pessoas inocentes que ainda precisam de mim e as quais eu amo.

Ameaçar uma mulher grávida e usar a própria filha para fazer chantagem é intolerável, portanto, não vou titubear no sentido de ser implacável com ela. De uma vez por todas, Sophia entenderá o quão cruel eu posso tornar-me quando ameaçam aqueles que eu amo, nem que, para isso, tenha que ir até as últimas consequências. O celular, em meu bolso, vibra, tirando-me desses pensamentos desagradáveis.

— Adam! — apresso-me a atendê-lo — Onde você está?

Havia pedido a Adam que me acompanhasse nesta difícil conversa com Sophia. Tenho certeza de que ela fará um escândalo e preciso que ele forneça-me embalsamento legal e moral, acima de tudo.

— Estou próximo ao apartamento de Sophia — responde ele — Não consegui entrar em contato com os pais dela, mas, minha secretária continua tentando. Tem certeza de que quer fazer isso? O que ela fez, desta vez?

De acordo com Adam, como não sou mais o marido dela, precisamos do apoio de seus pais para enviá-la a uma clínica. Não tenho a menor dúvida de que eles irão apoiar-me quanto a isso, pois não vão querer ver a filha sendo algemada e presa.

— Sophia foi longe demais, hoje — murmuro — Prefiro falar pessoalmente a respeito disso. Está acontecendo alguma coisa, no prédio dela, pois tive que estacionar um pouco longe, por não achar vaga mais próxima.

— Eu percebi — diz ele — Vou descer do táxi e encontro-o em seguida.

Há uma grande aglomeração em frente ao edifício onde Sophia mora. Um cordão de isolamento impede que as pessoas avancem. Além da polícia e dos curiosos, há alguns fotógrafos. Encosto-me, no muro de um prédio, do outro lado da rua, enquanto analiso a situação. Penso em uma forma de entrar no prédio sem que possa chamar muita atenção.

— Uma coisa terrível, não é? — diz um homem uniformizado, que saiu do prédio onde estou — Uma morte terrível.

— Morte?

— Sim — diz ele, com pesar — A empregada encontrou a mulher morta, dentro do apartamento. Parece que foi esfaqueada.

Agora, entendo tanto alvoroço. Embora Nova York seja uma cidade gigante, onde acontece de tudo, crimes como esse, em um bairro privilegiado, é algo muito raro. Com certeza, a vítima deve ser uma pessoa conhecida. Algo nessa história incomoda-me. A velha intuição de que algo importante está para acontecer.

— Oi, Neil — Adam cumprimenta-me. Estava tão concentrado na cena a minha frente, que não o percebi aproximar-se — O que há ali?

O homem ao meu lado também havia saído, acho que voltou para seu posto, no prédio.

— Um caso de assassinato — murmuro, evasivo — Acho que teremos que esperar esse tumulto passar para entrarmos.

— Pelo que vejo, vai demorar muito. Eu vou até lá para saber o que aconteceu, tenho alguns amigos, na polícia, então, quero ver se tenho sorte.

Não respondo, apenas o observo dirigir-se ao prédio. O tempo passa e, com ele, esgota-se minha paciência. Eu não sou do tipo que fica parado, esperando as coisas acontecerem. Ficar aqui, aguardando notícias, está deixando-me irritadíssimo. Preciso enfrentar Sophia, ainda hoje. Eu conheço-a, sempre que apronta uma das suas, ela foge. Não vou permitir que faça isso, escapando ilesa. Eu irei caçá-la até o inferno, se for preciso.

Vinte minutos depois, Adam retorna. Não gosto da expressão em seu rosto. Algo me diz que as coisas estão piores do que poderia supor.

— Se houvesse um banco, aqui, diria para se sentar — diz ele, eufórico — Tenho uma notícia bombástica.

— Sophia fugiu de novo? — pergunto, com inconformismo — Filha da puta! Pedirei a Peter que a

encontre. E logo!

— Na verdade, é um pouco pior do que isso.

— Fale de uma vez, Adam! — murmuro, irritado e já sem paciência — Não vai me dizer que ela é responsável pela mulher encontrada morta. Se for o caso, eu vou deixar que apodreça na cadeia, nem mesmo o fato de ser a mãe de Anne vai mexer comigo, desta vez. Se esse for o caso, não moverei uma palha para que ela saia impune.

Para mim, não será uma surpresa se isso for verdade. Sophia é bem capaz de um ato como esse, aliás, aquela maluca é capaz de qualquer coisa. Minha única frustração é não ter me dado conta de que os problemas de Sophia vão além das drogas e bebidas, ela tem problemas gravíssimos de desvio de personalidade, para não dizer que tem surtos psicóticos.

— Na verdade... — ele faz uma pausa — Ela é a vítima.

— O que? — demoro um pouco para assimilar o que ele diz — Está falando sério, Adam?

— Sim — ele olha para mim, insistentemente, enquanto leva as mãos aos bolsos da calça, analisando-me, friamente — Onde esteve o dia todo?

Dou risada, não sei se ainda estou chocado com a informação ou com a pergunta dele.

— Sério isso? — aceno com a mão.

— É mais sério do que imagina, Neil — diz ele, encolhendo os ombros — Onde esteve o dia inteiro?

— Trabalhando, porra! — digo, exaltado — Onde você acha que eu estaria? Esteve comigo no escritório, lembra?

— Isso foi de manhã — murmura — O que fez à tarde?

— Está acusando-me de a ter matado? — murmuro, seco — Seja direto, Adam!

— Eu não disse isso — ele relaxa os ombros — Mas, são perguntas que você terá que responder, em algum momento.

— Por que? — pergunto, incrédulo — O que eu tenho a ver com isso? Há dias que eu não vejo aquela filha da puta!

— Seu relacionamento com Sophia foi tenso, do começo ao fim — diz ele — Você tem milhares de motivos para desejar vê-la morta. Temos que estar preparados para qualquer acusação.

Pensando pelo lado prático, admito que Adam tem razão. O marido ou ex-marido não são sempre os principais suspeitos? Não é o que dizem? Eu poderia matá-la, agora, se já não estivesse morta. Que porra de sina é esta que eu tenho que carregar? Nathan morreu e seu fantasma perseguiu-me por anos. Quase perdi a única mulher que amei na vida e, com Sophia, algo me diz que o mesmo tipo de perseguição será sofrida por mim da parte dela. Que merda que eu fiz, nesta vida, para carregar esta cruz, indefinidamente?

— Vamos para casa que, no caminho, respondo tudo o que você precisa saber — murmuro, seco

— Jennifer deve estar preocupada, porque, nesta altura, a notícia deve estar em todos os jornais.

Uma coisa atormenta minha cabeça. Sophia morreu depois que Jennifer saiu do apartamento dela. Isso a torna uma suspeita em potencial. Eu não posso dizer nada a Adam, até que eu converse com ela e tenha algumas perguntas respondidas. Sophia é uma verdadeira filha da puta, mesmo morta encontrou uma forma de arruinar minha vida. Na pior das hipóteses, arruinar a vida de Jennifer. Isto eu não vou permitir!

No caminho, relato a Adam tudo que fiz, depois que ele saiu do meu escritório, nesta manhã. Almocei por lá mesmo, tive uma reunião com alguns funcionários que ficariam responsáveis pelo andamento da empresa, enquanto eu estivesse em Paris. Durante a tarde, participei de uma vídeo conferência. Então, se a morte dela for confirmada como sendo hoje à tarde, como eu suspeito, não haverá nada que me ligue a Sophia e ao crime. As câmeras de segurança, na sede da empresa, podem confirmar a hora que entrei e saí, além de poder arrolar todas as testemunhas que estiveram comigo, durante o dia. No caso de Jennifer, as coisas complicam-se, drasticamente. Ele sumiu, por quase três horas, durante a tarde.

Assim que me aproximo de casa, sou imediatamente cercado pela imprensa. Estão atrás dessa história, como abelhas no mel. Esse é um dos casos que passarão anos e as pessoas continuarão a comentar. Entro, com certa dificuldade e irritação. Esses abutres sempre me dão nos nervos. Nunca tive muita paciência em lidar com eles, hoje, não é diferente.

Mal desligo o motor do carro e já deslizo para fora, praticamente correndo para dentro da casa. Tenho uma necessidade inexplicável de vê-la. Ter a certeza de que ela e meus filhos estão bem e seguros.

Atravesso a porta da sala, em disparada. Meu sangue gela ao vê-la nos braços de Geórgia.

— O que está acontecendo aqui?

Ao ouvir minha voz, Jennifer corre para os meus braços. Chorando, tateia meu corpo inteiro, acho que em busca de algum ferimento. Por quê?

— Ei, estou bem — murmuro, abraçando-a — Fique calma.

— Está tudo bem? — ela pergunta, em um sussurro. — O que aconteceu? O que fez com Sophia?

Meu corpo enrijece, seus olhos encontram os meus. Não sei como dar a notícia a ela. Olho para sua barriga enorme e pergunto-me até que ponto a notícia poderá abalá-la.

— Eu preciso de um drinque — diz Adam, surgindo atrás de mim.

Lanço um olhar de alerta para ele. Já havia avisado a ele que contaria a respeito da morte de Sophia, de uma maneira que a abalasse o mínimo possível. Em seu estado avançado de gravidez, uma tragédia como esta é bem impactante.

— Neil...

Noto o medo, em seus olhos, e a palidez, em seu rosto, preocupa-me.

— Por que não se senta? — murmuro, tentando aparentar calma.

— Não quero sentar! — diz ela, com teimosia. — Quero saber o que está acontecendo.

— Fale de uma vez — Adam caminha até ela, o copo quase vazio, em sua mão — Ela irá saber, de qualquer forma. Não tem por que protelar isso por mais tempo.

— Eu sei — admito — Você tem que ficar tranquila. Pense nos bebês, tudo bem?

Coloco a mão em seu ventre, para dar mais ênfase ao que digo. Meu coração dá um pequeno salto ao senti-los mexerem-se, lá dentro. Sei que estão inquietos por causa da agitação e nervosismo da mãe. Sinto-me impotente e desnorteado, nem haviam nascido e já passam por tantas coisas. A ideia de que estejam sofrendo, deixa-me louco. Respiro fundo e tento acalmar-me, crianças podem captar o clima ao redor deles. Não vou permitir que se abalem mais do que já estão, no momento. Conduzo-a até a cadeira mais próxima e espero que se acomode.

— Certo — encara-me, apreensiva — O que aconteceu?

Não respondo de imediato. Como vou dizer a ela? Inferno! Jenny olha de mim para Adam. Como eu pedi, ele mantém-se calado. Se alguém precisa jogar a merda no ventilador que seja eu.

— Neil! — ela resmunga, agoniada.

— Sophia está morta! — respondo, com raiva — Alguém a matou.

Fico aliviado ela ter se sentado. Parece que irá desmaiar a qualquer momento. O choque e surpresa estão estampados em seu rosto delicado. Ela fecha os olhos, por alguns segundos, e percebo que briga para se manter consciente. Isso me destrói.

— Neil é o principal suspeito — ouço o tom acusatório de Adam.

Filho da puta! Olho feio para ele. Como pode ser tão idiota e jogar essa bomba em cima dela? Não vê o quanto já está abalada? Curvo-me até ela, com preocupação, nossos rostos a apenas alguns centímetros de distância. Jenny abre os olhos, gradativamente. Porra! Quando esses olhos lindos e cristalinos parariam de me deixar impactado? Nem mesmo a preocupação que vejo neles diminuem o prazer que sinto ao fitá-los.

— O quê? — sussurra ela, tentando assimilar o que Adam disse — Isso é um absurdo — ela encara Adam, com um olhar furioso — Neil não faria isso.

— Eu não disse que ele matou-a, Jenny — diz Adam, passando a mão nos cabelos, em um gesto nervoso — Eu disse que ele será, obviamente, um dos principais suspeitos.

Ela geme e seguro suas mãos frias, pois preciso assegurar-lhe que tudo ficará bem. Que não há o que temer.

— Não se preocupe — murmuro — Tudo vai resolver-se e, logo, estaremos longe daqui.

— Eu não o aconselharia a viajar tão cedo — interrompe Adam.

— Por que, não? — Jenny balbucia — Neil não fez nada, você sabe disso. Deve ter alguma forma de provar isso.

— Farei de tudo para isso acontecer — ele afirma — Por enquanto, evitem a imprensa e qualquer tipo de declaração. Não saiam do país até as coisas ficarem esclarecidas, porque, se saírem, isto pode ser visto como uma confissão de culpa.

Jenny consente e eu procuro colocar os pensamentos em ordem. Enquanto a acusação pesar sobre minha cabeça, eu estou tranquilo, afinal, cedo ou tarde constatariam minha inocência, mas, e quando as acusações direcionassem-se a ela? Se não encontrarem o verdadeiro culpado e essa ameaça pairar sobre sua cabeça? A imagem dela, em uma cela imunda, sozinha e desprotegida, faz meu coração disparar. Eu não posso e não vou permitir isso. Eu sei e tenho certeza de que ela é inocente. Até aceitaria que pudesse cometer o ato, em defesa própria ou dos nossos filhos, em seu ventre, mas, as condições em que o corpo de Sophia foi encontrado prova que o ato foi demais para uma pessoa delicada e pura como Jenny conseguir praticar.

— Como Sophia morreu? — pergunta ela.

Volto a encarar Adam para que ele se cale.

— Eu vou saber, de uma forma ou de outra — murmura ela, com firmeza na voz — Essa mania de vocês é irritante. Eu não sou uma taça de cristal. Acho melhor que eu saiba por vocês.

— Eu não sei muito bem — começo, receoso. Vou revelar apenas o que for preciso. No caminho, Adam havia mostrado para mim uma foto que consegui com sua amiga policial. A cena é realmente chocante, tendo Sophia, em uma poça de sangue, com os olhos arregalados e sem vida — Quando cheguei ao prédio o circo já estava armado. Parece que a empregada encontrou o corpo. Um policial disse que Sophia foi esfaqueada, algumas vezes.

Noto-a ficar ainda mais pálida do que anteriormente, se é que isso é possível. Minhas últimas palavras abalaram-na, terrivelmente.

— Você está errado, Adam! Virão atrás de mim — Jenny levanta-se, mais rápido do que eu posso prever, e desmaia aos meus pés.

Caio ao seu lado, meu coração pulsa, acelerado. Porra! Porra! Porra! Eu sabia que isso iria acontecer. São informações demais para que ela possa assimilar. Que merda de marido eu sou? Deveria ter trazido uma equipe médica para que a amparasse quando desse a notícia a ela. Se algo acontecer a eles, jamais vou poder perdoar-me.

— Adam! — urro para ele, que está estático ao nosso lado — Faça alguma coisa! Chame a ambulância!

Prendo-a, em meus braços, e acaricio seu rosto, com suavidade. A merda é que meus olhos

enchem-se de água, mas, eu contenho-as. Não posso entrar em pânico, agora. Carrego-a até o sofá, deposito-a ali, com cuidado.

— Jennifer! — acaricio os cabelos dela, com desespero — Amor. Não faz isso comigo, porra. Ela abre olhos e encara-me. Seus olhos estão marejados.

— Fique calma, isso não vai acontecer — tento acalmá-la — Ninguém sabe sobre isso e é assim que deve continuar sendo.

— Que porra está acontecendo aqui? — diz Adam, parecendo, finalmente, ter saído do seu estado de estupor, encarando-nos, com um olhar furioso — O que eu não estou sabendo? Neil?

— Nada de importante, Adam — murmuro.

— Eu estive no apartamento de Sophia esta tarde e... — responde ela, deixando-me fodido com isso.

— Jennifer! — interrompo-a, um sentimento de frustração dominando-me.

— Eu preciso falar — ela respira fundo e encolhe-se, levando a mão ao ventre — É importante, Neil.

— Tudo bem — murmuro, vencido. Não quero agitá-la mais — Apenas Adam saberá sobre isso, ninguém mais.

— O que foi fazer lá, Jennifer? — Adam encara-a, insatisfeito.

Ela faz careta, tenta acomodar-se no sofá e acaricia o ventre. Isso não é bom, conheço-a. Está sentindo alguma coisa e quer esconder de mim.

— Geórgia! — grito, em direção a cozinha, meus olhos estão arregalados de preocupação. Assim que a senhora entra, eu ordeno — Ligue para a Dra. Moore e diga que venha imediatamente.

— Sim, senhor — responde Geórgia, antes de sair correndo.

Jenny inspira e expira, algumas vezes, como havia aprendido nas aulas de pré-natal. Inferno, meus filhos não podem nascer agora. Não em meio a tanta bagunça em volta deles. Além disso, falta mais de um mês para isso.

— Não precisava chamar a médica — diz ela, encarando-me, com um olhar de reprovação.

— Não? — praticamente grito. — Está quase dando à luz neste sofá e ainda falta mais de um mês. O que eu tenho que fazer é levá-la para o hospital, imediatamente.

— Já está passando — ela respira fundo.

O desespero toma conta de mim. Como sempre, Jennifer é teimosa. Em todas as outras vezes, eu até chego a achar graça e um pouco divertido vê-la tentando enfrentar-me o tempo todo, mas, agora se trata de sua saúde e de meus filhos. Que merda eu preciso fazer para que ela entenda isso?

— Eu prefiro ouvir isso da médica — insisto.

Para o meu alívio, ela concorda, balançando a cabeça. Dou graças a Deus, pois essa seria uma briga feia. De forma alguma, abriria mão de que a médica examinasse-a. Isso é indiscutível.

— Jenny, se você está bem, poderia continuar a me dizer o que aconteceu? — pergunta Adam, colocando-se de frente para ela.

Olho feio para Adam. A falta de sensibilidade dele é irritante. Ele ligou a porra do advogado automático e parece não querer sair.

Caminho até a porta e fecho-a, por precaução. Por mais que confie nas pessoas que trabalham na casa, diante de um juiz, as coisas mudam de figura. E quanto menos eles souberem, será melhor. Volto para perto dela e começo a massagear sua coluna e em volta da cintura. Disseram-me, nas aulas em que a acompanhei, que ajuda a relaxar e anestesia a sensação de dor. Ela sorri para mim, em agradecimento, e eu continuo, concentrado na tarefa.

— Sophia ligou-me, dizendo que estava com a Anne. No começo, eu não acreditei, pois Anne estava na escola, então... — a voz dela falha, engole em seco, como se tivesse um nó na garganta — Eu ouvi a voz de Anne, ao telefone. Sophia disse que iria machucá-la — ela respira — Você sabe que ela seria capaz de tudo, Neil.

Jenny vira-se, em direção a mim, com olhar angustiado.

— Eu tive tanto medo — sussurra.

Acolho-a, em meu peito, enquanto ela despedaça-se, em meus braços. Porra, a dor dela dilacera-me. As imagens dela, mais cedo, machucada e com medo, invadem-me. E a ira volta a tomar conta de mim. Ainda é visível, em seu corpo, a briga que teve com Sophia. Sorte de essa cadela estar morta ou eu mesmo faria isso, tamanho o ódio que sinto, neste momento. Eu poderia matá-la, sem dó, quase fiz isso, algumas vezes, e arrependo-me, amargamente, de não o ter feito.

— Pode chorar, querida — sussurro, entre seus cabelos — Chore se isso lhe faz bem.

Ela aperta-se contra mim. Desejo protegê-la de todas as coisas, de todo esse lixo que eu despejei na vida dela. Maldito dia em que eu fui fraco demais para me manter longe. Se eu não tivesse sido um filho da puta egoísta, Jennifer estaria segura e feliz.

— Eu lembrei-me do que Peter disse sobre o meu celular, naquele dia, na delegacia — ela continua, com a voz fraca — Eu tinha certeza de que você iria atrás de nós e que...

— Deveria ter avisado-nos, Jenny — Adam responde por mim.

— Eu sei... — ela senta-se de frente a mim e segura meu rosto — Eu tinha certeza de que me encontraria. Mas, não podia arriscar-me em dar chance para que Sophia machucasse a Anne. Perdoe-me...

Ela solta um sorriso angustiado. Perdoá-la? Porra! Eu deveria estar de joelhos aos pés dela. É por minha causa que isso está acontecendo. Lágrimas voltam a nublar meus olhos. Meu desejo é fugir dali, levá-los para o mais longe possível. Para onde meu passado não possa atormentar-nos. Seguro o rosto dela, da mesma forma que havia feito com o meu. Tento passar, através dos meus olhos, o

quanto a amo e o quanto eu sinto por tudo isso.

— Eu sei — murmuro — Talvez eu fizesse a mesma coisa. Não posso condená-la.

Quem poderia? Quando amamos, tornamo-nos irracionais, matamos ou morremos em nome desse amor. Eu mataria ou morreria por ela, por Anne e os bebês em seu ventre, simples assim.

— O que mais aconteceu lá? — pergunta Adam.

— Eu cheguei e Anne não estava. Sophia queria apenas me atrair até sua casa. Nós discutimos e ela atacou-me com uma faca...

— Porra! — grito, agarrando-a pelos braços, ignorando a força com que os aperto. As coisas só pioram, a cada momento — Por que não me disse isso antes?

— Eu ia contar — diz ela, contorcendo-se. Vejo que a seguro com muita força e afrouxo os dedos, em sua pele — Quando chegássemos a Paris, eu faria isso

— Continue, Jenny — Adam olha para mim, com impaciência, e incentiva-a a continuar.

— Nós duas brigamos, eu... eu... — sussurra, baixinho — Acho que a machuquei, eu não me recordo muito bem, foi tudo tão rápido. Eu peguei a faca para afastá-la de mim, depois, eu saí correndo. Só queria sair dali o quanto antes.

O silêncio perturbador toma conta do ambiente.

— Você trouxe a faca? — Adam caminha até nós dois — Você trouxe a maldita faca?

— Não! — Jenny esconde o rosto, contra meu peito — Joguei no chão do apartamento e saí correndo.

Adam esfrega o rosto, algumas vezes, e anda, de um lugar a outro, na sala. Ele resmunga algumas palavras incompreensíveis.

— Isso não é bom — diz ele — Se você foi à única pessoa a vê-la com vida...

— Eu não a matei, Adam! — diz ela, desesperada — Como pode pensar isso!

Outra contração, desta vez mais forte, a faz encolher-se. Revolto-me, por dentro. Se as digitais dela estiverem na faca, a polícia somará dois mais dois e ela estará perdida. Todas as evidências apontam para Jennifer. Provar que é inocente será uma tarefa árdua, senão impossível.

— Só estou pensando com racionalidade — diz Adam — É o meu trabalho.

Levanto-me e encaro-os, com olhar determinado, as mãos na cintura, enquanto caminho pela sala. Tento raciocinar, com clareza. O que está sendo muito difícil.

— Só nós três sabemos disso, ninguém mais precisa saber que Jenny esteve lá hoje, pelo menos, por enquanto.

— Não seja ridículo, Neil — Adam encara-me, abismado — O porteiro deve tê-la visto entrar e sair... ou alguém do prédio. Uma mulher grávida não passa, assim, despercebida!

— Então dê um jeito nisso! — grito, furioso — Pague o que ele quiser!

— Nem todas as pessoas são corruptíveis — alerta Adam — Acho melhor pensarmos em uma

linha de defesa segura...

— Foda-se, Adam! — vou em direção a ele.

Jennifer agarra-me. Acho que teme que eu desfira minha fúria contra ele. Na verdade, eu preciso mesmo disso, preciso descarregar toda essa raiva em alguém e Adam já me irritou o suficiente por hoje.

— Adam tem razão — Jennifer puxa-me, para perto dela, tentando ganhar minha atenção — Mesmo que esse homem fique calado, não irá adiantar.

Esquadrilho seu rosto, com um olhar intenso e inquisidor.

— O que você quer dizer? Contou a alguém?

— Minhas digitais estão na faca, minha bolsa e o celular ficaram no apartamento de Sophia — murmura — Cedo ou tarde, saberão que estive ali.

— Inferno! — gemo, angustiado.

Uma batida na porta interrompe-nos. Caminho até ela, abrindo apenas uma pequena fresta.

— Sim, Geórgia.

— Sr. Durant, a Dra. Moore já está aqui.

— Peça que ela entre, em dois minutos.

— Sim, senhor.

Encosto-me, contra porta. Seguro um xingamento, na ponta da língua. Onde está o homem frio e pragmático quando preciso dele?

— Conversamos depois — murmuro para ela.

As informações que despejou sobre mim martelam, em minha cabeça. Primeiro preciso absorver isso para arquitetar os próximos passos.

— Pense em alguma coisa. E rápido, Adam — ordeno.

Outra batida e afasto-me para abrir a porta. A médica entra e encara-nos, com simpatia.

— Meu Deus! Está uma loucura lá fora. Nunca vi tantos repórteres na minha vida.

Troco um olhar com Adam e indico um canto da sala, a médica continua a tagarelar sem parar.

— Como está, querida? — caminha em direção a Jennifer, alheia ao ar carregado da sala — Não ligue para o que dizem sobre o seu marido, na televisão. As pessoas adoram fazer um espetáculo sobre a vida dos outros.

— O que dizem sobre mim? — seguro-a, pelo braço, com firmeza.

— Bobagens, senhor Durant — ela esquiva-se de responder — Não levem isso em conta. Deixe-me examinar minha paciente.

Afasto-me para onde Adam está, novamente com um copo de uísque na mão. Eu gostaria de anestesiá-lo meu corpo com uma dose, mas, no momento, preciso ter a mente focada.

— Não temos saída, não é? — pergunto, em voz baixa — Vão acusá-la.

— Temos que esperar — ele dá um longo gole na bebida — Talvez o verdadeiro assassino apareça.

Dou um sorriso de escárnio... francamente, nem ele acredita nisso.

— Vou levá-la para longe daqui — digo, determinado — Isto tudo é culpa minha.

— Não me venha com essa idiotice, Neil — ele encara-me, com desgosto — A não ser que você a tenha matado, nada disso é culpa sua. Sophia é uma mulher detestável. Além disso, há aquele chantageador, já descobriu quem ele é?

— Procuramos por todo esse tempo e continuamos sem nenhuma pista, Adam — murmuro, insatisfeito — Não vou arriscar a segurança de Jenny e dos meus filhos.

— Não pode, simplesmente, fugir...

— E por que, não? — pergunto, irritado.

Ele começa a pontuar:

— Não conseguirá passar despercebido com uma mulher grávida e, a esta altura, a polícia já deve estar ligando os pontos. E a Anne? O que fará com uma criança pequena e uma grávida. Fora as empresas que entrarão em colapso.

— Fodam-se as empresas — ranjo os dentes — Elas não vão tirá-la da cadeia, vão? Dê um jeito para sairmos do país, ainda esta noite, por favor.

— Porra, cara! — diz ele, exasperado — Isso é suicídio. Pense bem, Neil.

Olho, em direção a Jennifer. Ela conversa com a médica, mas, os olhos estão focados em nós. Ela é linda, mesmo pálida e abalada, pelos últimos acontecimentos, continua linda. Encaro seus olhos angustiados e esperançosos voltados em direção a mim.

— Faça o que pedi — murmuro, sem desviar os olhos dela — Ligue para Peter, no hospital, ele saberá o que fazer.

— Sabe que sua vida estará acabada, não é? — Adam insiste.

— Quando estiver perto de perder a pessoa mais importante de sua vida, volte a me fazer essa pergunta — murmuro — Até lá, faça o que eu pedi.

Volto a olhar em direção a Jenny. A médica diz algo a ela. Seu rosto angelical fica coberto pela raiva e ela soca uma almofada. Ao encontrar meu olhar interrogativo, ela solta um sorriso fraco. Sorrio de volta. Ela quer ser corajosa, eu preciso que seja.

— Está tudo bem? — aproximo-me de onde estão e pergunto à médica, assim que a vejo começar a guardar suas coisas.

— Está, sim — ela responde, com um sorriso sincero — Com um pouco de descanso e evitando-se maiores aborrecimentos, tudo ficará bem.

— Há algum problema se ela for viajar?

Preciso tirá-la dali, mas, não vou arriscar sua segurança.

— Bem eu... — balbucia a médica, incerta.

— Não agora, claro — dou um inocente sorriso para ela. Sento-me ao lado de Jennifer e aliso o braço dela — Mas, você sabe, viajaríamos, em algumas semanas, então...

— Ah, sim, eu lembro-me — ela sorri de volta — Acho que não há problema. Faça com que ela se cuide e, quando isso tudo passar, podem viajar, com certeza.

— Obrigada, doutora — acompanho-a até a porta e ouço as últimas instruções.

— O que está acontecendo? — Jennifer pergunta, assim que eu retorno.

— Seu passaporte não estava na bolsa, certo? — pergunto, apreensivo.

— Não, mas...

— Ainda bem. De qualquer forma, acho que ele não terá utilidade — murmuro — Creio que ainda temos algumas horas, então, pegarei tudo o que for preciso.

— Neil, não faça isso! — Adam interpõe-se em meu caminho — Só irá piorar as coisas.

— Já discutimos sobre isso, Adam! Porra! — interrompo-o e aponto em direção a Jennifer — Olhe para ela! Acha que vai suportar tudo isso? Acha que eu vou suportar vê-la mofando em uma prisão? Eu já estive lá e eu garanto a você, Jennifer não vai sobreviver a isso. Não posso e não vou ver meus filhos nascerem em uma cela suja. Vamos embora e está decidido!

As duas vezes em que estive na delegacia, uma com Nathan após o suicídio de uma de suas vítimas, e a outra por ter dado uma lição no desgraçado do Konrad, garantem-me que Jenny não sobreviveria uma semana, quanto mais a meses e meses de julgamento, que poderiam levá-la a anos de prisão. Não vou permitir isso. Se tivermos que fugir pelo mundo, sem direção, eu o farei, contanto que estejam seguros comigo. Primeiro, fugirei com ela, depois, arranjaré uma forma de levar Anne. Encontrarei um lugar, no mundo, onde possamos esconder-nos. Afinal, tantos criminosos, políticos e terroristas conseguem fazer isso, por que não nós?

Se eu não conseguir isso, ninguém mais o fará.

O grito horrorizado que ela emite, diante da cena que descrevi, traz-me a certeza de que tomei a decisão certa.

— Nada vai nos separar, tive a certeza disso no primeiro momento em que a vi — murmuro, emocionado — Eu prometo.

— Eu farei o que quiser — murmura ela, abraçando-me — Irei aonde quiser, mas, não deixe que tirem meus filhos de mim.

— Ninguém fará isso — sussurro, abraçando-a forte — Eu não permitirei. Está pronta?

Refiro-me a partir, a recomeçar, a esquecer do passado e de todas as coisas tristes que ele

representa.

—Sim!